



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

CLESE MARY PRUDENTE CORREIA

**A CAMINHO DAS “TERRAS DOS GERAES”, DA *JAHIVA À VAREDA*
DO TRASSADAL: EDIÇÃO E ESTUDO ONOMÁSTICO DO
*LIVRO DE TOMBO DA CASA DA PONTE***

Salvador
2023

CLESE MARY PRUDENTE CORREIA

**A CAMINHO DAS “TERRAS DOS GERAES”, DA *JAHIVA À VAREDA*
DO TRASSADAL: EDIÇÃO E ESTUDO ONOMÁSTICO DO
*LIVRO DE TOMBO DA CASA DA PONTE***

Tese apresentada para titulação de Doutorado na área de *História e Funcionamento das Língua Naturais*, na linha de pesquisa *Linguística Histórica, Filologia e História da Cultura Escrita*, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Marques Telles

Salvador
2023

“Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.”
Adélia Prado, *Ensinamentos*
(PRADO, 2010 [1976], p. 118)

A minha mãe, pelos ensinamentos e sentimentos.

AGRADECIMENTO

“Meu caminho não sou eu, é o outro, são os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro, estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.”

Clarice Lispector, *Em busca do outro* (LISPECTOR, 1999, p. 119)

Um trabalho de pesquisa tem muito a ver com uma viagem. Como um viajante, o pesquisador visita lugares desconhecidos, conhece pessoas, busca informações, traça percursos e itinerários, decide sobre o que vai precisar levar na bagagem e o que deve trazer de volta. Ao fim da jornada, ansioso por contar a todos as descobertas e experiências vivenciadas, ainda aproveita para traçar novos rumos. Reconhecendo que essa não é uma viagem que se faz sozinho, no isolamento de bibliotecas e arquivos, busca, em todo o percurso, o apoio e a orientação de muitas pessoas que são merecidamente lembradas na volta, com carinho e agradecimento sincero. Em meu porto de chegada, agradeço às forças superiores do universo que me fizeram resistir, mesmo enfrentando os tempos sombrios da travessia, e que, colocando pessoas especiais no meu caminho, me permitiram simplesmente chegar.

Meus mais sinceros agradecimentos:

À Profa. Célia Marques Telles, orientadora e amiga, por traçar e retrazar, com sabedoria e eficiência, o rumo da viagem e, com paciência e boa vontade, servir de bússola durante todo o meu caminhar.

À Profa. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela generosidade e confiança ao dispor o material de base da pesquisa, pela colaboração fundamental no trabalho de medição do documento e pela sensibilidade e eficiência nos direcionamentos e esclarecimentos.

À Profa. Silvana Soares Costa Ribeiro, pela cortesia e atenção, pelos materiais disponibilizados e pelo olhar criterioso e sensível durante o exame de qualificação.

Às Profas. Alicia Duhá Lose, Fabiana Prudente Correia e Risonete Batista de Souza, pelos gestos de carinho e sincera afeição e pelas presenças particularmente significativas em minha vida pessoal e acadêmica.

Ao Prof. Danniell da Silva Carvalho e às Profas. Eliana Correia Brandão Gonçalves e Norma Suely da Silva Pereira, pelas maravilhosas aulas e por todos os conhecimentos partilhados.

Aos funcionários, professores, colegas e coordenadores do PPGLinC, pelo convívio saudável e generoso acolhimento.

À colega e amiga Cristina Cunha, por todas as descobertas e experiências compartilhadas, pelo apoio constante e por tornar esta caminhada mais suave e divertida.

A Iago Gusmão, Marta Gomes e demais colegas de curso e do grupo de pesquisa NEL, pelas trocas de material de estudo e pelos momentos de descontração e incentivo.

A Celina Márcia de Souza Abbade, amiga especial, pelo incentivo e apoio, pela cumplicidade e por acreditar sempre que a viagem seria possível.

A Maria Lina Garrido, amiga e mestra, pela ajuda sincera e generosa em momentos decisivos, e a todos aqueles com quem tive a dádiva de partilhar experiências e oportunidades de aprendizagem e crescimento.

Ao meu porto seguro, minha família, onde pude encontrar, além de companhia para a jornada e suporte em momentos de carência e necessidade, o encorajamento necessário para experienciar a instável aventura da vida.

Em um tempo de tantas partidas, chega a ser divino poder chegar!

“O diabo desta vida é que entre cem caminhos temos que escolher apenas um, e viver com a nostalgia dos outros noventa e nove.”

Fernando Sabino, *O Encontro marcado*
(SABINO, 2006 [1956], p. 73)

RESUMO

Busca-se, neste trabalho, que relaciona áreas diferentes de estudo, analisar o processo de nomeação do espaço identificado como Sertão do Rio Pardo, região que envolve os Estados da Bahia e de Minas Gerais, descrito no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, um manuscrito oitocentista utilizado como objeto de estudo e fonte de dados. Seguindo os pressupostos teóricos da Filologia Textual, expõem-se a edição facsimilar e a edição semidiplomática do manuscrito, a qual procurou conservar as características da língua em que o texto foi lavrado, ao tempo em que buscou tornar a leitura mais acessível a partir do desdobramento das abreviaturas presentes. Para situar o documento na história, procedeu-se à construção da história social do texto, a partir da identificação do contexto e dos sujeitos envolvidos na sua produção e circulação, desde a instituição do morgado Guedes de Brito, que marcou o começo do imenso patrimônio herdado pela nobiliarquia da Casa da Ponte no Brasil, até o fim do sistema de vínculo, com o tombamento e a venda dos sítios relacionados no documento. Com o suporte do glossário elaborado, contendo o resgate dos usos e das acepções remotas de 121 unidades lexicais simples, compostas e complexas em seu contexto sócio-histórico e discursivo, o estudo onomástico dos signos toponímicos relaciona e classifica os topônimos que constituem o *corpus* da pesquisa e interpreta as respostas linguísticas motivadas pelos estímulos recebidos por seus nominadores, identificando, além da motivação semântica, a estrutura morfológica e a etimologia dos signos analisados. Com base na teoria taxionômica de Dick (1990) para a realidade toponímica brasileira, verifica-se a predominância de taxes que refletem a natureza física no processo de nomeação do espaço analisado, especialmente geomorfotopônimos, fitotopônimos e hidrotopônimos. Os resultados evidenciam a escolha não aleatória dos nominadores no processo de nomeação e confirmam os signos toponímicos como elementos capazes de revelar a relação significativa do homem com o contexto ambiental em que se insere.

PALAVRAS-CHAVE

Livro de Tombo da Casa da Ponte. Edição facsimilar e edição semidiplomática. Estudo onomástico. Taxionomia toponímica.

ABSTRACT

The aim of this work, which relates different areas of study, is to analyze the naming process of the space identified as *Sertão do Rio Pardo*, a region that involves the states of Bahia and Minas Gerais, described in the *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, a 19th century manuscript used as an object of research and data source. The facsimile edition and semi-diplomatic edition of the manuscript followed the theoretical assumptions of Textual Philology and the conservative transcription has sought to preserve the characteristics of the language in which the text was written, while unfolded the abbreviations present to make reading more accessible. In order to place the document in history, the study analyzed the context and the subjects involved in its production and circulation. With this purpose, it outlined the historical course of the document, since the institution of the Morgado Guedes de Brito, which marked the beginning of the immense patrimony inherited by the nobility of Casa da Ponte in Brazil, until the end of the entailment system, with the registration and sale of related places. The elaborate glossary, which contains 121 simple, compound and complex lexical units that has required the rescue of their remote uses and meanings, made them possible to be understood in their socio-historical and discursive context. This lexical survey has given support to the onomastic study, which related and classified the toponymic signs that constitute the corpus of the research. It has also interpreted the linguistic responses motivated by the stimuli received by their nominators, and identified the morphological structure and etymology of the analyzed signs in addition to the semantic motivation. Based on Dick's taxonomic theory (1990) for the Brazilian toponymic reality, it is confirmed the predominance of taxes that reflect the physical nature in the naming process of the analyzed space, especially geomorphotoponyms, phytotoponyms and hydrotoponyms. The results show the non-random choice of nominators in the naming process and confirm the toponyms as elements capable of revealing the significant relationship between man and the environmental context in which he is inserted.

KEY-WORDS

Livro de Tombo da Casa da Ponte. Facsimilar editing and semidiplomatic editing. Onomastic study. Toponymic taxonomy.

LISTA DE ABREVIATURAS

adj.	adjetivo
ADJ _{pl}	Adjetivo plural
ADJ _{sing}	Adjetivo singular
ADV	Advérbio
adv.	advérbio
alt.	alteração
ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
APEB	Arquivo Público da Bahia
A _{pl}	Artigo plural
aprox.	aproximadamente
Ár.	Árabe
Aram.	Aramaico
A _{sing}	Artigo singular
aum.	aumentativo
ATEMIG	Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul
Cel.	Coronel
cf.	Confira
contr.	controverso
DET _{poss}	Determinante possessivo
dim.	diminutivo
etim.	etimologia
f.	Folha
Fig.	Figura
Fr.	Francês
Frânc.	Frâncico
FUNCEB	Fundação Cultural do Estado da Bahia
Hebr.	Hebraico
IGHBA	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IHGGMG	Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
L.	Linha

Lat.	Latim
masc.	masculino
ms.	manuscrito
n/d	não determinado
n/e	não encontrado
n/i	não informado
n/id	não identificado
N _f	Nome feminino
N _m	Nome masculino
NC _f	Nome Composto feminino
NC _m	Nome Composto masculino
p.	Página
Pág.	Página
Part. pass.	Particípio passado
Pe.	Padre
pl.	Plural
Port.	Português
prep.	preposição
prov.	provavelmente
Qtde.	Quantidade
r	Reto
SAdv	Sintagma Adverbial
s. 2g.	substantivo de 2 gêneros
s. f.	substantivo feminino
s. m.	substantivo masculino
SN	Sintagma Nominal
S _{sing}	Substantivo singular
S _{pl}	Substantivo plural
SP	Sintagma Preposicional
suf.	Sufixo
tar.	Tardio
Tup.	Tupi
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

v	Verso
v.	volume
var.	variante
v. int.	verbo intransitivo
vulg.	Vulgar

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Primeiro contato com o objeto de estudo	20
FIGURA 2 –	Fac-símile da f. 44v (T1819)	32
FIGURA 3 –	Transcrição da <i>Revista do IHGBA</i> (T1929)	33
FIGURA 4 –	Transcrição do livro <i>Raízes de Minas</i> (T1979)	33
FIGURA 5 –	Fac-símile da f. 15v (T1819)	35
FIGURA 6 –	Fac-símile da página 199 (T2017)	36
FIGURA 7 –	Aplicação de <i>Zoom</i> na f. 28v	39
FIGURA 8 –	Uso de duas telas na transcrição da f. 1r	39
FIGURA 9 –	Mancha na parte inferior da f. 12r	40
FIGURA 10 –	Efeito do recurso de edição de imagem na f. 12r	40
FIGURA 11 –	Uso de recurso de edição de imagem na f. 36v	41
FIGURA 12 –	Uso de recurso de edição de imagem na f. 11r	41
FIGURA 13 –	Relação triádica no sentido dos nomes	56
FIGURA 14 –	Referência na Onomástica	56
FIGURA 15 –	Estrutura do signo linguístico	57
FIGURA 16 –	Caixa 014 – Conjunto 086	184
FIGURA 17 –	Ação de insetos e do tempo na f. 1r	184
FIGURA 18 –	Manchas na f. 36r	185
FIGURA 19 –	Emendas na f. 32r	185
FIGURA 20 –	Capa fixa de papelão	186
FIGURA 21 –	Capa móvel de couro	186
FIGURA 22 –	Margens laterais e anotações marginais nas f. 38v-39r	186
FIGURA 23 –	Ação da tinta e restauro com colagem na f. 1r	187
FIGURA 24 –	Detalhe da f. 1v	187
FIGURA 25 –	Reprodução das f. 2v, 3r e 3v	188
FIGURA 26 –	Ocorrências de ligaduras entre palavras na f. 1r	190
FIGURA 27 –	Ocorrências de vírgulas e pontos na f. 8r, L.24-28	191
FIGURA 28 –	Ilustrações dos acentos circunflexo e agudo, do til, da cedilha e do apóstrofo	192
FIGURA 29 –	Ilustrações do uso de reclamos nas f. 7r, 7v e 8r	193
FIGURA 30 –	Uso de números e caracteres maiúsculos na f. 5v	206
FIGURA 31 –	Presença de algarismos arábicos	206

FIGURA 32 –	Uso de caracteres maiúsculos e em corpo maior na f. 18v	207
FIGURA 33 –	Variação gráfica na mesma lexia	207
FIGURA 34 –	Variação gráfica em nomes próprios	208
FIGURA 35 –	Fac-símile da folha inicial da representação de Isabel Maria Guedes de Brito	227
FIGURA 36 –	Terras de Antônio Guedes de Brito no final do século XVII	229
FIGURA 37 –	Pedra tumular de Antônio Guedes de Brito e de sua filha na Catedral Basílica de Salvador	230
FIGURA 38 –	Portada do majestoso solar de Isabel Maria Guedes de Brito	231
FIGURA 39 –	Brasão da Casa da Ponte	234
FIGURA 40 –	Palácio dos Condes da Ponte	235
FIGURA 41 –	Retrato de João de Saldanha da Gama de Melo e Torres Guedes de Brito (1773-1809)	236
FIGURA 42 –	Localização dos municípios da Serra Geral no Estado da Bahia	262
FIGURA 43 –	Localização do Alto do Rio Pardo na mesorregião Norte de Minas	262
FIGURA 44 –	Carta 11 do atlas <i>Guia de Caminhantes: Capitânicas da Bahia, Minas Geraes e Piauí</i>	263
FIGURA 45 –	Legenda da Carta 11 do atlas <i>Guia de Caminhantes</i>	264
FIGURA 46 –	Recorte da Carta 11 do atlas <i>Guia de Caminhantes</i> : limites estabelecidos no documento para a região administrativa do Sertão do Rio Pardo e extremidades das regiões de Caetité e Urubu	265
FIGURA 47 –	<i>Guia de Caminhantes: Advertências</i>	266
FIGURA 48 –	<i>Guia de Caminhantes</i> : explicação dos sinais utilizados nos mapas	267
FIGURA 49 –	Recorte da Carta 11 do atlas <i>Guia de Caminhantes</i> : limites do sítio <i>Barrinha</i>	268
FIGURA 50 –	Recorte do <i>Mapa da capitania de Minas Geraes: com a deviza de suas comarcas</i>	269
FIGURA 51 –	Parte do sudoeste da Bahia	271
FIGURA 52 –	Parte do norte de Minas Gerais	271
FIGURA 53 –	Trecho da nota introdutória do <i>Livro de Tombo da Casa da Ponte</i>	281
FIGURA 54 –	Configuração territorial de Minas Gerais - Fase 1	282
FIGURA 55 –	Configuração territorial de Minas Gerais - Fase 2	282
FIGURA 56 –	Possível localização atual dos sítios nos municípios dos Estados da Bahia e de Minas Gerais	283
FIGURA 57 –	Localização da Serra da Jaíba	292
FIGURA 58 –	Duplicidade no nome do sítio <i>Pedras</i> na f. 11r	396

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 –	Descrição paleográfica do <i>Livro de Tombo da Casa da Ponte</i>	43
QUADRO 2 –	Comparação entre dicionário e glossário	52
QUADRO 3 –	Conteúdo e número de linhas de cada folha	189
QUADRO 4 –	Abreviaturas alfanuméricas: imagem e localização	195
QUADRO 5 –	Abreviaturas por contração: imagem e localização	196
QUADRO 6 –	Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 1)	197
QUADRO 7 –	Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 2)	198
QUADRO 8 –	Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 3)	199
QUADRO 9 –	Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 4)	200
QUADRO 10 –	Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 5)	201
QUADRO 11 –	Abreviaturas por suspensão: imagem e localização	202
QUADRO 12 –	Abreviaturas das anotações marginais: localização e classificação (Parte 1)	203
QUADRO 13 –	Abreviaturas das anotações marginais: localização e classificação (Parte 2)	204
QUADRO 14 –	Correspondências da forma abreviada <S.>	205
QUADRO 15 –	Diferentes formas abreviadas para um mesmo significado	205
QUADRO 16 –	Grafemas geminados	208
QUADRO 17 –	Grafemas maiúsculos das <i>Scriptae</i> 1, 2 e 3 (Parte 1)	210
QUADRO 18 –	Grafemas maiúsculos das <i>Scriptae</i> 1, 2 e 3 (Parte 2)	211
QUADRO 19 –	Grafemas minúsculos, em posição inicial, medial e final das <i>Scriptae</i> 1, 2 e 3 (Parte 1)	212
QUADRO 20 –	Grafemas minúsculos, em posição inicial, medial e final das <i>Scriptae</i> 1, 2 e 3 (Parte 2)	213
QUADRO 21 –	Grafemas minúsculos, em posição inicial, medial e final das <i>Scriptae</i> 1, 2 e 3 (Parte 3)	214
QUADRO 22 –	Grafemas minúsculos, em posição inicial, medial e final das <i>Scriptae</i> 1, 2 e 3 (Parte 4)	215
QUADRO 23 –	Variação livre no traçado dos grafemas	216

QUADRO 24 –	Variação no traçado do grafema <s> nas <i>scriptae</i> 1 e 3	217
QUADRO 25 –	Comparação da estrutura dos grafemas nas <i>scriptae</i> 1, 2 e 3	218
QUADRO 26 –	Variação na grafia das <i>lexias</i>	219
QUADRO 27 –	Linha de sucessão da titularidade do morgado Guedes de Brito	233
QUADRO 28 –	Antropônimos do <i>Livro de Tombo da Casa da Ponte</i> (Parte 1)	273
QUADRO 29 –	Antropônimos do <i>Livro de Tombo da Casa da Ponte</i> (Parte 2)	274
QUADRO 30 –	Topônimos do <i>Livro de Tombo da Casa da Ponte</i> (Parte 1)	274
QUADRO 31 –	Topônimos do <i>Livro de Tombo da Casa da Ponte</i> (Parte 2)	275
QUADRO 32 –	Topônimos do <i>Livro de Tombo da Casa da Ponte</i> (Parte 3)	276
QUADRO 33 –	Composição do <i>corpus</i> (Parte 1)	277
QUADRO 34 –	Composição do <i>corpus</i> (Parte 2)	278
QUADRO 35 –	Composição do <i>corpus</i> (Parte 3)	279
QUADRO 36 –	Topônimos repetidos	395
QUADRO 37 –	Origem linguística dos topônimos	399
QUADRO 38 –	Estrutura morfológica dos topônimos	400
QUADRO 39 –	Formas derivadas por sufixação	401
QUADRO 40 –	Estrutura morfossintática dos topônimos	404
QUADRO 41 –	Classificação taxionômica dos topônimos	408

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 –	Quantidade de signos onomásticos identificados	272
GRÁFICO 2 –	Origem linguística dos topônimos	398
GRÁFICO 3 –	Estrutura morfológica dos topônimos	402
GRÁFICO 4 –	Estrutura morfossintática dos topônimos	405
GRÁFICO 5 –	Identificação percentual dos topônimos em relação à natureza	406
GRÁFICO 6 –	Taxionomias de natureza física	406
GRÁFICO 7 –	Taxionomias de natureza antropocultural	407

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: ANUNCIANDO A VIAGEM	18
2	CAMINHOS TEÓRICOS: TRAÇANDO O PERCURSO	25
2.1	Texto: testemunho, documento e monumento	25
2.2	O caminho filológico na leitura e preservação do documento	28
2.3	O caminho da escrita na análise da materialidade do documento	42
2.4	O caminho da língua na compreensão da substância do documento	45
2.4.1	As ciências do léxico: a Lexicologia e a Lexicografia	46
2.4.2	A Onomástica e o processo de nomeação	52
2.4.2.1	<i>A toponímia e o caminho de acesso ao Sertão do Rio Pardo</i>	59
3	A LIÇÃO CONSERVADORA: EDITANDO O TEXTO PARA O ESTUDO LINGUÍSTICO	68
3.1	Os critérios de transcrição	68
3.2	A edição face a face	70
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA: CONHECENDO O CAMINHO TRAÇADO PELO MANUSCRITO	183
4.1	Aspectos paleográficos do documento	190
4.1.1	Pontuação	191
4.1.2	Acentuação	191
4.1.3	Reclamos	192
4.1.4	Abreviaturas	194
4.1.5	Caracteres caligráficos e a(s) maõ(s) que escreve(m) o texto	205
5	DOS GUEDES DE BRITO À CASA DA PONTE: CONSTRUINDO A SOCIOLOGIA DO TEXTO	221
5.1	Terra, riqueza e poder no Brasil colonial	221
5.2	O morgado Guedes de Brito: instituição e sucessão	225
5.3	Os Saldanha da Gama e a nobreza da Casa da Ponte	234
5.4	O fim do grande latifúndio dos Guedes de Brito	236
6	O LÉXICO DO DOCUMENTO: “POR ENTRE CATINGAS, CAPOEIRAS E CARRASCOS” ... “TÉ UM MOIRÃO DE ARUEIRA”	239
6.1	Glossário do <i>Livro de Tombo da Casa da Ponte</i>	243
6.2	Considerações sobre a língua do texto	255
7	O LÉXICO ONOMÁSTICO DO SERTÃO DO RIO PARDO: OS NOMES NAS “TERRAS DOS GERAES”	259
7.1	O nome do lugar: um espaço com história	259
7.2	De “Caitité e Urubú” à Comarca do Serro Frio: conhecendo o espaço nominado	261

7.3	Os signos onomásticos: recolhendo os nomes do documento editado	272
7.4	As fichas lexicográfico-descritivas: sistematizando os dados	283
7.5	Analisando os dados coletados	394
7.5.1	A origem linguística dos signos toponímicos	396
7.5.2	A estrutura morfológica e morfossintática dos topônimos	399
7.5.3	A classificação taxionômica: a motivação semântica e a causa nominativa	405
8	CONCLUSÃO: FINALIZANDO A JORNADA	411
	REFERÊNCIAS	415
	APÊNDICE 1	433
	APÊNDICE 2	449
	APÊNDICE 3	454

1 INTRODUÇÃO: ANUNCIANDO A VIAGEM

“Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais — a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!”
Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001 [1956], p.328-329)

Seguir o caminho do Sertão do Rio Pardo, região que envolve os Estados da Bahia e de Minas Gerais, para encontrar as vozes que nominaram¹ o lugar onde se inserem os sítios herdados pela nobreza da Casa da Ponte: este foi o propósito deste trabalho de pesquisa. Entendia-se que, se os signos onomásticos são motivados pelas experiências sensoriais de seus nominadores e se o ambiente físico do sertão influencia e determina a vida daqueles que lá habitam, então os elementos naturais dessa região se mostrariam presentes na toponímia rural do manuscrito *Livro de Tombo da Casa da Ponte*. E mais ainda: considerando a persistência desses signos, mesmo quando seus elementos motivadores deixaram de ser identificáveis pela população local, esperava-se reconhecer a permanência desses signos na toponímia atual dessa área geográfica.

O percurso seguido para chegar a essa constatação, de certa forma, foi “resvaloso”² e exigiu a superação de alguns obstáculos encontrados no caminho, tarefa enfrentada por todos aqueles que decidem seguir as trilhas da pesquisa através de documentos escritos. A primeira tarefa envolveu o acesso aos dados, tendo em vista que, como documentações históricas, fontes primárias de pesquisa encontram-se normalmente arquivadas como obras raras em bibliotecas e arquivos, às vezes, fora do domicílio do pesquisador³. “Concretas, materiais e palpáveis” (ZILBERMAN et al, 2004, p.15), fontes primárias são documentos que certificam o passado. Apesar das possíveis barreiras ao seu acesso, desenvolver pesquisas com base nessas fontes significa, segundo Zilberman (2004), muito mais que uma atitude, mas um posicionamento perante a história, uma recuperação de laços perdidos ou ocultados no tempo.

Na jornada em busca de fontes primárias, ainda poderia acontecer que as instituições encarregadas de sua proteção criassem empecilhos, dificultando o acesso ao material pesquisado: em alguns casos, mais do que guardiães, julgam-se proprietários e não facilitam a

¹ Embora a ação que resulta na seleção de um nome próprio para identificar um ser ou um lugar seja também identificada pelos pesquisadores na área da Onomástica como “ato de nomear”, optou-se por usar, neste trabalho, o vocábulo “nominar”, para não confundir com o sentido de “escolher para preencher uma função”, repetidamente utilizado na Seção 5: “Eu o *nomeio* desde já para ter efeito por meo falecimento, em meo filho varão mais velho Manuel de Saldanha da Gama Mello Torres Guedes de Britto, Conde da Ponte [...]” (Seção 5, p. 237).

² Neologismo criado por Guimarães Rosa que significa ‘escorregadio’ (MARTINS, 2001, p. 427).

³ Em tempos de pandemia e isolamento social esse desafio se tornou ainda maior.

caminhada. Sobre as dificuldades dos pesquisadores no acesso à memória escrita, Lose (2017) afirma:

A memória em papel geralmente se encontra em locais de acesso restrito, como instituições religiosas (prioritariamente nos dois primeiros séculos), instituições da administração pública ou militares. Esses lugares, na maioria dos casos, não são instituições de natureza arquivística, não têm organização formal de fácil decodificação (com inventários e catálogos minimamente organizados), nem pessoal especializado para atendimento ao público interessado na documentação. Muitos deles nem costumam atender a ‘público’, como é o caso das instituições religiosas regulares (conventos e mosteiros) (LOSE, 2017, p. 72-73, grifo no original).

Felizmente, esses obstáculos não precisaram ser enfrentados no percurso deste trabalho. Apesar das dificuldades inerentes ao fato do objeto de estudo se encontrar em outro Estado, o primeiro acesso ao manuscrito *Livro de Tombo da Casa da Ponte* foi plenamente facilitado pela equipe responsável do Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais (IHGMG). A visita ao arquivo do Instituto, realizada em maio de 2018⁴, proporcionou o primeiro contato com o documento e foi previamente programada com a intermediação da Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e diretora do Centro de Documentação do IHGMG, que também disponibilizou o material utilizado na pesquisa⁵ e forneceu apoio constante durante todo o desenvolvimento do trabalho.

O contato direto com o documento evidenciou, no entanto, outro desafio enfrentado por pesquisadores no uso de fontes primárias: o seu estado de conservação. Sabe-se que o manuscrito de 1819 conseguiu sobreviver a mais de um século de vida fora dos arquivos da Casa da Ponte, sem um conhecimento seguro com relação aos caminhos percorridos, até ser entregue ao IHGMG. Por isso, afirma Antunes Jr. (2017), “é digno de nota o fato de ter-se preservado, até os nossos dias, [...] embora danificado durante a sua acidentada peregrinação, certamente transmitido de pessoa a pessoa nem sempre seduzidas, ou conscientes, de seu grande valor documental” (ANTUNES JR., 2017, p.77).

⁴ O desejo de dar continuidade ao estudo toponímico desenvolvido no curso de Mestrado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sob a orientação da Profa. Celina Márcia de Souza Abbade, tornou-se mais consistente durante o curso de Onomástica, ministrado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entre maio e junho de 2018, quando o *Livro de Tombo da Casa da Ponte* surgiu como uma possibilidade de estudo do léxico onomástico.

⁵ As cópias escaneadas do documento, cedidas pela Profa. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, estão disponíveis no CD 4 da Coletânea *Acervo Documental*, organizada pela pesquisadora sob a chancela do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (SEABRA, 2008).

Figura 1 – Primeiro contato com o objeto de estudo



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Um outro desafio encontrado refere-se às dificuldades inerentes à leitura dos caracteres cursivos do período colonial. Além das características individuais da escrita, a falta de rigor ortográfico, marca dos dois primeiros séculos de colonização, exigiu o uso de estratégias e conhecimentos de várias áreas para trilhar o caminho que levou à compreensão do texto com mais segurança e confiabilidade.

A experiência construída na jornada mostrou que as dificuldades enfrentadas por um pesquisador na leitura de um manuscrito oitocentista, decorrentes tanto do estado de conservação dos textos quanto da decifração de sua grafia, não devem servir de impedimento à realização de trabalhos de pesquisa com base nesses documentos, tendo em vista que, além da oportunidade de contato com a língua em uso, o “texto escrito, na sua essência, é uma representação de natureza social ao tempo em que é documento da memória de um povo” (TELLES, 2018, p. 92).

A escolha do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* como fonte de pesquisa representou, desse modo, uma possibilidade de relacionar áreas diferentes dos estudos linguísticos, históricos e culturais em um trabalho que, além de enriquecer as produções referentes às pesquisas onomásticas, traz contribuições significativas para os estudos relacionados à materialidade dos textos escritos, como a Filologia Textual e a Paleografia, além de favorecer a compreensão da história da gente e do lugar registrada nos signos linguísticos.

Apesar do esvaziamento semântico que o nome comum sofre ao se deslocar para o onoma, o campo das designações, a cristalização dos topônimos os transformam em fontes para os estudos linguísticos em uma perspectiva histórica, pois, através deles, pode-se perceber estágios antigos de língua. Considerados como “fósseis” linguísticos⁶, os topônimos são testemunhos de formações linguísticas desaparecidas, dos contatos entre as línguas faladas na região e fonte de informação léxica direta.

Desse modo, ao selecionar como objeto de estudo os signos toponímicos presentes no *Livro de Tombo da Casa da Ponte* e reconhecendo-os como produtos históricos de uma comunidade e testemunhos da história da língua, considerou-se a hipótese de que características ambientais, socioculturais, linguísticas e históricas do povo que viveu na região do Sertão do Rio Pardo nos séculos XVIII e XIX pudessem ser reconhecidas nesses signos onomásticos.

Nessa perspectiva, além da síntese de cada seção, apresentam-se, na Seção 1, **INTRODUÇÃO: ANUNCIANDO A VIAGEM**, os propósitos do estudo e os caminhos escolhidos na pesquisa, para, tomando por base o exercício do trabalho lexicológico, em complementaridade com outras áreas de estudo, identificar e classificar os topônimos referentes aos acidentes humanos presentes no documento, organizando-os em fichas, a fim de interpretar as respostas linguísticas motivadas pelos estímulos recebidos por seus nominadores. Para desenvolver essa análise lexicológica, tornou-se fundamental cumprir os seguintes objetivos específicos:

- a) Estabelecer relação entre as abordagens teóricas da Filologia Textual, da Paleografia, da Lexicologia, com foco na Onomástica, e da Lexicografia, para estudo dos topônimos dos sítios tombados na região do Sertão do Rio Pardo;
- b) Analisar os signos toponímicos que compõem o *corpus* de pesquisa na perspectiva da relação entre toponímia e meio ambiente, enfatizando a influência de elementos naturais do espaço geográfico na configuração do sistema toponomástico analisado;

⁶ Conceito criado pelo geógrafo francês Jean Brunhes (1962 [1925]).

- c) Verificar aspectos linguísticos dos topônimos, como a motivação semântica, a estrutura morfológica e a etimologia dos signos analisados;
- d) Apresentar fichas lexicográficas com sistematização dos dados coletados, segundo modelo adaptado de Dick (2004).

Considerando a introdução e a conclusão, o trabalho final foi organizado em 8 seções. A Seção 2, **O CAMINHO TEÓRICO: TRAÇANDO O PERCURSO**, aponta as vias de acesso ao texto proporcionadas pela Filologia Textual para a leitura e preservação do documento e pela Paleografia na análise da escrita e da materialidade do texto, buscando responder aos questionamentos de Petrucci (2003 [2002], p. 8) ao propor uma metodologia de análise do texto escrito: em que consiste o texto? Quando foi escrito? Onde foi escrito? Como foi escrito? Quem o escreveu? Com qual propósito foi escrito?

Ainda nesta seção, apresentam-se os pressupostos que envolvem as ciências do léxico, a Lexicologia e a Lexicografia, para a compreensão da língua como substância do texto documento. E, para alcançar o caminho do Sertão do Rio Pardo e encontrar as vozes que nominaram os sítios herdados pela nobreza da Casa da Ponte, analisam-se os princípios teóricos da Onomástica e os processos de nominação do lugar. Com base nos estudos desenvolvidos por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990), apresenta-se a taxionomia vinculada à motivação toponímica para a realidade brasileira que identifica categorias de natureza antropocultural, relacionadas a aspectos sociais, históricos e culturais, e de natureza física, ligadas ao ambiente natural.

Na Seção 3 – **A LIÇÃO CONSERVADORA: EDITANDO O TEXTO PARA O ESTUDO LINGUÍSTICO** – apresentam-se as edições facsimilar e semidiplomática do manuscrito e os critérios de transcrição utilizados, seguindo Telles (2009) e Lose e Telles (2017), que recomendam a utilização, em estudos linguísticos, de textos fidedignos, submetidos a uma edição conservadora que preserve a língua em que o texto foi lavrado e mantenha as características originais do texto e da grafia do texto editado.

Na Seção 4, **DESCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA DO DOCUMENTO: CONHECENDO O CAMINHO TRAÇADO PELO MANUSCRITO**, com base nos pressupostos da Paleografia, e principalmente nos estudos de Vera Lúcia Costa Acioli (1994), Charles Higounet (2003 [1997]) e Maria Helena Ochi Flexor (2008 [1979]), descreve-se e analisa-se o documento, considerando os aspectos paleográficos mais relevantes. A partir dos seus caracteres caligráficos, discute-se também a existência de outras mãos na sua produção,

além daquela que o assina em três momentos diferentes: no Termo de Abertura, na Nota com orientações destinadas aos demais procuradores e no Termo de Encerramento.

A Seção 5, **DOS GUEDES DE BRITO À CASA DA PONTE: CONSTRUINDO A SOCIOLOGIA DO TEXTO**, analisa o contexto e os sujeitos envolvidos na produção e circulação do texto, apresentando o percurso histórico do manuscrito autógrafo, desde a instituição do morgado Guedes de Brito, que deu origem ao imenso patrimônio herdado pela nobiliarquia da Casa da Ponte no Brasil, até o fim do sistema de vínculo, com a venda dos sítios arrendados relacionados no documento. Para trilhar esse caminho, utilizou-se como guia o famoso livro *Cultura e Opulência do Brasil*, do jesuíta André João Antonil (1982 [1711]), um repositório sobre a vida econômica do Brasil em princípios do século XVIII; o trabalho de Waldemar Mattos (1971) sobre os solares da Bahia; a pesquisa desenvolvida por Simeão Ribeiro Pires (1979) sobre o latifúndio de Guedes de Brito; os estudos de Erivaldo Fagundes Neves (1999, 2003a, 2008) sobre a estrutura fundiária no Alto Sertão da Bahia e a tese de Márcio Roberto Alves dos Santos (2010) sobre as fronteiras do sertão baiano⁷.

Considerando o léxico como a primeira via de acesso ao texto e contando com o suporte dos trabalhos de reconhecidas lexicólogas e lexicógrafas, como Maria Tereza Camargo Biderman (2001), Maria Aparecida Barbosa (2001 [1996]) e Maria da Graça Krieger (2006, 2012), a Seção 6, **O LÉXICO DO DOCUMENTO: “POR ENTRE CATINGAS, CAPOEIRAS E CARRASCOS... TÉ UM MOIRÃO DE ARUEIRA”**, traz o glossário do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, com 121 unidades lexicais simples, compostas e complexas que exigiram o resgate dos seus usos e acepções remotas para compreensão em seu contexto sócio-histórico e discursivo. Como uma estratégia necessária para contornar os obstáculos impostos ao entendimento do texto, a seção apresenta, além do glossário, algumas considerações sobre a língua do texto com base no caráter essencialmente móvel e dinâmico do léxico das línguas naturais.

Reconhecendo o conceito de lugar como um espaço com história, a Seção 7, **O LÉXICO ONOMÁSTICO DO SERTÃO DO RIO PARDO: NAS “TERRAS DOS GERAES”**, inicia-se com a análise do espaço geográfico nominado no documento, com base em trabalhos cartográficos do período de produção do texto. Na sequência, delimita-se o *corpus* de estudo e expõe-se, em ordem alfabética, as fichas lexicográfico-descritivas dos 105 sítios

⁷ A extensa investigação documental realizada por Simeão Ribeiro Pires, Erivaldo Fagundes Neves e Márcio Roberto Alves dos Santos no Arquivo Público do Estado da Bahia; Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro; Arquivo Histórico Ultramarino; Torre do Tombo; Biblioteca Nacional de Lisboa e arquivo pessoal da Casa da Ponte foi fundamental para compreensão e comprovação dos aspectos que envolveram a produção do documento, considerando a impossibilidade de acesso a arquivos e bibliotecas físicas, por conta da pandemia da COVID-19.

relacionados no livro, contendo, não somente as informações apresentadas no processo de tombamento, mas também dados referentes aos signos toponímicos, considerando-os como formas cristalizadas do léxico da região analisada. Demonstra-se assim a capacidade desses signos linguísticos de guardar resquícios da língua arcaica, permitindo que sejam transmitidos a gerações posteriores, às vezes, sem sofrer alterações.

Nesse contexto, considerando os topônimos dos sítios e fazendas presentes no manuscrito oitocentista como testemunhos da história e da língua, encerra-se a jornada pelos caminhos do Sertão do Rio Pardo. Para tornar a caminhada mais leve, contou-se com a companhia de Guimarães Rosa⁸ nas epígrafes das seções. Leve, como entende Calvino (1990 [1988], p. 28): não associada ao que é “vago ou aleatório”, mas buscando uma relação direta com o ambiente no qual o documento se insere.

Na Seção 8, **CONCLUSÃO: FINALIZANDO A JORNADA**, são retomados os principais aspectos analisados e comprovados e também são traçados novos caminhos que podem ser trilhados por outras pesquisas que se aventurem no desafio de estudar a língua ou a história através do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, agora sem os resvalos impostos pela materialidade do documento e pelo entendimento do texto. Concorda-se assim com Cambraia (2005) que, “ao se publicar um texto, este se torna novamente acessível ao público leitor; e contribui-se para a sua preservação, porque se assegura sua subsistência através de registros em novos e modernos suportes materiais, que aumentarão sua longevidade” (CAMBRAIA, 2005, p. 19-20).

⁸ Em maio de 1952, o escritor mineiro João Guimarães Rosa empreendeu a sua jornada pelo “sertão dos gerais” com o propósito de conhecer melhor a geografia, os costumes e a linguagem da região onde nasceu e poder escrever sobre ela com maior propriedade. As anotações feitas na caderneta que trazia amarrada ao pescoço serviram de inspiração para a grande obra da literatura brasileira *Grande Sertão: Veredas* (1956), de onde foram retiradas as epígrafes utilizadas nas seções deste trabalho.

2 CAMINHOS TEÓRICOS: TRAÇANDO O PERCURSO

“Qual o caminho certo da gente? Nem para frente nem para trás: só para cima.”

Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001 [1956], p. 110)

A definição dos caminhos teóricos que traçaram o percurso deste estudo faz remissão à incerteza da personagem roseana com relação ao rumo certo a seguir. Sem a clareza inicial de direção, uma certeza: o caminho certo depende de aonde se quer chegar. E saber aonde se queria chegar se tornou um fator determinante na escolha dos rumos que deveriam ser tomados para garantir o acesso, de forma segura e confiável, às informações linguísticas, históricas e culturais do manuscrito oitocentista *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, e assim, seguindo o caminho do Sertão do Rio Pardo, encontrar as vozes que nominaram o lugar.

Sem descartar outras possíveis rotas e levando em conta tanto o momento atual quanto as fontes disponíveis, optou-se por seguir o rumo traçado pela Filologia Textual, considerando o seu compromisso com o estudo da cultura de um povo a partir do texto e a preservação e integridade de documentos históricos, culturais e literários, em um trabalho de complementaridade com outros campos de estudo, em especial a Paleografia e as ciências do léxico – Lexicologia e Lexicografia – com enfoque na área dos estudos lexicais voltada ao processo de nomeação dos seres: a Onomástica.

2.1 Texto: testemunho, documento, monumento

Mesmo após a propagação da tipografia¹, os manuscritos permaneceram como meios de circulação de produções literárias, religiosas ou técnicas, fornecendo dados importantes para os estudos linguísticos e para a compreensão do passado. Nesse sentido, considera-se o manuscrito oitocentista *Livro de Tombo da Casa da Ponte* uma fonte valiosa de estudo da história e da sociedade do período colonial brasileiro, além de trazer possibilidades de análise da língua em várias dimensões. Entendido como texto, “um produto cultural carregado de significação” e “objeto material do trabalho filológico” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 25), o manuscrito mostra um passado que sobrevive materializado em suas folhas de papel amareladas pelo tempo.

¹ Apesar de tentativas clandestinas ocorrerem desde o início do século XVIII, a imprensa, sob proteção oficial, somente se iniciou de forma definitiva no Brasil a partir de 1808, com a vinda da corte portuguesa e a criação da Imprensa Régia.

Como um documento de fatos linguísticos, “resultado do uso do código de sinais que transpõe para o suporte material o ato comunicativo” (TELLES, 2008, p. 29), o texto pode também ser considerado como um documento de comprovação e preservação dos fatos históricos nele evidenciados. Na perspectiva de Le Goff (1990), ainda que não necessariamente representado por um texto escrito, o valor documental de um texto é atribuído por uma escolha dos historiadores. Segundo Le Goff, a história que sobrevive é resultado de um processo de escolha, tanto de forças que atuam no desenvolvimento do mundo e da humanidade quanto desses sujeitos “que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa” (LE GOFF, 1990, p. 525).

Ampliando o conceito de texto como documento da história, Santos (2013) o considera também, no âmbito filológico, como testemunho e monumento de uma época, de um povo, de uma sociedade, de um lugar:

Pela ação do filólogo, o texto é tomado como *testemunho*, materializado em determinado suporte (manuscrito, datiloscrito, digitoscrito, impresso ou digital); como *documento*, é a prova que se tem dos fatos que marcaram dada sociedade, e, como *monumento*, transmite a outros a memória (SANTOS, 2013, p. 43, grifos no original).

Tendo em vista que “toda e qualquer escritura, ou testemunho, que tem por fim a comprovação de um fato, recebe o nome de *documento* ou *instrumento*” (SPINA, 1994, p. 54), Spina (1994) classifica os documentos em *particulares*, que têm o propósito de conservar o direito de alguém, sem a intervenção de uma pessoa pública, e *públicos*, quando exarados oficialmente por uma pessoa pública. No primeiro caso, identificam-se os testamentos, as doações, as procurações, os requerimentos etc. e no segundo, licenças, alvarás, patentes, mandados, éditos, entre outros.

Particulares ou públicos, os documentos escritos constituem-se testemunhos de uma sociedade e a sua durabilidade depende, entre outros fatores, das instituições encarregadas de sua preservação. Ao analisar os processos de conservação da memória escrita, Petrucci (2003 [2002]) adverte que

[...] el destino de toda cultura escrita se confía no sólo a las expectativas de duración de las obras de sus respectivos autores o a la fuerza de una tradición reproductiva, sino sobre todo a la capacidad de resistir en el tiempo de los procesos de conservación y las instituciones jurídicas asignadas a la conservación de lo escrito: fundamentalmente archivos y bibliotecas (PETRUCCI, 2003 [2002], p. 129)².

² Tradução nossa: “o destino de toda cultura escrita está confiado não só às expectativas da duração das obras dos respectivos autores ou à força de uma tradição reprodutiva, mas sobretudo à capacidade de resistência no tempo dos processos de conservação e das instituições jurídicas encarregadas da conservação da escrita: principalmente arquivos e bibliotecas”.

Refletindo então sobre a “escolha” a que Le Goff (1990) se refere e que torna um texto um documento, destaca-se a opção do historiador Erivaldo Fagundes Neves (2003a), em sua análise da estrutura fundiária do Alto Sertão da Bahia no período de 1750 a 1850, ao considerar como documento histórico a edição do manuscrito *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, publicada na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* em 1929. Por outro lado, para comprovar a hipótese de que o grande latifundiário baiano Antônio Guedes de Brito, cujo patrimônio foi transferido por contrato de casamento de sua descendente para a nobreza da Casa da Ponte (cf. Seção 5), “jamais estêve em terras hoje pertencentes ao Estado de Minas Gerais” (COSTA FILHO, 1958, p. 140), o historiador Miguel Costa Filho, em texto publicado em 1958 na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, “escolheu” desconsiderar a existência dessa valiosa fonte de informação histórica.

Entende-se que, ao considerar o “Tombamento dos Predios arrendados, ou devolutos Situados no Certaõ do Rio pardo, Districto de Minas novas, Commarca da Villa do Principe do Serro frio, Capitania de Minas geraes” (INSTITUTO..., 1929, p. 431), o texto poria por terra a hipótese levantada por Costa Filho. É possível que, apesar da extensa pesquisa documental efetuada para comprovar as concessões de terra feitas ao latifundiário baiano, Costa Filho não tenha tido acesso à edição do IGHBA? Ou que não considerasse essa uma edição confiável para o seu estudo? Essas perguntas ficarão sem resposta, mas, de alguma forma, ajudam a refletir sobre as escolhas feitas pelo historiador. Em sua defesa para o fato de não ter encontrado outros documentos para comprovação de sua hipótese, ele afirma:

Tanto documento se perdeu no terremoto de Lisboa, tantos documentos se estragaram, se extraviaram, foram dados ou postos fora nas repartições de Minas e em tôda a parte do Brasil, tantos manuscritos dormem a sono sôlto, sono de séculos, em arquivos brasileiros que não têm pessoal bastante para as tarefas arquivísticas [...] (COSTA FILHO, 1958, p. 141).

O *Livro de Tombo da Casa da Ponte* “dormia a sono solto” quando Costa Filho publicou seu artigo em 1958. O manuscrito sobreviveu por 146 anos fora de arquivos públicos até ser entregue ao IHGMG em 1965. Mutilado e em processo de desgaste, para que se tornasse uma fonte de pesquisas e uma herança de um momento histórico seria imprescindível a sua restituição e estabelecimento em um novo suporte. Somente assim poderia estar disponível para a escolha de pesquisadores e historiadores, garantindo a comprovação dos fatos históricos nele presentes e a preservação da história documental brasileira, que, como afirma Lose (2018) “está escrita em um dos mais antigos suportes já inventados, o papel que, embora seja conhecido por

sua alta durabilidade, necessita de cuidados para não se perder, levando consigo nossos laços com o passado” (LOSE, 2018, p. 35).

2.2 O caminho filológico na leitura e preservação do documento

A tarefa de recuperar um texto danificado pressupõe um trabalho que envolve dois caminhos: um primeiro, traçado pelos aspectos relacionados à sua materialidade (suporte, tipos caligráficos...) e outro pela língua em que foi lavrado. Nessa perspectiva, analisa-se a interface entre a Filologia Textual, que busca, através do texto, estudar a cultura da comunidade que usa a língua do texto, e demais áreas relacionadas ao estudo do texto escrito, especialmente a Paleografia e a Linguística, ciente de que, “ao filólogo cabe, além da tarefa de guardar o patrimônio escrito, artístico e cultural, agir na recuperação, restauração, conservação, edição e estudo de textos (testemunhos-documentos-monumentos)” (SANTOS, 2013, p. 43).

Voltado para os processos de produção, circulação e recepção de textos, o labor filológico pode viabilizar um caminho seguro para o estudo linguístico do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*. Ciência tão antiga quanto a Filosofia, a Filologia tem seus registros na antiguidade entre os estudiosos da Biblioteca de Alexandria (séc. III a.C.), os quais, preocupados em facilitar a compreensão dos textos, os enriqueciam com glosas e notas explicativas. Segundo Cunha (2004), com os filólogos alexandrinos dos séculos III e II a.C., “a disciplina tornou-se um labor fundamental para a preservação do patrimônio literário da humanidade” (CUNHA, 2004, p. 342).

Inicialmente com o sentido expresso em sua etimologia “amor às letras e aos discursos”, a Filologia teve seu objeto ampliado ao longo do tempo sendo considerada, na idade moderna, a ciência da palavra. Houaiss, Vilar e Franco (2001) apresentam as seguintes definições para o termo Filologia, levando em conta a evolução dos seus estudos:

1. Estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos;
2. Estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos;
3. Estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas;
4. Estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares, especialmente para a edição de textos (HOUAISS; VILAR; FRANCO, 2001, p. 1344).

Observa-se, em todas as acepções, o texto como objeto de estudo e o documento escrito como fonte de conhecimento da história das civilizações, o que identifica a Filologia como uma ciência histórica que busca reconstituir o passado através da língua: “o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem” (AUERBACH, 1972, p. 11).

Seja para ser editado, interpretado em seus diferentes processos (produção, recepção, transmissão, circulação), seja como fonte para estudo da história das línguas, o texto, como documentação escrita de fatos linguísticos, representa o objetivo principal do “conjunto de atividades” que envolve os mais variados aspectos de investigação (linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico) e que constitui o trabalho desenvolvido pela Filologia Textual, termo preferido por G. Tavani (em 1988), e que, segundo Telles (2018), melhor define as atividades que atualmente envolvem o estudo de um texto.

Ao trazer a palavra escrita por alguém que viveu em um momento passado, os estudos filológicos têm assim um papel fundamental no processo de recuperação de textos, considerando o objetivo e o compromisso desse campo científico com a preservação e integridade de documentos históricos, culturais e literários. Corrobora-se então com a afirmativa de Spina (1994) de que o conjunto de conhecimentos envolvidos na tarefa de restituição de um texto constitui o caráter erudito da Filologia, que

[...] concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado. A *explicação do texto*, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares (a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros do próprio texto (SPINA, 1994, p. 82, grifo no original).

É consenso entre os estudiosos da área a tarefa difícil que é definir a Filologia, tendo em vista, como afirmam Borges e Sousa (2012), a sua senilidade e a diversidade de atividades que ela envolve, dentre outros aspectos. Desde a preocupação de Karl Lachmann (em 1850) em formular um arquétipo próximo a um original perdido ou de Joseph Bédier (em 1890), ao propor o estudo da tradição e a escolha do “bom manuscrito”, o conceito de Filologia evoluiu de uma acepção lata e romântica que abrange literatura e linguística, própria do pensamento oitocentista, para uma filologia em sentido estrito, voltada para a edição de textos, identificada hoje como Crítica Textual (MARQUILHAS, 2010).

Borges e Souza (2012) entendem a “Crítica Textual (Filologia *stricto sensu*)” como um feixe de práticas de leitura, interpretação e edição que, a um só tempo, consideram como objeto,

de modo indissociável, *língua, texto e cultura*” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 21, grifo no original). Nesse sentido, consideram a natureza interdisciplinar da investigação filológica nas ações de ler, interpretar e editar textos, destacando a importância da pesquisa de fontes como auxiliar na leitura do texto a ser editado.

A pesquisa e coleta de fontes referentes à transmissão e circulação de um texto (*recensio*) representa assim uma fase fundamental no processo de sua recuperação. Sejam de *tradição direta*, testemunhos manuscritos ou impressos, ou de *tradição indireta*, fontes diretamente ligadas ao texto objeto de estudo, cada uma pode ampliar a compreensão do texto e auxiliar na construção de sua tradição (SPINA, 1994).

Tendo em vista que cada registro do texto constitui um testemunho, considera-se que o documento *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, sob a guarda do IHGMG, representa um testemunho autógrafa, porque foi fixado pelo próprio autor em 1819, e pode ser considerado um original, no sentido material do termo (SPAGGIARI; PERUGI, 2004). Desse testemunho original, foi feita uma cópia pelo historiador Heitor Antunes de Souza, em 1927 (PIRES, 1979), considerada um testemunho apógrafo, porque fixado por outra pessoa sem a supervisão do autor, e que serviu de modelo para dois novos testemunhos apógrafos: uma transcrição publicada na *Revista do Instituto Histórico Geográfico da Bahia* (INSTITUTO..., 1929) e outra no livro *Raízes de Minas*, de Simeão Ribeiro Pires (PIRES, 1979).

Um outro testemunho apógrafo foi publicado no livro *A Colonização Brasileira e o Livro do Tombo da Casa do Conde da Ponte: um pouco de história*, de Daniel Antunes Júnior (ANTUNES JR., 2017). A cópia, a partir do testemunho original, contém emendas realizadas sobre os fac-símiles, em um processo de restauração do texto.

Tem-se assim a tradição do texto, cotejada a partir da *recensio* dos seguintes testemunhos:

- i. Fac-símiles das folhas feitas diretamente do original de 1819, doravante identificados como T1819;
- ii. Transcrição publicada na *Revista do Instituto Histórico Geográfico da Bahia*, em 1929, doravante T1929;
- iii. Transcrição publicada no livro *Raízes de Minas*, em 1979, doravante T1979;
- iv. Trabalho de restauração publicado no livro *A Colonização Brasileira e o Livro do Tombo da Casa do Conde da Ponte: um pouco de história*, em 2017, doravante T2017.

Destaca-se que, além dos testemunhos que compõem a tradição direta do documento, as fontes *iii* e *iv* apresentam dados históricos valiosos sobre a região e o período a que se refere o *Livro de Tombo do Casa da Ponte*, constituindo fontes importantes para a pesquisa histórica relativa ao ambiente sociocultural e aos sujeitos envolvidos em sua produção e circulação.

No contexto da Crítica Textual, uma etapa também importante pressupõe o exame comparativo dos testemunhos que formam a tradição (*collatio*) para identificar as modificações sofridas pelos textos no seu processo de transmissão. Classificadas por Cambraia (2005) como modificações *exógenas*, resultantes da corrupção do material utilizado no registro, ou *endógenas*, decorrentes do processo de copiar o texto em um novo suporte, para Spaggiari e Perugi (2004) é tarefa quase impossível transcrever um texto sem cometer erros, ou sem introduzir alterações: “Uma cópia representa a versão necessariamente alterada do original que intende transmitir” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 20). Seguindo esse pensamento, Spina (1994) considera como um postulado da tradição manuscrita “Quem diz cópia diz erro” (SPINA, 1994, p. 108).

Resultantes, em alguns casos, do processo de recriar passagens mutiladas ou completamente danificadas, as interferências do *scriptor*, consideradas por Spina (1994) como meramente acidentais e involuntárias, ou dolosas e intencionais, podem interferir consideravelmente no uso do texto para estudos linguísticos. Nesse caso, entende-se que um equívoco no reconhecimento de uma palavra ou na forma como ela foi grafada pode criar um novo fato de língua, não existente no texto de base.

O confronto entre os testemunhos coletados do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* revelou algumas interferências dos editores, entendidas como modificações não-autorais, de responsabilidade do copista, que decorrem tanto da atenção (cansaço, interrupções no trabalho, movimento dos olhos etc.) quanto dos processos de atualização do texto para atender ao público-alvo. Analisam-se, a seguir, as modificações realizadas na transcrição da f. 44v (cf. Fig. 2), referente ao sítio 99 – *Vargem fermoza* – em T1929 e T1979 (cf. Fig. 3 e 4).

Figura 3 – Transcrição da *Revista do IHGBA* (T1929)**N. 99**

VARGEM FORMOZA, Sítio de que paga renda Joaquim Alz. Pereira, a quantia de cinco mil reis por anno, como do arrendamento no 1º novo afs 188 em 5 de Fevereiro de digo 5 de Janeiro de 1819, que se extrema com a fazenda do Campo grande do Ajude José Pinheiro Pinto, e com a fazenda de S. Domingos do Capm. Modesto Vaz da Costa, aonde direito que hé para a parte do norte e para parte do Poente com a fazenda do Guará do Alfes. Joaquim José de Sant'Anna e seos socios, e com o Sítio dos herdeiros de Francisco José Magro, aonde direito fór e para a parte do Sul com a fazenda do Condiuba dos herdeiros do fallecido Antonio Joaquim de Mattos, onde direito fór, e para a parte do Nascente com a fazenda da Rapoza aonde direito fór, que terá de comprido de Nascente a Poente duas legoas, e de largura huma e meia pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé cento e secenta mil reis 160\$000.

Vendido a Thomaz José da Costa pela qtia. de 160\$000 Escriplura no 1º do Archivo da Admam.

Fonte: INSTITUTO... (1929).

Figura 4 – Transcrição do livro *Raízes de Minas* (T1979)

99

VARGEM FORMOSA — Sítio de que paga renda Joaquim Alze. Pereira a quantia de cinco mil réis por ano, como do arrendamento no Livro Novo à fls. 188 em 5 de janeiro de 1819, que se extrema com a Fazenda do Campo Grande do Ajudante José Pinheiro Pinto, e com a Fazenda de S. Domingos do Capm. Modesto Vaz da Costa direito for que é para a parte do Norte e para a parte do Poente, com a Fazenda do Guará do Alferes Joaquim José de Sant'Ana e seus sócios, e com o Sítio dos Herdeiros de Francisco José Magro, donde direito for, e para a parte do sul com a Fazenda da Condeúba dos parte do Nascente com a Fazenda da Raposa aonde direito for que terá de comprido de Nascente a Poente duas léguas e de largura, uma e meia, pouco mais prido de nascente a poente duas léguas e de largura, uma e meia, pouco mais ou menos e assim confrontado o seu valor é de cento e sessenta mil réis — 160\$000.

NOTA: Vendido a Tomaz José da Costa pela quantia de 160\$000. Escrita no Lº do Arquivo da Administração.

Fonte: PIRES, 1979.

A *collatio* realizada entre T1819, T1929 e T1979 revelou que T1929 apresenta uma transcrição mais conservadora, mantendo, em relação a T1819, a grafia das palavras e as formas

abreviadas, na maior parte das vezes. No entanto, observam-se modificações nos seguintes casos:

1. Substituição na forma de grafar algumas palavras: de *Jozé* para *José* (L. 5, 9); de *aonde* para *onde* (L. 11); de *for* para *fór* (L. 9, 11, 12); de *falecido* para *fallecido* (L. 10).
2. Substituição de uma variante lexical por outra: *fermoza* por *formoza* (L.1).
3. Substituição no uso de letras maiúsculas no numeral *Cento e Secenta* (L. 14).
4. Omissão de palavra: *for* (L. 6).
5. Inserção de uma variante editorial na L.3: *5 de Fevereiro de digo*.

Embora feita a partir da mesma cópia, T1979 representa uma edição mais modernizada em relação a T1929 e, conseqüentemente, mais interferências na escrita, dentre as quais destacam-se:

1. Atualização da grafia das lexias: *formosa* (L.1); *ano* (L. 2, 12); *uma* (L. 10,11); *seus* (L. 7); *Condeúba* (L. 8); *sessenta* (L. 12).
2. Atualização no uso de acentos: *Sítio* (L. 1, 7); *réis* (L.2, 12); *é* (L. 5); *sócios* (L. 7); *léguas* (L. 10, 11).
3. Atualização na pontuação (cf. L. 1, 5, 9).
4. Desdobramento da maioria das formas abreviadas e alteração na forma de abreviaturas não desenvolvidas: *Alz.* para *Alze*. (L. 1), criando uma forma abreviada inexistente para *Al(vare)z*; *fs* para *fls*. (L. 2).
5. Substituição no uso de letras maiúsculas: *Fazenda* (L. 3, 4, 6, 8); *Herdeiros* (L. 7).
6. Omissão de trecho inteiro: “...*dos herdeiros do falecido Antonio Joaquim de Mattos, aonde direito for, e para...*”.
7. Adição por repetição de trecho (cf. L. 10-11).

Do ponto de vista linguístico, a mudança na variante lexical de *Vargem fermoza* para *Vargem formoza* ou *Vargem formosa*, interfere na identificação do uso, ainda no século XIX, daquela forma do português arcaico que, segundo CUNHA (2013 [1982], p. 299), predominou sobre a forma *formosa* até meados do séc. XVII.

Comparam-se, a seguir, os fac-símiles referentes ao sítio 16 – *Juazeiro* – na f.15v (T1819) (cf. Fig. 5) e na página 199 (T2017) (cf. Fig. 6). Além de possíveis modificações paleográficas, relacionadas à dificuldade de compreensão da *scripta* dos manuscritos, destaca-se a emenda realizada ao final da página com a adição de duas linhas em que se lê as

Figura 6 – Fac-símile da página 199 (T2017)

" 10 "

199

MAKILLO, Sítio arrendado de D. Rito. José
 da Bandeira, por seu Procurador o Sr. Carlos Mendes Ca-
 valheiro, pela quantia de quinze mil reis p. anno, co-
 mo se arrendamento no L.º e f.º em 23 de Outu-
 bro de 1766, em se extremar com o Rio das Rongias
 na boca da Catinga do Tacaré grande em rumo di-
 reito de humra. Contra parte do Rio Purutuba ex-
 tremar nas Catingas que estão entre o Rio do Córrego
 Sítio para a parte do Nascente e com as Catingas
 do Rio verde para a parte do Poente, e seguindo o
 Rio Purutuba abaixo faz extrema com o Sítio dos
 Martyres na Canabrava abaixo da repulstura em hum
 Capuzinho de Jatoá e contendo humo direito atra-
 versando o Rio de humra e outra parte fazendo extre-
 ma na Catinga que está ainda inculta entre o mes-
 mo e o Rio chamado Jeau, para a parte do Nascente
 e para o Poente no mesmo humo direito tam-
 bem faz extrema nas Catingas do Rio verde, que
 por incultas se não faz ponto certo, que terá de
 comprimento (o resto foi arrancado do original.)
 l.º 0006000

199

Fonte: ANTUNES JR, 2017.

Entende-se o propósito de cada uma dessas fontes e valoriza-se cada uma delas como oportunidades de proporcionar um novo suporte para o texto, oferecendo ao público leitor e pesquisador a oportunidade de acesso às informações presentes no documento. No entanto, as interferências no texto apontadas comprometem o seu uso como base para um estudo linguístico, pois introduzem dados que podem conduzir a uma análise equivocada da língua em uso no período estudado.

Uma próxima etapa da tarefa do filólogo pressupõe a definição da forma de reconstituição do texto (*constitutio textus*) com base no tipo de edição, ou seja, no conjunto das

operações filológicas utilizadas para a recuperação e estabelecimento do texto. Essa definição envolve especialmente o propósito do editor-filólogo, considerando os interesses do público-alvo, e, conseqüentemente, o grau de mediação a ser realizado na fixação da forma do texto, em conformidade com as situações textuais encontradas. Analisando as caracterizações apresentadas por Borges e Souza (2012) e levando em conta que, apesar da tradição plural, tem-se o propósito, neste estudo, de considerar o *Livro de Tombo da Casa da Ponte* como um testemunho individual, entende-se que, nesse documento, podem ser desenvolvidas edições dos tipos fac-similar, paleográfica ou diplomática, semidiplomática e interpretativa.

A edição *fac-similar*, que tem a função de dar a conhecer o manuscrito em sua forma autêntica, pressupõe a reprodução da imagem do documento por meios mecânicos (xerografia, fotografia, digitalização etc.) o que assegura um acesso quase direto. Embora considerada por Cambraia (2005) como grau zero de mediação, Borges e Souza (2012) advertem que, ainda assim, há intervenção do editor na manipulação da imagem e apresentação da edição.

Com documentos antigos que servem de base para estudos históricos e linguísticos são realizadas edições com um baixo grau de mediação, como a *paleográfica ou diplomática*, que pressupõe uma transcrição conservadora de todos os elementos presentes no original, ou a *semidiplomática*, que considera uma intervenção mínima do editor para facilitar a leitura do documento, como o desenvolvimento dos sinais abreviativos e a inserção de elementos por conjectura. Permitindo um grau maior de intervenção, a edição *interpretativa* apresenta um texto que foi submetido a um processo de uniformização gráfica, o que o torna mais acessível a um público não-especializado.

Tendo em vista a finalidade de cada uma das edições citadas, ressalta-se que, para cada tipo, o labor filológico pressupõe uma série de normas e procedimentos que devem ser seguidos na transcrição a fim de garantir a fidedignidade do documento editado, buscando restituir o texto a sua forma original, ou aproximada, para que seja apresentado ao leitor, especializado ou comum. Apropriadas para cada grau de mediação, as normas de edição devem apresentar coerência interna, ou seja, precisam conceder um tratamento comum aos fatos comuns, devem ser claramente explicitadas nos critérios de transcrição e rigorosamente aplicadas a todas as situações.

Desse modo, considerando as diversas possibilidades de edição e o propósito de uso do texto como base para um estudo onomástico, seguiu-se a recomendação de Telles (2009) e de Lose e Telles (2017) para que, em estudos linguísticos, sejam utilizados textos fidedignos, submetidos a uma edição conservadora que preserve a língua em que o texto foi lavrado e

mantenha as características originais do texto e da grafia do texto editado. Santos (2013), por sua vez, adverte:

Na edição de um texto para fins de estudo linguístico, deve-se ter muita cautela, observando-se o *usus scribendi*³, a cultura do autor, os pormenores da tradição, e ainda diferenciar o que é erro – lição desprovida de autoridade – de variante⁴, pois, neste caso, caberá ao editor advertir o leitor para tal fato, mas não deverá corrigi-lo. É preciso também conhecer as normas ortográficas vigentes à época em que o texto fora escrito, consultar gramáticas históricas e dicionários para que possa o editor ser coerente no seu trabalho de edição e estudo (SANTOS, 2013, p. 1735).

Nesse sentido, considerando as orientações apresentadas e lembrando que, para a descrição de sincronias passadas, toda a documentação disponível é escrita, Telles (2009) e Lose e Telles (2017) afirmam que a transcrição precisa ser fiel à realidade linguística do *scriptor*, para que possa permitir a compreensão do momento cultural representado pelo texto. Por isso, optou-se neste estudo pela realização de duas modalidades diferentes de edições conservadoras: a fac-similar e a semidiplomática, apresentadas face a face na seção seguinte.

Na leitura e transcrição do documento, destaca-se a importância dos recursos tecnológicos, reconhecidos atualmente pela maioria dos pesquisadores como elementos indissociáveis do trabalho de edição (LOSE; TELLES, 2017). Câmaras fotográficas de alta resolução e *scanners* desenvolvidos especialmente para a digitalização de livros e documentos de tamanhos variados representam uma ajuda inestimável para a realização de edições fac-similares, preservando o documento original do manuseio constante e melhorando a qualidade digital da imagem. Por sua vez, as múltiplas ferramentas de edição dos computadores pessoais tornam mais seguro o trabalho de leitura e transcrição de documentos, pois,

[...] dispondo do recurso do *zoom* o pesquisador do manuscrito poderá ampliar as imagens sem perda de resolução (até um determinado limite), o que auxilia imensamente na decodificação de alguns trechos de difícil leitura e na definição de detalhes do suporte (LOSE, 2006, p. 74).

A ferramenta de *zoom*, usada para alterar o nível de ampliação da imagem; o recurso de tela dupla do *Word*, que permite visualizar duas partes do documento ao mesmo tempo; e a possibilidade de alteração de brilho, contraste e nitidez da imagem, foram seguramente

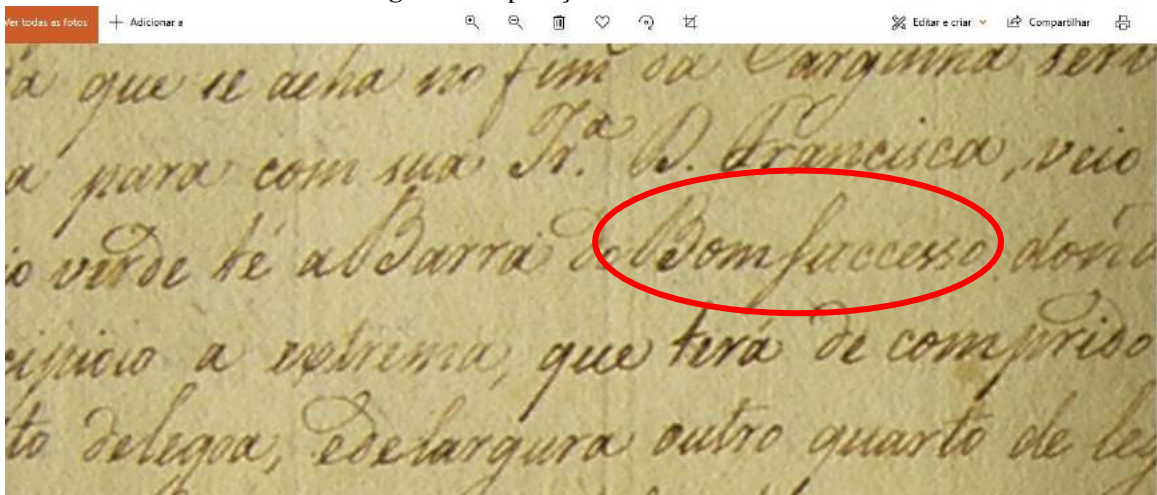
³ Na terminologia da crítica textual, *usus scribendi* é entendido como o “conjunto dos hábitos gramaticais e estilísticos de um escritor, de uma escola ou de uma época. É considerado nas tomadas de decisão do editor crítico, ou para fazer conjecturas em situação de erro ou de lacuna, ou para escolher entre variantes documentadas em diferentes testemunhos” (DUARTE, 201-).

⁴ No texto, Santos identifica como variantes “lições divergentes entre testemunhos em um determinado lugar do texto” (SANTOS, 2013, p. 1732).

essenciais para a leitura do documento nas condições de desgaste em que se encontra o *Livro de Tombo da Casa da Ponte*.

Com o uso do *zoom* foi possível a identificação da existência ou não de palavras unidas, algumas vezes pouco visualizadas sem o uso dessa ferramenta, como mostra a figura a seguir, que evidencia a união das palavras *Bom* e *Sucesso*, somente percebida com a ampliação da imagem.

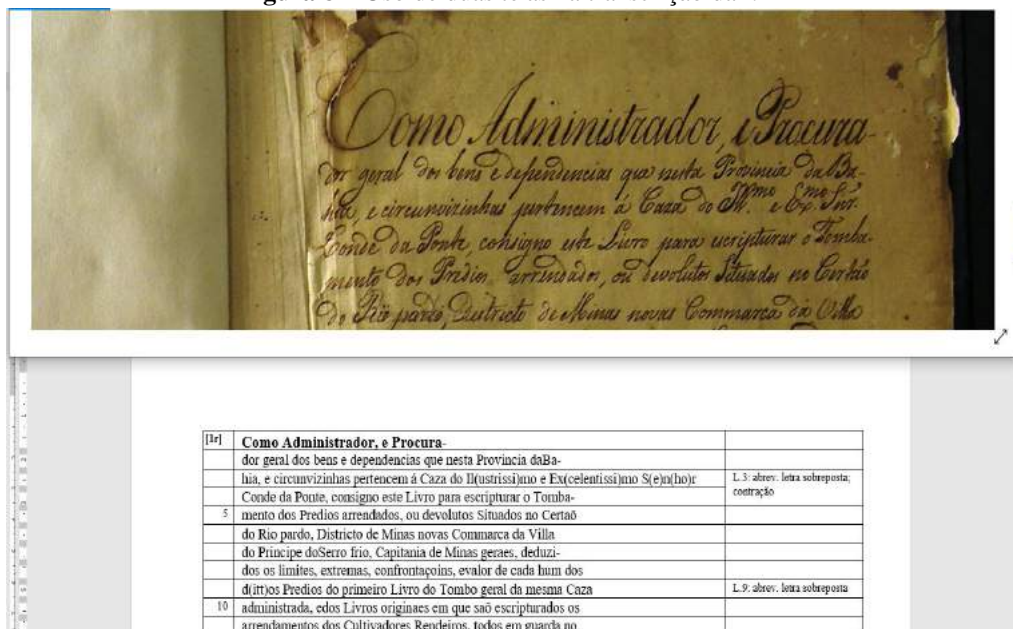
Figura 7 – Aplicação de *Zoom* na f. 28v



Fonte: Dossiê preparado para a elaboração da tese.

A divisão da tela em duas partes permitiu a leitura do fac-símile e a transcrição da folha em um documento do *Word* ao mesmo tempo, como exposto a seguir.

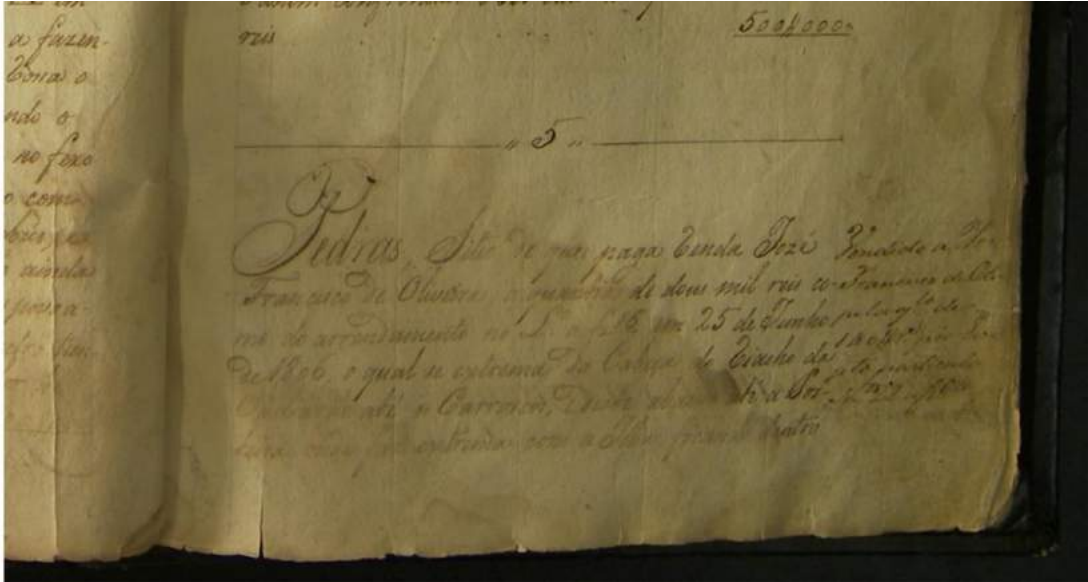
Figura 8 – Uso de duas telas na transcrição da f. 1r



Fonte: Dossiê preparado para a elaboração da tese.

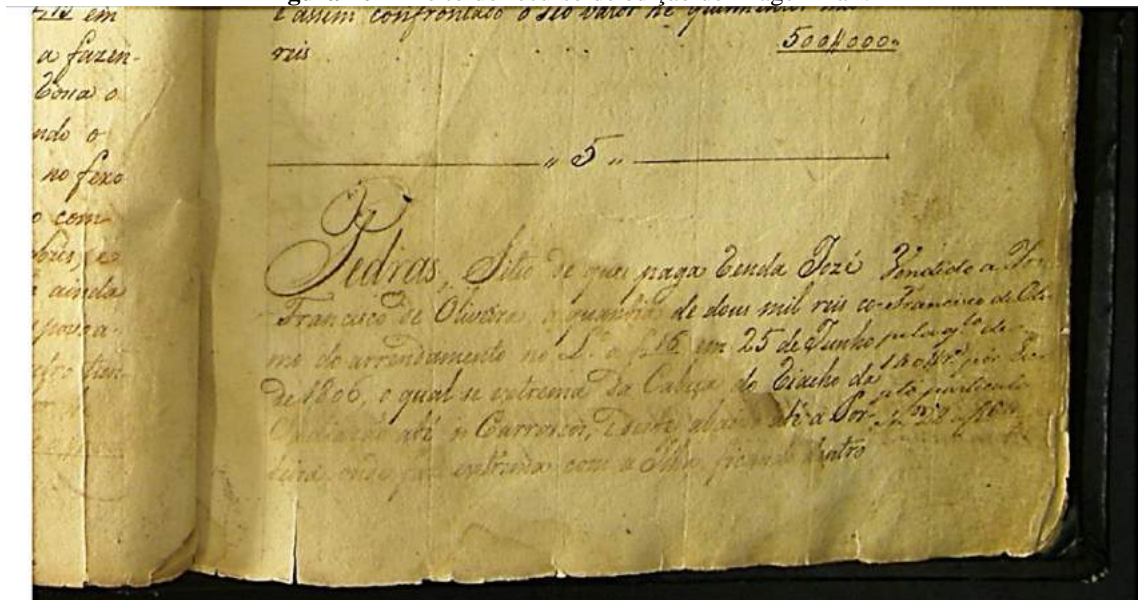
Já os recursos de edição de imagens – brilho, contraste e nitidez – melhoraram a visualização do texto, principalmente nas folhas com manchas e desgaste, como mostrado a seguir.

Figura 9 – Mancha na parte inferior da f. 12r



Fonte: SEABRA, 2008.

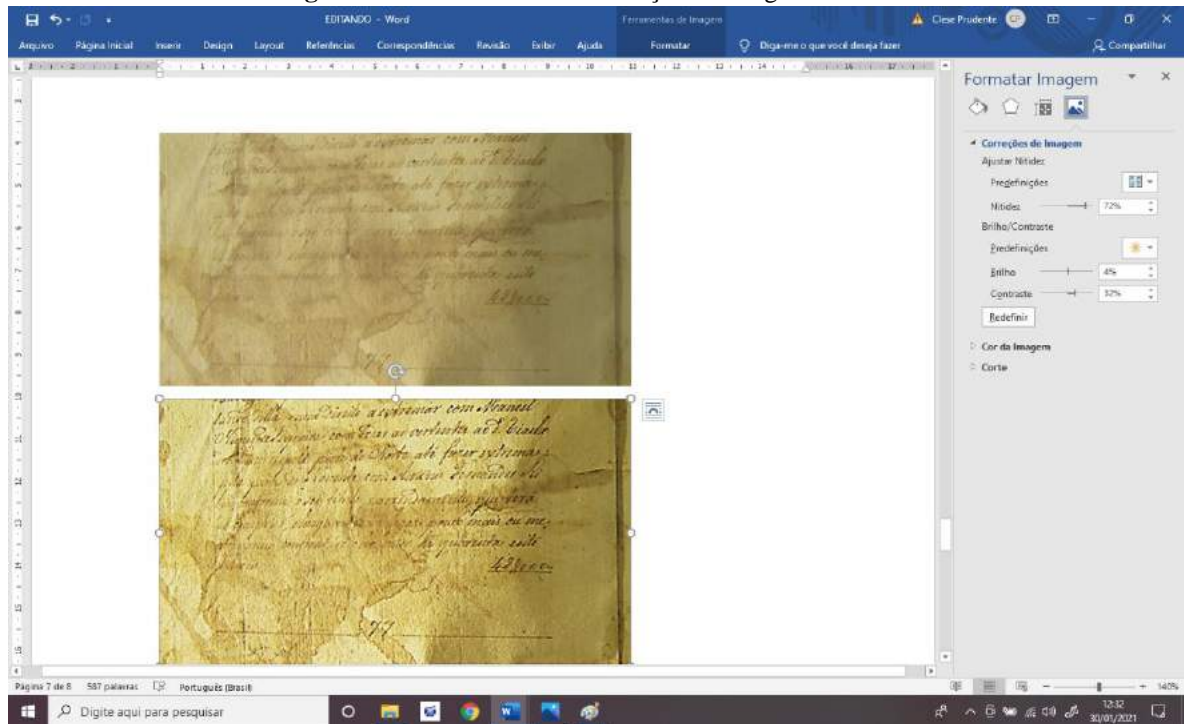
Figura 10 – Efeito do recurso de edição de imagem na f.12r



Fonte: Dossiê preparado para a elaboração da tese.

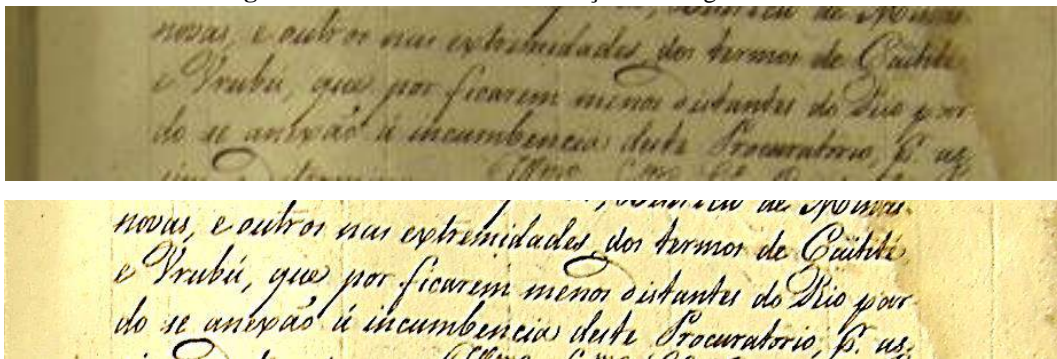
O contraste aumenta a intensidade das cores escuras destacando as mais claras, de modo que elas possam se sobressair, enquanto o brilho torna a imagem mais opaca ou brilhante, o que pode ser comprovado nos exemplos que seguem.

Figura 11 – Uso de recurso de edição de imagem na f. 36v



Fonte: Dossiê preparado para a elaboração da tese.

Figura 12 – Uso de recurso de edição de imagem na f. 11r



Fonte: Dossiê preparado para a elaboração da tese.

A escolha do recurso apropriado para cada situação está diretamente ligada ao tipo de edição que se pretende e às características do texto editado. Nesse sentido, Lose (2006) ressalta que

[...] o trabalho do editor, que muitos afirmam estar ameaçado em função das edições propostas com o uso das novas tecnologias, continua sendo indispensável em função das escolhas que este tem de fazer, e das adaptações dos próprios programas de computador a cada uma das idiossincrasias do texto original (LOSE, 2006, p. 64).

Por fim, é importante destacar que, independentemente do tipo de edição e dos recursos tecnológicos utilizados, ao se editar um texto, os registros de um dado momento da história são fixados em um novo suporte. Seriam informações, narrativas, que poderiam ser gradativamente

perdidas e se tornam disponíveis para diversas áreas de estudo e que ajudam a compreender aspectos sociais, culturais, políticos e históricos de uma sociedade. Entende-se assim que, seja qual for a perspectiva de trabalho filológico, a análise sempre será histórica e sempre terá o texto como objeto empírico. Não o texto como um fim em si mesmo, mas como testemunho, documento e monumento (SANTOS, 2015).

2.3 O caminho da escrita na análise da materialidade do documento

A depender do texto a ser editado, da tradição e da finalidade a que a edição se destina, cabe ao editor conhecer e fazer uso de saberes relacionados à materialidade do texto e à língua na qual foi lavrado, tendo em vista os desafios que podem se apresentar nesses caminhos, especialmente quando a pesquisa tem por base manuscritos antigos que carregam a língua em estados passados. Toledo Neto (2020) destaca, dentre os prováveis desafios, a decifração de caracteres, o entendimento de abreviaturas, a dificuldade tanto com a cursividade da escrita quanto com o léxico do documento. Em sua análise do texto escrito, Toledo Neto (2020) considera que

Em uma perspectiva filológica estrita, o texto pode ser dividido em três diferentes níveis de exame: o nível *material*, o nível *formal* e o nível *substancial*. A *matéria* de um testemunho compõe-se de suas características físicas, tais como o suporte material e as tintas. A *forma* abrange a roupagem paleográfica (forma e realização das letras, diacríticos, pontuação etc.) e gráfica (grafos, alógrafos, diacríticos, pontuação etc.) de um testemunho, assim como as repercussões do nível gráfico na representação fonética e morfológica de variantes históricas e dialetais das palavras. A *substância* reúne os níveis morfossintático, lexical e semântico de um testemunho. O estudo do texto a partir dessa tríplice divisão deve ser feito sempre a partir do pressuposto de que o texto (assim como seus testemunhos) é produto de um ambiente sócio-histórico e cultural determinado (TOLEDO NETO, 2020, p. 192-193, grifos nossos).

Para dar conta dos níveis material e formal, a Filologia Textual aproveita o aporte de uma área de conhecimento de caráter multidisciplinar, considerada fundamental para os estudos que têm por base o texto escrito. Preocupada especialmente com a escrita de textos antigos, ou seja, aqueles que apresentam caracteres gráficos diferentes dos usados na escrita atual (ACIOLI, 1994), a Paleografia, etimologicamente definida pelo grego *palaios* ‘antigo’ e *graphien* ‘escrita’, é caracterizada por Acioli (1994) como

[...] a ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e o lugar em que foi escrito o manuscrito, anota os erros que

possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento (ACIOLI,1994, p. 6).

A natureza do material em que o *Livro de Tombo da Casa da Ponte* foi escrito demarca a ação da Paleografia em sua análise, em relação a outras áreas de estudo que também consideram a escrita como objeto de estudo. Dedicada ao estudo da escrita em material brando, como o papel, cabe à Paleografia determinar o autor, o tempo e o lugar em que o documento foi escrito e assegurar a compreensão dos tipos de letras, sinais e abreviaturas, de diferentes épocas e lugares, garantindo, a historiadores e linguistas, uma fonte de dados confiável para suas pesquisas.

Caracterizado como um documento de caráter jurídico, escrito em letra cursiva do período colonial brasileiro, o manuscrito apresenta local, data e assinatura do autor em três momentos distintos (f. 1r, 8r e 49v) e tem o seu propósito explícito no termo de abertura (f. 1r) (cf. Quadro 1). Destaca-se, no entanto, a necessidade de analisar a possibilidade de outros autores no texto. Em relação à autoria, considera-se o autor, como Spaggiari e Perugi (2004), como o responsável pela composição do texto, em um processo que, no documento estudado, é constituído tanto por uma autoria material, porque escrito do próprio punho, quanto intelectual.

Quadro 1 – Descrição paleográfica do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*

Data	5 de fevereiro de 1819 (f. 1r, 8r, 49v)
Lugar	Bahia (f. 1r, 8r, 49v)
Autor	Pedro Francisco de Castro (f. 1r, 8r, 49v)
Suporte material	Papel
Finalidade	Escriturar o tombamento dos prédios arrendados, ou devolutos, situados no Sertão do Rio Pardo, distrito de Minas Novas, Comarca da Vila do Príncipe do Serro Frio, Capitania de Minas Gerais (f.1r)
Escrita	Cursiva; sem iluminuras; capitulares rebuscadas; títulos e linhas iniciais em destaque

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda na tarefa de conceituação da Paleografia, Petrucci (2003 [2002]), seguindo a linha do estudioso francês Jean Mallon (em 1952), lhe atribui um caráter mais amplo ao considerá-la como

[...] una disciplina que se configure como una auténtica ‘historia de la cultura escrita’ y que por ello se ocupe de la historia de la producción, de las características formales y de los usos sociales de la escritura y de los testimonios escritos em uma sociedade determinada,

independentemente de las técnicas y los materiales utilizados cada vez (PETRUCCI, 2003 [2002], p. 7-8, grifo no original)⁵.

Na perspectiva de uma sócio-história do texto escrito, Petrucci (2003 [2002]) propõe os seguintes questionamentos como uma metodologia de análise:

1. *¿Qué?* En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción.
2. *¿Cuándo?* Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando.
3. *¿Dónde?* Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción.
4. *¿Cómo?* Com qué técnicas, com qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto.
5. *¿Quién lo realizó?* A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era en su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura.
6. *¿Para qué fue escrito ese texto?*Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podía ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir (PETRUCCI, 2003 [2002], p. 8)⁶.

Para responder aos questionamentos de Petrucci (2003 [2002]), Sáez e Castillo (2004) consideram os estudos paleográficos com base em três áreas: a *Paleografía de lectura*, que implica em uma leitura correta do texto para identificar o *que* foi escrito; a *Paleografía de análisis*, que, partindo da datação, localização e compreensão dos tipos gráficos do texto, dá conta de *quando*, *onde* e *como* foi escrito; e a *História social da cultura escrita*, responsável por identificar *quem* escreveu e *por que* foi escrito, ou seja, a difusão social e a função social do texto.

A dimensão prática da Paleografia de análise para a leitura de documentos, apresentada na Seção 4, destaca os aspectos paleográficos do texto e a importância dos elementos constitutivos da escrita: a morfologia, o ângulo, o *ductus*, o módulo, o peso, as ligaduras e os nexos, assim caracterizados por Toledo Neto (2018):

A *morfología*, ou forma, é o aspecto exterior das letras convencionais, desprovidas de toda a individualização, considerados os traços essenciais que permitem conhecer a letra registrada. O *ângulo* decorre

⁵ Tradução nossa: “uma disciplina que se configura como uma autêntica ‘história da cultura escrita’ e que, portanto, trata da história da produção, das características formais e dos usos sociais da escrita e dos testemunhos escritos em uma dada sociedade, independentemente das técnicas e dos materiais utilizados a cada vez”.

⁶ Tradução nossa: “1. *O quê?* Em que consiste o texto escrito, o que precisa ser transferido para o código gráfico usual para nós, através da dupla operação de leitura e transcrição. 2. *Quando?* Período em que o próprio texto foi escrito no depoimento que estamos estudando. 3. *Onde?* Área ou local onde foi realizado o trabalho de transcrição. 4. *Como?* Com que técnicas, com que instrumentos, com que materiais, com que modelos aquele texto foi escrito. 5. *Quem o escreveu?* A que meio sociocultural pertencia o executor e qual era a difusão social da escrita em sua época e meio. 6. *Para que este texto foi escrito?* Qual era o propósito específico daquele testemunho particular e, além disso, qual poderia ser o propósito ideológico e social da escrita em seu tempo e lugar de produção.”

da posição do instrumento de escrita em relação à linha de escrita. O *ductus* é a ordem de sucessão e o sentido de execução dos traços que compõem cada uma das letras. O *módulo* é a dimensão das formas das letras: sua largura e altura. O *peso* indica a natureza grossa ou fina dos traços constitutivos de cada letra; depende do instrumento de escrita e do suporte utilizados. As *ligaduras* são os traços que unem letras próximas, as quais poderiam ser executadas igualmente com o levantamento do instrumento de escrita. Os *nexos* são uniões de duas ou mais letras, que se produzem por sobreposição aparente ou por inclusão de uma ou várias letras em outra (TOLEDO NETO, 2018, p. 299, grifos nossos).

A dimensão histórica e social do texto, por sua vez, é analisada na Seção 5, considerando a perspectiva sociológica da edição e entendendo, como McKenzie (2018 [1985]), que “quaisquer que sejam suas metamorfoses, as diferentes formas físicas de qualquer texto, e as intenções às quais eles servem, são relativas a tempo, lugar e pessoa específicos” (MCKENZIE, 2018 [1985], p.83-84). Nesse sentido, busca-se evidenciar o caráter histórico e humano da produção textual evidenciado na história social do documento, ou, como, conceitua McKenzie (2018 [1985]), na sociologia do texto.

Entende-se assim que a necessidade de caracterizar e descrever o texto, identificar a época e o lugar em que foi escrito, conhecer o seu autor e o seu propósito dentro de um contexto sócio-histórico e cultural são tarefas que levam o pesquisador a trilhar caminhos que exigem uma integração, em caráter complementar, dos estudos paleográficos a outras áreas do conhecimento, em uma visão multidisciplinar.

2.4 O caminho da língua na compreensão da substância do documento

Como exposto anteriormente, a substância de um texto envolve os níveis morfossintático, lexical e semântico da língua (TOLEDO NETO, 2020). Desse modo, entende-se que a prática filológica não pode prescindir dos estudos linguísticos, tendo em vista que, como afirma Telles (2000, p. 95), “a língua é a base do texto, a fala do autor”. Ao analisarem a relação entre mudança linguística e crítica textual, Telles e Carvalho (2005) esclarecem:

[...] na primeira, a da mudança linguística, o texto é o testemunho da língua; na segunda, a da crítica textual, a língua é apenas um dos testemunhos do texto, embora o mais importante deles, pois o texto é estruturado pelas possibilidades de uso da língua (TELLES; CARVALHO, 2005, p. 82).

Ainda sobre a relação entre o labor filológico e os estudos linguísticos, Santos (2013) ressalta:

A atividade de edição de textos, com o fim de desenvolver estudos de língua, possibilita aos estudiosos a construção de um acervo de grande valia para o conhecimento dos fatos de língua neles documentados, como também o contrário se verifica, ou seja, é preciso conhecer o uso linguístico da obra e da época para buscar então estabelecer o texto crítico (SANTOS, 2013, p. 1728).

Entende-se assim, como Telles (2000, p. 95), que “a filologia utiliza a linguística para estudar os textos e a linguística usa os textos para descrever a língua”. Desse modo, com o propósito de facilitar o caminho de acesso ao texto e assegurar a leitura consistente e segura do documento, considera-se como essencial a integração do trabalho filológico aos estudos linguísticos, com ênfase nas áreas voltadas ao léxico, a Lexicologia e a Lexicografia, tendo em vista a perspectiva lexical da pesquisa desenvolvida no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*.

2.4.1. As ciências do léxico: a Lexicologia e a Lexicografia

Para Telles (2012), o léxico representa o primeiro elemento linguístico com o qual o filólogo se depara ao tentar ler e transcrever um texto manuscrito. Tendo em vista que as formas lexicais nele presentes correspondem ao uso linguístico do *scriptor* e do seu tempo, destaca-se a importância de uma edição conservadora no documento e a análise do comportamento do léxico no processo de escritura do texto.

Conhecidas como *ciências do léxico*, a Lexicologia e a Lexicografia constituem o campo da Linguística, que, contendo fundamentos teóricos-metodológicos próprios, têm como finalidade a descrição do léxico sob aspectos diferentes. Representam, como afirma Barbosa (1990, p. 152), “duas atitudes, duas posturas e dois métodos” para lidar com o repertório lexical de uma comunidade linguística ao longo de sua história. À Lexicologia cabe, ainda segundo Barbosa (1990), estudar a estruturação, o funcionamento e a mudança do léxico, inserindo-se em seu campo de trabalho a formulação de teorias para sua descrição e análise, bem como da renovação lexical. Com um amplo campo de atuação, à Lexicologia interessa a etimologia, os processos de formação de palavras além de estudos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, pragmáticos, discursivos e semânticos. A Lexicografia, por sua vez, constitui-se na ciência dos dicionários e encarrega-se “da compilação, classificação, análise e processamento” do léxico (BARBOSA, 1990, p. 154).

Instável e variável como o mundo, o léxico constitui-se em um conjunto aberto e em constante renovação, sendo considerado o nível de realização mais extralinguístico e aberto, em comparação com a sintaxe, a morfologia e a fonologia, que apresentam possibilidades limitadas de modificação. No entanto, embora as mudanças sociais e históricas possam

interferir nos significados das palavras, criar novos itens ou suprimir outros, a constante renovação do léxico ocorre a partir de uma base estável e definida, o que o torna um componente ao mesmo tempo sistemático e aberto. Nesse sentido, Biderman (2001) reconhece que, para as línguas de civilização, o léxico constitui um conjunto de signos herdados e “uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 12).

Essa herança de signos lexicais, no entanto, não serve apenas à função de atribuir nomes e rotular as coisas. Mesmo porque a língua não é um espelho que reflete fielmente o mundo. Ela tem um papel ativo na aquisição do conhecimento, relacionando-se, como sustenta Biderman (2001), com a cognição da realidade e constituindo-se em uma forma de registrar o conhecimento. As palavras correspondem, desse modo, à representação linguística das categorias cognitivas construídas pelo homem e o léxico, o inventário dos itens linguísticos com o qual o homem expressa essas categorias. Uma “memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa” (ANTUNES, 2012, p. 28). Vilela (1994) complementa esse pensamento ao afirmar:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo (VILELA, 1994, p. 6).

Esse caráter móvel e essencialmente dinâmico do léxico é claramente observado no manuscrito oitocentista analisado. Expressões não mais utilizadas atualmente e palavras que permanecem em uso, embora com valores distintos daqueles registrados no documento ou somente em comunidades de fala específicas comprovam o princípio de mobilidade da língua e a dinâmica interna das palavras.

Neologismos, arcaísmos, regionalismos constituem a variada formação do léxico de uma língua por conta de fatores como o tempo, o espaço e o registro. De acordo com Krieger (2006), esses componentes ilustram tanto a heterogeneidade constitutiva do léxico quanto o seu dinamismo. Para dar conta dessa heterogeneidade, as ciências do léxico adotam enfoques teóricos e epistemológicos diversos para lidar com esse componente que ocupa um lugar central nas línguas e representa um ponto de intercessão dos estudos linguísticos, gramaticais e discursivos. Destaca-se aqui, entre os diversos campos de estudo do léxico, a Lexicologia, que,

em uma relação de interdependência, fundamenta o trabalho da Lexicografia na composição dos instrumentos lexicográficos: dicionários, glossários, vocabulários.

Afirmar que o léxico de uma língua é constituído de palavras carece de um entendimento desse conceito, utilizado às vezes como sinônimo de vocábulo para identificar a unidade do sistema léxico de uma língua. Segundo Ullmann (1964 [1962]), a definição de Aristóteles, considerando as *palavras* as menores unidades significativas da fala, foi aceita por linguistas durante muito tempo. Biderman (1999), no entanto, entende que “o conceito de palavra é problema complexo em Linguística, não sendo possível definir a palavra de modo universal” (BIDERMAN, 1999, p. 81). Por isso, acredita no seu uso apenas “como elemento da linguagem comum”, em casos não específicos (BIDERMAN, 1999, p. 89). Em relação a *vocábulo*, Welker (2004) esclarece que alguns autores o conceituam como a palavra que ocorre em textos e, conseqüentemente, identificam vocabulário como o conjunto de vocábulos de um texto (WELKER, 2004).

A depender da perspectiva teórica, as unidades lexicais são identificadas também como lexemas ou lexias. Utilizado por Martinet (1991 [1964]) para diferenciar o monema, unidade significativa mínima elementar, situado no léxico – lexema – do situado na gramática – morfema –, o termo *lexema* refere-se à palavra ou parte da palavra que tem significado próprio, ou seja, a unidade mínima dotada de significado lexical. O termo *lexia*, por sua vez, foi utilizado por Pottier (1978 [1974]) para identificar a unidade lexical memorizada, ou seja, que o falante não constrói no momento da fala, mas acessa do conjunto da sua memória lexical. Classificada em *simples*, que corresponde a uma unidade lexical, *composta*, formada por mais de um item lexical como resultado de uma integração semântica, *complexa*, uma sequência de itens nascida de um hábito comunicativo do falante e em vias de lexicalização, *lexia* é o termo adotado neste trabalho em referência à unidade do léxico.

Como um conjunto de palavras, ou de lexias simples, compostas e complexas, um inventário aberto, multifacetado e em constante renovação que justifica a diversidade de campos gramaticais, linguísticos e discursivos voltados ao seu estudo, Krieger (2006), reconhece no léxico, a despeito de seu caráter heterogêneo, certas regularidades constitutivas que permitem que ele seja repertoriado e organizado em obras lexicográficas.

Nesse sentido, com base nos princípios teóricos e metodológicos que definem o trabalho da Lexicografia como a arte de inventariar, descrever, classificar, ordenar e organizar em verbetes as unidades léxicas de uma língua (ZAVAGLIA, 2012), entende-se a necessidade de conhecimentos teóricos do lexicógrafo em relação ao seu objeto de estudo, assim definidos por Zavaglia (2012):

(i) descrever com coerência e de forma sistemática as relações sintáticas existentes entre as unidades léxicas, (ii) identificar e descrever relações semânticas entre elas e ainda (iii) fazer a descrição contextual e situacional entre os itens lexicais, ou seja, suas relações pragmáticas (ZAVAGLIA, 2012, p. 234).

Identifica-se assim a relação entre o labor lexicográfico e os estudos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, evidenciando o caráter interdisciplinar entre os estudos linguísticos e lexicais.

As primeiras formas de manifestação lexicográfica ocorreram na Grécia Antiga, com a listagem e definição de palavras consideradas de difícil compreensão em obras literárias, organizadas alfabeticamente ao final dos textos. Na Idade Média, foram utilizadas as glosas, anotações interlineares ou na margem de um texto sobre o sentido de palavras antigas ou obscuras, decorrente do distanciamento entre o latim chamado vulgar e a forma clássica. Segundo Biderman (1984), essas atividades lexicográficas eram desenvolvidas por filólogos ou gramáticos, precursores do lexicógrafo moderno, que se preocupavam com a compreensão de textos literários ou com a correção de erros linguísticos. Ao longo do tempo, a prática lexicográfica fez surgir uma diversidade de obras, “denominadas, nem sempre apropriadamente, de glossários e dicionários” (KRIEGER, 2006, p. 141).

O dicionário configura-se como um reservatório de conteúdos culturais de grande importância, tendo em vista que representa “o lugar formal e unitário de registro do componente léxico de um idioma”, exercendo o papel de “código normativo da língua” e de “instância de legitimação do léxico” (KRIEGER, 2006, p. 142). Apresentando uma variedade tipológica considerável (monolíngue, bilíngue, geral, do tipo *thesaurus*, padrão, escolar etc.), cada uma contendo regras próprias de organização, a elaboração de dicionários exige uma competência do lexicógrafo em relação aos fatos linguísticos e à metodologia desse fazer científico.

Um primeiro aspecto a considerar em relação à tipologia do dicionário, diz respeito aos princípios gerais que regem a sua construção: o número de línguas envolvido na elaboração (monolíngue ou plurilíngue); o eixo temporal (sincrônico ou diacrônico); a matéria léxica registrada (exaustiva, representativa ou reduzida); os critérios linguísticos (normativos ou descritivos); o eixo (sintagmático ou paradigmático); e o critério utilizado na ordenação da nomenclatura (semasiológico, partindo do significante, ou onomasiológico, partindo do significado) (ZAVAGLIA, 2012).

A partir das decisões envolvendo os critérios referidos, a metodologia lexicográfica considera algumas questões que dizem respeito à macroestrutura⁷, ou nomenclatura, ou seja, o conjunto das entradas, ou lemas⁸, e à microestrutura do dicionário, o conjunto das informações de cada entrada lexical (WELKER, 2004). Dentre as questões relacionadas à macroestrutura destacam-se: o *arranjo das entradas*, que, por uma questão de praticidade, normalmente segue uma ordem alfabética; a *extensão da nomenclatura*, ou seja, o número de entradas; a *origem da nomenclatura*, isto é, a fonte dos dados e das abonações; e a *seleção dos lemas*, que depende, principalmente, da finalidade, da extensão e do público-alvo do dicionário, mas envolve também outros critérios, como frequência de uso e importância da unidade lexical no conjunto vocabular descrito (ZAVAGLIA, 2004).

Em relação à microestrutura do dicionário, são considerados como eixos básicos a definição da lexia e a ilustração contextual, seja através de abonações ou de exemplos. A organização desses dados pode variar, no entanto, deve manter a coerência interna e a padronização em todos os verbetes, aspectos considerados como imprescindíveis por Zavaglia (2004), para facilitar o uso do instrumento, evitando desvios e complicações.

Reportando-se ao artigo de Franz J. Hausmann e Herbert E. Wiegand (1989), *Component parts and structures of general monolingual dictionaries: a survey* (publicado em 1989), Welker (2004) apresenta uma relação das doze informações mais importantes dos verbetes:

- informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão);
- informação que identifica o lema na diacronia (etimologia);
- marcas de uso;
- informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas);
- informação sintagmática (construção, colocações, exemplos);
- informação paradigmática (sinônimos, antônimos etc.);
- vários tipos de informação semântica (por exemplo, sobre metáforas);
- observações (por exemplo, sobre o uso do lema);
- ilustrações (desenhos, gráficos);
- elementos de ordenamento (por exemplo, diversos símbolos);
- remissões;
- símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições) (WELKER, 2004, p. 108).

Percebe-se que o lexicógrafo tem autonomia para inserir tipos variados de informação em sua microestrutura, desde que organizadas de forma padronizada em todos os verbetes. No

⁷ Welker discorre sobre o sentido da palavra macroestrutura, que também pode ser considerada, em outra acepção, como a forma como o dicionário é organizado (WELKER, 2004, p. 81).

⁸ Segundo Welker, lema constitui-se, normalmente, como a forma básica ou canônica do lexema: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos (WELKER, 2004, p. 91).

entanto, como afirma Welker (2004), algumas são consideradas básicas: a *cabeça do verbete*, contendo as informações que seguem o lema e antecedem a definição, como variantes ortográficas, pronúncia, indicação da classe gramatical, da etimologia e das marcas de uso (neologismos, regionalismos, estrangeirismos, de uso popular, técnico, literário etc.); a *definição*, vista por Biderman (1993) como uma ‘paráfrase da palavra’ e que representa a parte mais importante da microestrutura; e os *exemplos*, que podem ser autênticos, forjados ou adaptados, e abonações, recolhidas de autores ou obras literárias, prioritariamente.

Como visto, o dicionário constitui-se como uma produção textual que possui regras próprias de organização, exigindo do lexicógrafo conhecimentos práticos e teóricos bem abrangentes em relação ao léxico. Somente assim o resultado do labor lexicográfico pode se tornar um instrumento confiável e embasar a construção dos sentidos nas leituras e interpretações filológicas.

Também no domínio da Lexicografia, situam-se os glossários, encontrados geralmente no final de livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelo autor, representando, como já mencionado, as primeiras formas de manifestação lexicográfica. Definido como o léxico agregado a uma obra, ‘um elucidário de palavras e expressões de sentido obscuro ou pouco conhecido em um texto’ (HOUAISS; VILAR; FRANCO, 2001, p. 1458), cabe ao glossário, como instrumento de consulta e compilação lexical, reunir o léxico específico extraído de um *corpus*, com a pretensão de se tornar representativo da situação lexical de um único texto (BARBOSA, 2001 [1996]).

Para Barbosa (2001 [1996], p. 41), “o glossário deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou, noutros termos, extraídas de um único discurso concretamente realizado”. Ainda complementando a caracterização do glossário, Barbosa (2001 [1996]) concorda com Maria de Lourdes Crispim (1990), ao afirmar que um glossário é “dicionário de discurso” e não “dicionário de língua” (BARBOSA, 2001 [1996]), p. 43).

Comparando esses dois tipos de trabalhos lexicográficos, Barbosa (2001 [1996]), considera que as diferenças se apresentam em relação a: nível de atualização da língua, extensão do léxico trabalhado, tipo de unidade, número de acepções fornecidas e perspectivas que envolvem. A título de sistematização, apresenta-se o Quadro 2, destacando apenas as informações que atendem ao propósito aqui definido.

Quadro 2 – Comparação entre dicionário e glossário

	Dicionário	Glossário
Nível de atualização da língua	Nível do sistema	Nível da fala
Abrangência	Reúne o universo dos lexemas, apresentando, para cada um, os vocábulos que representam suas diferentes acepções	Reúne as palavras-ocorrências e as acepções que têm em um texto manifestado
Unidade padrão	Lexema (significado abrangente)	Palavras (significado específico)
Número de acepções	Todas as acepções de um mesmo verbete	Uma única acepção do verbete, em um contexto determinado
Perspectivas	Diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática	Sincrônica, sintópica, sinfásica e sinstrática

Fonte: BARBOSA, 2001 [1996] (adaptação nossa).

Conforme os preceitos teóricos estabelecidos pela Lexicografia, entende-se que a elaboração de um glossário envolve questões importantes relacionadas tanto à macro quanto à microestrutura. Desde a exposição clara de sua finalidade, das fontes utilizadas e das instruções e explicações relativas ao uso, como a estrutura dos verbetes, siglas e abreviaturas utilizadas, quanto à determinação do número de entradas e do conjunto de informações contidas nos verbetes, considera-se, no entanto, como a principal função do glossário atender à demanda de informação referente à descrição dos significados das palavras selecionadas, facilitando o acesso do leitor aos objetos culturais.

Nesse sentido, tendo em vista que, como afirma Ximenes (2013), a relação entre a Filologia e a Lexicografia é estabelecida no ato da interpretação, da compreensão e da crítica de um documento, entende-se que a construção de um instrumento lexicográfico como o glossário pode auxiliar a leitura do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, esclarecendo os usos atestados no *corpus* e facilitando o entendimento do léxico, especialmente das lexias com valor referencial que sofreram mudanças semânticas ou desapareceram ao longo do tempo.

2.4.2 A Onomástica e o processo de nomeação

Em entrevista à professora Berenice Bento, do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, na *Revista Cult* de 2 de outubro de 2021, Ana Paula de Oliveira, do coletivo “Mães de Manguinhos”, fala da luta por justiça para seu filho, Johnatha de Oliveira Lima, 19 anos, morto em 2014 em uma ação da polícia na favela carioca. Segundo Bento (2021), o Estado se esforça em produzir uma narrativa que qualifique as vítimas como “bandidos”, enquanto a luta por justiça das mães busca promover a sua humanização: “[...] quando a mãe diz o nome e sobrenome e a idade do filho – *gestos linguísticos tão simples* –,

produz-se uma fissura na narrativa do Estado” (BENTO, 2021, grifo nosso). Os “gestos linguísticos tão simples” a que a professora se refere como capazes de produzir efeito sobre a humanização da vítima se evidenciam no uso do signo de língua que nomina, identifica e individualiza os seres, o antropônimo Johnatha de Oliveira Lima.

Nessa mesma perspectiva, ao analisar o processo de escolha dos termos de designação como uma arma poderosa da mídia em conflitos internacionais⁹, Rajagopalan (2013), destaca o fenômeno de nomenclatura como um ato eminentemente político: “é no uso político de nomes e de apelidos que consiste o primeiro passo que a mídia dá no sentido de influenciar a opinião pública a favor ou contra personalidades e acontecimentos noticiados” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 82). Em sua visão, o problema maior desse uso de rótulos, por estar camuflado como um simples ato referencial, é que, à medida em que o leitor vai se acostumando ao rótulo, deixa de perceber que a descrição não passa de uma opinião avaliativa e passa a confundir descrição com termo referencial, opinião com fato consumado.

As situações anteriormente apresentadas se inserem na característica funcional do léxico “de nomear os seres, os objetos, as ações e processos que identificam o mundo fenomenológico e aquele percebido pelos homens”, que faz com que Krieger (2006, p. 163) o considere como “marca da nossa condição de seres humanos, de nossa subjetividade e também a condição para o pensar”, tendo em vista que “a palavra comunica, cria, nomeia, refere, designa, delimita, descreve, sugere, denuncia” (KRIEGER, 2010, p. 167).

Tão antigo como a própria existência humana, o ato de dar nomes como processo identificador e individualizador, marcado por julgamento de valores, faz parte da linguagem adâmica, isto é, da forma como Adão foi levado a nominar os animais criados por Deus a partir de suas particularidades. Nesse contexto, Fedatto (2011) reconhece que os nomes conferem existência simbólica às coisas, pois, através deles, passam a existir para o mundo da linguagem. Essa relação extralinguística do léxico com as “coisas” nominadas é considerada também por Isquerdo (2020) ao se referir especificamente aos nomes próprios de pessoas e de lugares:

[...] o repertório lexical da língua, além de armazenar o léxico comum que resulta da nomeação de elementos físicos, humanos e intelectuais cotidianos de uma sociedade que, por sua vez, traduz a forma de percepção e representação da realidade, reúne os nomes próprios de pessoas e de lugares, com toda a carga cultural, ideológica, mitológica e referencial neles impregnada (ISQUERDO, 2020, p.10).

⁹ No texto, Rajagopalan discute os rótulos de “terroristas”, em referência aos fundamentalistas islâmicos, e “Eixo do Mal”, usado para designar os países Irã, Iraque e Coreia do Norte (RAJAGOPALAN, 2013).

Os estudos linguísticos envolvendo o léxico e os nomes situam-se no campo da Lexicologia, em uma área específica dedicada ao processo de nominar, a Onomástica, definida por Dick (2008) como a “ciência maior da investigação etimológica, semântica e funcional dos nomes próprios, em seus dois ramos básicos” (DICK, 2008, p. 215): a Antroponomástica, estudo científico das lexias que individualizam as pessoas – os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos; e a Toponomástica¹⁰, que estuda os nomes de lugares. Diferentemente dos demais signos de língua, os signos onomásticos são frutos de uma escolha por parte do nominador, com base em seus valores e sua visão de mundo, fatores estes que são histórica e socialmente determinados.

Essa relação dos signos onomásticos com o contexto sociocultural é entendida por Dick (1998) ao afirmar que “para se tornar nome, a palavra passa por um experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciador/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais” (DICK, 1998, p. 101), e levou o pesquisador Willy Van Langendonck (2007) a propor uma nova área de estudos lexicológicos, a Sócio-Onomástica, considerando que “proper names are socially anchored linguistic signs and as such part and parcel of the linguistic inventory of a society”¹¹. Apoiado nos pressupostos da Sociolinguística, Langendonck (2007), no seu trabalho *Teory and Typology of Proper Names* (2007), baseia-se nos estudos de William Labov para afirmar que os nomes próprios são modificados com base em fatores sociais, do mesmo modo que a língua varia conforme a localidade estudada.

Concordando com essa perspectiva social da Onomástica, entende-se que, ao relacionar aspectos importantes dos valores e da visão de mundo do nominador, uma pesquisa onomástica configura-se como um trabalho fundamentalmente interdisciplinar. A depender da perspectiva adotada, a análise pode envolver tanto diferentes campos da Linguística (etimologia, morfologia, semântica, sintaxe, dentre outros) quanto de outras áreas, especialmente aquelas relacionadas às ciências humanas e à cultura (História, Geografia, Antropologia, Sociologia, Filologia etc.), tendo em vista que os nomes

[...] ultrapassam, em muito, a conceituação teórica que lhes é atribuída, tornando-se, nas Ciências Humanas, fontes de conhecimento tão excelentes quanto as melhores evidências documentais. São, por assim dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e

¹⁰ Faz-se aqui, como Coseriu (1999, p. 15), a distinção entre os termos *Antroponímia* e *Toponímia*, utilizados em referência ao conjunto de nomes de pessoas e topônimos de uma região, e *Antroponomástica* e *Toponomástica*, para as ciências que os estudam.

¹¹ Tradução livre: “nomes próprios são signos linguísticos ancorados socialmente e, como tal, são parte e parcela do inventário linguístico de uma comunidade” (LANGEDONCK, 2007, p. 306).

posturas sociais que, em certas circunstâncias, a não ser através deles, escaparia às gerações futuras (DICK, 1992, p. 178).

Desse modo, considerando a natureza humanística e interdisciplinar que caracteriza o processo de nominação, entende-se, como Fonseca (2018), que, como “realidades idealizadas por uma atividade mental dos homens”, os nomes “se referem a realidades extralinguísticas, isto é, a seus referentes, que são entidades da natureza e da cultura” (FONSECA, 2018, p. 10). E quando a nominação recai sobre objetos da realidade física, como acontece com os nomes próprios, essa relação entre o nome e a entidade referida pode atingir um grau máximo de identidade, praticamente identificando o nome com seu referente. Assim, embora se configurem como signos de língua, pertencentes a um determinado sistema linguístico, e, como tal, sujeitos às regras desse sistema, ao se relacionarem à exterioridade da língua, os nomes próprios apresentam características que os distinguem dos demais signos linguísticos, como esclarece Dick (2008):

[...] os nomes próprios compartilham das modificações estruturais dos demais lexemas e comportam a mesma categorização dos fenômenos comuns ao sistema lexical. Mas porque se referem a experiências de outros domínios, como suportes de um organismo organizado, sujeitam-se a reformulações conceituais, não apenas intra-código como extra-código (DICK, 2008, p. 216).

Nesse sentido, identifica-se como uma dessas características marcantes dos nomes próprios a relação que estabelecem com as entidades nominadas. Originalmente nomes comuns, ao se deslocarem da base linguística para a base onomástica, que é também histórica, geográfica, antropológica, social, e assumirem um caráter denominativo, conectam-se à realidade representada e o seu processo de identificação deixa de ser mediado pelo sentido e passa a ser remetido diretamente para o referente, ganhando forma, “por necessário, o problema da representação externa ou do referente e o modo pelo qual os nomes se atrelam às entidades representadas” (DICK, 1998, p. 101).

Para Seabra (2006, p. 1953), enquanto “no universo da língua, o nome, o referente e o sentido encontram-se associados na forma e no conteúdo”, na Onomástica essa associação pode não passar pelo sentido, estabelecendo uma relação direta entre o nome e o referente. Para ilustrar, Seabra (2006) considera a relação triádica sugerida pelo triângulo de Ogden e Richards¹² (1923) (cf. Fig. 13), em que a linha pontilhada que liga o nome ao referente expressa

¹² Destaca-se que a terminologia utilizada por Ogden e Richards (1923) tem sido substituída pelos estudiosos da semiologia, como aconteceu nas figuras apresentadas, que utiliza ‘sentido’ no lugar de ‘pensamento ou referência’ e ‘nome’ no lugar de ‘símbolo’.

a relação indireta entre esses elementos, a qual precisa ser mediada pelo sentido, ou seja, a identificação do referente passa pelo sentido do nome. Reportando-se a Liberato (1997), Seabra (2006) esclarece que, na Onomástica, a relação entre o nome próprio e o referente é direta, sem necessidade de passar pelo sentido, como ilustra a Figura 14.

Figura 13 – Relação triádica no sentido dos nomes

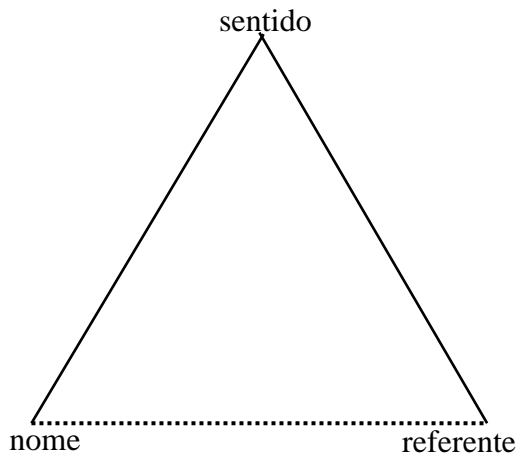
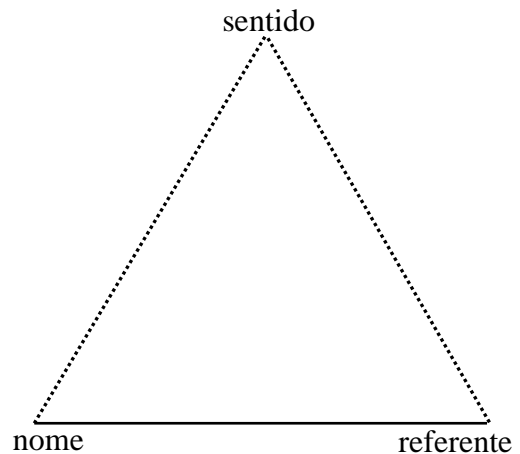


Figura 14 – Referência na Onomástica



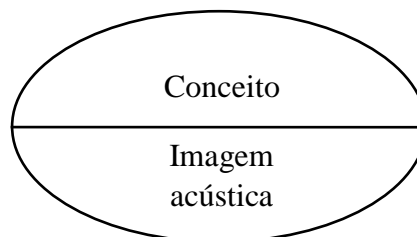
Fonte: SEABRA, 2006, p. 1955.

Outro traço diferenciador dos signos onomásticos diz respeito ao fato de estes serem, conforme Dick (1990), duplamente motivados: a *motivação do nominador*, e os fatores que o levaram, dentro de um processo paradigmático de possibilidades, a selecionar um deles, normalmente levando em conta características típicas do referente; e a *motivação lexical*, revelada pelos componentes linguísticos da lexia selecionada. Desse modo, ainda que em termos de língua o signo selecionado seja considerado um designativo vocabular comum, a funcionalidade do seu emprego como designativo transforma-o, no ato da nomação, em essencialmente motivado. Essa motivação está subordinada à forma de percepção da realidade, aos fatos significativos para a comunidade e “até ao momento psicológico do enunciador/denominador” (CARVALHINHOS, 2011, p. 305).

Entende-se assim que o ato intelectual de nominar, onomasticamente, difere do processo de criação da palavra, o que faz com que o nome próprio seja considerado por alguns estudiosos como um caso à parte do signo linguístico, como se não fizessem parte da língua. Por conta disso, considerar o signo onomástico a partir de uma relação triádica e como duplamente motivado pressupõe envolver-se, como aponta Henriques (2021), no debate em torno dos aspectos problemáticos dos estudos da linguagem que estão envolvidos em sua constituição: o arbitrário e a referência.

Definindo a língua como um sistema estruturado de signos existentes independentemente dos falantes e do contexto social, Saussure¹³ percebia a organização e a formação desse sistema a partir do encontro entre significante (a imagem acústica) e significado (o conceito), entidades psíquicas indissociáveis que constituem o signo linguístico: “O signo linguístico é pois uma entidade psíquica com duas faces” SAUSSURE, 2006 [1916], p. 80), representadas na Figura 15, que “só existe pela associação do significante e do significado” SAUSSURE, 2006 [1916], p. 119). Como entidades mentais independentes de qualquer objeto externo, o modelo dicotômico do signo linguístico proposto por Saussure, em contraponto à matriz triádica do triângulo semiótico, ainda não leva em conta o objeto de referência da significação (BIDERMAN, 1998, p. 117).

Figura 15 – Estrutura do signo linguístico



Fonte: SAUSSURE, 2006 [1916], p. 80.

Ao estabelecer a arbitrariedade como a causa motivadora da origem dos signos, e conseqüentemente, do sistema linguístico, Saussure considerava a inexistência de uma relação preestabelecida entre o conceito e a imagem acústica, ou seja, entre o significado e o significante. Associado semanticamente à ideia de livre escolha, o termo *arbitrário* permite a suposição de que o significado depende da escolha de quem fala. Por conta disso, Saussure, por não entender arbitrário no sentido de “livre”, propôs o sinônimo *imotivado*:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 2006 [1916], p.83, grifo no original).

¹³ Os estudos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure foram publicados por seus discípulos em 1916, três anos após sua morte, na obra *Curso de Linguística Geral*, que consolidou a Linguística como ciência.

A ausência de motivação do signo linguístico explica, assim, o fato de que cada língua utiliza significantes diferentes para um mesmo conceito (*livro, book, livre, Buch, liber*). Desse modo, pode-se entender o signo linguístico, sob a perspectiva saussuriana, como uma convenção social reconhecida pelos falantes de uma língua. Estudiosos da semântica, por sua vez, analisam a questão da motivação no processo de nomeação dos elementos da realidade seguindo um pensamento diverso de Saussure.

Nesse contexto, destaca-se o trabalho relevante para os estudos da ciência da significação do semanticista Stephan Ullmann (1964 [1962]) que, desconsiderando a importância de discutir o fato de a língua ser convencional ou motivada, afirma: “todos os idiomas contêm certas palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes” (ULMANN, 1964 [1962], p. 169), e complementa identificando três tipos de motivação no processo de criação das palavras: a *motivação fonética*, muito explorada nas onomatopeias e nas rimas e aliterações dos textos poéticos para obter efeitos de sentido; a *motivação morfológica*, observada principalmente na criação de palavras compostas e derivadas; e a *motivação semântica*, que pode se realizar por meio de efeitos metafóricos e metonímicos.

Para o linguista italiano Mario Alinei (1984), o signo linguístico é motivado no momento de sua gênese, porque, ao atribuir um nome a um referente, o nominador normalmente utiliza elementos que já existem no sistema da língua. Para Alinei (1984), o que explica o fato de essa motivação não estar evidente em alguns casos decorre de que, após a criação, os novos itens lexicais se tornam gradativamente funcionais e acabam perdendo a motivação inicial. Alinei (1984) destaca então a existência de uma dupla estrutura do significado: a genética e a funcional.

Assim como Ullman (1964 [1962]), Alinei (1984) também considera a distinção entre palavras opacas e palavras transparentes, para quem transparentes são as palavras cuja motivação é ainda de todo evidente ao passo que as opacas só podem ter a sua etimologia reconstruída por especialistas, a partir de análise e consulta a dicionários etimológicos (ALINEI, 1984). A opacidade das palavras, desse modo, pode resultar do obscurecimento da motivação etimológica, como esclarece Biderman (1998), comentando o pensamento de Alinei: “a elucidação da motivação semântica original dos nomes levaria à descoberta da etimologia da palavra e da história de sua evolução semântica” (BIDERMAN, 1998, p. 110).

Reconhecendo que os nomes próprios desempenham um papel importante nas relações humanas, Ullman (1964 [1962]) complementa que o seu estudo pode esclarecer muitos aspectos da história política, econômica e social. Nessa mesma perspectiva, Seabra (2006) reconhece os

signos onomásticos como fontes de estudo da língua e sua relação com o patrimônio cultural de um povo, tendo em vista que eles são constituídos de elementos linguísticos capazes de preservar fatos culturais de uma área geográfica:

Os instrumentos onomásticos [...] são meios importantes de investigação linguística, indo além da função referencial. Podemos dizer que o uso da língua ultrapassa a mera função nomenclatória; ela reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores (SEABRA, 2006, p. 1957).

Mais especificamente em relação à toponímia, sabe-se que o ato de dar nomes aos lugares, por estar ligado a aspectos motivacionais importantes dos valores sociais, políticos, culturais da comunidade, estabelece uma forte relação entre o nome e o referente, ou seja, entre o designativo escolhido e o local nominado. Entende-se assim que, diferente da ausência de relação preexistente entre o significado e o significante no signo linguístico, como considerado por Saussure no *Curso de Linguística Geral*, o signo toponímico tem como uma das suas características mais marcantes a motivação semântica, ou seja, o fato de o lugar não receber um nome de modo aleatório, acidental, mas sim marcado por pretensões ideológicas ou políticas, por traços culturais ou físicos que atuam como elementos fundamentais para a relação quase metonímica entre um lugar, representação do todo, e o seu nome, a representação da parte.

2.4.2.1 A toponímia e o caminho de acesso ao Sertão do Rio Pardo

Derivada das palavras gregas τόπος, "lugar", e ὄνομα, "nome", significando, portanto, "nome de lugar", a Toponomástica, como parte da Onomástica, tem como objeto de estudo o topônimo e se constitui como o estudo científico voltado à análise de aspectos etimológicos, morfológicos, semânticos e motivacionais dos nomes de lugares, ou designativos geográficos, de acidentes físicos (rios, riachos, serras, morros, baías, ilhas etc.) e humanos (cidades, aldeias, vilas, povoados etc.).

Embora o ato de dar nomes aos lugares faça parte da história do homem desde os mais remotos tempos, os estudos toponímicos sistematizados iniciam-se no século XIX com os trabalhos do geógrafo e historiador francês Auguste Longnon na *École pratique des hautes études* e no *Collège de France*. A obra *Les noms de lieu de la France*, publicada postumamente, em 1920, com o resultado de suas pesquisas no campo da geografia histórica, é considerada referência para os estudos dos nomes de lugares. Retomando as pesquisas onomásticas de Longnon, o linguista francês Albert Dauzat (1928), adepto da geografia linguística, publicou,

em 1928, *Les nomes de lieux*, obra que impulsionou os estudos toponímicos na França e que serve de base para os trabalhos toponímicos em todo o mundo.

No Brasil, os estudos toponímicos, como algo mais que uma lista de nomes indígenas com possibilidade de significados etimológicos, começaram a trilhar os caminhos que hoje se materializam em pesquisas científicas em desenvolvimento por todo o país a partir da Tese de Doutorado da Profa. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, defendida em 1980. Além de apresentar fundamentos teóricos e metodológicos, a pesquisa adaptou os estudos de Dauzat (1928) à realidade brasileira, criando uma categorização taxionômica que reflete o modo como o homem brasileiro nominou os seus acidentes, e tornou a motivação toponímica um aspecto fundamental para a compreensão de como a natureza do nome e a realidade geográfica e sócio-histórica se relacionam.

Como um signo onomástico, o topônimo traz em si as particularidades, já comentadas, que envolvem esses elementos linguísticos e que os distinguem dos demais signos linguísticos: além da dupla motivação, uma forte relação com o lugar nominado. Em relação à dupla motivação do nome de lugar, Dick (1990) esclarece que ela se expressa:

Primeiro, na *intencionalidade*, que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levem a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado *nome* para este ou aquele acidente geográfico; e a seguir, na própria *origem semântica* da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1990, p. 39, grifo no original).

Dick (1992) afirma ainda que, ao lado da função identificadora, os signos toponímicos guardam em sua estrutura imanente uma significação precisa, mesmo que, por conta do distanciamento de suas condicionantes tempo-espaciais, ela se torne opaca. Isso ocorre porque, além de testemunhar a história de uma cultura, a toponímia muitas vezes sobrevive a ela. Então, é possível que signos linguísticos semanticamente motivados, quando escolhidos como designativos de um lugar, percam, com o tempo, essa motivação e se tornem termos opacos, sem relação com o espaço agora designado.

Isso pode acontecer, por exemplo, quando um local recebe o nome de uma espécie vegetal muito comum na região e que, pela ação de processos de exploração descontrolada, entra em extinção, deixando de ser reconhecida pela população local e perdendo o seu sentido original. Reportando-se a Alinei (1994), Isquerdo (2012) reconhece aqui um caso de opacidade cultural, que, diferente da opacidade motivacional, “se manifesta quando há a impossibilidade de se descobrir exatamente em qual contexto cultural nasceram determinadas lexicalizações”

(ISQUERDO, 2012, p. 87). Acredita-se então, como Claval (2014, p. 210), que essa é também uma função da toponímia linguística: reencontrar esse sentido original.

A capacidade dos signos toponímicos de se cristalizarem, guardando resquícios de antigos estágios nominativos, levou o geógrafo francês Jean Brunhes (1962 [1925])¹⁴ a criar o conceito de *fóssil linguístico*. Essa característica dos topônimos permite que, ainda que marcados pela opacidade cultural, sejam transmitidos a gerações posteriores, às vezes, sem sofrer alterações morfológicas, o que os tornam testemunhos da história e da língua, vinculados a camadas étnicas formadoras da população, e identificados por Dick (1999) como “enunciados arcaizantes”:

Estes marcadores, por evoluírem de modo mais lento que as normas e posturas sociais, são definidos como *enunciados arcaizantes* das linguagens, capazes de recuperar os momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem na formação do grupo (DICK, 1999, p. 122, grifo no original).

Lembrando que, como afirma Alinei (1984), todo signo é motivado no momento de sua criação, cabe à pesquisa toponímica buscar identificar, além dos aspectos linguísticos referentes à etimologia e à morfologia, as circunstâncias extralinguísticas que influenciaram o nominador no ato de nomeação e que se constituem em causas nominativas que o motivaram em um determinado momento de sua história.

Entende-se assim que toda pesquisa toponímica pressupõe uma abordagem diacrônica, considerando a necessidade de informações sobre a etimologia da palavra para desenvolver a análise dos dados. Nessa perspectiva, Isquierdo (2012) defende a importância da dimensão filológica dos estudos toponímicos, tendo em vista que “toda análise toponímica, incluindo a motivacional, toma como ponto de partida o significado da unidade lexical que deu origem ao topônimo na língua comum e a sua respectiva origem linguística” (ISQUERDO, 2012, p. 93).

Para a análise motivacional, Isquierdo (2012) identifica, dentre as circunstâncias linguísticas que influenciam o nominador, fatores de natureza psíquica, manifestações de características étnicas locais expressas no léxico regional, além dos recursos naturais do meio ambiente, ou seja, aspectos relacionados ao mundo real que, além de atuarem na função

¹⁴ Para Brunhes, o topônimo se constitui em um fóssil da geografia humana, tendo em vista que, mesmo podendo, com o tempo, sofrer um esvaziamento semântico, os fatores motivacionais desaparecidos podem nele permanecer cristalizados e intactos (BRUNHES, 1962 [1925]).

toponímica de identificação do lugar, fazem com que o topônimo assuma também a função de significar. Para Isquierdo (2012), essa relação do topônimo com a realidade pode ser verificada

[...] à medida que, no processo de nomeação de um lugar, concorrem vários fatores: o denominador (falante), motivado ora por condicionamentos ambientais (social e físico), ora por razões de cunho emotivo, vale-se de unidades léxicas disponíveis no idioma (palavras) que, na língua comum, nomeiam elementos da realidade (mundo real) já categorizados segundo paradigmas da cultura e com conceitos cristalizados (pessoa, planta, animal, solo, santo, sentimentos, mitos etc.), para nomear um acidente físico ou humano (ISQUERDO, 2012, p. 87).

O ato de “batizar” um espaço pressupõe, assim, uma escolha de um determinado nome com o objetivo não apenas de identificação do lugar, mas também de indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais. Além de influências etimológicas, semânticas e linguísticas, a ação de designar localidades recebe então influências externas, originárias de condições geográficas, históricas, políticas, religiosas, culturais, sociais que estabelecem um vínculo entre o termo escolhido e o lugar nominado.

A religiosidade e a reverência aos santos de devoção (Sítio *Santo Antonio*, Sítio *Santa Anna*, Sítio *Santa Cruz*), os recursos naturais do meio ambiente (Sítio *Gameleira*, Sítio *Barreiro*, Sítio *Cachoeira*, Sítio *Montes altos*) e os aspectos culturais da região (Sítio *Trombeteiro*, Sítio *Vaqueijador*) representam, no processo nominativo do documento analisado, as preferências predominantes dos nominadores, que tanto identificam quanto fornecem significado ao espaço nominado.

A escolha como motivação toponímica de características étnicas locais expressas no léxico regional pode também estabelecer uma relação proveitosa entre a Onomástica e áreas dos estudos linguísticos que se ocupam dos processos de variação da língua, especialmente a variação diatópica ou geográfica. Ao denotar fatores como migração de povos, línguas em contato etc.¹⁵, os signos toponímicos podem se tornar elementos linguísticos apropriados para a delimitação de áreas dialetais.

Essa constatação pode ser verificada ao se analisarem variantes lexicais¹⁶, presentes no documento analisado, na posição de elemento genérico do sintagma toponímico, como

¹⁵ Tomando por base um levantamento lexical realizado predominantemente na zona rural da região da bacia do Rio Pardo, Souza (2014) analisa esse espaço como parte de uma área cultural comum aos Estados da Bahia e Minas Gerais, e reconhece características linguísticas comuns entre os dois Estados, justificadas tanto pelo ambiente geofísico da região quanto pelos processos de povoamento e colonização. Tais características ambientais e culturais se expressam, segundo Souza (2014), no compartilhamento de um léxico marcado por expressões regionais comuns, que também são identificadas nos signos toponímicos do documento analisado.

¹⁶ Entende-se variantes lexicais como Carvalhinhos (2008, p. 178): “as diversas resultantes de escolhas, por parte do denominador, no eixo paradigmático da linguagem”.

‘riachinho’/‘corgo’ e ‘morrinho’/‘morrote’ nos campos de significação da hidronímia e da oronímia, respectivamente; e em ‘sítio’/‘fazenda’/‘estância’ em referência à terra como propriedade, relação considerada por Dick como hiperonímica, ao analisar o sentido da lexia ‘bairro’ como elemento genérico na nomenclatura urbana de São Paulo: “É provável que a lexia [bairro] possa funcionar, no plano da língua, como um hiperônimo de outras unidades semelhantes, ou seja, de parque, jardim, granja, chácara, condomínio, conjunto residencial, para transmitir a noção de aglomerado” (DICK, 1999, p. 133).

Embora a maioria dos estudos toponímicos não centralize o elemento genérico, este é parte constituinte do sintagma toponímico, que, em termos de estrutura, é constituído de dois formantes: o genérico (elemento determinado) e o específico (elemento determinante). O termo ou elemento genérico identifica o acidente físico ou humano que recebe a denominação e o termo ou elemento específico refere-se ao topônimo propriamente dito. Unidos em uma relação de simbiose, binômica, constituem o sintagma toponímico, de forma justaposta ou aglutinada, conforme a natureza da língua que os inscreve (DICK, 1992, p. 10),

Em relação à composição morfológica do topônimo propriamente dito, ou seja, do termo ou elemento específico do sintagma, Dick (1992) o considera como *elemento específico simples*, quando se constitui de apenas um formante, substantivo ou adjetivo, preferencialmente, ainda que resultem de formas derivadas por sufixação ou por composição; *elemento específico composto*, quando apresenta mais de um elemento formador; e *elemento específico híbrido*, quando é constituído de elementos linguísticos de diferentes procedências linguísticas.

Reconhece-se assim que a estrutura do sintagma toponímico pressupõe uma composição com base tanto em lexias simples (Sítio *Piranhas*) quanto compostas (Fazenda *Santo Antonio do Carrapato*), estas identificadas por Elisabete Aparecida Marques, em *Fraseotopônimos: estabelecendo diálogos entre a fraseologia e a toponímia* (artigo publicado em 2017), como *fraseotopônimos*, unidades toponímicas grafadas como uma sequência de duas ou mais unidades lexicais que correspondem a um único referente: o acidente geográfico físico ou humano que nominam, e que se caracterizam como sequências polilexicais cristalizadas e indissociáveis (SILVA; ISQUERDO, 2020).

Buscando atender às exigências das pesquisas e minimizar as impressões pessoais do pesquisador, Dick (1992) propôs um sistema classificatório, amplamente utilizado por quem estuda a motivação toponímica brasileira, que tem por base os elementos formadores dos topônimos e permite uma aferição objetiva de suas causas motivadoras. Na visão da pesquisadora, o modelo taxionômico evita consultas recorrentes a fontes históricas orais ou

documentais para a verificação do significado do topônimo, tendo em vista que este seria fornecido pela interpretação linguística de seus elementos. “Tentou-se, tanto quanto possível, nessa análise, evitar as necessidades de um constante recuo ao passado histórico, para se atingir o alcance do significado do topônimo” (DICK, 1992, p. 26). Ela esclarece:

O que se quer insistir e deixar claro, porém, é que a “intenção” do nomeador, quando dela não se tiver certeza plena, conduz apenas a suposições, na tentativa de justificar o aparecimento do topônimo na área, as quais, na realidade, conseguirão tão somente aflorar a superfície dos fatos. Uma vez instalado o processo de dúvida no receptor, pela duplicidade dos argumentos sugeridos, a credibilidade de qualquer uma das hipóteses torna-se problemática, em nada concorrendo para a elucidação do que se pretendeu demonstrar (DICK, 1990, p. 53).

Composto por vinte e sete taxes que refletem a diversidade da realidade brasileira, o modelo taxionômico adota um prefixo nuclear greco-latino relativo a um dos campos de ordenamento (físico ou humano), seguido do termo ‘topônimo’. O sistema oferece a possibilidade de classificação dos signos conforme uma variedade de significação, na medida em que eles podem ser analisados com base em suas origens externas (físicas), ou subjetivas (antropoculturais), a partir da realidade observável. Desse modo, o sistema classificatório de Dick (1992) estabelece duas ordens de consequência:

De natureza sociológica ou antropocultural, relacionadas a aspectos sociais, históricos e culturais:

- a) Animotopônimos: relativos à vida psíquica, à cultura espiritual;
- b) Antropotopônimos: relativos aos nomes próprios individuais;
- c) Axiotopônimos: relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais;
- d) Corotopônimos: relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes;
- e) Cronotopônimos: relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a);
- f) Dirrematotopônimos: constituídos de frases ou enunciados linguísticos;
- g) Ecotopônimos: relativos às habitações em geral;
- h) Ergotopônimos: relativos aos elementos da cultura material;
- i) Etnotopônimos: relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas);
- j) Hierotopônimos: relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Podem ser subdivididos em

hagiotopônimos: nomes de santos, ou santas, do hagiológico católico romano; e mitotopônimos: relativos a entidades mitológicas;

k) Numerotopônimos: relativos aos adjetivos numerais;

l) Historiotopônimos: relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas;

m) Hodotopônimos: relativos às vias de comunicação urbana ou rural;

n) Poliotopônimos: relativos a aglomerados populacionais, constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial;

o) Sociotopônimos: relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade;

p) Somatotopônimos: empregados em relação metafórica à parte do corpo humano ou do animal.

De natureza física ou natural, relacionadas ao ambiente físico:

a) Astrotopônimos: relativos aos corpos celestes em geral;

b) Cardinotopônimos: relativos às posições geográficas;

c) Cromotopônimos: relativos à escala cromática;

d) Dimensiotopônimos: relativos às dimensões dos acidentes geográficos;

e) Fitotopônimos: relativos aos vegetais;

f) Geomorfotopônimos: relativos às formas topográficas: elevações, depressões do terreno, formações litorâneas;

g) Hidrotopônimos: relativos a acidentes hidrográficos em geral;

h) Litotopônimos: relativos aos minerais e à constituição do solo;

i) Meteorotopônimos: relativos a fenômenos atmosféricos;

j) Morfotopônimos: relativos às formas geométricas;

k) Zootopônimos: relativos aos animais.

Estudos posteriores enriqueceram o trabalho desenvolvido por Dick (1992), promovendo acréscimos significativos à sua taxionomia. A categoria *animotopônimos* foi subdividida por Isquerdo (1996, p. 117) em *eufóricos*, que denotam uma impressão agradável e otimista frente à realidade, e *disfóricos*, que expressam uma visão desagradável ou de temeridade por parte do nominador.

Lima (1998), por sua vez, subdividiu a categoria *hagiotopônimos* em *autênticos*, quando se referem a um santo de devoção, apoiado em uma atitude de reverência a um padroeiro, e *aparentes*, quando se identifica neles uma inspiração política com o propósito de homenagear uma pessoa ou personagem influente relacionada ao nominador.

Mantendo a indicação de recorrer a raízes gregas, a equipe do Atlas Toponímico do Estado do Paraná (ATEPAR) propôs novas classificações para alguns designativos não contemplados na taxionomia de Dick (1992): *acronimotopônimos* (nomes formados a partir de um processo de siglagem); *necrotopônimos* (referentes ao campo semântico da morte ou de atos fúnebres); *grafematopônimos* (representados por letras); *estematotopônimos* (nomes que evocam impressões sensoriais, relacionados aos cinco sentidos); *higietopônimos* (referentes a limpeza, saúde e bem estar físico) (AGUILERA, 1999, p. 134).

Novos acréscimos também foram apresentados por Carvalho (2010), que propõe os *igneotopônimos*, referentes ao fogo e a todos os produtos resultantes de sua ação direta, e por Carvalho (2014), que, ao considerar os hagiotoopônimos relativos aos nomes de santas, defende uma nova categoria: os *mariotopônimos*, referentes à devoção mariana, muito expressiva na toponímia mineira.

Tendo em vista que a ampliação do sistema classificatório já era prevista por Dick (1992, p. 29) “à medida que se vai penetrando nos segredos das designações”, considera-se que o modelo taxionômico por ela projetado, e seguido por grande parte dos pesquisadores brasileiros, constitui-se, assim como o léxico, como um conjunto aberto que pode ser ampliado de acordo com a necessidade da pesquisa e o contexto onde se insere o topônimo a ser pesquisado.

Por fim, a partir dos caminhos teóricos aqui apresentados, entende-se que, mais do que seguir um modelo, o que determina o percurso a ser seguido pela pesquisa é o *corpus* de trabalho. Desse modo, estabelece-se como etapas necessárias à pesquisa toponímica desenvolvida a partir do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, um manuscrito oitocentista recuperado filologicamente:

- a. levantamento e delimitação do *corpus* de estudo;
- b. preservação das formas gráficas e das variantes encontradas;
- c. identificação do tipo de acidente que o topônimo designa;
- d. localização e contextualização do topônimo no documento;
- e. localização geográfica atual do topônimo (quando possível), com base nos limites e confrontações definidos no tombamento;
- f. definição da estrutura morfológica do topônimo;
- g. identificação da origem linguística do topônimo;
- h. pesquisa bibliográfica para estudo da motivação do ato denominativo e identificação da causa denominativa;

- i. classificação taxionômica do topônimo, considerando a motivação semântica do elemento específico do sintagma denominativo no período de produção do texto e na região geográfica em que ele se situa;
- j. registro dos dados em fichas lexicográficas, adaptadas de Dick (2004).

Concluindo a proposta metodológica, as fichas para a sistematização dos dados coletados apresentam um conjunto estruturado de informações sobre cada item pesquisado. Inicialmente, são dispostos os dados identificadores da entidade nominada apresentados pelo *scriptor* – *localização, extensão, valor, arrendatário e comprador*. Na sequência, são apresentados os dados toponímicos, com informações referentes aos aspectos etimológicos, morfológicos e motivacionais dos topônimos que compõem o *corpus*, organizadas, seguindo o modelo adaptado de Dick (2004), nos seguintes itens: *taxionomia*, classificação conforme o modelo taxionômico utilizado; *origem*, procedência linguística do topônimo, acompanhada do étimo, ou provável étimo; *estrutura morfológica*, composição do sintagma toponímico em elemento simples, composto ou híbrido, além dos elementos gramaticais que o estruturam; *informações enciclopédicas*, aspectos importantes relacionados ao sentido das lexias que compõem os elementos específicos dos sintagmas toponímicos e à conservação do signo na contemporaneidade; e *contexto*, abonações coletadas da edição semidiplomática do documento.

3 A LIÇÃO CONSERVADORA: EDITANDO O TEXTO PARA O ESTUDO LINGUÍSTICO

“Para um trabalho que se quer, sempre a ferramenta se tem.”
Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*
(ROSA, 2001 [1956], p. 111)

Encontrar a ferramenta adequada às necessidades do trabalho tanto pode facilitar o desenvolvimento de tarefas quanto assegurar a confiabilidade do resultado. Nessa perspectiva, utilizar o aporte fornecido pela Filologia Textual para estabelecer o documento em um novo suporte, representou a forma mais eficaz para chegar aos dados linguísticos nele presentes. Partindo do sentido da lexia *conservar*, que expressa a necessidade de se resguardar algo de qualquer dano, mantendo as características originais, buscou-se, a partir de uma edição conservadora, encontrar esse caminho confiável de acesso ao texto e alcançar o estado da língua na qual foi lavrado no momento de sua produção.

Desse modo, seguindo a orientação de Telles (2009) e de Lose e Telles (2017), apresentam-se, face a face, as duas modalidades de edições conservadoras realizadas no manuscrito: *fac-similar* e *semidiplomática*. Para tanto, procurou-se manter as características do texto, realizando uma transcrição fiel do documento. Considerando as dificuldades decorrentes da letra manuscrita e do estado de conservação do manuscrito original, foi realizado, na edição semidiplomática, o desdobramento das abreviaturas existentes.

3.1. Os critérios de transcrição

Os critérios de transcrição apresentados a seguir procuraram manter as características originais do texto:

1. Indicação das folhas à esquerda, em negrito, e das linhas, numeradas de cinco em cinco.
2. Manutenção da grafia e da pontuação do texto.
3. Manutenção da divisão de linhas do documento.
4. Manutenção das ligaduras entre as palavras.
5. Manutenção da acentuação, com presença ou não de diacríticos.
6. Manutenção das letras maiúsculas e minúsculas como o original.
7. Manutenção de eventuais erros óbvios do *scriptor* [se for lisível], como em “veio d’ago {a}” (f. 19r, L.5) , indicando com chaves { } o que é lisível.

8. Desdobramento das abreviaturas, revelando-se, entre parênteses, as letras omitidas e respeitando a grafia do documento, como no caso da abreviatura [^o d.] = *d.*^o, transcrita *d(itt)o*.
9. Indicação dos lançamentos marginais à direita, com especificação das linhas, utilizando a barra inclinada ascendente / para indicar quebra de linha.
10. Complementação em outra linha, alinhado à direita, quando, após o desenvolvimento das abreviaturas, o conteúdo ultrapassar o limite da coluna ou da linha.
11. Transcrição em negrito de todas os títulos e da numeração de ordem dos registros.
12. Transcrição em corpo 11 de todas as formas escritas em corpo maior, geralmente na primeira linha do registro.
13. Ilustração, na f. 2r, L.2, das marcas de registro do *scriptor* nos textos das f. 2r-6r, escritas em quatro colunas: número de tombamento do sítio seguido de barra dupla inclinada (//) na primeira coluna; nome do sítio seguido do grafo + na segunda coluna; barra dupla inclinada (//) no início e ao final do registro do nome do arrendatário do sítio na terceira coluna, e depois do numeral correspondente ao valor do sítio na quarta coluna.

15// Angicos+ // Marcello Mendes Cavaleiro // 500\$000//

14. Utilização de parênteses, na f. 8r, L.10 e f. 37r, L.2, 3, 19 e 20, onde o *scriptor* utilizou barra.
15. Ilustração, na f. 11r, L.9, da marca de registro do *scriptor* dos numerais identificadores do número de tombamento dos sítios: barra dupla inclinada (//) antes e depois dos numerais.

_____ **N(umero)** //1// _____

16. Ilustração, na f. 11r, L.21, da marca de registro do *scriptor* ao final do valor de cada sítio: barra dupla inclinada (//) no final do numeral.

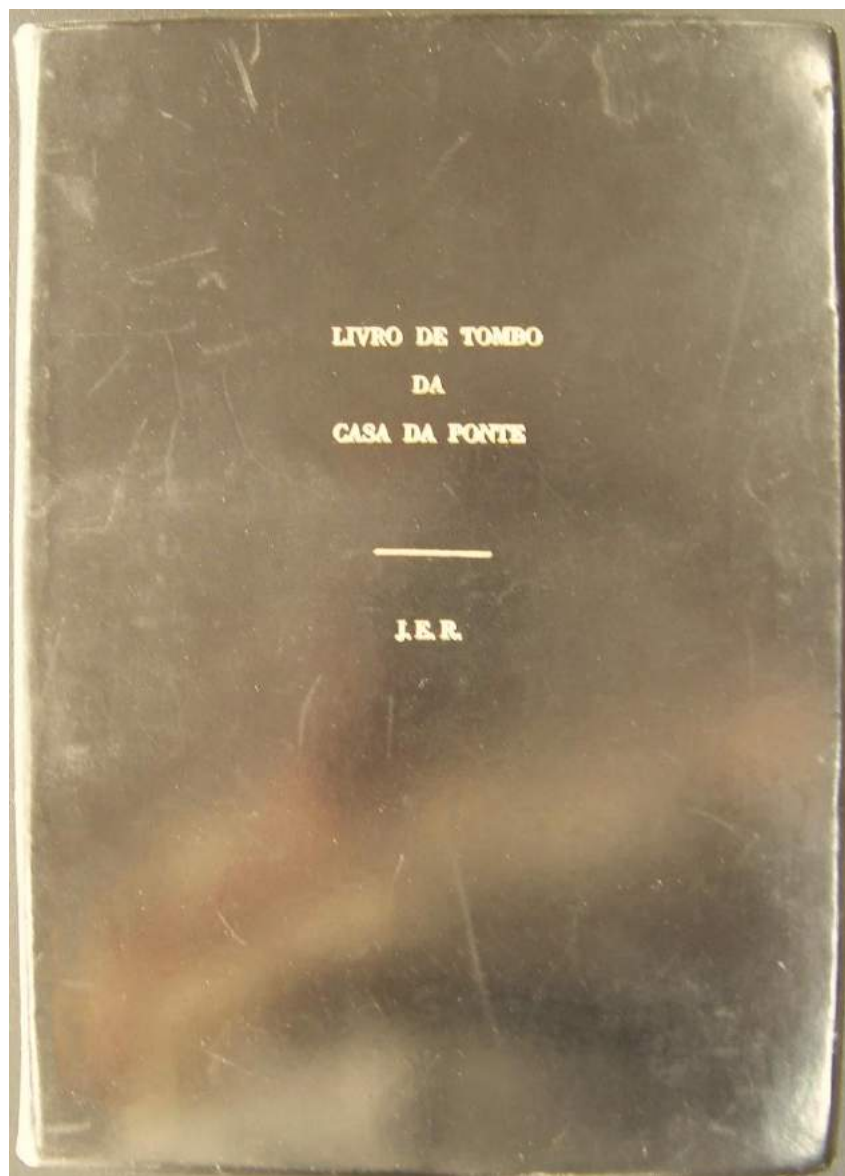
“assim confrontado o seo valor hé Cem mil reis. 100\$000//”

17. Ilustração, na f. 11v, L.12, da marca de registro do *scriptor*, com uma sequência de pontos, do espaço entre o valor por extenso do sítio e o numeral, quando estão na mesma linha.

“reis. 100\$000”

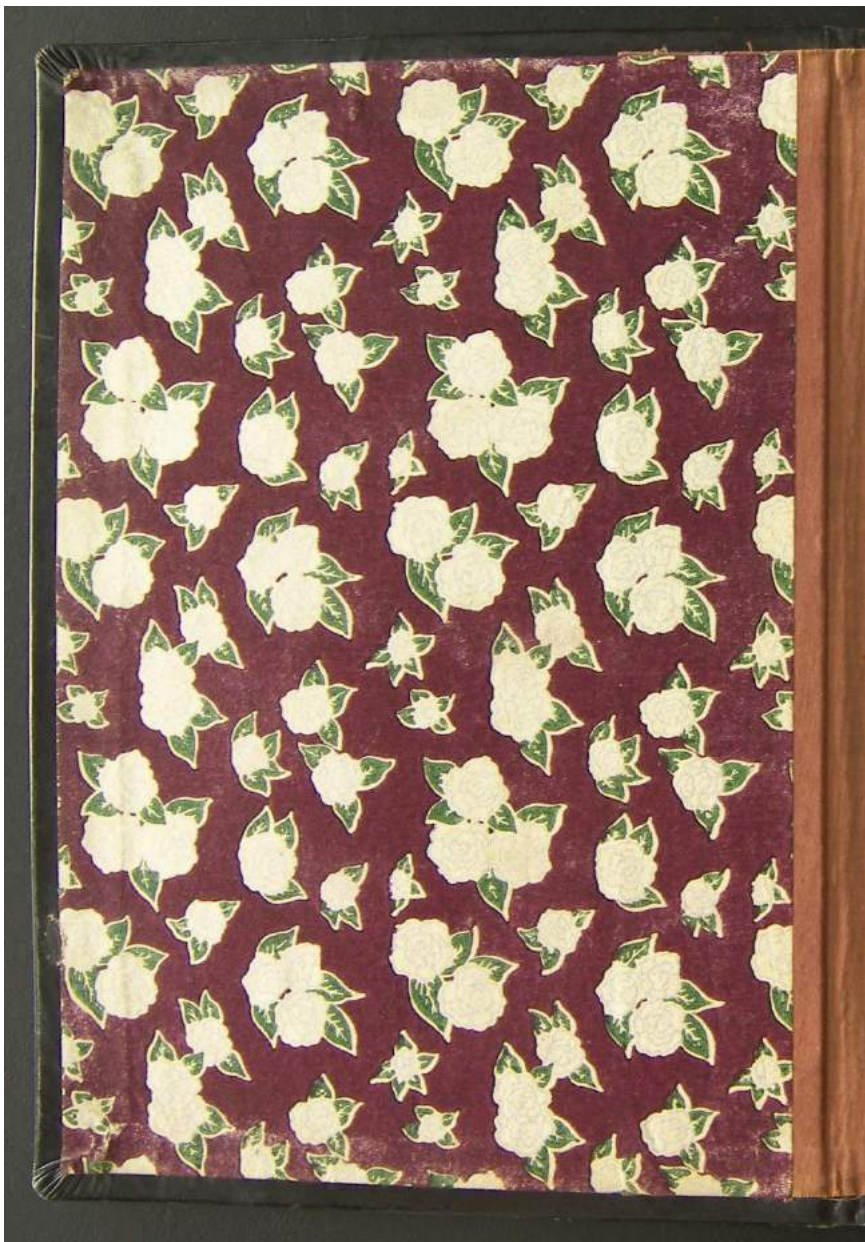
18. Emenda do tipo <substituído> por /substituto\, como em “hum<a>/q\”, na f. 27r, L.12.
19. Utilização dos seguintes sinais para indicar a intervenção no texto ou falhas do suporte:
 - a) { } chaves para indicar as restaurações por conjectura;
 - b) [†] *crux desperationis*, entre colchetes, para indicar deficiência do suporte, devido rasuras ou manchas;
 - c) [↑] colchetes e seta simples para indicar emendas realizadas na entrelinha superior.
 - d) [→] colchetes e seta simples para indicar emendas realizadas na sequência da *scripta*;
 - e) << >> omissão de trecho interpolado pelo *scriptor*.

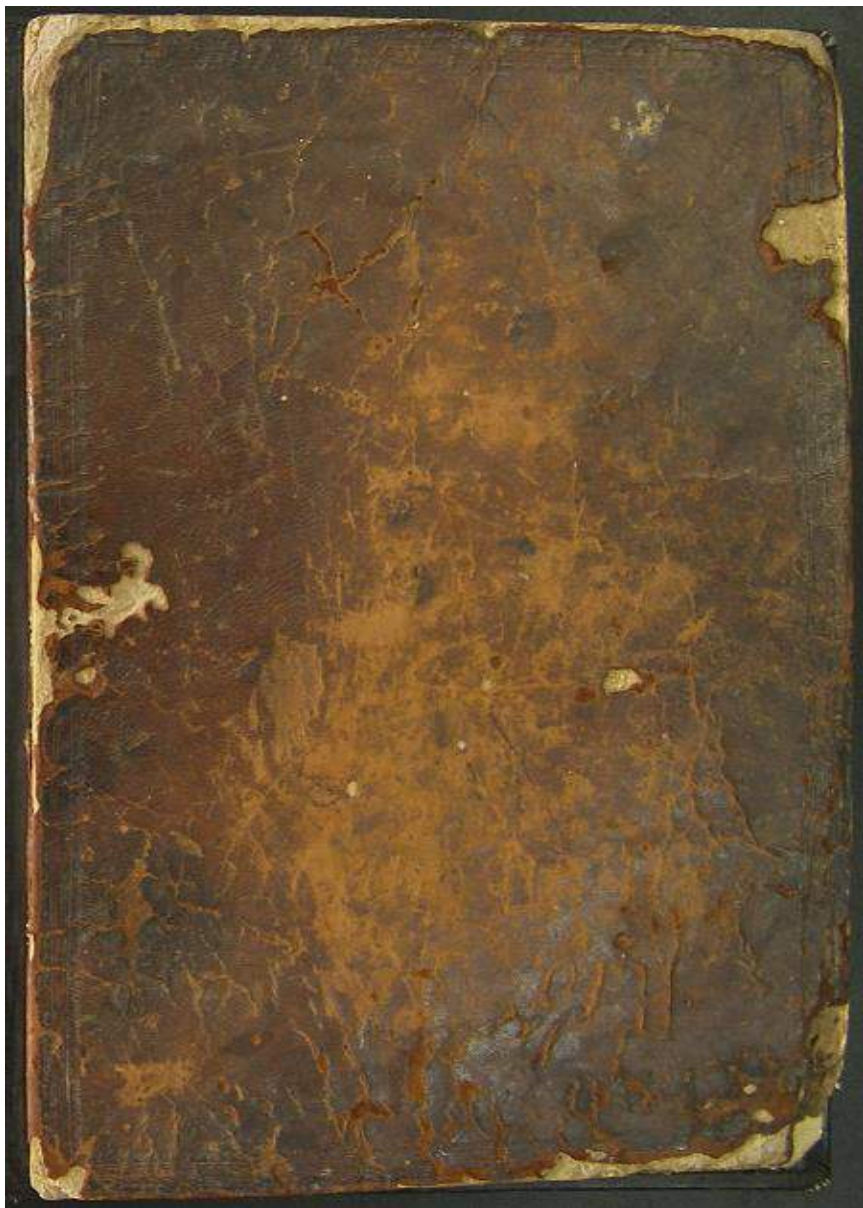
3. 2 A edição face a face

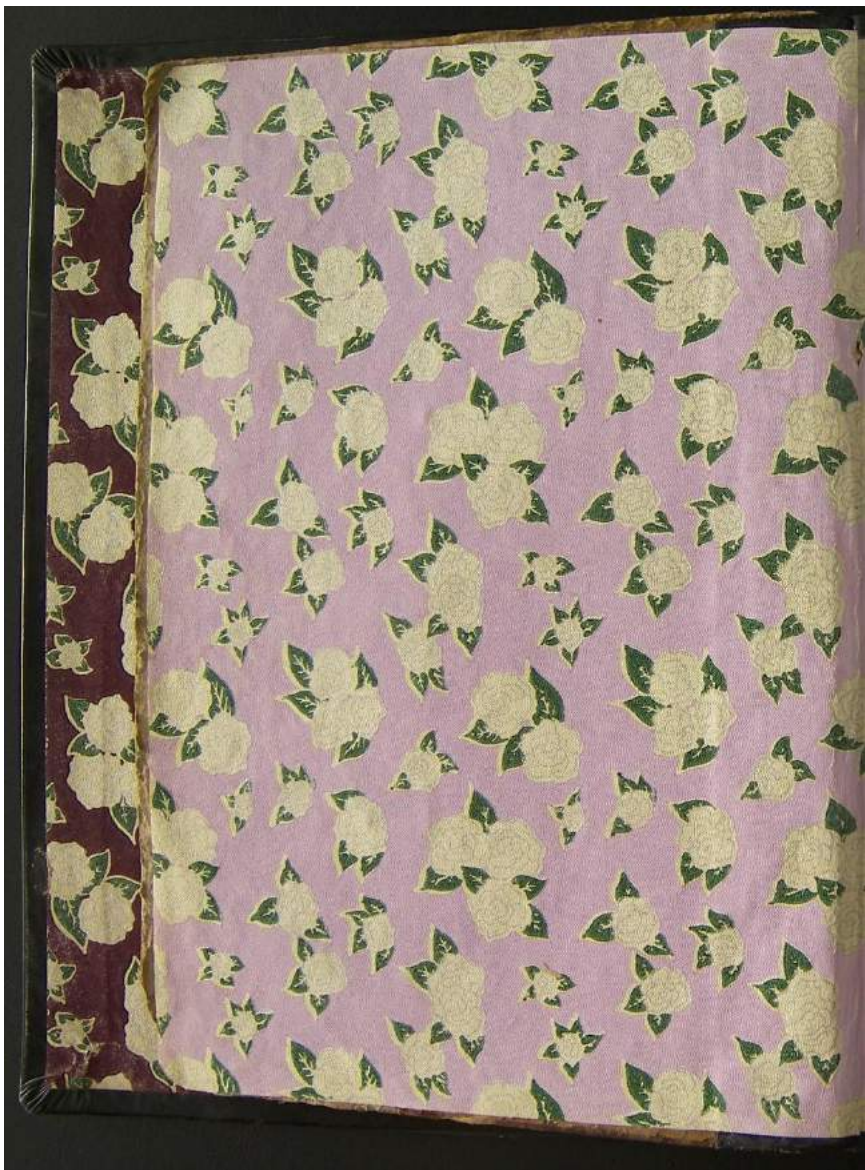


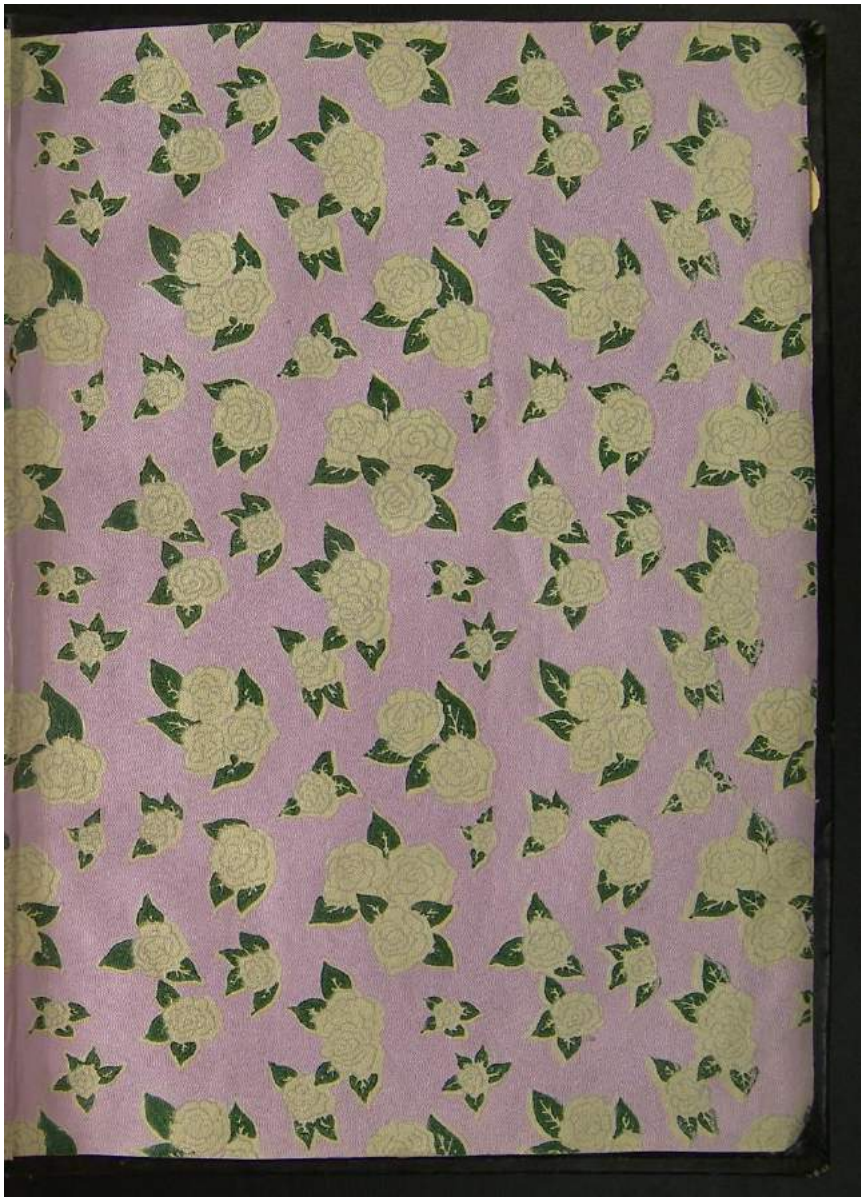
LIVRO DE TOMBO
DA
CASA DA PONTE

J.E.R.

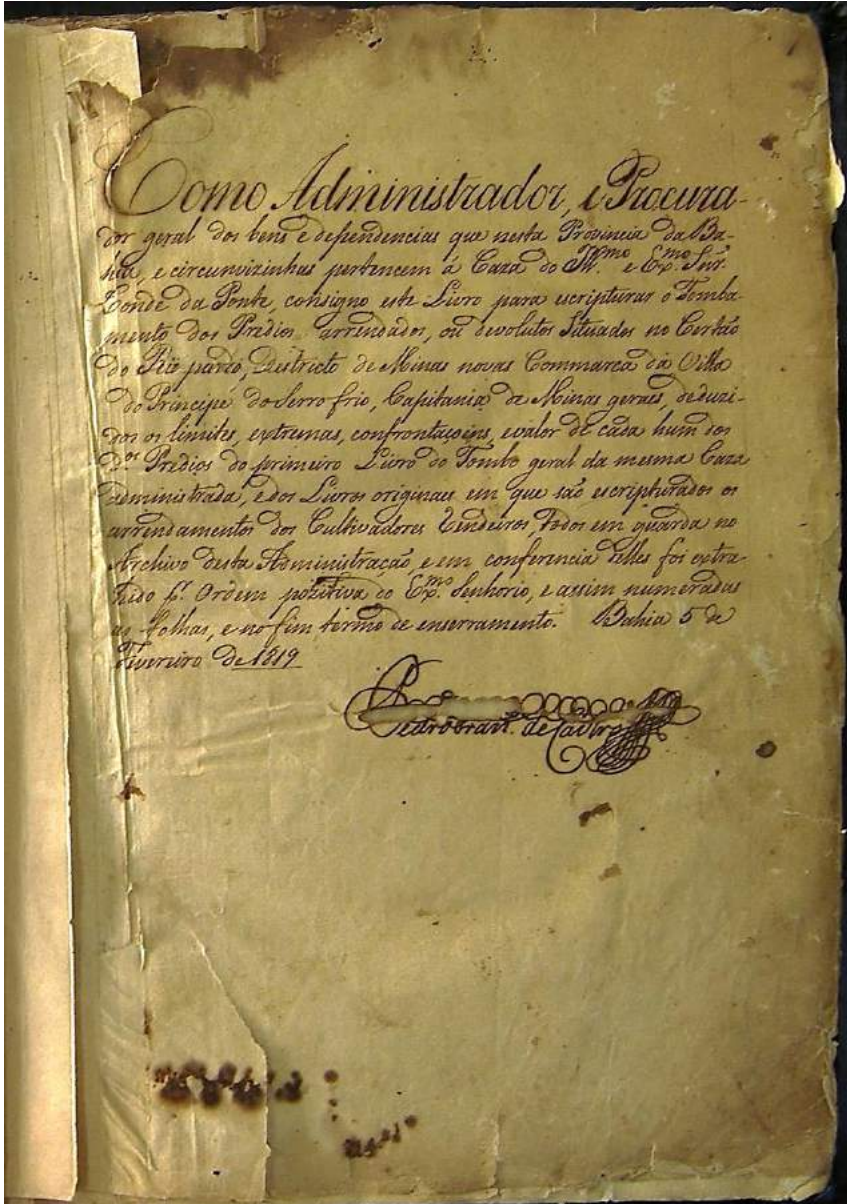












[1r]

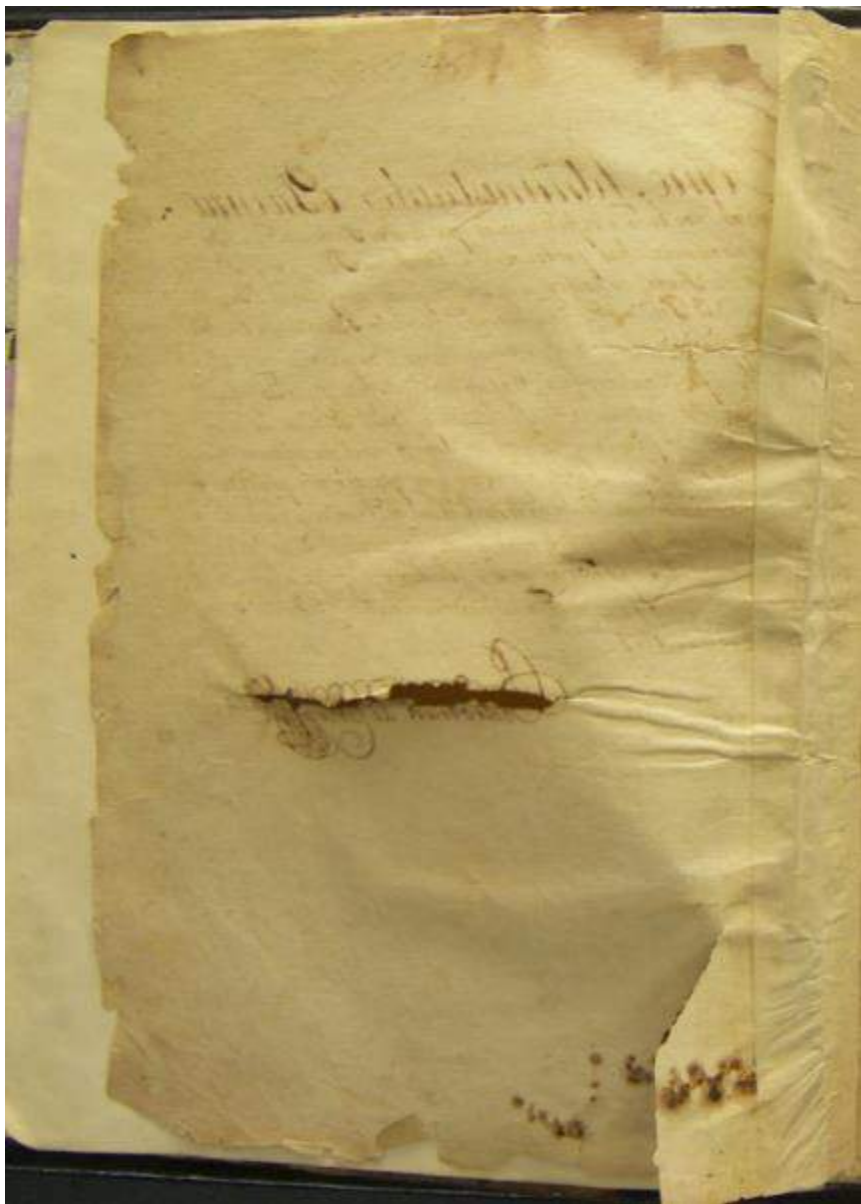
Como Administrador, e Procura-

dor geral dos bens e dependencias que nesta Provincia da Bahia, e circunvizinhas pertencem á Caza do Ill(ustrissi)mo e Ex(cellentissimo) S(e)n(ho)r

- Conde da Ponte, consigno este Livro para escripturar o Tomba-
 5 mento dos Predios arrendados, ou devolutos Situados no Certaõ do Rio pardo, Districto de Minas novas Commarca da Villa do Principe do Serro frio, Capitania de Minas geraes, deduzidos os limites, extremas, confrontaçoes, e valor de cada hum dos d(it)os Predios do primeiro Livro do Tombo geral da mesma Caza
 10 administrada, edos Livros originaes em que saõ escripturados os arrendamentos dos Cultivadores Rendeiros, todos em guarda no Archivo desta Administraçã, e em conferencia delles foi extrahido p(o)r Ordem pozitiva do Ex(cellentissimo) Senhorio, e assim numeradas as folhas, e no fim termo de enserramento. Bahia 5 de
 15 Fevereiro de 1819.

Pedro Fran(cisco) de Castro

L.16: assinatura com laçadas.



[iv]

A B

15.	Angicos.	Marcello Mendes Cavaleiro	500\$000.
23.	S. Antonio	Jozé dos Santos Cardozo de Alm(ei)da	200\$000.
33.	S. Antonio	O Cap(ita)m Manoel deSouza Marques	300\$000.
37.	S. Anna.	Roza Maria de Jesus	60\$000.
42.	S. Anna.	Jozé Soares da Silva	96\$000.
56.	S. Anna.	Manoel Nunes deSequeira	96\$000.
57.	S. Anna.	Carlos Afonço deSequeira	60\$000.
61.	S. Anna.	Francisco X(avi)er da Silva	24\$000.
62.	S. Anna.	Manoel Ferreira Lima	60\$000.
63.	S. Anna.	Paulo Ribeiro daCunha	30\$000.
65.	S. Anna.	Raymundo Carv(alh)o Falção	10\$000.
66.	S. Anna.	Jozé Ribeiro da Cunha	15\$000.
71.	S. Anna.	Manoel Dias Corrêa	20\$000.
76.	S. Antonio	Florencio F(e)r(nande)s Guimaraes	48\$000.
89.	S. Anna.	Manoel Nunes deSequeira	24\$000.
90.	S. Anna.	João Teixeira Barboza	24\$000.

[2r]

A

15.	Angicos.	„Marcello Mendes Cavaleiro	500\$000.	
23	S(anto) Antonio	Jozé dos Santos Cardozo de Alm(ei)da	200\$000	
33	S(anto) Ant(oni)o do Carrap(at)o	O Cap(ita)m Manoel deSouza Marques	300\$000	
5	37	S(anta) Anna	Roza Maria de Jesus	60\$000
	42	S(anta) Anna	Jozé Soares da Silva	96\$000
	56	S(anta) Anna	Manoel Nunes deSequeira	96\$000
	57	S(anta) Anna	Carlos Afonço deSequeira	60\$000
	61	S(anta) Anna	Francisco X(avi)er da Silva	24\$000
10	62	S(anta) Anna	Manoel Ferreira Lima	60\$000
	63	S(anta) Anna	Paulo Ribeiro daCunha	30\$000
	65	S(anta) Anna	Raymundo Carv(alh)o Falção	10\$000
	66	S(anta) Anna	Jozé Ribeiro da Cunha	15\$000
	71	S(anta) Anna	Manoel Dias Corrêa	20\$000
15	76	S(anto) Ant(oni)o do pé da Serra	Florencio F(e)r(nande)s Guimaraes	48\$000
	89	S(anta) Anna	Manoel Nunes deSequeira	24\$000
	90	S(anta) Anna	João Teixeira Barboza	24\$000

B I

12. Boa sorte	Felis Vieira Barboza	80\$000
29. Buraco	Martinho de Carvalho	20\$000
36. Barreiros	Julião Ribeiro Mosso	48\$000
39. Boavista	Antonio Al(vare)s M(art)i(n)s	24\$000
43. Boavista	Antonio Nunes deSeq(uei)ra	24\$000
45. Bairro-alto	Jozé Vieira	20\$000
74. Barrinha	O Cap(ita)m Jozé Ferreira Peixoto	600\$000
84. Boqueirão	Manoel G(onça)l(ve) de Azevedo ¹	20\$000
85. Boqueirão	Manoel Monteiro do Valle	30\$000
95. Barreiro grande	Joaquim Al(vare)s M(art)i(n)s	100\$000
96. Bom-sucesso	Manoel Ant(oni)o Corr(ê)a de Brito	160\$000
97. Barreiro	Venancio dos Santos Pereira	120\$000
104. S(ã) Bartolomeo	Leandro deS(ou)za de Medina	80\$000

[2v]

B

12	Boa sorte	Felis Vieira Barboza	80\$000	
29	Buraco	Martinho de Carvalho	20\$000	
36	Barreiros	Julião Ribeiro Mosso	48\$000	
5	39	Boavista	Antonio Al(vare)s M(art)i(n)s	24\$000
43	Boavista	Antonio Nunes deSeq(uei)ra	24\$000	
45	Bairro-alto	Jozé Vieira	20\$000	
74	Barrinha	O Cap(ita)m Jozé Ferreira Peixoto	600\$000	
84	Boqueirão	Manoel G(onça)l(ve) de Azevedo ¹	20\$000	
10	85	Boqueirão	Manoel Monteiro do Valle	30\$000
95	Barreiro grande	Joaquim Al(vare)s M(art)i(n)s	100\$000	
96	Bom-sucesso	Manoel Ant(oni)o Corr(ê)a de Brito	160\$000	
97	Barreiro	Venancio dos Santos Pereira	120\$000	
104	S(ã) Bartolomeo	Leandro deS(ou)za de Medina	80\$000	

¹ Na f. 38r, L. 19, o arrendatário do sítio 84 – Boqueirão – é identificado como Manoel Gonçalves de Abreo.

CO

21. Conceição	Anna Nazaria de Almeida	200\$000
22. Curral e Ingaz(ei)ra	Carlos Al(vare)s das Neves	200\$000
24. Canabraba	Jozefa Maria da Conceição	300\$000
26. Capoeira	Feliciano Jozé Jorge	300\$000
34. Caza velha	Manoel G(onça)l(ve)s Machado	30\$000
40. Caza nova	Manoel Ant(oni)o de Avelar	24\$000
48. Cedro	Alex(andr)e Nicacio de S(anta) Anna	20\$000
50. Cedro	Vicencia Nunes deSequeira	120\$000
52. Cachoeira	Maria Francisca deSequeira	10\$000
72. S(anta) Cruz	Anna Victoria da Conceição	36\$000
83. Curuja	Jozé Ignacio de Almeida	50\$000
88. Cedro ²	Alex(andr)e Nicacio deS(anta) Anna	20\$000
91. Cachoeirinha	Thomás de Aquino de Carvalho	20\$000
98. Campo alegre	Bernardo Jozé de Mattos	80\$000

[3r]

C

21	Conceição	Anna Nazaria de Almeida	200\$000	
22	Curral(inh)o e Ingaz(ei)ra	Carlos Al(vare)s das Neves	200\$000	
24	Canabraba	Jozefa Maria da Conceição	300\$000	
5	26	Capoeira	Feliciano Jozé Jorge	300\$000
34	Caza velha	Manoel G(onça)l(ve)s Machado	30\$000	
40	Caza nova	Manoel Ant(oni)o de Avelar	24\$000	
48	Cedro	Alex(andr)e Nicacio de S(anta) Anna	20\$000	
50	Cedro	Vicencia Nunes deSequeira	120\$000	
10	52	Cachoeira	Maria Francisca deSequeira	10\$000
72	S(anta) Cruz	Anna Victoria da Conceição	36\$000	
83	Curuja	Jozé Ignacio de Almeida	50\$000	
88	Cedro ²	Alex(andr)e Nicacio deS(anta) Anna	20\$000	
91	Cachoeirinha	Thomás de Aquino de Carvalho	20\$000	
15	98	Campo alegre	Bernardo Jozé de Mattos	80\$000

²Embora apresentem mesmo nome, arrendatário e valor, os sítios 48 e 88, além de número de tombamento diferente, também possuem confrontações, limites e extensões diferentes (Cf. f.25r e f.40r).

D

67. S(ão) Domingos Lourenço Barboza Crasto .. 240\$000.
 102. Dourados Os Herd(ei)ros do Cap(ita)m Francisco de Souza Meira .. 300\$000.

E

101. Espírito Santo Clemencia Dionizia Gomes .. 36\$000.

F

G

3. Gameleira Antonio Gil Barboza .. 200\$000.
 10. S(ão) Gonçalo Manoel G(onça)l(ve)s Chaves .. 50\$000.
 41. Gameleira Manoel João Corrêa .. 36\$000.

[3v]

D

67	S(ão) Domingos	Lourenço Barboza Crasto	240\$000
102	Dourados	Os Herd(ei)ros do Cap(ita)m Francisco de Souza Meira	300\$000

E

5	101	Espírito Santo	Clemencia Dionizia Gomes	36\$000
---	-----	----------------	--------------------------	---------

F**G**

3	Gameleira	Antonio Gil Barboza ³	200\$000	
10	10	S(ão) Gonçalo	Manoel G(onça)l(ve)s Chaves	50\$000
41	Gameleira	Manoel João Corrêa	36\$000	

³ Na f. 11v, L. 15, o arrendatário do sítio 3 – Gameleira – é identificado como Antonio Gonçalves Barboza.

4r]

HA

I

4. Ilha	Joanna Pinto da Rocha	500\$000
7. Jatobá, ou Curuja	Manoel de Barros Ribeiro	300\$000
16. Juazeiro	D(ona) Ritta Jozéfa Brandaõ	1.000\$000
28. Ilha grande	Custodio da Costa Meira ⁴	200\$000
69. Ilha grande	Joaõ Fernand Ribeiro ⁵	300\$000
70. Jacoipe	Joaõ F(e)r(nande)s Guim(arae)s	240\$000
77. Jacoré	Izidoro Cardozo da S(ilv)a	15\$000
10 80. S(aõ) Jozé	Jozé da Costa Teix(ei)ra	36\$000
92. Ilha	Valerio da Costa Ramos	16\$000
100. Jahiva	Maximiano Ferreira da Silva	120\$000

H

I

4 Ilha	Joanna Pinto da Rocha	500\$000
7 Jatobá, ou Curuja	Manoel de Barros Ribeiro	300\$000
5 16 Juazeiro	D(ona) Ritta Jozéfa Brandaõ	1.000\$000
28 Ilha grande	Custodio da Costa Meira ⁴	200\$000
69 Ilha grande	Joaõ Fernand Ribeiro ⁵	300\$000
70 Jacoipe	Joaõ F(e)r(nande)s Guim(arae)s	240\$000
77 Jacoré	Izidoro Cardozo da S(ilv)a	15\$000
10 80 S(aõ) Jozé	Jozé da Costa Teix(ei)ra	36\$000
92 Ilha	Valerio da Costa Ramos	16\$000
100 Jahiva	Maximiano Ferreira da Silva	120\$000

⁴ Na f. 19r, L. 11, o arrendatário do sítio 28 – Ilha Grande – é identificado como Custodio da Costa Moreira.

⁵ Na f. 32v, L. 13, o arrendatário do sítio 69 – Ilha Grande – é identificado como Joaõ Fernandes Ribeiro.

4v]

LVI

9. N(ossa) S(enhora) do Livram(en)to - Antonio de Freitas de Faria - 40\$000.
 60. Lençoes - Thomás Soares Barbalho - 72\$000.

I

M

17. Martires - Antonio Moreira Parafita - 1.000\$000.
 19. Morrinhos - João de Ar(aujo) Mo(rei)ra - 1.000\$000.
 81. Montes altos - Roza M(ari)ja da Conc(eiça)m, e M(ano)el Fran(cis)co Lopes - 600\$000.

N

O

9 N(ossa) S(enhora) do Livram(en)to	Antonio de Freitas de Faria	40\$000
60 Lençoes	Joaõ Soares Barbalho ⁶	72\$000

5 17 Martires	Antonio Moreira Parafita	1.000\$000
19 Morrinhos	Joaõ de Ar(aujo) Mo(rei)ra	1.000\$000
81 Montes altos	Roza M(ari)ja da Conc(eiça)m, e M(ano)el Fran(cis)co Lopes	600\$000

N

O

⁶ Na f. 29r, L. 20-21, o arrendatário do sítio 60 – Lençoes – é identificado como Thomás Soares Barbalho.

P R

1. Pedras, ou S. João	Ignacio Jozé de Souza	100\$000
5. Pedras	Jozé Francisco de Oliveira	120\$000
8. Páos pretos	Diogo Machado de Meireles	100\$000
18. Piranhas	Joaõ de Ar(aui)jo Mo(rei)ra p(o)r seo Proc(urad)or	600\$000
25. S. Pedro	OCap(ita)m Ant(oni)o Pinto de Almeida	60\$000
27. Passage do meio	Felicianno Jozé Jorge	50\$000
46. Porteira velha	Francisco Al(vare)s M(art)i(n)s	36\$000
73. S. Pedro	Antonio F(e)r(nande)s Guim(arae)s	36\$000
10 78. Pajahú	Antonio Ferreira de Souza	120\$000
79. Passage dos Cav(al)os	Jozé Pereira dos Santos	60\$000
83 ⁷ . S. Pedro	Jeronymo Pereira da Costa	120\$000
93. S. Pedro	Florencio F(e)r(nande)s Guim(ara)es	32\$000
94. Passage da raiz	Manoel Jozé Calado	150\$000
15 103. Páo alto	Manoel Borges de Carvalho	100\$000

Q T

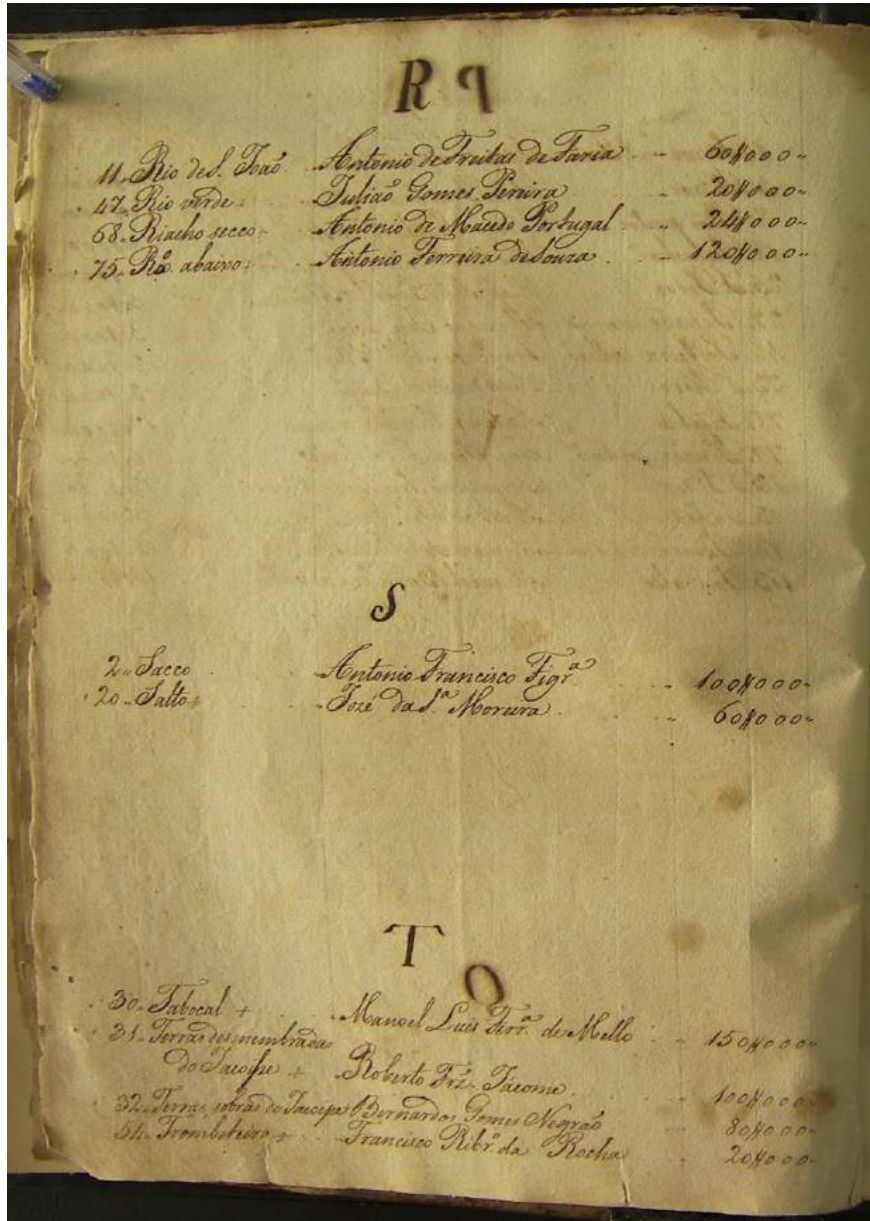
5r]

P

1 Pedras, ou S(aõ) Joaõ	Ignacio Jozé de Souza	100\$000
5 Pedras	Jozé Francisco de Oliveira	120\$000
8 Páos pretos	Diogo Machado de Meireles	100\$000
5 18 Piranhas	Joaõ de Ar(aui)jo Mo(rei)ra p(o)r seo Proc(urad)or	600\$000
25 S(aõ) Pedro	OCap(ita)m Ant(oni)o Pinto de Almeida	60\$000
27 Passage do meio	Felicianno Jozé Jorge	50\$000
46 Porteira velha	Francisco Al(vare)s M(art)i(n)s	36\$000
73 S(aõ) Pedro	Antonio F(e)r(nande)s Guim(arae)s	36\$000
10 78 Pajahú	Antonio Ferreira de Souza	120\$000
79 Passage dos Cav(al)os	Jozé Pereira dos Santos	60\$000
83 ⁷ S(aõ) Pedro	Jeronymo Pereira da Costa	120\$000
93 S(aõ) Pedro	Florencio F(e)r(nande)s Guim(ara)es	32\$000
94 Passage da raiz	Manoel Jozé Calado	150\$000
15 103 Páo alto	Manoel Borges de Carvalho	100\$000

Q

⁷ O número de tombamento indicado deveria ser 82. 83 é o número de tombamento do sítio Curuja (Cf. f. 3r, L. 12).



5v]

R

11 Rio deS(aõ) Joaõ	Antonio deFreitas deFaria	60\$000
47 Rio verde	Juliaõ Gomes Pereira	20\$000
68 Riacho secco	Antonio de Macedo Portugal	24\$000
5 75 R<io>/i)[↑a](ch)[↑o]	Antonio Ferreira de Souza	120\$000

L.5: emenda na abreviatura de Riacho.

abaixo

S

2 Sacco	Antonio Francisco Fig(uei)ra	100\$000
20 Salto	Jozé daS(ilv)a Moreira	60\$000

T

10 30 Tabocal	Manoel Luis Ferr(eir)a de Mello	150\$000
31 Terras desmembradas do Jacoipe	Roberto F(e)r(nande)s Jácome	100\$000
32 Terras sobras do Jacoipe	Bernardo Gomes Negraõ	80\$000
54 Trombeteiro	Francisco Rib(ei)ro da Rocha	20\$000

55. Tapera +	Lourenço Afonso deSeq(uei)ra	15\$000
59. Taboleiro +	Antonio F(e)r(nande)s Ribas ⁸	48\$000
86. Tapera e Guará	André da Costa, eoutros	60\$000
V		
6. Vareda do Trassadal	Antonio Jozé P{a}im ⁹	80\$000
13. Vareda dos Bois	Diogo Machado de Meireles	100\$000
14. Vareda	Manoel G(onça)l(ve)s Chaves	50\$000
35. Vargem da Onça	Domingos Afonso	30\$000
38. Vargem da Cacho(ei)ra	Domingos Fran(cis)co Ro(dr)i(gue)s	24\$000
44. Varginha de cima ¹⁰	Pedro deSouza Ferreira	30\$000
49. Varginha de cima	Vicente Ferreira dos Santos	10\$000
51. Vargem da faca	Antonio de Freitas daS(ilv)a	36\$000
53. Vaqueijadouro novo	Vicencia Nunes deSequeira	10\$000
58. Vargem redonda	Jozé Ledo da Ponte	20\$000
64. Varginha do mandacarú	Cypriano Ferr(eir)a da S(ilv)a	24\$000
87. Vaqueijador novo	Jozé Cyriaco Vaz da Costa	32\$000
99. Vargem fermoza	Joaquim Al(vare)s Per(eir)a	160\$000

6r] 55 Tapera	Lourenço Afonso deSeq(uei)ra	15\$000
59 Taboleiro	Antonio F(e)r(nande)s Ribas ⁸	48\$000
86 Tapera e Guará	André da Costa, eoutros	60\$000

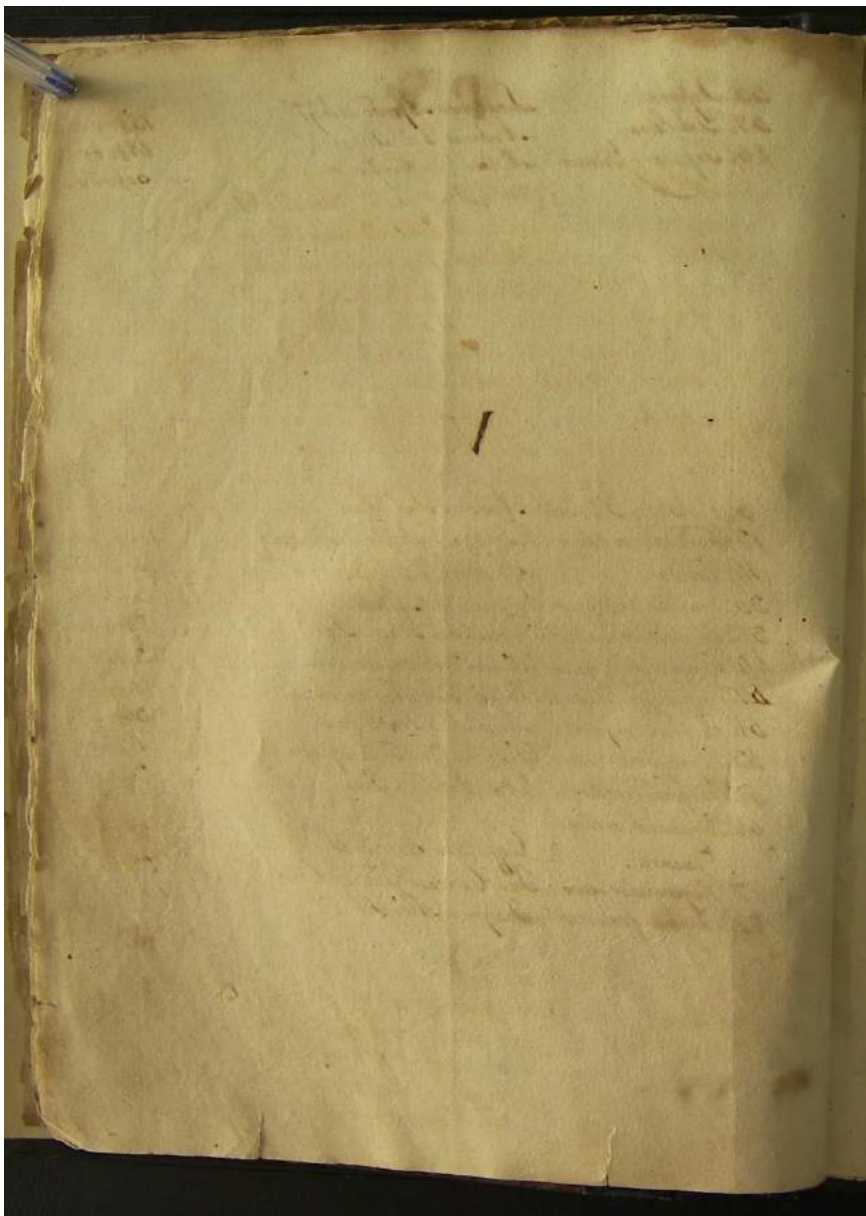
V

5 6 Vareda do Trassadal	Antonio Jozé P{a}im ⁹	80\$000
13 Vareda dos Bois	Diogo Machado de Meireles	100\$000
14 Vareda	Manoel G(onça)l(ve)s Chaves	50\$000
35 Vargem da Onça	Domingos Afonso	30\$000
38 Vargem da Cacho(ei)ra	Domingos Fran(cis)co Ro(dr)i(gue)s	24\$000
10 44 Varginha de cima ¹⁰	Pedro deSouza Ferreira	30\$000
49 Varginha de cima	Vicente Ferreira dos Santos	10\$000
51 Vargem da faca	Antonio de Freitas daS(ilv)a	36\$000
53 Vaqueijadouro novo	Vicencia Nunes deSequeira	10\$000
58 Vargem redonda	Jozé Ledo da Ponte	20\$000
15 64 Varginha do mandacarú	Cypriano Ferr(eir)a da S(ilv)a	24\$000
87 Vaqueijador novo	Jozé Cyriaco Vaz da Costa	32\$000
99 Vargem fermoza	Joaquim Al(vare)s Per(eir)a	160\$000

⁸ Na f. 29r, L. 6, o arrendatário do sítio 59 – Taboleiro – é identificado como Antonio Francisco Ribas.

⁹ Na f. 12v, L. 10, o arrendatário do sítio 6 – Vareda do Trassadal – é identificado como Antonio Jozé Paim.

¹⁰ Na f. 24r, L. 11, o nome do sítio 44 é Varginha acima.



[6v]

Nota.

O ^{mo} Ill^{mo} e Ex^{mo} Sr^o Conde da Ponte
 reintegrado plenam^{te} na livre administração dos bens
 Vinculados, e dos Allodiaes proprios da sua Caza em
 rezulta da Carta Regia de 17 de Junho de 1818, obte-
 do juntamente licença de S^{ua} Mag^{estade} para se transportar
 á esta Cidade a fim de regular com melhor conheci-
 mento de cauza o Plano administrativo dos mesmos bens, e de-
 pendencias, e á cerca de vender os Predios da classe allo-
 diaes já deferido p^{or} Acordão do Juizo Privativo de 23
 de (Setem)bro de 1817 para se rematarem em Praça do mes-
 mo Juizo, a qual despozição não tem progressado em
 razão das remotas distancias desta Capital aos Destruc-
 tos em que os Predios se achão Situados, sendo os Licitan-
 tes mais aptos para estas compras os Arrendatarios q^{ue}
 nelles rezidem; dezejando porem que estas transacções
 sejaõ o mais breve possivel effituadas com o menor enco-
 modo, e despeza dos Compradores, deliberou finalmente
 o seg^o.
 Que o Adm^{inistrador} e Proc^{urador} geral fazendo extrahir
 listas do L^{ivro} do Tombamento em q^{ue} se achão escriptu-
 rados os Predios arrendados, ou devolutos Situados em cada
 hum dos Destructos, eleger Procuradores de conhecida
 probidade; sobstabelecendo os poderes com que elle he au-
 thorizado para vender.
 Que o Procurador sobstabelecido em qual q^{ue}
 dos Destructos proceda na venda dos Predios á sua incum-
 bencia intimando primeiro ao Arrendatario para
 comprar a terra de que paga renda, com preferencia
 a qual quer outro pertendente, assignando [↑prazo] de tempo cer-
 to, conformando-se ás circumstancias q^{ue} representar, das qua-

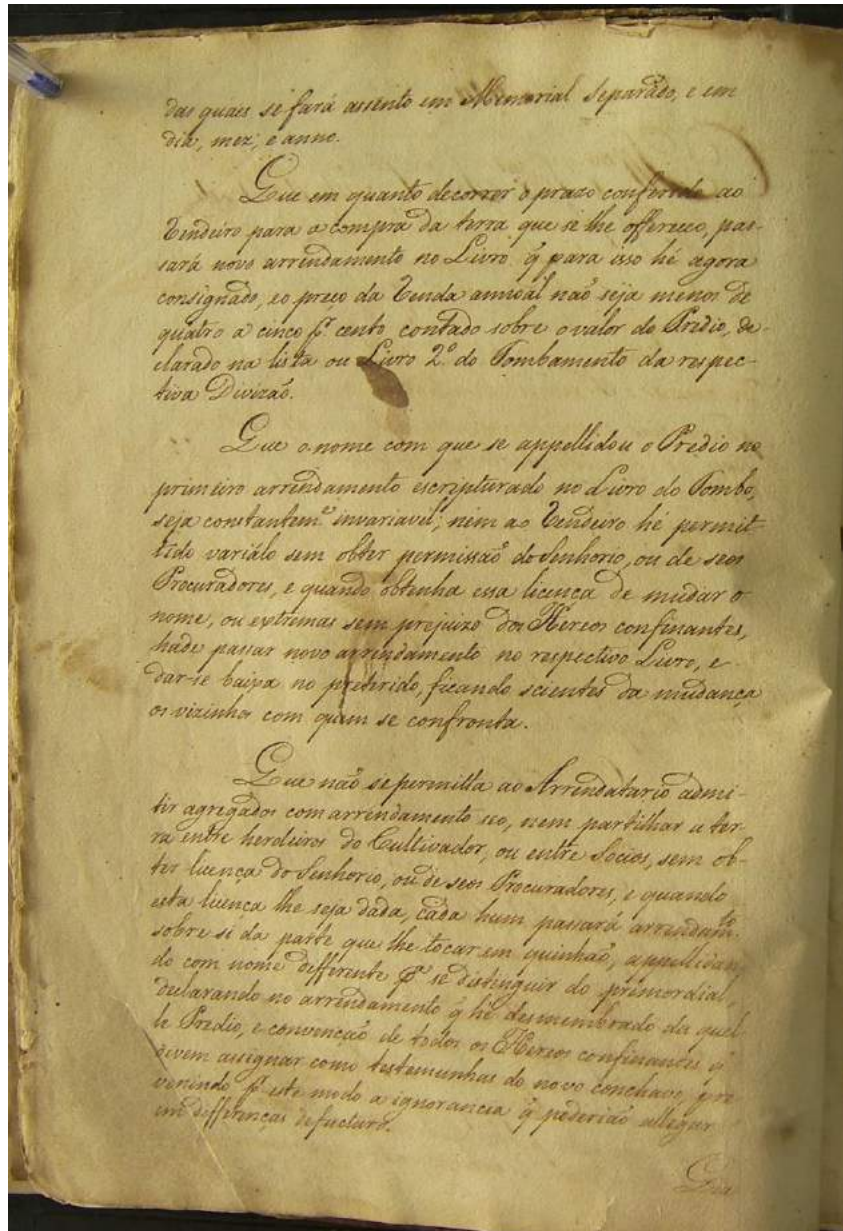
[7r]

Nota.

O Ill(ustrissi)mo e Ex(celentissi)mo S(e)n(ho)r Conde da Ponte

- reintegrado plenam(ente) na livre administração dos bens Vinculados, e dos Allodiaes proprios da sua Caza em
- 5 rezulta da Carta Regia de 17 de Junho de 1818, obten- do juntamente licença de S(ua) Mag(estad)e para se transportar á esta Cidade a fim de regular com melhor conheci(men)to de cauza o Plano administrativo dos mesmos bens, e de- pendencias, e á cerca de vender os Predios da classe allo- diaes já deferido p(o)r Acordão do Juizo Privativo de 23
- 10 de (Setem)bro de 1817 para se rematarem em Praça do mes- mo Juizo, a qual despozição não tem progressado em razão das remotas distancias desta Capital aos Destruc- tos em que os Predios se achão Situados, sendo os Licitan- tes mais aptos para estas compras os Arrendatarios q(ue) nelles rezidem; dezejando porem que estas transacções sejaõ o mais breve possivel effituadas com o menor enco- modo, e despeza dos Compradores, deliberou finalmente o seg(u)int)e.
- 15 Que o Adm(inistrador) e Proc(urad)or geral fazendo extrahir listas do L(ivro) (primeir)o do Tombamento em q(ue) se achão escriptu- rados os Predios arrendados, ou devolutos Situados em cada hum dos Destructos, eleger Procuradores de conhecida probidade; sobstabelecendo os poderes com que elle hé au- thorizado para vender.
- 20 Que o Procurador sobstabelecido em qual q(ue)r dos Destructos proceda na venda dos Predios á sua incum- bencia intimando primeiro ao Arrendatario para comprar a terra de que paga renda, com preferencia a qual quer outro pertendente, assignando [↑prazo] de tempo cer- to, conformando-se ás circumstancias q(ue) representar, das qua-

L. 30: emenda na entrelinha, com chamada.



[7v]

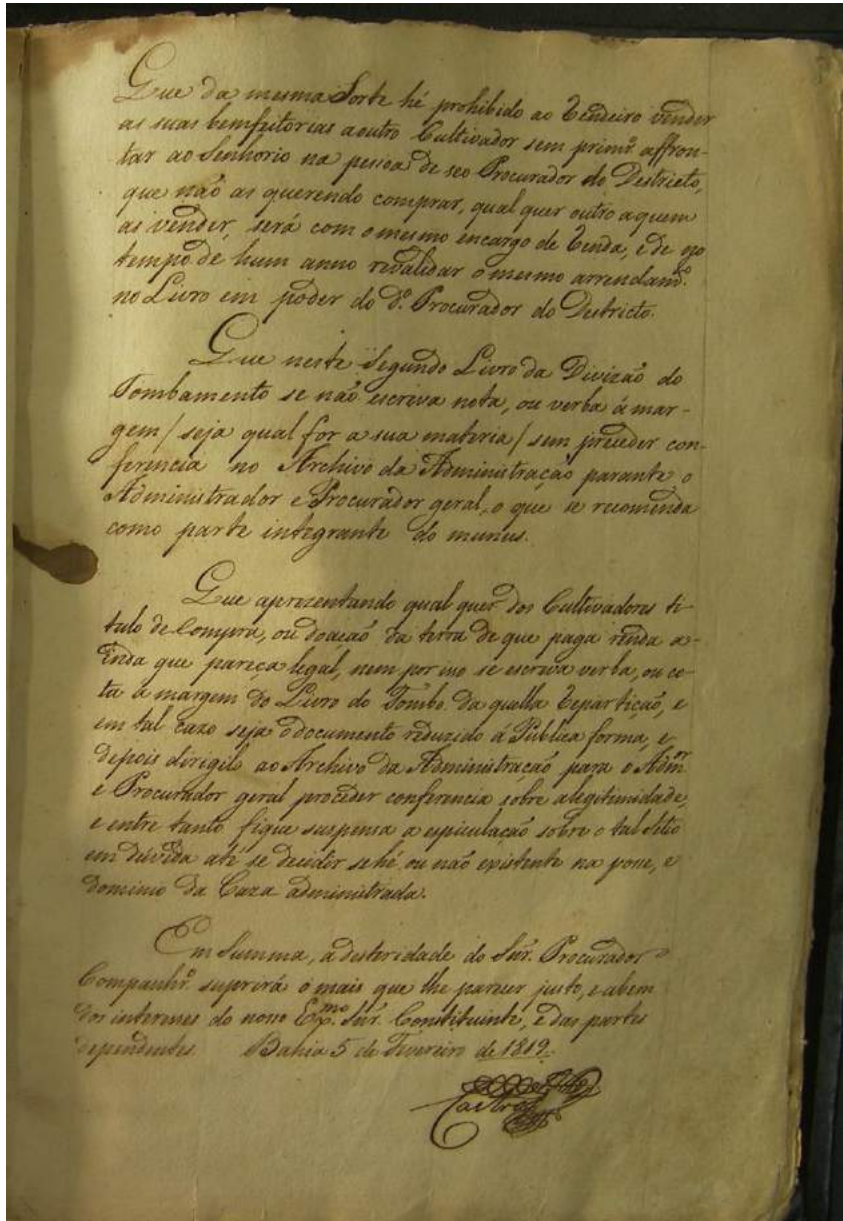
das quaes se fará assento em Memorial separado, e em dia, mez, e anno.

Que em quanto decorrer o prazo conferido ao Rendeiro para a compra da terra que se lhe offereceo, pas-
5 sará novo arrendamento no Livro q(ue) para isso hé agora consignado, eo preço da Renda annoal não seja menos de quatro a cinco p(o)r cento contado sobre o valor do Predio, declarado na lista ou Livro (segund)o do Tombamento da respectiva Divizaõ.

10 Que o nome com que se appellidou o Predio no primeiro arrendamento escripturado no Livro do Tombo, seja constantem(ent)e invariavel; nem ao Rendeiro hé permitido variálo sem obter permissaõ do Senhorio, ou de seus Procuradores, e quando obtenha essa licença de mudar o
15 nome, ou extremas sem prejuizo dos Hereos confinantes, hade passar novo arrendamento no respectivo Livro, e dar-se baixa no preterido, ficando scientes da mudança os vizinhos com quem se confronta.

20 Que não se permitta ao Arrendatario admitir agregados com arrendamento seo, nem partilhar a terra entre herdeiros do Cultivador, ou entre Socios, sem obter licença do Senhorio, ou de seus Procuradores, e quando esta licença lhe seja dada, cada hum passará arrendam(en)to sobre si da parte que lhe tocar em quinhaõ, appellidando com nome differente p(ar)a se distinguir do primordial,
25 declarando no arrendamento q(ue) hé desmembrado daquelle Predio, e convençã de todos os Hereos confinantes q(ue) devem assignar como testemunhas do novo conchavo, prevenindo p(o)r este modo a ignorancia q(ue) poderiaõ allegar em differenças defucturo.

Que



[8r]

Que da mesma Sorte he prohibido ao Rendeiro vender as suas bemfeitorias aoutro Cultivador sem prim(ei)ro affrontar ao Senhorio na pessoa de seo Procurador do Destricto, que não as querendo comprar, qual quer outro a quem

5 as vender, será com o mesmo encargo de Renda, e de no tempo de hum anno revalidar o mesmo arrendam(en)to no Livro em poder do d(itt)o Procurador do Destricto.

Que neste Segundo livro da Divizaõ do Tombamento se não escreva nota, ou verba á margem (seja qual for a sua matéria) sem preceder conferencia no Archivo da Administraçãõ parante [sic] o Administrador e Procurador geral, o que se recomenda como parte integrante do munus.

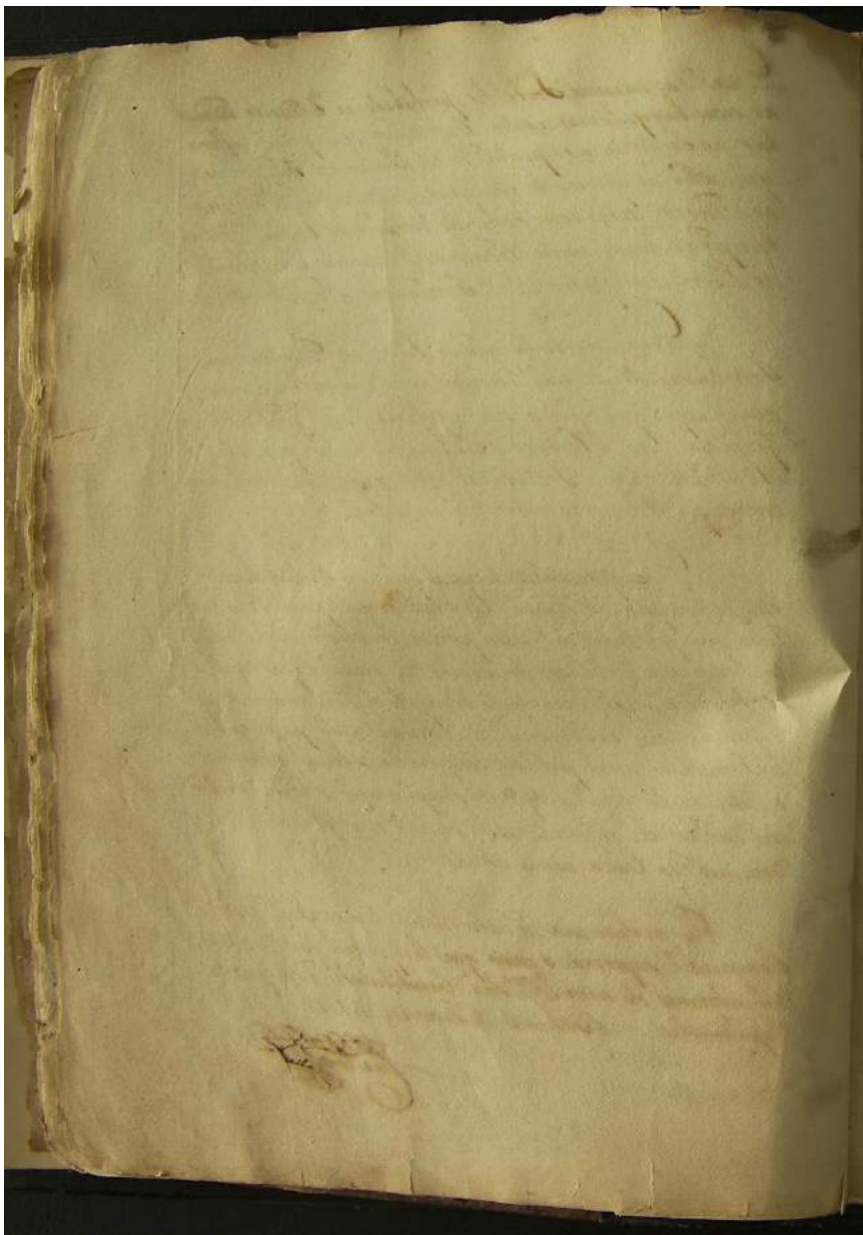
Que apresentando qual quer dos Cultivadores titulo de Compra, ou doaçãõ da terra de que paga renda ainda que pareça legal, nem por isso se escreva verba, ou cota á margem do Livro do Tombo. [sic] da quella Repartição, e em tal cazo seja o documento reduzido á Publica forma, e depois dirigilo ao Archivo da Administraçãõ para o Adm(nistrador) e Procurador geral proceder conferencia sobre a legitimidade, e entre tanto fique suspensa a especulaçãõ sobre o tal Sítio em duvida até se decidir se he ou não existente na posse, e dominio da Caza administrada.

Em Summa, a desteridade do S(e)n(ho)r Procurador Companh(ei)ro suprirá o mais que lhe parecer justo, e abem dos interesses do nosso Ex(celentissi)mo S(e)n(ho)r Constituinte, e das partes dependentes. Bahia 5 de Fevereiro de 1819,

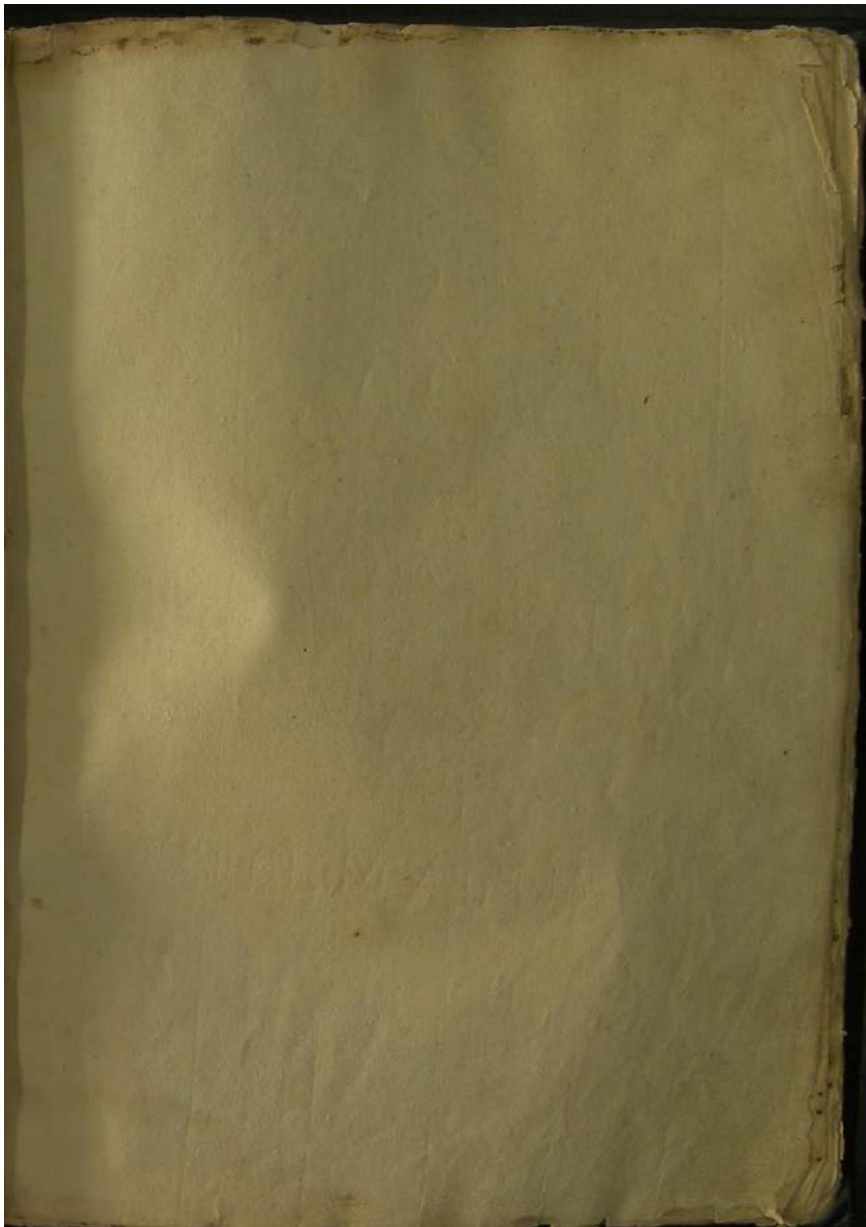
Castro

L.10: barras equivalem a parênteses.

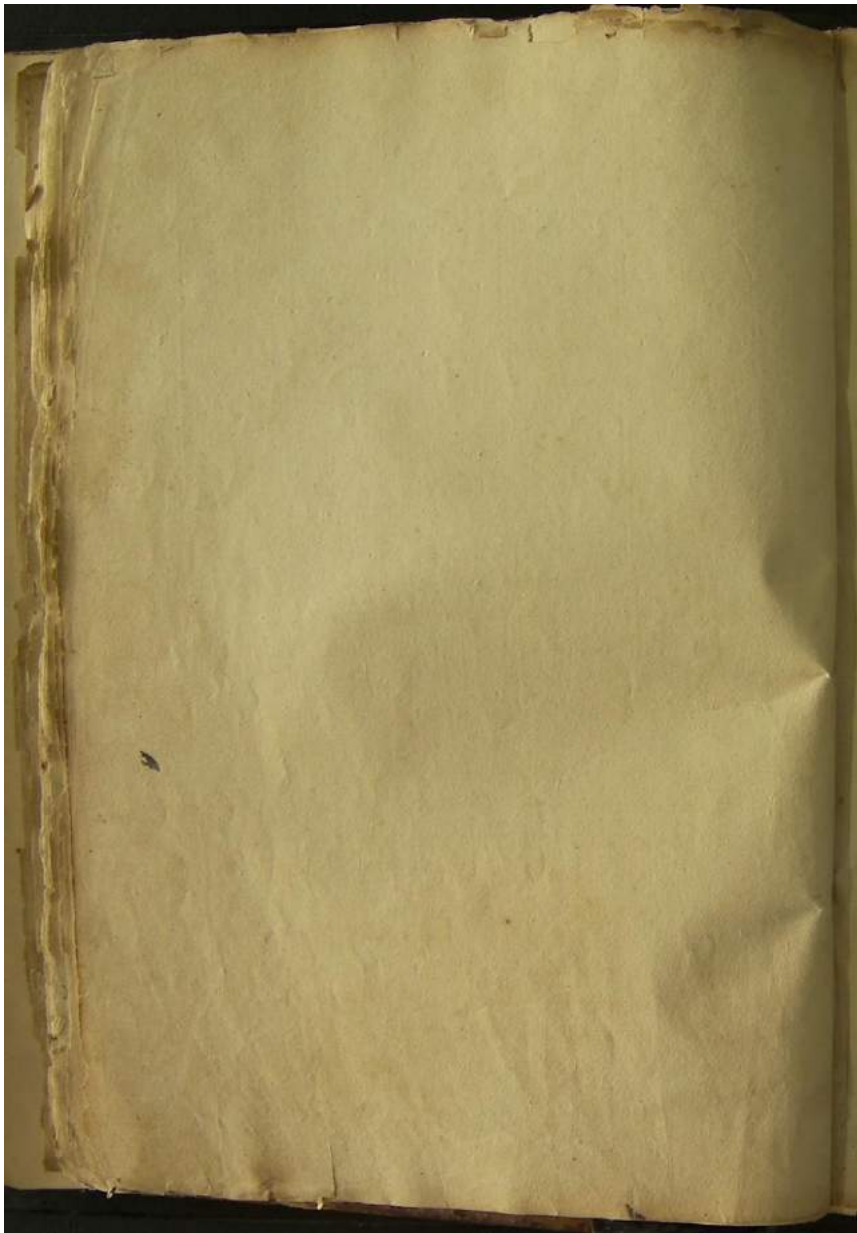
L.28: rubrica com laçadas.



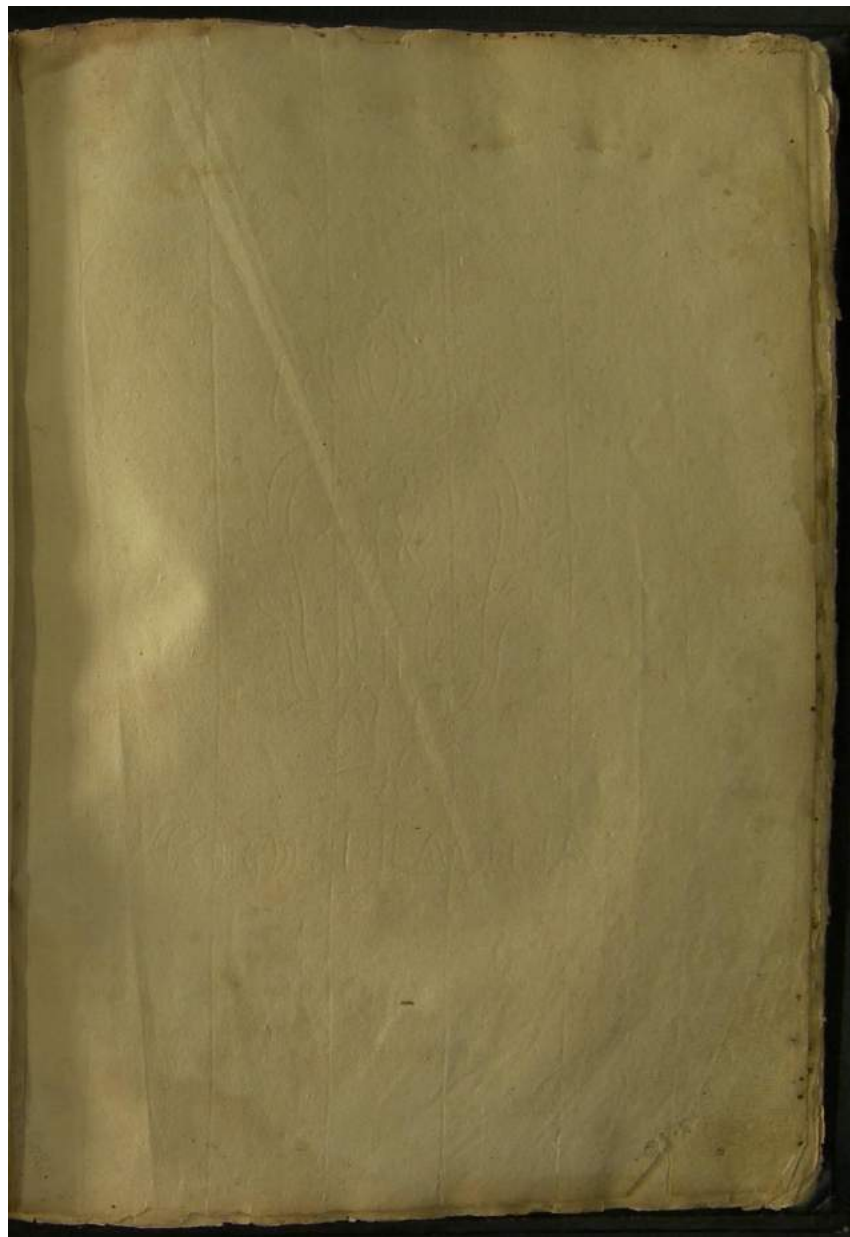
[8v]



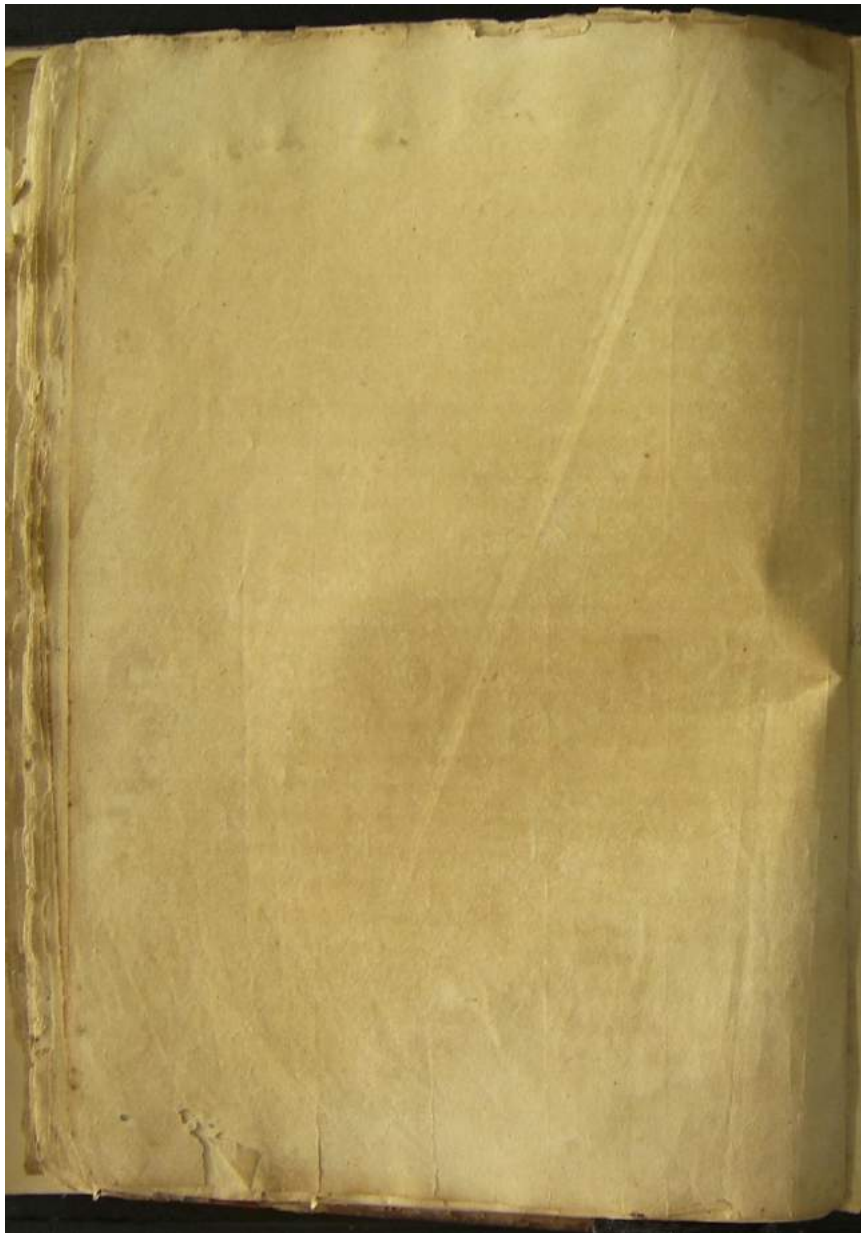
[9r]



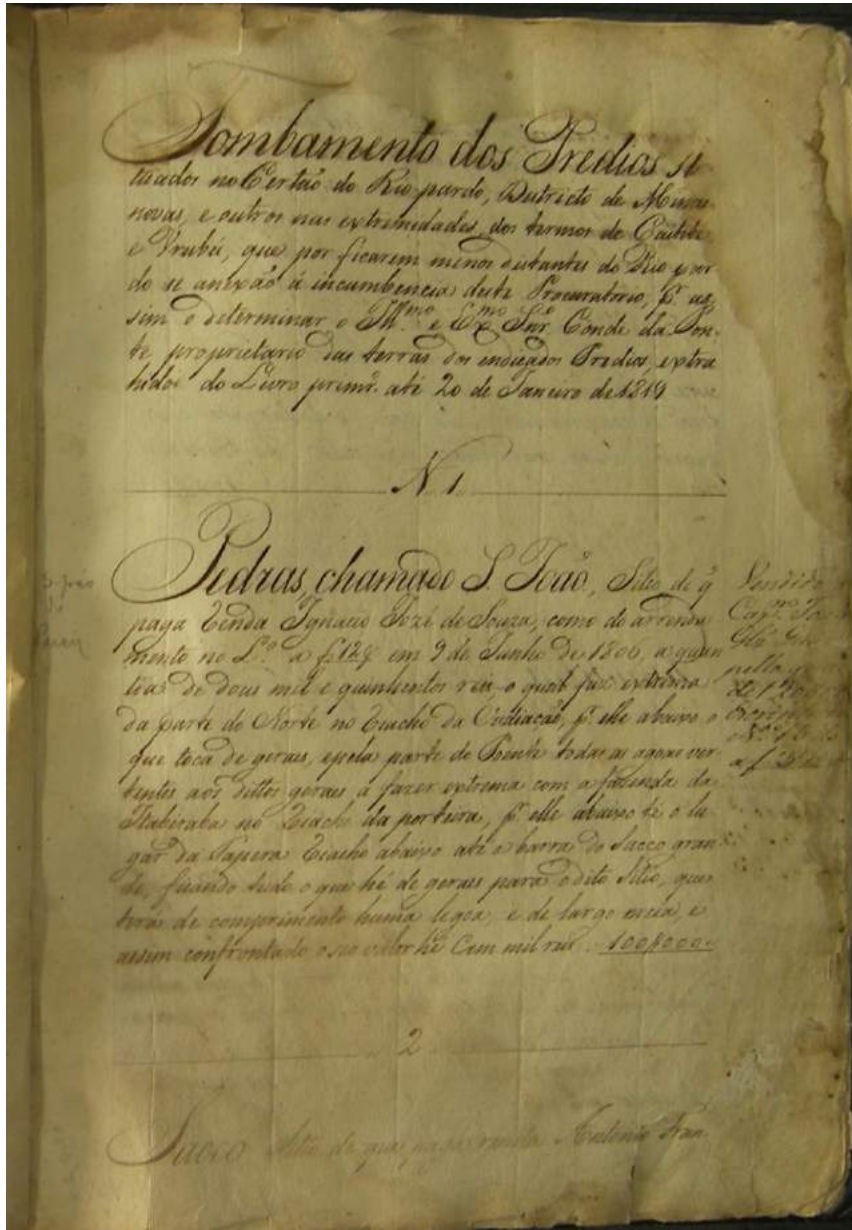
[9v]



[10r]



[10v]



- [11r] **Tombamento dos Predios situados no Certoão de Rio pardo, Districto de Minas novas, e outros nas extremidades dos termos de Caitité e Urubú, que por ficarem menos distantes do Rio pardo se anexão á incumbencia deste Procuratorio, p(o)r assim o determinar o Il(ustrissi)mo e Ex(celentissi)mo S(e)n(ho)r Conde da Ponte proprietario das terras dos indicados Predios, extraídos do Livro prim(ei)ro até 20 de Janeiro de 1819**

„ N(umero)1 „

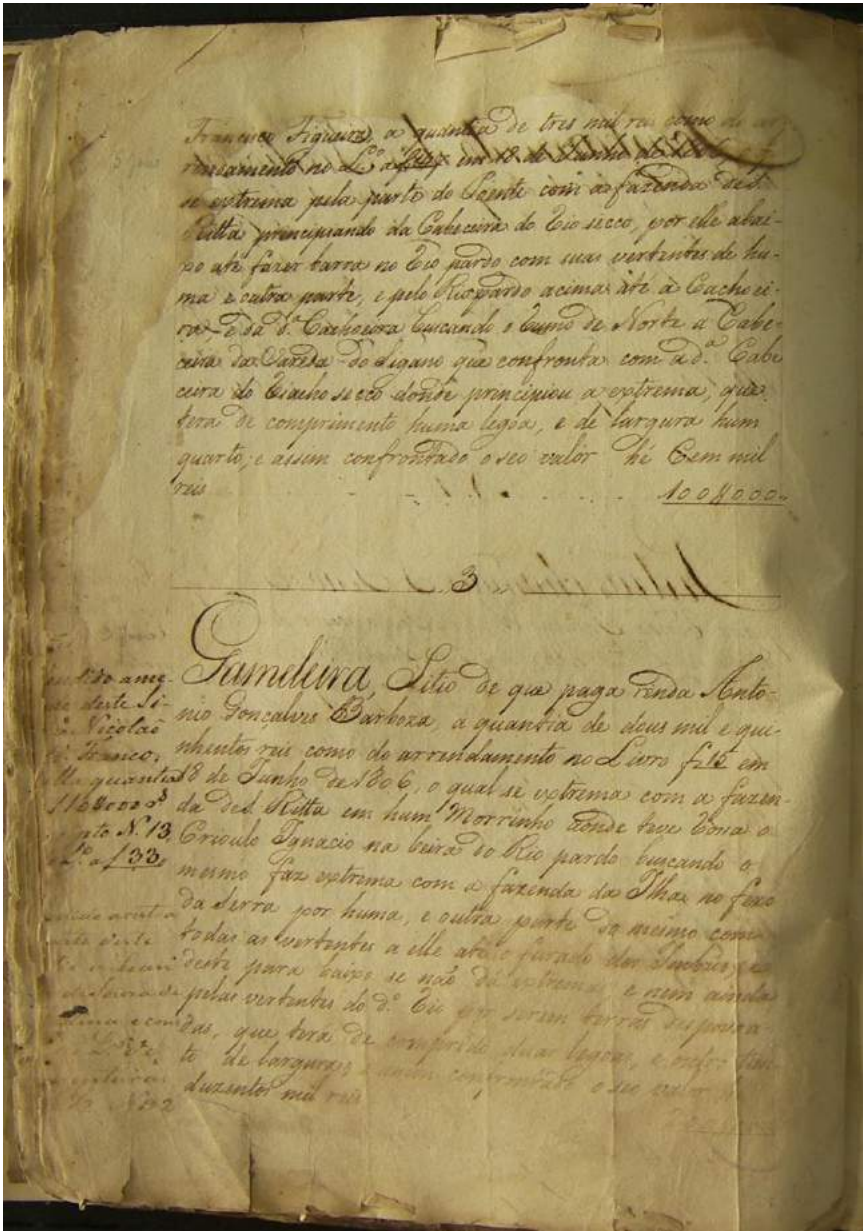
- 10 **Pedras, chamado S(aõ) João, Sitio de q(ue) paga Renda Ignacio Jozé deSouza, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s 12V(erso) em 9 de Junho de 1806, a quantia de dous mil e quinhentos reis, o qual faz extrema da parte do Norte no Riacho da Vadição, p(o)r elle abaixo o que toca de geraes, epela parte do Poente todas as agoas vertentes aos dittos geraes a fazer extrema com a fazenda da Itabiraba no Riacho da porteira, p(o)r elle abaixo té o lugar da Tapera Riacho abaixo até a barra do Sacco grande, ficando tudo o que hé de geraes para o dito Sitio, que terá de comprimento huma legoa, e de largo meia, e assim confrontado o seo valor hé Cem mil reis 100\$000**

2

Sacco, Sitio de que paga renda Antonio Fran-

Anotação à margem esquerda, entre as L. 10-13: S(aõ) João / do / Parizo.

Anotação à margem direita, entre as L. 10-16: Vendido ao / Cap(ita)m Joaq(ui)m / G(onça)l(ve)s Qua(res)ma / pella q(uan)ti(a) / de 120\$000 r(ei)s / Escripura / N(umero) 15 do L(ivr)o / a f(olha)s 39{V(erso)}



[11v] Francisco Figueira, a quantia de tres mil reis como de arrendamento no L(ivr)o af(olha)s14V(erso) em 18 de Junho de 1806, e q(ue) se extrema pela parte do Poente com a fazenda deS(anta) Ritta principiando da Cabeceira do Rio secco, por elle abaixo até fazer barra no Rio pardo com suas vertentes de huma e outra parte, e pelo Rio pardo acima até a Cachoeira, e da d(itt)a Cachoeira buscando o Rumo de Norte a Cabeceira da Vareda do Sigano que confronta com a d(itt)a Cabeceira do Riacho secco donde principiou a extrema, que tera de comprimento huma legoa, e de largura hum quarto; e assim confrontado o seo valor hé Cem mil reis 100\$000

_____ 3 _____

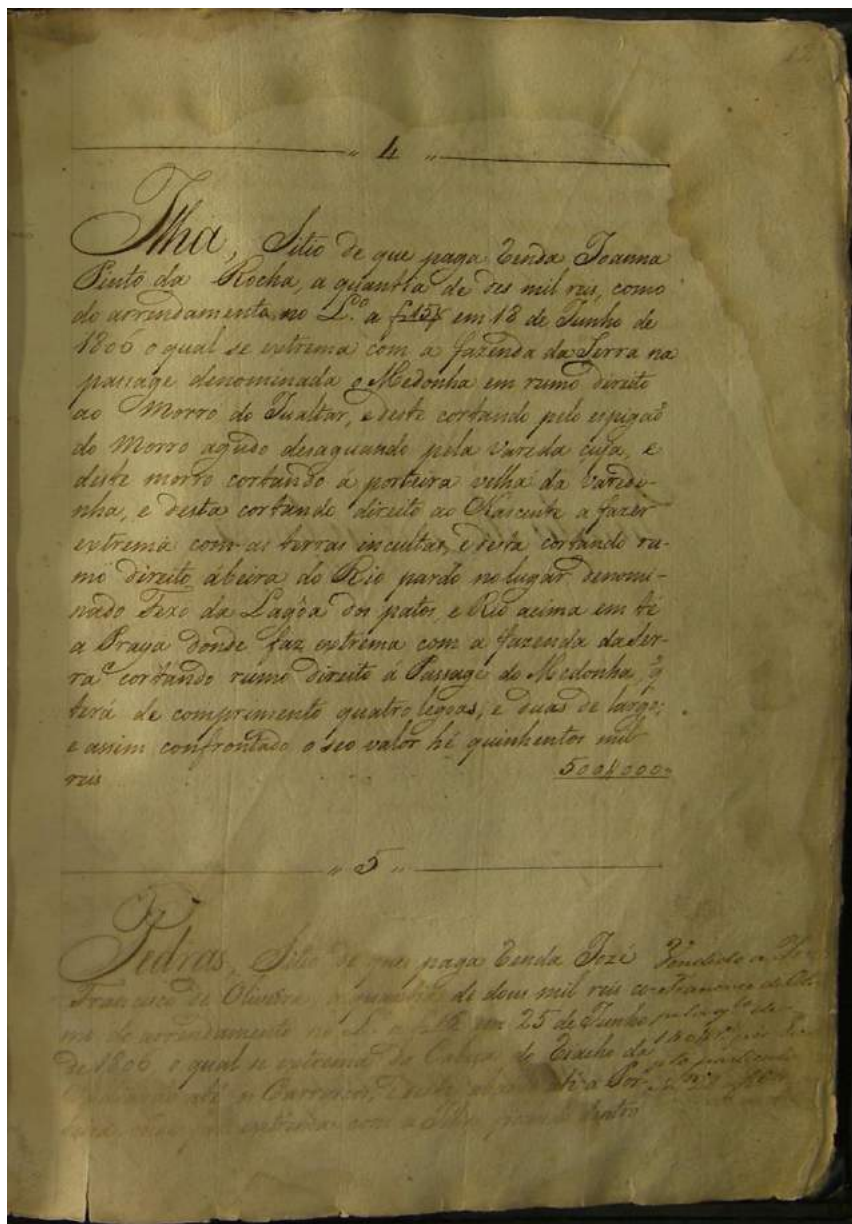
Gamelreira, Sitio de que paga renda Antonio Goncalves Barboza, a quantia de dous mil e quinhentos reis como do arrendamento no Livro f(olha)s15 em 18 de Junho de 1806, o qual se extrema com a fazenda deS(anta)Ritta em hum Morrinho aonde teve Rossa o Crioulo Ignacio na beira do Rio pardo buscando o mesmo faz extrema com a fazenda da Ilha no fecho da Serra por huma, e outra parte do mesmo com todas as vertentes a elle até o furado dos Imbús, e deste para baixo se não dá extremas, e nem ainda pelas vertentes do d(itt)o Rio por serem terras despovoadas, que terá de comprido duas legoas, e outro tanto de largura; e assim confrontado o seo valor hé duzentos mil reis 200\$000

L.2: anotação à margem direita: S(aõ) Joaõ.

Anotação à margem esquerda, entre as L. 13-14: {}S(aõ) Joaõ

Anotação à margem esquerda, entre as L. 14-20: Vendido ame- / {ta}de deste Si- / {tio a} Nicolao / [†] Franco, / pella quantia / de 110\$000 r(ei)s / Escripto / N(umer)o 13, / do L(ivro) a f(olha)s33

Anotação à margem esquerda, entre as L. 21-26: Cedido aoutra / parte deste / {S}itio a Lean / {dro} deSouza de / [†]ina e cons / {ta} do L(ivro) [†] / {E}scriptura [†] / N(umer)o32



[12r]

4

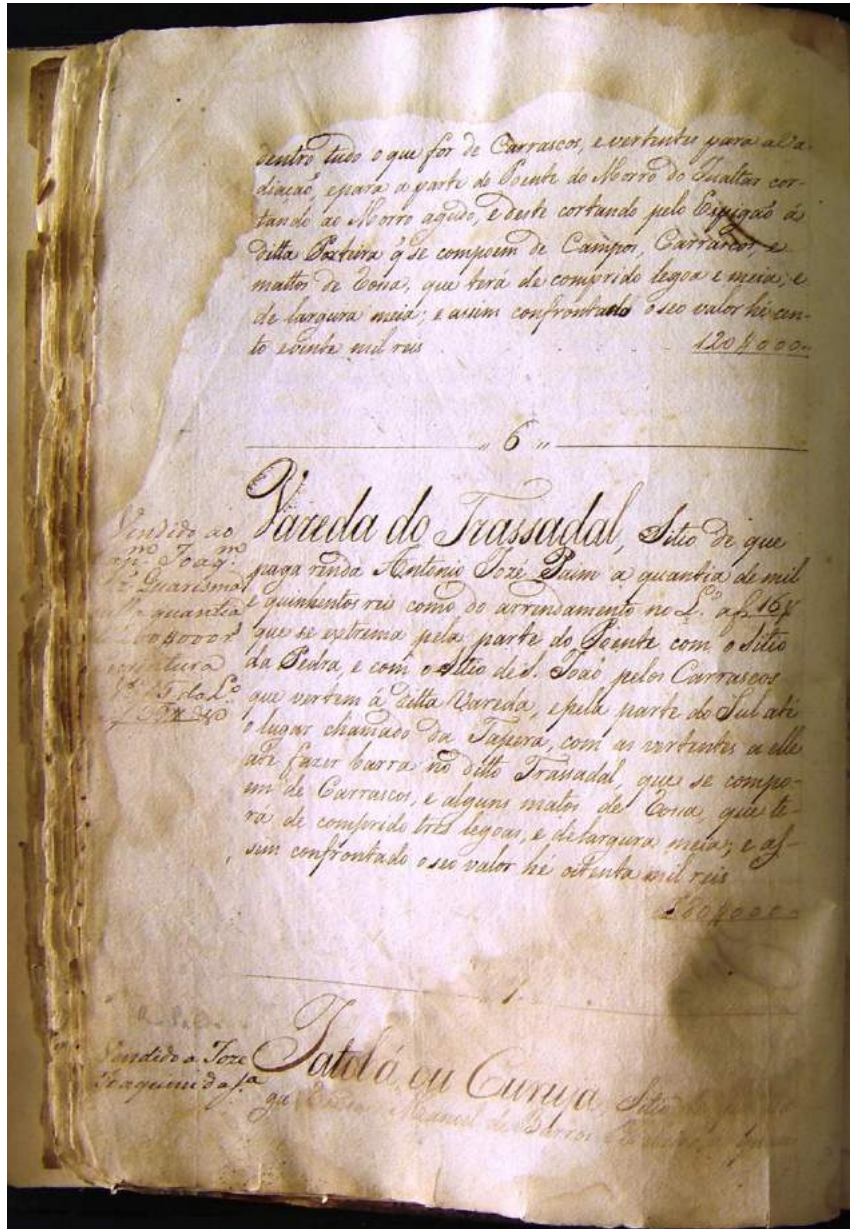
Ilha, Sitio de que paga Renda Joanna Pinto da Rocha, a quantia de des mil reis, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s15V(erso) em 18 de Junho de 1806 o qual se extrema com a fazenda da Serra na passage denominada o Medonha em rumo direito ao Morro do Jualtar, e deste cortando pelo espigão do Morro agudo desaguando pela Vareda çuja, e deste morro cortando á porteira velha da varedinha, e desta cortando direito ao Nascente a fazer extrema com as terras incultas, e desta cortando rumo direito ábeira do Rio pardo no lugar denominado Fexo da Lagôa dos patos, e Rio acima em té a Praya donde faz extrema com a fazenda da Serra cortando rumo direito á Passage do Medonha, q(ue) terá de comprimento quatro legoas, e duas de largo; e assim confrontado o seo valor hé quinhentos mil reis 500\$000

L.2: anotação à margem esquerda: {S(aõ)} Joaõ

5

Pedras, Sitio de que paga Renda Jozé Francisco de Oliveira, a quantia de dous mil reis como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s16 em 25 de Junho de 1806, o qual se extrema da Cabeça do Riacho da Vadiação até os Carrascos, e deste abaixo até a Porteira onde faz extrema com a Ilha, ficando dentro

Anotação à margem direita, entre as L.20-24: Vendido a Jozé / Francisco de Oli(veira) / pela q(uan)t(i)a de / 140\$000 por Escri- / pto particular / N(umer)o28 af(olha)s64



[12v] dentro tudo o que for de Carrascos, e vertentes para aVadiação, e para a parte do Poente do Morro do Jualtar cortando ao Morro agudo, e deste cortando pelo Espigaõ á ditta Porteira q(ue) se compoem de Campos, Carrascos, e matts de Rossa, que terá de comprido legoa e meia, e de largura meia; e assim confrontado o seo valor hé cento evinte mil reis 120\$000

6

Vareda do Trassadal, Sitio de que

10 paga renda Antonio Jozé Paim a quantia de mil e quinhentos reis como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s16V(erso) que se extrema pela parte do Poente com o Sitio da Pedra, e com o Sitio deS(aõ) Joaõ pelos Carrascos que vertem á ditta Vareda, epela parte do Sul até o lugar chamado da Tapera, com as vertentes a elle ate fazer barra no ditto Trassadal, que se compoem de Carrascos, e alguns matos de Rossa, que terá de comprido tres legoas, e delargura meia; e assim confrontado o seo valor hé oitenta mil reis 80\$000

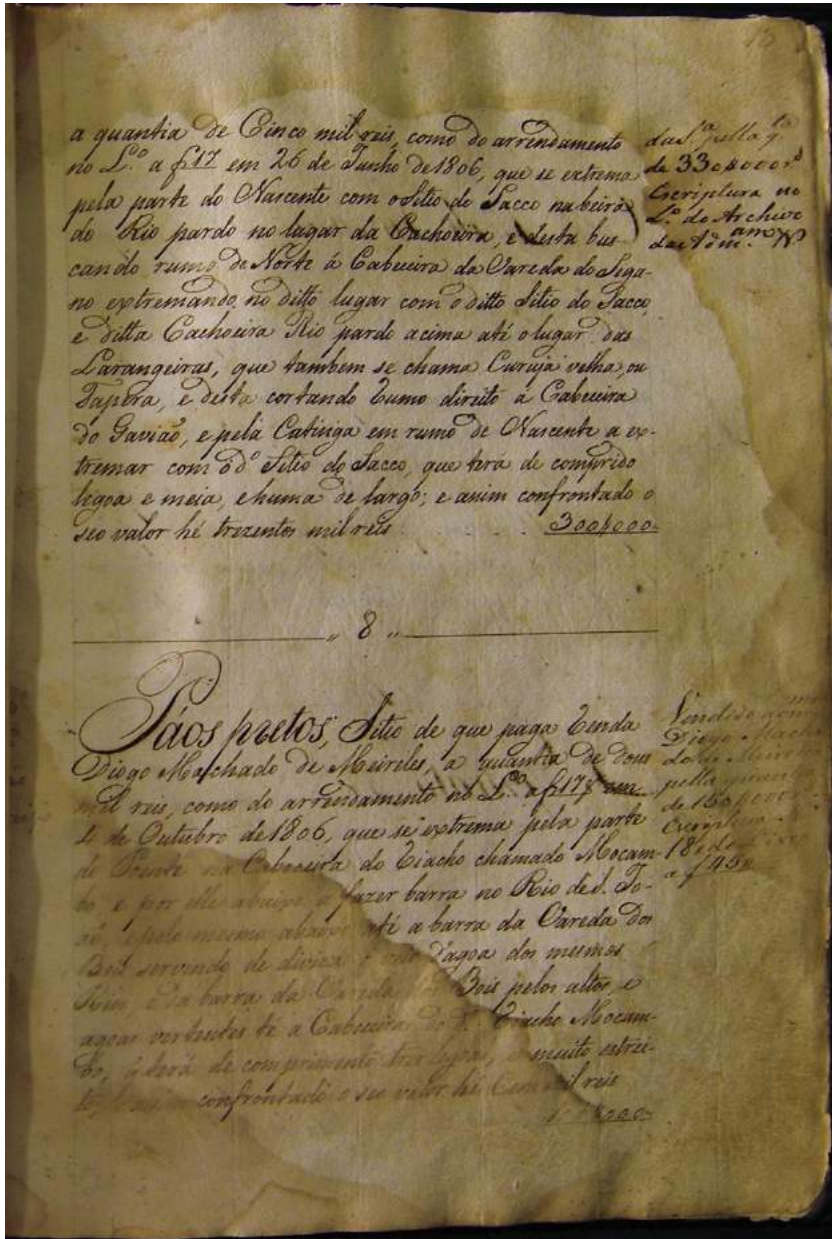
7

Jatobá ou Curuja, Sitio de que

10 paga Renda Manoel de Barros Ribeiro, a quan-

Anotação à margem esquerda, entre as L.9-15: Vendido ao / Cap(ita)m Joaq(ui)m / G(onça)l(ve)s Quaresma / pella quantia / de 200\$000 r(ei)s / Escrip(t)ura / N(umer)o 15. do L(ivr)o / [†]af(olha)s39 [†]rubrica

L.22: anotação à margem esquerda: Rio Pardo. Anotação à margem esquerda, entre as L.22-23: Vendido a Joze / Joaquim da S(ilva)



- [13r] a quantia de Cinco mil reis, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s17 em 26 de Junho de 1806, que se extrema pela parte da Nascente com o Sítio do Sacco na beira do Rio pardo no lugar da Cachoeira, e desta buscando rumo de Norte á Cabeceira da Vareda do Sigan extremando no ditto lugar com o ditto Sítio do Sacco, e ditto Cachoeira Rio pardo acima até o lugar das Larangeiras, que também se chama Curuja velha, ou Tapera, e desta cortando Rumo direito á Cabeceira do Gavião, e pela Catinga em rumo de Nascente a extremar com o d(itt)o Sítio do Sacco, que terá de comprido legoa e meia, e huma de largo; e assim confrontado o seo valor hé trezentos mil reis 300\$000

Anotação à margem direita, entre as L.1-6: da S(ily)a pella q(uan)t(i)a / de 330\$000 r(ei)s / Escripura no / L(ivr)o do Archivo / da Adm(inistraç)am [† rubrica]

- 8
- 15 **Páos pretos**, Sítio de que paga Renda Diogo Machado de Meireles, a quantia de dous mil reis, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s17V(erso) em 4 de Outubro de 1806, que se extrema pela parte do Poente na Cabeceira do Riacho chamado Mocambo, e por elle abaixo, a fazer barra no Rio de S(aõ) João, epelo mesmo abaixo até a barra da Vareda dos Bois servindo de diviza o veio d'agoa dos mesmos Rios, e da barra da Vareda dos Bois pelos altos, e agoas vertentes té a Cabeceira do d(itt)o Riacho Mocambo, q(ue) terá de comprimento três legoas, e muito estreito; e assim confrontado o seo valor hé Cem mil reis 100\$000

Anotação à margem direita, entre as L.15-20: Vendido a [†] / Diogo Macha- / do de Meireles / pella quantia / de 150\$000 r(ei)s / Escripura N(umer)o / 18 e do Livro / a f(olha)s45

[13v]

9

9

N.º do Livramento, Sitio de que paga Renda Antonio de Freitas de Faria, a quantia de mil duzentos e cincoenta reis como do arrendam. no Livro af(olha)s 18 em 5 de Outubro de 1806, que se extrema na barra do Riacho da Mumbuca, e por ella avança si suas Cabeceiras, e pelo Riacho do Pasto dos Cavallos com todas as suas vertentes da parte do Nascente fica pertencendo ao Riacho da Mumbuca todas as agoas que vertem a elle de huma e outra parte, para nelle crear, e plantar, que terá de comprido quaze meia legoa, emuito estreito; e assim confrontado o seo valor hé quarenta mil reis 40\$000

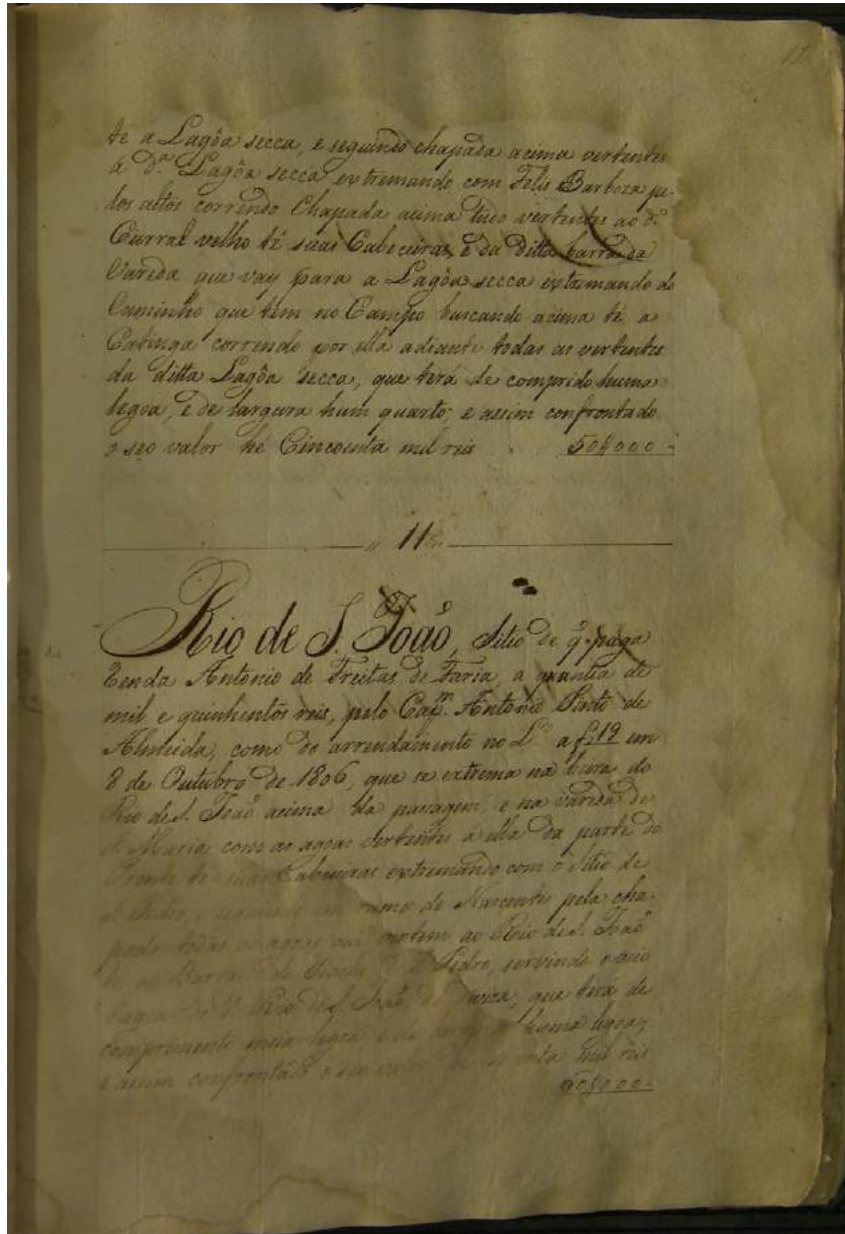
10

- 15 **S(aõ) Gonçalo**, Sitio de que paga Renda Manoel Gonçalves Chaves, a quantia de des tostoens como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s 18V(erso) em 6 de Outubro de 1806, que faz extrema da Cabeceira do Riacho denominado Curral velho, e por elle abaixo, com as suas vertentes de huma e outra parte a barra do outro Riacho chamado Forquilha, e da hi correndo veio d'agoa abaixo até o Canto da Vargem, ficando pertencendo o d(it)o veio d'agoa, e para a parte do Poente extremado pela parte de cima em hum Capamzinho que tem na dita Vargem, e da hi vareda acima té

L. 15: anotação à margem esquerda: Serra nova

10

S. Gonçalo, Sitio de que paga Renda Manoel Gonçalves Chaves, a quantia de des tostoens como do arrendamento no L.º af(olha)s 18 em 6 de Outubro de 1806, que faz extrema da Cabeceira do Riacho denominado Curral velho, e por elle abaixo, com as suas vertentes de huma e outra parte a barra do outro Riacho chamado Forquilha, e da hi correndo veio d'agoa abaixo até o Canto da Vargem, ficando pertencendo o d(it)o veio d'agoa, e para a parte do Poente extremado pela parte de cima em hum Capamzinho que tem na dita Vargem, e da hi vareda acima té

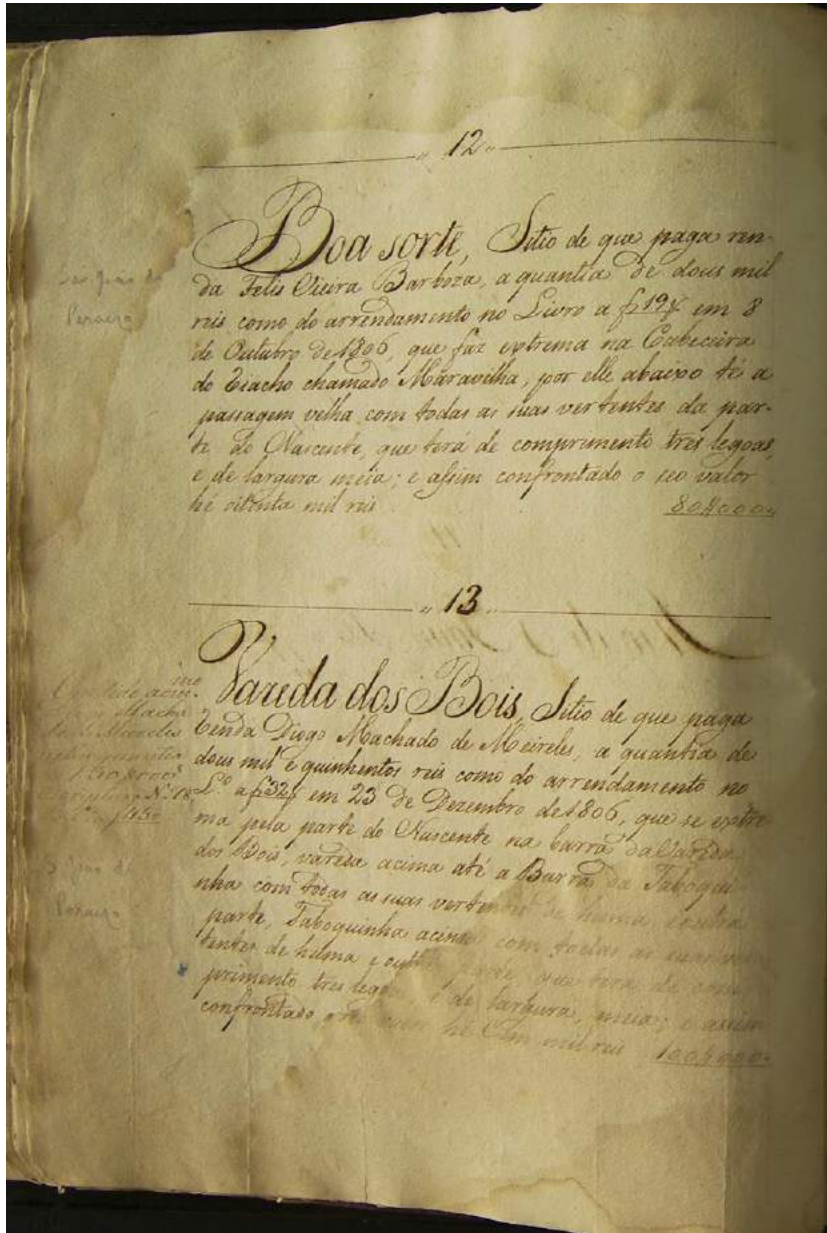


- [14r] té a Lagôa secca, e seguindo chapada acima vertentes á d(itt)a Lagôa secca extremado com Felis Barboza pelos altos correndo Chapada acima tudo vertentes ao d(itt)o Curral velho té suas Cabeceiras, e da ditto barra da Vareda que vay para a Lagôa secca extremado do Caminho que tem no Campo buscando acima té a Catinga correndo por ella adiante todas as vertentes da ditto Lagôa secca, que terá de comprido huma legoa, e de largura hum quarto; e assim confrontado o seo valor hé Cincoenta mil reis 50\$000

11

Rio de S(aõ) João, Sitio de q(ue) paga

- Renda Antonio de Freitas deFaria, a quantia de mil e quinhentos reis, pelo Cap(ita)m Antonio Pinto de Almeida, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s19 em 8 de Outubro de 1806, que se extrema na beira do Rio de S(aõ) João acima da passagem, e na vareda de S(anta) Maria com as agoas vertentes á ella por parte do Poente té suas Cabeceiras extremado com o Sitio de S(aõ) Pedro, e seguindo em rumo de Nascente pela chapada todas as agoas que vertem ao Rio de S(aõ) João té a Barra do Riacho de S(aõ) Pedro, servindo o veio d'agoa do d(itt)o Rio de S(aõ) João, de diviza, que terá de comprimento meia legoa, e de largura huma legoa; e assim confrontado o seo valor hé secenta mil reis 60\$000



[14v]

12

Boa sorte, Sitio de que paga renda Felis Vieira Barboza, a quantia de dous mil reis, como do arrendamento no Livro af(olha)s 19V(erso) em 8 de Outubro de 1806, que faz extrema na Cabeceira do Riacho chamado Maravilha, por elle abaixo té a passagem velha com todas as suas vertentes da parte do Nascente, que terá de comprimento tres legoas, e de largura meia; e assim confrontado o seo valor

5

10

hé oitenta mil reis 80\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L. 3-4: São João do Paraizo

13

Vareda dos Bois, Sitio de que paga Renda Diogo Machado de Meireles, a quantia de dous mil e quinhentos reis como do arrendamento no Livro af(olha)s 32V(erso) em 23 de Dezembro de 1806, que se extrema pela parte do Nascente na barra da Vareda dos Bois, vareda acima até a Barra da Taboquinha com todas as suas vertentes de huma eoutra parte, Taboquinha acima, com todas as suas vertentes de huma e outra parte, que terá de comprimento tres legoas, e de largura, meia; e assim confrontado o seo valor hé Cem mil reis

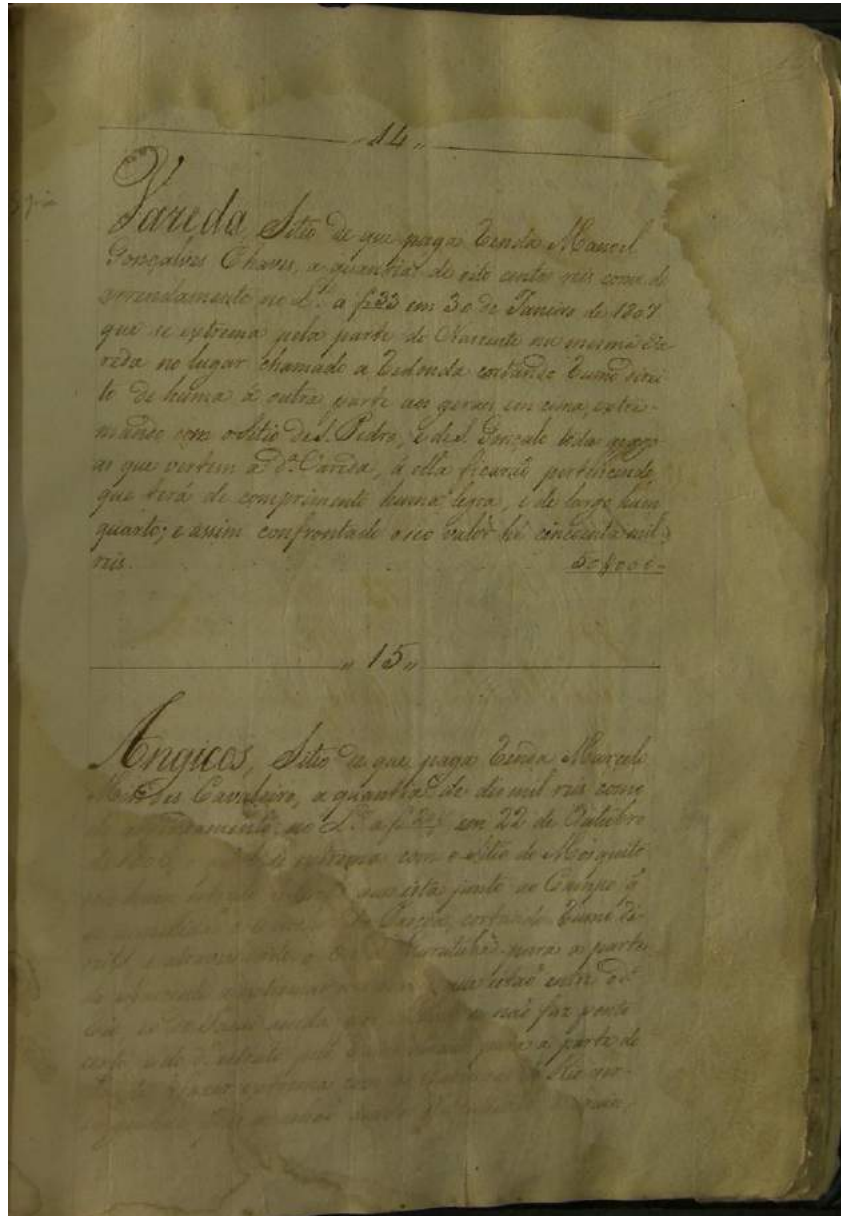
15

20

100\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L. 12-16: Vendido aom(es)mo / Diogo Macha- / do de Meireles / pella quantia / de 130\$000 r(ei)s / Escripura N(umer)o 18 / e do Livro / a f(olha)s 45

Anotação à margem esquerda, entre as L. 17-19: S(aõ) Joaõ do Paraizo



[15r]

14

Vareda, Sitio de que paga Renda Manoel

Gonçalves Chaves, a quantia de oito centos reis como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s33 em 30 de Janeiro de 1807,

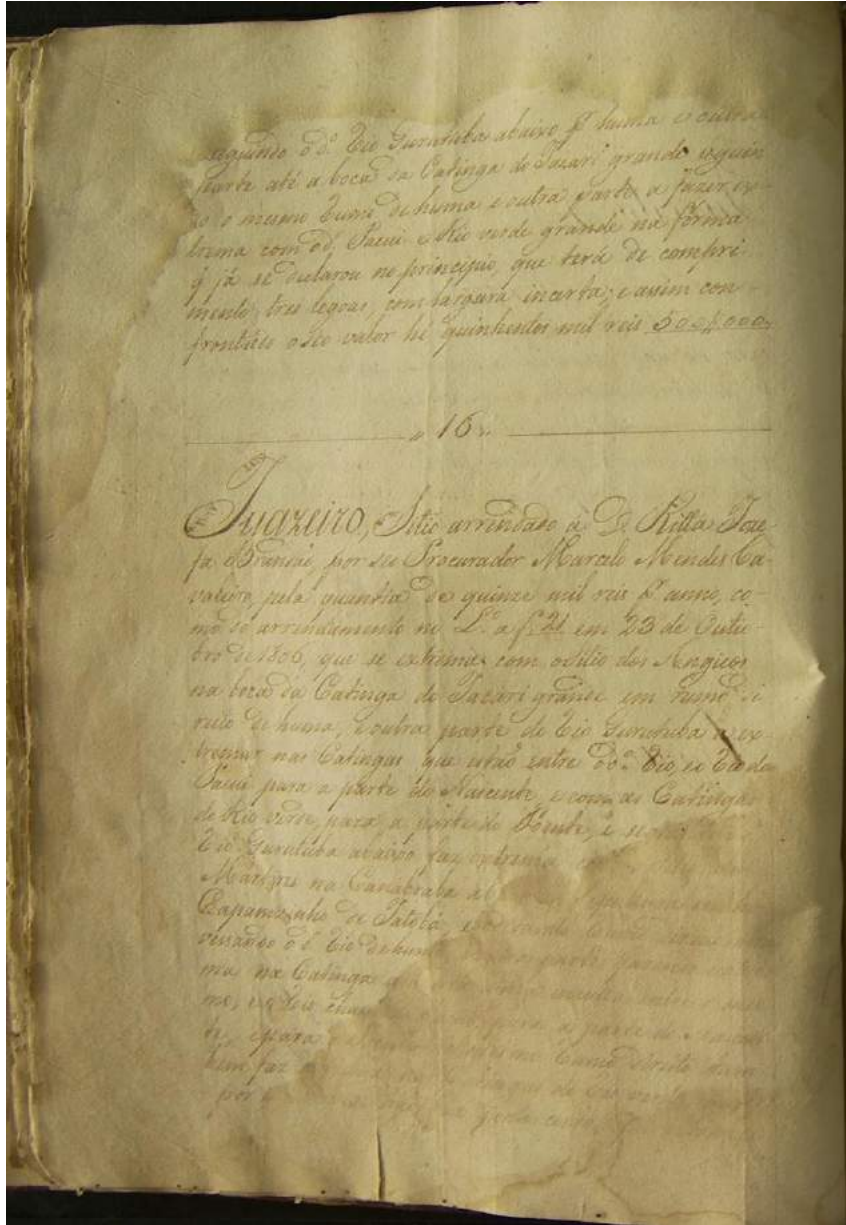
- 5 que se extrema pela parte do Nascente na mesma vareda no lugar chamado a Redonda cortando Rumo direito de huma á outra parte aos geraes em cima, extremado com o Sitio deS(aõ) Pedro, e deS(aõ) Gonçalo todas as <g>/a\go-
 10 as que vertem a d(it)aVareda, á ella ficaraõ pertencendo, que terá de comprimento huma legoa, e de largo hum quarto; e assim confrontado o seo valor hé cinquenta mil
 reis 50\$000

15

Angicos, Sitio de que paga Renda Marcelo

- 15 Mendes Cavaleiro, a quantia de des mil reis, como de arrendamento no L(ivr)o af(olha)s20V(erso) em 22 de Outubro de 1806, o qual se extrema com o Sitio do Mosquito em hum estreito de {matto} que esta junto ao Campo q(ue) se appella o Riacho da Pascoa, cortando Rumo direito e atravessando o Rio do Gurutuba para as partes do Nascente a extremar nos mattos que estaõ entre o d(it)o Rio, eo do Pacui ainda por cultivar se não faz ponto certo, e do d(it)o estreito pelo rumo direito, para a parte do Poente, a fazer extrema com as Catingas do Rio verde grande que se achaõ ainda por cultivar, e seguin-
- 20
- 25

Anotação à margem esquerda, entre as L. 1-2: S(aõ) Joaõ



[15v] e seguindo o d(itt)o Rio Gurutuba abaixo p(o)r huma e outra parte até a boca da Catinga do Jacari grande seguindo o mesmo Rumo de huma e outra parte a fazer extrema com o d(itt)o Pacui e Rio verde grande na forma q(ue) já se declarou no principio, que terá de comprimento tres legoas, com largura incerta; e assim confrontado o seo valor hé quinhentos mil reis 500\$000

16

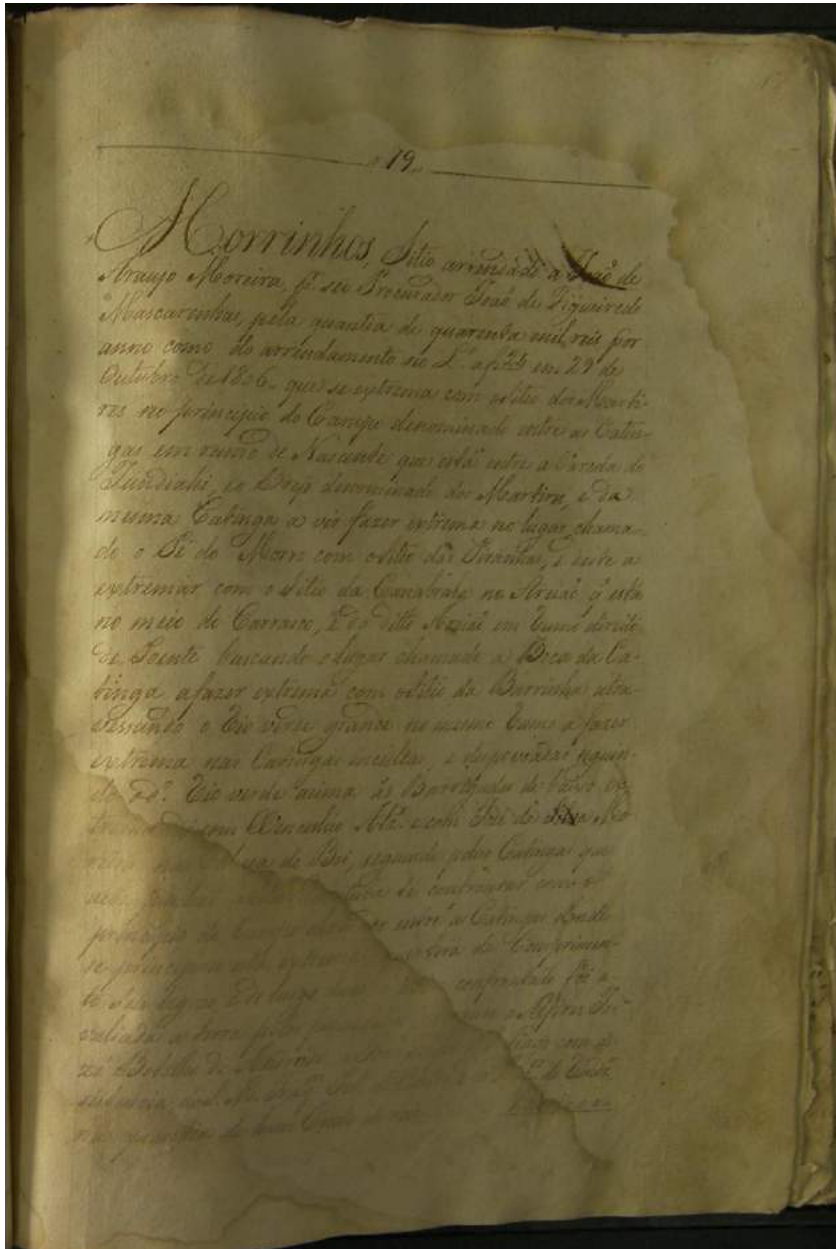
Juazeiro, Sitio arrendado á D(onna) Ritta Joze-fa Brandaõ, por seo Procurador Marcelo Mendes Cavaleiro, pela quantia de quinze mil reis p(o)r anno, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s²¹ em 23 de Outubro de 1806, que se extrema com oSitio dos Angicos na boca da Catinga do Jacari grande em rumo direito de huma, e outra parte do Rio Gurutuba a extremar nas Catingas que estaõ entre o d(itt)o Rio, e o Rio do Pacui para a parte do Nascente, e com as Catingas do Rio verde, para a parte do Poente, e seguindo o d(itt)o Rio Gurutuba abaixo faz extrema com o Sitio dos Martires na Canabraba abaixo da sepultura em hum Capamzinho de Jatobá, e cortando Rumo direito atravessando o d(itt)o Rio de huma e outra partes fazendo extrema na Catinga que está ainda inculta entre o mesmo e o Rio chamado Pacui, para a parte do Nascente e para o Poente no mesmo rumo direito tambem extrema nas Catingas do Rio verde {que} por incultas [†] faz ponto certo [†]

[16r]

Folha ausente (Cf. Seção 4).

[16v]

Folha ausente (Cf. Seção 4).



[17r]

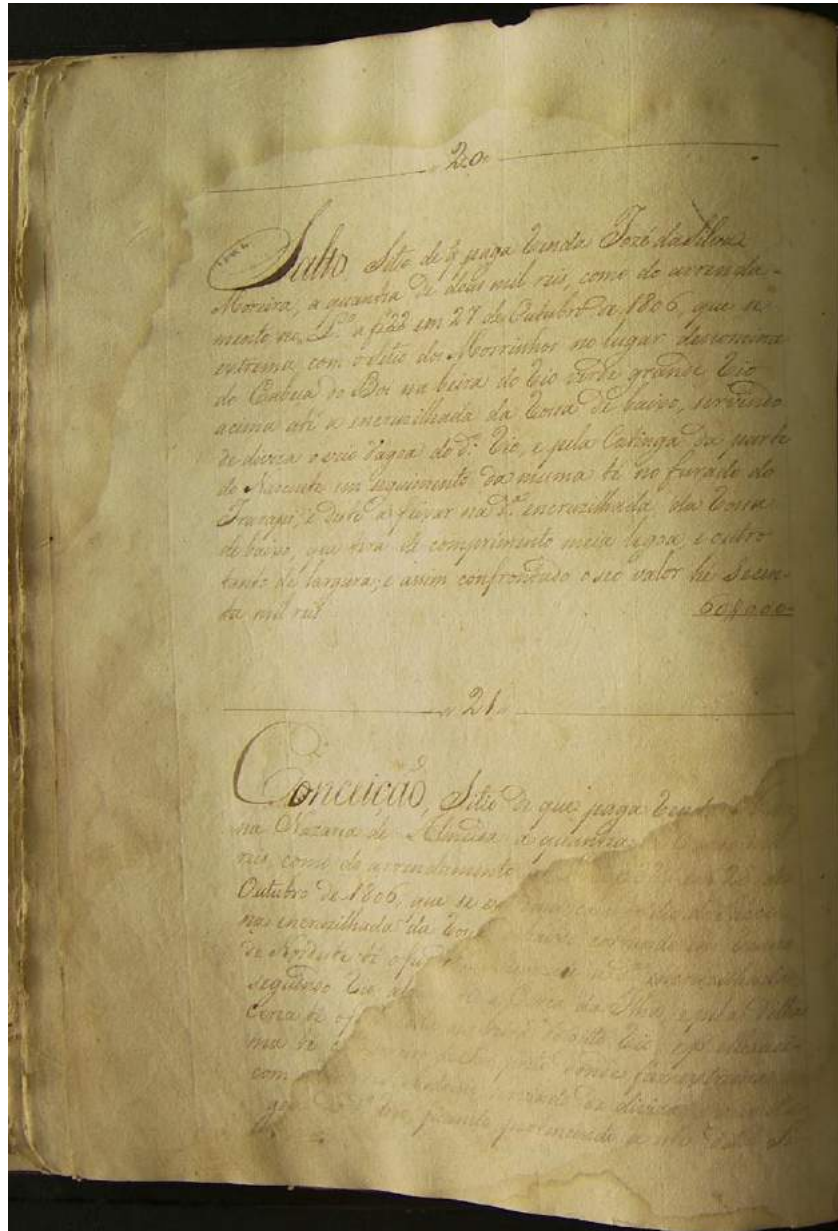
19

Morrinhos, Sitio arrendado a Joaõ de Araujo Moreira, p(o)r seo Procurador Joaõ de Figueiredo Mascarenhas, pela quantia de quarenta mil reis por anno como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s²⁴ em 29 de Outubro de 1806, que se extrema com o Sitio dos Martires no principio do Campo denominado entre as Catingas em rumo de Nascente que está entre a Vareda do Jundiahi, e o Brejo denominado dos Martires, e da mesma Catinga a vir fazer extrema no lugar chamado o Pé do Morro com o Sitio das Piranhas, e deste a extremar com o Sitio da Canabraba no Areiaõ q(ue) está no meio do Carrasco, e do ditto Areiaõ em Rumo direito de Poente buscando o lugar chamado a Boca da Catinga afazer extrema com o Sitio da Barrinha atravessando o Rio verde grande no mesmo Rumo a fazer extrema nas Catingas incultas, e despovoadas seguindo od(itto) Rio verde acima ás Barrigudas de baixo extremando com Wencesláo Al(vare)s e com Jozé da Silva Moreira na Cabeça do Boi, seguindo pelas Catingas que acompanhaõ o Sitio Gurutuba té confrontar com o principio do Campo chamado entre as Catingas donde se principiou esta extrema, que terá de Comprimento seis legoas, e de largo duas; e assim confrontado foi avaliada a terra pelos fazendeiros veteranos o Alferes Jozé Botelho de Andrade, e Joaõ Felipe de S(ouza) Tiago com assistência do S(argento) M(or) Joaq(ui)m Per(eir)a de Castro e o Proc(urad)or do Rend(ei)ro,

na quantia de hum Conto de reis 1:000\$000

[17v]

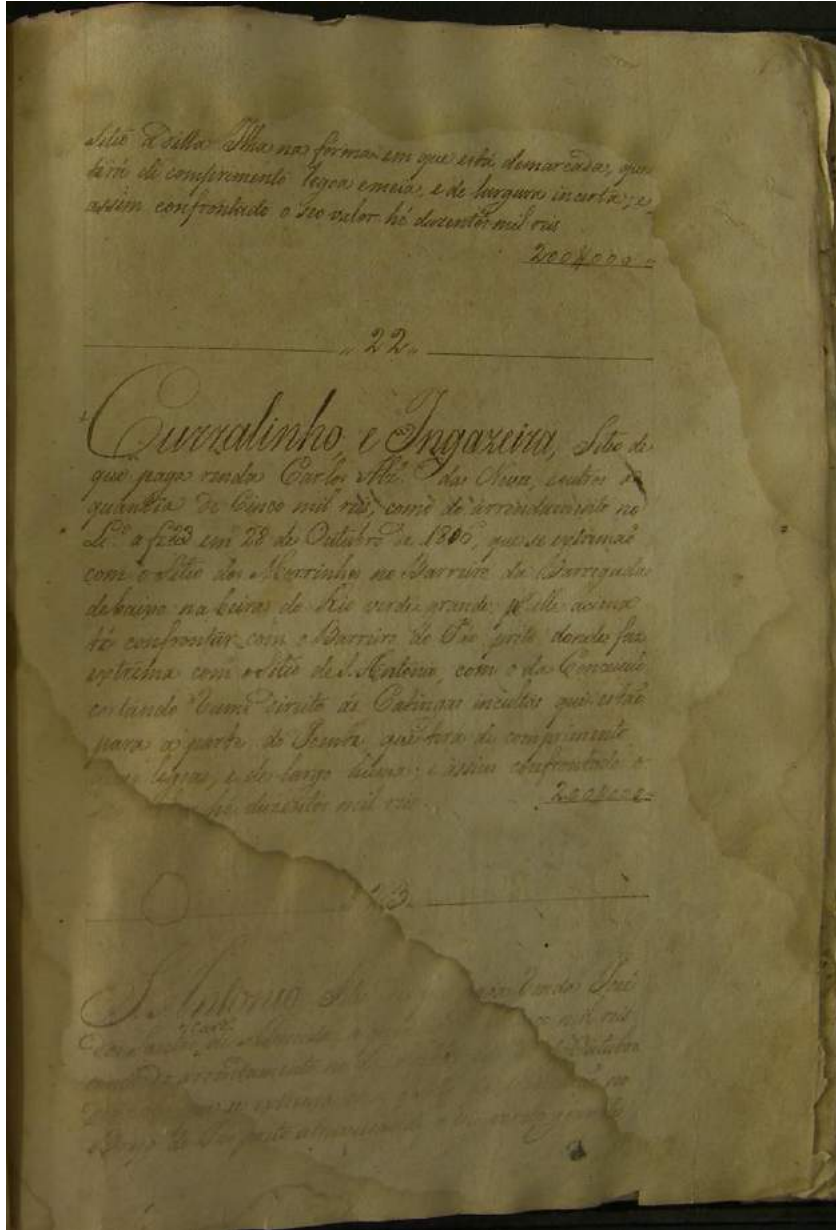
20



Salto, Sitio de q(ue) paga Renda Jozé daSilva
Moreira, a quantia de dous mil reis, como do arrenda-
mento no L(ivr)o af(olha)s22 em 27 de Outubro de 1806, que se
5 extrema com o Sitio dos Morrinhos no lugar denomina-
do Cabeça do Boi na beira do Rio verde grande Rio
acima até a encruzilhada da Rossa de baixo, servindo
de diviza o veio d'agoa do d(itto) Rio, e pela Catinga da parte
do Nascente em seguimento da mesma té no furado do
10 Irarapi, e deste a feixar na d(itto)a encruzilhada da Rossa
de baixo, que terá de comprimento meia legoa, e outro
tanto de largura; e assim confrontado o seo valor hé Secen-
ta mil reis 60\$000

21

15 **Conceição**, Sitio de que paga Renda An-
na Nazaria de Almeida, a quantia de Cinco mil
reis, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s22V(erso) em 28 de
Outubro de 1806, que se extrema com o Sitio do Sacco
na encruzilhada da Rossa abaixo correndo em rumo
20 de Nordeste té o furado do Sucuruíú a d(itto)a encruzilhada
seguindo Rio abaixo té a Cerca da Ilha, e pela ditta
Cerca té ofim d'ella na beira do ditto Rio ep(o)r elle aci-
ma té o Barreiro do Páo prêto donde faz extrema
com o Sitio do S(anto) Antonio, servindo de diviza o veio d'a-
25 goa do d(itto) Rio, ficando pertencendo a este ditto Si-



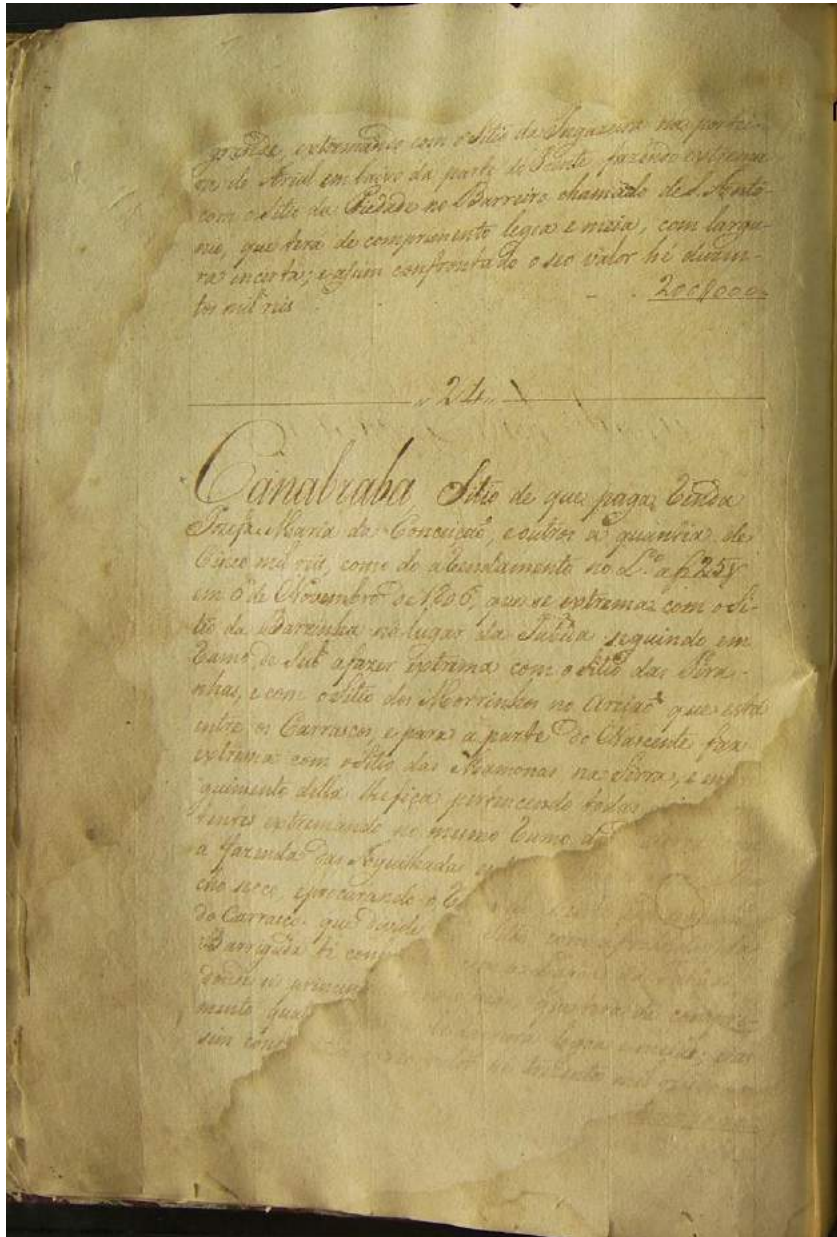
[18r] Sitio a ditta Ilha na fórma em que está demarcada, que terá de comprimento legoa romeia, e de largura incerta; e assim confrontado o seo valor hé duzentos mil reis
200\$000

5 _____ **22** _____

Curralinho, e Ingazeira, Sitio de que paga renda Carlos Al(vare)s das Neves, eoutros a quantia de Cinco mil reis, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s23 em 28 de Outubro de 18<†>/0\6, que se extremaõ [sic] com o Sitio dos Morrinhos no Barreiro da Barriguda debaixo na beira do Rio verde grande p(o)r elle acima té confrontar com o Barreiro do Páo preto donde faz extrema com oSitio deS(anto) Antonio, com o da Conceição cortando Rumo direito ás Catingas incultas que estão para a parte do Poente, que terá de comprimento duas legoas, e de largo huma; e assim confrontado o seo valor hé duzentos mil reis
200\$000

_____ **23** _____

S(anto) Antonio, Sitio de que paga Renda Jozé dos Santos [↑Card(oz)o] de Almeida, a quantia de Cinco mil reis como do arrendamento no no L(ivr)o af(olha)s23V(erso) em 28 de Outubro de 1806, que se extrema com o Sitio daConceição no Brejo do Páo preto atravessando o Rio verde grande



[18v] grande, extremando com o Sítio da Ingazeira na portei-
 ra do Ariel em baixo da parte do Poente fazendo extrema
 com o Sítio da Piedade no Barreiro chamado de S(anto) Anto-
 nio, que terá de comprimento legoa e meia, com largu-
 ra incerta; e assim confrontado o seo valor hé duzen-
 tos mil reis 200\$000

Canabraba, Sítio de que paga Renda

Jozefa Maria da Conceição, e outros a quantia de

- 10 Cinco mil reis, como do a Rendamento no L(ivr)o af(olha)s 25V(erso) em 6 de Novembro de 1806, que se extrema com o Sítio da Barrinha no lugar da Tabúa seguindo em Rumo de Sul, afazer extrema com o Sítio das Piranhas, e com o Sítio dos Morrinhos no Areião que está
- 15 entre os Carrascos, e para a parte do Nascente faz extrema com o Sítio das Mamonas na Serra, e em seguimento della lhefica pertencendo todas as suas vertentes extremando no mesmo Rumo da d(itt)a Serra com a fazenda das Aguilhadas entre o Olho d'agoa e Riacho secco, e procurando o rumo do Poente e seguindo [↑o] do Carrasco que divide o d(itt)o Sítio com a fazenda da Barriguda té confrontar com a Lagôa da Tabúa
- 20 donde se principiou a extrema, que terá de comprimento quatro legoas, e de largura legoa e meia; e assim confrontado o seo valor hé trezentos mil reis 300\$000

L.8: um x está lançado à margem esquerda, antes da scripta.

[19r]

25

Saõ Pedro, Sitio de que paga Renda

o Cap(ita)m Antonio Pinto de Almeida, a quantia de mil e quinhentos reis, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s²⁶ em 15 de Novembro de 1806, que se extrema com o Sitio Vareda do Barreiro no Riacho de S(aõ) Pedro, com a fazenda e Rio de S(aõ) Joaõ vindo p(o)r elle abaixo té a Barra do Riacho do Mocambo donde extrema com o Sitio dos Pãos pretos veio d'agoa acima té suas Cabeceiras, e seguindo em rumo de Sul chapada adiante de Catingas e Carrascos até a Cabeceira da Taboquinha seguindo chapada acima em rumo de Poente agoas vertentes ao Rio de S(aõ) Joaõ té a Cabeceira da d(itt)a Vareda do Brejo, e p(o)r elle abaixo com todas as suas vertentes de huma, e outra parte té a barra que faz no d(itt)o Riacho de S(aõ) Pedro donde se principiou a extrema, que terá de comprimento huma legoa, e de largo meia; e assim confrontado o seo valor hé Secenta mil reis 60\$000

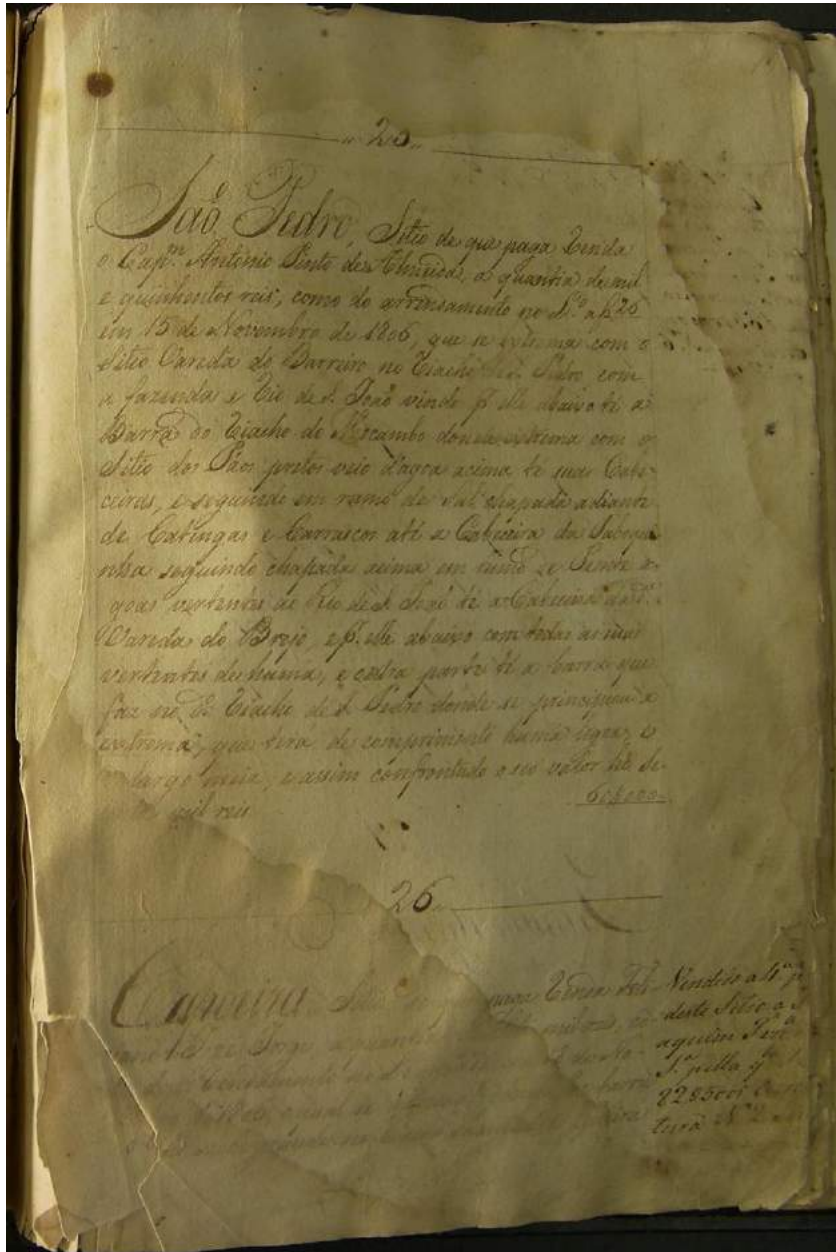
20

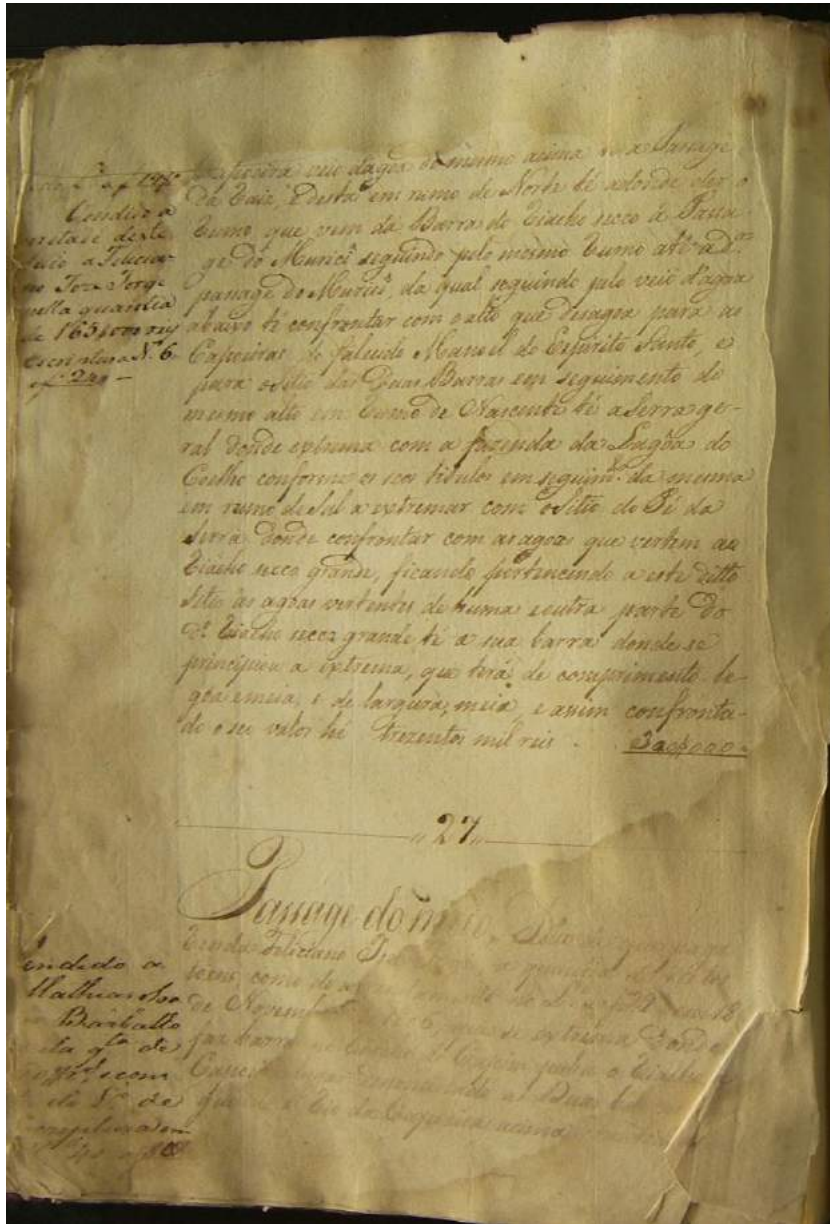
26

Capoeira, Sitio de que paga Renda Feli-

ciano Jozé Jorge, a quantia de Sete mil reis, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s²⁷ em 18 de Novembro de 1806, o qual se extrema donde faz barra o riacho secco grande no riacho chamado Capoeira

Anotação à margem direita, entre as L.21-25: Vendido a (quarta p(arte) / deste Sitio a Jo- / aquim Ferr(eir)a da / S(ily)a pella q(uan)t(i)a de / 82\$500 r(ei)s Escrip- / tura N(umer)o 2 / e [†]





[19v] Capoeira veio dagoa do mesmo acima té a Passage da Raiz, e desta em rumo do norte té adonde der o Rumo que vem da Barra do Riacho secco á Passa-
 5 passage do Muricî, da qual seguindo pelo mesmo Rumo até a d(itt)a abaixo té confrontar com o alto que desagoa para as Capoeiras do falecido Manoel do Espírito Santo, e para oSítio das Duas Barras em seguimento do mesmo alto em Rumo de Nascente té aSerra ge-
 10 neral donde extrema com a fazenda da Lagôa do Coelho conforme os seos titulos em seguim(en)to da mesma em rumo deSul a extremar com oSítio do Pé da Serra donde confrontar com as agoas que vertem ao Riacho secco grande, ficando pertencendo a este ditto
 15 Sítio as agoas vertentes de huma e outra parte do d(itt)o Riacho secco grande té a sua barra donde se principiou a extrema, que terá de comprimento le- goa emeia, e de largura, meia, e assim confronta- do o seo valor hé trezentos mil reis 300\$000

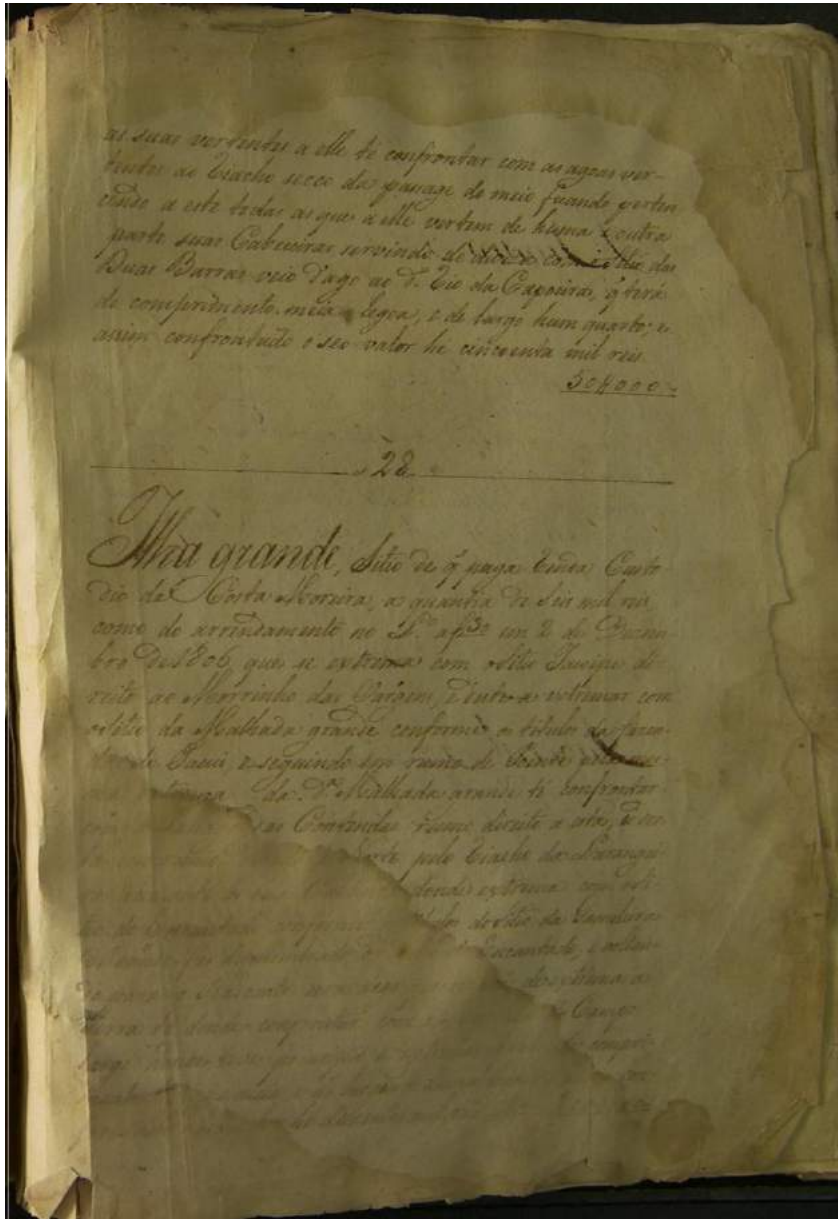
20 _____ 27 _____

Passage do meio, Sítio de que paga Renda Feliciano Jozé Jorge, a quantia de {dez} tos- tens, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s29 em 18
 25 faz barra no Riacho de capim pubu o Riacho da Capoeira no lugar denominado as Duas barras se- guindo o Rio da Capoeira acima com todas as

L.1: final da anotação anterior, à margem esquerda: [f] do L(ivr)o a f(olha)s 19V(erso)

Anotação à margem esquerda, entre as L.2-8: Vendido a / metade deste / Sítio a Felicia- / no Jozé Jorge / pella quantia / de 165\$000 reis / Escripura N(umer)o 6 / a f(olha)s 24

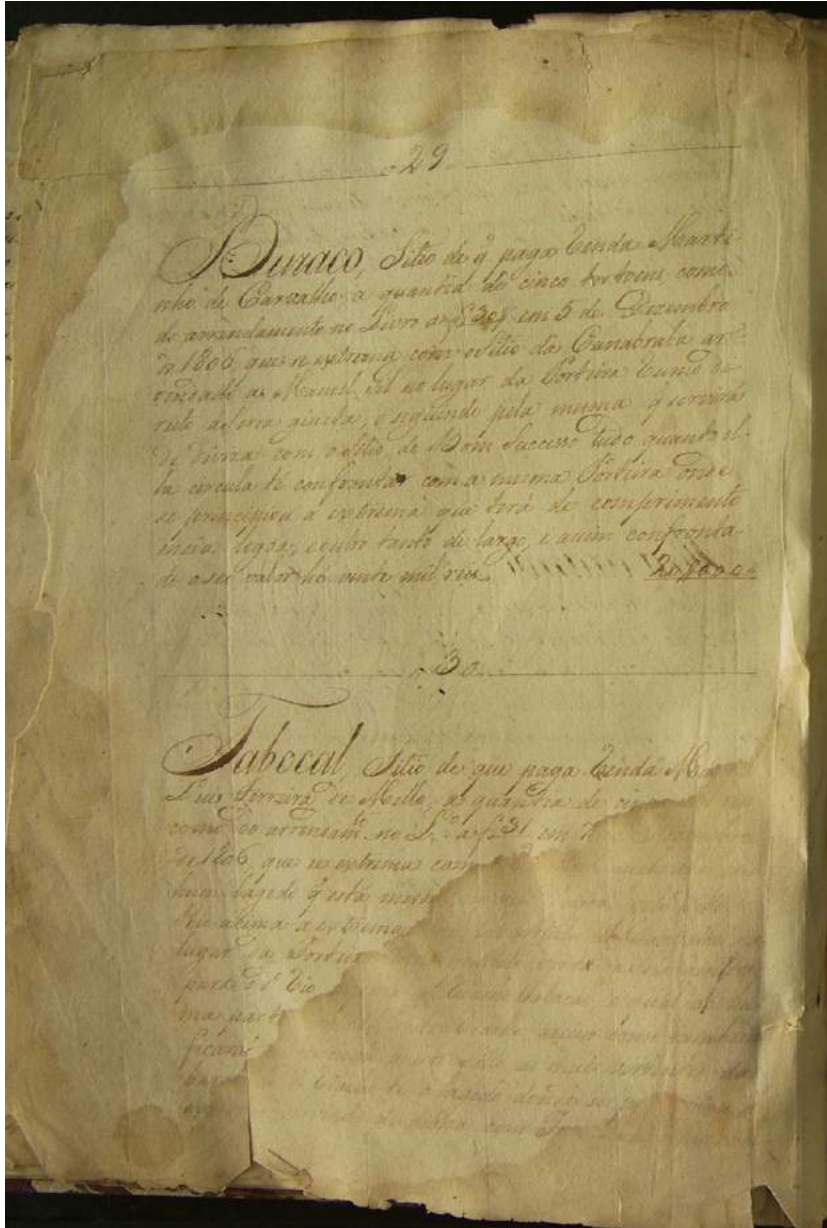
Anotação à margem esquerda, entre as L.22-26, ultrapassando a mancha escrita: Vendido a / Mathias Soa- / res Barbalho / pela qu(an)(i)a de / [f]0 r(ei)s e cons- / ta do L(ivr)o de / Escripura em / N(umer)o 40 a f(olha)s [f]V(erso)



- [20r] as suas vertentes a elle té confrontar com as agoas vertentes ao Riacho secco da passage do meio ficando pertencendo a este todas as que a elle vertem de huma e outra parte suas Cabeceiras servindo de diviza com o Sitio das Duas Barras veio d'ago {a} ao d(itt)o Rio da Capoeira, q(ue) terá de comprimento meia legoa, e de largo hum quarto; e assim confrontado o seo valor hé cincoenta mil reis 50\$000

28

- 10 **Ilha grande.** Sitio de q(ue) paga Renda Custodio da Costa Moreira, a quantia de Seis mil reis, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s30 em 2 de Dezembro de 1806, o qual se extrema com o Sitio Jacoipe direito ao Morrinho das Vargens, e deste a extremar com o Sitio da Malhada grande conforme os titulos da fazenda do Pacui, e seguindo em rumo de Poente pela mesma extrema da d(itt)a Malhada grande té confrontar com a Passage das Contendas rumo direito a esta, e desta em rumo direito a Norte pelo Riacho da Larangeira acima té as suas Cabeceiras donde extrema com o Sitio de Encantado conforme os titulos do Sitio da Gameleira de donde foi desmembrado o d(itt)o Sitio do Encantado, e voltando para o Nascente será digo que servirá de extrema a Serra té donde confrontar com o Morrinho do Campo
- 25 largo aonde teve principio a extrema, q(ue) terá de comprimento legoa e meia, e de largura huma legoa; e assim confrontado o seo valor hé duzentos mil reis 200\$000



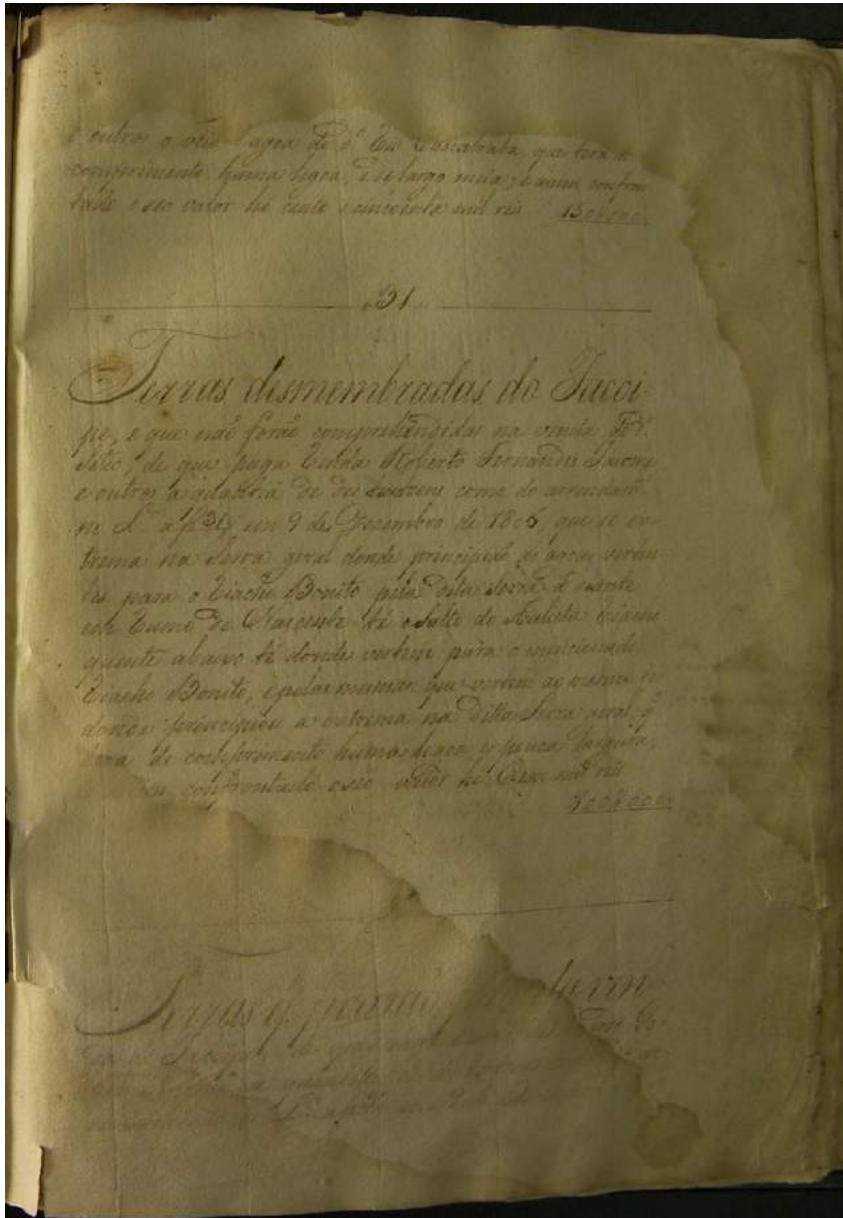
[20v]

29

Buraco, Sitio de q(ue) paga Renda Martinho de Carvalho, a quantia de cinco tostoens, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s30V(erso) em 5 de Dezembro de 1806, que se extrema com o Sitio da Canabraba arrendado a Manoel Gil no lugar da Porteira Rumo direito á Serra gineta, e seguindo pela mesma q(ue) servirá de diviza com o Sitio de Bom Successo tudo quanto ella circula té confrontar com a mesma Porteira onde se principiou a extrema que terá de comprimento meia legoa, e outro tanto de largo, e assim confrontado o seo valor hé vinte mil reis 20\$000

30

Tabocal, Sitio de que paga Renda Manoel Luis Ferreira de Mello, a quantia de cinco mil reis, como do arrendam(en)to no L(ivr)o af(olha)s31 em 7 de Dezembro de 1806, que se extrema com o Riacho da Canabraba em hum lagedo q(ue) está mesmo no veio dagoa {pelo ditto} Rio acima a extremar com Martinho de Carvalho no lugar da Porteira [†] para o d(itt)o Rio, e para o Riacho Tabocal, o qual a huma parte {e outra deste} Riacho assim como tambem ficarão pertencendo a este Sitio as mais vertentes da barra do d(itt)o Riacho té o lajedo donde se principiou a extrema, servindo de diviza com Ignacio [†] e outros



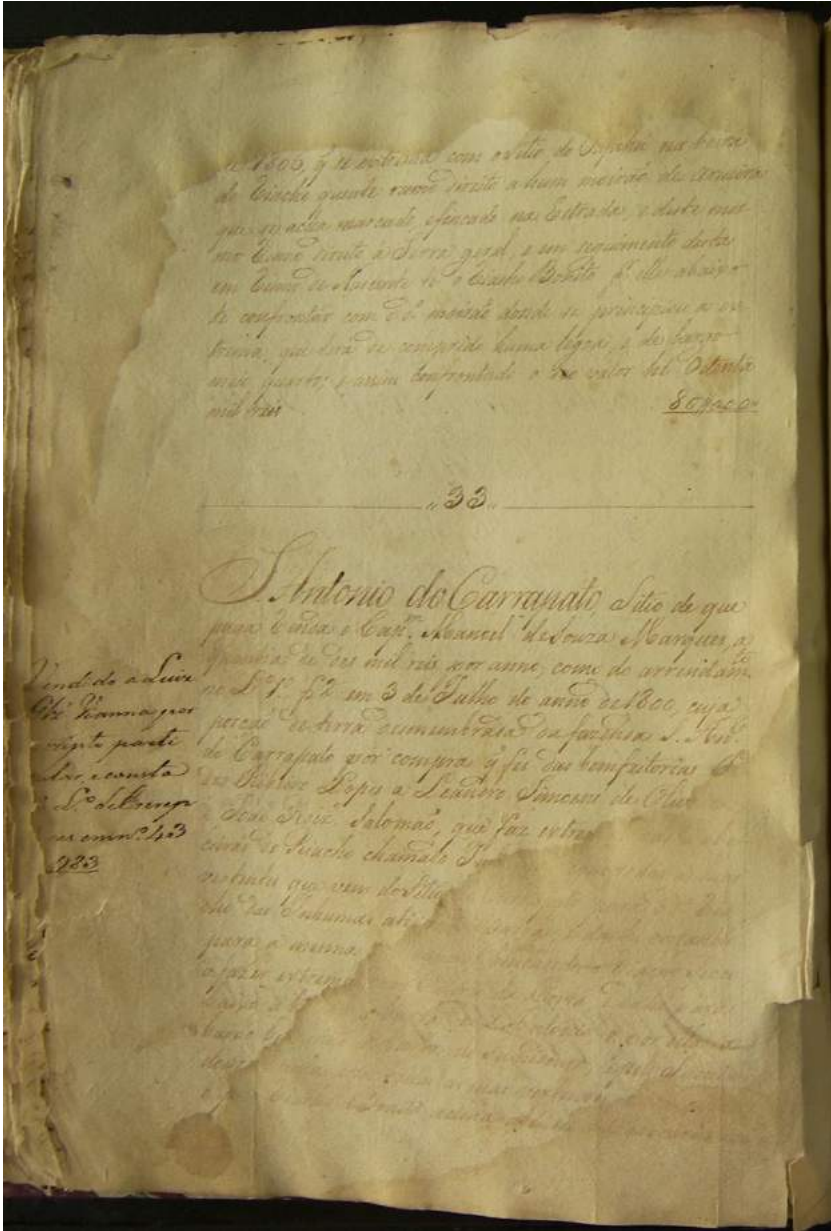
[21r] e outros o veio d'agoa do d(itt)o Rio Canabraba, que terá de comprimento huma legoa, e delargo meia; e assim confrontado o seo valor hé cento e cinquenta mil reis 150\$000

31

- 5 **Terras desmembradas do Jacoipe**, e que não foraõ comprehendidas na venda do d(itt)o Sitio, de que paga Renda Roberto Fernandes Jácome e outros a quantia de des tostoens, como do arrendam(en)to no no L(ivr)o af(olha)s31V(erso) em 9 de Dezembro de 1806, que se extrema na Serra geral donde principiaõ as agoas vertentes para o Riacho Bonito pela dita Serra a diante em Rumo de Nascente té o Salto do Aulista Riacho quente abaixo té donde vertem para o mencionado Riacho Bonito, epelas mesmas que vertem ao mesmo té
- 10 donde principiou a extrema na ditta Serra geral, q(ue) terá de comprimento huma legoa e pouca largura;
- 15 e assim confrontado o seo valor hé Cem mil reis 100\$000

32

- 20 **Terras q(ue) ficaraõ fora da venda do Jacoipe**, de que paga Renda Bernardo Gomes Negraõ a quantia de des tostoens, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s32 em 9 de Dezembro de

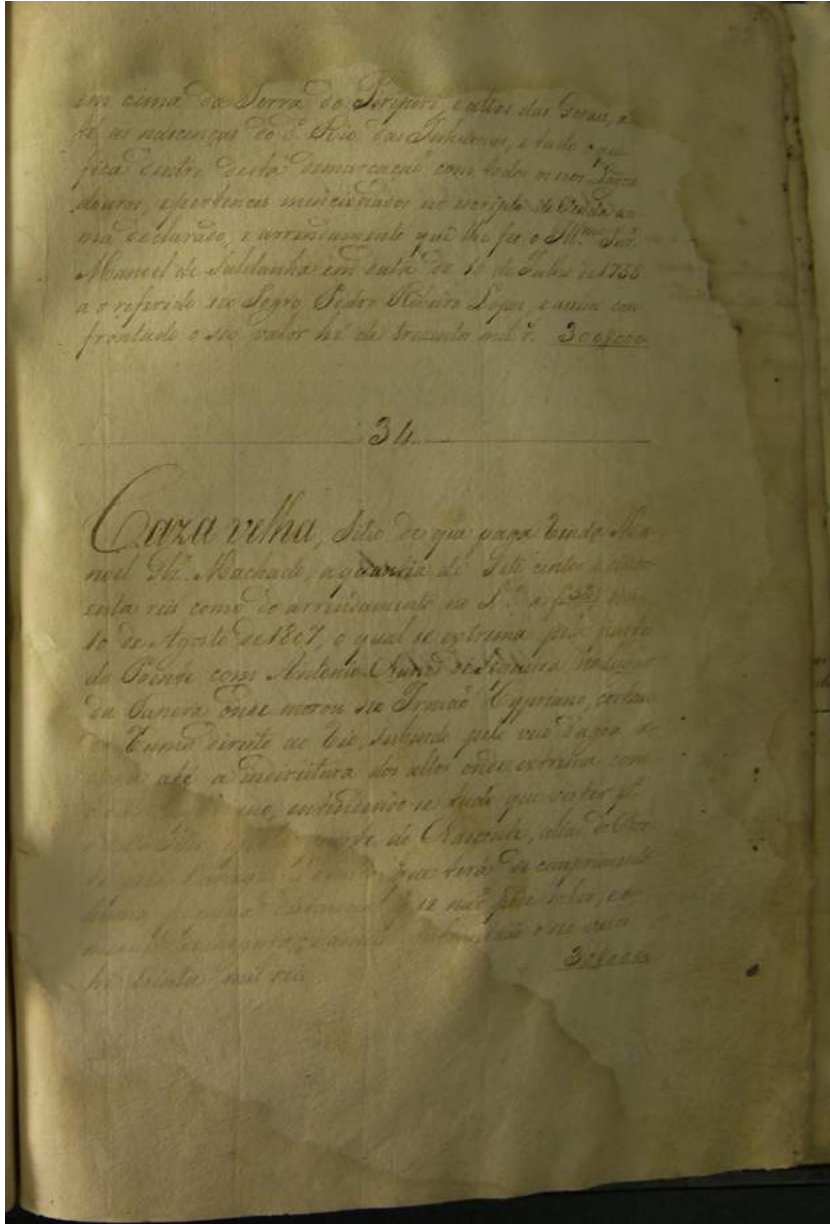


[21v] de 1806, q(ue) se extrema com o sitio do Pajahú na beira do Riacho quente rumo direito ahum moiraõ de Arueira que se acha marcado, efincado na Estrada, e deste mesmo Rumo direito á Serra geral, e em seguimento desta em Rumo de Nascente té o Riacho Bonito p(o)r elle abaixo té confrontar com o d(it)to moiraõ donde se principiou a extrema, que terá de comprido huma legoa, e de largo meio quarto; e assim confrontado o seo valor hé oitenta mil reis 80\$000

10 _____ 33 _____

S(anto) Antonio do Carrapato, Sitio de que paga Renda o Cap(ita)m Manoel deSouza Marques, a quantia de des mil reis por anno, como do arrendam(en)to no L(ivr)o (primeir)o f(olha)s 2 em 3 de Julho do anno de 1800, cuja porção de terra desmembrada da fazenda S(anto) Ant(oni)o do Carrapato por compra q(ue) fes das bemfeitorias Pedro Ribeiro Lopes a Leandro Simoens de Oliveira e João Ro(dr)j(gue)s Salomaõ, que faz extrema das cabeceiras do Riacho chamado Inhumas com todas as suas vertentes que vem do Sitio do Carrapato para o d(it)to Riacho das Inhumas até a sua barra e dahi cortando para a mesma [†] buscando o Riacho Secco a fazer extrema com [†] da Costa, e dahi para baixo a {buscar a barra do} S(anto) Antonio e por ella abaixo {buscando a barra do Sumidouro} e pelo Sumidouro acima com todas as suas vertentes [†] e pelo Riacho Bonito acima até suas cabeceiras em

Anotação à margem esquerda, entre as L. 13-20: Vendido a Luiz / Gon(ça)(ve)s Vianna por / Escripto parti / cular, e consta / do L(ivr)o de Escrip- / turas em N(umer)o 43 / {a f(olha)s} [†] 83



[22r] em cima da Serra do Piripiri e altos das Geraes, até as nascentes do d(itt)o Rio das Inhumas, e tudo o que fica dentro desta demarcação com todos os seus Logradouros, e pertences mencionados no escripto de Venda acima declarado, e arrendamento que lhe fes o Ill(ustrissi)mo S(e)n(ho)r Manoel de Saldanha em data de 10 de Julho de 1755 a o referido seo Sogro Pedro Ribeiro Lopes, e assim confrontado o seo valor hé trezentos mil r(ei)s 300\$000

34

10 **Caza velha**, Sitio de que paga Renda Manoel Gon(ça)l(ve)s Machado, a quantia de Sete centos e cinquenta reis como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s53V(erso) em 10 de Agosto de 1807, o qual se extrema pela parte do Poente com Antonio Nunes deSequeira no lugar da Taperia onde morou seo Irmaõ Cypriano, cortando Rumo direito ao Rio, subindo pelo veio d'agoa acima até a indireitura dos altos onde extrema com o ditto Cypriano, entendendo-se tudo que verter p(ar)a o ditto Sitio e pela parte do Nascente, alias do Norte pelas Catingas a dentro, que terá de comprimento huma pequena distancia q(ue) se não pode saber, e o mesmo de largura; e assim confrontado o seo valor

25 hé trinta mil reis 30\$000

[22v]

35

Vargem da Onça, Sitio de que paga

Renda Domingos Afonço, a quantia de Sete centos e cincoenta reis p(o)r anno, como do arrendamento no l(ivr)o a f(olha)s⁵⁴ em 11 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Manoel Antonio de Avila no lugar chamado Barreiro Rio verde acima, extremando com Antonio Nunes de Sequeira Vendedor da d(itt)a terra, a q(ua)l se compoem de Catingas, e o seo valor hé trinta mil reis 30\$000

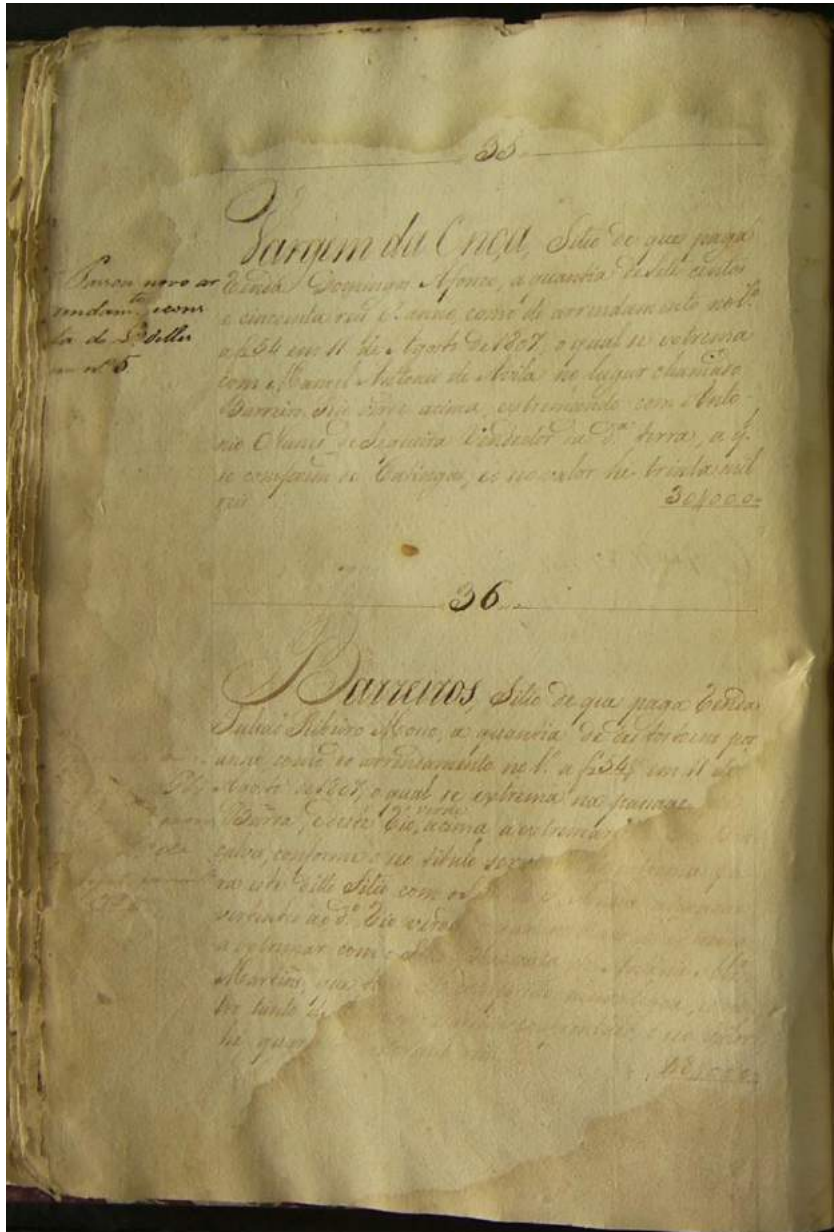
Anotação à margem esquerda, entre as L.3-6: *Passou novo arrendam(en)to, econst- / ta do L(ivr)o delles / em N(umer)o 5.*

36

Barreiros, Sitio de que paga Renda

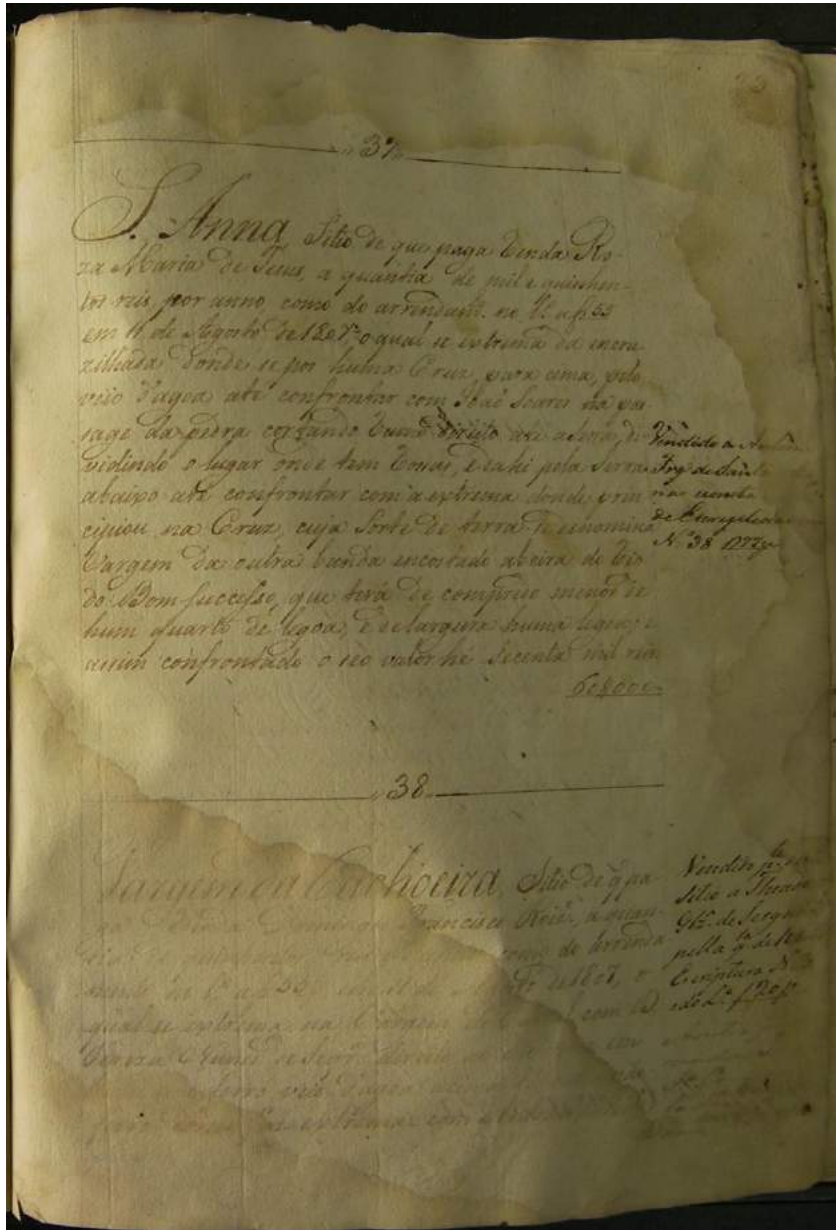
- Juliaõ Ribeiro Mosso, a quantia de des tostoens por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s^{54V}(erso) em 11 de Agosto de 1807, o qual se extrema na passage da Barra, e deste Rio [↑verde] acima a extremar com [†] {Gon-} çalves, conforme o seo titulo servindo de extrema para este ditto Sitio com o Sitio [†] {d'agoas} vertentes ao d(itt)o Rio verde [†]
- 20 a extremar com o Sitio Boavista de Antonio Al(vare)s Martins, que terá de comprido meia legoa, e outro tanto de largura; e assim confrontado o seo valor hé quar{enta e oito} mil reis 48\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L.14-19: *{Vendido para / [†] G(onça)(ve)s / [†] como / {consta do} L(ivr)o da / {Escr}iptura em / {N(umer)o} [†] {f(olha)s} 78V(erso).*



[23r]

37



- S(anta) Anna**, Sitio de que paga Renda Roza Maria de Jesus, a quantia de mil e quinhentos reis, por anno, como do arrendam(en)to no l(ivr)o af(olha)s55 em 11 de Agosto de 1807, o qual se extrema da encru-zilhada donde sepos huma Cruz para cima, pelo veio d'agoa até confrontar com Joaõ Soares na pas-sage da pedra cortando Rumo direito até aSerra, di-vidindo o lugar onde tem Rossas, e dahi pela Serra abaixo até confrontar com a extrema donde prin-cipiou na Cruz, cuja Sorte de terra se denomina Vargem da outra banda encostado abeira do Rio do Bom successo, que terá de comprido menos de hum quarto de legoa, e delargura huma legoa; e assim confrontado o seo valor hé Secenta mil reis
- 60\$000

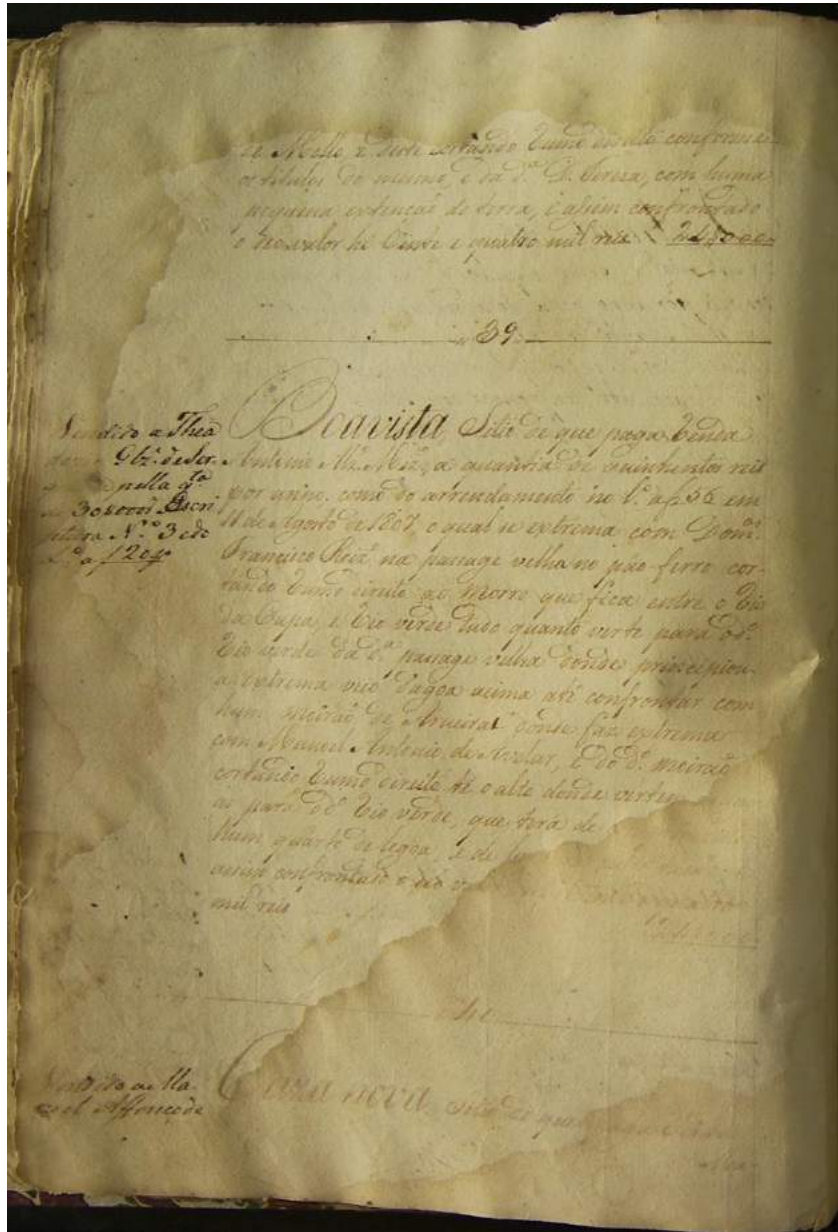
Anotação à margem direita, entre as L.8-12: *Vendido a Antonio / F(e)r(nande)s de Santa An / na e consta / do L(ivr)o / de Escripturas em / N(umer)o 38 f(olha)s77V(erso)*

38

- Vargem da Cachoeira**, Sitio de q(ue) pa-ga Renda Domingos Francisco Ro(dr)i(gue)s, a quan-tia de quinhentos reis p(o)r anno, como do arrenda-mento no l(ivr)o af(olha)s55V(erso) em 11 de Agosto de 1807, o qual se extrema na Vargem do Curral com D(ona) Tereza Nunes de Seq(uei)ra direito do Rio verde em hum páo-ferro veio d'agoa acima té outro páo-ferro, donde faz extrema com {An(toni)o de Mello}

Anotação à margem direita, entre as L.18-21: *Vendido p(ar)te deste / Sitio a Theodoro / G(onça)l(ve)s de Serqueira / p(ella) q(uan)t(i)a de 10\$000 / Escriptura N(umer)o 3 / e do L(ivr)o / af(olha)s20V(erso)*

Anotação à margem direita, entre as L.22-24: *Aoutra p(ar)te / {vendeu-se a} / {f} / la {f} / {f}*



[23v] de Mello, e deste cortando Rumo direito conforme os títulos do mesmo, e da d(itt)a D(ona) Tereza, com huma pequena extençaõ de terra, e assim confrontado seo valor hé Vinte e quatro mil reis 24\$000

5 _____ **39** _____

Boavista, Sitio de que paga Renda

Antonio Al(vare)s M(art)i(n)s, a quantia de quinhentos reis por anno; como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s 56 em 11 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Dom(ing)os

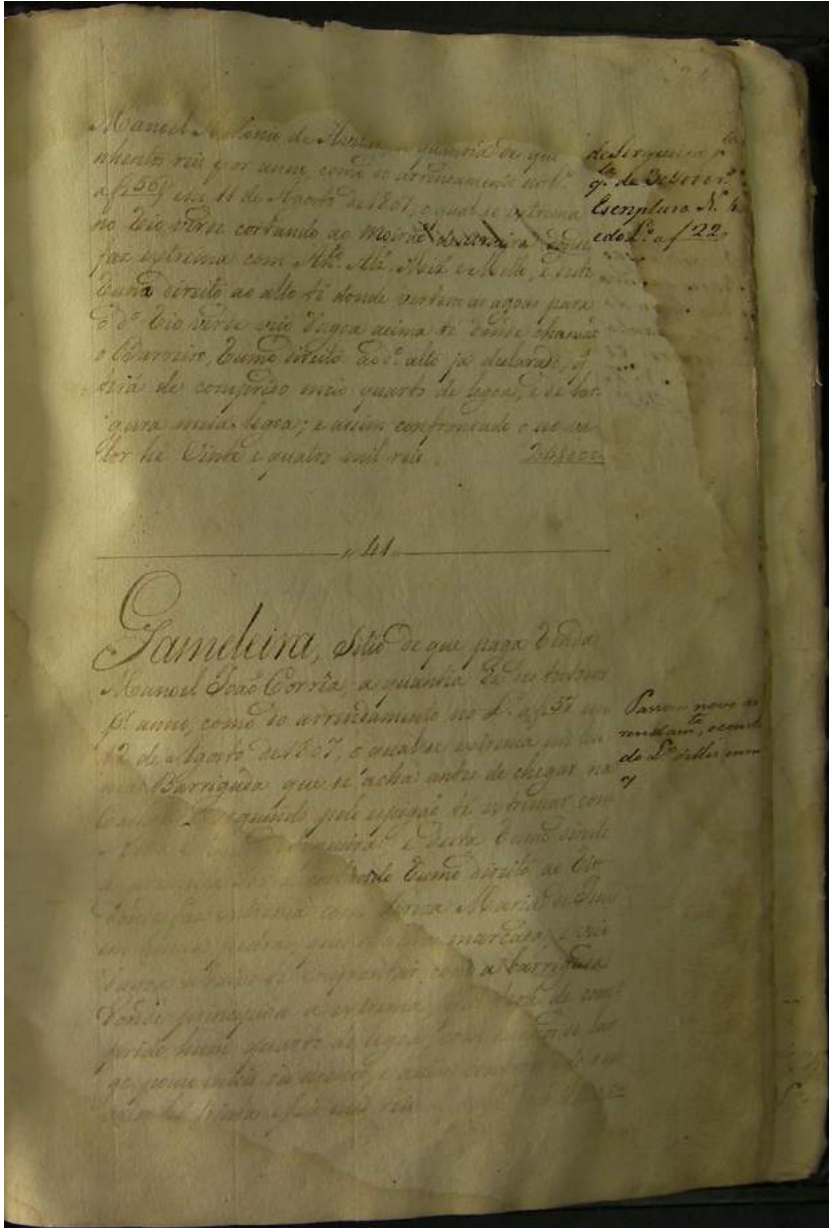
10 Francisco Ro(dr)i(gue)s, na passage velha no páo-ferro cortando Rumo direito ao morro que fica entre o Rio da Capa, e Rio verde tudo quanto verte para o d(itt)o Rio verde da d(itt)a passage velha donde principiou a extrema veio d'agoa acima até confrontar com
 15 um moiraõ de Arueira donde faz extrema com Manoel Antonio de Avelar, e do d(itt)o moiraõ cortando Rumo direito té o alto donde vertem as agas para o d(itt)o Rio verde, que terá de comprimento hum quarto de legoa, e de largura outro tanto; e
 20 assim confrontado o seo valor hé Vinte e quatro mil reis 24\$000

_____ **40** _____

Caza nova, Sitio de que paga Renda
Ma-

Anotação à margem esquerda, entre as L.5-9: Vendido a Theo / doro G(onça)l(ve)s de Ser- / queira / pella q(uan)t(i)a / de 30\$000 r(ei)s Escri / ptura N(umer)o 3 / edo L(ivr)o / af(olha)s 20V(erso)

L.23: anotação à margem esquerda, passando para a margem inferior: Vendido a Ma- / noel Affonço de



[24r] Manoel Antonio de Avelar, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s56V(erso) em 11 de Agosto de 1807, o qual se extrema no Rio verde cortando ao moiraõ de arueira donde faz extrema com Ant(oni)o Al(vare)s M(art)i(n)s e Mello, e deste Rumo direito ao alto té donde vertem as agoas para o d(itt)o Rio verde veio d'agoa acima té donde chamaõ o Barreiro, Rumo direito ao d(itt)o alto já declarado, q(ue) terá de comprido meio quarto de legoa, e de largura meia legoa; e assim confrontado o seo valor hé Vinte e quatro mil reis 24\$000

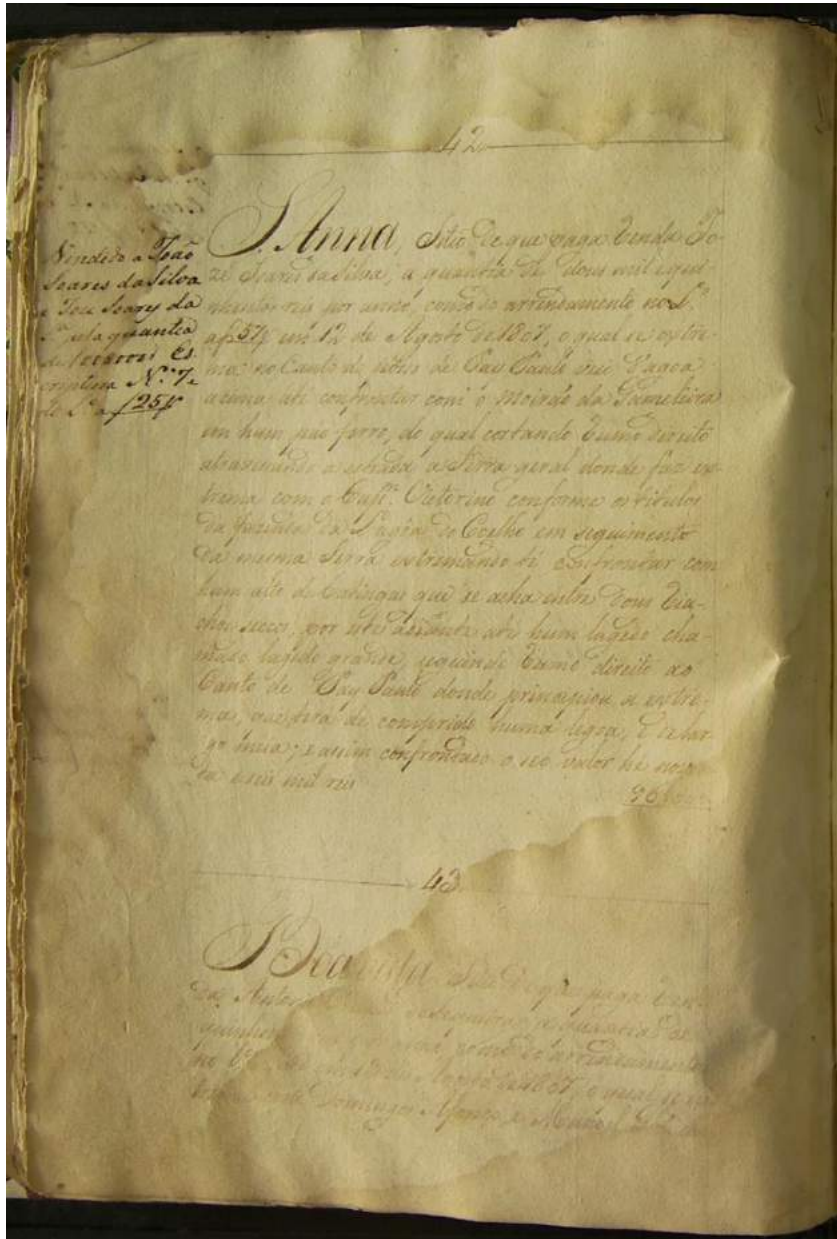
Anotação à margem direita, entre as L.1-4: de Serqueira p(ela) / q(uan)ti(a) de 30\$000 r(eis) Escri / ptura N(umer)o 4 / edo L(ivr)o / af(olha)s22

_____ 41 _____

Gameleira, Sitio de que paga Renda

Manoel Joaõ Corrêa, a quantia de des tostoens p(o)r anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s57 em 12 de Agosto de 1807, o qual se extrema em huma Barriguda que se acha antes de chegar na Cachoeira seguindo pelo espigaõ té extremar com Ritta Nunes de Sequeira, e desta Rumo direito á primeira Serra cortando Rumo direito ao Rio donde faz extrema com Tereza Maria de Jesus em huma pedra que se acha marcada, e veio d'agoa abaixo té confrontar com a barriguda donde principiou a extrema, que terá de comprido hum quarto de legoa, com menos de largo pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé trinta e seis mil reis 36\$000

Anotação à margem direita, entre as L.15-17: Passou novo ar / rendam(en)to, econsta / do L(ivr)o deles em n(umer)o / 7



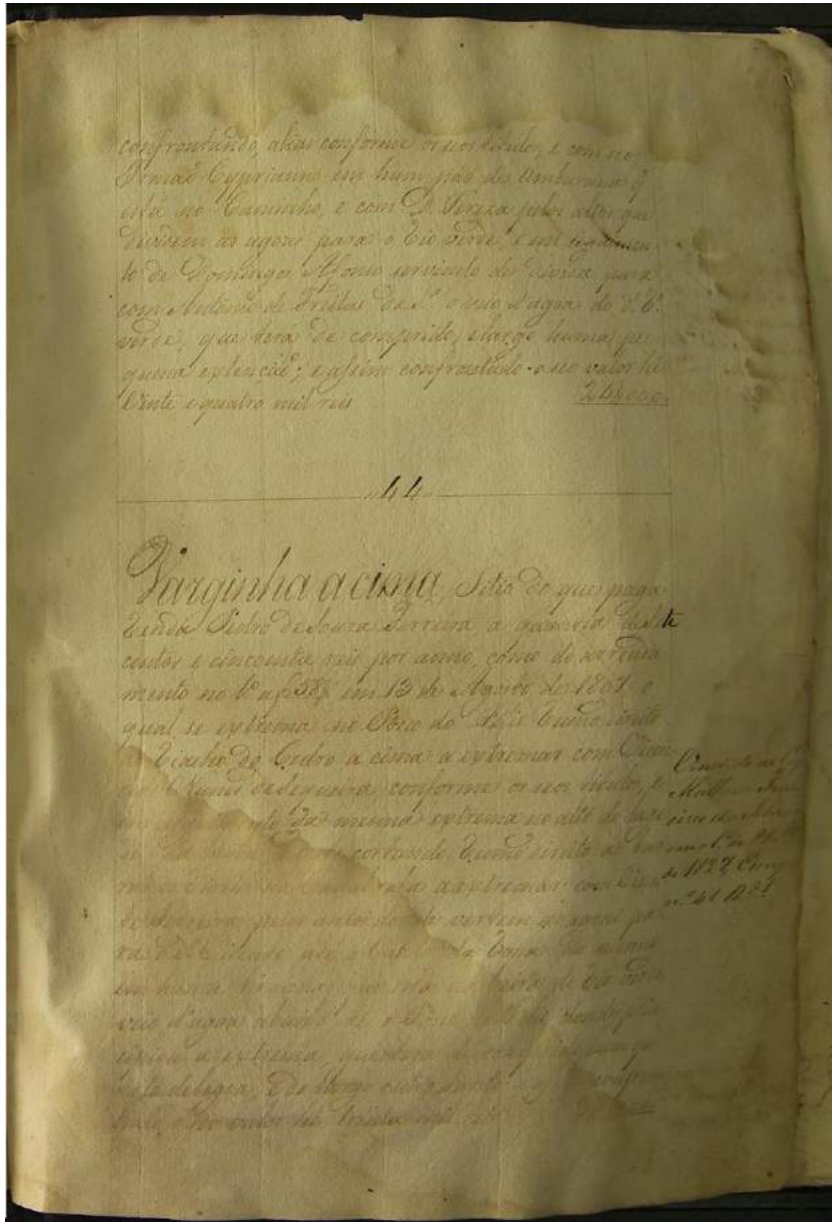
[24v]

S(anta)Anna, Sitio de que paga Renda Jo-
 zé Soares daSilva, a quantia de dous mil e qui-
 nhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o
 5 af(olha)s57V(erso) em 12 de Agosto de 1807, o qual se extre-
 ma no Canto do pôsso de Pay Paulo veio d'agoa
 acima até confrontar com o moiraõ da Gameleira
 em hum páo-ferro, do qual cortando Rumo direito
 atravessando a estrada a Serra geral donde faz ex-
 10 trema com o Cap(ita)m Vitorino conforme os titulos
 da fazenda da Lagôa do Coelho em seguimento
 da mesma Serra extremado té confrontar com
 hum alto de Catingas que se acha entre dous Ria-
 chos seccos, por este adiante até hum lagedo cha-
 15 mado lagedo grande, seguindo Rumo direito ao
 Canto de Pay Paulo donde principiou a extre-
 ma que terá de comprido huma legoa, e delar-
 go meia; e assim confrontado o seo valor hé noven-
 ta e seis mil reis 96\$000

Anotação à margem
 esquerda, entre as L.2-7:
 Vendido a Joaõ / Soares da
 Silva / e Joze Soares da /
 S(ily)a pela quantia / de
 100\$000 r(ei)s Es- / criptura
 N(umer)o 7 e / do L(ivr)o
 af(olha)s25V(erso)

20

Boavista, Sitio de que paga Ren-
 da Antonio Nunes de Sequeira, a quantia de
 quinhentos reis por anno, como do arrendamento
 no l(ivr)o af(olha)s58 em 13 de Agosto de 1807, o qual se ex-
 25 trema com Domingos Afonço, e Manoel G(onça)l(ve)s {con}



[25r] confrontando, alias conforme os seus títulos, e com seo
 Irmaõ Cypriano em hum páo de Amburana q(ue)
 está no Caminho, e com D(onna) Tereza pelos altos que
 dividem as agoas para o Rio verde, e em seguimen-
 5 to de Domingos Afonso servindo de diviza para
 com Antonio de Freitas daS(ilv)a o veio d'agoa do d(itt)o R(i)o
 verde, que terá de comprido, elargo huma pe-
 quena extençaõ; e assim confrontado o seo valor hé
 Vinte e quatro mil reis 24\$000

10 _____ **44** _____

Varginha acima, Sitio de que paga
 Renda Pedro deSouza Ferreira, a quantia deSe[→te]
 centos e cincoenta reis por anno, como do arrenda-
 mento no l(ivr)o af(olha)s58V(erso) em 13 de Agosto de 1807, o
 15 qual se extrema no Pôso do Felis Rumo direito
 ao Riacho do Cedro a cima a extremar com Vicen-
 cio Nunes deSequeira conforme os seus títulos, e
 em seguimento da mesma extrema no alto do lage-
 do da lagôa e deste cortando Rumo direito á bar-
 20 rra do Riacho da Canabraba a extremar com Vicen-
 te Ferreira pelos cantos donde vertem as agoas pa-
 ra o d(itt)o Vicente até o Canto da Rossa do mesmo
 em huma brauna que está na beira do Rio verde
 veio d'agoa abaixo até o Pôso do Felis donde prin-
 25 cipiou a extrema, que terá de comprido hum qu-
 arto de legoa, e de largo outro tanto; e assim confron-
 tado o seo valor hé trinta mil reis 30\$000

L. 15-20: anotação à margem
 direita: Vendido ao
 Cap(ita)m / Matheus Fran /
 cisco da Silveira em
 (primeir)o de (outu)bro / de
 1827, Escrip(tura) /
 n(umer)o 41 f(olha)s81

[25v]

45

Bairro-alto, Sitio de que paga Renda Jozé Vieira, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s⁵⁹ em 13 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Juliaõ Rodrigues Mosso, e com Antonio deFreitas da Silva conforme os seus titulos todas as agoas vertentes ao Rio verde, q(ue) tem muito pouca extençaõ de comprimento, elargura; e assim confrontado o seo valor hé Vinte mil reis 20\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L.2-7: Vendido a Theo- / doro G(onça)l(ve)s deSirq(ueir)a / por escripto p(articul)ar / consta do L(ivr)o de / Escrip(tura) em N(umer)o / 39 f(olha)s 78V(erso)

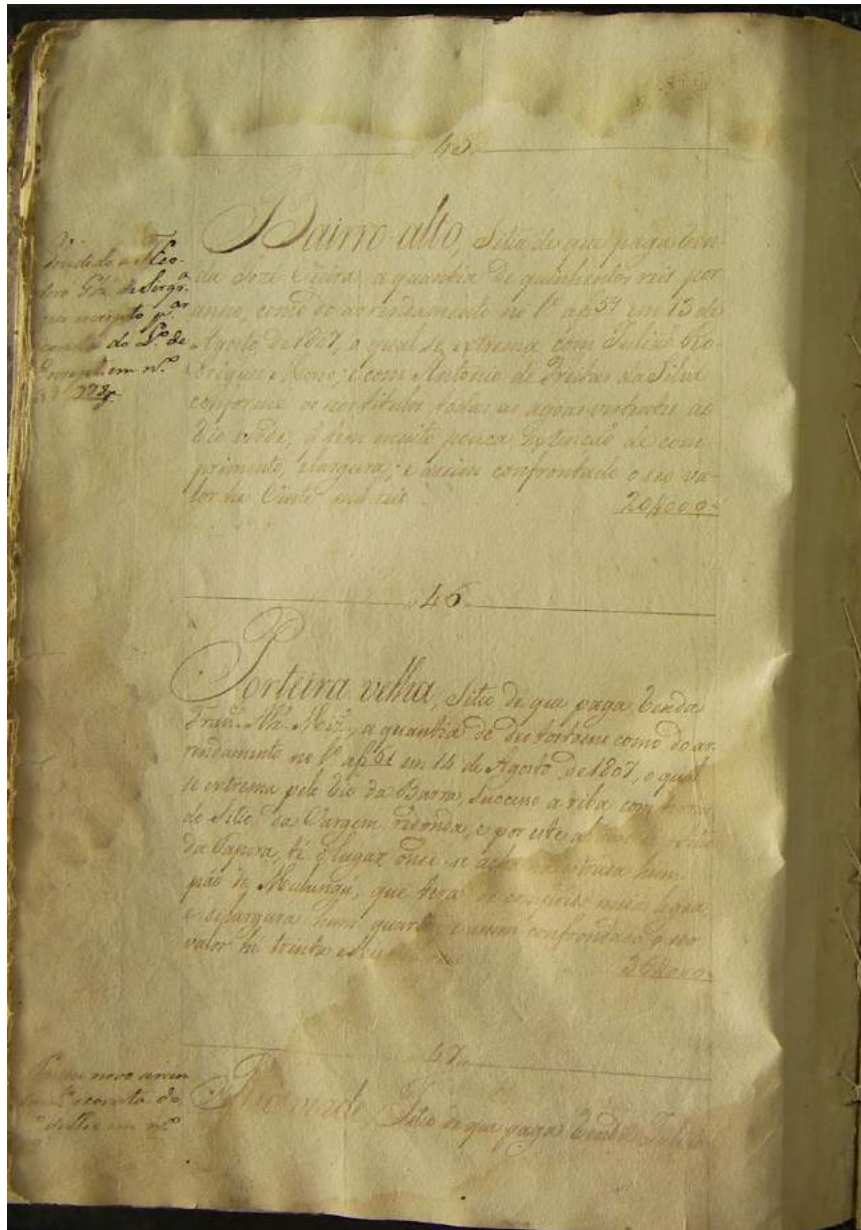
46

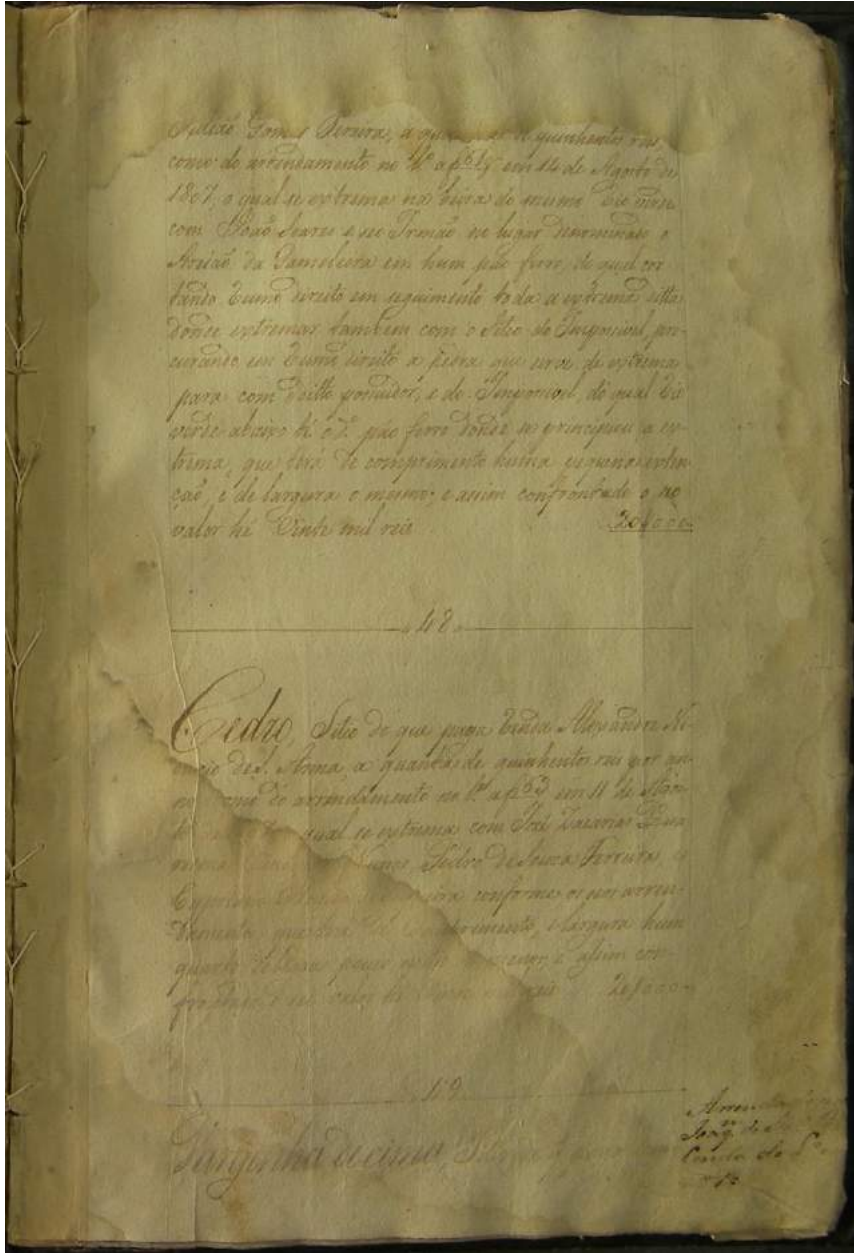
Porteira velha, Sitio de que paga Renda Fran(cis)co Al(vare)s M(art)i(n)s, a quantia de des tostoens como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s⁶¹ em 14 de Agosto de 1807, o qual se extrema pelo Rio da Barra, Sucesso a riba com terras do Sitio da Vargem redonda, e por este abaixo o Sitio da Tapera té o lugar onde se acha na estrada hum páo de Mulungú, que terá de comprido meia legoa, e delargura hum quarto; e assim confrontado o seo valor hé trinta e seis mil reis 36\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L.22-23: Passou novo arren- / dam(en)to, e consta do / L(ivr)o d(elle) em n(umer)o / 12

47

Rio verde, Sitio que se paga Renda Juliaõ





[26r] Juliaõ Gomes Pereira, a quantia de quinhentos reis, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s61V(erso) em 14 de Agosto de 1807, o qual se extrema na beira do mesmo Rio verde com Joaõ Soares e seo Irmaõ no lugar denominado o

5 Areiaõ da Gameleira em hum páo-ferro, do qual cortando Rumo direito em seguimento toda a extrema ditta donde extremar tambem com o Sítio do Impossivel, procurando em Rumo direito a pedra que serve de extrema para com o ditto possuidor, e do Impossivel, do qual Rio

10 verde abaixo té o d(itto) páo-ferro donde se principiou a extrema, que terá de comprimento huma pequena extençaõ, e de largura o mesmo; e assim confrontado o seo valor hé Vinte mil reis 20\$000

_____ 48 _____

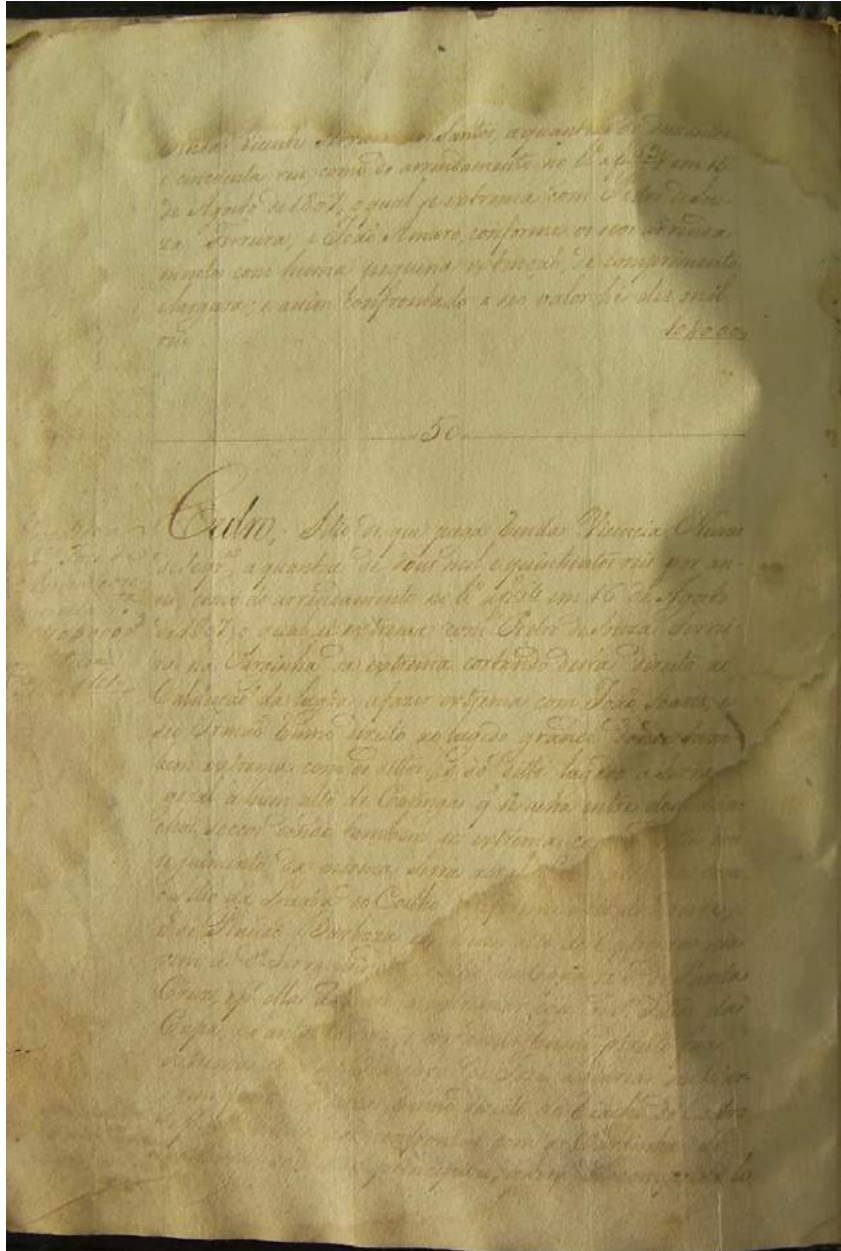
15 **Cedro**, Sitio de que paga Renda Alexandre Nicacio deS(anta) Anna, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s63 em 11 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Jozé Zacarias Quaresma, Vicencia Nunes, Pedro deSouza Ferreira, e

20 Cypriano Nunes de Sequeira conforme os seos arrendamentos, que terá de comprimento, elargura hum quarto de legoa pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé Vinte mil reis 20\$000

_____ 49 _____

25 **Varginha de cima**, Sitio de q(ue) paga Ren-

Anotação à margem direita, da L.25 à margem inferior: Arrendado por / Joaq(ui)m de S(ou)za B(arbo)za / Consta do L(ivr)o {em / n(umer)}o 13

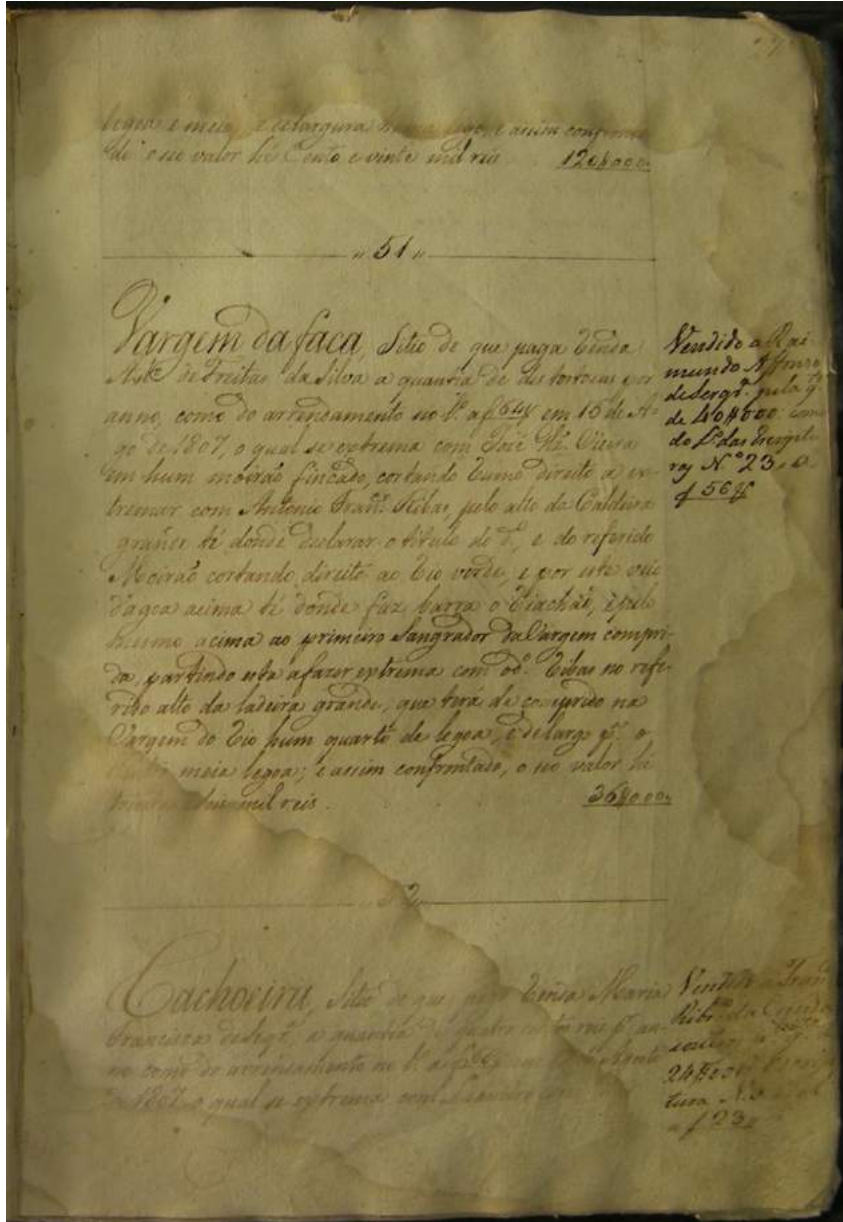


[26v] Renda Vicente Ferreira dos Santos, a quantia de duzentos e cinquenta reis, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s63V(erso) em 15 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Pedro deSouza Ferreira, e Joaõ Amaro, conforme os seus arrendamentos com huma pequena extençaõ de comprimento e largura; e assim confrontado o seo valor hé des mil reis 10\$000

_____ 50 _____

Cedro, Sitio de que paga Renda Vicencia Nunes de Seq(uei)ra, a quantia de dous mil e quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s64 em 16 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Pedro deSouza Ferreira na Varginha da extrema cortando desta direito ao Caldeiraõ da lagõa a fazer extrema com Joaõ Soares, e seo Irmaõ Rumo direito ao lagedo grande donde tambem extrema com os dittos, e do ditto lagedo aSerra geral a hum alto de Catingas q(ue) se acha entre dous Riachos seccos donde tambem se extrema com os dittos em seguimento da mesma Serra geral faz extrema com o Sitio da Lagõa do Coelho conforme o titulo deste, e de Placido Barboza em hum alto de Catingas que vem a d(itt)a Serra vindo do Sitio da Capa, e o de Santa Cruz, e p(o)r ella adiante a extremar com os d(itt)os Sítios da Capa, e Santa Cruz e cortando Rumo direito faz extrema com a Boavista de Jozé Zacarias na Vargem funda, e desta Rumo direito ao Riacho do Cedro e p(o)r elle a riba té confrontar com a Varginha da {extrema donde se} principiou, q(ue) terá de comprido le-

Anotação à margem esquerda, entre as L.9-14: Vendido a / Joaq(ui)m Jozé de / S(anta) Anna e ou- / tros pella q(uan)tia / de 140\$000 r(ei)s / Escript(ura) / n(umer)o [7] aff(olha)s {41}



[27r] legoa e meio e delargura huma lego [sic], e assim confrontado o seo valor hé Cento e vinte mil reis 120\$000

51

Vargem da faca, Sitio de que paga Renda

- 5 Ant(oni)o deFreitas daSilva a quantia de des tostoens por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s64V(erso) em 16 de Ago{sto} de1807, o qual se extrema com Jozé G(onça)l(ve)s Vieira em hum moiraõ fincado, cortando Rumo direito a extremar com Antonio Fran(cis)co Ribas, pelo alto da Caldeira grande té donde declarar o titulo do d(itt)o, e do referido Moiraõ cortando direito ao Rio verde, e por este veio d'agoa acima té donde faz barra o Riachaõ, epelo mesmo acima ao primeiro Sangrador daVargem comprida, partindo esta afazer extrema com o d(itt)o Ribas no referido alto da ladeira [sic] grande, que terá de comprido na Vargem do Rio hum quarto de legoa, e delargo p(ar)a o centro meia legoa; e assim confrontado, o seo valor hé trinta e seis mil reis 36\$000

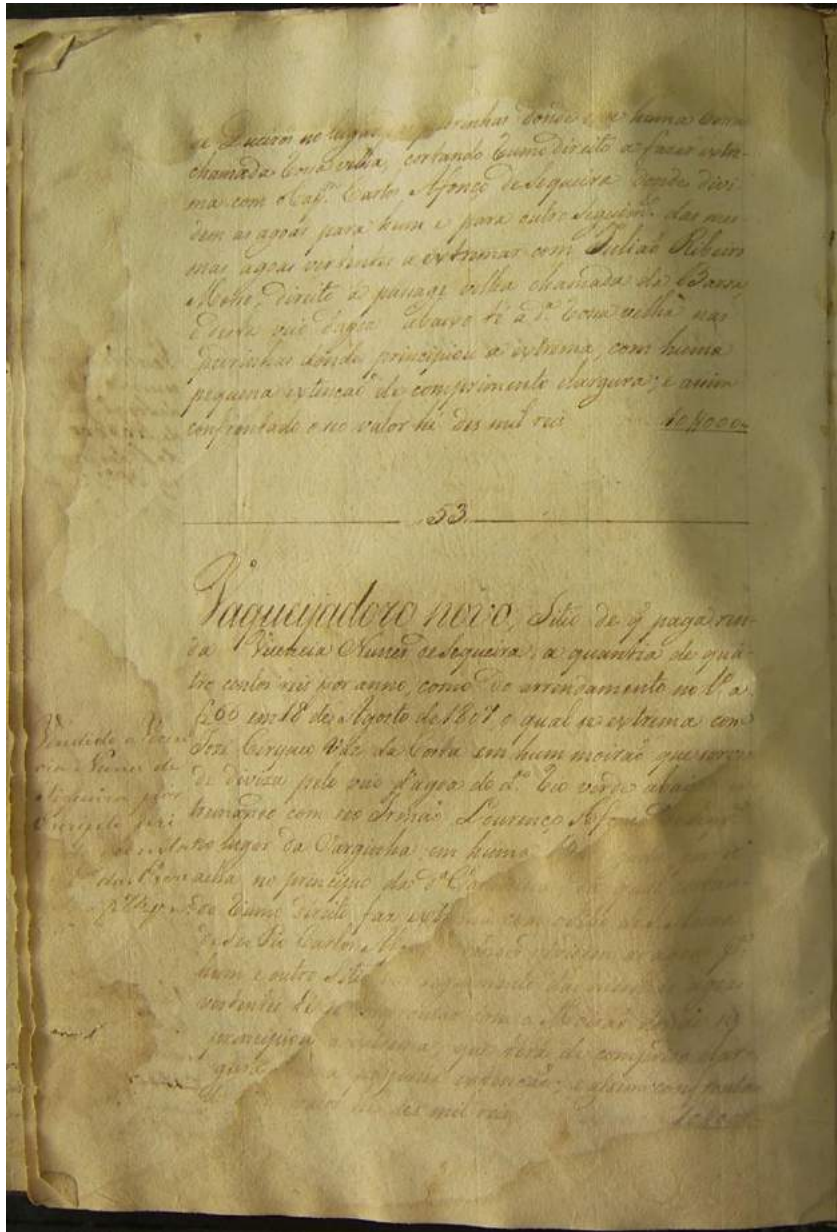
52

20 **Cachoeira**, Sitio de que paga Renda Maria

Francisca deSeq(uei)ra, a quantia de quatro centos reis p(o)r anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s65V(erso) em 18 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Leandro Jozé de

Anotação à margem direita, entre as L.4-9: Vendido a Rai- / mundo Affonso / deSerq(uei)ra pella q(uan)t(i)a / de 40\$000: consta / do L(ivr)o das Escriptu- / ras N(umer)o 23 e a / f(olha)s56V(erso)

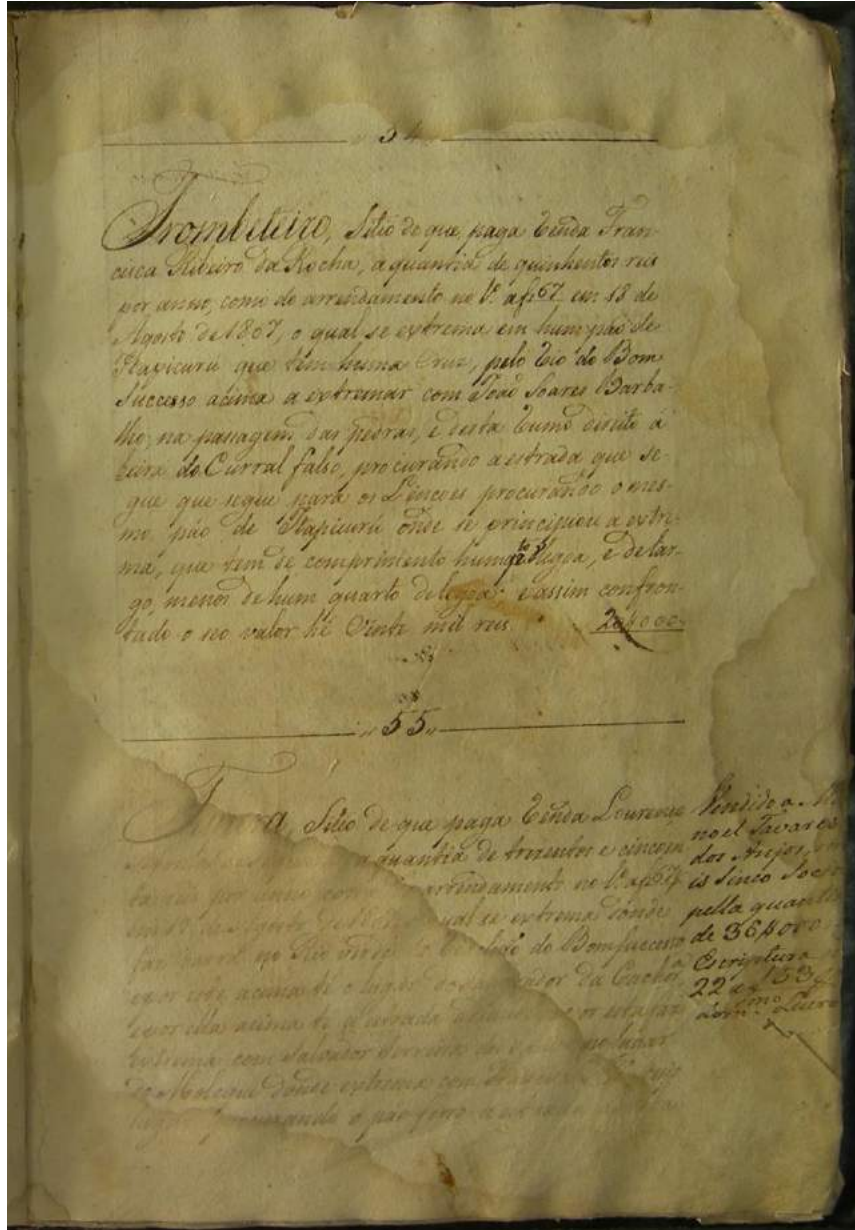
Anotação à margem direita, entre as L.20-23: Vendido a Fran(cis)Co / Rib(ei)ro da Cunha / eoutros p(el)la q(uan)t(i)a de / 24\$000 r(eis) Escrip- / tura N(umer)o [?] a f(olha)s23



[27v] de Queirós no lugar das pedrinhas donde teve huma rossa chamada Rossa velha, cortando Rumo direito a fazer extrema com o Cap(ita)m Carlos Afonço deSequeira donde dividem as agoas para hum e para outro seguim(en)to das mesmas agoas vertentes a extremar com Juliaõ Ribeiro Mosso, direito á passage velha chamada da Barra, e desta veio d'agoa abaixo té a d(itt)a Rossa velha nas pedrinhas donde principiou a extrema, com huma pequena extençaõ de comprimento elargura; e assim confrontado o seo valor hé des mil reis 10\$000

Vaqueijadoro novo, Sitio de q(ue) paga renda Vicencia Nunes deSequeira, a quantia de quatro centos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o a f(olha)s66 em 18 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Jozé Ciryaco Vaz da Costa em hum moiraõ que serve de diviza pelo veio d'agoa do d(itt)o Rio verde abaixo extremando com seo Irmaõ Lourenço Afonço deSeq(uei)ra, no lugar da Varginha em huma Barriguda, que se acha no principio da d(itt)a Varginha, a qual cortando Rumo direito, faz extrema com o Sitio de S(anta) Anna deseo Tio Carlos Afonço donde dividem as agoas p(ar) a hum e outro Sitio em seguimento das mesmas agoas vertentes té se confrontar com o Moiraõ donde se principiou a extrema, que terá de comprido elargura huma pequena extençaõ; e assim confrontado o seo valor hé des mil reis 10\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L.15-21: Vendido a Vicen- / cia Nunes de / Siqueira por / escripto pri- / vado e consta / no L(ivr)o das Escri / pturas a / f(olha)s72V(erso)



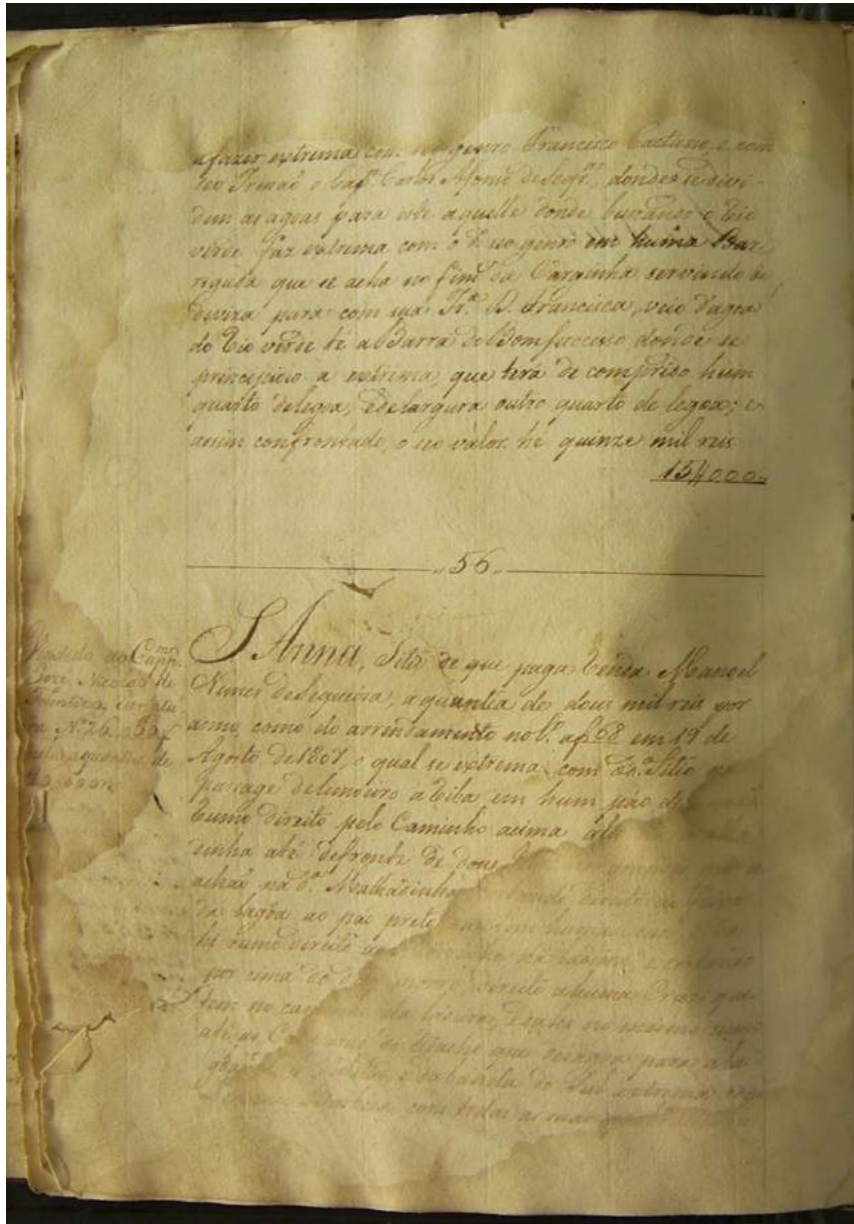
[28r]

Trombeteiro, Sitio de que paga Renda Francisca Ribeiro da Rocha, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s67 em 18 de Agosto de 1807, o qual se extrema em hum páo de Itapicurú que tem huma Cruz, pelo Rio do Bom Sucesso acima a extremar com Joaõ Soares Barbalho, na passagem das pedras, e desta Rumo direito á beira do Curral falso, procurando a estrada que segue <<que segue>> para os Lençoes procurando o mesmo páo de Itapicurú onde se principiou a extrema, que tem de comprimento hum<a>/q (ua)rto \ [↑de] legoa, e delargo menos de hum quarto de legoa; e assim confrontado o seo valor hé Vinte mil reis 20\$000

15

Tapera, Sitio de que paga Renda Lourenço Afonço de Sequeira, a quantia de trezentos e cinquenta reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s67V(erso) em 19 de Agosto de 1807, o qual se extrema donde faz barra no Rio verde o riachaõ do Bom Sucesso e por este acima té o lugar do Sangrador da Cacho(ei)ra, e por ella acima té a estrada adiante, e por esta faz extrema com Salvador Ferreira dos Santos, no lugar do Moleque donde extrema com Francisco Al(vare)s cujo lugar procurando o páo-ferro a estrada {afazer ex-}

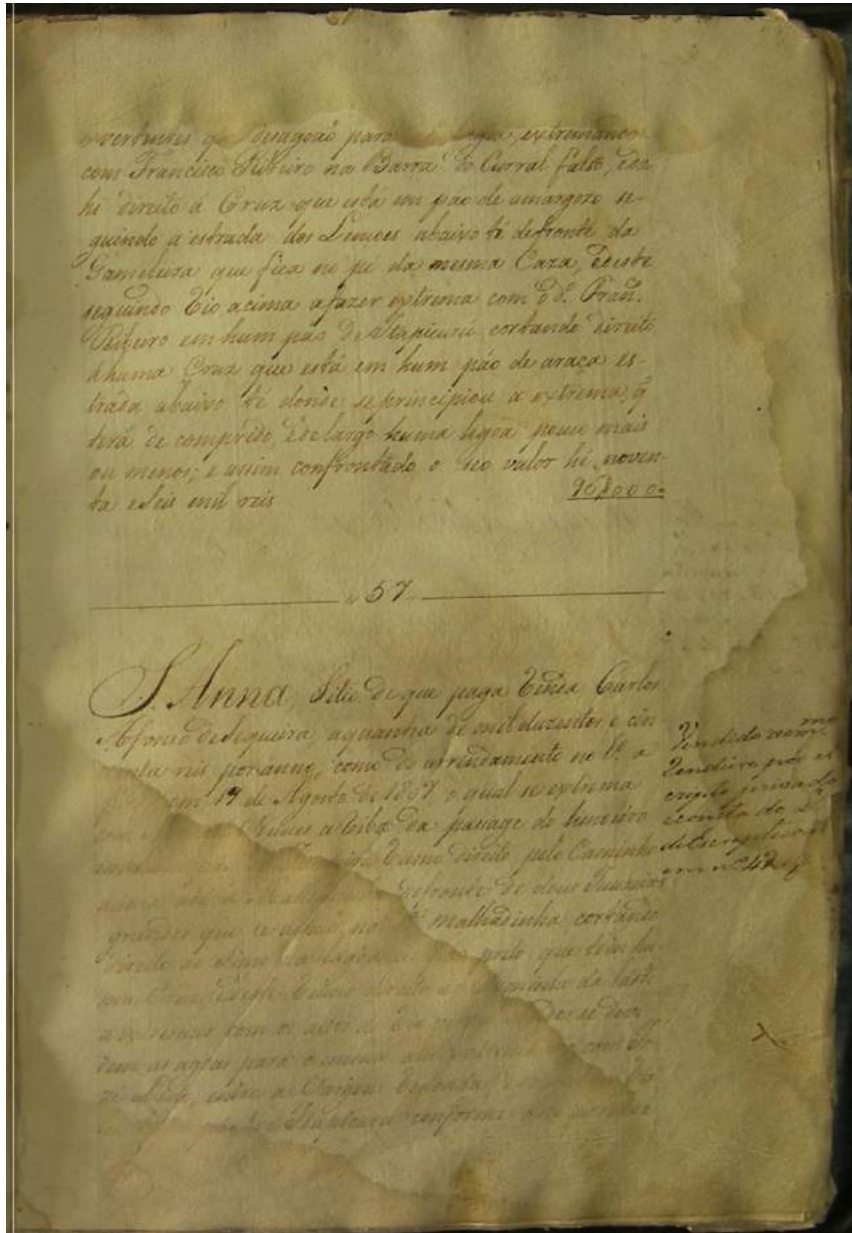
Anotação à margem direita, entre as L.16-23: Vendido a Ma-/noel Tavares / dos Anjos, e ma- / is sinco socios / pella quantia / de 36\$000 r(ei)s / Escripura n(umer)o / 22 af(olha)s53V(erso) / do m(es)mo Livro



[28v] afazer extrema com seo genro Francisco Caetano, e com
 seo Irmaõ o Cap(ita)m Carlos Afonso deSeq(uei)ra, donde se divi-
 dem as agoas para este aquelle donde buscando o Rio
 verde faz extrema com o d(itt)o seo genro em huma Bar-
 5 riguda que se acha no fim da Varginha servindo de
 diviza para com sua Ir(m)ã D(onna) Francisca, veio d'agoa
 do Rio verde té aBarra do Bomsucesso donde se
 principioio [sic] a extrema, que terá de comprido hum
 10 quarto delegoa, edelargura outro quarto de legoa; e
 assim confrontado o seo valor hé quinze mil reis
15\$000

S(anta) Anna, Sitio de que paga Renda Manoel
 Nunes deSequeira, a quantia de dous mil reis por
 15 anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s68 em 19 de
 Agosto de 1807, o qual se extrema com od(itt)o Sitio na
 passagem delimoeiro a Riba em hum páo de Juaz(ei)ro
 Rumo direito pelo Caminho acima alto da Malha-
 20 dinha até defronte de dous Joazeiros grandes que se
 achaõ na d(itt)a Malhadinha cortando direito ao feixo
 da lagôa ao páo preto que tem huma Cruz, e da-
 hi rumo direito ao Morrinho da ladeira e cortando
 por cima do dito morro direito a huma Cruz que
 25 tem no caminho da ladeira, edahi no mesmo rumo
 até as Cabeceiras do Riacho que desagoa para ala-
 gôa do d(itt)o Sitio, e da banda do Sul extrema com
 Lourenço Barboza, com toda as suas agoas {e vertentes}

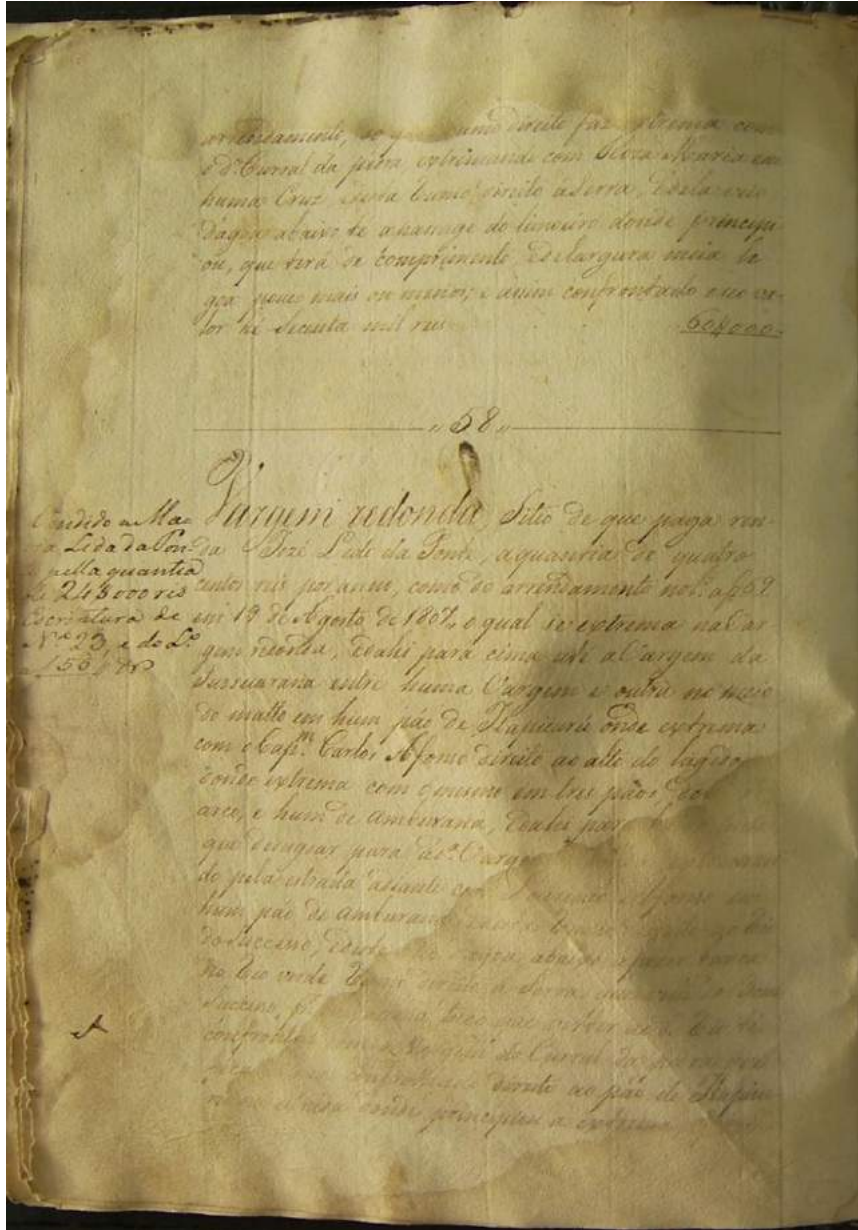
Anotação à margem
 esquerda, entre as L.13-17:
 Vendido ao Capp(itam)or /
 Jozé Nicoláo de / Tolentino,
 Escriptu- / ra N(umer)o26
 af(olha)s 60V(er)so / pela a
 quantia de / 96\$000 r(ei)s



[29r] e vertentes que desagoão para d(itt)a lagôa, extremando com Francisco Ribeiro na Barra do Curral falso, edahi direito á Cruz que está no páo de amargoso seguindo a estrada dos Lençoes abaixo té defronte da
 5 Gameleira que fica no pé da mesma Caza, edeste seguindo Rio acima afazer extrema com o d(itt)o Fran(cis)co Ribeiro em hum páo de Itapicurú cortando direito áhuma Cruz que está em hum páo de aração estrada abaixo té donde seprinciou a extrema, q(ue)
 10 terá de comprido, edelargo huma legoa pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé noventa e seis mil reis 96\$000

S(anta) Anna, Sitio de que paga renda Carlos Afonso deSequeira, aquantia de duzentos e cincoenta reis por anno, como do arrendamento no l(ivr) o a f(olha)s68V(erso) em 19 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Manoel Nunes aRiba da passage do limoeiro em hum páo de Juazeiro Rumo direito pelo Caminho
 15 acima até a Malhadinha defronte de dous Juazeiros grandes que se achão na d(itt)a Malhadinha cortando direito ao Sitio da lagôa ao páo preto que tem hum
 20 Cruz, deste Rumo direito ao Caminho da lad(ei)ra a extremar com os altos de Rio verde donde se dividem as agoas para o mesmo alto extremando com José Ledo, entre a Vargem Redonda, e do mesmo Rio em hum páo de Itapicurú conforme o seo arrenda-

Anotação à margem direita, entre as L.16-20: Vendido ao m(es)mo / Rendeiro por es- / cripto privado / e consta do L(ivr) o / de Escripura em N(umer) o42 [rubrica]

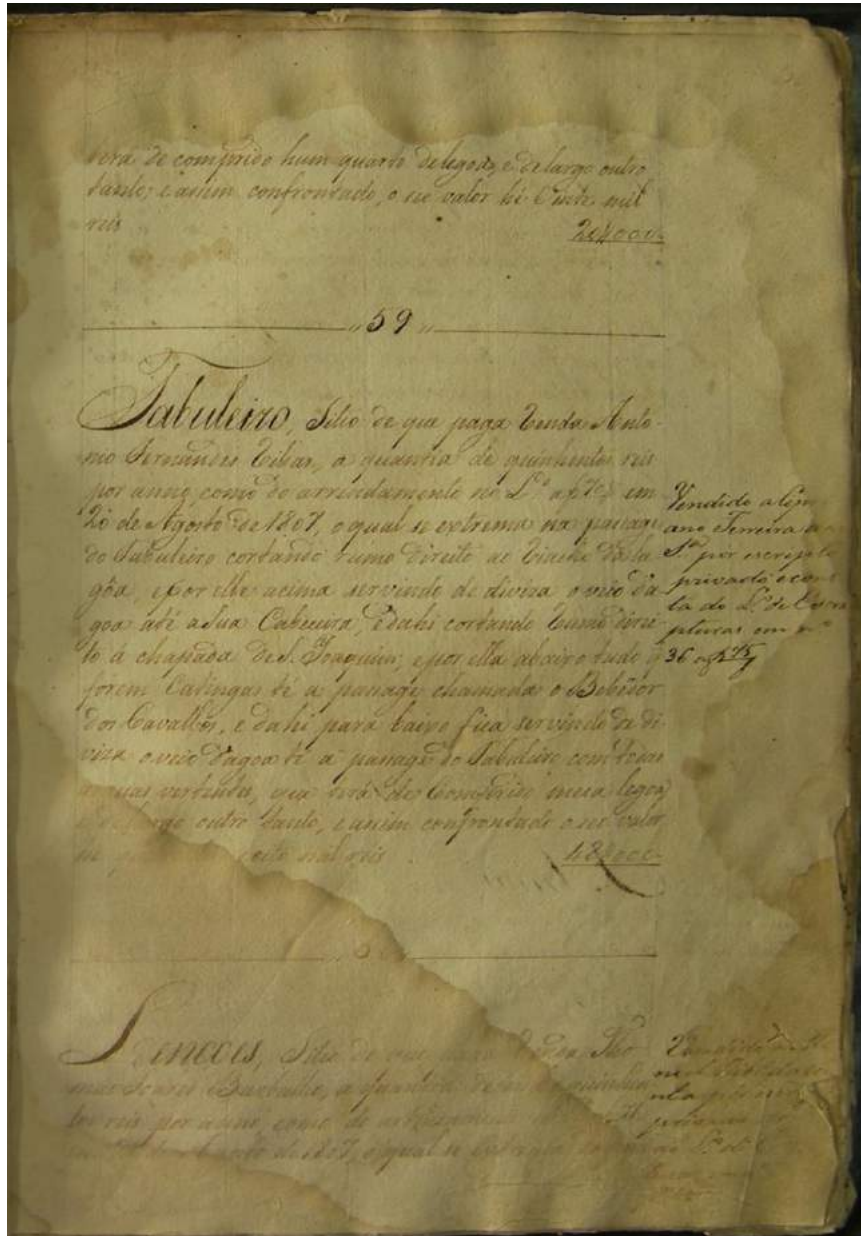


[29v] arrendamento, do qual Rumo direito faz extrema com o d(itt)o Curral da pedra, extremado com Roza Maria em huma Cruz, e desta rumo direito áSerra, edela veio d'agoa abaixo té a passage do limoeiro donde principiou, que terá de comprimento, edelargura meia legoa pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé Secenta mil reis 60\$000

Vargem redonda, Sitio de que paga renda Jozé Ledo da Ponte, a quantia de quatrocentos reis por anno, como do arrendamento nol(ivr)o af(olha)s69 em 19 de Agosto de 1807, o qual se extrema na Vargem redonda, edahi para cima até aVargem da Sussuarana entre huma Vargem e outra no meio do matto em hum páo de Itapicuru onde extrema com o Cap(ita)m Carlos Afonso direito ao alto do lagedo donde extrema com o mesmo em tres páos, dous de arco, e hum de amburana, edahi para baixo e tudo que desagoar para ad(itt)a Vargem redonda extremado pela estrada adiante com Lourenço Afonso em hum páo de amburana, e desta Rumo direito ao Rio do Succeso, edeste veio d'agoa abaixo a fazer barra no Rio verde Rumo direito á Serra que vem do Bom Succeso, p(o)r elle acima tudo que verter ao d(itt)o Rio té confrontar com a Vargem do Curral da pedra que fica acima confrontado direito ao páo de Itapicuru na estrada donde se principiou a extrema, que terá {te-}

Anotação à margem esquerda, entre as L.9-14: Vendido a Maria Leda da Ponte / te pella quantia / de 24\$000 res / Escripura de / N(umer)o23, e do L(ivr)o / af(olha)s55 [rubrica]

Grafo entre as L. 24-25.



[30r] terá de comprido hum quarto delegoa, e delargo outro tanto; e assim confrontado, o seo valor hé Vinte mil reis 20\$000

59

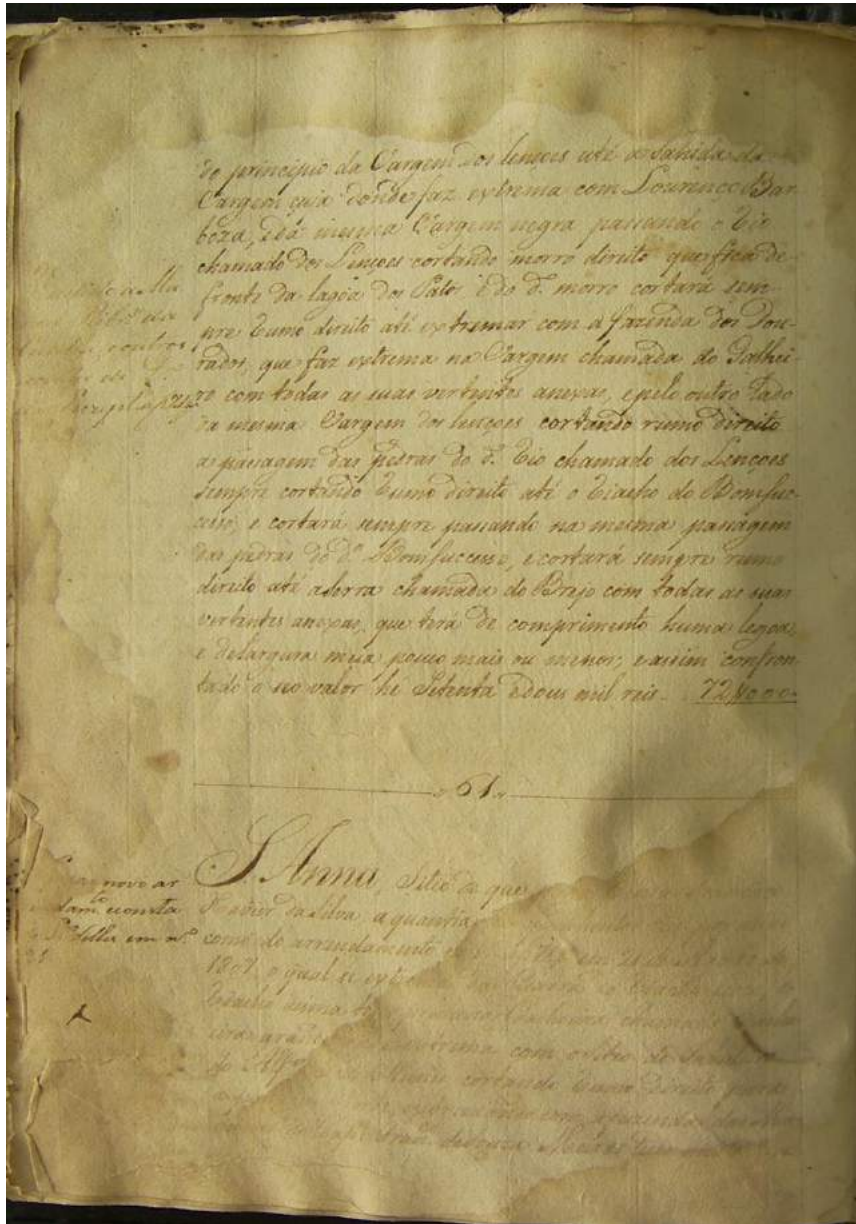
- 5 **Tabuleiro**, Sitio de que paga Renda Antonio Francisco Ribas, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s70V(erso) em 20 de Agosto de 1807, o qual se extrema na passage do Tabuleiro cortando rumo direito ao Riacho da Lagoa, e por elle acima servindo de diviza o veio d'agoa até aSua Cabeceira, edahi cortando Rumo direito á chapada deS(aõ) Joaquim; e por ella abaixo tudo q(ue) forem Catingas té a passage chamada o Bebedor dos Cavallos, e dahi para baixo fica servindo de diviza o veio d'agoa té a passage do Tabuleiro com todas as suas vertentes, que terá de comprido meia legoa e de largo outro tanto; e assim confrontado o seo valor hé quarenta e oito mil reis 48\$000

60

- 20 **Lençoes**, Sitio de que paga Renda Thomás Soares Barbalho, a quantia de mil e quinhentos reis por anno, como do arrendamento no L(ivr)o af(olha)s71 em 21 de Agosto de 1807, o qual se extrema do prin-

Anotação à margem direita, entre as L. 7-12: *Vendido aCipri- / ano Ferreira da / S(ily)a, por escripto / privado e cons- / ta do L(ivr)o de Escri- / pturas em n(umer)o / 36 af(olha)s75V(erso)*

L.20 à margem inferior, anotação à margem direita: *Vendido a Ma- / noel Ribeiro da Cu- / nha por escripto / privado { e consta } / do L(ivr)o das E[scrip] / turas em n(úmero) / [†] f(olha)s [†]*



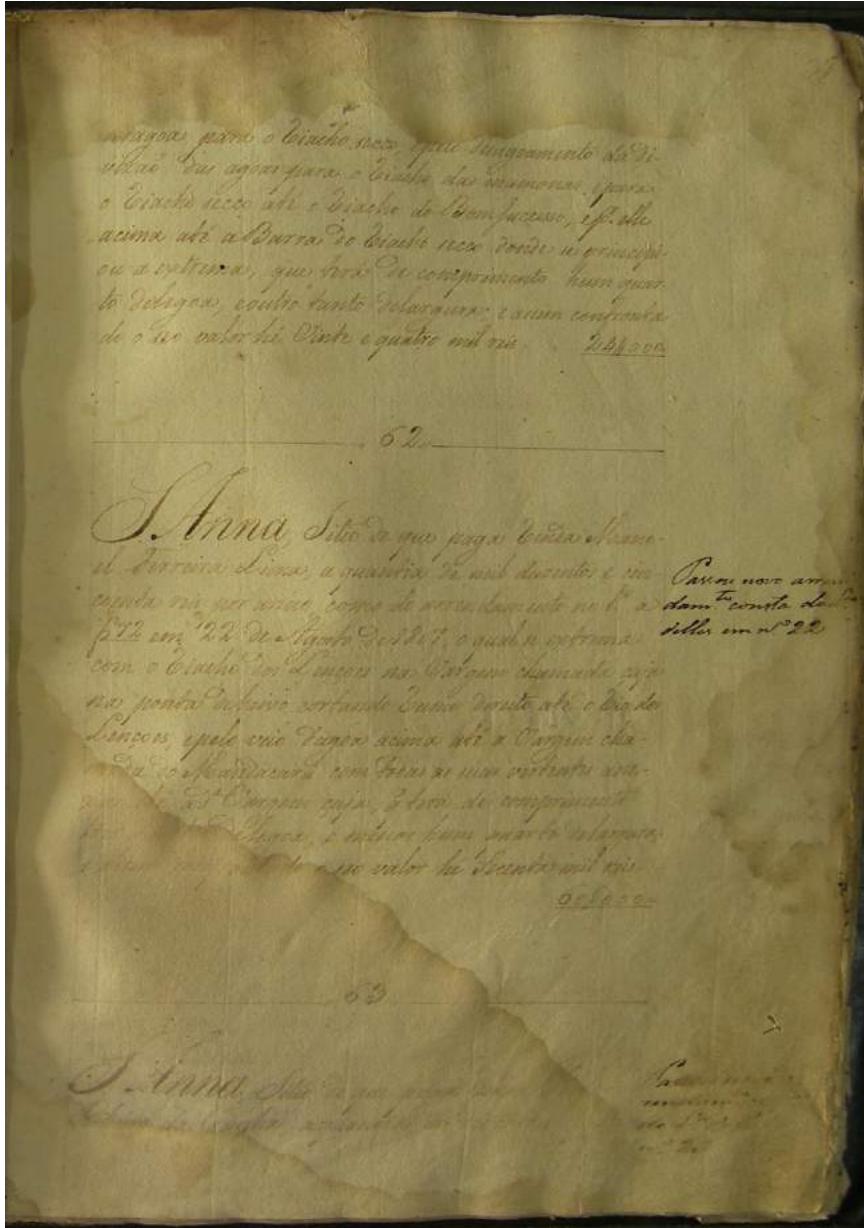
[30v] do principio da Vargem dos lençoes até a Sahida da Vargem cuja donde faz extrema com Lourenço Barboza, edá mesma Vargem negra passando o Rio chamado dos Lençoes cortando morro direito que fica de frente da lagôa dos Patos, e do d(itt)o morro cortará sempre Rumo direito até extremar com a fazenda dos Dourados, que faz extrema na Vargem chamada do Galheiro com todas as suas vertentes anexas, epelo outro lado da mesma Vargem dos lençoes cortando rumo direito a passagem das pedras do d(itt)o Rio chamado dos Lençoes sempre cortando Rumo direito até o Riacho do Bomsucesso, e cortará sempre passando na mesma passagem das pedras do d(itt)o Bomsucesso, e cortará sempre rumo direito até aSerra chamada do Brejo com todas as suas vertentes anexas, que terá de comprimento huma legoa, e delargura meia pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé Setenta edous mil reis 72\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L.4-8: Vendido a Ma / noel Rib(ei)ro da / Cunha, e outros / e consta do L(ivr)o / de Escripturas aff(olha)s 71V(erso)

61

20 **S(anta) Anna**, Sitio de que paga renda Francisco Xavier da Silva, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o aff(olha)s 71V(erso) em 21 de Agosto de 1807, o qual se extrema da Barra do Riacho secco, e Riacho acima té a primeira Cachoeira chamada Cachoeira grande onde extrema com o Sitio do Tabuleiro do Alf(er)es [†] Nunes, cortando Rumo direito para a parte do Norte, extremado com a fazenda das Ma-
 25 { monas } do Cap(ita)m Fran(cis)co deSouza Meira, tudo que { desa }

Anotação à margem esquerda, entre as L.19-23: Passou novo ar / rendam(en)to econsta / do L(ivr)o delles em n(umer)o / 25



[31r] desagoa para o Riacho secco, epelo desaguoamento da di-
 vizaõ das agoas para o Riacho das mamonas e para
 o Riacho secco até o Riacho do Bom successo, ep(o)r elle
 acima até a Barra do Riacho secco donde se principi-
 5 ou a extrema, que terá de comprimento hum quar-
 to delegoa, eoutro tanto delargura; e assim confronta-
 do o seo valor hé Vinte e quatro mil reis 24\$000

62

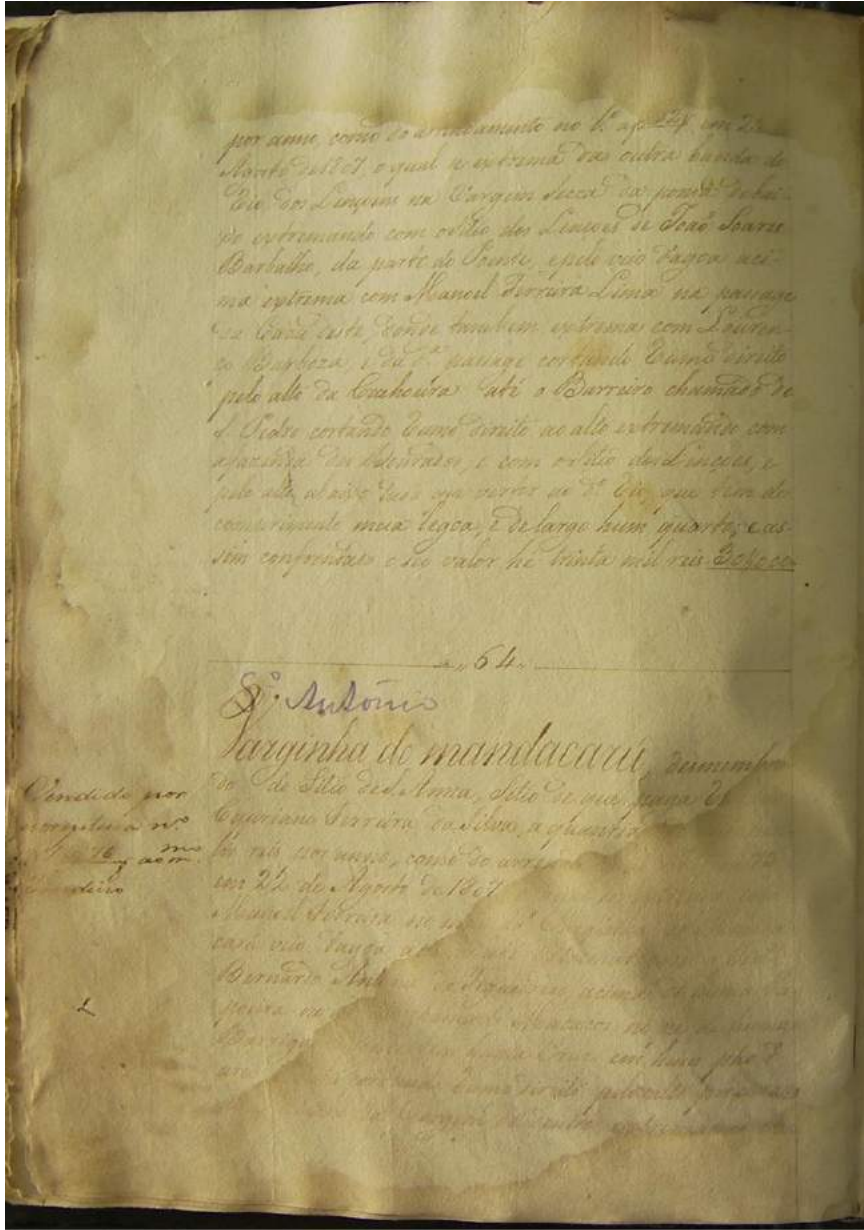
S(anta) Anna, Sitio de que paga Renda Mano-
 el Ferreira Lima, a quantia de mil duzentos e cin-
 10 coenta reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o a
 f(olha)s 72 em 22 de Agosto de 1807, o qual se extrema
 com o Riacho dos Lençoes na Vargem chamada çuja
 15 na ponta debaixo cortando Rumo direito até o Rio dos
 Lençoes, epelo veio d'agoa acima até a Vargem cha-
 mada do Mandacará com todas as suas vertentes ane-
 xas até a d(itt)a Vargem çuja, q(ue) terá de comprimento
 tres quartos delegoa, e menos hum quarto de largura;
 20 e assim confrontado o seo valor hé Secenta mil reis
60\$000

63

S(anta) Anna, Sitio de que paga Renda Paulo
 Ribeiro da Cunha, a quantia de [†]

Anotação à margem direita,
 entre as L.10-12: *Passou
 novo arren / dam(en)to
 consta do L(ivr)o / delles em
 n(umer)o / 22*

Anotação à margem direita,
 entre as L.21-23: *Passou
 novo ar / rendam(en)to
 consta / do L(ivr)o delles em
 / n(umer)o / 23*



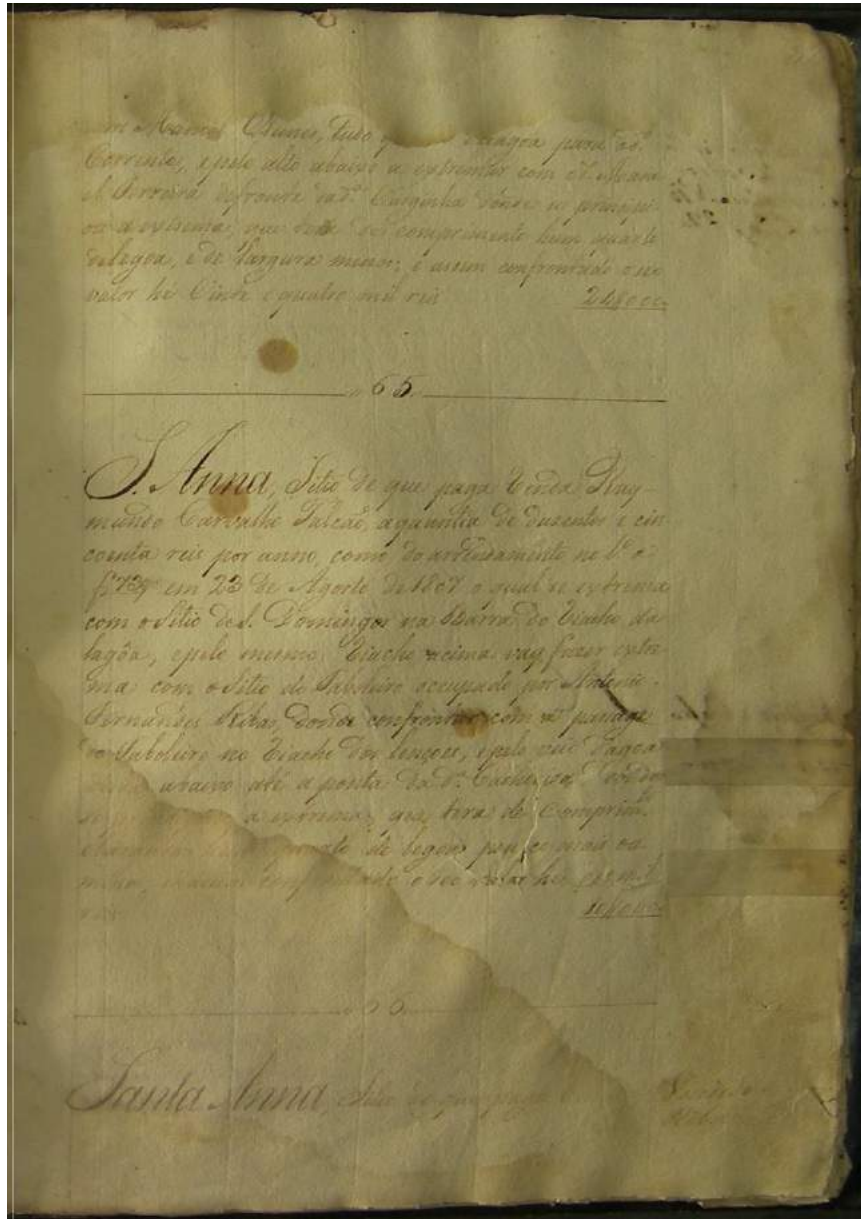
[31v] por anno, como do arrendamento no l(ivro) o af(olha)s72V(verso) em 22 de Agosto de 1807, o qual se extrema da outra banda do Rio dos Lençoes [sic] na Vargem Secca da ponta debaixo extremado com o Sitio dos Lençoes de João Soares Barbalho, da parte do Poente, epelo veio d'agoa acima extrema com Manoel Ferreira Lima na passage da Caza deste, donde também extrema com Lourenço Barboza, e da d(it) a passage cortando Rumo direito pelo alto da Cachoeira até o Barreiro chamado de S(aõ) Pedro cortando Rumo direito ao alto extremado com afazenda dos Dourados, e com o Sitio dos Lençoes, e pelo alto abaixo tudo que verter ao d(it) o Rio, que tem de comprimento meia legoa, e de largo hum quarto; e assim confrontado o seo valor hé trinta mil reis 30\$000

15 _____ 64 _____

Varginha do mandacarú, desmembrado do Sitio de S(anta) Anna, Sitio de que paga Renda Cypriano Ferreira da Silva, a quantia de [†] 64 tois reis por anno, como do arrendamento no l(ivro) o af(olha)s73 em 22 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Manoel Ferreira no meio da Varginha do Mandacarú veio dagoa acima até confrontar com o [†] Bernardo Antonio de Figueiredo, acima de huma Ca-poeira no estreito chamado Macacos no pé de huma Barriguda onde tem em huma Cruz em hum páo d' arco, e dahi cortando Rumo direito pelo alto procurando o riacho da Vargem de dentro extremado com

Lançado ao centro, entre as L. 15 e 16, em letra posterior, de outro scriptor: S(ant) o Antonio

Anotação à margem esquerda, entre as L.17-20: Vendido por / escriptura no L(ivro) o n(úmero) / 37 af(olha)s76 V(erso) ao m(es)mo / Rendeiro



[32r] com Manoel Nunes, tudo quanto desagoa para o d(it)to
 Corrente, epelo alto abaixo a extremar com o d(it)to Mano-
 el Ferreira defronte dad(it)a Varginha donde se principi-
 ou a extrema, que terá de comprimento hum quarto
 5 delegoa, e de largura menos; e assim confrontado o seo
 valor hé Vinte e quatro mil reis 24\$000

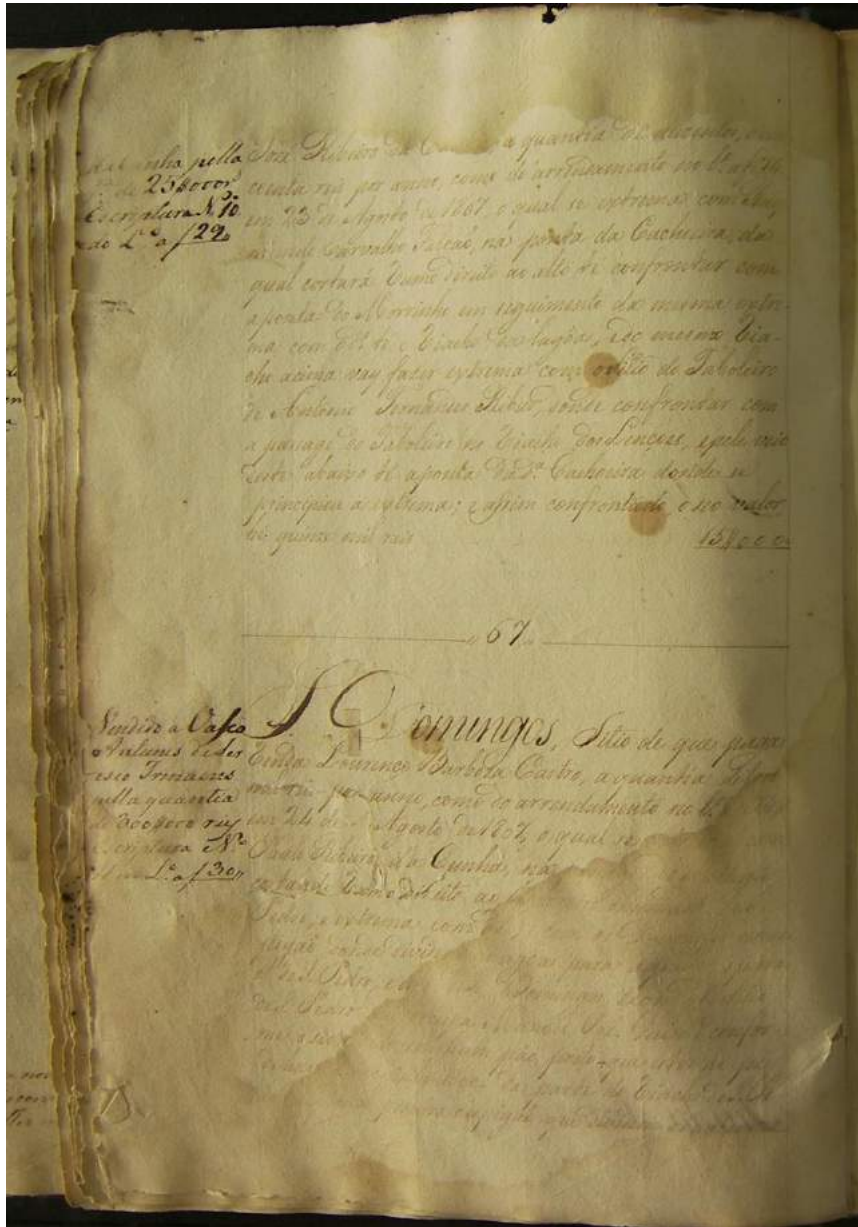
65

S(anta) Anna, Sitio de que paga Renda Ray-
 mundo Carvalho Falcaõ, a quantia de duzentos e cin-
 10 coenta reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o a
 f(olha)s73V(erso) em 23 de Agosto de 1807, o qual se extrema
 com oSitio de S(aõ) Domingos na Barra do Riacho da
 lagôa, epelo mesmo Riacho acima vay fazer extre-
 ma com oSitio do Taboleiro occupado por Antonio
 15 Fernandes Ribas, donde confrontar com a passage
 do Taboleiro no Riacho dos lençoes, e pelo veio d'agoa
 desta abaixo até a ponta da d(it)a Cachoeira donde
 se principiou a extrema, que terá de comprim(en)to
 e largura hum quarto de legoa pouco mais ou
 20 menos; e assim confrontado o seo valor hé des mil
 reis 10\$000

66

Santa Anna, Sitio de que paga renda

Anotação à margem direita,
 da L.23 à margem inferior:
 Vendido a {Paulo} / Ribeiro



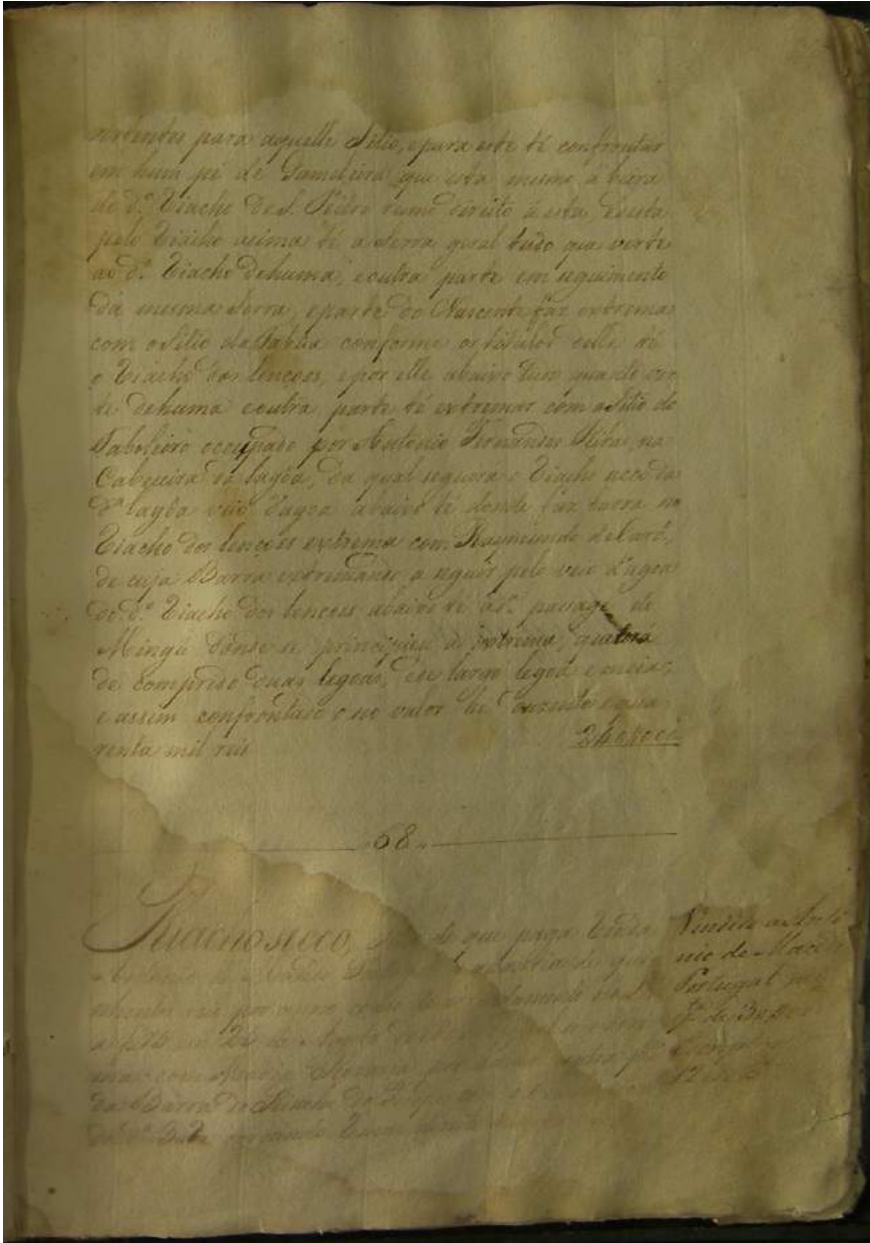
[32v] Jozé Ribeiro da Cunha, a quantia de duzentos, e cincoenta reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s74 em 23 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Raimundo Carvalho Falcaõ, na ponta da Cachoeira, da qual cortará Rumo direito ao alto té confrontar com a ponta do Morrinho em seguimento da mesma extrema com o d(itt)o té o Riacho da lagõa, edo mesmo Riacho acima vay fazer extrema com o Sitio do Taboleiro de Antonio Fernandes Ribas, donde confrontar com a passage do Taboleiro no Riacho dos Lençoes, epele [sic] veio deste abaixo té aponta da d(itt)a Cachoeira donde se principiou a extrema; e assim confrontado o seo valor hé quinze mil reis 15\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L.1-4: daCunha pella / q(uan)t(i)a de 25\$000r(ei)s / Escriptura N(umer)o 10 / e do L(ivr)o af(olha)s29

67

15 **S(aõ) Domingos**, Sitio de que paga Renda Lourenço Barboza Castro, a quantia de tres mil reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s74V(erso) em 24 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Paulo Ribeiro da Cunha, na passage do Mingú Pedro, e extrema com o d(itt)o, e com os Dourados no espigaõ donde dividem as agoas para aquelles, e para o de S(aõ) Pedro, e o de S(aõ) Domingos e com o d(itt)o Sitio de S(aõ) Pedro onde occupa Manoel F(er)nande)s Guim(arae)s conforme o seo titulo em hum páo preto – que está ao pé de hum Riachinho secco da parte do Riacho de S(aõ) Pedro} [†] o qual procura o espigaõ que dividem as agoas ver-

Anotação à margem esquerda, entre as L.15-20: Vendido a Vasco / Antunes deSer(queira) / e seo [sic] Irmaons / pella quantia / de 300\$000 reis / Escriptura N(umer)o / 11 e no L(ivr)o af(olha)s30

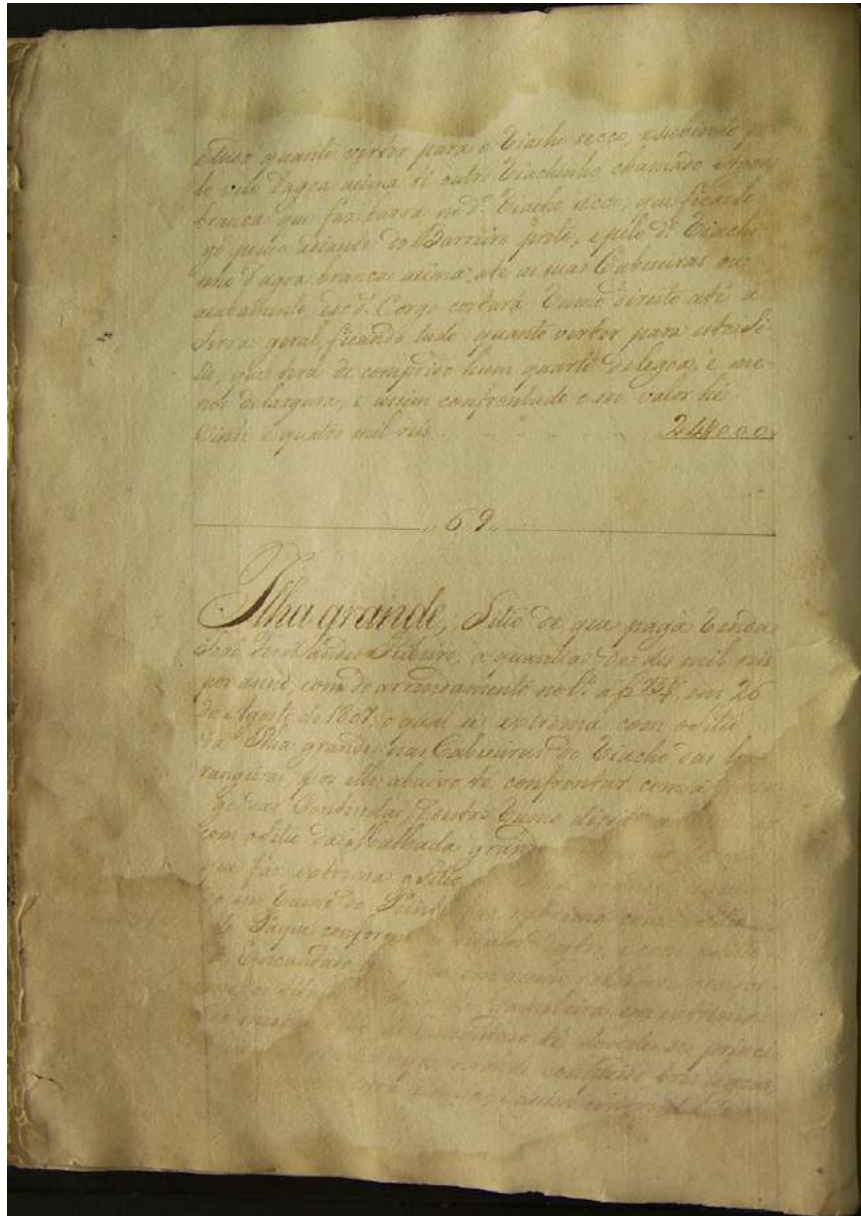


[33r] vertentes para aquelle Sitio, e para este té confrontar em hum pé de Gameleira que está mesmo á beira do d(itt)o Riacho de S(aõ) Pedro rumo direito á esta, e desta pelo Riacho acima té a Serra geral tudo que verte
 5 ao d(itt)o Riacho de huma, e outra parte em seguimento da mesma Serra, e parte do Nascente faz extrema com o Sitio da Tabua conforme os títulos delle té o Riacho dos lençoes, e por elle abaixo tudo quanto verte de huma e outra parte té extremar com o Sitio do
 10 Taboleiro occ<†>/u\pado por Antonio Fernandes Ribas, na Cabeceira da lagôa, da qual seguirá o Riacho secco da d(itt)a lagôa veio d'agoa abaixo té donde faz barra no Riacho dos lençoes extrema com Raymundo de Carv(alh)o, de cuja Barra extremado a seguir pelo veio d'agoa
 15 do d(itt)o Riacho dos lençoes abaixo té ad(itt)a passage do Mingú donde se principiou a extrema, queterá de comprido duas legoas, ede largo legoa e meia; e assim confrontado o seo valor hé duzentos e quarenta mil reis 240\$000

20 _____ 68 _____

Riacho secco, Sitio de que paga renda Antonio de Macedo Portugal, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o a f(olha)s 75 em 25 de Agosto de 1807, o qual se extrema com Maria Rozaria por huma e outra p(ar)te da Barra do Riacho do Felipe com o Riacho secco da d(itt)a Barra cortando rumo direito a Serra {geral}, e

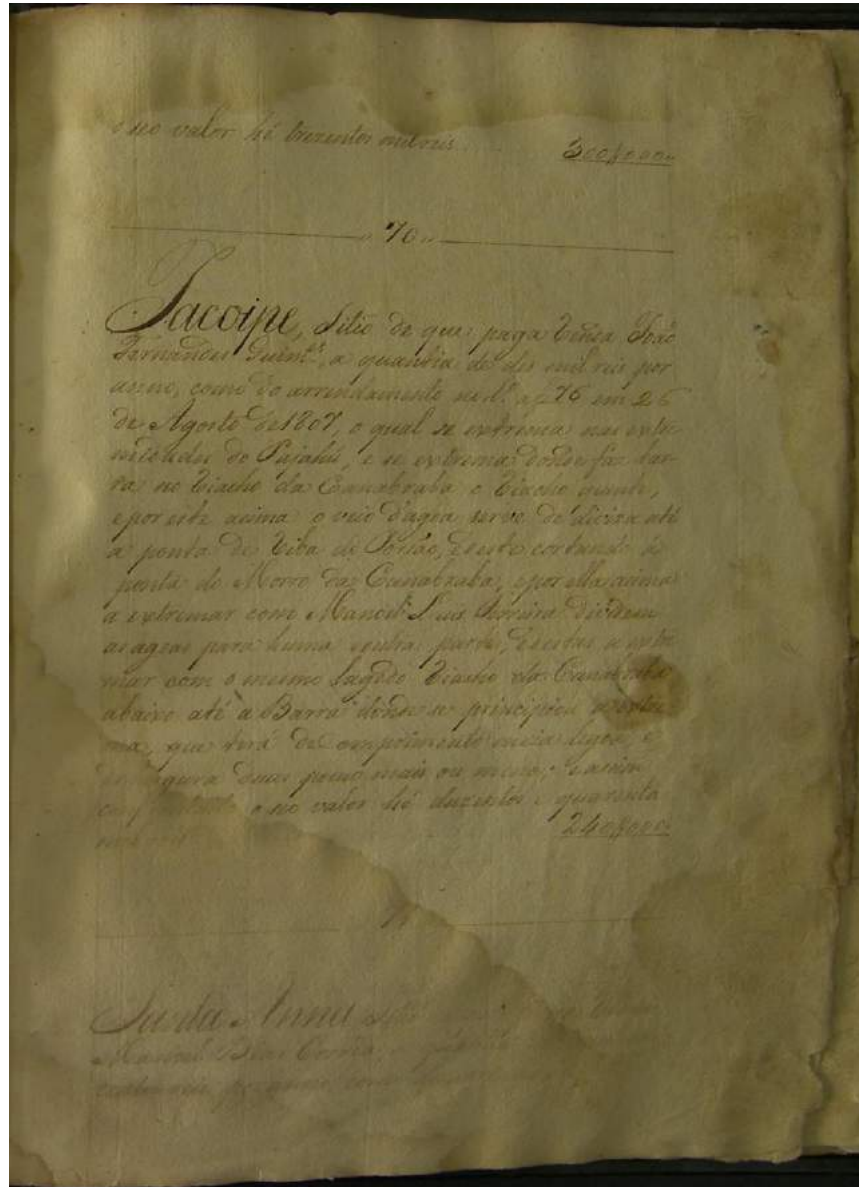
Anotação à margem direita, entre as L. 21-26: Vendido a Anto-/nio de Macedo / Portugal pella / q(uan)t(i)a de 30\$000 r(ei)s / Escripura N(umer)o / 12 e do L(ivr)o [†]



[33v] etudo quanto verter para o Riacho secco, esubindo pe-
 lo veio d'agoa acima té outro Riachinho chamado Agoa
 branca que faz barra no d(itt)o Riacho secco, que fica lo-
 go pouco adiante do Barreiro preto, epelo d(itt)o Riachi-
 5 nho d'agoa branca acima até as suas Cabeceiras ou
 acabamento, edo d(itt)o Corgo cortará Rumo direito até a
 Serra geral, ficando tudo quanto verter para este Si-
 tio, que terá de comprido hum quarto delegoa, e me-
 nos de largura, e assim confrontado o seo valor hé
 10 Vinte e quatro mil reis 24\$000

Ilha grande, Sitio de que paga Renda

João Fernandes Ribeiro, a quantia de des mil reis
 por anno, com{o} do arrendamento nol(ivr)o af(olha)s75V(erso) em 26
 15 de Agosto de 1807, o qual se extrema com o Sitio
 da Ilha grande nas Cabeceiras do Riacho das la-
 rangeiras, por elle abaixo té confrontar com a passa-
 ge das Contendas, edesta Rumo direito a extremar
 com o Sitio da Malhada grande no mesmo Rumo
 20 que faz extrema o Sitio da Ilha grande seguin-
 do em Rumo do Poente, faz extrema com o Sitio
 do Paqué conforme os títulos deste, e com o Sitio
 do Encantado que fica em rumo do Norte conform-
 me os títulos do Sitio da Gameleira em extrema
 25 do mesmo Sitio do Encantado té donde se princi-
 piou a extrema que terá de comprimento tres legoas,
 e de largo e meia; e assim confrontado o {seo}



[34r] o seu valor hé trezentos mil reis 300\$000

70

Jacoipe, Sitio de que paga Renda Joaõ

Fernandes Guim(ara)es a quantia de des mil reis por

5 anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s 76 em 26

de Agosto de 1807, o qual se extrema nas extre-

midades do Pajahú, e se extrema donde faz bar-

ra no Riacho da Canabraba o Riacho quente,

epor este acima o veio d'agoa serve de diviza até

10 a ponta de Riba do Possaõ, edeste cortando á

ponta do Morro da Canabraba, e por ella acima

a extremar com Manoel Luis Ferreira dividem

as agoas para huma e outra parte, edestas a extre-

15 mar com o mesmo lagedo Riacho da Canabraba

abaixo até a Barra donde se principiou a extre-

ma, que terá de comprimento meia legoa, e

de largura duas pouco mais ou menos; e assim

confrontado o seu valor hé duzentos e quarenta

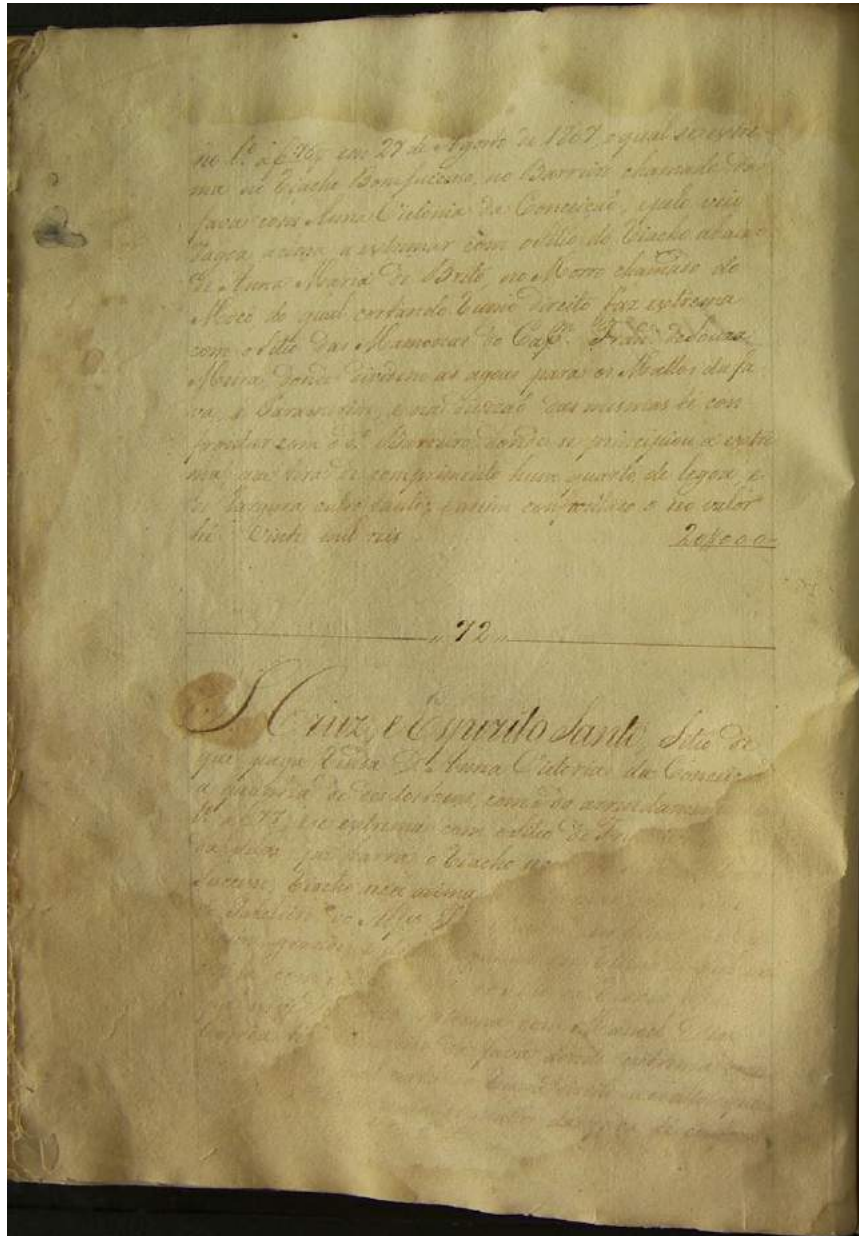
mil reis 240\$000

71

Santa Anna, Sitio de que paga Renda

Manoel Dias Corrêa, a quantia [†]

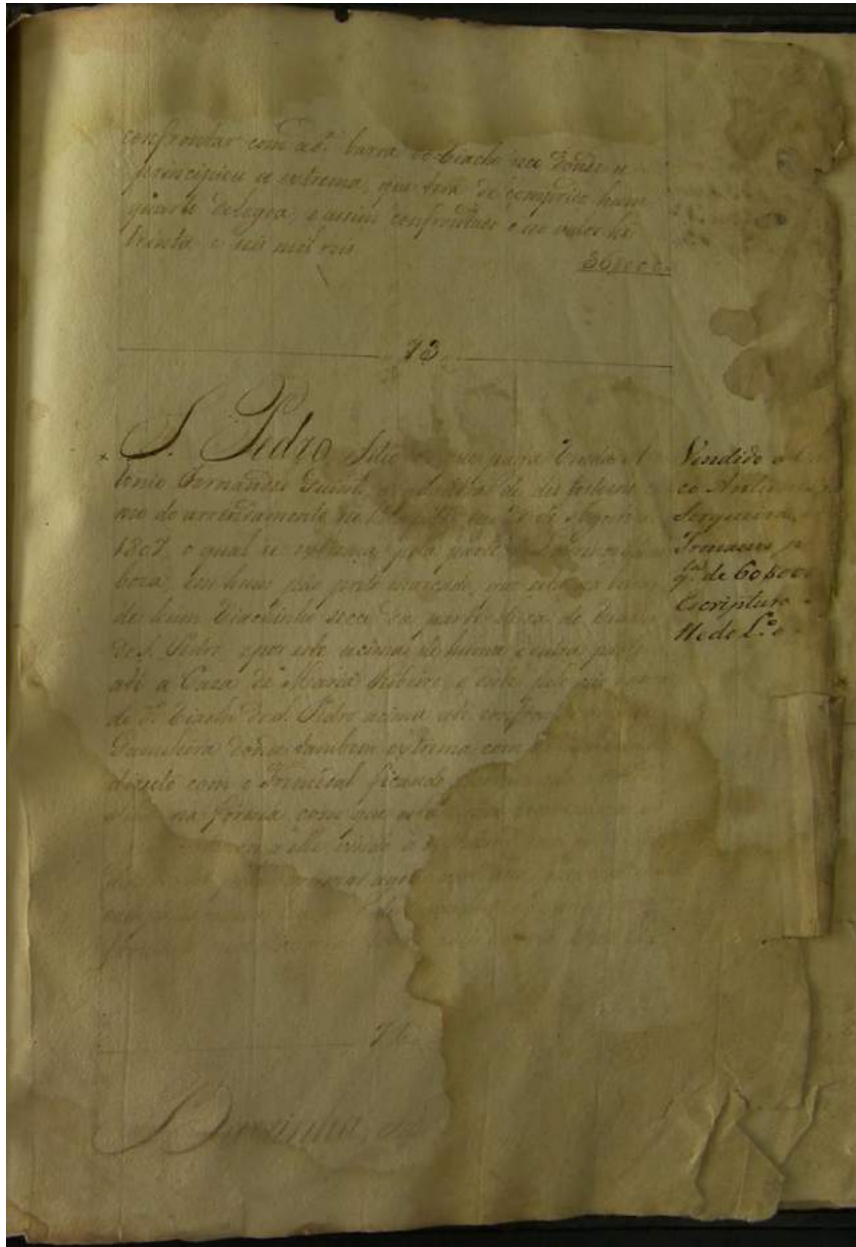
centos reis por anno, como do arrendamento {no}



- [34v] no l(ivr)o af(olha)s76V(erso) em 27 de Agosto de 1807, o qual se extrema no Riacho Bom Sucesso, no Barreiro chamado da fava com Anna Victoria da Conceição, epelo veio d'agoa acima a extremar com o Sitio do Riacho abaixo
- 5 de Anna Maria de Brito, no Morro chamado do Mocó, do qual cortando Rumo direito faz extrema com o Sitio das Mamonas do Cap(ita)m Fran(cis)co de Souza Meira, donde dividem as agoas para os Mattos da fava, e Paramirim, e na divizaõ das mesmas té confrontar com o d(it)o Barreiro donde se principiou a extrema, que terá de comprimento hum quarto de legoa, e de largura outro tanto; e assim confrontado o seo valor
- 10 20\$000

72

- 15 **S(anta) Cruz e Espirito Santo**, Sitio de que paga Renda D(onna) Anna Victoria da Conceição a quantia de des tostoens, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s77, e se extrema com o Sitio de Francisco {X(avier)} da Silva faz barra o Riacho secco no Sitio do Bom
- 20 Successo, Riacho secco acima a extremar com o Sitio do Taboleiro do Alf(er)es J{oze} [†] no lugar da Cachoeira grande, e della seguindo [†] [†] com o [†] Riacho [†] [†] serve de diviza e extrema com Manoel Dias
- 25 Corrêa té o Barreiro da fava donde extrema com [†] rumo direito nos altos [†] [†] mattos da fava té confrontar



[35r] confrontar com ad(itt)a barra do Riacho seco donde se principiou a extrema, que terá de comprido hum quarto delegoa; e assim confrontado o seo valor hé trinta e seis mil reis 36\$000

5 _____ 73 _____

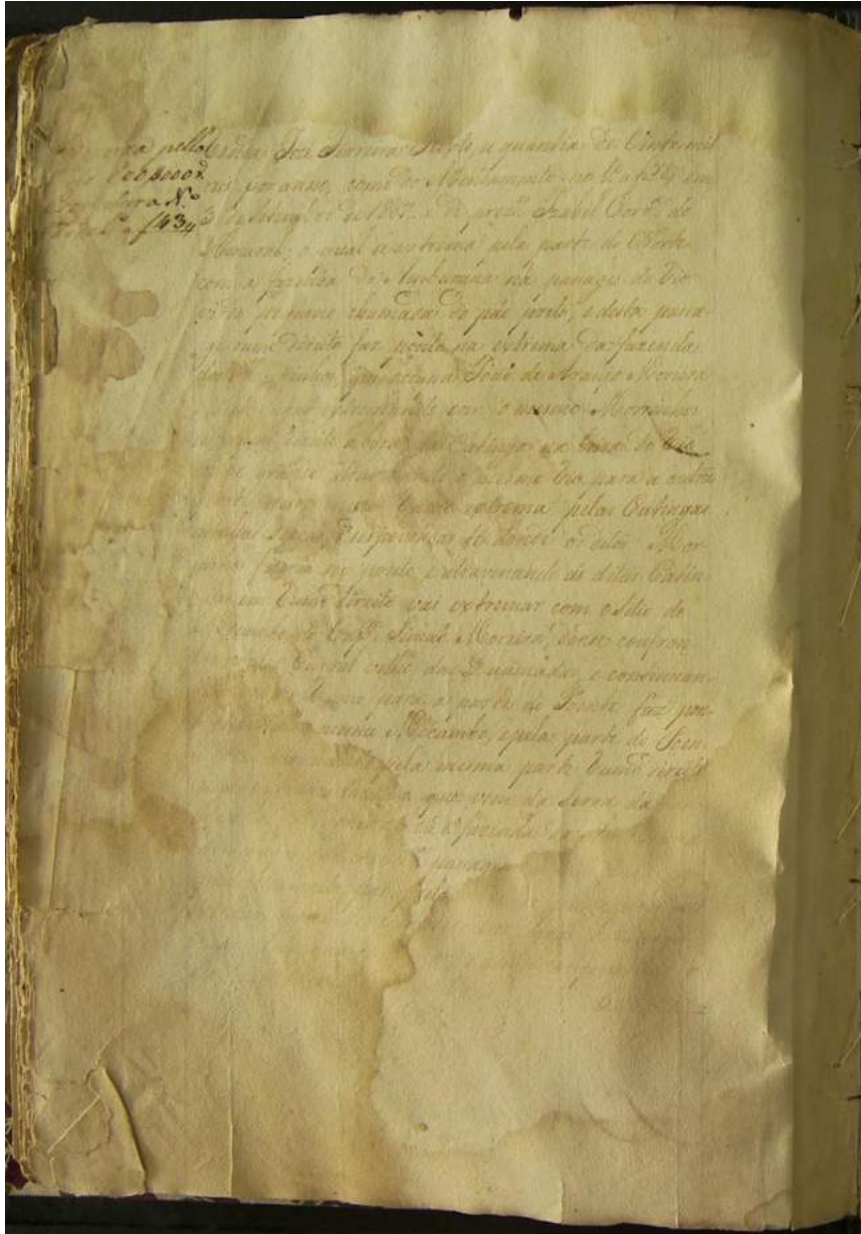
S(aõ) Pedro, Sitio de que paga renda Antonio Fernandes Guim(arae)s, a quantia de des tostoens como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s 77 em 28 de Agosto de 1807, o qual se extrema pela parte de Lourenço Barboza, em hum páo preto marcado, que está na beira de hum Riachinho secco da parte de cá do Riacho deS(aõ) Pedro, e por este acima de huma e outra parte até a Caza de Maria Ribeiro, e deste pelo veio d'agoa do d(itt)o Riacho deS(aõ) Pedro acima até confrontar com a
 10 Gameleira donde também extrema com a d(itt)a em rumo direito com o Tremedal ficando pertencendo ao d(itt)o Sitio na fõrma com que está [†] agoas vertentes a elle vindo à [†] agoas vertentes, que terá de
 15 comprido [†] legoas e de largo [†] e assim confrontado seo valor hé {trinta e seis} mil reis {36}\$000

_____ 74 _____

Barrinha, Sitio de que paga {Renda}

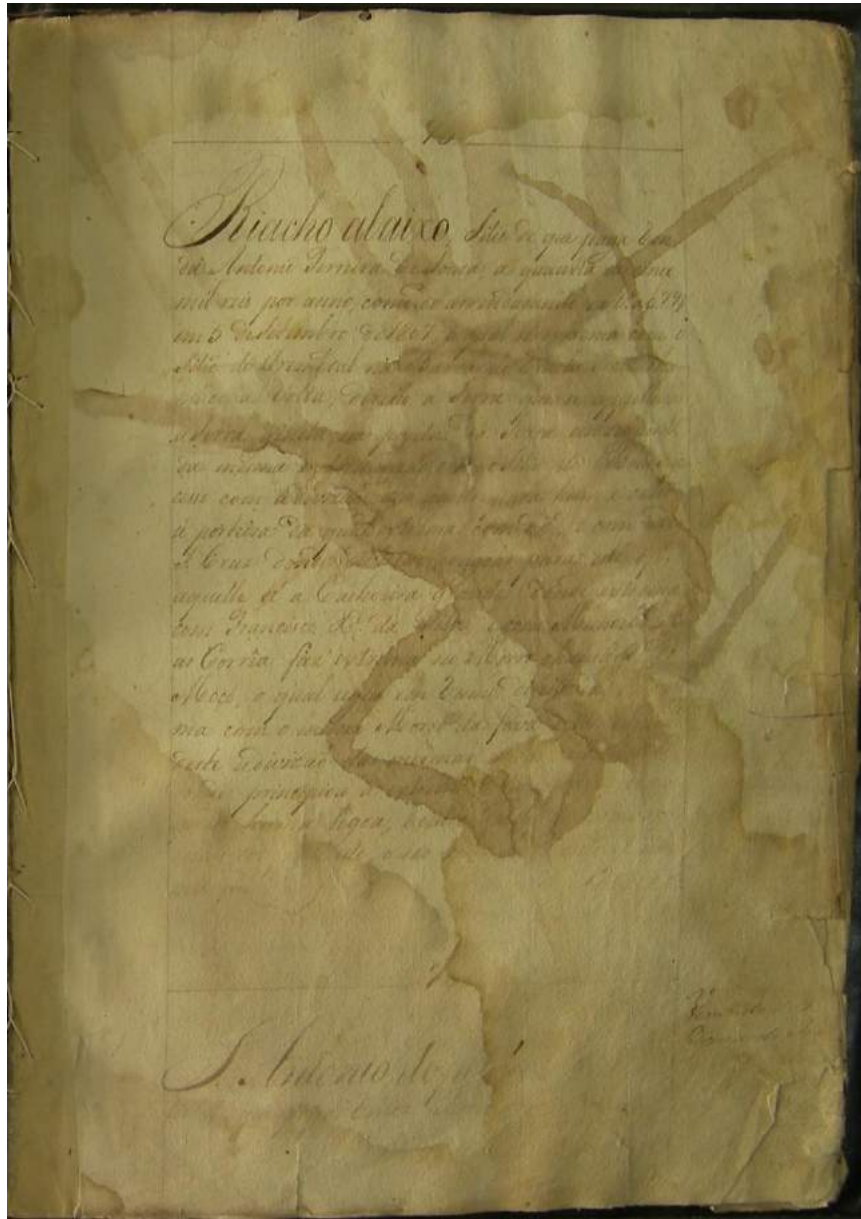
Anotação à margem direita, entre as L.6-12: Vendido a Vas- / co Antunes de / Serqueira, e / Irmaons pella / q(uan)(ti)a de 60\$000 r(ei)s / Escriptura N(umer)o / 11 e do L(ivr)o a f(olha)s [†]

Anotação ilegível à margem direita.



- [35v] Renda Jozé Ferreira Peixoto, a quantia de Vinte mil
 reis por anno, como do ARrendamento no l(ivr)o af(olha)s 78V(erso) em
 3 de Setembro de 1807, e de prez(ente) Izabel Corr(ei)a do
 Amaral; o qual se extrema pela parte do Norte
 5 com a fazenda da Amburana na passage do Rio
 verde pequeno chamada do páo preto, e desta passa-
 ge rumo direito faz ponto na extrema da fazenda
 dos Morrinhos, que occupa Joaõ de Araujo Moreira
 e deste lugar extremando com o mesmo Morrinhos
 10 em rumo direito a boca da Catinga na beira do Rio
 verde grande atravessando o mesmo Rio para a outra
 parte neste mesmo Rumo extrema pelas Catingas
 incultas seccas, e despovoadas té donde os ditos Mor-
 rinhos faraõ seo ponto, e atravessando ás ditas Catin-
 15 gas em Rumo direito vai extremar com o Sitio do
 Mocambo do Cap(ita)m Simaõ Moreira, donde confron-
 ta com o Curral velho das Queimadas, e continuan-
 do no Rumo para a parte do Poente faz pon-
 to onde faz o mesmo Mocambo, epela parte do Poen-
 20 te vem extremando pela mesma parte Rumo direito
 pelas Catingas incultas que vem da Serra da [†]
 [†] da d(it)a fazenda da Amburana
 [†] d(it)a passage [†]
 [†] chamada páo preto onde se principiou a ex-
 25 tremar, que terá de comprido tres legoas
 [†] {e de largo} [†] {e assim confrontado o} [†]
 [†] {seo valor é seiscentos mil reis} {600\$000}

Anotação à margem
 esquerda, entre as L.1-3:
 Bezerra pella / q(uan)t(i)a
 de 800\$000 r(ei)s /
 Escriptura N(umer)o / 17 e
 do L(ivr)o a f(olha)s 43



[36r]

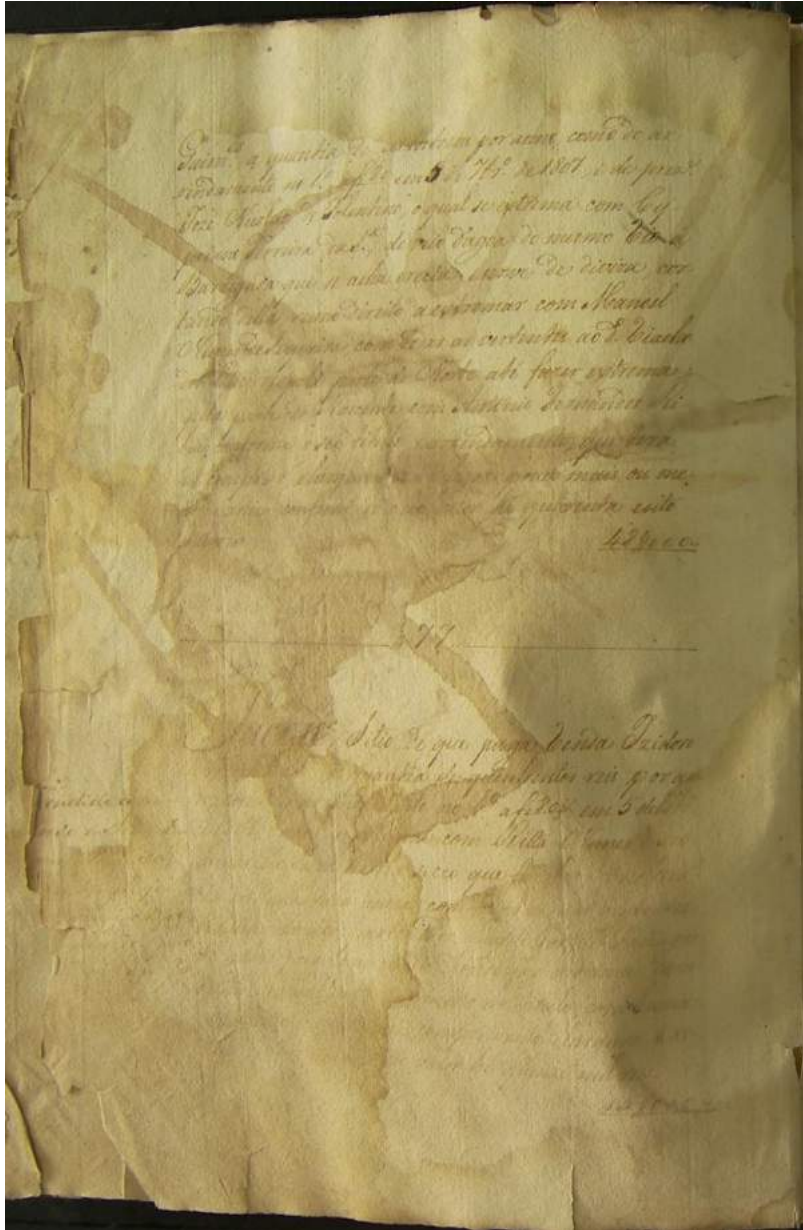
75

- Riacho abaixo**, Sitio de que paga Renda Antonio Ferreira de Souza, a quantia de cinco mil reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s79V(erso) em 5 deSetembro de1807, o qual se extrema com o Sitio do Tremedal na Barra do Riacho Secco chamado a Volta, direito á Serra que se appellida a Serra gineta na ponta da Serra em seguim(en)to da mesma extremando com o Sitio do Bom Successo com a divisaõ das agoas para hum e outro á porteira da qual extrema com o d(itt)o, e com o de S(anta) Cruz donde dividem as agoas para este ep(ar) aquelle té a Cachoeira grande donde extrema com Francisco X(avi)er da Silva, e com Manoel Dias Corrêa faz extrema no Morro chamado do Mocó, o qual segue em Rumo direito da mesma com com o mesmo Morro da fava {com}[†] deste a divizaõ das mesmas agoas {vertentes} donde principiou a extrema, que terá de comprimento huma legoa, e outro tanto {de largura} assim confrontado o seo {valor hé cento e vinte} {mil reis} {120\$000}

76

- S(anto) Antonio do pé da Serra**, Sitio de que paga Renda Florencio {F(e)r(nande)s Guim(ara)es}

Anotação à margem direita, entre as L.24-25: Vendido a / Bernardo Jozé [†]

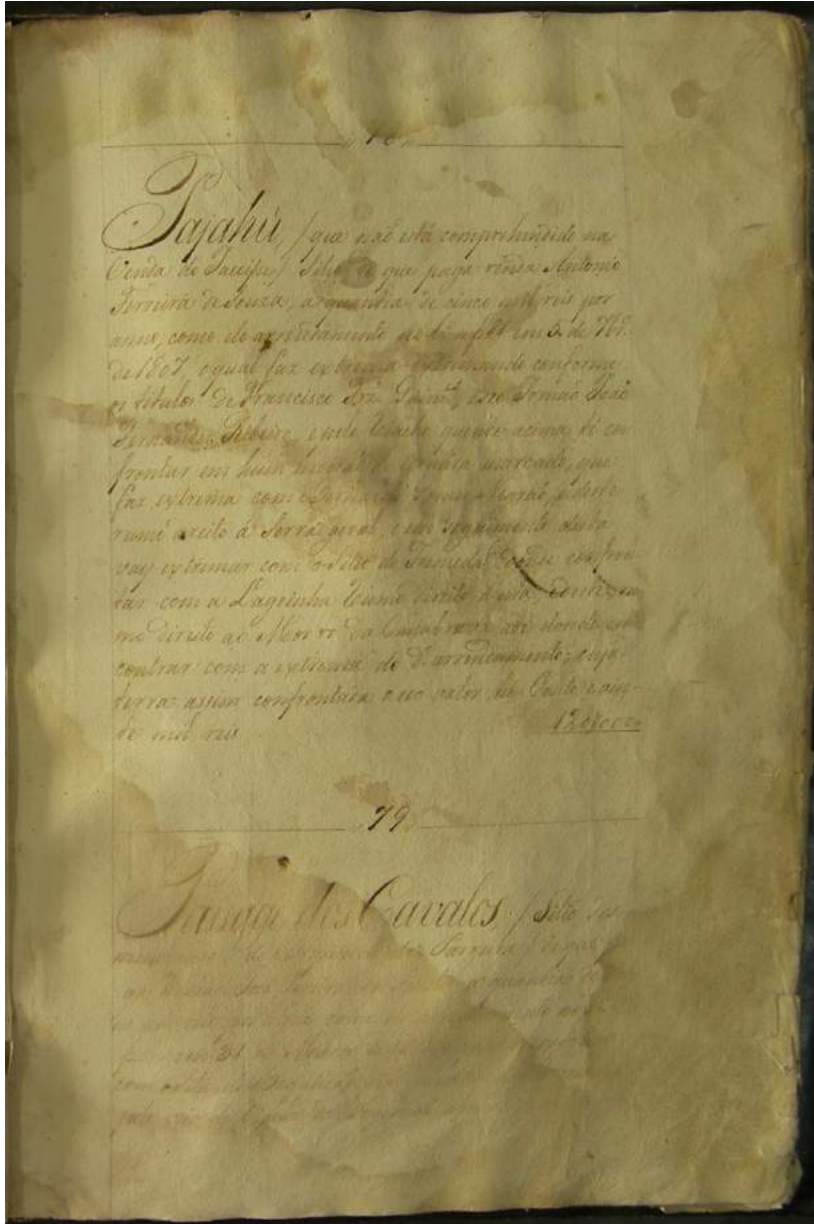


- [36v] Guim(ara)es, a quantia de des tostoens por anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s80 em <†>/5\ de (Setem)bro de 1807, e de prez(ent)e Jozé Nicolao de Tolentino, o qual se extrema com Cypriano Ferreira daS(ilv)a, do veio d'agoa do mesmo Rio á
- 5 Barriguda que se acha erecta e serve de diviza, cortando della rumo direito a extremar com Manoel Nunes deSequeira, com todas as vertentes ao d(itt)o Riacho dos Lenções pela parte do Norte até fazer extrema pela parte do Nascente com Antonio Fernandes Ribeiro conforme o seo titulo e arrendamento, que terá
- 10 de comprido e largura [†] legoas pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé quarenta e oito mil reis 48\$000

77

- 15 **Jacoré**, Sitio de que paga renda Izidoro {Cardozo da Silva} a quantia de quinhentos reis por anno {no como do arrendamento} no l(ivr)o af(olha)s80V(erso) em 5 de (Setem)bro {de 1807}[†] com Ritta Nunes e [†]
- [†] Riacho secco que faz [†]
- 20 [†] conforme [†]
[†]
[†]
[†] largura e as-
- {sim confrontado o seo} valor hé quinze mil reis
- 25 15\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L.17-23: *Vendido a [†]*



[37r]

Pajahú, (que não está compreendido na Venda do Jacoipe) Sitio de que paga renda Antonio Ferreira deSouza, a quantia de cinco mil reis por

5 anno, como do arrendamento no l(ivr)o af(olha)s81 em 5 de (Setem)bro de1807, o qual se extrema extremando conforme os titulos deFrancisco F(e)r(nande)s Guim(ara)es, eseo Irmaõ Joaõ

10 Fernandes Ribeiro, epelo Riacho quente acima té confrontar em hum moiraõ de Arueira marcado, que faz extrema com Bernardo Gomes Negraõ, e deste

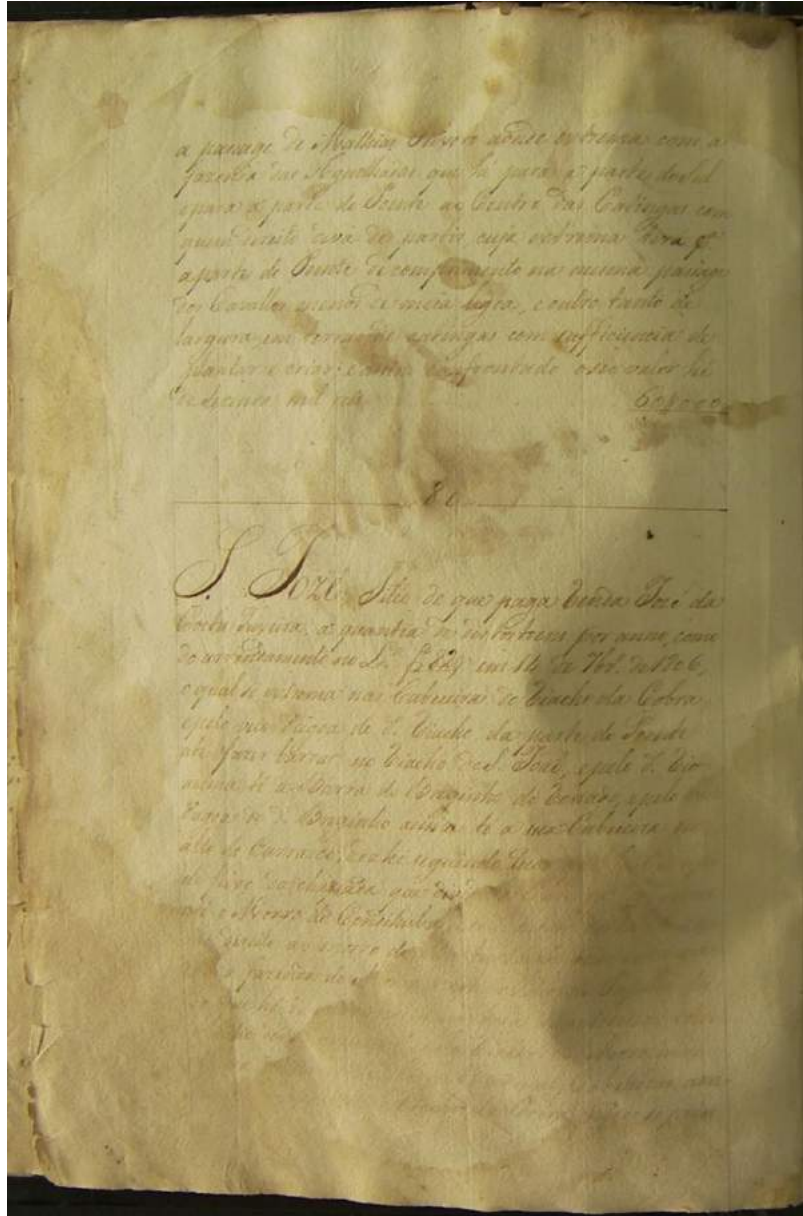
rumo direito á Serra geral, e em seguimento desta vay extremar com oSitio do Tremedal donde confrontar com a Lagoinha Rumo direito á esta, edesta, ru-

15 mo direito ao Morro daCanabrava até donde encontrar com a extrema do d(itt)o arrendamento; cuja terra assim confrontada o seo valor hé Cento e vinte mil reis 120\$000

Passage dos Cavalos, (Sitio desmembrado do Boqueiraõ do Parreira) de que paga Renda Jozé Pereira dos Santos, a quantia de [†] [†] reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o a f(olha)s82 em 31 de Março de 1808, o qual se extrema com o Sitio do Boqueiraõ [†]

20 pelo veio do Riacho do Boqueiraõ [†]

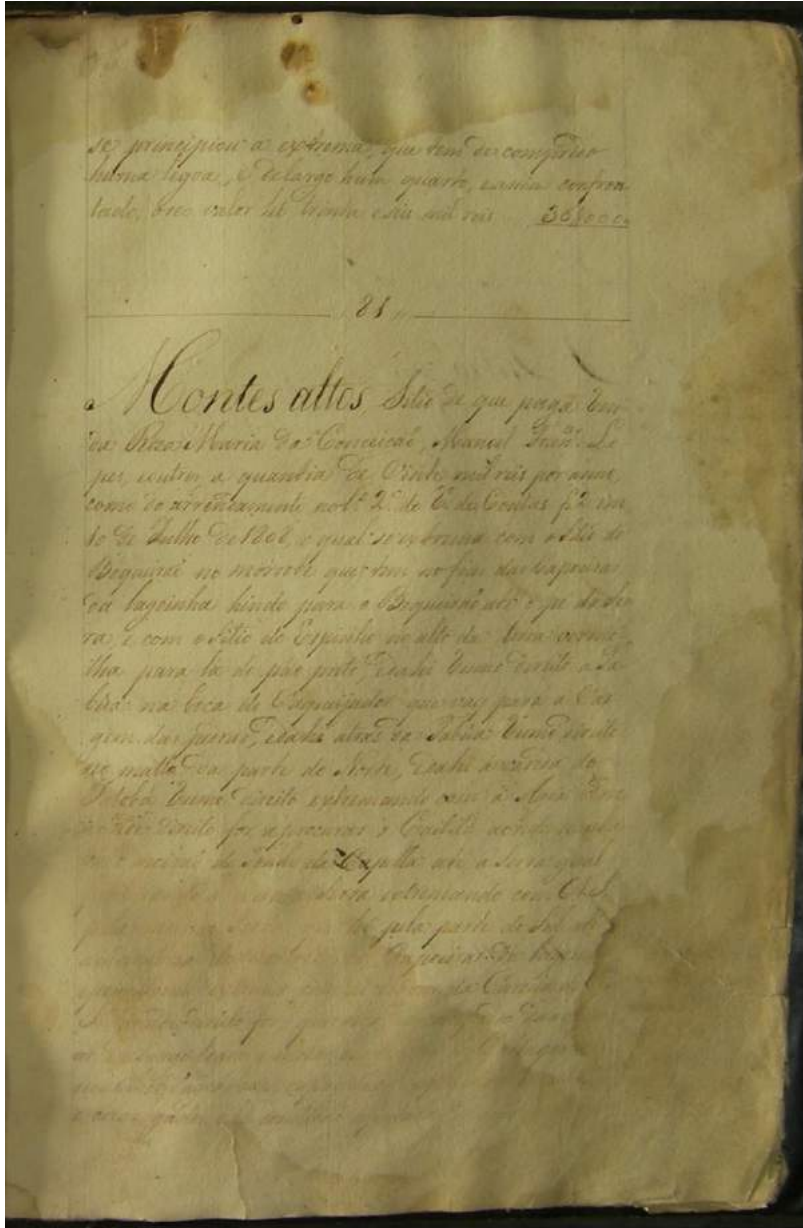
25



[37v] a passage de Mathias Peixoto aonde extrema com a
fazenda das Aguolhadas [sic] que hé para a parte do Sul
e para a parte do Poente ao Centro das Catingas com
quem direito deva de partir, cuja extrema terá p(ar)a
5 aparte do Poente de comprimento na mesma passage
dos Cavallos menos de meia legoa, e outro tanto de
largura, em terras de catingas com sufficiencia de
plantar e criar; e assim confrontado oseo valor hé
de Secenta mil reis 60\$000

10 _____ **80** _____

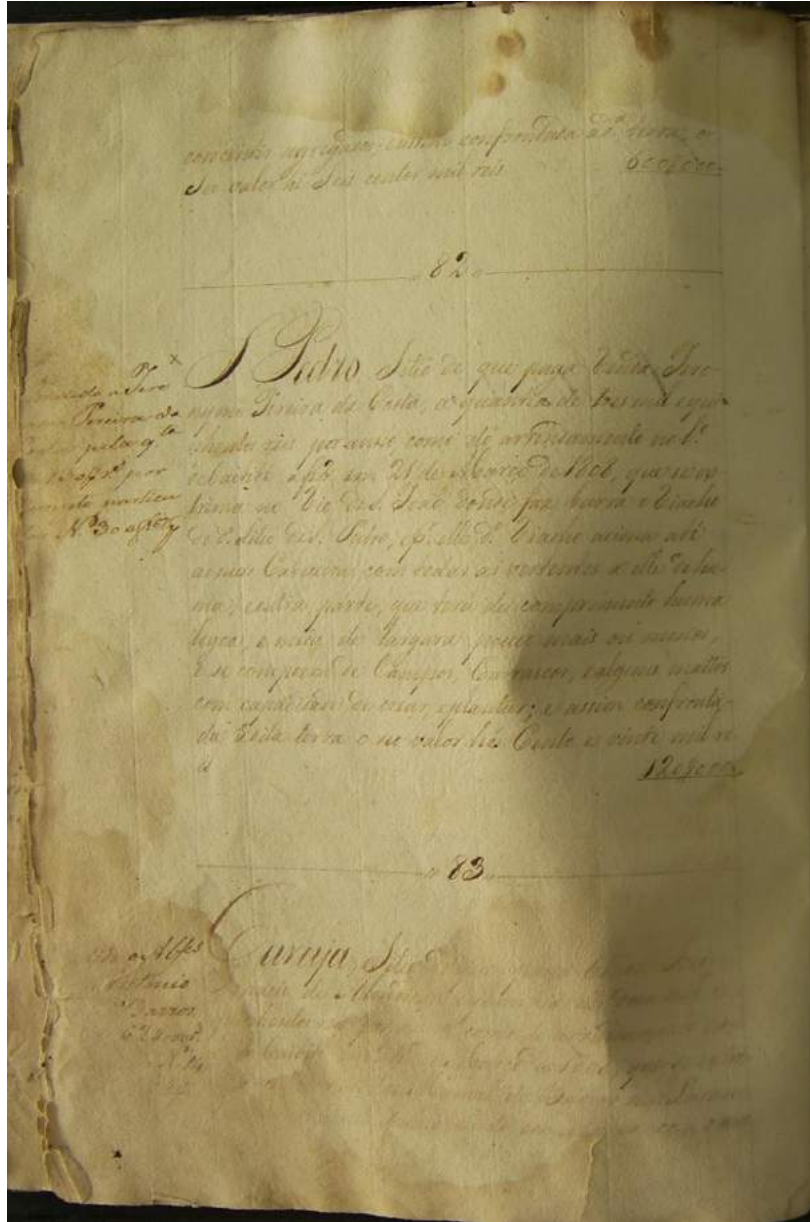
S(aõ) Jozé, Sitio de que paga Renda Jozé da
Costa Teixeira, a quantia de des tostoens por anno, como
do arrendamento no L(ivr)o f(olha)s82V(erso) em 14 de (Setem)bro de 1806,
o qual se extrema nas Cabeceiras do Riacho da Cobra
15 epelo veio d'agoa do d(itt)o Riacho da parte do Poente
até fazer barra no Riacho de S(aõ) Joaõ, epelo d(itt)o Rio
acima té a Barra do Breginho do Rossado, epelo veio
d'agoa do d(itt)o Breginho acima té a sua Cabeceira no
alto do Carrasco, e dahi seguindo tudo que hé campo
20 do feixo da chapada que divide [†]
até o Morro do Condihuba [†] cortando ru-
mo direito ao morro do [†] onde extrema
com a fazenda do [†] Pajahú [†] tu-
do que hé [†]
25 [†]
[†] Cabeceira aon-
[†]



[38r] se principiou a extrema, que tem de comprido hum legoa, e delargo hum quarto, e assim confrontado, oseo valor hé trinta e seis mil reis 36\$000

81

- 5 **Montes altos**, Sitio de que paga Renda Roza Maria da Conceição, Manoel Fran(cis)co Lopes, e outros, a quantia de Vinte mil reis por anno, como do arrendamento nol(ivr)o (segund)o do R(i)o de Contas f(olha)s₂ em 10 de Julho de 1808, o qual se extrema com o Sitio do
- 10 Boqueiraõ no morrote que tem no fim das Capoeiras da lagoinha hindo para o Boqueiraõ até o pé da Serra, e com o Sitio do Espinho no alto da terra vermelha para lá do páo preto, edahi Rumo direito a Tabûa na boca do Vaqueijador que vay para a Vargem das pedras, edahi atrás da Tabûa Rumo direito
- 15 no matto da parte do Norte, edahi á vareda do Jatobá Rumo direito extremado com a Agoa verde aonde direito for a procurar o Caititú aonde se achava o moiraõ do Tombo da Capella até a Serra geral
- 20 [†] Serra extremado com N(ossa) S(enhora) pela mesma Serra que hé pela parte do Sul até a [†] Capoeiras da lagoinha e pelo Poente extrema com as terras da Vareda de N(ossa) S(enhora) onde direito for, que terá de cumprido duas lego-
- 25 as, e de largo legoa e meia [†] Catingas [†] seos olhos d'agoa com capacidade [†] e crear gados e hé condição {concentir}



[38v] concentir agregados; e assim confrontada ad(itt)a terra, o
<o>/Seo\ valor hé Seis centos mil reis 600\$000

82

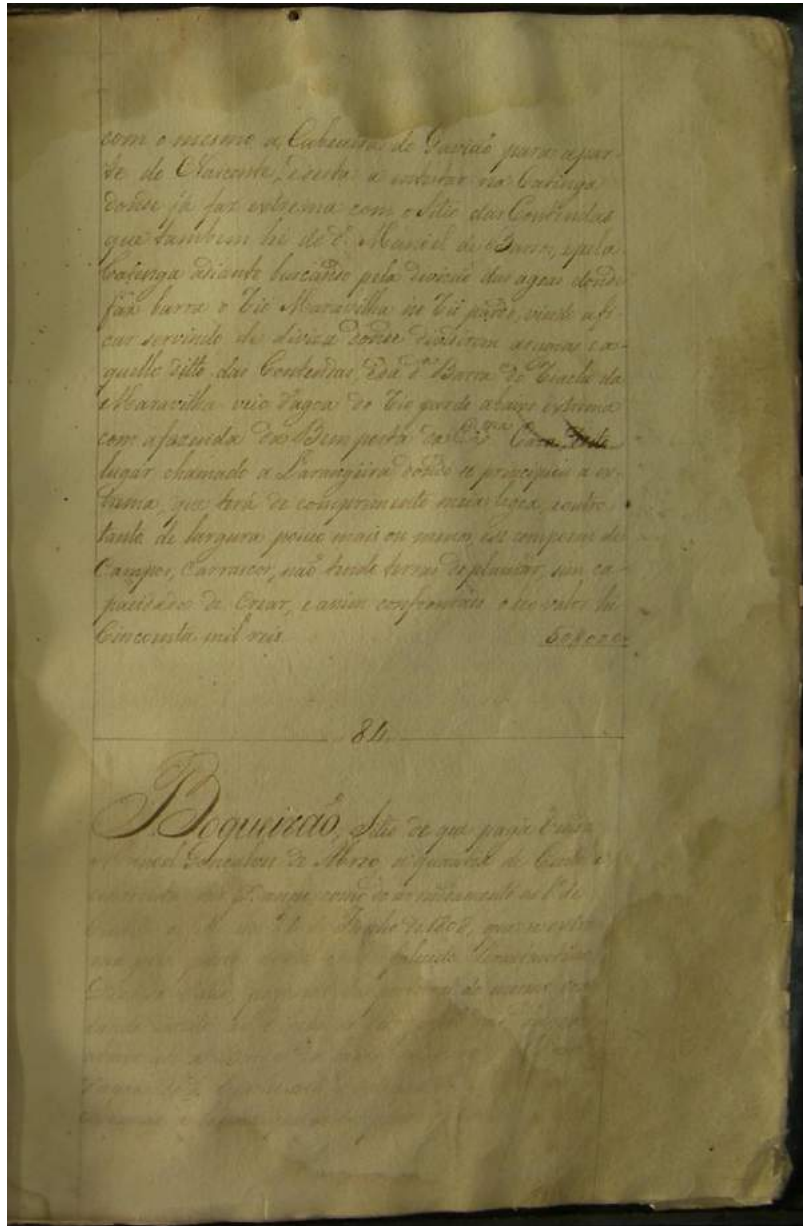
- São Pedro.** Sitio de que paga Renda Jero-
5 nymo Pereira da Costa, a quantia de tres mil equi-
nhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o
deCaitité af(olha)s₂ em 21 de Março de 1808, que se ex-
trema no Rio deS(aõ) Joaõ donde faz barra o Riacho
do d(itt)o Sitio deS(aõ) Pedro, ep(o)r elle d(itt)o Riacho acima até
10 as suas Cabeceiras com todas as vertentes a elle dehu-
ma, eoutra parte, que terá de comprimento huma
legoa, e meia de largura pouco mais ou menos,
e se compoem de Campos, Carrascos, ealguns mattos
com capacidade de crear, eplantar; e assim confronta-
15 da adita terra o seo valor hé Cento e vinte mil re-
is 120\$000

83

- Curuja.** Sitio de que paga Renda Jozé
Ignacio de Almeida, a quantia de dous mil e
20 quinhentos reis por anno, como do arrendamento no
l(ivr)o de Caitité em 2[†] de Março de 1808, que se extre-
ma {com Antonio} Manoel de Barros nas Laran-
{geiras} [†] com o mes-

Anotação à margem esquerda,
entre as L.4-9, assinalada com
um grafo (x) à L.4: Vendido a
Jero / nymo Pereira da /
Costa, pela q(uan)(t)i(a) / de
130\$000r(ei)s por/ escripto
particu / lar N(umer)o 30
af(olha)s 67V(erso)

Anotação à margem esquerda,
entre as L.18-22: Vendido ao
Alf(er)es / [†] Antonio /
{Manoel de} Barros, / [†]
62\$000r(ei)s / escriptura
N(umer)o 14 / {af(olha)s}
34V(erso)

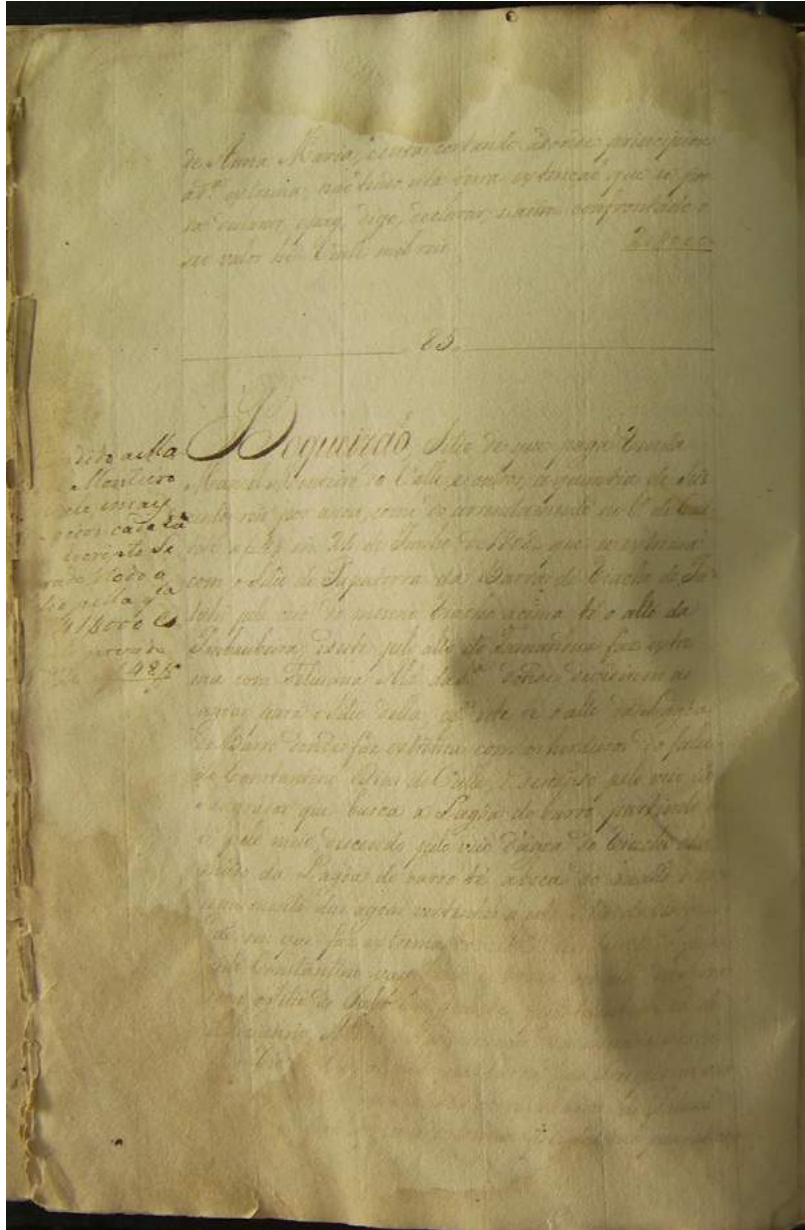


- [39r] com o mesmo a Cabeceira do Gaviaõ para aparte do Nascente, edesta a entestar na Catinga donde já faz extrema com oSítio das Contendas que também hé do d(itt)o Manoel de Barros, epela
- 5 Catinga adiante buscando pela divizaõ das agoas donde faz barra o Rio Maravilha no Rio pardo, vindo aficar servindo de diviza donde dividirem as agoas e a-
- 10 quelle ditto das Contendas, eda d(itt)a Barra do Riacho da Maravilha veio d'agoa do Rio pardo abaixo extrema com fazenda da Bem posta da Ex(celestissima)ma Caza, edito
- lugar chamado a Larangeira dondo [sic] se principiou a extrema, que terá de comprimento meia legoa, eoutro
- 15 tanto de largura pouco mais ou menos, ese compoem de Campos, Carrascos, não tendo terras deplantar, sem capacidade de Crear, e assim confrontado o seo valor hé
- Cincoenta mil reis 50\$000

84

Boqueiraõ, Sitio de que paga Renda

- Manoel Gonçalves de Abreo, a quantia de Cento e
- 20 cincoenta reis p(o)r anno, como do arrendamento no l(ivr)o de Caitité af(olha)s4 em 24 de Junho de 1808, que se extrema pela parte do Sul com o falecido Constantino
- Dias do Valle, pegando da porteira do mesmo cortando direito ao Riacho do Boqueiraõ veio d'agoa
- 25 abaixo até a Barra [†]
- d'agoa do d(itt)o Riacho [†]
- cortando [†]

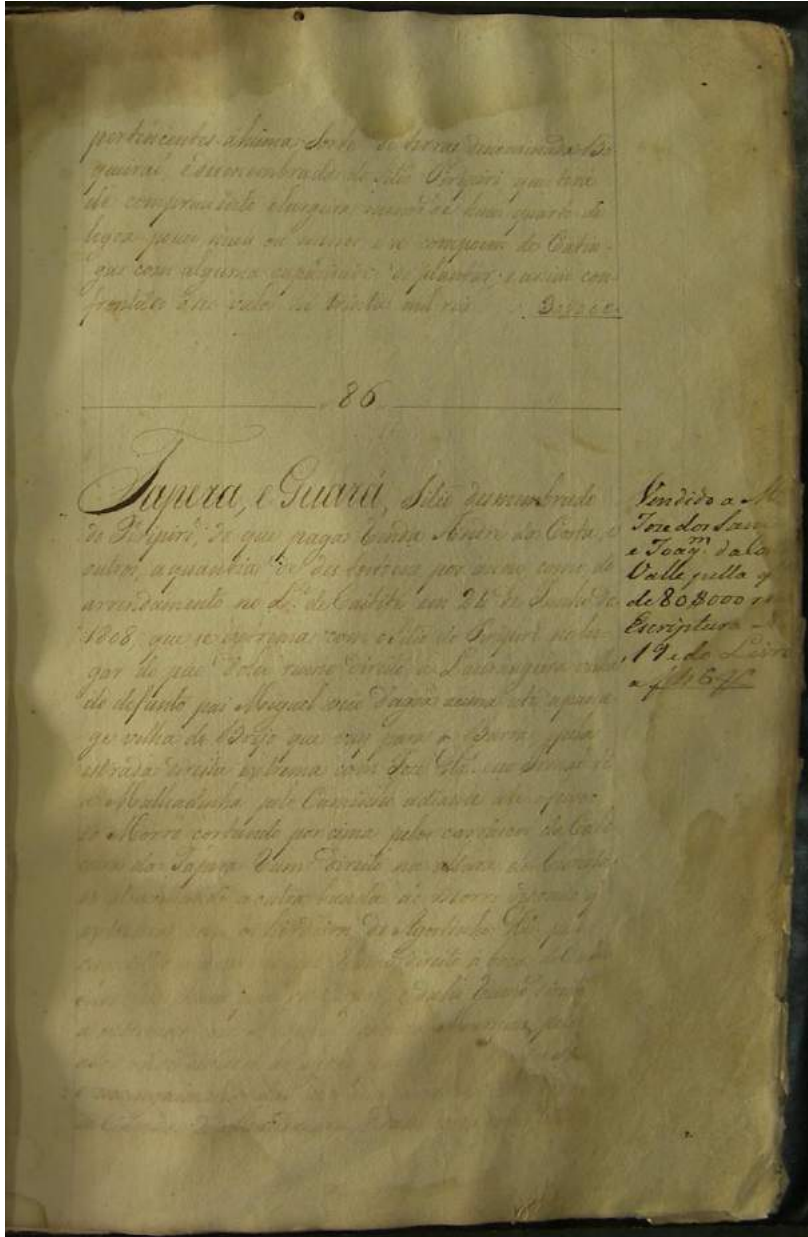


[39v] de Anna Maria, edesta cortando adonde principiou ad(itt)a extrema, naõ tendo esta terra extençaõ que se possa declarar, e <<pag>>, digo, declarar; e assim confrontado o seo valor hé Vinte mil reis 20\$000

5 _____ **85** _____

Boqueiraõ, Sitio de que paga Renda Manoel Monteiro do Valle, e outros, a quantia de Seis centos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o de Caitité a f(olha)s4V(erso) em 24 de Junho de 1808, que se extrema com oSitio do Papaterra da Barra do Riacho do Jatahi pelo veio do mesmo Riacho acima té o alto da Imbaubeira, edeste pelo alto do Tamanduá faz extrema com Feliciano Al(vare)s daS(ilv)a donde dividirem as agoas para o Sitio della, ep(ar)a este té o alto de Lagõa do Barro donde faz extrema com os herdeiros do falecido Constantino Dias do Valle, e descendo pelo veio do Sangrador que busca a Lagõa do barro partindo este pelo meio, descendo pelo veio d'agoa do Riacho chamado da Lagõa do barro té aboca do matto e em seguimento das agoas vertentes a este Sitio do Boqueiraõ em que faz extrema com [†] {fale-} cido Constantino vay fazer [†] com oSitio do Tabuleiro grande que também hé de Feliciano Al(vare)s {da S(ilv)a}[†] Serra do Rio [†] veio [†] do Jatahi [†] pertencen-

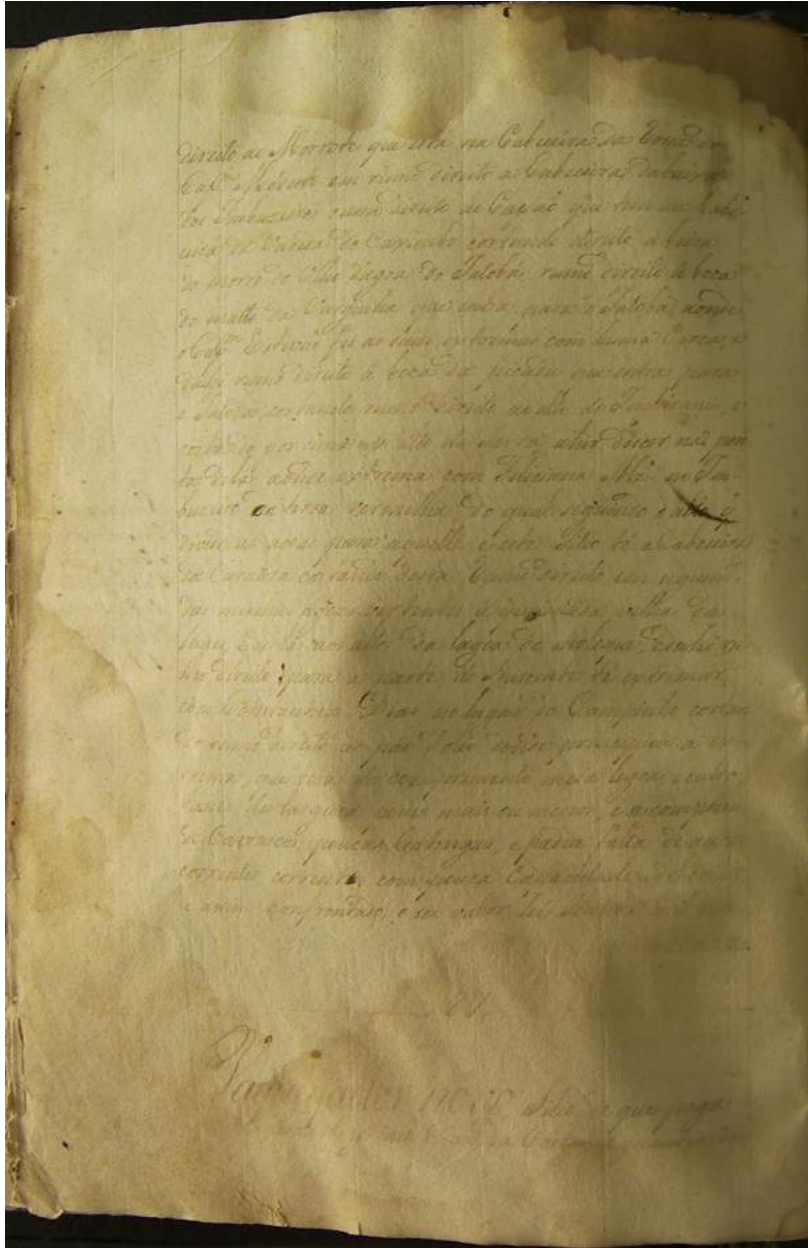
Anotação à margem esquerda, entre as L.6-13: Vendido aMa- / noel Monteiro / do Vale emais / [†] sócios cada hũ / {por} Escripto Se- / parado e todo o / Sitio pella q(uan)t(i)a / de 41\$000 Es- / cripto privado / no L(ivr)o {N(úmero)20} af(olha)s48V(erso)



[40r] pertencentes a huma Sorte de terras denominada Boqueiraõ, edesmembrada do Sitio Piripiri, que terá de comprimento elargura menos de hum quarto de legoa pouco mais ou menos e se compoem de Catingas com alguma capacidade de plantar; e assim confrontado o seo valor hé trinta mil reis 30\$000

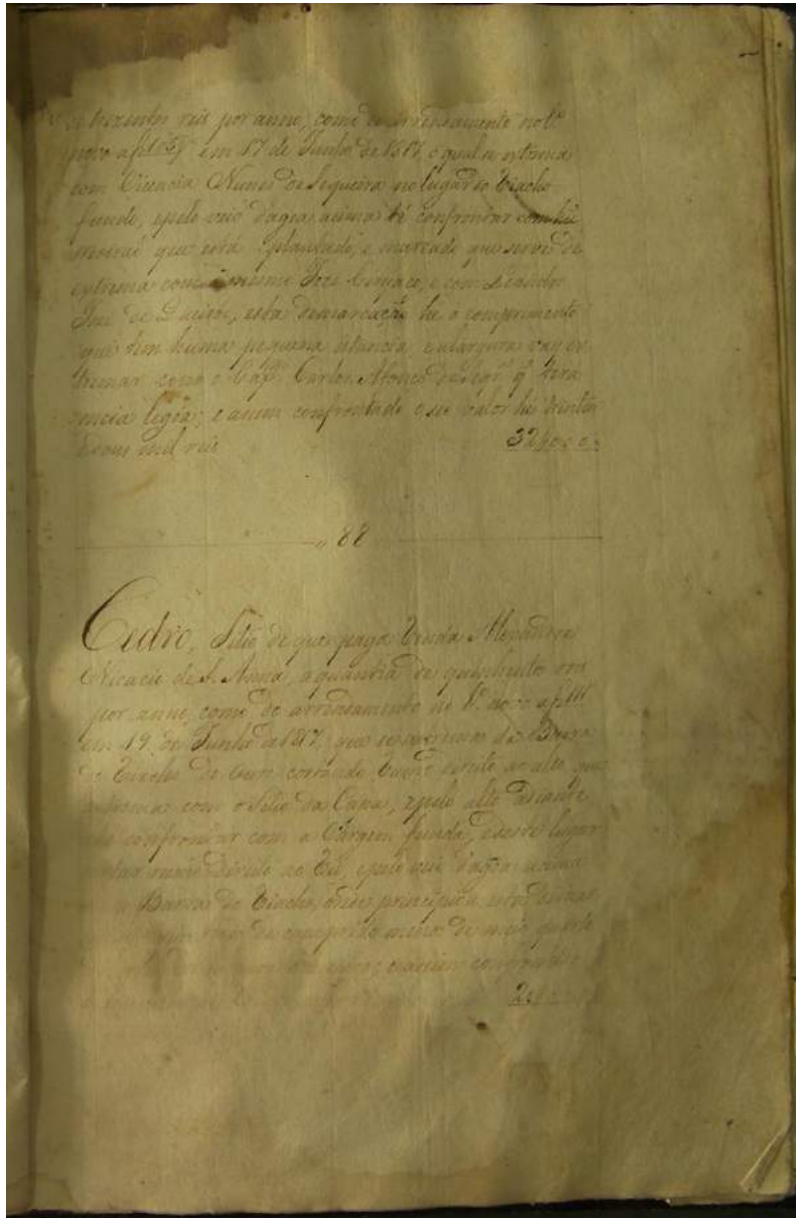
Tapera, e Guará, Sitio desmembrado do Piripirí, de que paga Renda André da Costa, e outros, a quantia de des tostoens por anno, como do arrendamento no L(ivr)o de Caitité em 24 de Junho de 1808, que se extrema com o Sitio do Piripiri no lugar do páo d'oleo rumo direito á Larangeira velha do defunto pai Miguel veio d'agoa acima até a passage velha do Brejo que vay para a Barra, epela estrada direita extrema com Jozé G(onça)l(ve)s eseo Irmaõ té a Malhadinha pelo Caminho adiante até ofeixo do Morro cortando por cima pelos carrascos da Cabeceira da Tapera Rumo direito na altura dos Christaes atravessando a outra banda ao Morro redondo q(ue) extrema com os herdeiros de Agostinho G(onça)l(ve)s pelo cume do mesmo abaixo Rumo direito á boca do Ca[†] onde tem hum [†] e dahi Rumo direito a extremar com Manoel de Souza Marques, pelos altos, onde dividem as agoas para hum e outro Sitio e em seguimento das mesmas agoas [†] da Vareda do Mandacaru, e dahi cortando rumo direito

Anotação à margem direita, entre as L.8-14: *Vendido a M(anoel) / Joze dos Santos / e Joaq(ui)m daCosta / Valle pella q(ua)ntia / de 80\$000 reis / Escripçãõ N(umer)o / 19 e do Livro / a(olha)s 46V(erso)*



[40v] direito ao Morrote que está na Cabeceira da Rossa do
 Cap(ita)m Modesto em rumo direito a Cabeceira da baixa
 dos Imbuzeiros rumo direito ao Capaõ que tem na Cabe-
 ceira da Vareda do Caximbo cortando direito á beira
 5 do morro do Olho d'agoa do Jatobá rumo direito á boca
 do matto da Varginha que entra para o Jatobá aonde
 o Cap(ita)m Estevaõ fes as suas extremas com huma Cerca, e
 dahi rumo direito á boca da picada que entra para
 o Jatobá cortando rumo direito ao alto do Imbirussú, e
 10 cortando por cima do alto da Serra ahir descer na pon-
 ta delá aonde extrema com Feliciano Al(vare)s no Im-
 buzeiro <†>/d)a terra vermelha, do qual seguindo o alto q(u
 divide as agoas para aquelle e este Sitio té aCabeceira
 da Caruara cortando desta Rumo direito em seguim(en)to
 15 das mesmas agoas vertentes á queimada velha das
 lages, e de lá aos altos da lagoa do moleque, edahi ru-
 mo direito para a parte do Nascente té extremar
 com Constantino Dias no lugar do Campinho cortan-
 do rumo direito ao páo d'oleo donde principiou a ex-
 20 tremas, que terá de comprimento meia legoa, eoutro
 tanto de largura pouco mais ou menos, e se compoem
 de Carrascos, poucas Catingas, e padece falta de agoas
 correntes, <<correntes>> com pouca Capacidade de crear;
 e assim confrontado, o seo valor hé Secenta mil reis
 25 60\$000

Vaqueijador novo, Sitio de que paga
 Renda Jozé Cyriaco Vaz da Costa, a quantia de



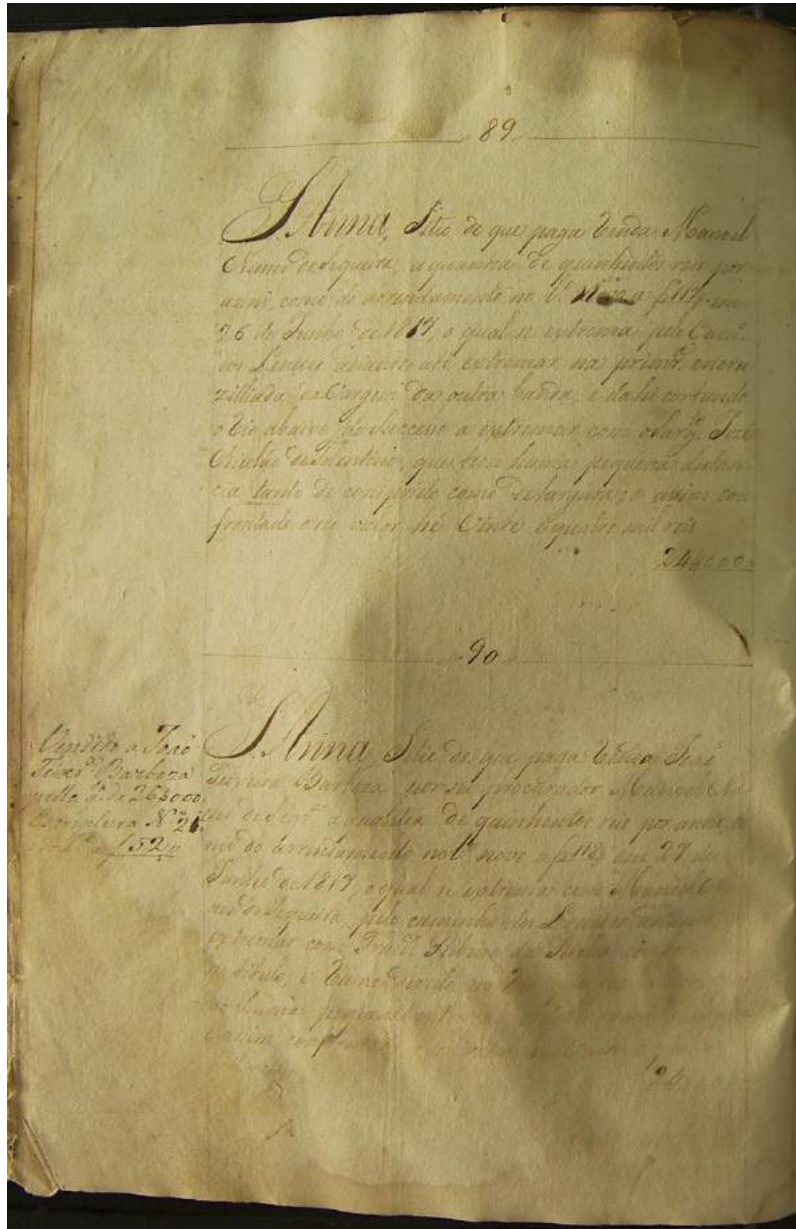
- [41r] de trezentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo af(olha)s 105V(erso) em 17 de Junho de 1817, o qual se extrema com Vicencia Nunes de Sequeira no lugar do Riacho fundo, epelo veio d'agoa acima té confrontar com hũ
- 5 Moiraõ que está plantado, e marcado que serve de extrema com o mesmo Jozé Ciryaco, e com Leandro Jozé de Queirós, esta demarcação hé o comprimento que tem huma pequena istancia, e alargura vay extremar com o Cap(ita)m Carlos Afonço de Seq(uei)ra q(ue) terá
- 10 meia legoa; e assim confrontado, o seo valor hé trinta edous mil reis 32\$000

88

- Cedro**, Sitio de que paga Renda Alexandre Nicacio de S(anta) Anna, a quantia de quinhentos reis
- 15 por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo af(olha)s 111 em 19 de Junho de 1817, que se extrema da Barra do Riacho do Ouro cortando Rumo direito ao alto que extrema com o Sitio da Capa, epelo alto adiante até confrontar com a Vargem funda, edeste lugar
- 20 cortar rumo direito ao Rio, epelo veio d'agoa acima com a Barra do Riacho, onde principiou esta demarcação, que terá de comprido menos de meio quarto de legoa, e de largura o mesmo; e assim confrontado o seo valor hé Vinte mil reis 20\$000

[41v]

89



- S(anta) Anna**, Sitio de que paga Renda Manoel Nunes de Sequeira, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o <a>N\ovo a f(olha)s117V(erso) em 26 de Junho de 1817, o qual se extrema pelo Cam(inh)o dos Lençoes adiante até extremar na prim(ei)ra encru-zillada da Vargem da outra banda, e dahi cortando o Rio abaixo do Successo a extremar com o Sarg(en)to Jozé Nicoláo de Tolentino, que tem huma pequena distancia tanto de comprido como de largura; e assim confrontado o seo valor hé Vinte e quatro mil reis

24\$000

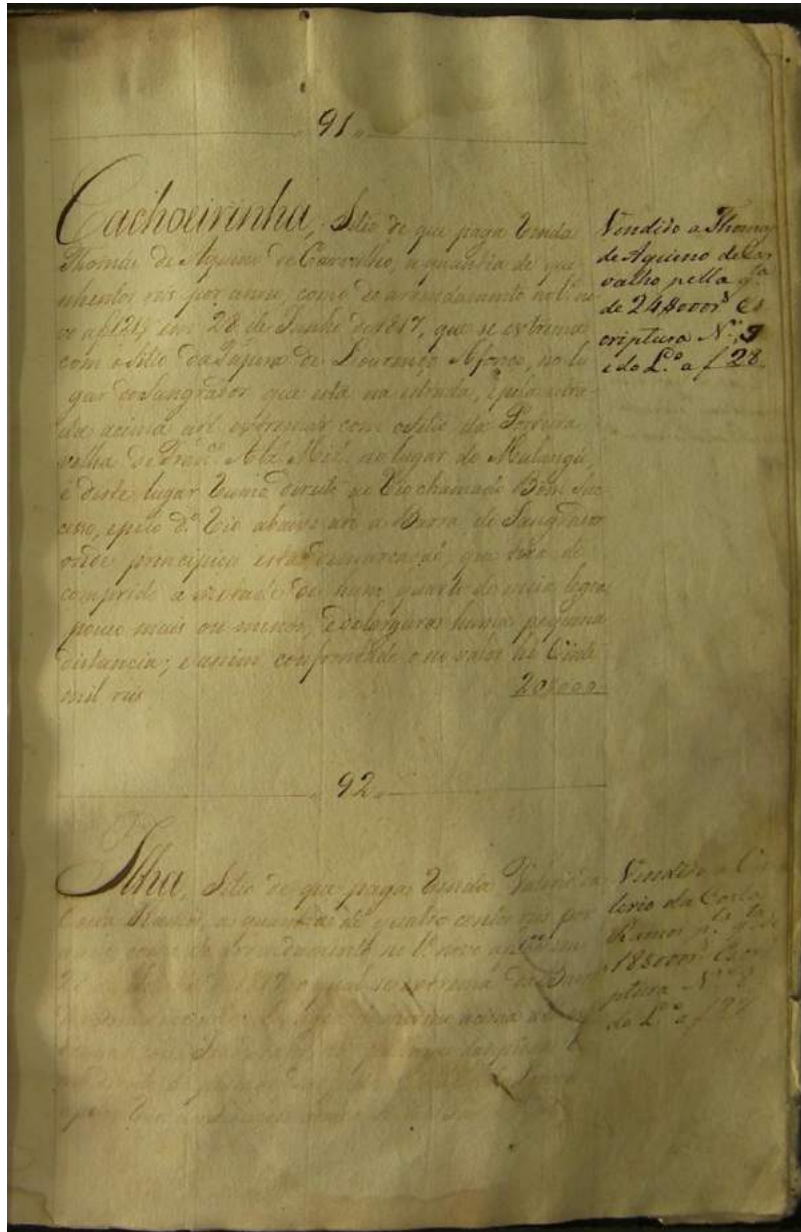
90

- S(anta) Anna**, Sitio de que paga Renda Joaõ Teixeira Barboza por seo procurador Manoel Nunes de Seq(uei)ra, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo a f(olha)s118V(erso) em 27 de Junho de 1817, o qual se extrema com Manoel Nunes de Sequeira, pelo caminho dos Lençoes adiante {a} extremar com Fran(cis)co Ribeiro da Rocha, conforme seo titulo, e Rumo direito ao Rio, que terá de comprido huma pequena extençaõ, e de largura o mesmo; e assim confrontado o seo valor hé Vinte e quatro mil reis

24\$000

Anotação à margem esquerda, entre as L.14-17: Vendido a Joaõ / Teix(ei)ra Barboza / pella q(uan)t(i)a de 26\$000 {r(eis)} / Escripura N(umer)o 2<f>5\ e do Livro a f(olha)s52

[42r]

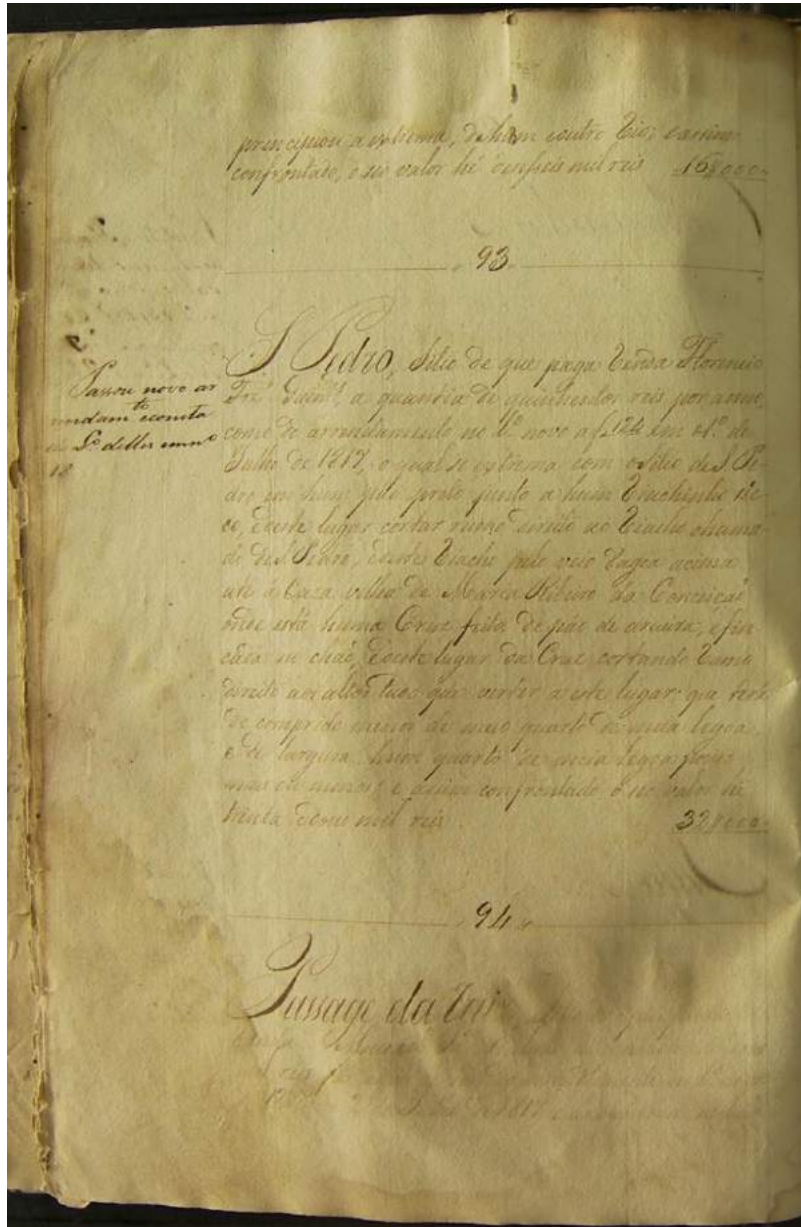


Cachoeirinha, Sitio de que paga Renda Thomás de Aquino de Carvalho, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)ovo novo af(olha)s 121V(erso) em 28 de Junho de 1817, o qual se extrema com o Sitio da Tapera de Lourenço Afonço, no lugar do Sangrador que esta na estrada, epela estrada acima até extremar com o Sitio da Porteira velha de Fran(cis)co Al(vare)s M(art)i(n)s no lugar do Mulungú, e deste lugar Rumo direito ao Rio chamado Bom Successo, epelo d(itt)vo Rio abaixo até a Barra do Sangrador onde principiou esta demarcação, que terá de comprido a metade de hum quarto de meia legoa pouco mais ou menos, edelargura huma pequena distancia; e assim confrontado o seo valor hé Vinte mil reis 20\$000

Anotação à margem direita, entre as L.2-6: *Vendido a Thomas / de Aquino deCarvalho pella q(uan)t(i)a / de 24\$000 r(eis) Es- / criptura N(umer)vo <7>9 / e do L(ivr)vo af(olha)s 28*

Ilha, Sitio de que paga Renda Valerio da Costa Ramos, a quantia de quatro centos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)ovo novo af(olha)s 122 em 28 de Junho de 1817, o qual se extrema da Barra do Bom Successo veio d'agoa do mesmo acima até extremar com Jozé Soares na passage das pedras Rumo direito da passage das pedras do Sitio dos Lenções e pelo Rio dos Lenções abaixo té a Barra {donde}

Anotação à margem direita, entre as L.18-23: *Vendido a Va / lerio da Costa / Ramos p(ela) q(uan)t(i)a de / 18\$000 r(eis) Escri- / ptura N(umer)vo 8 e / do L(ivr)vo af(olha)s 27*



[42v] principiou a extrema, de hum eoutro Rio; eassim confrontado, o seo valor hé desesseis mil reis 16\$000

93

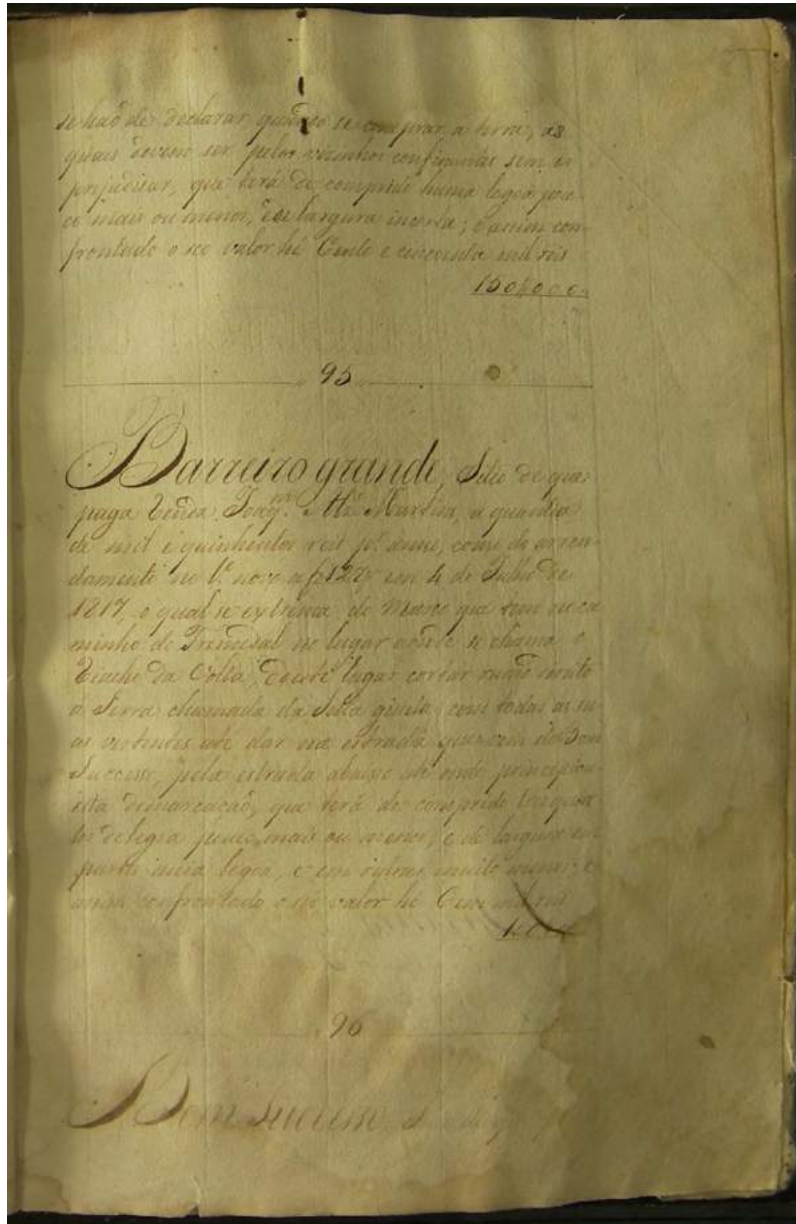
S(aõ) Pedro, Sitio de que paga Renda Florencio

- 5 F(e)r(nande)s Guim(ara)es, a quantia de quinhentos reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo af(olha)s124 em (primeir)o de Julho de 1817, o qual se extrema com oSítio deS(aõ) Pedro em hum páo preto junto a hum Riachinho secco, e deste lugar cortar rumo direito ao Riacho chamado de S(aõ) Pedro, edeste Riacho pelo veio d'agoa acima
- 10 até á Caza velha de Maria Ribeiro da Conceição onde está huma Cruz feita de páo de arueira, e fincada no chaõ, edeste lugar da Cruz cortando Rumo direito aos altos tudo que verter a este lugar; que terá
- 15 de comprido menos de meio quarto de meia legoa, e de largura hum quarto de meia legoa pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé trinta edous mil reis 32\$000

94

- 20 **Passagem da raiz**, Sitio de que paga Renda Manoel Jozé Calado, a quantia de dous mil reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo af(olha)s124 em 28 de Julho de 1817, e as extremas se haõ

Anotação à margem esquerda, entre as L.4-6: *Passou novo ar / rendam(em)to econsta / do L(ivr)o deles em(umer)o / 18*



- [43r] se haõ de declarar quando se comprar a terra, as
quais devem ser pelos vizinhos confinantes sem os
prejudicar, que terá de comprido huma legoa pou-
co mais ou menos, ede largura incerta; e assim con-
frontado o seo valor hé Cento e cincoenta mil reis
150\$000

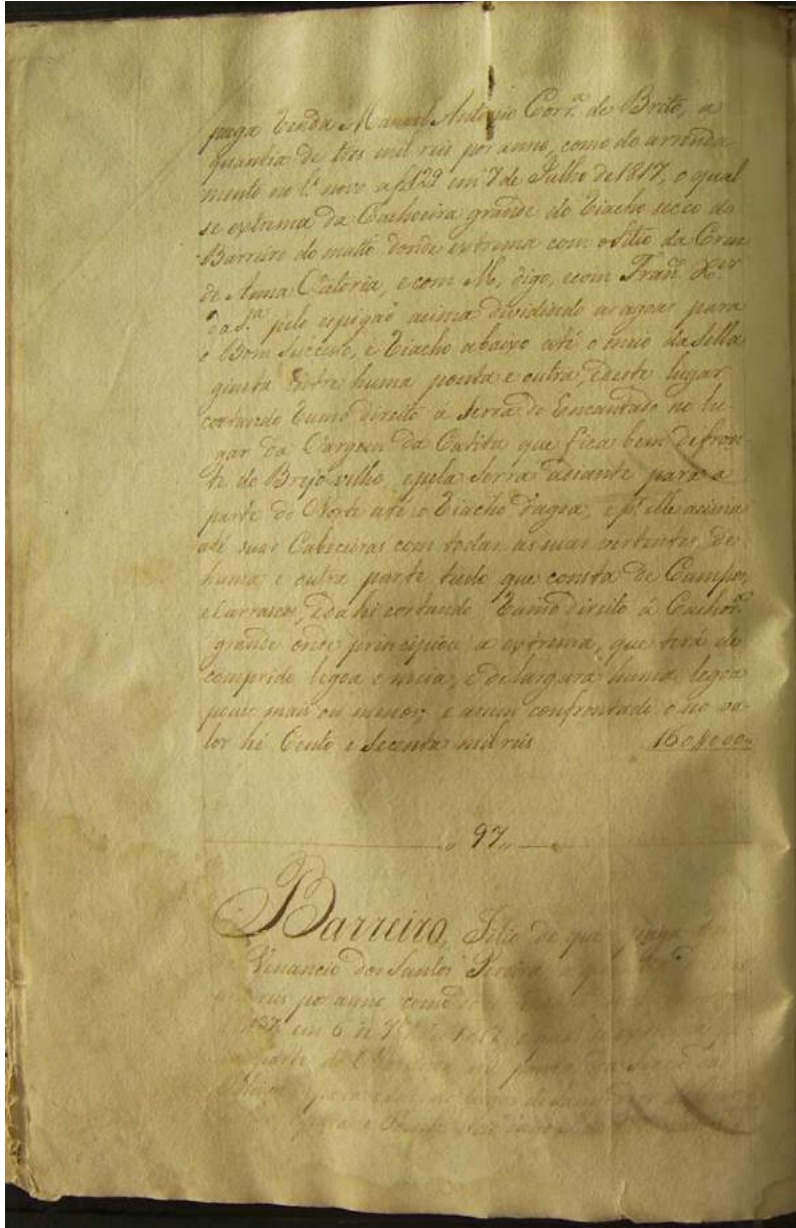
95

- Barreiro grande**, Sitio de que
paga Renda Joaq(ui)m Al(vare)s Martins, a quantia
de mil e quinhentos reis p(o)r anno, como do arren-
damento no l(ivr)o novo af(olha)s 127V(erso) em 4 de Julho de
1817, o qual se extrema do Marco que tem no cam-
minho do Tremedal no lugar aonde se chama o
Riacho da Volta, e deste lugar cortar rumo direito
á Serra chamada da Sella gineta com todas as su-
as vertentes até dar na estrada que vem do Bom
Sucesso, pela estrada abaixo até onde principiou
esta demarcação, que terá de comprido tres quar-
tos de legoa pouco mais ou menos, e de largura em
partes meia legoa, e em outras muito menos; e
assim confrontado o seo valor hé Cem mil reis

100\$000

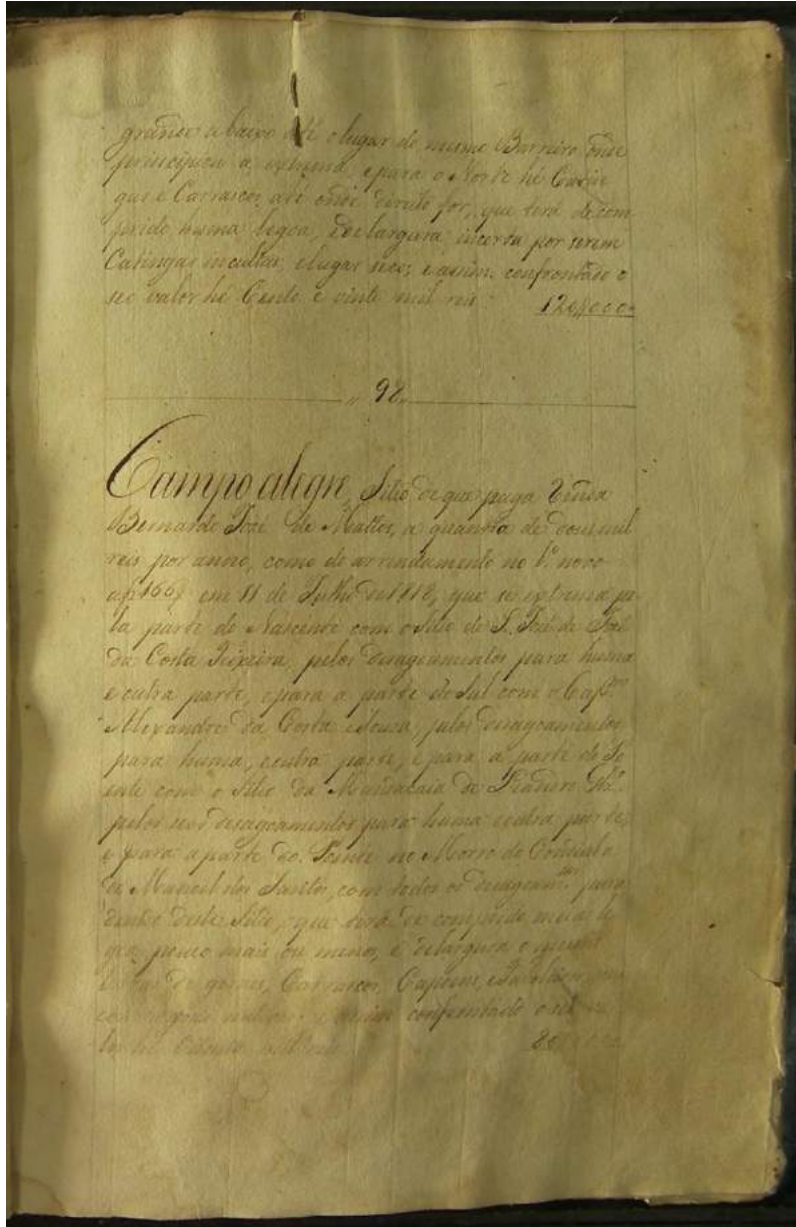
96

Bom Sucesso, Sitio de que paga



[43v] paga Renda Manoel Antonio Corr(ê)a de Brito, a quantia de tres mil reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo af(olha)s129 em 7 de Julho de 1817, o qual se extrema da Cachoeira grande do Riacho secco do Barreiro do matto tendo extrema com oSítio da Cruz de Anna Victoria, e com M, digo, com Fran(cis)co X(avier) daS(ilv)a pelo espigaõ acima dividindo as agoas para o Bom Successo, e Riacho abaixo até o meio daSella gineta <†>/E\ntre huma ponta e outra, edeste lugar cortando Rumo direito á Serra do Encantado no lugar da Vargem da Catita que fica bem defronte do Brejo velho, epela Serra adiante para a parte do Norte até o Riacho d'agoa, e p(o)r elle acima até suas Cabeceiras com todas as suas vertentes de huma e outra parte tudo que consta de Campos, e Carrascos, edahi cortando Rumo direito á Cacho(ei)ra grande onde principiou a extrema, que terá de comprido legoa e meia, e delargura huma legoa pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé Cento e Secenta mil reis 160\$000

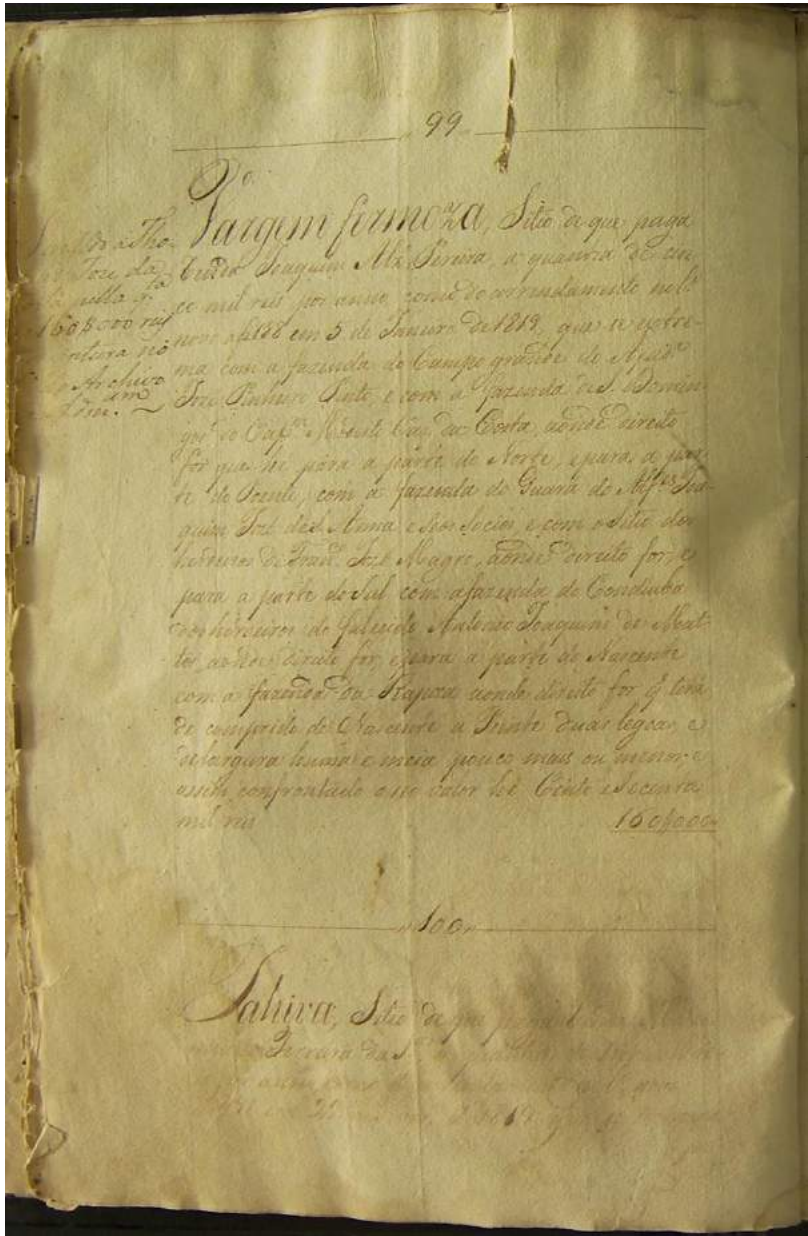
Barreiro, Sitio de que paga Renda Venancio dos Santos Pereira, a quantia de tres mil reis por anno, como do arrendamento no livro novo a f(olha)s137V(erso) em 6 de (Setem)bro de 1817, o qual se extrema pela parte do Nascente na ponta da Serra da Jahiva, e para o Sul no lugar do Sangrador de Carvalho e para o Poente veio d'agoa do Rio Verde grande



- [44r] grande abaixo até o lugar do mesmo Barreiro onde principiou a extrema, e para o Norte hé Catingas e Carrascos até onde direito for, que terá de comprimento huma legoa, e delargura incerta por serem
- 5 Catingas incultas, elugar secco; e assim confrontado o seo valor hé Cento e vinte mil reis 120\$000

98

- Campo alegre**, Sitio de que paga Renda Bernardo Jozé de Mattos, a quantia de dous mil
- 10 reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo af(olha)s 166V(erso) em 11 de Julho de 1818, que se extrema pela parte do Nascente com o Sitio de S(aõ) Jozé de Jozé da Costa Teixeira, pelos desagoamentos para huma e outra parte, e para a parte do Sul com o Cap(ita)m
- 15 Alexandre da Costa e Souza, pelos desagoamentos para huma, e outra parte, e para a parte do Poente com o Sitio da Mandacaia de Leandro G(onça)l(ve)s pelos seos desagoamentos para huma e outra parte; e para parte do Poente no Morro do Condiuba
- 20 do Manoel dos Santos, com todos os desagoam(en)tos para dentro deste Sitio, que terá de comprimento meia legoa pouco mais ou menos, e delargura o mesmo, terras do geraes, Carrascos, Capoens, e Tableiros, com
- 25 <<com>> agoas nativas; e assim confrontado o seo valor hé Oitenta mil reis 80\$000

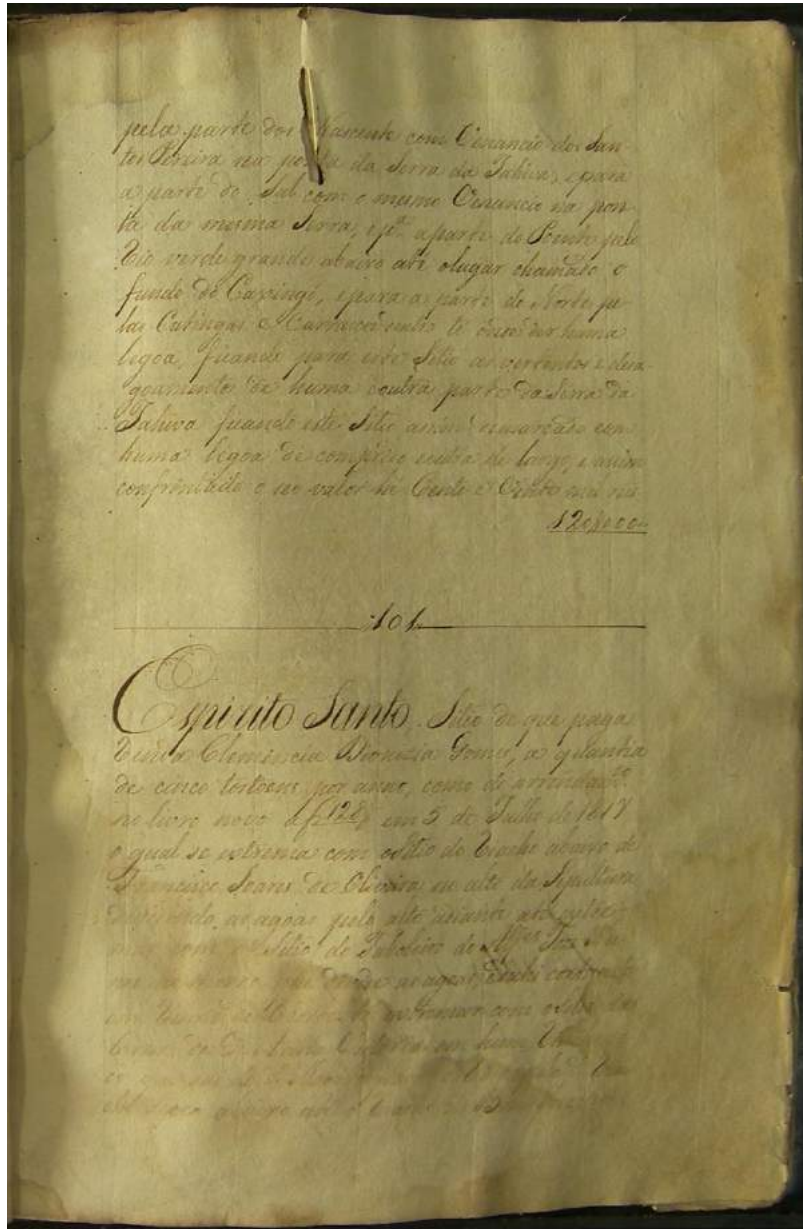


[44v]

Vargem fermoza, Sitio de que paga Renda Joaquim Al(vare)s Pereira, a quantia de cinco mil reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo a f(olha)s 188 em 5 de Janeiro de 1819, que se extrema com a fazenda do Campo grande do Ajud(ant)e Jozé Pinheiro Pinto, e com a fazenda de S(aõ) Domingos do Cap(ita)m Modesto Vaz da Costa, aonde direito for que hé para a parte do Norte, e para a parte do Poente, com a fazenda do Guará do Alf(er)es Joaquim Jozé de S(anta) Anna e seos Socios, e com o Sitio dos herdeiros de Fran(cis)co Jozé Magro, aonde direito for, e para a parte do Sul com a fazenda do Condiuba dos herdeiros do falecido Antonio Joaquim de Mattos, aonde direito for, e para a parte do Nascente com a fazenda da Rapoza aonde direito for, q(ue) terá de comprido de Nascente a Poente duas legoas, e delargura huma e meia pouco mais ou menos; e assim confrontado o seo valor hé Cento e Secenta mil reis 160\$000

Jahiva, Sitio de que paga Renda Maximiano Ferreira da S(ilv)a, a quantia de tres mil reis por anno, como do arrendamento no l(ivr)o novo a f(olha)s 191 em 22 de Fevereiro de 1819, que se extrema pela

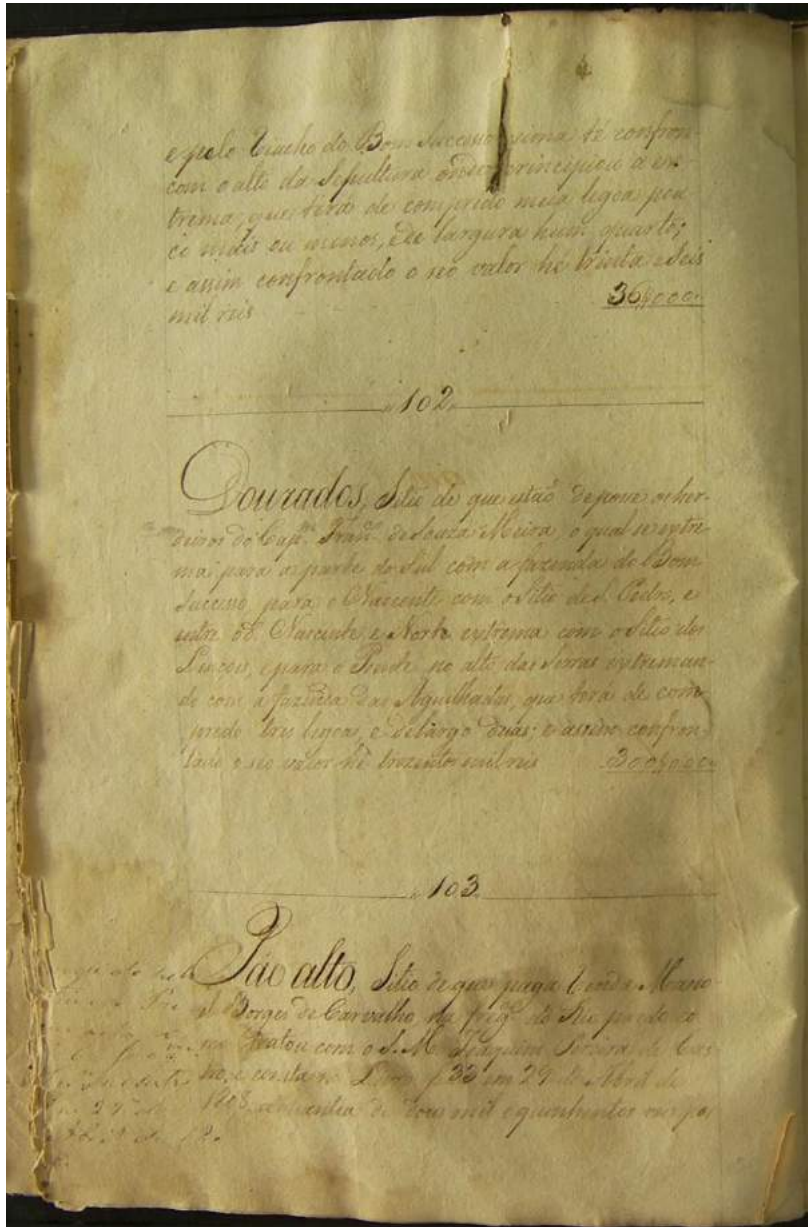
Anotação à margem esquerda, entre as L.2-7: Vendido a Tho- / {m}as Jozé da / Costa p(ela) / q(uan)ti(a) / de 160\$000 reis / {Escr}iptura no / L(ivr)o do / Archivo / da Adm(inistraç)am [Marca pontuacional (~)]



- [45r] pela parte dos [↑] Nascente com Venancio dos Santos Pereira na ponta da Serra da Jahiva, e para a parte do Sul com o mesmo Venancio na ponta da mesma Serra, e p(ar)a aparte do Poente pelo Rio verde grande abaixo até olugar chamado o fundo do Caxingó, e para a parte do Norte pelas Catingas e Carrascos dentro té onde der huma legoa, ficando para este Sitio as vertentes e desagoamentos de huma eoutra parte da Serra da Jahiva ficando este Sitio assim demarcado com huma legoa de comprido eoutra de largo; e assim confrontado o seo valor hé Cento e Vinte mil reis.
- 120\$000

101

- 15 **Espirito Santo**, Sitio de que paga Renda Clemencia Dionizia Gomes, a quantia de cinco tostoens por anno, como do arrendam(en)to no livro novo af(olha)s128V(erso) em 5 de Julho de 1817 o qual se extrema com o Sitio do Riacho abaixo de Francisco Soares de Oliveira no alto da Sepultura dividindo as agoas pelo alto adiante até extremar com o Sitio do Taboleiro do Alf(er)es Jozé Nunes no morro que divide as agoas; edahi cortando em Rumo de Norte té extremar com o Sitio da Cruz de D(onna) Anna Victoria em hum Riacho secco que say do d(itt)o Morro para o Rio pelo d(itt)o Riacho secco abaixo até o Riacho do Bom Successo



[45v] e pelo Riacho do Bom Sucesso acima té confrontar com o alto da Sepultura onde principiou a extrema, que terá de comprido meia legoa pouco mais ou menos, e de largura hum quarto; e assim confrontado o seo valor hé trinta e Seis mil reis 36\$000

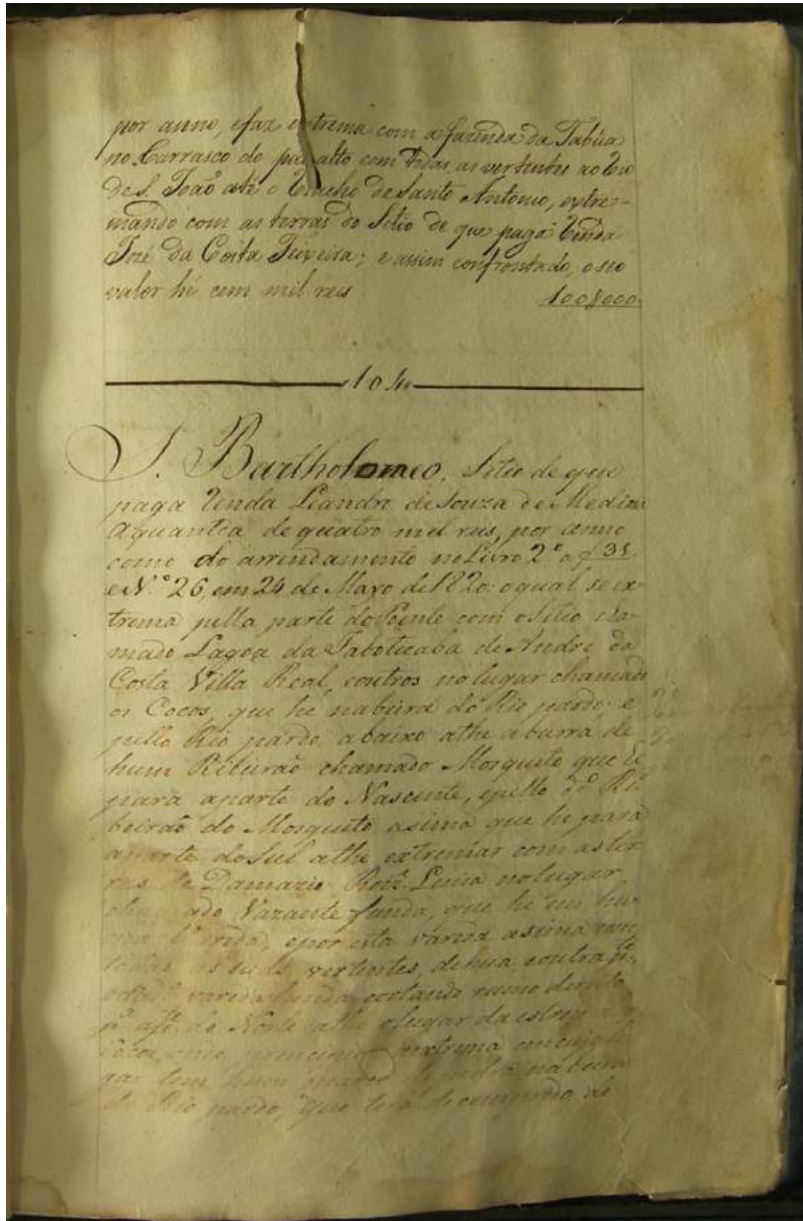
102

Dourados, Sitio de que estão depose os herdeiros do Cap(ita)m Fran(cis)co deSouza Meira, o qual se extrema para a parte do Sul com a fazenda do Bom Sucesso, para o Nascente com o Sitio de S(aõ) Pedro, e entre o d(itt)o Nascente e o Norte extrema com o Sitio dos Lençoes, e para o Poente no alto das Serras extremando com a fazenda das Aguilhadas, que terá de comprido tres legoas, e de largo duas; e assim confrontado o seo valor hé trezentos mil reis 300\$000

103

Páo alto, Sitio de que paga Renda Manoel Borges de Carvalho, na freg(uezi)a do Rio pardo como tratou com o S(argento) M(or) Joaquim Pereira de Castro, e consta no Livro f(olha)s 3<2>/3 em 29 de Abril de 1808, a quantia de dous mil e quinhentos reis por

Anotação à margem esquerda, da L.18 até a margem inferior: Vendido pelo / [†] / [†] / [†] / [†] Castro / em 29 de / Abril de 1/808

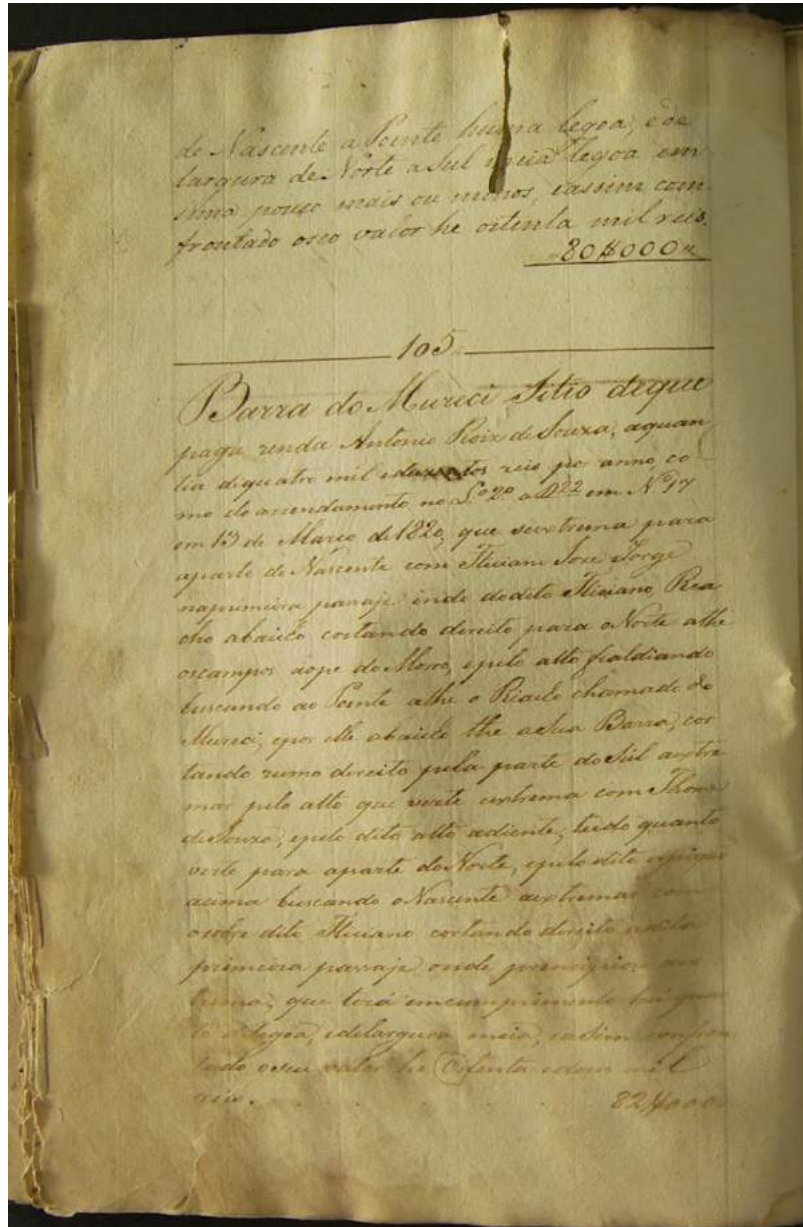


- [46r] por anno, efaz extrema com a fazenda da Tabûa no Carrasco do pá{o} alto com todas as vertentes ao Rio deS(aõ) Joaõ até o Riacho deSanto Antonio, extremado com as terras do Sitio de que paga Renda
- 5 Jozé da Costa <S>/T\eixeira; e assim confrontado, o seo valor hé cem mil reis 100\$000

104

- S(aõ) Bartho<ho>/lom\eo**, Sitio de que paga Renda Leandro deSouza deMedina
- 10 A quantia de quatro mil reis, por anno como do arrendamento no Livro (segund)o a f(olha)s31, eN(umer)o 26, em 24 de Mayo de 1820, o qual se extrema pella parte doPoente com o Sitio chamado Lagoa daJaboticaba de Andre da
- 15 Costa Villa Real, e outros no lugar chamado os Cocos, que hé nabeira do Rio pardo; e pello Rio pardo abaixo athe a barra de hum Ribeiraõ chamado Mosquito, que he para aparte do Nascente, epello d(itt)o Ri-
- 20 beiraõ do Mosquito asima que he para aparte doSul athe extremar com as terras de Damazio Ro(dr)i(gue)s Lima nolugar chamado Vazante funda, que he em huma Vareda, epor esta vareda asima com
- 25 todas as suas vertentes, dehua eoutra p(ar)te, e da d(itt)a vareda funda cortando rumo direito p(ar)a ap(ar)te do Norte athe olugar da extrema dos Cocos, onde principiou a extrema em cujo lugar tem hum marco de pedra na beira
- 30 do Rio pardo, que terá de comprido de

Anotação à margem direita, entre as L.16-19: Vendido a / D{amazio Rodrigues Lima} [†] Escrí / ptura [†] 32



[46v] de Nascente a Poente huma legoa, e de largura de Norte a Sul meia legoa em sima pouco mais ou menos, e assim confrontado o seu valor he oitenta mil reis.

5 80\$000

105¹¹

Barra do Mureci Sitio deque

paga renda Antonio Ro(dr)(gue)s deSouza, aquantia de quatro mil e duzentos reis por anno, como do arrendamento no L(ivr)o (segund)o af(olhas)22 em N(umer)o 17

10 em 13 de Março de 1820, que se extrema para aparte do Nascente com Fliciano Joze Jorge

na primeira passagem indo do dito Fliciano, Rea [sic] cho abaicho cortando direito para o Norte athe

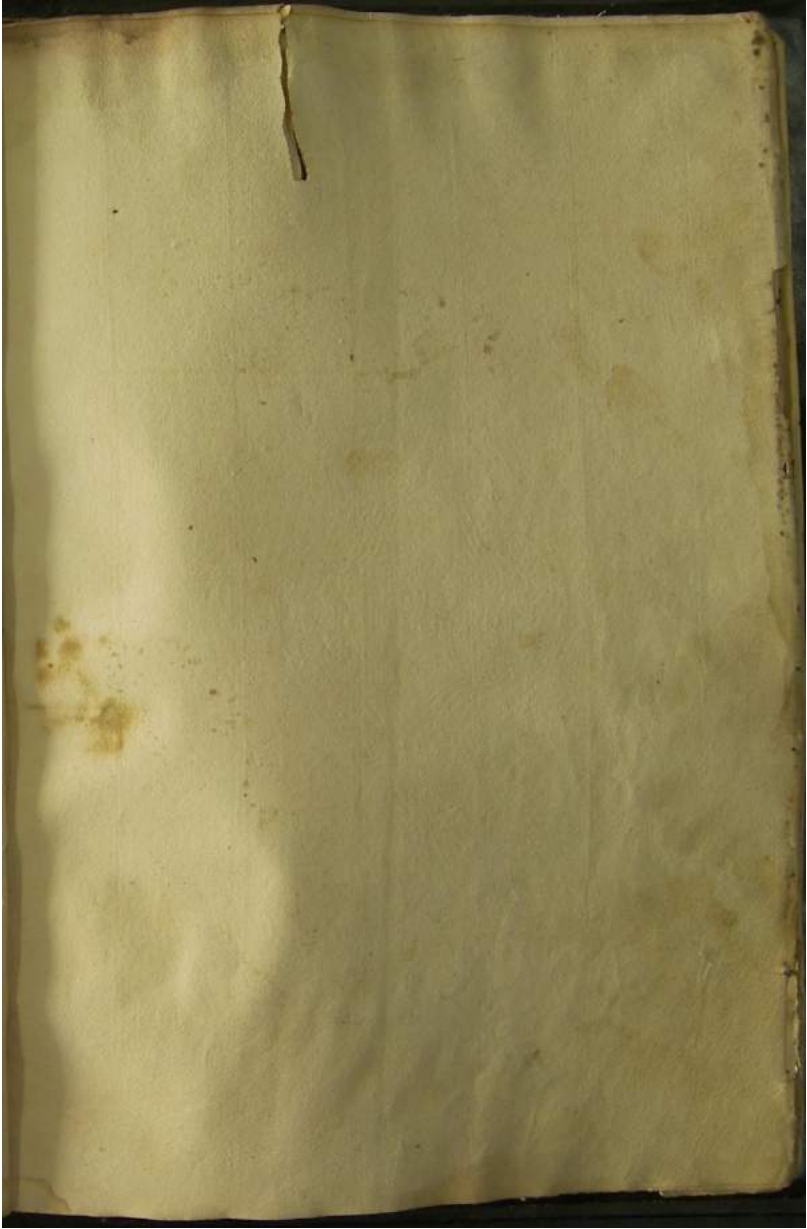
15 oscampos ao pe do Morro, epelo alto fraldando buscando ao Poente athe a Riacho chamado do Mureci, e por elle abaicho the a Sua Barra, cortando rumo direito pela parte do Súl [sic] aextremar pelo alto que verte extrema com Thome

20 deSouza, epelo dito alto adiante, tudo quanto verte para aparte do Norte, epelo dito espigaõ acima buscando o Nascente aextremar com

25 o sobre dito Fliciano cortando direito adita primeira passagem onde principiou [sic] aextrema, que terá encumprimento hũ quarto de legoa, e de largura meia, e assim confrontado o seu valor he Oitenta e dous mil reis

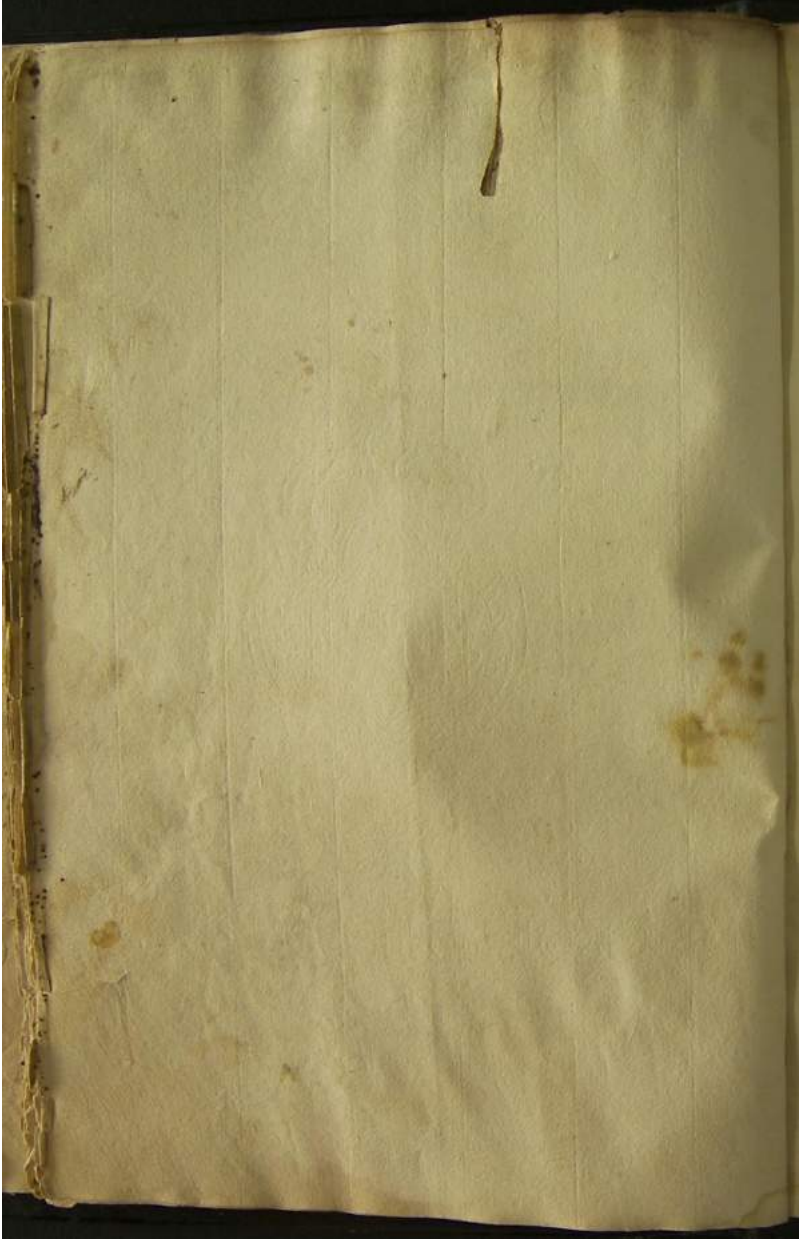
82\$000

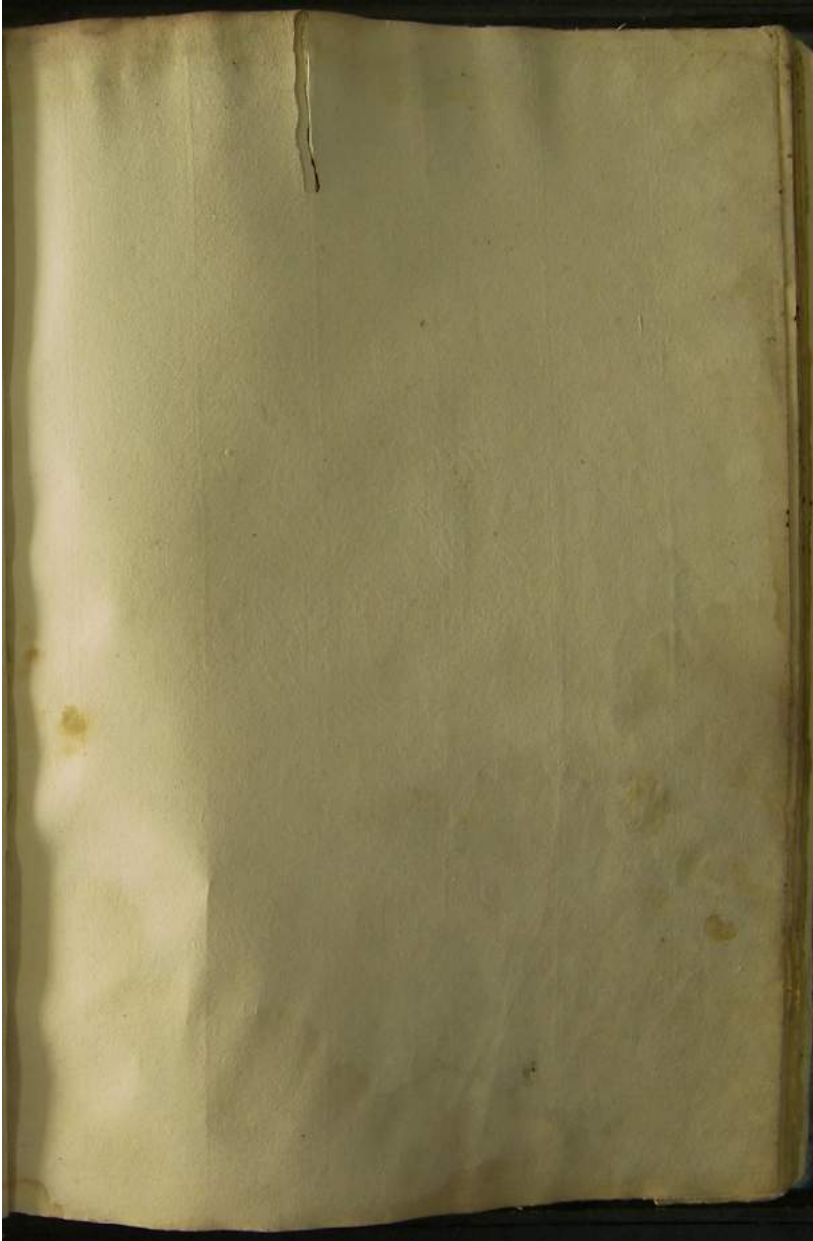
¹¹ O sitio 105 não consta na relação apresentada nas folhas 2r-6r.



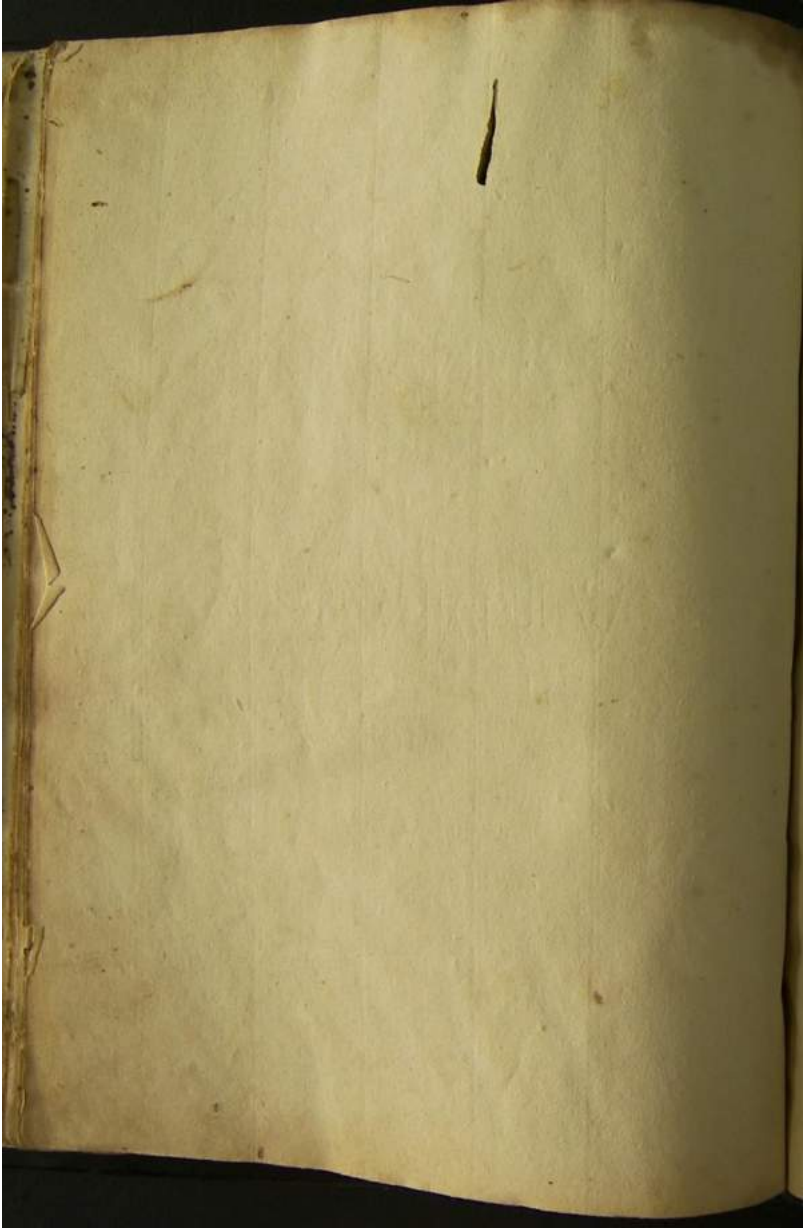
[47r]

[47v]



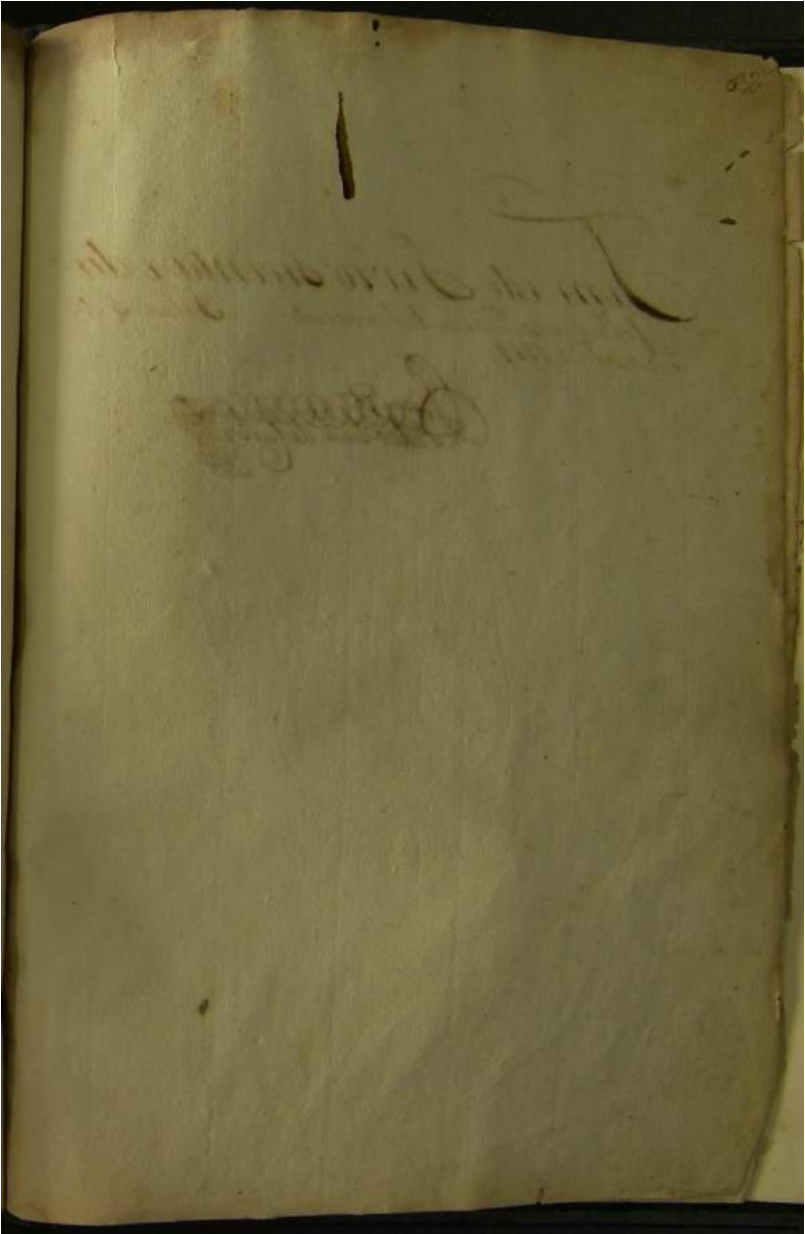


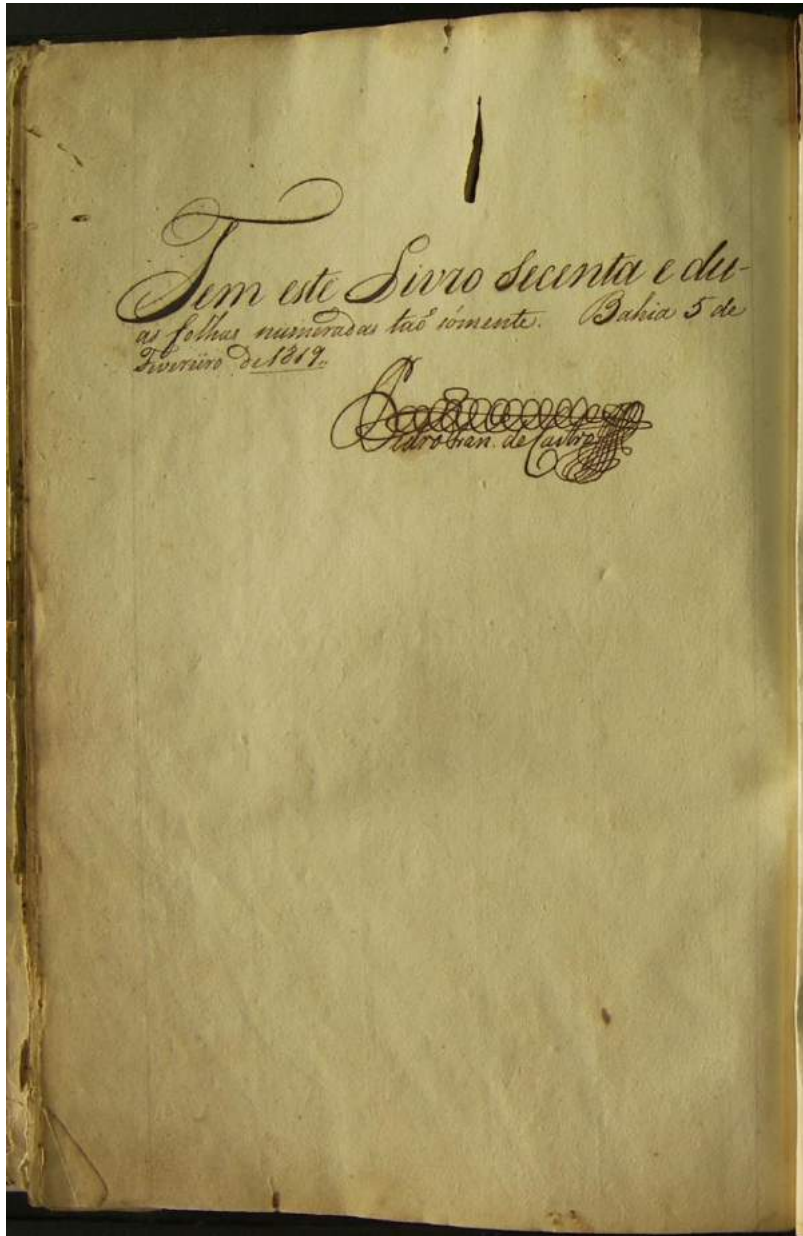
[48r]



[48v]

[49r]



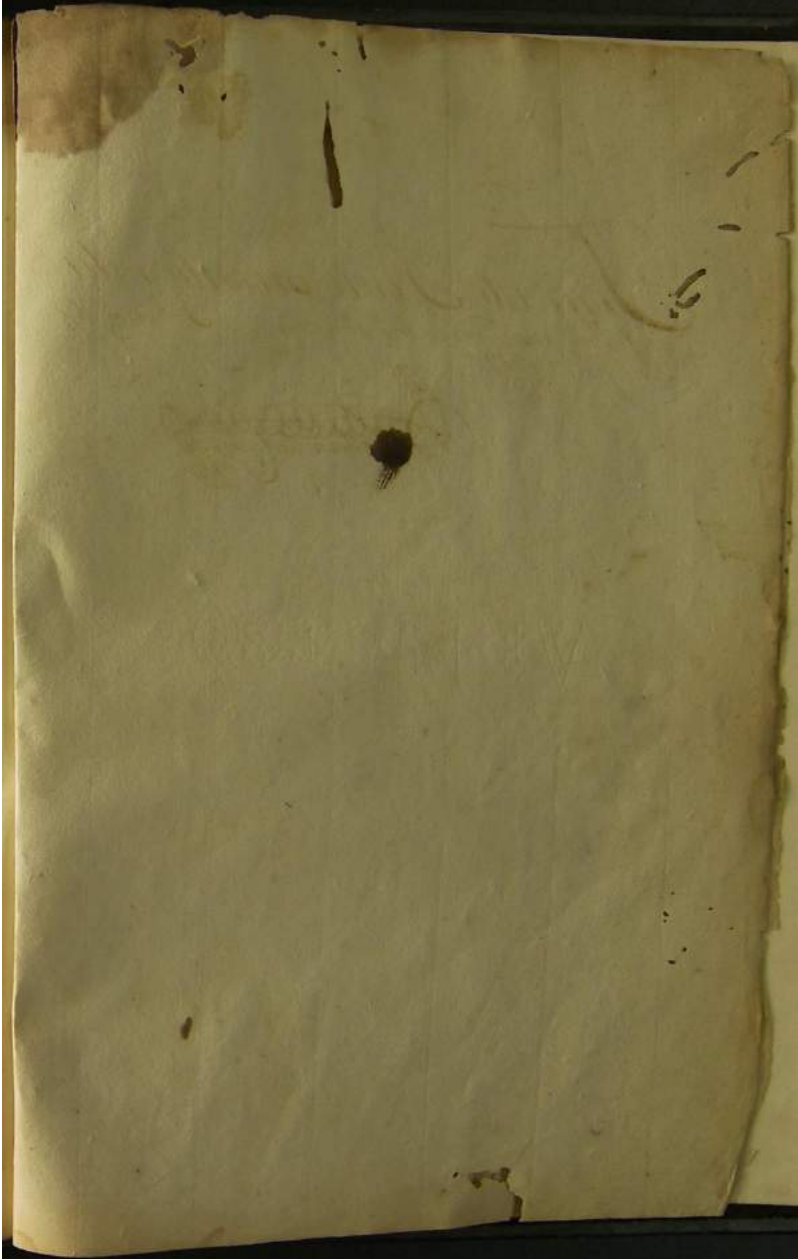


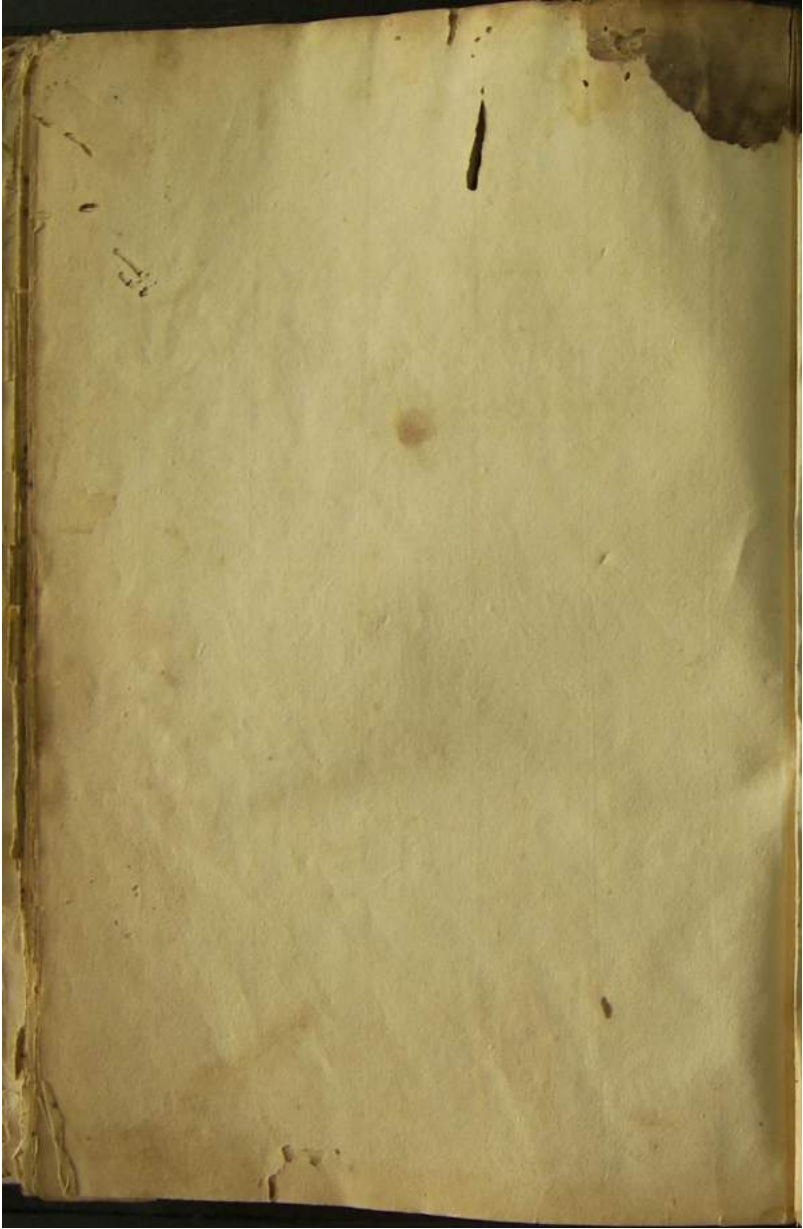
[49v] **Tem este Livro Secenta e du-**
 as folhas numeradas taõ sómente. Bahia 5 de
 Fevereiro de 1819.

PedroFran(cisco) deCastro

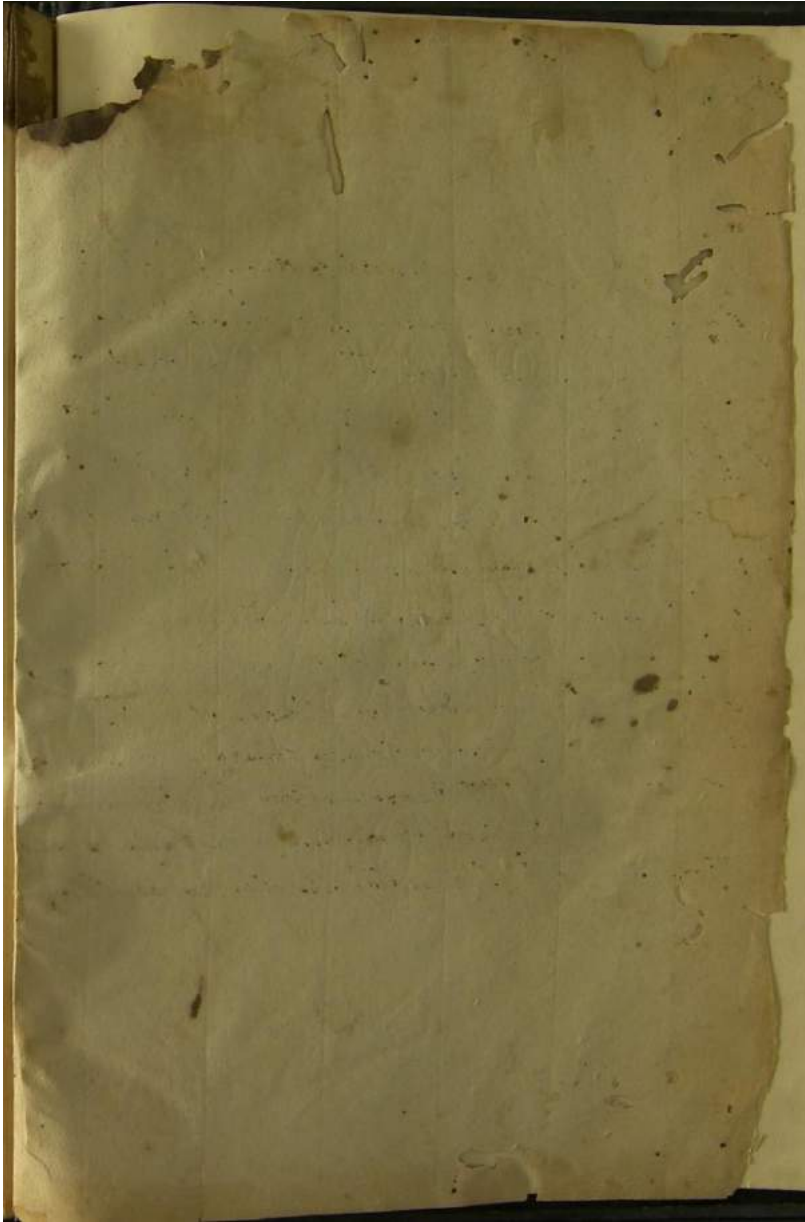
L.4: assinatura com *laçadas*

[50r]

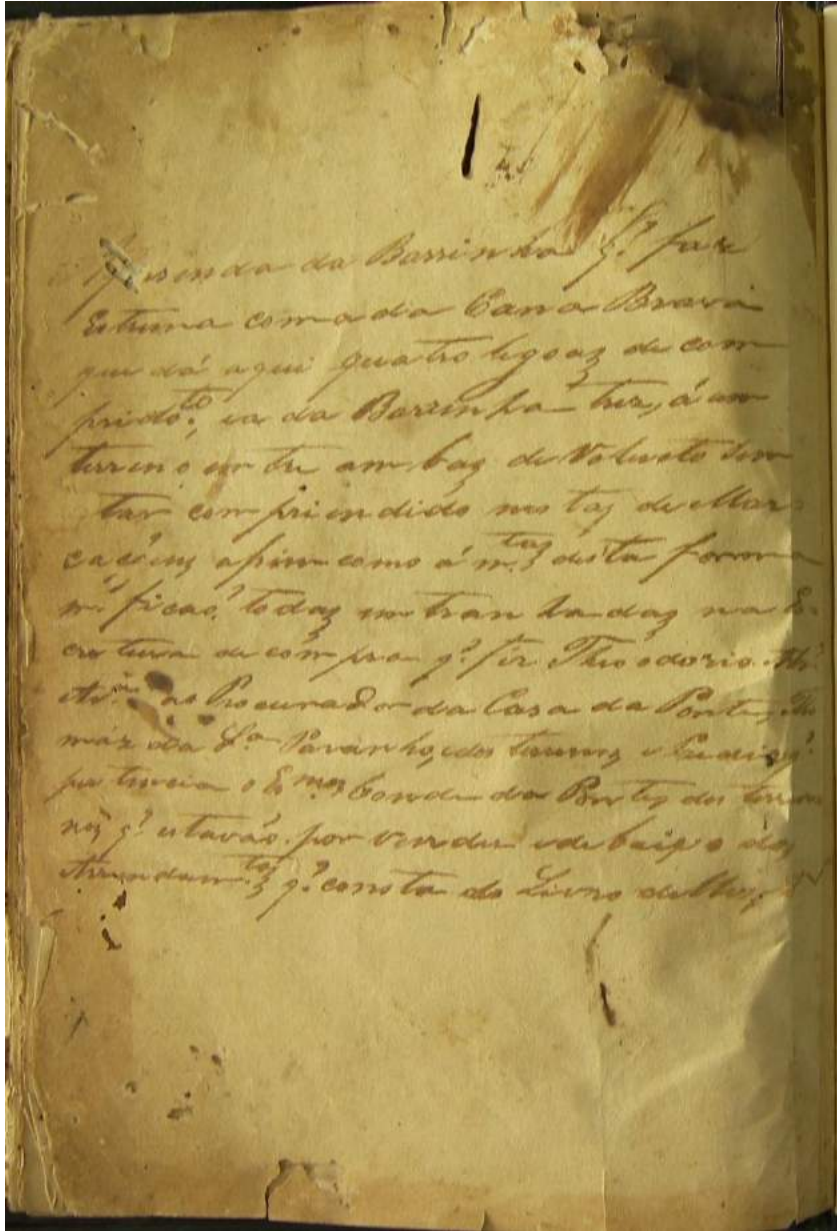




[50v]

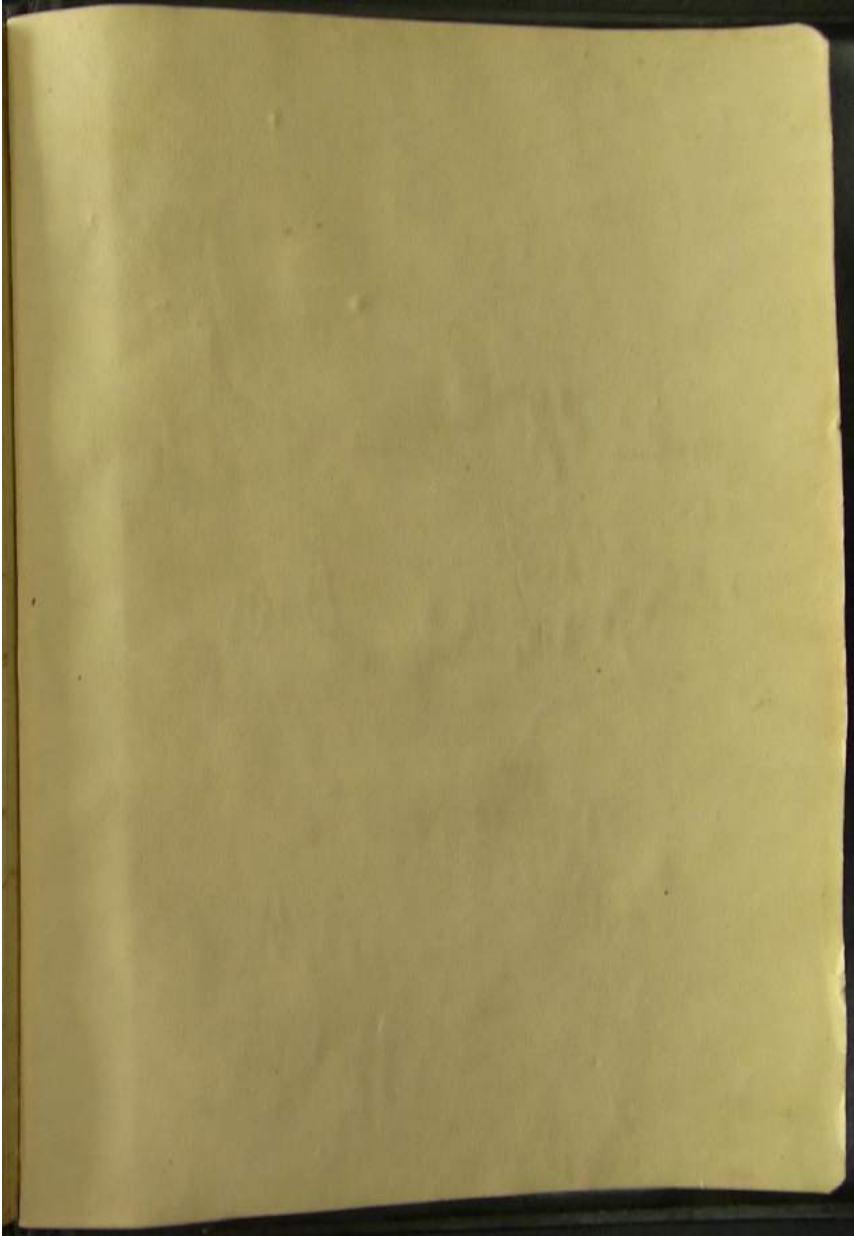


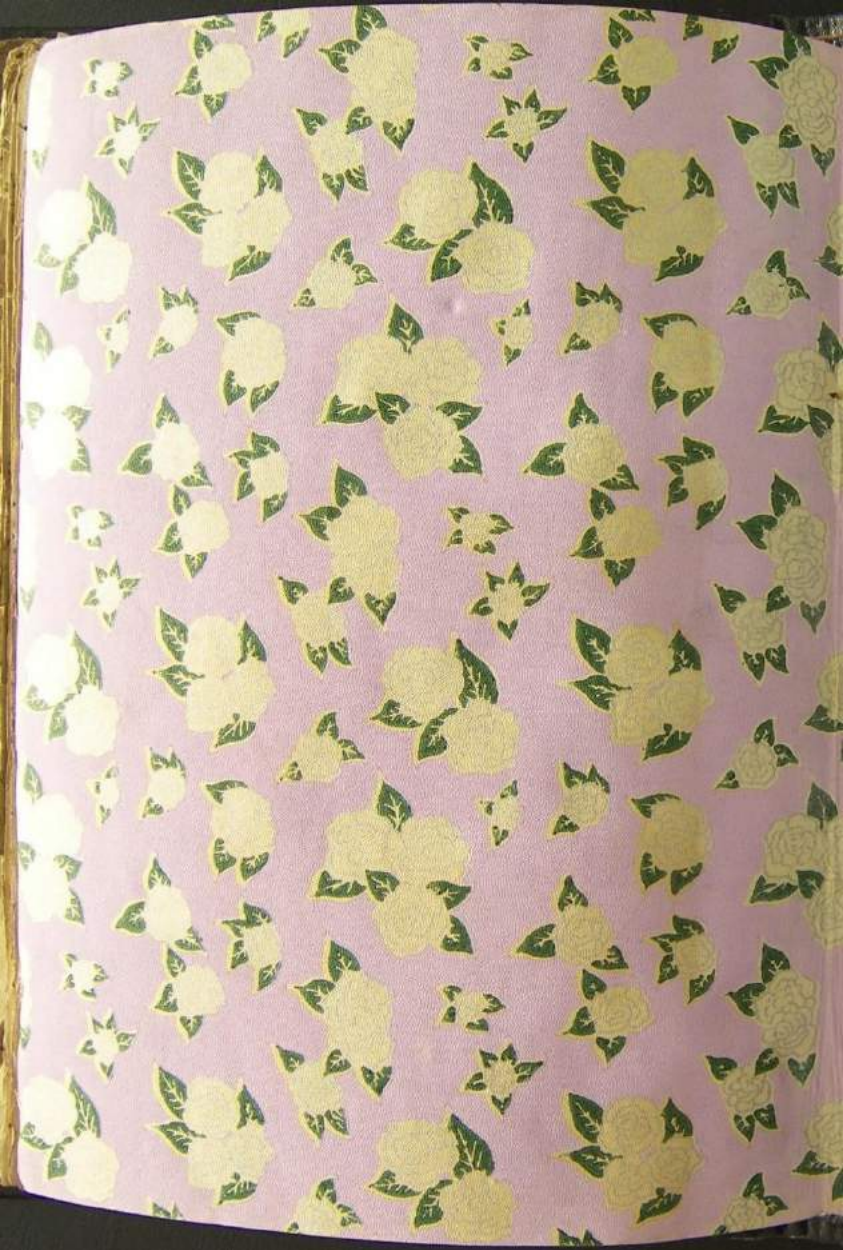
[51r]



- [51v] A fazenda da Barrinha q(ue) [↑†] faz
 Estrema coma da Cana Brava
 que dá aqui quatro legoas de com
 pri<do>/{m(en)}\ [↑to], ea da Barrinha trez, á um
 5 terreno em tre ambas de Volucto sem
 {es}tar compriendido nes tas de Mar
 cações assim como á m(ui)tas desta forma
 m(a)s ficaõ todas emtranhadas na Es
 critura de compra q(ue) fiz [sic] Theodozio Al(ve)s
 10 Ar(anh)a ao Procurador da Casa da Ponte, Tho
 máz da S(ily)a Paranho, edos terrenos e Predios q(ue)
 pertencia o Es(celentiss)imos [sic] Conde da Ponte dos terre
 nos q(ue) estavaõ por vender e de baixo dos
 Arrendam(en)tos q(ue) consta do Livro delles [†]

L.14: marca pontuacional
 incompreensível no final da
 linha









4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA: CONHECENDO O CAMINHO TRAÇADO PELO MANUSCRITO

“Digo: o real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia.”

Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001 [1956], p. 80)

Enfrentar, no meio da travessia, as dificuldades de leitura decorrentes, tanto do estado de conservação do manuscrito oitocentista, quanto da decifração de sua grafia, representou um desafio significativo para o desenvolvimento da pesquisa. Encontrado atualmente no acervo da Biblioteca Copérnico Pinto Coelho do IHGMG, o documento é identificado como conjunto 086 da caixa 014 (cf. Fig. 16) e, até ser entregue ao arquivo em 1965, sobreviveu por 146 anos fora de arquivos organizados e, conseqüentemente, longe do abrigo das intempéries.

De acordo com Antunes Jr. (2017), em sua peregrinação, o *Livro de Tombo da Casa da Ponte* teria chegado às mãos do Padre Guilhermino José Tolentino, vigário do antigo povoado Lençóis do Rio Verde, hoje o município mineiro de Espinosa, que se tornou seu fiel depositário até a sua morte em 1935. Presenteado ao então deputado federal José Esteves Rodrigues, em 1949, “para ser melhor cuidado” (RODRIGUES, 1964, p. 97), o documento foi doado ao IHGMG após ser finalmente encontrado no fundo de uma gaveta.

Depois de mais de 146 anos, desde 5 de fevereiro de 1819, quando foi escrito, este Códice andou de Salvador da Bahia a Belo Horizonte; e passa a pertencer ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, 23 de agosto de 1965.

José Esteves Rodrigues.
(RODRIGUES, 1964, p. 100)

Ainda segundo Antunes Jr. (2017), antes de ser doado, o livro foi emprestado ao Cel. Donato Gonçalves Dias, que o devolveu sem a página referente aos registros dos sítios de Mártires e Piranhas (ANTUNES JR., 2017, p.78). Essa mutilação foi realizada em período anterior a 1929, tendo em vista que, na transcrição publicada na *Revista do IGHBA*, a partir da cópia feita por Heitor Antunes de Souza, consta a informação sobre a ausência da folha, retirada durante “o empréstimo do dito livro ao Coronel Donato Gonçalves Dias, de Tremedal” (INSTITUTO... 1929, p. 445).

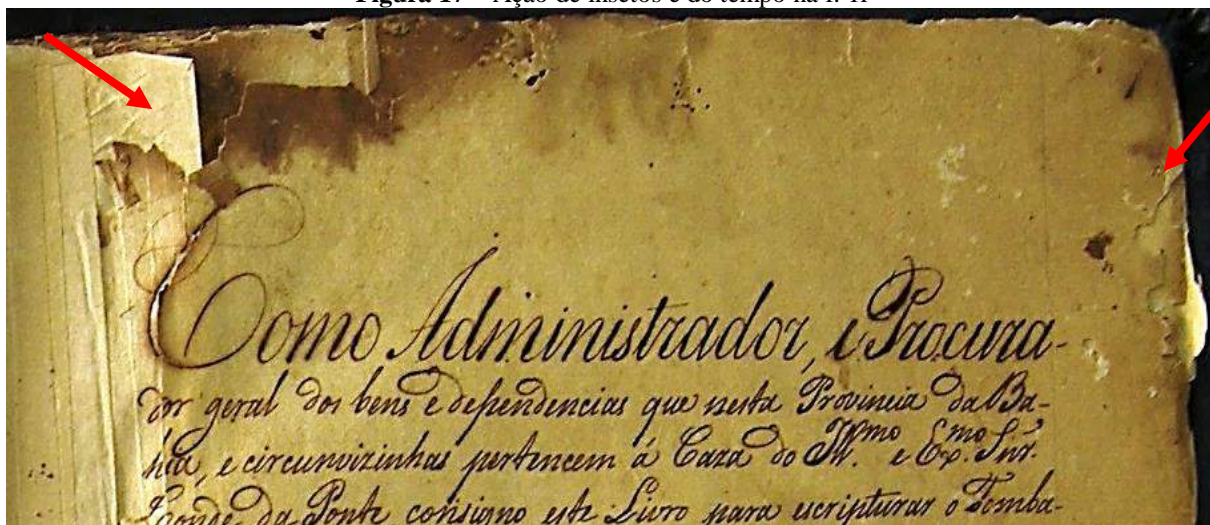
Figura 16 – Caixa 014 – Conjunto 086



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

O documento encontra-se em processo de desgaste, com partes completamente ilegíveis, indicativo de exposição à umidade, à ação de insetos e à do tempo. Algumas folhas apresentam manchas que prejudicam e, às vezes, impossibilitam a leitura. Encontram-se também alguns restauros feitos com material colante (cf. Fig. 17 a 19).

Figura 17 – Ação de insetos e do tempo na f. 1r



Fonte: SEABRA, 2008.

Figura 18 – Manchas na f. 36r

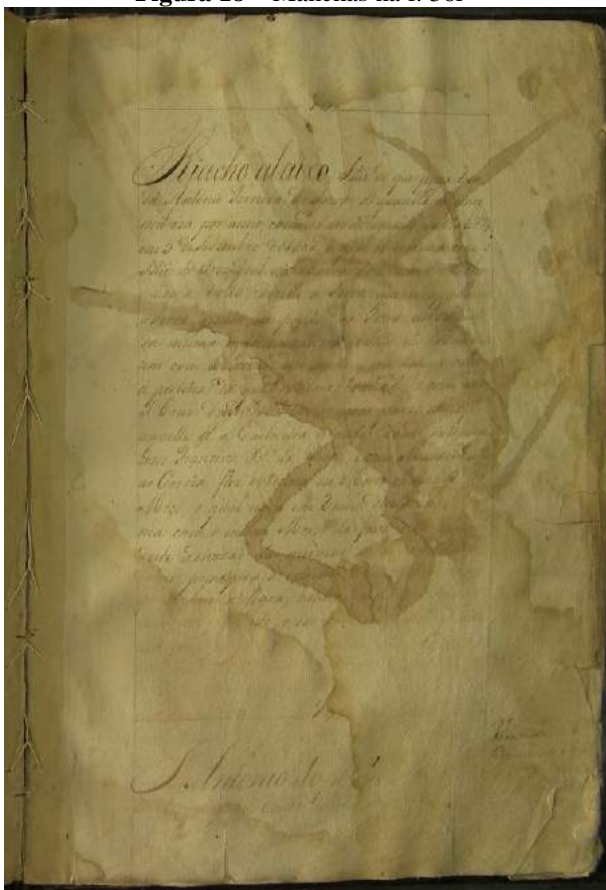
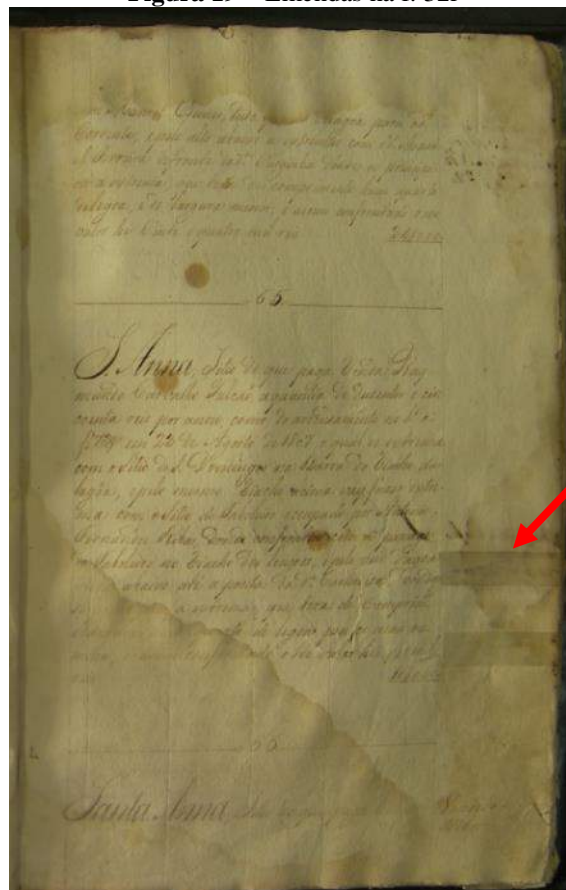


Figura 19 – Emendas na f. 32r



Fonte: SEABRA, 2008.

Medindo 215mm x 310mm¹, o livro é composto de 51 folhas reto e verso costuradas, encadernadas com uma capa de material duro marrom (papelão), medindo 448mm x 310mm, com lombada de 18mm, e contracapa medindo 215mm x 310mm, apresentando desgaste provocado pela ação do tempo (cf. Fig. 20), além de uma capa móvel de couro marrom (cf. Fig. 21), medindo 474mm x 325mm, com lombada de 30mm, em bom estado de conservação, anexada possivelmente em 1949², com a seguinte inscrição em letras douradas: “LIVRO DE TOMBO DA CASA DA PONTE – J.E.R.³”.

¹ Para as medições do documento, contou-se com a valiosa colaboração da Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

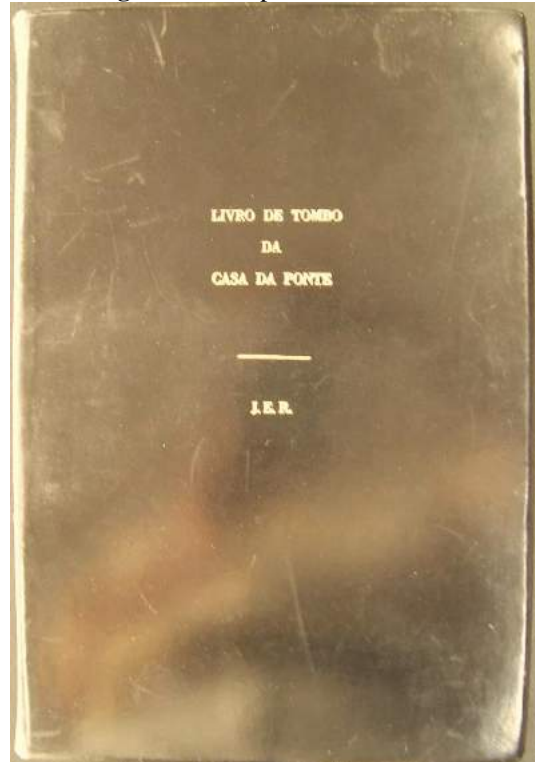
² Ano em que foi entregue a José Esteves Rodrigues (RODRIGUES, 1964, p. 97).

³ As iniciais J. E. R. se referem a José Esteves Rodrigues.

Figura 20 – Capa fixa de papelão



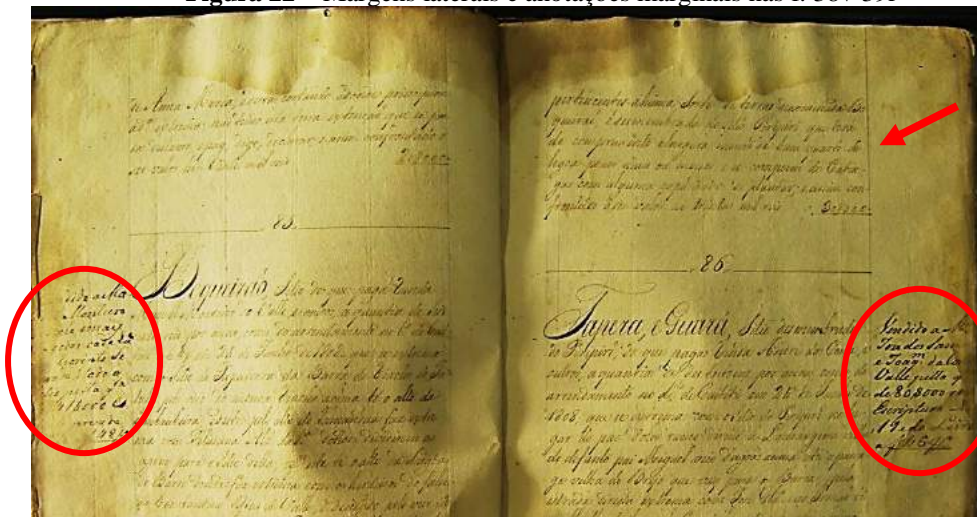
Figura 21 – Capa móvel de couro



Fonte: SEABRA, 2008.

Exceto nas folhas 2r a 6r, provavelmente anexadas após a encadernação, o *Livro* apresenta margens traçadas, visíveis em algumas folhas (Cf. Fig. 22). As medidas das margens são variáveis: margem superior entre 25 e 35mm; margem inferior entre 20 e 30mm; margem esquerda entre 20 e 35mm; e margem direita entre 35 e 45mm. Ocasionalmente, são feitas anotações marginais a tinta à margem lateral esquerda (nas folhas verso) e à direita (nas folhas reto), posteriores ao registro inicial⁴.

Figura 22 – Margens laterais e anotações marginais nas f. 38v-39r

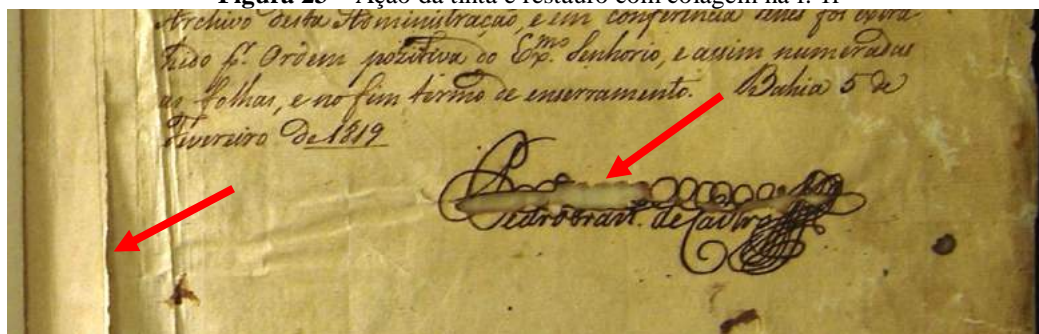


Fonte: SEABRA, 2008.

⁴ Possivelmente a partir de 1835, data de encerramento do sistema de vínculo no Brasil (cf. Seção 5).

Após uma folha em branco, o registro inicia-se na folha 1r, conforme descrição a seguir. f. 1r: *Termo de abertura*, texto lançado em uma coluna, ordenadamente disposta, alinhada tanto à margem direita quanto à margem esquerda, com 16 linhas uniformes e bem distribuídas, a primeira em corpo maior, e finalizando com local, data e assinatura com laçadas do *scriptor*, evidenciando rasgo proveniente da corrosão da tinta ferrogálica. Apresenta manchas, rasgo e marca de restauro com colagem à esquerda (cf. Fig. 23).

Figura 23 – Ação da tinta e restauro com colagem na f. 1r



Fonte: SEABRA, 2008.

f. 1v: folha em branco com mancha espelhada da escrita e rasgo na assinatura da folha anterior, além de marca de colagem à direita (cf. Fig. 24).

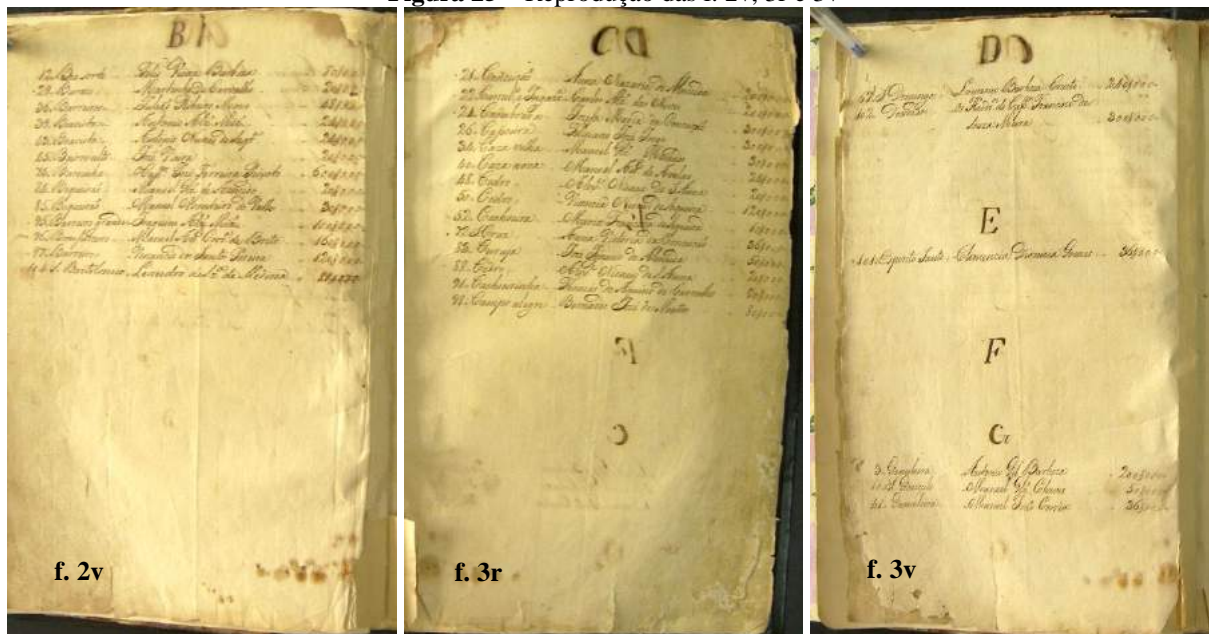
Figura 24 – Detalhe da f. 1v



Fonte: SEABRA, 2008.

f. 2r a 6r: texto lançado em quatro colunas, iniciando pelo número que corresponde à ordem proveniente da data de arrendamento de cada sítio, partindo da mais antiga (Sítio 1: 9 de junho de 1806; Sítio 104: 24 de maio de 1820), organizado alfabeticamente (sem muito rigor) pela lexia simples ou pelo núcleo da lexia composta ou da lexia complexa, mesmo que não haja registro para aquela letra, separados pela letra da chamada, em capital, em corpo maior, cheia, lançada ao centro da margem superior ou da folha, notando-se que a letra do verso aparece em mancha espelhada no reto da folha anterior, como se pode observar nas f. 2v, 3r e 3v (cf. Fig. 25). Marcas pontuacionais indicam o fim dos enunciados em cada coluna.

Figura 25 – Reprodução das f. 2v, 3r e 3v



Fonte: SEABRA, 2008.

f. 7r-8r: *Nota*, texto lançado em uma coluna, alinhada tanto à margem direita quanto à margem esquerda, com 30 linhas em média por folha, regulares e bem distribuídas, a primeira em corpo maior e finalizando com local, data e rubrica com laçadas do *scriptor*. Observam-se reclamos no canto inferior direito das f. 7r e 7v e manchas nas f. 7v e 8r.

f. 8v-10v: folhas em branco

f. 11r-46v: *Tombamento dos Predios*, texto lançado em uma coluna, alinhada tanto à margem direita quanto à margem esquerda, com 25 linhas em média por folha, seguindo a ordem da data de arrendamento dos prédios, de 1 a 104, indicada na primeira coluna das folhas 2r-6r, e do 105, não relacionado e inserido posteriormente, com data de arrendamento em 13 de março de 1820, depois da data de escrita do *Livro* (5 de fevereiro de 1819). A ausência de lançamento dos prédios 17 e 18 é indicação da supressão de folha – a que já se fez referência. O número de identificação é apresentado em destaque, lançado ao centro da folha, com linha cheia completando o espaço à direita e à esquerda, e o nome do prédio iniciando à linha seguinte, em capital, em corpo maior.

f. 47r-49r: folhas em branco

f. 49v: *Termo de encerramento*, texto lançado em uma coluna, com 4 linhas, a primeira em corpo maior, e finalizando com local, data e assinatura com laçadas do *scriptor*. A folha apresenta mancha e marca da ação de insetos.

f. 50r-51r: folhas em branco

f. 51v: texto lançado (posteriormente) em uma coluna, com 14 linhas uniformes e bem distribuídas, sem assinatura de autoria, com manchas nas margens superior e esquerda e ação de insetos nas margens superior e inferior.

O Quadro 3 abaixo apresenta uma síntese do conteúdo e do número de linhas escritas em cada folha.

Quadro 3 – Conteúdo e número de linhas de cada folha

Folhas	Conteúdo	N. linhas	Folhas	Conteúdo	N. linhas
f.1r	Termo de abertura	16	f.26v	Sítios 49 e 50	28
f.1v	Em branco	-	f.27r	Sítios 50, 51 e 52	23
f.2r	Relação de sítios: letra A	17	f.27v	Sítios 52 e 53	27
f.2v	Relação de sítios: letra B	14	f.28r	Sítios 54 e 55	25
f.3r	Relação de sítios: letra C	15	f.28v	Sítios 55 e 56	27
f.3v	Relação de sítios: letras D, E, F, G	11	f.29r	Sítios 56 e 57	27
f.4r	Relação de sítios: letras H, I	12	f.29v	Sítios 57 e 58	27
f.4v	Relação de sítios: letras L, M, N, O	9	f.30r	Sítios 58, 59 e 60	23
f.5r	Relação de sítios: letras P, Q	16	f.30v	Sítios 60 e 61	27
f.5v	Relação de sítios: letras R, S, T	14	f.31r	Sítios 61, 62 e 63	23
f.6r	Relação de sítios: letras T, V	18	f.31v	Sítios 63 e 64	27
f.6v	Em branco	-	f.32r	Sítios 64, 65 e 66	23
f.7r	Nota	32	f.32v	Sítios 66 e 67	27
f.7v	Nota	31	f.33r	Sítios 67 e 68	27
f.8r	Nota	28	f.33v	Sítios 68 e 69	27
f.8v-10v	Em branco	-	f.34r	Sítios 69, 70 e 71	23
f.11r	Tombamento dos prédios; Sítios 1 e 2	23	f.34v	Sítios 71 e 72	27
f.11v	Sítios 2 e 3	27	f.35r	Sítios 72, 73 e 74	23
f.12r	Sítios 4 e 5	25	f.35v	Sítio 74	27
f.12v	Sítios 5, 6 e 7	23	f.36r	Sítios 75 e 76	25
f.13r	Sítios 7 e 8	27	f.36v	Sítios 76 e 77	25
f.13v	Sítios 9 e 10	25	f.37r	Sítios 78 e 79	25
f.14r	Sítios 10 e 11	26	f.37v	Sítios 79 e 80	27
f.14v	Sítios 12 e 13	22	f.38r	Sítios 80 e 81	27
f.15r	Sítios 14 e 15	25	f.38v	Sítios 81, 82 e 83	23
f.15v	Sítios 15 e 16	27	f.39r	Sítios 83 e 84	27
f.16r-16v	Folhas ausentes	-	f.39v	Sítios 84 e 85	27
f.17r	Sítio 19	28	f.40r	Sítios 85 e 86	27
f.17v	Sítios 20 e 21	25	f.40v	Sítios 86 e 87	28
f.18r	Sítios 21, 22 e 23	23	f.41r	Sítios 87 e 88	24
f.18v	Sítios 23 e 24	26	f.41v	Sítios 89 e 90	24
f.19r	Sítios 25 e 26	25	f.42r	Sítios 91 e 92	25
f.19v	Sítios 26 e 27	27	f.42v	Sítios 92, 93 e 94	23
f.20r	Sítios 27 e 28	27	f.43r	Sítios 94, 95 e 96	24
f.20v	Sítios 29 e 30	25	f.43v	Sítios 96 e 97	28
f.21r	Sítios 30, 31 e 32	23	f.44r	Sítios 97 e 98	25
f.21v	Sítios 32 e 33	27	f.44v	Sítios 99 e 100	26
f.22r	Sítios 33 e 34	25	f.45r	Sítios 100 e 101	27
f.22v	Sítios 35 e 36	23	f.45v	Sítios 101, 102 e 103	22
f.23r	Sítios 37 e 38	25	f.46r	Sítios 103e 104	30
f.23v	Sítios 38, 39 e 40	24	f.46v	Sítios 104 e 105	28
f.24r	Sítios 40 e 41	27	f.47r-49r	Em branco	-
f.24v	Sítios 42 e 43	25	f.49v	Termo de encerramento	4
f.25r	Sítios 43 e 44	27	f.50r-51r	Em branco	-
f.25v	Sítios 45, 46 e 47	22	f.51v	Anotação pós-encerramento	14
f.26r	Sítios 47, 48 e 49	25			

Fonte: Elaborado pela autora.

4.1 Aspectos paleográficos do documento

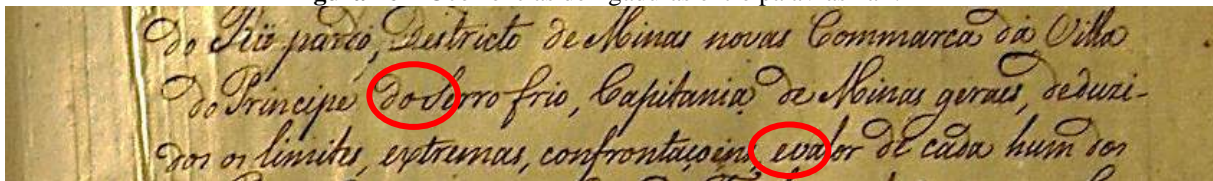
Para a análise paleográfica do documento, destaca-se a orientação de Cambraia (2005) em relação aos aspectos a serem observados pelo crítico textual na compreensão da leitura das fontes:

- a) classificação da escrita, localização e datação;
- b) descrição sucinta de características da escrita, a saber: a *morfologia das letras* (sua forma), o seu *traçado* ou *ductus* (ordem de sucessão e sentido dos traços de uma letra), o *ângulo* (relação entre os traços verticais das letras e a pauta horizontal da escrita), o *módulo* (dimensão das letras em termos de pauta) e o *peso* (relação entre traços finos e grossos das letras);
- c) descrição sucinta do sistema de sinais abreviativos empregado na referida escrita;
- d) descrição dos outros elementos não-alfabéticos existentes e de seu valor geral: números, diacríticos, sinais de pontuação, separação vocabular intralinear e translinear, paragrafação, etc.;
- e) descrição de pontos de dificuldade na leitura e as soluções adotadas (CAMBRAIA, 2005, p. 24, grifos no original).

Com base nessa orientação, identifica-se o documento como um manuscrito autógrafo que apresenta uma escrita cursiva do século XIX, com um número bastante reduzido de borrões ou rasuras, regular quanto ao traçado das letras, ligeiramente inclinadas para a direita. A mancha escrita apresenta-se ordenadamente disposta, alinhada tanto à margem direita quanto à margem esquerda, obedecendo à marcação de pauta, visível em algumas folhas.

Apesar da característica corrida da escrita cursiva, traçada normalmente de forma contínua e com separação irregular das palavras, o documento apresenta relativamente poucas ocorrências de ligaduras, em sua maioria envolvendo palavras monossilábicas e átonas, como mostram os exemplos a seguir (cf. Fig. 26).

Figura 26 – Ocorrências de ligaduras entre palavras na f. 1r



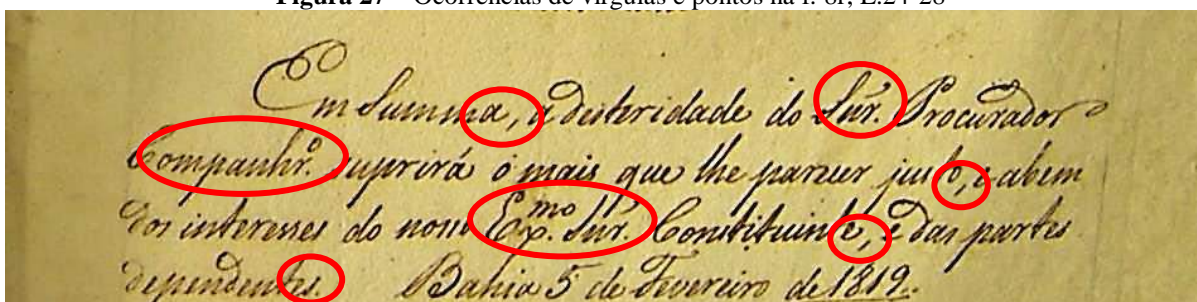
do Rio pardo, Districto de Minas novas Commarca da Villa do Principe *do Serro frio*, Capitania de Minas geraes, deduzidos os limites, extremas, confrontaçoes, *valor* de cada hum dos (f.1r, L.6-8)

Fonte: Edição semidiplomática do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*

4.1.1 Pontuação

Embora ocorram em número reduzido e com uso, em alguns casos, aleatório ou arbitrário, identificam-se, no documento, os seguintes sinais de pontuação: vírgula, ponto-e-vírgula e ponto parágrafo ou final. A vírgula é o sinal de maior frequência, utilizado para marcação de pausa na leitura, enquanto o ponto, além da finalização dos parágrafos, é usado nas abreviaturas, como mostra o exemplo a seguir (cf. Fig. 27).

Figura 27 – Ocorrências de vírgulas e pontos na f. 8r, L.24-28



Em Summa, a desteridade do S(e)n(ho)r Procurador
Companh(e)iro suprirá o mais que lhe parecer justo, e abem
dos interesses do nosso Ex(celestissimo) S(e)n(ho)r Constituinte, e das partes
dependentes. Bahia 5 de Fevereiro de 1819, (f. 8r, L.24-27)

Fonte: Edição semidiplomática do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*

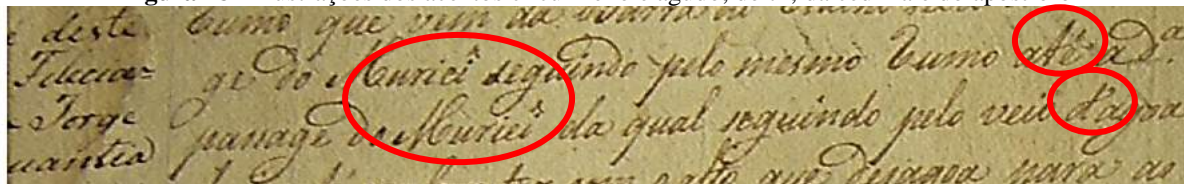
Registra-se também a presença de barras </> com valor de parênteses (f. 8r, L.10) e de hífen simples <->, nas divisões silábicas em final de linha em praticamente todas as folhas do documento, e de hífen duplo <=>, também como marca de divisão silábica, somente na f. 51v, L.6 e 8. Ainda em relação à pontuação, ressaltam-se as marcas de registro do *scriptor* nas folhas 2r a 6r, escritas em quatro colunas: barra dupla inclinada <//> para marcar o início e o final de registro em cada coluna. Essa marca é repetida antes e depois dos numerais identificadores de ordem e ao final do valor de cada sítio nas folhas 11r a 46v, assim como ao final da linha 27, na f. 8r, e da linha 3, na f. 49v, indicando fim de enunciado, em conformidade com Telles e Souza (2017, p. 116).

4.1.2 Acentuação

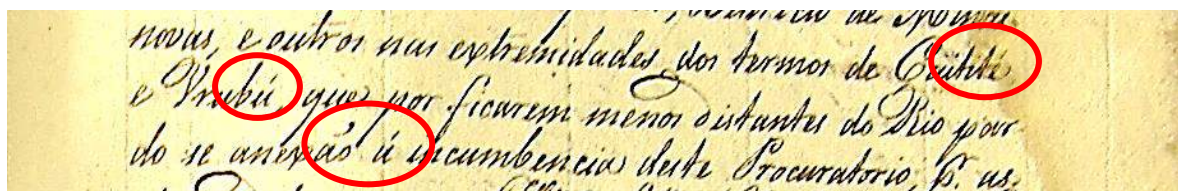
Quanto aos sinais de acentuação, registra-se a ocorrência dos acentos circunflexo e agudo (também usado para indicar crase) como indicadores de sílaba tônica, e do til, empregado como sinal de nasalização. Há também ocorrências de cedilha <ç>, para indicar o fonema /s/,

tanto em posição inicial quanto medial, e de apóstrofo indicando supressão de letra. As transcrições a seguir apresentam exemplos de uso desses sinais no documento (cf. Fig. 28).

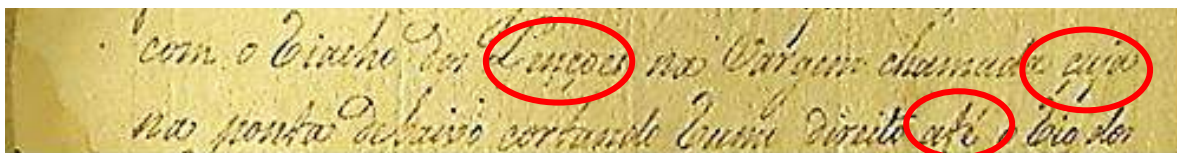
Figura 28 – Ilustrações dos acentos circunflexo e agudo, do til, da cedilha e do apóstrofo



ge do Muricî seguindo pelo mesmo Rumo até a d(itt)a
passage do Muricî, da qual seguindo pelo veio d'agoa (f.19v, L.4-6)



novas, e outros nas extremidades dos termos de Caitité
e Urubú, que por ficarem menos distantes do Rio par-
do se anexão á incumbencia deste Procuratorio, p(o)r as- (f.11r, L.3-5).



com o Riacho dos Lençoes na Vargem chamada çuja
na ponta debaixo cortando Rumo direito até o Rio dos (f.31r, L.12-13)

Fonte: Edição semidiplomática do Livro de Tombo da Casa da Ponte

4.1.3 Reclamos

Outro aspecto a ser destacado do documento refere-se ao uso de reclamos, ou seja, repetições de palavra, parte de palavra ou grupo de palavras do final de uma folha na folha seguinte (cf. Fig. 29). Além de garantir a sucessão ordenada das folhas já escritas enquanto aguardam o momento da encadernação, essa técnica, muito comum no período medieval, evitava a interrupção da leitura. De acordo com Dias (2005), os antigos códices apresentavam um tamanho bem maior do que os livros atuais e, portanto, os leitores levavam um certo tempo para virar a página e dirigir os olhos até o início do fólio seguinte. Os reclamos então tinham uma dupla função: adiantar a leitura e facilitar a ordenação das páginas para o encadernador.

Ressalta-se a importância dos reclamos como estratégia para a leitura possível do final da última linha de cada folha, quando estas se apresentam com deficiência do suporte, como ocorre nas L.25 das f. 20v, 24v e 28r, dentre outros exemplos.

4.1.4 Abreviaturas

Dos aspectos paleográficos observados no documento, o uso de abreviaturas é um dos mais significativos. Lembra Higounet (2003 [1997], p. 145) que as abreviações e os sistemas de notação abreviada remontam à Antiguidade grega e romana e foram intensamente utilizadas durante o período medieval como forma de agilizar a escrita e economizar o suporte. Sobre o uso de abreviaturas, afirma Flexor (2008 [1979]):

Os calígrafos de todos os tempos, mas de modo especial os da Idade Média, quer para poupar espaço, devido à escassez de materiais de base e de registro, quer por economia de tempo, fizeram uso de um completo sistema de abreviaturas, siglas e das chamadas notas tironianas, prática que permaneceu após aquele período (FLEXOR, 2008 [1979], p. 12).




O uso de abreviaturas se manteve por todo o período colonial brasileiro e, embora sem seguir regras sistemáticas, é possível identificar alguns tipos característicos, muito utilizados no manuscrito em estudo. Na *abreviatura por contração*, uma ou várias letras no interior da palavra são suprimidas, podendo também ser utilizado um sinal sobre a palavra para indicar a abreviação. A *abreviação por suspensão*, por sua vez, mantém a letra ou a sílaba inicial, deixando a palavra inacabada, sendo normalmente acompanhada de um ponto. Enquanto as *abreviaturas alfanuméricas* utilizam uma composição de letras e números, as *abreviaturas por letra sobreposta* representam uma variedade da contração, com pequenas letras postas acima da palavra abreviada.

Vale destacar aqui quanto o uso de abreviaturas poderia interferir na leitura do texto, levando inclusive a uma identificação errônea dos inúmeros antropônimos presentes. Para uma leitura mais segura, procuraram-se referências em Flexor (2008 [1979]). Entretanto, em virtude das várias formas polissêmicas encontradas, foi necessário analisar tanto a repetição desses antropônimos no próprio texto, quanto referências em outras fontes documentais. A título de exemplo, toma-se o antropônimo *Thomáz da Silva Paranhos*, Procurador da Casa da Ponte.

Caso não se tratasse de uma personalidade historicamente reconhecida⁵, não seria possível assegurar a identificação correta do nome de família abreviado com a forma polissêmica <S^a> (f.51v, L.11), tendo em vista que Flexor (2008 [1979]) apresenta três possibilidades de desdobramento para essa abreviação: Silva, Sousa e Silveira (FLEXOR, 2008 [1979], p. 369).

Nos Quadros 4 a 11, a seguir, apresentam-se, em ordem alfabética, as 105 formas abreviadas encontradas no documento, perfazendo um número de 811 ocorrências, acompanhadas das formas estendidas e da localização, organizadas segundo a classificação: alfanumérica, por contração, por letra sobreposta, por suspensão. Na sequência, são apresentadas, nos Quadros 12 e 13, as 38 diferentes formas abreviadas presentes nas anotações marginais.








Quadro 4 – Abreviaturas alfanuméricas: imagem e localização

Palavra abreviada			Abreviatura estendida	Localização	Qtde.
1.	2.º		(segund)o	f.7v, L.8; f.38r, L.8; f.46r, L.11; f.46v, L.10	4
2.	7br.º		(Setem)bro	f.7r, L.11; f.36v, L.2,17; f.37r, L.5; f.37v, L.13; f.43v, L.25	6
3.	1.º		(primeir)o	f.7r, L.19; f.21v, L.14; f.42v, L.6	3
TOTAL					13

Fonte: Elaborado pela autora.

⁵ Lago (1954) identifica o capitão-mor Tomás da Silva Paranhos, pai de Joaquina da Silva Paranhos, esposa do Barão da Várzea, José Antônio Sepúlveda de Vasconcelos, como um “homem de muitos haveres” (LAGO, 1954, p. 214). De acordo com o historiador baiano Cid Teixeira (1978), o capitão de ordenanças Tomás da Silva Paranhos, um afortunado e respeitável latifundiário urbano no século XIX, possuía uma exímia habilidade de articulação no processo de compra, venda e arrendamento de terras, com propriedades em Salvador e em toda a região metropolitana, provavelmente compradas da VII Marquesa de Niza, D. Eugenia Maria José Xavier Telles Castro da Gama Ataíde, descendente de D. Vasco Luiz da Gama (TEIXEIRA, 1978).

Quadro 5 – Abreviaturas por contração: imagem e localização

Palavra abreviada		Abreviatura estendida	Localização	Qtde.	
4.	Alz. ⁶		Al(vare)s ⁷	f.2v, L.5,11; f.3r, L.3; f.5r, L.7; f.6r, L.18; f.17r, L.9; f.18r, L.7; f.22v, L.20; f.23v, L.7; f.24r, L.5; f.25v, L.13; f.28r, L.24; f.39v, L.13,24; f.40v, L.11; f.42r, L.9; f.43r, L.9; f.44v, L.3; f.51v, L.9	19
5.	Frz. ⁷		F(e)r(nande)s ⁸	f.2r, L.15; f.4r, L.8; f.5r, L.9,13; f.5v, L.12; f.6r, L.2; f.32v, L.24; f.37r, L.7; f.42v, L.5	9
6.	fs		f(olha)s	f.11r, L.12 e mais 99 ocorrências ⁹	100
7.	Glz. ⁷		G(onça)l(ve)s ¹⁰	f.2v, L.9; f.3r, L.6; f.3v, L.10; f.6r, L.7; f.24v, L.25; f.27r, L.7; f.40r, L.16,21; f.44r, L.17	9
8.	Miz. ⁷		M(art)i(n)s ¹¹	f.2v, L.5; f.2v, L.11; f.5r, L.8; f.23v, L.7; f.24r, L.5; f.25v, L.13; f.42r, L.9	7
9.	Roiz ⁷		Ro(dr)i(gue)s ¹²	f.6r, L.11; f.21v, L.18; f.23r, L.19; f.23v, L.10; f.46r, L.22; f.46v, L.8	6
10.	Snr. ⁷		S(e)n(ho)r	f.1r, L.3; f.7, L.2; f.8r, L.24,26; f.11r, L.6; f.22r, L.5	6

TOTAL 156

Fonte: Elaborado pela autora.

⁶ Nas abreviaturas por contração e suspensão que apresentam o sinal abreviativo de *crochet* <'>, existem ocorrências aleatórias do uso de ponto também, sem alteração de sentido. Optou-se por fixar a forma com maior número de ocorrências.

⁷ Nas formas abreviadas com o grafema <z> final optou-se pelo desdobramento com o grafema <s> com base na ocorrência da lexia em sua forma não abreviada ou por analogia com Fernandes, Gonçalves e Martins (Cf. Frz, Glz, Miz). Com relação à forma abreviada Alz. na f.51v, L.9, embora a opção tenha sido a de seguir a indicação de Flexor (2008 [1979]), destaca-se a possibilidade de que essa forma abreviada corresponda também ao nome de família “Alves”, considerando a provável existência de um fazendeiro de nome Teodósio Alves Aranha na área geográfica analisada. Em entrevista concedida em 8/12/2019 à página *Fazendas Históricas da Bahia*, disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/fazendasbaianas/>>, uma moradora de Pindaí, no sudoeste da Bahia, nascida em 13 de agosto de 1933, na Fazenda Vargem da Colher, relata ser parente de Teodósio Alves Aranha, um rico e temido fazendeiro da região, cujo latifúndio começava no município de Urandi e se estendia pelo município de Pindaí, chegando ao norte de Minas Gerais.

⁸ Cf. forma por extenso na f. 35r, L. 7.




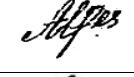
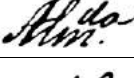

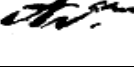
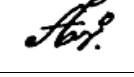

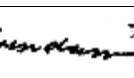

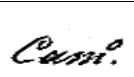




⁹ Em formas com mais de 20 ocorrências, optou-se por registrar a primeira, seguida da indicação de quantidade.

¹⁰ Cf. forma por extenso na f. 15r, L. 3.

¹¹ Cf. forma por extenso na f. 43r, L. 9.

¹² A opção pelo desdobramento com o grafema <s> em lugar de <z> tem por base a analogia com outras abreviações de antropônimos (Cf. Glz, Miz, Frz).

Quadro 6 – Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 1)

Palavra abreviada		Abreviatura estendida	Localização	Qtde.	
11.	Adm. ^{or}		Adm(inistrad)or	f.7r, L.20; f.8r, L.19	2
12.	Ajud. ^e		Ajud(ant)e	f.44v, L.6	1
13.	Alex. ^e		Alex(andr)e	f.3r, L.8,13	2
14.	Alf. ^{es}		Alf(er)es	f.30v, L.25; f.34v, L.21; f.44v, L.10; f.45r, L.22	4
15.	Alm. ^{da}		Alm(ei)da	f.2r, L.3	1
16.	An. ^{to}		Ant(oni)o	f.2r, L.4,15; f.2v, L.12; f.3r, L.7; f.5r, L.6; f.21v, L.15; f.24r, L.5; f.27r, L.5	8
17.	Ar. ^a		Ar(anh)a	f.51v, L.10	1
18.	Ar. ^o		Ar(auj)o	f.4v, L.6; f.5r, L.5	2
19.	arrendam. ^{to}		arrendam(en)to	f.7v, L.23; f.8r, L.6; f.13v, L.4; f.20v, L.16; f.21r; L.8; f.21v, L.13, f.23r, L.4; f.45r, L.17	8
20.	Arrendam. ^{tos}		Arrendam(en)tos	f.10v, L.14	1
21.	Cachor ^a		Cacho(ei)ra	f.6r, L.9; f.87r, L.21; f.43v, L.16	3
22.	Cam. ^o		Cam(inh)o	f.41v, L.5	1
23.	Cap. ^m		Cap(ita)m	f.2r, L.4; f.2v, L.8; f.3v, L.3; f.5r, L.6; f.14r, L.14; f.19r, L.3; f.21v, L.12; f.24v, L.10; f.27v, L.3; f.28v, L.2; f.29v, L.16; f.30v, L.27; f.34v, L.7; f.35v, L.16; f.40v, L.2,7; f.41r, L.9; f.44r, L.14; f.44v, L.8; f.45v, L.9	20
24.	Card. ^o		Card(os)o	f.18r, L.20	1
25.	Carrap. ^o		Carrap(at)o	f.2r, L.4	1
26.	Carv. ^o		Carv(alh)o	f.2r, L.12	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 7 – Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 2)

Palavra abreviada		Abreviatura estendida	Localização	Qtde.	
27.	Cav. ^{os}		Cav(al)os	f.5r, L.11	1
28.	Companhr. ^o		Companh(ei)ro	f.8r, L.25	1
29.	compri<d>/m\o. ^{to}		comprim(en)to	f.51v, L.4-5	1
30.	comprim. ^{to}		comprim(en)to	f.32r, L.18	1
31.	Conc. ^m		Conc(eiça)m	f.4v, L.7	1
32.	conhecim. ^{to}		conhecim(en)to	f.7r, L.7	1
33.	constantem. ^e		constantem(ent)e	f.7v, L.12	1
34.	Corr. ^a		Corr(ê)a ¹³	f.2v, L.12; f.35v, L.3; f.43v, L.1	3
35.	Curral. ^o		Curral(inh)o	f.3r, L.3	1
36.	D.		D(onna)	f.15v, L.9; f.25r, L.3; f.28v, L.6; f.34v, L.16; f.45r, L.25	5
37.	d. ^a		d(itt)a	f.11v, L.7 e mais 35 ocorrências	36
38.	desagoam. ^{tos}		desagoam(en)tos	f.44r, L.20	1
39.	d. ^o		d(itt)o	f.8r, L.7 e mais 79 ocorrências	80
40.	d. ^{os}		d(itt)os	f.1r, L.9; f.26v, L.23	2
41.	Dom. ^{os}		Dom(ing)os	f.23v, L.9	1
42.	Es. ^{mos}		Es(celentissi)mos	f.51f, L.12	1
43.	Ex. ^{ma}		Ex(celentissi)ma	f.39r, L.10	1
44.	Ex. ^{mo}		Ex(celentissi)mo	f.1r, L.3; f.1r, L.13; f.7r, L.2; f.8r, L.26; f.11r, L.6	5

Fonte: Elaborado pela autora.

¹³ A opção de desdobramento com <ê> em lugar de <ei> decorre de aquela ser a forma utilizada quando o *scriptor* apresenta o antropônimo por extenso (Cf. f.3v, L.11).

Quadro 8 – Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 3)





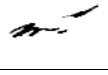
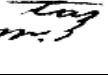
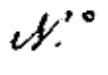
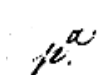
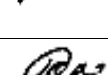
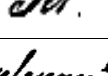
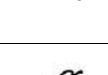

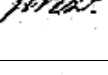
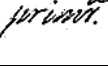
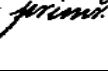

Palavra abreviada		Abreviatura estendida	Localização	Qtde.	
45.	Ferr. ^a		Ferr(eir)a	f.5v, L.10; f.6r, L.16	2
46.	Figr. ^a		Fig(uei)ra	f.5v, L.7	1
47.	Fran. ^{co}		Fran(cis)co	f.6r, L.9; f.25v, L.13, f.27r, L.9; f.29r, L.6; f.30v, L.27; f.34v, L.7; f.38r, L.6; f.41v, L.20; f.42r, L.9; f.43v, L.6; f.44v, L.12; f.45v, L.9	12
48.	freg. ^a		freg(uezi)a ¹⁴	f.45v, L.19	1
49.	Guim ^{es}		Guim(ara)es ¹⁵	f.5r, L.13; f.34r, L.4; f.36v, L.1; f.37r, L.7; f.42v, L.5	5
50.	Guim. ^s		Guim(arae)s	f.4r, L.8; f.5r, L.9; f.32v, L.24; f.35r, L.7	4
51.	Hedr. ^{os}		Herd(ei)ros	f.3v, L.3	1
52.	Ill. ^{mo}		Ill(ustrissi)mo	f.1r, L.3; f.7r, L.2; f.11r, L.6; f.22r, L.5	4
53.	Ingazr. ^a		Ingaz(ei)ra	f.3r, L.3	1
54.	Ir. ^a		Ir(m)a	f.28v, L.6	1
55.	Joaq. ^m		Joaq(ui)m	f.17r, L.27; f.43r, L.9	2
56.	Juazr. ^o		Juaz(ei)ro	f.28v, L.17	1
57.	L. ^o		L(ivr)o	f.7r, L.21 e mais 33 ocorrências	34
58.	l. ^o		l(ivr)o	f.22v, L.4 e mais 59 ocorrências	60
59.	ladr. ^a		lad(ei)ra	f.29r, L.23	1
60.	Livram ^{to}		Livram(en)to	f.4v, L.2; f.13v, L.2	2

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁴ A opção de desdobramento com <z> em lugar de <s> tem por base a analogia com a lexia *caza* (f.1r, L.3).

¹⁵ A opção de desdobramento sem o sinal de nasalização decorre de ser essa a forma utilizada quando o *scriptor* apresenta o antropônimo por extenso (Cf. f. 2r, L.15).

Quadro 9 – Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 4)


















Palavra abreviada		Abreviatura estendida	Localização	Qtde.	
61.	M. ^a		M(ari)a	f.4v, L.7	1
62.	M. ^{el}		M(ano)el ¹⁶	f.4v, L.7	1
63.	Mag. ^e		Mag(estad)e	f.7r, L.6	1
64.	Mor. ^a		Mo(rei)ra	f.4v, L.6; f.5r, L.5	2
65.	m. ^s		m(a)s	f.51v, L.8	1
66.	m. ^{tas}		m(ui)tas	f.51v, L.7	1
67.	N. ^o		N(umer)o ¹⁷	f.46r, L.12; f.46v, L.10	2
68.	p. ^a		p(ar)a	f.7v, L.25; f.22r, L.18; f.27r, L.16; f.27v, L.22; f.36r, L.12; f.37v, L.4; f.39v, L.14; f.45r, L.4; f.46r, L.27	9
69.	Per. ^a		Per(eir)a	f.6r, L.18; f.17r, L.27	2
70.	plenam. ^e		plenam(ent)e	f.7r, L.3	1
71.	p. ^r		p(o)r	f.1r, L.13 e mais 27 ocorrências	28
72.	prez. ^e		prez(ent)e	f.35v, L.3; f.36v, L.2	2
73.	primr. ^a		prim(ei)ra	f.41v, L.6	1
74.	primr. ^o		prim(ei)ro	f.8r, L.2; f.11r, L.8	2
75.	Proc. ^{or}		Proc(urad)or	f.5r, L.5; f.7, L.20; f.17r, L.27	3
76.	p. ^{te}		p(ar)te	f.33r, L.25; f.46r, L.25; f.46r, L.27	3

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁶ A opção de desdobramento com <o> em lugar de <u> decorre de aquela ser a forma utilizada quando o *scriptor* apresenta o antropônimo por extenso (Cf. f.2r, L.4).

¹⁷ Optou-se por não acentuar a lexia seguindo o padrão do *scriptor* de não usar acentos em palavras proparoxítonas.

Quadro 10 – Abreviaturas por letra sobreposta: imagem e localização (Parte 5)

Palavra abreviada		Abreviatura estendida	Localização	Qtde.	
77.	q. ^l		q(ua)l	f.22v, L.8	1
78.	q. ^r		q(ue)r	f.7r, L.26	1
79.	qr. ^{to}		q(ua)rto	f.28r, L.12	1
80.	Ra. ^o		R(i)a(ch)o	f.5v, L.5	1
81.	Rendr. ^o		Rend(ei)ro	f.17r, L.27	1
82.	Ribr. ^o		Rib(ei)ro	f.5v, L.13	1
83.	R. ^o		R(i)o	f.25r, L.6; f.38r, L.8	2
84.	r. ^s		r(ei)s	f.22r, L.8	1
85.	S. ^a		S(ilv)a	f.4r, L.9; f.5v, L.8; f.6r, L.12, 16; f.25r, L.6; f.36v, L.4; f.39v, L.13; f.43v, L.7; f.44v, L.23; f.51v, L.11	10
86.	Sr. ^a		S(enho)ra	f.13v, L.2	1
87.	Sarg. ^{to}		Sarg(en)to	f.41v, L.8	1
88.	seg. ^e		seg(uint)e	f.7r, L.19	1
89.	seguim. ^{to}		seguim(en)to	f.19v, L.11; f.27v, L.4; f.36r, L.8; f.40v, L.14	4
90.	Seqr. ^a		Seq(uei)ra	f.2v, L.6; f.6r, L.1; f.23r, L.23; f.26v, L.10; f.27r, L.21; f.27v, L.18; f.28v, L.2; f.41r, L.9; f.41v, L.16	9
91.	Sz. ^a		S(ou)za	f.2v, L.14	1
92.	Teixr. ^a		Teix(ei)ra	f.4r, L.10	1
93.	X. ^{er}		X(avi)er	f.2r, L.9; f.34v, L.18; f.36r, L.14; f.43v, L.6	4

TOTAL 433

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 11 – Abreviaturas por suspensão: imagem e localização

Palavra abreviada		Abreviatura estendida	Localização	Qtde.	
94.	Fran.		Fran(cisco)	f.1r, L.16; f.49v, L.4	2
95.	M.		M(or)	f.17r, L.27; f.45v, L.20	2
96.	N		N(umero)	f.11r, L.9	1
97.	N.		N(ossa)	f.4v, L.2; f.13v, L.2; f.38r, L.20,23	4
98.	q'		q(ue)	f.7r, L.15,21,31 e mais 44 ocorrências	47
99.	S.		S(anta)	f.2r, L.5 e mais 34 ocorrências	35
100.	S.		S(anto)	f.2r, L.3,4,15; f.17v, L.24; f.18r, L.13,19; f.18v, L.3; f.21v, L.11,15,24; f.36r, L.24	11
101.	S.		S(aõ)	f.2v, L.14 e mais 50 ocorrências	51
102.	S.		S(enhora)	f.4v, L.2; f.38r, L.20,24	3
103.	S.		S(ua)	f.7r, L.6	1
104.	S.		S(argento)	f.17r, L.27; f.45v, L.20	2
105.	V		V(erso)	f.11r, L.12 e mais 49 ocorrências	50

TOTAL 209
TOTAL GERAL 811

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 12 – Abreviaturas das anotações marginais: localização e classificação (Parte 1)¹⁸

Palavra abreviada	Abreviatura estendida	Localização	Classificação
1. Adm. ^{am}	Adm(inistraç)am	f.13r; f.44v	Por letra sobreposta
2. Alf. ^{es}	Alf(er)es	f.38v	Por letra sobreposta
3. arrendam. ^{to}	arrendam(en)to	f. 22v; f.24r; f.25v; f.30v; f.31r; f.42v	Por letra sobreposta
4. Bz. ^a	B(arbo)za	f.26r	Por letra sobreposta
5. Cap. ^m	Cap(ita)m	f.11r; f.12v; f.25r	Por letra sobreposta
6. Capp. ^{mor}	Capp(itam)-mor	f.28v	Por letra sobreposta
7. Escrip.	Escrip(tura)	f.25r; f.25v; f.26v	Por suspensão
8. Ferr. ^a	Ferr(eir)a	f.19r	Por letra sobreposta
9. Fran. ^{co}	Fran(cis)co	f.27r	Por letra sobreposta
10. Frz. [']	F(e)r(nande)s	f.23r	Por contração
11. fs	f(olha)s	f.11r; f.11v; f.12r; f.12v; f.13r; f.14v; f.19v; f.21v; f.22v; f.23r; f.23v; f.24r; f.24v; f.25r; f.25v; f.26v; f.27r; f.27v; f.28r; f.28v; f.29v; f.30r; f.30v; f.31v; f. 32v; f.35r; f.35v; f.38v; f.39v; f.40r; f.41v; f.42r	Por contração
12. Glz. [']	G(onça)l(ve)s	f.11r; f.12v; f.21v; f.22v; f.23r; f.23v; f.25v	Por contração
13. Joaq. ^m	Joaq(ui)m	f.11r; f.12v; f.26r; f.26v; f.40r	Por letra sobreposta
14. L. ^o	L(ivr)o	f.11r; f.11v; f.12v; f.13r; f.19v; f.21v; f.22v; f.23r; f.23v; f.24r; f.24v; f.25v; f.26r; f.27r; f.27v; f.29r; f.29v; f.30r; f.30v; f.31r; f.31v; f.32v; f.33r; f.35r; f.35v; f.39v; f.42r; f.42v; f.44v	Por letra sobreposta
15. M.	M(anoel)	f.40r	Por suspensão
16. m. ^{mo}	m(es)mo	f.28r; f.29r; f.31v	Por letra sobreposta
17. N. ^o	N(umer)o	f.11r; f.11v; f.12r; f.13r; f.14v; f.19r; f.19v; f.21v; f.22v; f.23r; f.23v; f.24r; f.24v; f.25v; f.27r; f.28v; f.29r; f.29v; f.32v; f.32v; f.33r; f.35r; f.35v; f.38v; f.39v; f.40r; f.41v; f.42r	Por letra sobreposta
18. n. ^o	n(umer)o	f.24r; f.25r; f.25v; f.26r; f.26v; f.28r; f.30r; f.30v; 31r; f.42v; f.30r; f.30v; f.31r; f.31v; f.42v	Por letra sobreposta

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁸ A pouca legibilidade das anotações marginais dificultou a apresentação da imagem de cada forma abreviada.

Quadro 13 – Abreviaturas das anotações marginais: localização e classificação (Parte 2)

Palavra abreviada	Abreviatura estendida	Localização	Classificação	
19.	p. ^{ar}	p(articul)ar	f.25v	Por letra sobreposta
20.	p. ^{la}	p(el)la	f.24r; f.27r; f.42r; f.44v	Por letra sobreposta
21.	p. ^{te}	p(ar)te	f.23r	Por letra sobreposta
22.	q. ^{ta}	q(uan)t(i)a	f.11r; f.12r; f.13r; f.19r; f.19v; f.23v; f.24r; f.26v; f.27r; f.32v; f.33r; f.35r; f.35v; f.38v; f.39v; f.40r; f.41v; f.42r; f.44v	Por letra sobreposta
23.	Qua. ^{ma}	Qua(res)ma	f.11r	Por letra sobreposta
24.	Ribr. ^o	Rib(ei)ro	f.27r; f.30v	Por letra sobreposta
25.	rs	r(ei)s	f.11r; f.11v; f.12v; f.13r; f.13r; f.14v; f.19r; f.19v; f.23v; f. 24r; 24v; f.26v; f.27r; f.28r; f.28v; f.32v; f.33r; f.35r; f.35v; f.38v; f.41v; f.42r	Por contração
26.	S	S(aõ)	f.11r; f.11v; f.12r; f.14v; f.15r	Por suspensão
27.	S.	S(anta)	f.26v	Por suspensão
28.	S. ^a	S(ilv)a	f.12v; f.13r; f.19r; f.24v; f.30r	Por letra sobreposta
29.	Ser	Ser(queira)	f.32v	Por suspensão
30.	Serqr. ^a	Serq(uei)ra	f.27r	Por letra sobreposta
31.	Sirqr. ^a	Sirq(uei)ra	f.25v	Por letra sobreposta
32.	S. ^o	S(ant)o	f.31v	Por letra sobreposta
33.	Sz. ^a	S(ou)za	f.26r	Por letra sobreposta
34.	Teix. ^{ra}	Teix(ei)ra	f.41v	Por letra sobreposta
35.	V	V(erso)	f.11r; f.19v; f.22v; f.23r; f.23v; f.24v; f.25v; f.27r; f.27v; f.28r; f.28v; f.30r; f.30v; f.31v; f.38v; f.39v; f.40r	Por suspensão
36.	1. ^o	(primeir)o	f.25r	Alfanumérica
37.	4. ^a	(quart)a	f.19r	Alfanumérica
38.	8bro	(outu)bro	f.25r	Alfanumérica

Fonte: Elaborado pela autora.

Merece destaque, no Quadro 11, o caráter polissêmico da forma abreviada <S.>, cujo sentido só pode ser definido pela análise do contexto, como pode ser observado no Quadro 14 a seguir.

Quadro 14 – Correspondências da forma abreviada <S.>

Formas abreviadas	Abreviatura estendida	Localização
	S(anto) Ant(oni)o	f.2r, L.4
	S(anta) Anna	f.2r, L.5
	S(aõ) Bartolomeo	f.2v, L.14
	S(ua) Mag(estad)e	f.7r, L.6
	N(ossa) S(enhora) do Livram(en)to	f.4v, L.2
	S(argento) M(or) Joaquim Pereira ¹⁹	f.45v, L.20-21

Fonte: Elaborado pela autora.

Outro aspecto que chama a atenção é a presença de abreviaturas diferentes com o mesmo significado, em um processo sinonímico, como mostram os exemplos do Quadro 15.

Quadro 15 – Diferentes formas abreviadas para um mesmo significado

Formas abreviadas	Abreviatura estendida	Localização
	Antonio F(e)r(nande)s Guim(arae)s	f.5r, L.9
	Florencio F(e)r(nande)s Guim(ara)es	f.5r, L.13
	Pedro Fran(cisco) deCastro	f.49v, L.4
	Antonio Fran(cis)co Ribas	f.27r, L.9
	N(ossa) S(enhora) do Livram(en)to	f.4v, L.2
	N(ossa) S(enho)ra do Livram(en)to	f.13v, L.2

Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.5 Caracteres caligráficos e a(s) mão(s) que escreve(m) o texto

Além das marcas de leitura oferecidas pelo uso das letras maiúsculas e minúsculas, especialmente na identificação de antropônimos e topônimos, merecem destaque o número considerável de numerais presentes no documento (como se vê na Fig. 30), em função de sua

¹⁹ Cf. na Seção 5, pág. 232, a referência ao sargento-mor Joaquim Pereira de Castro, responsável pela venda do sítio Bonito em 1808.

tipologia e propósito. Nas folhas 2r-6r, a estrutura utilizada apresenta, em colunas, os números de ordem dos sítios (1ª coluna), conforme o número de tombamento extraído do Livro Geral dos Registros, e o valor de cada um (4ª coluna), além dos nomes dos sítios (2ª coluna) e seus proprietários ou arrendatários (3ª coluna), em que se observa o uso de caracteres maiúsculos.

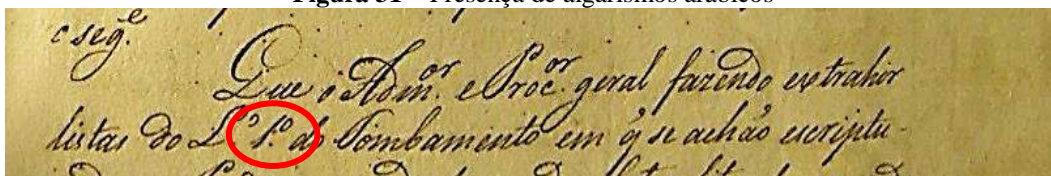
Figura 30 – Uso de números e caracteres maiúsculos na f. 5v

11. Rio red. Toáo	Antonio de Freitas de Taria	..	60\$000..
47. Rio verde	Juliao Gomes Pereira	..	20\$000..
68. Riacho secco	Antonio de Almeida Portugal	..	24\$000..
75. Rio abaixo	Antonio Ferrreira de Souza	..	120\$000..

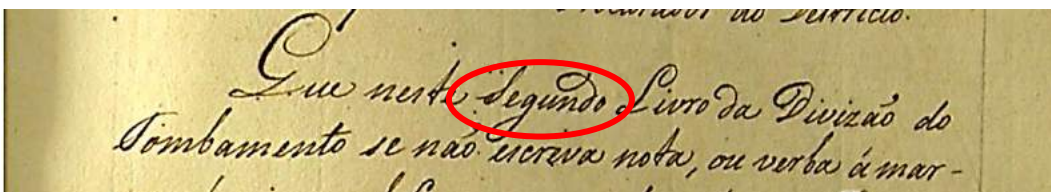
Fonte: SEABRA, 2008.

A ocorrência de numerais cardinais e ordinais, abreviados ou não, tanto em forma de algarismos arábicos quanto por extenso, se mantém ao longo de todo o documento, como pode ser confirmado nos destaques apresentados a seguir (cf. Fig. 31).

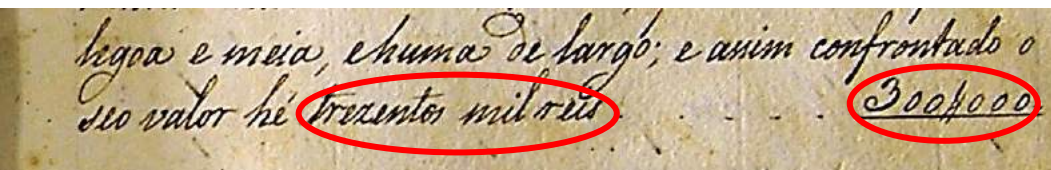
Figura 31 – Presença de algarismos arábicos



Que o Adm(inistrad)or e Proc(urad)or geral fazendo extrahir listas do L(ivro) (primeir)o do Tombamento em q(ue) se achão escriptu- (f.7r, L.20-21)



Que neste Segundo livro da Divizaõ do Tombamento se não escreva nota, ou verba á mar- (f.8r; L.8-9)

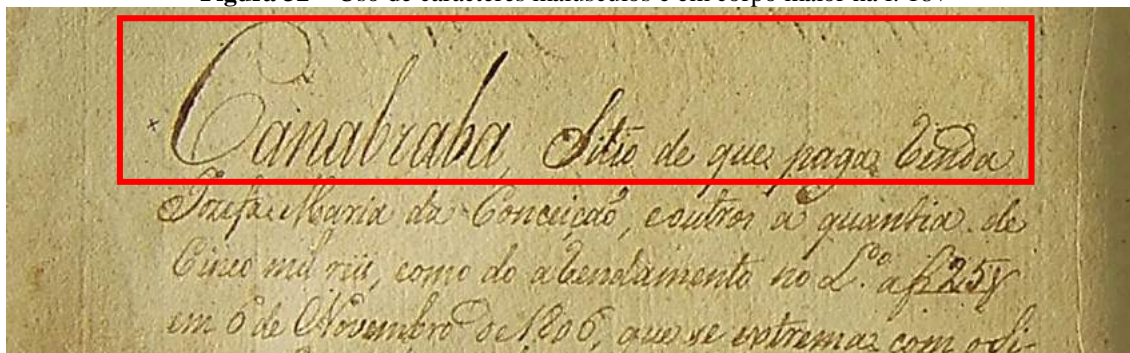


legoa e meia, e huma de largo; e assim confrontado o seu valor hé trezentos mil reis 300\$000 (f.13r, L.12-13)

Fonte: Edição semidiplomática do Livro de Tombo da Casa da Ponte

Em relação aos caracteres maiúsculos, no entanto, observa-se que não há uma uniformidade no seu uso ao longo do documento. Usadas em geral no início de frases, em nomes próprios e dos meses, além dos títulos e cargos civis ou militares, também existem ocorrências de caracteres maiúsculos em nomes comuns e no meio das palavras, como mostrado a seguir (cf. Fig. 32)

Figura 32 – Uso de caracteres maiúsculos e em corpo maior na f. 18v

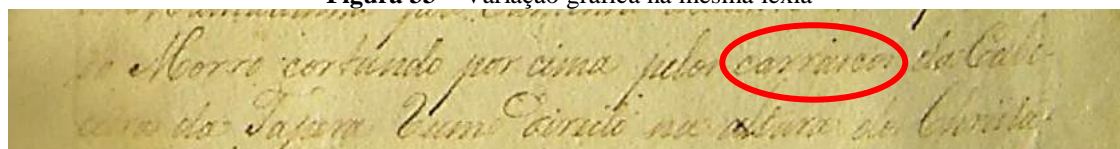


Canabraba, Sitio de que paga Renda
 Jozefa Maria da Conceição, e outros a quantia de
 Cinco mil reis, como do aRendimento no L(ivr)o af(olha)s25V(erso)
 em 6 de Novembro de 1806, que se extrema com oSi- (f.18v, L.8-11)

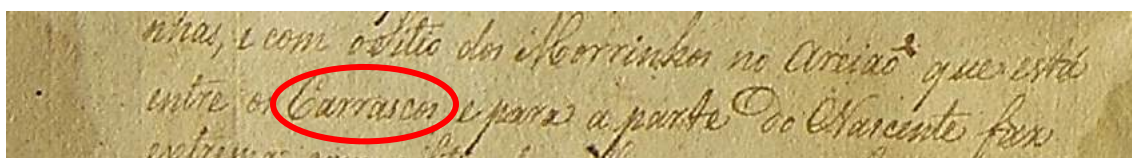
Fonte: Edição semidiplomática do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*

Na verdade, observa-se uma oscilação no uso de caracteres maiúsculos e minúsculos, algumas vezes na mesma lexia e em contextos semelhantes, como se pode comprovar na forma como a lexia *carrasco* foi grafada nos exemplos seguintes (cf. Fig. 33):

Figura 33 – Variação gráfica na mesma lexia



do Morro cortando por cima pela *carrasco* da Cabe-
 ceira da Tapera Rumo direito na altura dos Christa- (f. 40r, L. 18-19)

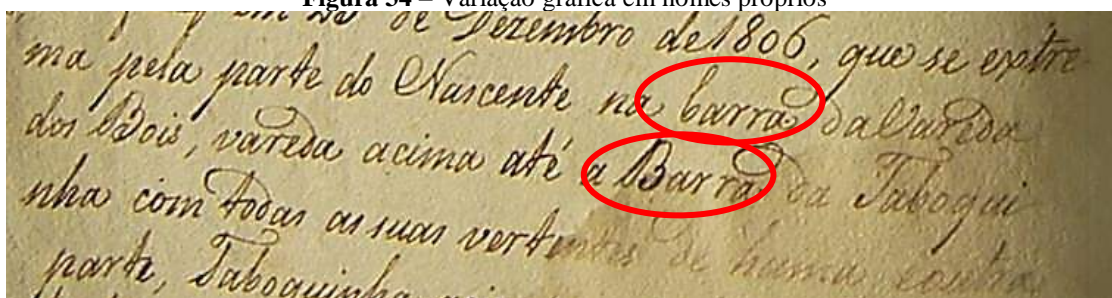


nhas, e com oSitio dos Morrinhos no areiaõ que está
 entre os *Carrascos*, e para a parte do Nascente faz (f. 18v, L. 14-15)

Fonte: Edição semidiplomática do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*

Ressalta-se ainda que a ausência de uma sistematização no uso dos caracteres maiúsculos configurou-se como um obstáculo à identificação dos signos onomásticos, objeto de estudo deste trabalho. Entende-se, nessa perspectiva, que a transformação de signos comuns de língua em signos onomásticos, alçando-os à categoria de nomes próprios, pode ter interferido no reconhecimento de topônimos quando estes não foram grafados com letras maiúsculas, como pode ser observado com a lexia *barra* na f.14v, L.16-17 (cf. Fig. 34):

Figura 34 – Variação gráfica em nomes próprios



ma pela parte do Nascente na barra daVareda dos Bois, vareda acima até a Barra da Taboquinha com todas as suas vertentes de huma eoutra (f.14v, L. 16-18)

Fonte: Edição semidiplomática do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*

Outro aspecto referente aos caracteres gráficos observado no documento refere-se ao número considerável de consoantes geminadas, além de <rr> e <ss>. No Quadro 16, a seguir, apresentam-se exemplos dessa presença, que representa a tendência etimologizante da *scripta* oitocentista de aproximar a grafia das palavras de sua origem grega ou latina.

Quadro 16 – Grafemas geminados

Grafemas geminados		Ocorrência	Localização
Cc	<i>cc</i>	<i>secca</i> ‘secca’	f.14r, L.1
Ff	<i>ff</i>	<i>differente</i> ‘diferente’	f.7v, L.25
Ll	<i>ll</i>	<i>nelles</i> ‘nelles’	f.7r, L.10
Mm	<i>mm</i>	<i>Summa</i> ‘Summa’	f.8r, L.24
Nn	<i>nn</i>	<i>anno.</i> ‘anno’	f.7v, L.2
Pp	<i>pp</i>	<i>appellidou</i> ‘appellidou’	f.7v, L.10
Tt	<i>tt</i>	<i>ipermitta</i> ‘permitta’	f.7v, L.19

Fonte: Elaborado pela autora.

A uniformidade dos caracteres grafemáticos do manuscrito, bem como a pequena incidência de falhas ou borrões, ressalta a habilidade de escrita de Pedro Francisco de Castro, que assina o documento em três folhas, condizente com a sua função como procurador e administrador geral dos bens e dependências do Conde da Casa da Ponte.

No entanto, a existência de variações livres no traçado de alguns grafemas sem que se possa identificar uma combinação para o uso de determinada variante, evidencia, primeiramente, a falta de normas ortográficas precisas no período de produção do documento, fato que perdurou até o século XX, mesmo com a publicação de gramáticas, cartilhas e tratados de ortografia a partir do século XVI, quando a língua se cristaliza, chegando às características do português atual (TEYSSIER, 2004 [1997]). Tem-se assim, no manuscrito oitocentista, evidências tanto da tendência inicial de o *scriptor* representar os grafemas considerando a sua identidade sonora, quanto aquela surgida a partir do século XVI, com os estudos humanísticos, exemplificada no Quadro 16.

Por outro lado, as variações livres no traçado dos grafemas do texto também evidenciam a provável existência de mais de um *scriptor*, além de Pedro Francisco de Castro. O tombamento posterior à produção do sítio 105 na f.46v²⁰, que não consta da relação inicial, e a anotação existente na f.51v, após o termo de encerramento, reforçam essa possibilidade e apontam para a existência de pelo menos mais dois *scriptores* no documento.

Nessa perspectiva, procedeu-se à análise dos caracteres caligráficos que comprovam a existência de pelo menos mais duas *scriptae* diferentes, além daquela assinada por Pedro Francisco de Castro. Para tanto, destacam-se, nos quadros escriptográficos a seguir (Quadros 17 a 22), as formas grafemáticas maiúsculas e minúsculas (em posição inicial, medial e final) das três *scriptae* assim discriminadas: *Scripta* 1 (f.1r a 46r; 49v), *Scripta* 2 (f.46v, sítio 105, que não consta na relação inicial) e *Scripta* 3 (f.51v, inserida após o termo de encerramento).

²⁰ Destaca-se que, além do sítio 105, o sítio 104 também possui data de tombamento posterior à produção do documento (24 de maio de 1820). No entanto, a opção por limitar a análise da *Scripta* 2 ao sítio 105 deve-se ao fato do sítio 104 constar na relação inicial (cf. f.2v, L.14).


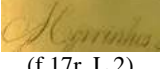


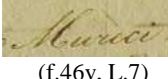





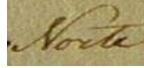

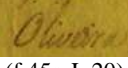




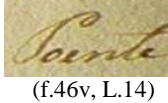

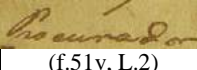




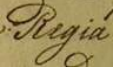
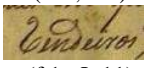

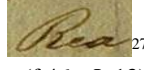



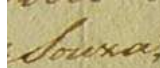

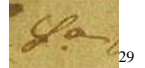

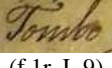

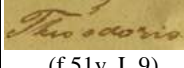

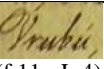

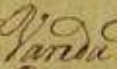

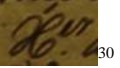
Quadro 17 – Grafemas maiúsculos das *Scriptae* 1, 2 e 3 (Parte 1)

grafema	Scripta 1 (f. 1r a 46r; 49v)		Scripta 2 (f. 46v)		Scripta 3 (f. 51v)	
	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto
A		 (f.1r, L.1)		 (f.46v, L.8)		 (f.51v, L.10) ²¹
B	 	 (f.14v, L.12) (f.1r, L.14)		 (f.46v, L.2)		 (f.51v, L.2)
C	 	 (f.1r, L.3) (f.4r, L.10)			 	 (f.51v, L.2) (f.51v, L.10)
D		 (f.3v, L.6)				
E	 	 (f.1r, L.13) ²² (f.3v, L.6)				 (f.51v, L.2)
F		 (f.2r, L.15)		 (f.46v, L.12)		
G		 (f.24r, L.13)				
H		 (f.3v, L.3) ²³				
I		 (f.11r, L.11)				
J		 (f.12r, L.2)		 (f.46v, L.12)		
L	 	 (f.1r, L.4) (f.49v, L.1)		 (f.46v, L.10) ²⁴		 (f.51v, L.14)

Fonte: Elaborado pela autora.

²¹ Proveniente da abreviação de ‘Aranha’.²² Proveniente da abreviação de ‘Excelentíssimo’.²³ Proveniente da abreviação de ‘Herdeiros’.²⁴ Proveniente da abreviação de ‘Livro’.













































Quadro 18 – Grafemas maiúsculos das *Scriptae* 1, 2 e 3 (Parte 2)

grafema	Scripta 1 (f. 1r a 46r; 49v)		Scripta 2 (f. 46v)		Scripta 3 (f. 51v)	
	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto
M		 (f.17r, L.2)  (f.1r, L.6)		 (f.46v, L.7)		 ²⁵ (f.51v, L.6)
N		 ²⁶ (f.13v, L.2)		 (f.46v, L.14)		
O		 (f.45r, L.20)				
P		 (f.11r, L.10)  (f.1r, L.4)		 (f.46v, L.14)		 (f.51v, L.2)
Q		 (f.7r, L.20)				
R		 (f.14r, L.12)  (f.7r, L.5)  (f.1r, L.11)		 ²⁷ (f.46v, L.13)		
S		 ²⁸ (f.23r, L.2)		 (f.46v, L.8)		 ²⁹ (f.51v, L.11)
T		 (f.1r, L.9)				 (f.51v, L.9)
U		 (f.11r, L.4)				
V		 (f.6r, L.5)				
X		 ³⁰ (f.2r, L.9)				

Fonte: Elaborado pela autora.


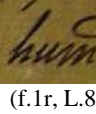

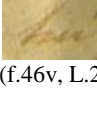

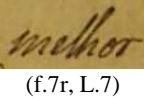

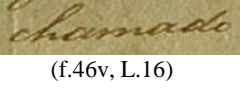

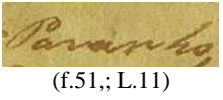

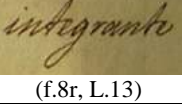

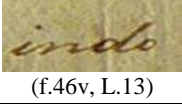

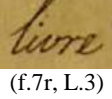

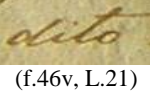

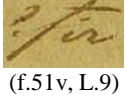



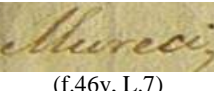

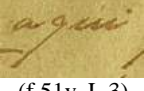

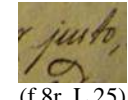



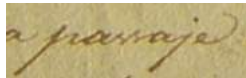

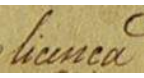

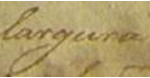

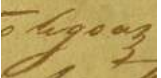





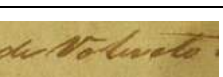

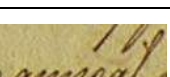







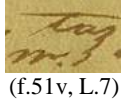

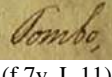

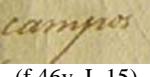







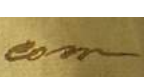
²⁵ Proveniente da partição silábica de ‘Marcaçõens’.²⁶ Proveniente da abreviação de ‘Nossa’.²⁷ Proveniente da partição silábica de ‘Reacho’.²⁸ Proveniente da abreviação de ‘Santa’.²⁹ Proveniente da abreviação de ‘Silva’.³⁰ Proveniente da abreviação de ‘Xavier’.

Quadro 19 – Grafemas minúsculos, em posição inicial, medial e final das *Scriptae* 1, 2 e 3 (Parte 1)

grafema	Scriptor 1 (f. 1r a 46r; 49v)		Scriptor 2 (f. 46v)		Scriptor 3 (f. 51v)	
	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto
a	Inicial	 <i>assim</i> (f.1r, L.13)	 <i>aparte</i> (f.46v, L.21)	 <i>aquele</i> (f.51v, L.3)		
	Medial	 <i>valor</i> (f.1r, L.8)	 <i>Marco</i> (f.46v, L.11)	 <i>Casa</i> (f.51v, L.10)		
	Final	 <i>Duhia</i> (f.1r, L.14)	 <i>achua</i> (f.46v, L.17)	 <i>Carra</i> (f.51v, L.2)		
b	Inicial	 <i>bons</i> (f.1r, L.2)	 <i>buscando</i> (f.46v, L.16)	 <i>biço</i> (f.51v, L.13)		
	Medial	 <i>Tombo</i> (f.1r, L.9)	 <i>abaixo</i> (f.46v, L.14)	 <i>ambos</i> (f.51v, L.5)		
c	Inicial	 <i>causa</i> (f.7r, L.8)	 <i>costando</i> (f.46v, L.14)	 <i>como</i> (f.51v, L.7)		
	Medial	 <i>à cerca</i> (f.7r, L.9)	 <i>Murciz</i> (f.46v, L.7)	 <i>ficar</i> (f.51v, L.8)		
d	Inicial	 <i>Doi</i> (f.7r, L.23)	 <i>dito</i> (f.46v, L.20)	 <i>dista</i> (f.51v, L.7)		
	Medial	 <i>vender</i> (f.7r, L.9)	 <i>buscando</i> (f.46v, L.16)	 <i>vender</i> (f.51v, L.13)		
e	Inicial	 <i>lista</i> (f.7r, L.7)	 <i>extrema</i> (f.46v, L.19)	 <i>utava's</i> (f.51v, L.13)		
	Medial	 <i>à cerca</i> (f.7r, L.9)	 <i>venda</i> (f.46v, L.8)	 <i>vender</i> (f.51v, L.13)		
	Final	 <i>luz</i> (f.7r, L.3)	 <i>panaja</i> (f.46v, L.24)	 <i>de</i> (f.51v, L.3)		
f	Inicial	 <i>finalmente</i> (f.7r, L.18)	 <i>foaldando</i> (f.46v, L.15)	 <i>far</i> (f.51v, L.15)		
	Medial	 <i>deprido</i> (f.7r, L.10)				
g	Inicial	 <i>geral</i> (f.8r, L.20)				
	Medial	 <i>regular</i> (f.7r, L.7)	 <i>George</i> (f.46v, L.12)	 <i>algo</i> (f.51v, L.3)		


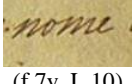



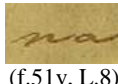

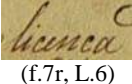

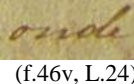

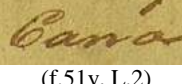

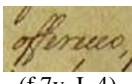

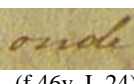



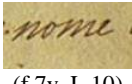

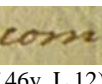

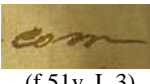

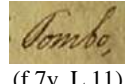

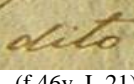



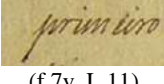

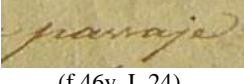

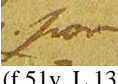



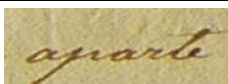

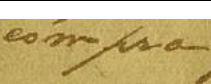

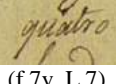

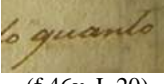

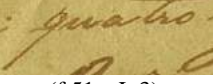

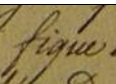

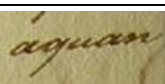

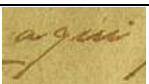

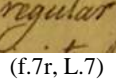

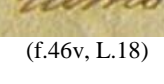

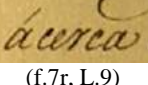

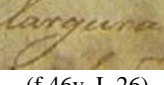

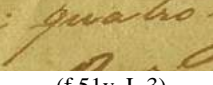


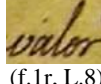


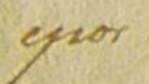


Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 20 – Grafemas minúsculos, em posição inicial, medial e final das *Scriptae* 1, 2 e 3 (Parte 2)

grafema		Scriptor 1 (f. 1r a 46r; 49v)		Scriptor 2 (f. 46v)		Scriptor 3 (f. 51v)	
		Imagem	Contexto	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto
h	Inicial		 (f.1r, L.8)		 (f.46v, L.25)		
	Medial		 (f.7r, L.7)		 (f.46v, L.16)		 (f.51v, L.11)
i	Inicial		 (f.8r, L.13)		 (f.46v, L.13)		
	Medial		 (f.7r, L.3)		 (f.46v, L.21)		 (f.51v, L.9)
	Final		 (f.1r, L.12)		 (f.46v, L.7)		 (f.51v, L.3)
j	Inicial		 (f.8r, L.25)				
	Medial		 (f.8r, L.10)		 (f.46v, L.13)		
l	Inicial		 (f.7r, L.6)		 (f.46v, L.26)		 (f.51v, L.3)
	Medial		 (f.7v, L.7)		 (f.46v, L.15)		 (f.51v, L.5)
	Final		 (f.7v, L.6)		 (f.46v, L.9)		
m	Inicial		 (f.7v, L.2)		 (f.46v, L.9)		 (f.51v, L.7)
	Medial		 (f.7v, L.11)		 (f.46v, L.15)		 (f.51v, L.5)
	Final		 (f.7v, L.10)		 (f.46v, L.12)		 (f.51v, L.3)

Fonte: Elaborado pela autora.


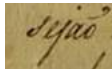







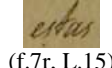

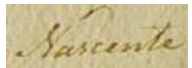


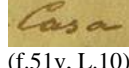

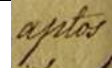

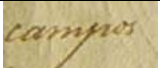



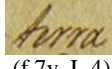

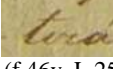



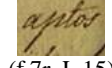

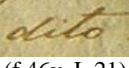

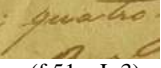

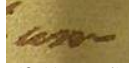

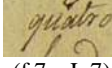

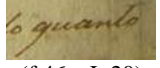

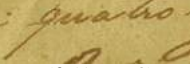

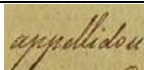



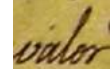

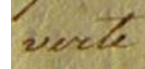

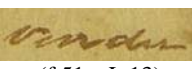

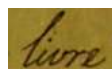



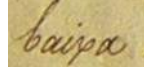

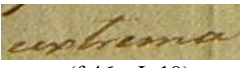



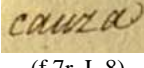

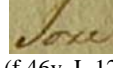

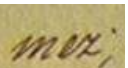



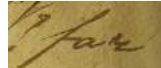
Quadro 21 – Grafemas minúsculos, em posição inicial, medial e final das *Scriptae* 1, 2 e 3 (Parte 3)

grafema		<i>Scriptor 1</i> (f. 1r a 46r; 49v)		<i>Scriptor 2</i> (f. 46v)		<i>Scriptor 3</i> (f. 51v)	
		Imagem	Contexto	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto
n	Inicial		 (f.7v, L.10)		 (f.46v, L.13)		 (f.51v, L.8)
	Medial		 (f.7r, L.6)		 (f.46v, L.24)		 (f.51v, L.2)
o	Inicial		 (f.7v, L.4)		 (f.46v, L.24)		 (f.51v, L.12)
	Medial		 (f.7v, L.10)		 (f.46v, L.12)		 (f.51v, L.3)
	Final		 (f.7v, L.11)		 (f.46v, L.21)		 (f.51v, L.7)
p	Inicial		 (f.7v, L.11)		 (f.46v, L.24)		 (f.51v, L.13)
	Medial		 (f.7v, L.10)		 (f.46v, L.21)		 (f.51v, L.9)
q	Inicial		 (f.7v, L.7)		 (f.46v, L.20)		 (f.51v, L.3)
	Medial		 (f.8r, L.21)		 (f.46v, L.8) ³¹		 (f.51v, L.3)
r	Inicial		 (f.7r, L.7)		 (f.46v, L.18)		
	Medial		 (f.7r, L.9)		 (f.46v, L.26)		 (f.51v, L.3)
	Final	 	 (f.1r, L.8)  (f.1r, L.1)		 (f.46v, L.17)		 (f.51v, L.13)

Fonte: Elaborado pela autora.

³¹ Proveniente da partição silábica de 'quantia' e da ligadura dessa lexia com o <a>.

Quadro 22 – Grafemas minúsculos, em posição inicial, medial e final das *Scriptae* 1, 2 e 3 (Parte 4)

grafema		<i>Scriptor 1</i> (f. 1r a 46r; 49v)		<i>Scriptor 2</i> (f. 46v)		<i>Scriptor 3</i> (f. 51v)	
		Imagem	Contexto	Imagem	Contexto	Imagem	Contexto
s	Inicial		 (f.7r, L.17)		 (f.46v, L.27)		 (f.51v, L.5)
	Medial	 	 (f.14v, L.9)  (f.7r, L.15)		 (f.46v, L.22)		 (f.51v, L.7)  (f.51v, L.10)
	Final		 (f.7r, L.15)		 (f.46v, L.15)		 (f.51v, L.8)
t	Inicial		 (f.7v, L.4)		 (f.46v, L.25)		 (f.51v, L.8)
	Medial		 (f.7r, L.15)		 (f.46v, L.21)		 (f.51v, L.3)
u	Inicial						 (f.51v, L.4)
	Medial		 (f.7v, L.7)		 (f.46v, L.20)		 (f.51v, L.3)
	Final		 (f.7v, L.10)		 (f.46v, L.27)		
v	Inicial		 (f.1r, L.8)		 (f.46v, L.19)		 (f.51v, L.13)
	Medial		 (f.7r, L.3)				 (f.51v, L.13)
x	Medial		 (f.7v, L.17)		 (f.46v, L.19)		 (f.51v, L.13)
z	Medial		 (f.7r, L.8)		 (f.46v, L.12)		
	Final		 (f.7v, L.2)		 (f.46v, L.8) ³²		 (f.51v, L.15)





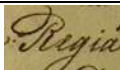
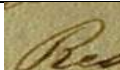
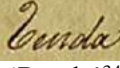
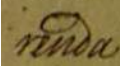
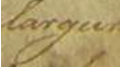

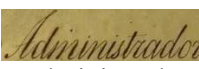

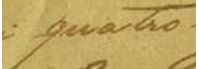
Fonte: Elaborado pela autora.

³² Proveniente da abreviação de 'Rodrigues'.

A análise dos Quadros 17 a 22 apresenta aspectos que merecem destaque. Uma primeira observação recai sobre o mesmo traçado utilizado para grafar o <I> e o <J> maiúsculos, como em *Mha* e *Tanna* (f.4r, L.3), e o <U> e o <V> em *Urubú* (f.11r, L.4) e *Vanda* (f.6r, L.7), enquanto que as minúsculas são traçadas de formas diferentes. Essas letras, convencionalmente conhecidas como ramistas, em função do nome do humanista francês do século XVI, Pierre de la Rameé, não eram diferenciadas pelos escribas latinos (HIGOUNET, 2003 [1997]). E, como pode ser observado, essa prática ainda permanece na *scripta* oitocentista.

Vale destaque também a variação livre no uso de algumas formas grafemáticas, tanto maiúsculas quanto minúsculas. Exemplifica-se com os grafemas <d>, <R> e <r>, cujas formas variantes *d*, *r* e *v* estão presentes nas *scriptae* 1, 2 e 3, enquanto *g* e *z* têm registro apenas na *scripta* 1 (cf. Quadro 23).




Quadro 23 – Variação livre no traçado dos grafemas

Grafemas	Formas variantes	<i>Scripta</i> 1	<i>Scripta</i> 2	<i>Scripta</i> 3
d	<i>d</i>	 'da' (f.7r, L.2)	 'do' (f.46v, L.18)	 'da' (f.51v, L.10)
	<i>g</i>	 'da' (f.7r, L.4)		
R, r	<i>R</i>	 'Regia' (f.7r, L.5)	 'Rea' (f.46v, L.13) ³³	
	<i>z</i>	 'Renda' ³⁴ (f.7v, L.6)		
	<i>r</i>	 'renda' (f.8r, L.15)	 'largura' (f.46v; L.26)	 'por' (f.51v; L.13)
	<i>v</i>	 'Administrador' (f.1r, L.1)	 'rumo' (f.46v; L.18)	 'quatro' (f.51v; L.3)

Fonte: Elaborado pela autora.


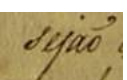







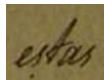

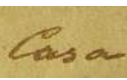

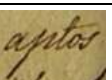

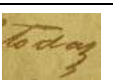
³³ Proveniente da partição silábica de 'Reacho'.

³⁴ Considera-se esse caractere como um grafema maiúsculo com base nas orientações de Battelli (1949 [1936], p. 50), que diferencia maiúsculos e minúsculos considerando a altura e a inserção do grafema entre duas linhas paralelas.

Nos exemplos destacados, observa-se na forma variante , <d>, a herança da escrita uncial que, segundo Acioli (1994, p. 32), introduziu as linhas curvas na escrita latina por volta do século IV, tornando-se o principal estilo usado para os livros manuscritos. A forma variante , <R>, por sua vez, conserva, na escrita cursiva do período colonial brasileiro, uma das formas características da escrita gótica minúscula (o <r> redondo: )

Ainda considerando os grafemas minúsculos, destacam-se as formas variantes do <s> nas *scriptae* 1 e 3, a depender da posição (cf. Quadro 24). A existência de duas variantes para esse grafema em posição medial pode ser explicada pela ocorrência da estrutura de consoantes dobradas <ss> em que, para o primeiro <s>, foi utilizada a forma longa <ʃ>.

Quadro 24 – Variação no traçado do grafema <s> nas *scriptae* 1 e 3

<i>Scripta 1</i>				<i>Scripta 3</i>			
Formas variantes	Ocorrência			Formas variantes	Ocorrência		
	Inicial	Medial	Final		Inicial	Medial	Final
	 'sejaõ' (f.7r, L.17)				 'sem' (f.51v, L.5)		
		 'assim' (f.14v, L.9)				 'assim' (f.51v, L.7)	
		 'estas' (f.7r, L.15)				 'Casa' (f.51v, L.10)	
			 'aptos' (f.7r, L.15)			 'todas' (f.51v, L.8)	

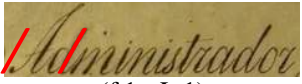
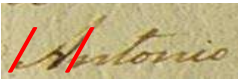



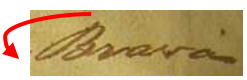
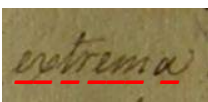
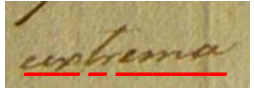
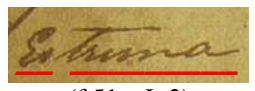
Fonte: Elaborado pela autora.

O fato de o Sítio 105 (*Barra do Mureci*), que não faz parte da relação apresentada nas páginas iniciais (f.2r-6r), ter sido tombado após a data de produção do documento (13 de março de 1820) e da folha 51v ter sido inserida no livro após o termo de encerramento são evidências de que essas *scriptae* não pertencem a Pedro Francisco de Castro, que assina, em três momentos, o *Livro de Tombo da Casa da Ponte*. Essa constatação é reforçada a partir da análise da estrutura

dos grafemas, considerando os elementos da análise paleográfica: morfologia, *ductus*, ângulo, módulo e peso.

No Quadro 25, que compara a forma como os grafemas foram representados nas três *scriptae* identificadas no documento, é possível observar, seguindo a sinalização utilizada por Lose e Santos (2019), as diferenças em relação à inclinação do ângulo da escrita (menos inclinado na representação do grafema <A> na *scripta* 1), ao *ductus* (na *scripta* 1, o traçado do grafema inicia-se na base enquanto nas outras inicia-se no alto) e ao nível de cursividade da escrita, ou seja, a existência de nexos entre os grafemas.

Quadro 25 – Comparação da estrutura dos grafemas nas *scriptae* 1, 2 e 3

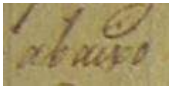
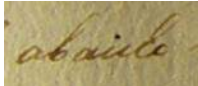

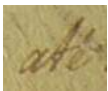
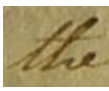
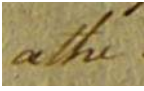
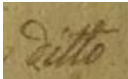
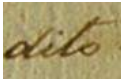
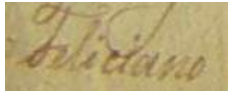

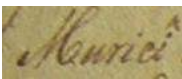
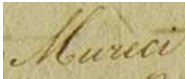
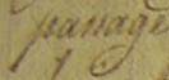
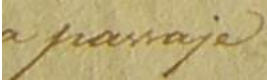
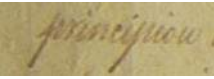



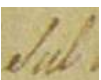
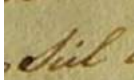


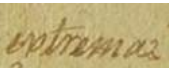
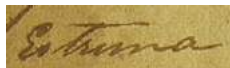
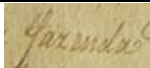
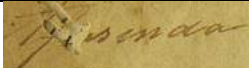
	<i>Scripta</i> 1 (f. 1r a 46r; 48v)	<i>Scripta</i> 2 (f. 46v)	<i>Scripta</i> 3 (f. 51v)
Ângulos	 (f.1r, L.1)	 (f.46v, L.8)	 (f.51v, L.10)
Ductus	 (f.1r, L.14)	 (f.46v, L.17)	 (f.51v, L.2)
Nexos	 (f.12r, L.5)	 (f.46v, L.19)	 (f.51v, L.2)

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise paleográfica dos caracteres gráficos do documento tornou o caminho mais seguro para o reconhecimento da existência de outros *scriptores* no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, além daquele que o assina, o que comprova a importância desse conjunto de saberes acadêmicos utilizados pela Filologia Textual para lidar com o texto manuscrito.

No entanto, a estrutura dos grafemas não se constitui na única evidência da existência de outras *scriptae* no documento. As variações na forma como algumas lexias foram grafadas reforçam a hipótese de que as mãos que escreveram as folhas 46v e 51v não assinam o documento nos termos de abertura e encerramento. A título de comprovação, comparou-se, no Quadro 26 a seguir, a representação das mesmas lexias nas folhas 19v (Sítios *Capoeira e Passagem do Meio*) e 46v (Sítio *Barra do Mureci*) e nas folhas 18v (Sítio *Canabraba*) e 51v.

Quadro 26 – Variação na grafia das lexias

Lexias	f.19r-19v	f.46v
Abaixo	 'abaixo' (f.19v, L.6)	 'abaicho' (f.46v, L.14)
Até	  'té' (f.19v, L.2) 'até' (f.19v, L.4)	  'the' (f. 46v, L.17) 'athe' (f.46v, L.14)
Dito	 'ditto' (f.19v, L.14)	 'dito' (f.46v, L.13)
Feliciano	 'Feliciano' (f.19v, L.22)	 'Fliciano' (f.46v, L.12)
Murici	 'Murici' (f.19v, L.4)	 'Mureci' (f. 46v, L.7)
passagem	 'passage' (f.19v, L.5)	 'passaje' (f.46v, L.13)
pricipiou	 'pricipiou' (f.19v, L.17)	 'prencipiou' (f.46v, L.24)
seu	 'seo' (f.19v, L.19)	 'seu' (f.46v, L.27)
Sul	 'Sul' (f.19v, L.12)	 'Súl' (f.46v, L.18)
Lexias	f.18v	f.51v
Canabrava	 'Canabraba' (f.18v, L.8)	 'Cana Brava' (f.51v, L.2)
extrema	 'extrema' (f.18v, L.11)	 'Estrema' (f.51v, L.2)
fazenda	 'fazenda' (f.18v, L.19)	 'fasenda' (f.51v, L.1)

Fonte: Elaborado pela autora.

Além de indicar a presença de mais de uma *scripta* no mesmo documento, as pistas deixadas nas formas diferentes de grafar as mesmas lexias evidenciam a ausência de normalização da escrita da língua portuguesa (TEYSSIER, 2004 [1997]) que perdurou até o século XX, ora aproximando as palavras de sua feição sonora ora de sua origem etimológica. Desse modo, longe de garantir a habilidade ou inabilidade do *scriptor*, a instabilidade gráfica nos exemplos apresentados são indícios dos caminhos livres e arbitrários da *scripta* do século XIX.

5 DOS GUEDES DE BRITO À CASA DA PONTE: CONSTRUINDO A SOCIOLOGIA DO TEXTO

“... consigno este Livro para escripturar o Tombamento dos Predios arrendados, ou devolutos Situados no Certaõ do Rio pardo, Districto de Minas novas Commarca da Villa do Principe doSerro frio, Capitania de Minas geraes, ...” (f.1r; L. 4-7).

Considerando-o como um testemunho individual, busca-se, nesta Seção, identificar quem escreveu o *Livro de Tombo da Casa da Ponte* e por que ele foi escrito, para, na perspectiva sociológica do texto (MCKENZIE, 2018 [1985]), conhecer a sua função social e os sujeitos envolvidos em sua elaboração e circulação.

Reconhece-se que, como documento de cunho jurídico com a função de inventariar, arrolar e tornar bens oficialmente reconhecidos, os livros de tomo representam uma fonte de produção do conhecimento histórico e um sólido lugar de memória, além do valor filológico e linguístico, o que os levam a ser considerados como verdadeiras crônicas. Tal valor informativo e importância filológica permitem que sejam inseridos na categoria literária dos crônicas, códices do primeiro período da língua arcaica, entre os reinados de D. Afonso III e D. João I, que como afirma Ferreira (194-, p. 11), embora não expressem uma visão objetiva e crítica da história, apresentam uma importância significativa tanto para estudos históricos quanto linguísticos.

Nesse contexto, para entender a instituição de bens vinculados através de capelas e morgadios e a necessidade de seu assentamento em livros de tomo, exigência estabelecida, como afirma Caldeira (2007), nas *Ordenações Afonsinas*, criadas no reinado de D. Afonso V, é fundamental compreender a importância da terra como propriedade no período colonial e o sistema jurídico e administrativo do reino que Portugal reproduziu em suas colônias.

5.1 Terra, riqueza e poder no Brasil colonial

A estrutura da sociedade colonial brasileira, com raízes fundamentalmente rurais, tem por base a civilização agrícola que os portugueses instauraram no Brasil nos quase três séculos de colonização. O acesso à terra, as formas de apropriação, exploração e transmissão, a instituição da propriedade e a autoridade do proprietário evidenciam o passado medieval transplantado pelos colonizadores, no qual a terra, como valor material e simbólico, e os que nela trabalhavam constituíam a base da sociedade.

Segundo Neves (2003a), a coroa portuguesa reproduziu na colônia o regime jurídico de repartição fundiária, instituído em Portugal por Fernando I, em 26 de julho de 1375, para ocupar terras inexploradas, estendendo o regime de sesmarias à América portuguesa. No entanto, Fragoso (1997) esclarece que a origem da expressão *sesmaria* na história social portuguesa está relacionada ao movimento de reorganização rural do reino após a reconquista dos territórios ocupados pelos mouros, desde o século VIII.

Com adaptações, em decorrência da vastidão do território colonizado, grandes extensões de terra – 30 a 80 léguas de costa e o mesmo tanto continente adentro, até a linha do Tratado de Tordesilhas – foram doadas a *homens bons* que tivessem prestado serviços relevantes ao rei, com a condição de difundir a fé católica entre os nativos, povoar e cultivar a terra.

De cada capitania, afirma Neves (2003a), o donatário recebia 10 léguas de litoral (e quanto mais pudesse conquistar, livre e isento de foro e qualquer tributo). A outra parte das terras deveria ser doada a quem solicitasse, pelo regime de sesmarias, dando origem a um sistema alodial de propriedade fundiária, caracterizado pela propriedade absoluta da terra, sem vínculo nem dependências pessoais.

Com o fracasso das capitanias, a coroa portuguesa manteve o sistema de doações régias através da concessão de cartas de sesmarias. No entanto, sem o controle necessário, a metrópole não conseguiu impedir o descumprimento das restrições legais e a expansão do latifúndio improdutivo, como afirma Neves (2003):

[...] o regime de sesmarias vigorou, na colônia, sem o controle da tradição legal portuguesa, num caos fundiário, como interessava aos sesmeiros, que alongavam donatarias, indicando limites de vagas referências, sem precisar demarcações, com a conviência de prepostos governamentais, que não fiscalizavam, e quando cobrados, alguns se deixavam subornar, criando tradição que se arraigaria na cultura burocrática brasileira (NEVES, 2003a, p. 126).

O patrimônio territorial originário de sesmarias constituiu, no Brasil colonial, a base para a instituição dos morgadios, modelo de propriedade rural vinculada que tinha como objetivo perpetuar o nome e o poder de uma família através da conservação em sua posse de determinada quantidade de bens. De acordo com Esteves (2008), esse modelo subsistiu na sociedade portuguesa por quase seiscentos anos, do século XIII ao XIX, apresentando quatro características essenciais: indivisibilidade, inalienabilidade, encargos perpétuos e ordem de sucessão definida pelo instituidor.

Entende-se assim que, com o vínculo, a propriedade passava a ser administrada por alguém definido no momento da instituição, na maior parte dos casos, o filho varão primogênito

do administrador anterior, que dispunha dos rendimentos dessa propriedade, mas não do valor da propriedade em si, ou seja, não a podia vender (era inalienável) nem dividir (era indivisível), podendo, no entanto, ser ampliada com novas posses vinculadas. Além disso, o administrador teria que pagar encargos perpétuos definidos também na instituição do vínculo, na maioria das vezes compromissos religiosos, os chamados *bens da alma*, pelo descanso eterno do instituidor.

Esse tipo de instituição contribuiu para a afirmação social, política e econômica de muitas famílias, tanto em Portugal quanto em suas colônias, e, conseqüentemente, para o nascimento e valorização de muitas *Casas*, identificadas por Esteves (2008) como “entidades definidas pelo conjunto das terras e edifícios, direitos, deveres e obrigações assim como pelo nome do fundador da instituição” (ESTEVES, 2008, p.1). A propósito do morgadio, veja-se o que diz Caldeira (2007):

A instituição do morgadio em Portugal permaneceu mais de quinhentos anos e influenciou, designadamente, o regime de propriedade, o direito sucessório e de família, a política de conservação e engrandecimento da nobreza, e, nalguns casos, da classe média, e, por reflexo, a Coroa (CALDEIRA, 2007, p.14).

Segundo Caldeira (2007), é no reinado de Afonso X de Castela (1252-1284) que aparecem, em Portugal, as primeiras instituições com características próximas do morgadio, sendo encontrado o registro mais antigo dessa instituição no ano de 1260. Em relação à origem desse tipo de propriedade vinculada, os autores consultados concordam em reconhecer a influência de outras instituições que o antecederam, como as antigas Leis da Avoenga, que, para Esteves (2008), representam o direito regulado numa das leis de D. Afonso II, datada de 1211, que tinha como princípio conservar os bens de uma família, dando aos parentes mais chegados de quem queria vender bens de raiz, herdados de ascendentes, a preferência na transação.

Os autores identificam outras possíveis origens para esse modelo de propriedade no direito romano, no direito feudal, na Lei de Linhagem, que aparece na Espanha no *Fuero Real* de Afonso IX, ou, ainda, na síntese de todos eles. No entanto, há um consenso entre esses estudiosos com relação ao fato de que as primeiras normas do morgadio se apoiaram no direito consuetudinário, aquele que surge dos costumes da sociedade, não passando por um processo formal de criação de leis, como afirma Moncada (1916):

As influências que, segundo nós, determinaram o aparecimento do morgadio são de índole essencialmente histórica e social, isto é, filiam-se em condições de facto a que foi estranha a vontade consciente dos homens, nascendo dos costumes antes que na lei e das necessidades gerais da vida do direito [...] (MONCADA, 1916, p. 230).

A relação desse tipo de vínculo com a aristocracia é partilhada por parte dos autores, que reconhecem nele o objetivo de proteger a base territorial da nobreza e a perpetuação da linhagem, evitando as sucessivas partilhas e o conseqüente empobrecimento das famílias. Para Lobão (1841 [1807]), no entanto, “a faculdade de instituir Morgados era geralmente permitida a toda a pessoa que tivesse bens de que dispor, e que não tivesse impedimento legal ou de natureza que o impossibilitasse” (LOBÃO, 1841 [1807], p. 33). Comprova essa afirmação a instituição do morgado da família Guedes de Brito, aqui estudado.

Conforme Esteves (2008), nos três primeiros séculos de prática da instituição morgada, não existia uma legislação que a tivesse como assunto principal. Somente nos séculos XVI, XVII e XVIII, com as normas surgidas nas ordenações reais, surgem disposições legislativas que se ocupam desse tipo de propriedade vinculada. De acordo com Caldeira (2007), a legislação sobre as instituições vinculares encontra-se essencialmente nas seguintes compilações:

- i. As *Ordenações Afonsinas*, criadas no reinado de D. Afonso V, que reinou em Portugal de 1438 a 1481, tornaram obrigatória, aos administradores dos morgados, a apresentação da carta de instituição do vínculo e dos documentos comprovativos da posse das propriedades, além de determinar a exigência de tombamento dos bens¹.
- ii. As *Ordenações Manuelinas*, publicadas em versão definitiva em 1521, ano da morte do rei D. Manuel I, estabeleceram a distinção entre dois tipos de vínculo, o morgado e a capela: no morgado, o rendimento proveniente da propriedade vinculada seria destinado à família e, desse rendimento, um valor seria direcionado para obras pias. Já na capela, de natureza exclusivamente eclesiástica, todo o rendimento do vínculo era destinado a compromissos religiosos: doação da terra a um santo ou divindade para construção e conservação de um templo e a celebração de capelas de missas.
- iii. As *Ordenações Filipinas*, promulgadas em 1595 e editadas em 1603, no período de domínio espanhol do império luso, conhecido como União Ibérica (1580 a 1640), introduziram as regras de sucessão, determinando a preferência pelo filho varão primogênito na administração do morgado.

¹ Além dos livros de tombo, com a indicação e descrição dos bens, Caldeira (2007) identifica outros documentos referentes aos bens vinculados: *livro do morgadio*, um conjunto de documentos com a transcrição na íntegra dos escritos dos bens de raiz, rendas do morgadio etc., ou seja, toda a documentação que a família apresentava para comprovar os seus direitos; e as *crônicas*, que transmitiam e engrandeciam as memórias familiares, escritas com base no acesso aos arquivos particulares das famílias (CALDEIRA, 2007, p. 45-46).

Com a legislação pombalina de 1770, inicia-se um processo de limitação da instituição da propriedade vinculada, restringindo a possibilidade de fundação de novos vínculos, exigindo licença régia para tal e impondo o fim dos morgadios irregulares, até a sua extinção total, em Portugal, em 19 de maio de 1863. No Brasil, a expressão jurídica do vínculo – morgado e capela – foi extinta pelo Governo Regencial por Lei de 6 de outubro de 1835, que determinava a transferência, aos herdeiros dos administradores, dos seus bens vinculados ou a reversão do patrimônio sem sucessores ao Tesouro Nacional (NEVES, 2003a).

5.2 O morgado Guedes de Brito: instituição e sucessão

O morgado Guedes de Brito foi instituído² em 1652 por Antônio de Brito Correia, antigo tabelião em Lisboa, e sua mulher Maria Guedes, sendo nomeado como primeiro possuidor do conjunto dos bens vinculados o filho único do casal, Antônio Guedes de Brito, nascido na Bahia em 1627. A declaração que instituiu o morgado determinava a adoção do sobrenome Guedes de Brito por todos os administradores do patrimônio territorial da família: “porque é de nossa vontade que este morgado se constitui em nossa geração, queremos e ordenamos, que os sucessores dele se chamem por sobrenome BRITOS e GUEDES” (NEVES, 2008, p. 71).

As cartas de sesmaria recebidas por Antônio Guedes, avô de Antônio Guedes de Brito, serviram de lastro para a instituição do vínculo e veio a ser o passo inicial na formação do seu imenso patrimônio no Alto Sertão da Bahia³, superado em extensão somente pelas terras de Garcia d’Ávila. Às terras herdadas, foram incorporadas as novas sesmarias que lhe foram concedidas em 26 de outubro de 1652, “entre as serras Tayashu e Caguaoê”, e em 2 de março de 1655, “entre os rios Jacuípe e Itapicuru”, conforme documentação presente no Arquivo Nacional (COSTA FILHO, 1958, p. 114).

Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Coroa Portuguesa nas guerras contra holandeses, na Bahia e em Pernambuco, o Vice-Rei, Conde de Óbidos, através de Carta Régia, concedeu a Antônio Guedes de Brito, compartilhada com Bernardo Vieira Ravasco, em 27 de agosto de 1663, uma sesmaria de grandes dimensões, da nascente do rio Itapicuru, no norte da Bahia, até o rio São Francisco, conforme o documento “Registro de uma provisão por

² O registro da instituição do morgado consta nos *Anais do Arquivo Público da Bahia*, vol. XXVIII, Bahia, 1945, p. 46 (NEVES, 2008).

³ A região do Alto Sertão da Bahia, segundo Neves (1999), corresponde à área angulada pelos rios São Francisco e seu afluente Verde Grande. Santos (2010, p. 27), por sua vez, identifica o *sertão baiano* como a área correspondente ao interior da capitania da Bahia, acrescida do Piauí, norte das Minas Gerais e regiões ribeirinhas da banda esquerda do São Francisco.

que o Conde de Óbidos Vice-Rei deste Estado dá de sesmaria aos capitães Antonio Guedes e Bernardo Vieira Ravasco as terras que principiam na nasçença do Tapicuru até o Rio de São Francisco” (DOCUMENTOS..., 1933, p. 185-187). Também por conta dos serviços prestados, o capitão Antônio Guedes de Brito recebeu, em 1671, o título de Mestre-de-Campo e Regente do São Francisco e, em 1677, a carta patente de Capitão de Infantaria.

Em 1684, uma outra sesmaria de grande extensão foi concedida a Antônio Guedes de Brito, estendendo suas terras até a foz do Rio das Velhas⁴, na Capitania de Minas Gerais. Como o ato oficial de concessão dessas terras ainda não foi encontrado, a sua delimitação é conhecida somente pelo resumo feito por Isabel Maria Guedes de Brito, sua filha e herdeira, em uma representação (cf. Fig. 35) encaminhada à Coroa em 1720, reivindicando as terras herdadas (SANTOS, 2010, p. 193)⁵.

⁴ Os autores divergem em relação a esse limite. A transcrição do documento referente à representação encaminhada à Coroa em 1720, por Isabel Maria Guedes de Brito, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico Ultramarino (Minas Gerais, Avulsos, caixa 2, doc. 62) e apresentada por Costa Filho (1958), esclarece que a sesmaria recebida em 1684 estendia as terras recebidas por Antônio Guedes de Brito “athe o Rio Vainhu e sua nassensa com agoas Uertentes de huma e outra banda” (COSTA FILHO, 1958, p. 123). A maioria dos autores estudados consideram o Rio Vainhu como o Rio das Velhas. Para Simeao Ribeiro Pires, no entanto, o Rio Vainhu corresponde ao Rio Pará, situado além do Rio das Velhas, em território mineiro (PIRES, 1979, p. 97), ampliando ainda mais as terras doadas na sesmaria de 1684. Já Miguel Costa Filho afirma que o Rio Vainhu seria um rio do norte da Bahia e não o Rio das Velhas (COSTA FILHO, 1958, p. 148).

⁵ A ausência de documentação oficial referente à sesmaria de 1684 provocou contestações por parte de historiadores. Costa Filho (1958), por exemplo, levantou a possibilidade de que os limites das terras doadas ao Mestre-de-Campo Antônio Guedes de Brito não envolveram nenhuma área do atual território mineiro. Em sua argumentação, o historiador apresenta o documento “Tombamento dos predios arrendados situados no Sertão do Rio de São Francisco. Termo da Villa de Santo Antonio do Urubu”, de 5 de fevereiro de 1819, documento que faz parte do acervo do Arquivo Público da Bahia, com cópia publicada nos *Anais do APEB*, n. 34, 1957, p. 9-83. Segundo ele, os 111 sítios relacionados no tombamento se referem ao município baiano e não incluem o território da Capitania de Minas Gerais (COSTA FILHO, 1958, p. 119). No entanto, Costa Filho não considerou em sua argumentação o documento “Tombamento dos Predios arrendados, ou devolutos Situados no Certaõ do Rio pardo, Districto de Minas novas Commarca da Villa do Principe do Serro frio, Capitania de Minas geraes”, publicado pelo IGHBA em 1929 (INSTITUTO..., 1929).

O imenso latifúndio dos Guedes de Brito é reconhecido pelo jesuíta André João Antonil em seu famoso livro *Cultura e Opulência do Brasil*, de 1711, um repositório sobre a vida econômica do Brasil em princípios do século XVIII:

Sendo o sertão da Bahia tão dilatado, como temos referido, quase todo pertence a duas das principais famílias da mesma cidade, que são a da Torre⁶, e a do defunto mestre de campo Antônio Guedes de Brito. Porque a casa da Torre tem duzentas e sessenta léguas pelo rio de São Francisco, acima à mão direita, indo para o sul, e indo do dito rio para o norte chega a oitenta léguas. *E os herdeiros do mestre de campo Antônio Guedes possuem desde o morro dos Chapéus até a nasença do rio das Velhas, cento e sessenta léguas.* E nestas terras, parte os donos delas têm currais próprios, e parte são dos que arrendam sítios delas, pagando por cada sítio, que ordinariamente é de uma légua, cada ano, dez mil réis de foro (ANTONIL, 1982 [1711], p. 200, grifo nosso).

As terras às margens do rio São Francisco a que se refere Antonil ficaram conhecidas como a região dos currais da Bahia, originada da expansão das fazendas de gado, tanto as de propriedade dos Garcia d'Ávila e dos Guedes de Brito quanto aquelas exploradas por seus rendeiros e foreiros. No entanto,

A bem da verdade, os currais da margem esquerda eram ditos de Pernambuco, no pertencer pertencer [sic] mesmo. As sesmarias doadas naquelas bandas eram de sesmeiros pernambucanos. As sesmarias da Bahia estavam pela banda de cá do São Francisco, a margem direita. Ocorre que os baianos se espraíram por toda a extensão de uma banda e de outra, no indo atrás de seus gados, e ficaram donos das terras todas que iam do Morro do Chapéu, na Chapada Diamantina, e chegavam à barra do rio das Velhas, em Guaicuí, tanto pelo nascente quanto pelo poente (INSTITUTO..., 2009 [2006], p.76).

A Figura 36, tomada de Neves (2003a), mostra a localização aproximada das terras de Antônio Guedes de Brito recebidas em sesmarias, herdadas, compradas e conquistadas de indígenas no final do século XVII. Ocupando a margem direita do rio São Francisco, o imenso latifúndio se estendia da foz do rio Itapicuru, no norte da Bahia, até o rio das Velhas, em território mineiro.

⁶ O autor refere-se à Torre de Tatuapara, atalaia fortificada e residência particular da família Garcia D'Ávila, conhecida como Casa da Torre. Construída, sob o encargo de Tomé de Souza, a partir de 1551, a cerca de 2 quilômetros ao norte da foz do rio Pojuca e 50 metros sobre o nível do mar, para a vigilância e proteção da cidade de Salvador e da costa brasileira (INSTITUTO..., 2009 [2006]). As ruínas da construção histórica localizam-se atualmente na Praia do Forte, município de Mata de São João-Ba.

Figura 37 – Pedra tumular de Antônio Guedes de Brito e de sua filha na Catedral Basílica de Salvador



Fonte: AZEVEDO, 2020.

Ainda segundo Neves (2003a), após a sua morte, os herdeiros e sucessores do morgado Guedes de Brito enfrentaram sucessivas ações judiciais de posseiros e mineradores ao sul, no Rio das Velhas, e ao norte, em Jacobina, que se negavam a reconhecer seus títulos hereditários.

Como não teve filhos com a esposa, D. Guiomar Ximenes de Aragão, o grande latifúndio e a sucessão do morgado passaram, com a morte de Antônio Guedes de Brito, para sua filha natural com Serafina de Sousa Dormundo, Isabel Maria Guedes de Brito, instituída em testamento sua herdeira universal. Casada com o coronel Antônio da Silva Pimentel, reconhecido construtor e senhor de terras, Isabel empenhou-se em administrar e defender os bens herdados. Com recursos oriundos do patrimônio acumulado pelos Silva Pimentel e Guedes de Brito, Isabel foi responsável pela construção e mobiliário da mais luxuosa residência

existente em Salvador à época (cf. Fig. 38), considerada pelo historiador norte-americano Robert Smith, estudioso do urbanismo, da arquitetura e da arte colonial brasileira, como “uma das mais impressionantes expressões da arquitetura primitiva da América Colonial” (ALVES *et al*, 1967, p. 39).

Figura 38 - Portada do majestoso solar de Isabel Maria Guedes de Brito⁷



Fonte: Reproduzido de Mattos (1971, p. 19).

Sem sucessor masculino, a administração do morgado passou, com a morte de Isabel, em 1733, para a sua filha única Joana da Silva Caldeira Pimentel Guedes de Brito, considerada “a mais opulenta senhora de toda a colônia” (SCHUMMAHER; BRAZIL, 2000, p. 291) e disposta a vincular seu imenso patrimônio à nobreza portuguesa. Com o fim de seu primeiro casamento com Dom João de Mascarenhas, Joana casou-se com outro nobre, o fidalgo Dom

⁷ Conhecido como Paço do Saldanha, o solar, que desde 1875 abrigava o Liceu de Artes e Ofícios, foi destruído por um incêndio em 23 de fevereiro de 1968. A restauração procurou, tanto quanto possível, conservar a grandeza primitiva da suntuosa construção do início do século XVIII, com portada monumental e arquitetura típica da colonização portuguesa na Bahia, tombado em 1938 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (MATTOS, 1971). Atualmente o solar é a sede da Fundação Cultural do Estado (Funcab) e ocupa quase um quarteirão entre as ruas Guedes de Brito e Saldanha da Gama.

Manoel de Saldanha da Gama, de antiga, nobre e poderosa família portuguesa, filho do vice-rei da Índia. Não tendo filhos em nenhum dos enlaces, todo o seu imenso patrimônio foi transferido, por testamento e contrato de casamento⁸, para o segundo marido, que, por disposição institucional do morgado, passou a assinar Manoel de Saldanha da Gama Guedes de Brito.

Em 1762, após a morte de Joana⁹, o sucessor do morgado Guedes de Brito contraiu núpcias em Portugal com D. Francisca Joana Josefa da Câmara Coutinho, legando a administração do patrimônio ao seu filho primogênito, João de Saldanha da Gama de Melo e Torres Guedes de Brito. De uma tia sem descendência, Leonor Josefa Francisca Antônia de Saldanha, o primogênito herdou também a titularidade de Conde da Ponte, tornando-se, coincidentemente, o sexto administrador do morgado Guedes de Brito e o sexto titular da Casa da Ponte.

Desse modo, coube a João de Saldanha da Gama de Melo e Torres Guedes de Brito reunir a nobiliarquia metropolitana dos Melo e Torres com o patrimônio colonial dos Guedes de Brito. O reconhecimento do processo de transmissão por herança das terras vinculadas ao morgado Guedes de Brito é evidente na escritura de compra e venda do Sítio Bonito¹⁰, passada pelo sargento-mor Joaquim Pereira de Castro, ao garantir a propriedade das terras do Conde da Ponte, herdadas

[...] de seu Pae e Sogro, o Illustrissimo Manuel de Saldanha da Gama Guedes de Britto, que houve por herança de sua mulher, a Excellentissima Donna Joanna da Silva Guedes de Britto e esta por herança de seu Pae, o Coronel Antônio da Silva Pimentel e de sua Mãe Donna Isabel Maria Guedes de Britto, e esta de seu Pae, o Mestre de Campo Antônio Guedes de Britto e este, juntamente com o seu Pae Antônio de Britto Corrêa, por doação real ou seis maria concedida aos relevantíssimos serviços que prestarão ao estado na conquista da Capitania da Bahia e circunvizinhança, [...] (NEVES, 2008, p.68).

O Quadro 27, a seguir, sistematiza a linha de sucessão da titularidade do morgado Guedes de Brito. Como já informado, por determinação dos instituidores, todos os administradores do patrimônio territorial da família, após morte do titular anterior, deveriam adotar o sobrenome Guedes de Brito.

⁸ O contrato de casamento, lavrado em Lisboa, a 19 de abril de 1734, e ratificado na Bahia, a 18 de setembro do mesmo ano, encontra-se no Arquivo Público da Bahia, *Livro de Notas do Tabelião Pedro Ferreira Lemos*, 27.10.1733 a 23.10.1734, fls. 384v/286 (MATTOS, 1971).

⁹ Sepultada no jazigo da família, no mesmo túmulo do avô e da mãe, no Colégio dos Jesuítas, atual Catedral Basílica.

¹⁰ O documento encontra-se no Arquivo Público da Bahia, *Judiciário*, 080337.04, f. 44-47. Escritura do Sítio Bonito, 2 mai. 1808 (MATTOS, 1971).

Quadro 27 – Linha de sucessão da titularidade do morgado Guedes de Brito

PERÍODO	1652 Instituição do morgado em Lisboa 1652 -1657	1657 - 1694	1694 - 1733	1733 - 1762	1762 - 1780	1780 -1809	1835 Fim do sistema de vínculos no Brasil 1809 - 1835
TITULAR	António de Brito Correia (entre 1576 e 1636-1657)	António Guedes de Brito (1627-1694)	Isabel Maria Guedes de Brito (entre 1640 e 1693-1733) (filha natural com Serafina de Sousa Dormundo)	Joana da Silva Caldeira Pimentel Guedes de Brito (1700-1762)	Dom Manoel de Saldanha da Gama Guedes de Brito (2º casamento de Joana Guedes de Brito) (1705-1780)	João de Saldanha da Gama de Melo e Torres Guedes de Brito - 6º Conde da Ponte (1773-1809)	Manuel de Saldanha da Gama de Melo e Torres Guedes de Brito, 7.º Conde da Ponte (1793-1852)
CÔNJUGE	Maria Guedes	Guiomar Ximenes de Aragão	António da Silva Pimentel	Dom João de Mascarenhas (1º casamento de Joana Guedes de Brito)	Francisca Joana Josefa da Câmara Coutinho (2º casamento de Dom Manoel Guedes de Brito)	Maria Constança de Saldanha da Gama Oliveira e Souza	Joaquina de Castelo-Branco Correia da Cunha

Fonte: Elaborado pela autora.

5.3 Os Saldanha da Gama e a nobreza da Casa da Ponte

A linhagem da Casa da Ponte foi criada por carta de 16 de maio de 1661, do rei D. Afonso VI de Portugal, a favor de Francisco de Melo e Torres (1610-1667), como mostra o fac-símile da página 461 do livro *Memorias históricas, e genealógicas dos grandes de Portugal* de 1755 (cf. Fig. 39), que se tornou o 1.º Conde da Ponte e o 1.º Marquês de Sande.

Figura 39- Brasão da Casa da Ponte



Fonte: SOUSA, 1755, p. 461.

Estabelecido na Província da Beira, o condado da Ponte, com varonia na família Torres, se uniu à família Saldanha da Gama com o casamento de D. Madalena Josefa de Mendonça, filha de D. Francisco de Melo e Torres, com Luiz de Saldanha da Gama [1649-1721], neto de Luiz Saldanha, Comendador de Salvaterra e Alcains na Ordem de Cristo, e de Maria da Silva, filha de Antônio da Gama, Comendador dos Asougues na Ordem de Cristo (SOUSA, 1755, p. 154).

Desde a sua criação em 1661, o título de Conde da Ponte passou por nove herdeiros: Francisco de Melo e Torres, 1.º Conde da Ponte; Garcia de Melo e Torres, 2.º Conde da Ponte;

António José de Melo e Torres, 3.º Conde da Ponte; Luís de Saldanha da Gama de Melo e Torres, 4.º Conde da Ponte; Leonor Josefa Francisca Antónia de Saldanha, 5.ª Condessa da Ponte; João de Saldanha da Gama de Melo e Torres Guedes de Brito, 6.º Conde da Ponte; Manuel de Saldanha da Gama de Melo e Torres Guedes de Brito, 7.º Conde da Ponte; João de Saldanha da Gama, 8.º Conde da Ponte; Manuel de Saldanha da Gama Ferrão de Castelo-Branco, 9.º Conde da Ponte. Após a implementação da República e o fim do sistema nobiliárquico, Álvaro Ferrão de Castelo-Branco tornou-se pretendente ao título.

Segundo informações constantes no *site* da Agenda Cultural Lisboa, o edifício situado na Rua da Junqueira (cf. Fig. 40), onde atualmente se encontra instalada a Administração do Porto de Lisboa, foi erguido pela família Melo e Torres e se tornou residência dos Condes da Ponte desde o final do primeiro quartel do século XVIII (TEIXEIRA, 2018).

Figura 40 - Palácio dos Condes da Ponte



Fonte: SISTEMA..., 2011.

O 6.º Conde da Ponte, João de Saldanha da Gama de Melo e Torres Guedes de Brito (cf. Fig. 41), nasceu em Portugal, a 4 de dezembro de 1773. Sucedeu, no título de Conde, a sua prima, a 5.ª Condessa da Ponte, falecida sem descendência direta. Apesar da imensa fortuna que possuía na Bahia, herança do morgado Guedes de Brito, o Conde da Ponte só veio ao Brasil ao ser nomeado governador e capitão-general da Província da Bahia a 14 de dezembro de 1805, em substituição a Francisco da Cunha Meneses. Como governador, recebeu o príncipe regente

D. João e a família real em seu exílio no Brasil, em 1808, falecendo a 24 de maio de 1809, ainda na função de governador da Bahia (REIS, 2008).

Figura 41 – Retrato de João de Saldanha da Gama de Mello e Torres Guedes de Brito (1773-1809)¹¹



Fonte: CABRAL MONCADA, 2020.

5.4 O fim do grande latifúndio dos Guedes de Brito

Com o falecimento prematuro do 6º Conde da Ponte, o administrador geral, Pedro Francisco de Castro, por determinação da viúva, D. Maria Constança de Saldanha da Gama Oliveira e Souza, elaborou o tombamento fundiário para fins de inventário e partilha, organizado em 24 *livros de tomo*. Concluído o inventário em 1832, e seguindo a nomeação testamentária do 6º Conde da Ponte, coube ao filho primogênito, Manoel de Saldanha da Gama de Mello e Torres Guedes de Brito, assumir a 7ª titularidade da Casa da Ponte e, por pouco

¹¹ Óleo sobre tela, 95 x 72 cm, da 1ª década do séc. XIX, exposta a leilão em 14 de dezembro de 2020 por Cabral Moncada Leilões, Lisboa. Inscrição manuscrita: D. João de Saldanha da Gama de Mello e Torres, 6º Conde da Ponte: distinguio-se no governo d'esta Província, como Governador e Cap.^m Gen.^{al}, desde 14 de Dez.º de 1805 até 24 de Maio de 1809.

tempo, a 7ª sucessão do morgado Guedes de Brito, como mostra Neves (2008), no documento de inventário e testamento:

Eu o nomeio desde já para ter efeito por meo fallecimento, em meo filho varão mais velho Manuel de Saldanha da Gama Mello Torres Guedes de Britto, Conde da Ponte, na falta deste sem sucessão legitima ao imediato seo irmão, e deste ao terceiro, seguindo-se esta ordem athe o ultimo, e mais mosço dos meos filhos varoens, e na falta de todos passará as ditas minhas filhas principiando pela mais velha e sempre com a mesma vocação e liberdade de livre nomeação¹² (NEVES, 2008, p. 77).

Em 1835, com o fim do sistema de vínculos no Brasil, os herdeiros venderam todas as terras vinculadas ao morgado que a Casa da Ponte administrava, transferindo-os para os arrendatários ou a outros interessados. Para a realização desse empreendimento também foi seguida a determinação do inventariante em seu testamento: “de todos os meos bens, (...) tem claro conhecimento o Capitão Pedro Francisco de Castro pelos haver administrado desde o anno de mil sette centos e noventa e oito até o presente, e em seo poder existem todos os papeis, pertencentes a este archivo” (NEVES, 2008, p.77).

De acordo com Pires (1979), nas folhas 154 a 160 do livro 373 do Arquivo da Casa da Ponte, em Lisboa, o administrador Pedro Francisco de Castro apresenta as instruções de venda encaminhadas aos procuradores dos seis distritos, ou regiões administrativas, das terras do Conde da Casa da Ponte: Rio de Contas, Rio Pardo, Caetitê, Urubu, Xique-Xique e Jacobina¹³, juntamente com os 24 *livros de tombo* elaborados, quatro para cada distrito. *No Livro 1 – Tombamento* – são transcritos “os prédios arrendados, nomes dos rendeiros, quantias que pagam, confrontações, quantidade de terras que ocupam e o valor em que seu dono as estima, que por menos as não vende”. *O Livro 2 – Escrituras* – apresenta o “Sistema de Escrituração que é aplicado, bem como o traslado da Procuração Geral que autoriza para vender”. *O Livro 3 – Arrendamentos* – traz o “traslado da Procuração Geral, para que seja presente em qualquer fatura dos novos arrendamentos que se oferecerem.” *O Livro 4 – Rendias Vencidas* – mostra “a renda vencida de cada um dos prédios por seu número de tombamento” (PIRES, 1979, p. 233). Neves (2003a) afirma que, dos 24 livros, apenas são conhecidos 2 livros de Tombamento: o de *Santo Antônio do Urubu*, que corresponde atualmente ao município baiano de Paratinga,

¹² O documento encontra-se no Arquivo Público da Bahia, Judiciário, 01.0089.0127.01. Inventário do conde da Ponte, Salvador, 30 abr. 1832, com testamento, 1809; Cópia em: *Anais do APEB*. Salvador, n. 28, 1945, p. 41-75 (MATTOS, 1971).

¹³ Os distritos foram nominados a partir dos municípios que centralizavam as regiões administrativas (NEVES, 2003a).

encontrado em um cartório em Macaúbas (BA)¹⁴, e o de *Rio Pardo*, na cidade mineira de Espinosa, doado ao IHGMG.

No *Livro de Tombamento do Sertão do Rio Pardo*, aqui analisado, identificam-se, em anotações adicionais às margens direita e esquerda de cada sítio, informações referentes à venda, constando o nome do comprador, o valor da venda, o número da escritura e a localização no *Livro de Escrituras*. Acredita-se que essas informações tenham sido feitas pelo subprocurador distrital, que, no caso do distrito do Rio Pardo, é possível tratar-se de Joaquim Pereira de Castro¹⁵, com base no Alvará de Procução¹⁶ de 29 de outubro de 1807, do Conde da Ponte, João Saldanha da Gama de Mello e Torres Guedes de Brito ao seu administrador e procurador geral, Pedro Francisco de Castro:

[...] Os mesmos poderes a mim conferidos nesta Procução substabeleço na pessoa do Senhor Sargento-mor Joaquim Pereira de Castro, morador no Distrito da Villa do Rio das Contas para nos auditorios da villa de Santo Antonio do Urubu, no de Minas Novas e no de Rio das Contas assignar Escripturas de venda e compra de todos os sítios arrendados [...] (NEVES, 2008, p. 88).

Essa possibilidade é reforçada pela referência feita ao sargento-mor no tombamento do sítio 103, no documento analisado: “Páo alto, Sitio de que paga Renda Mano-el Borges deCarvalho, na freg(uesi)a do Rio pardo co-mo tratou com o S(argento) M(or) Joaquim Pereira de Cas-tro, [...]” (f. 45v, L. 18-21).

De acordo com Pires (1979), os assentamentos de vendas e arrendamentos dos sítios relacionados nos livros foram extraídos do *Livro Geral dos Registros dos Sítios*. Em sua busca no Arquivo Geral da Casa da Ponte, entretanto, foi informado de que o Livro Geral de vendas e arrendamentos dos sítios do Sertão do Rio Pardo havia sido vendido por um familiar da Casa da Ponte ao Museu Britânico¹⁷. Para Antunes Jr., mesmo que “os dois tomos remanescentes do Livro de Tombo da Casa da Ponte não abranjam senão uma parte do extenso patrimônio territorial que veio do Morgado Guedes de Brito, restritos ao Norte de Minas e parte da Bahia, é inegável o seu valor histórico” (ANTUNES JR., 2017, p.77).

¹⁴O documento encontra-se no Arquivo Público da Bahia e a sua transcrição foi publicada nos *Anais do APEB*. Salvador, n. 34, 1957, p. 9-83 (NEVES, 2003).

¹⁵ Ao término desta tese, obteve-se acesso a um documento, pertencente ao Arquivo Público Municipal de Caetité-Ba, que pode ser utilizado posteriormente para comprovar essa hipótese, a partir da comparação dos caracteres caligráficos. Trata-se de uma procuração redigida e assinada pelo sargento-mor Joaquim Pereira de Castro em 4 de dezembro de 1872.

¹⁶ O documento encontra-se no Arquivo Público da Bahia. Judiciário, 09.0337.04 (NEVES, 2008, p. 88).

¹⁷ Na ocasião, Pires pretendia confrontar o original regional do administrador do distrito do Rio Pardo com a cópia feita por Heitor Antunes de Souza a que teve acesso em 1946 (PIRES, 1979, p. 243).

6 O LÉXICO DO DOCUMENTO: “POR ENTRE CATINGAS, CAPOEIRAS E CARRASCOS” ... “TÉ UM MOIRÃO DE ARUEIRA”

“Quanta palavra do sertão! A princípio, muito aplicadamente, ia procurar a significação no dicionário. Não encontrava. Dera o título: *Grande Sertão: Veredas*. Nenhum dicionário dá a palavra ‘vereda’ com o significado que você mesmo define na página 74: ‘Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda’”¹.

Manuel Bandeira, 13/03/57 (BANDEIRA, 2001 [1957])

Para seguir o caminho dos rios, riachos, chapadas e veredas do Sertão do Rio Pardo, a partir do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, tornou-se necessário analisar o léxico do documento no seu período de produção e circulação, e proceder o resgate desse contexto, tendo em vista que, como afirma Ullmann (1964), “o significado completo e o tom de certas palavras só podem ser captados se os colocarmos de novo no contexto cultural do período” (ULLMANN, 1964, p. 106). A começar por *sertão*, cuja discussão conceitual sempre despertou interesse de estudiosos de áreas diversas das ciências humanas em busca, tanto de sua origem etimológica, quanto dos significados que lhe foram atribuídos ao longo do tempo. Seja como interior, afastado da costa, inculto, desconhecido e distante das estruturas do poder, em oposição ao litoral, habitado, civilizado e monitorado, ou como região árida e agreste, Santos (2010) esclarece que, na documentação colonial, o sentido de sertão depende de quem o define e com qual propósito.

Entende-se assim a “queixa” do poeta Manuel Bandeira, em carta ao amigo Guimarães Rosa, em relação ao vocabulário de *Grande Sertão: Veredas*: dicionários nem sempre conseguem apresentar todos os sentidos das palavras que definem. Percebe-se também, em relação a esses instrumentos lexicográficos, as limitações que apresentam para a compreensão de lexias de textos literários e históricos. Especialmente em relação a documentos históricos, pela impossibilidade de reproduzir os contextos culturais do período, eles não expressam todas as variações de sentido que os autores lhes atribuem, porque

Na página escrita ou impressa, ele [o homem] depara com palavras claramente delimitadas como elementos distintos, e, no dicionário, encontra-as no estado “puro”, libertas de associações contextuais, cada uma delas com o aspecto de uma entidade independente, com o seu próprio significado ou significados (ULLMANN, 1964, p. 83, grifo no original).

¹ Em correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri, datada de 11/08/63, o escritor mineiro assim define *vereda*: “[...] Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales no chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. [...] A vereda é um oásis. [...]” (ROSA, 2003 [1972], p. 40).

Considera-se, no entanto, que o “estado puro” das palavras no dicionário, entendido por Ullmann (1964) como sendo dissociado de um contexto de produção, não diminui a importância desses instrumentos para a compreensão de unidades lexicais de documentos históricos, principalmente levando-se em conta as mudanças naturais das línguas e a dinâmica interna das palavras, “que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro” (ANTUNES, 2012, p. 29).

Cabe ao filólogo-linguista, nesse caso, buscar reconstruir o contexto sócio-histórico e discursivo do texto analisado para não comprometer a sua leitura, atribuindo sentidos que as unidades lexicais não tinham no período estudado. Como exemplo, toma-se a lexia *prédio*, usada com frequência no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*. Trabalhos lexicográficos do século XIX apresentam o sentido de “herdade, fazenda, terra, propriedade inamovível” (VIEIRA, 1873, v. 4, p. 898). Na contemporaneidade, no entanto, a lexia é melhor compreendida como um “imóvel construído para qualquer finalidade; casa, edifício, construção de vários andares, industrial, comercial ou residencial” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2283).

Níveis diferentes de mudança na significação também foram identificados em outras lexias que compartilham no documento um sentido próximo de *prédio – fazenda, sítio, estância, sorte* –, ou seja, que se referem à terra como propriedade. Percebeu-se assim que tais mudanças, resultantes do processo natural de evolução da língua e do caráter excepcionalmente dinâmico do léxico, poderiam interferir na leitura e compreensão do texto.

Nessa perspectiva, permitindo um entendimento mais seguro e confiável do conjunto do léxico do documento, a construção de um instrumento lexicográfico auxiliar ao trabalho filológico tornou-se uma etapa fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. O resultado proporcionou uma visão mais criteriosa do momento cultural representado pelo texto e de sua importância para a reconstituição histórica da sociedade da época, por considerá-lo, como Telles (2018) “uma representação de natureza social ao tempo em que é documento da memória de um povo (TELLES, 2018, p. 92).

A definição pela construção de um glossário do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* como suporte para a sua compreensão e análise, buscando as acepções que as lexias selecionadas apresentavam em dicionários históricos da língua portuguesa, levou em consideração os princípios teóricos que estruturam os trabalhos lexicográficos. Assim, tendo em vista o espaço geográfico analisado e os contextos de uso observados, as escolhas recaíram sobre os trabalhos listados a seguir, com publicações o mais próximo possível do período de produção do documento (século XIX e início do século XX):

- i. *Dicionario da lingua portugueza*, de António de Moraes Silva, de 1813, 2ª edição da publicação de 1789, em dois volumes, acrescentada e aumentada. Em sua primeira edição foi apresentado como uma reedição atualizada e reduzida dos dez volumes do dicionário de Raphael Bluteau (1712-1728) e somente na segunda edição a sua autoria plena foi considerada. Conforme Murakawa (2007, p. 237), as duas edições do lexicógrafo brasileiro foram elaboradas com fundamentação lexicográfica própria e serviram de modelo para trabalhos subsequentes.
- ii. *Grande dicionario portuguez ou thesouro da língua portuguesa*, de Frei Domingos Vieira, publicado em 5 volumes entre 1871 e 1874. Como o nome indica, trata-se de um *thesaurus*, definido como um dicionário que incorpora todo o léxico de uma língua em diferentes períodos históricos (MURAKAWA, 2007, p. 237).
- iii. *Diccionario brasileiro da lingua portugueza*, de Antonio Joaquim de Macedo Soares, edição de 1954 da publicação feita nos Anais da Biblioteca Nacional em 1889, que traz como título completo de sua primeira edição: “Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza. Elucidário etymologico-critico das palavras e phrases que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontram nos dictionarios da língua portugueza, ou nelles vêm com forma ou significação diferente. 1875-1888” (SOARES, 1889). Segundo Isquerdo (2007), após essa publicação inicial, Macedo Soares “ampliou suas pesquisas anotando termos colhidos, seja de suas leituras, seja de forma direta no contato com pessoas de diferentes classes sociais” (ISQUERDO, 2007, p. 195).
- iv. *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII*, de Maria Tereza Camargo Biderman (*in memoriam*) e Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, versão *on-line* disponibilizada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em 2021 (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021).
- v. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*, de Bernardino José de Souza, edição de 2004 da obra publicada inicialmente em 1910 (1ª edição), com o título *Nomenclatura geográfica peculiar ao Brasil*, e, mais tarde, em 1927 (2ª edição), identificada como *Onomástica geral da geografia brasileira*.
- vi. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, coleção em 6 volumes de autoria do botânico e naturalista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Manuel Pio Corrêa (1984 [1926]), pesquisador do Museu de História Natural de Paris. A coleção foi publicada, em primeiras edições, a partir de 1926 pelo Ministério da Agricultura e reimpressa em 1984.

- vii. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001), organizado por Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar e Francisco Manoel de Melo Franco. O trabalho, publicado em primeira edição em 2001 pelo Instituto Houaiss de Lexicografia, contém informações importantes para uma análise diacrônica, como data aproximada da primeira utilização da lexia, origem etimológica, morfologia e definições em diferentes áreas do conhecimento.

Para a construção do glossário do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, também foram consultados o levantamento lexical desenvolvido por Vander Lúcio de Souza na região da bacia do Rio Pardo (SOUZA, 2014) e o *Dicionário do dialeto rural do Vale do Jequitinhonha- Minas Gerais*, de Carolina Antunes, publicado em 2013 pela Editora da UFMG (ANTUNES, 2013).

Compondo a macroestrutura do glossário, foram considerados os critérios já relacionados na Seção 2 para a escolha das lexias simples, compostas e complexas a serem analisadas, como frequência de uso e importância no conjunto vocabular do documento, tendo em vista que, compreendendo a terra como propriedade, destacou-se a necessidade de (re)construir o espaço geográfico apresentado e reconhecer as referências utilizadas pelo *scriptor* para estabelecer os limites e as confrontações dos sítios relacionados.

Nesse sentido, entendendo, como Telles (2015, p. 58), que as formas lexicais dão suporte ao texto e correspondem tanto ao uso linguístico do *scriptor* quanto ao gênero discursivo nele representado, foram selecionadas unidades lexicais relacionadas a títulos de posse da terra e de poder na sociedade, a expressões de direcionamentos, a espécies vegetais da flora local e a formas variadas do relevo da região, além daquelas que constituem elementos genéricos dos sintagmas toponímicos, ou seja, as entidades do espaço geográfico que receberam designativos².

Em relação à microestrutura do glossário, estabeleceu-se o lema na sincronia (grafia, acentuação, classe gramatical, flexão), considerando-se como eixos básicos a definição da lexia e a ilustração contextual, através de abonação que comprova o seu registro no período de produção do documento, embora nem sempre esclareça o sentido que expressa e que foi recolhido dos dicionários pesquisados. Objetivando uma simplificação de análise na descrição das lexias compostas e complexas, optou-se por sua caracterização em sintagmas, considerando-as como unidades significativas: SN (sintagma nominal), SP (sintagma

² Os elementos específicos do sintagma toponímico que compõem o *corpus* da pesquisa serão considerados na Seção 7.

preposicional) e SAdv (sintagma adverbial). Para a apresentação, obedeceu-se à seguinte estrutura:

Entrada, como a lexia foi grafada, **variantes**, quando encontradas no documento (escrita padrão das lexias) classe gramatical/sintagma. Sentido (dicionário onde foi encontrado). “Abonação”, amostra contextualizada da lexia, conservando as escolhas gráficas do *scriptor*, (localização no documento)³.

Apresenta-se a seguir o Glossário do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*. Contendo 121 entradas, as unidades lexicais simples, compostas e complexas foram organizadas em ordem alfabética, coerente com a utilidade prática desse instrumento lexicográfico. Em casos identificados de polissemia, em que uma lexia acumula mais de um significado, optou-se por fazer lematizações diferentes. Por outro lado, a ocorrência de sentidos diversificados ou complementares de uma lexia entre os dicionários históricos pesquisados é apresentada no mesmo lema, com indicação da autoria. Outras formas gráficas registradas, bem como conteúdos adicionais considerados necessários para a compreensão da lexia no contexto analisado foram inseridos em notas de rodapé.

6.1 Glossário do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*

Adonde⁴ (aonde; donde) adv. Contração de ‘onde’ e de duas preposições, ‘a’ e ‘de’, acompanhado de dois verbos de movimento; também se emprega significando ‘em que lugar, em que parte, no qual ou na qual’ (VIEIRA, v.1, 1871). “[...] e desta em rumo do norte té *adonde* der / o Rumo que vem da Barra do Riacho secco [...]” (f. 19v, L.2-3).

Agoas nativas (águas nativas) SN. Águas de fonte ou de rio, que não são provenientes de chuva (VIEIRA, v.4, 1873). “[...], que terá de comprido meia le- / goa pouco mais ou menos, e delargura o mesmo, terras do geraes, Carrascos, Capoens, e Taboleiros, com / <<com>> *agoas nativas*; [...]” (f. 44r, L.21-24).

Alferes⁵ (alferes) s. m. Primeira patente de oficial, logo abaixo de tenente (VIEIRA, v.1, 1871). “[...] foi a- / valiada a terra pelos fazendeiros veteranos o *Alferes* Jo- / zé Botelho de Andrade, e João Felipe de S(ouza) Tiago [...]” (f. 17r, L.24-26).

³ Na transcrição das abonações da *Edição semidiplomática do Livro de Tombo da Casa da Ponte* (Seção 3), aqui apresentadas, utilizou-se a barra inclinada ascendente (/) para indicar a mudança de linha do documento.

⁴ Segundo Telles (2021), “No verbete *donde*, Moraes Silva (1789, v. 1, s.v.) traz: ‘DONDE, palavra composta da prep. *de*, e de *onde*, comido o *e* por eufonia’, remetendo para *onde*, e acrescenta um comentário afirmando que o uso ‘de *donde* he erro; assim como *adonde*, posto que às vezes se ache em bons autores’” (TELLES, 2021, slide 11).

⁵ A estrutura militar lusitana, transferida para o Brasil, trouxe as companhias de ordenanças, integradas por homens que não possuíam instrução militar sistemática, mas que, sem receber pagamento pela função, eram utilizados em missões de caráter militar e em atividades de controle interno. Enquanto os alferes estavam inseridos na categoria de oficiais inferiores, os postos de mais alta patente - *capitão-mor*, *sargento-mor*, *capitão* - eram atribuídos aos mais notáveis das terras e passavam a dispor de uma enorme influência local (VIANNA; SALGADO, 1985).

- Allodiaes**⁶ (alodiais) adj. pl. Livres, sem encargo, desvinculados (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “O Ill(ustrissi)mo e Ex(celentissi)mo S(e)n(ho)r Conde da Ponte / reintegrado plenam(ent)e na livre administração dos bens / Vinculados, e dos *Allodiaes* proprios de sua Caza [...]” (f. 7r, L.2-4).
- Altos** (altos) s. m. pl. Outeiros, colinas, morros, montinhos em derredor, as partes altas de algum lugar (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] em cima da Serra do Piripiri e *altos* das Geraes, a- / té as nascenças do d(itt)o Rio das Inhumas, [...]” (f. 22r, L. 1-2).
- Areiaõ** (areão) s. m. aum. Larga extensão de terrenos coberta de areia; grande areal (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] e com oSítio dos Morrinhos no *Areiaõ* que está / entre os Carrascos, [...]” (f. 18v, L. 14-15).
- Arial** (areal) s. m. Planície ou grande espaço coberto de areias (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] extremado com o Sítio da Ingazeira na portei- / ra do *Arial* em baixo da parte do Poente [...]” (f. 18v, L. 1-2).
- A riba** (arriba) SAdv. Acima (VIEIRA, v.1, 1871). Riba, do lat. *rīpa, ae*, tem o sentido de ‘margem, em geral de rio, costa, litoral’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). “[...] e desta Rumo direito ao Riacho do Cedro / e p(o)r elle *a riba* té confrontar com a Varginha [...]” (f. 26v, L. 26-27).
- Arrendatario** (arrendatário) s. m. Inquilino; o que toma de renda algum prédio rústico ou urbano (VIEIRA, v.1, 1871). “[...] proceda na venda dos Predios á sua incum- / bencia intimando primeiro ao *Arrendatario* para / comprar a terra de que paga renda, [...]” (f. 7r, L.27-29).
- Arueira** (aroeira) s. f. Árvore da família das Anacardiaceas (*Schinus Molle* L.). Com a sua resina os jesuítas manipulavam o célebre “bálsamo das Missões”, com várias utilidades medicinais (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] rumo direito ahum moirão de *Arueira* / que se acha marcado, efincado na Estrada, [...]” (f. 21v, L. 2-3).
- Barra** (barra) s. f. Foz de um rio ou riacho (SOUZA, 2004 [1910]). Local em que um rio deságua no mar ou em outro rio (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). “[...] que se extre- / ma na *barra* do Riacho da Mumbuca, e por ella / acima té suas Cabeceiras, [...]” (f. 13v, L.5-7).
- Barreiro** (barreiro) s. m. Lugar em que há barro, nome vulgar da argila, argamassa (VIEIRA, v.1, 1871). Lugar onde há barro salgado, muito procurado pelo gado (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] até o lugar do mesmo Barreiro onde / principiou a extrema, [...]” (f. 44r, L. 1-2)
- Barriguda** (barriguda) s. f. Árvore grande, de 20 metros, da família das Bombacáceas (*Cavanillesia arborea* Schum.), assim chamada por ter o seu tronco intumescido, mais grosso no meio do que junto ao chão (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] o qual se extrema em hu- / ma *Barriguda* que se acha antes de chegar na / Cachoeira [...]” (f. 24r, L. 16-18).
- Beira** (beira) s. f. Borda, extrema, ribanceira, margem, ponta (VIEIRA, v.1, 1871). “[...] em hum páo preto marcado, que está na *beira* / de hum Riachinho secco [...]” (f. 35r, L. 10-11).

⁶ Referem-se aos bens e propriedades do 7º Conde da Casa da Ponte no Brasil desvinculados do morgado Guedes de Brito.

- Bemfeitorias** (benfeitorias) s. f. pl. Tudo o que se faz em um prédio com o fim de o conservar melhor (VIEIRA, v.1, 1871) e para servir a necessidades e utilidade (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “Que da mesma Sorte hé prohibido ao Rendeiro vender / as suas *bemfeitorias* aoutro Cultivador [...]” (f. 8r, L. 1-2).
- Bens** (bens) s. m. pl. Tudo o que constitui a riqueza de alguém (VIEIRA, v.1, 1871). Haveres (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “Como Administrador, e Procura- / dor geral dos *bens* e dependencias que nesta Provincia daBa- / hia, e circunvizinhas pertencem á Caza do Ill(ustrissi)mo e Ex(celentissi)mo S(e)n(ho)r [...]” (f. 1r, L. 1-3).
- Boca** (boca) s. m. Foz de um rio (VIEIRA, v.1, 1871). Qualquer abertura que serve ou se pode considerar como servindo de entrada, ou saída (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...], edahi Rumo direito a Ta- / bûa na *boca* do Vaqueijador que vay para a Var- / gem das pedras, [...]” (f. 38r, L. 13-15).
- Boqueiraõ** (boqueirão) s. m. Abertura ou garganta nas serras, resultado da erosão das águas, por onde passam rios (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] no morrote que tem nofim das Capoeiras / da lagoinha hindo para o *Boqueiraõ* até o pé da Ser- / ra, [...]” (f. 38r, L. 10-12).
- Brauna** (braúna) s. f. Árvore de grande porte da família das Anacardiaceas (*Schinopsis brasiliensis* Engl.). Sua casca é utilizada para extração de tintura negra (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] donde vertem as agoas pa- / ra o d(itt)o Vicente até o Canto da Rossa do mesmo / em huma *brauna* que está na beira do Rio verde [...]” (f. 25r, L. 21-23).
- Breginho** (brejinho) s. m. dim. Terreno úmido e fértil onde os rios se conservam mais ou menos permanentes (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] epelo veio / d’agoa do d(itt)o *Breginho* acima té a sua Cabeceira no / alto do Carrasco, [...]” (f. 37v, L. 16-18).
- Cabeça** (cabeça) s. f. A origem (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] o qual se extrema da *Cabeça* / do Riacho da Vadição até os Carrascos, e deste abaixo até a Por- / teira [...]” (f. 12r, L. 23-25).
- Cabeceira** (cabeceira) s. f. Lugar que corresponde à cabeça, origem (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] principiando da *Cabeceira* do Rio secco, por elle abai- / xo até fazer barra no Rio pardo [...]” (f. 11v, L. 4-5).
- Cachoeira** (cachoeira) s. f. Torrente de água que se despenha, formando cachões, e cai de encontro a um obstáculo (VIEIRA, v.2, 1873). “[...] o qual se extrema da Barra do Riacho secco, e / Riacho acima té a primeira *Cachoeira* chamada Cacho- / eira grande [...]” (f. 30v, L. 22-24).
- Caldeiraõ** (caldeirão) s. m. Tanque natural nos lajedos, onde costuma ajuntar água das chuvas (SOARES, 1954 [1889]). “[...] cortando desta direito ao / *Caldeiraõ* da lagôa a fazer extrema com Joaõ Soares, [...]” (f. 26v, L. 13-14).
- Campos** (campos) s. m. pl. Peçaço de terra baixa e plana. Terra fora da cidade (SILVA, v.1, 1813 [1789]). Extensão de terra baixa cultivada ou cultivável, sem árvores (VIEIRA, v.2, 1873). “[...] e deste cortando pelo Espigão á / ditta Porteira q(ue) se compoem de *Campos*, Carrascos, e / mattos de Rossa, [...]” (f. 12v, L. 3-5).
- Capaõ** (capão) s. m. Bosque de mato virgem, isolado no meio de um descampado ou de terreno de pastagens (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] rumo direito ao *Capaõ* que tem na Cabe- / ceira da Vareda do Caximbo [...]” (f. 40v, L. 3-4).

- Capamzinho** (capãozinho) s. m. dim. Pequena porção de mato virgem, ilhada em grande extensão de capoeira baixa (SOARES, 1954 [1889]). “[...] extre- / mando pela parte de cima em hum *Capamzinho* / que tem na dita Vargem, [...]” (f. 13v, L. 23-25).
- Capitam**⁷ (capitão) s. m. Chefe ou donatário de uma capitania ou circunscrição territorial, ou de entradas que capturavam índios (VIEIRA, v.2, 1873). “Saõ Pedro, Sitio de que paga Renda / o *Cap(ita)m* Antonio Pinto de Almeida, [...]” (f. 19r, L. 2-3).
- Capoeiras**⁸ (capoeiras) s. f. pl. Mata talhada, que se roça ou corta para lenhas, lavouras na terra etc. (VIEIRA, v.2, 1873). Mato ralo e baixo (SOARES, 1954 [1889]). “[...] seguindo pelo veio d’agoa / abaixo té confrontar com o alto que desagoa para as / *Capoeiras* do falecido Manoel do Espírito Santo, [...]” (f. 19v, L. 5-7).
- Carrascos** (carrascos) s. m. pl. Mato enfezado, baixo, fino, de madeira dura; abaixo da catinga (SOARES, 1954 [1889]). “[...] e deste cortando pelo Espigão á / ditta Porteira q(ue) se compoem de Campos, *Carrascos*, e / mattos de Rossa, [...]” (f. 12v, L. 3-5).
- Catingas** (catingas) s. f. pl. Mato que perde as folhas anualmente e ostenta menos vigor que o mato virgem. O mato do sertão, que está afastado pelo menos vinte léguas do mar (SOARES, 1954 [1889]). “[...] a fazer extrema com as *Catingas* do Rio ver- / de grande que se achão ainda por cultivar, [...]” (f. 15r, L. 24-25).
- Caza**⁹ (casa) s. f. Geração, família (VIEIRA, v.2, 1873). Estrutura organizadora de grupos domésticos que, em estreita relação com o sistema vincular e associado à prática de transmissão de bens por via das alianças matrimoniais, constituiu instrumento de reprodução social, especialmente durante os séculos XVII e XVIII (RODRIGUES, 2002). “[...] na livre administração dos bens / Vinculados, e dos Allodiaes proprios de sua *Caza* em / rezulta da Carta Regia de 17 de Junho de 1818, [...]” (f. 7r, L. 3-5).
- Cerca** (cerca) s. f. Obra de madeira, pedra, tijolo ou sebo com que se fecha algum espaço (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] aonde / o *Cap(ita)m* Estevaõ fes as suas extremas com huma *Cerca*, e / dahi rumo direito á boca da picada [...]” (f. 40v, L.6-8).
- Certaõ**¹⁰ (sertão) s. m. O interior, o coração das terras, em oposição ao marítimo (VIEIRA, v.5, 1874). “Tombamento dos Predios si- / tuados no *Certaõ* de Rio pardo, Destricto de Minas novas, [...]” (f. 11r, L.1-3).
- Chapada** (chapada) s. f. Planura, superfície plana (VIEIRA, v.2, 1873). Esplanada no alto do morro, do monte, da serra (SOARES, 1954 [1889]). “[...] e seguindo em rumo de Sul

⁷ Cf. nota 5, nesta Seção.

⁸ Variação de forma gráfica: *capueira* (SOARES, 1954 [1889]).

⁹ Esteves (2008), citando Armindo dos Santos, em *Antropologia do Parentesco e da Família – Teorias e Investigação*, considera *Casa* como “entidades que podem ser definidas pelo conjunto das terras e edifícios, direitos, deveres e obrigações, assim como pelo nome do fundador da instituição e, tanto quanto possível, pelo bom-nome da *Casa*; desígnios aos quais deviam convergir e subordinar-se as [sic] vontades individuais dos seus membros para dar continuidade à *Casa* e se possível reforçá-la aumentando-a” (ESTEVES, 2008, p.1-2).

¹⁰ Sertão é uma palavra de significação ampla e mutável na língua portuguesa, o que faz com que diferentes segmentos do território brasileiro, em vários momentos históricos, tenham recebido a alcunha de sertão (INSTITUTO..., 2009 [2006], p.10). Para Neves (2003b), o sertão é definido como “o interior, região agreste, lugar recôndito, numa relação dialética com o litoral, estabelecendo uma alteridade espacial do colonizado em contraposição ao território do poder e do padrão cultural” (NEVES, 2003b, p. 153). Como um espaço geográfico, é normalmente considerado a partir de características naturais relacionadas ao clima e ao solo, apresentando uma configuração natural mais ou menos homogênea, com clima semiárido, topografia plana e vegetação de caatinga e cerrado.

chapada adiante / de Catingas e Carrascos até a Cabeceira da Taboqui- / nha [...]” (f. 19r, L. 10-12).

Commarca (comarca) s. f. Divisão administrativa, compreendendo um certo número de vilas e uma cabeça de comarca, cidade ou vila notável que dá nome à comarca, com seus territórios (VIEIRA, v.2, 1873). “[...] Situados no Certaõ / do Rio pardo, Districto de Minas novas *Commarca* da Villa / do Principe doSerro frio, [...]” (f. 1r, L. 5-7).

Confinantes (confinantes) adj. pl. Fronteiros, limítrofes (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] se hão de declarar quando se comprar a terra, as / quais devem ser pelos vizinhos *confinantes* sem os / prejudicar, [...]” (f. 43r, L. 1-3).

Corgo (córrego) s. m. Forma brasileira de córrego; riacho (SOARES, 1954 [1889]). Corrente de água derivada de um rio (VIEIRA, v.2, 1873). “[...] epelo d(itt)o Riachi- / nho d’agoa branca acima até as suas Cabeceiras ou / acabamento, edo d(itt)o *Corgo* cortará Rumo direito até a / Serra geral, [...]” (f. 33v, L. 4-7).

Curral (curral) s. m. Espaço cercado e descoberto para criação de gado (VIEIRA, v.2, 1873). “[...] donde confron- / ta com o *Curral* velho das Queimadas, [...]” (f. 35v, L. 16-17).

Çuja¹¹ (suja) adj. f. Vegetação que sobrevém à derrubada de uma floresta (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] o qual se extrema / com o Riacho dos Lençoes na Vargem chamada *çuja* [...]” (f. 21r, L. 12-13).

Dependencias (dependências) s. f. pl. Partes de uma casa, de uma herdade (VIEIRA, v.2, 1873). “Como Administrador, e Procura- / dor geral dos bens e *dependencias* que nesta Provincia daBa- / hia, e circunvizinhas pertencem á Caza do Ill(ustrissi)mo e Ex(cellentissi)mo S(e)n(ho)r / Conde da Ponte [...]” (f. 1r, L. 1-4).

Districto, Destricto¹² (distrito) s. m. Extensão, espaço de terreno dentro de certos limites, sujeita a certos magistrados, prelados, juízes (SILVA, v.1, 1813 [1789]). Divisão territorial sujeita à jurisdição judiciária ou administrativa (VIEIRA, v.2, 1873). “[...] Predios arrendados, ou devolutos Situados no Certaõ / do Rio pardo, *Districto* de Minas novas Commarca da Villa / do Principe doSerro frio, [...]” (f. 1r, L. 5-7). “Que o Procurador substabelecido em qual q(ue)r / dos *Destrictos* proceda na venda dos Predios [...]” (f. 7r, L. 26-27).

Dominio (domínio) s. m. Senhorio, direito de propriedade sobre terras (VIEIRA, v.2, 1873). Terras do senhorio (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] e entre tanto fique suspensa a especulação sobre o tal Sitio / em duvida até se decidir sehé ou não existente na posse, e / *dominio* da Caza administrada.” (f. 8r, L. 21-23).

Encruzilhada (encruzilhada) s. f. Lugar onde dois ou mais caminhos se entrecruzam (VIEIRA, v.3, 1873). “[...] do Cabeça do Boi na beira do Rio verde grande Rio / acima até a *encruzilhada* da Rossa de baixo, [...]” (f. 17v, L. 6-7).

Entestar (entestar) v. int. Fazer fronteira, encostar (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] edesta a *entestar* na Catinga / donde já faz extrema com o Sitio das Contendas [...]” (f. 39r, L. 2-3).

¹¹ Variação de forma gráfica: *suja* (SOUZA, 2004).

¹² Variações de forma gráfica: *destricto, districto, distrito, destrito* (SILVA, v.1, 1813 [1789]).

Espiculação¹³ (especulação) s. f. Exame, estudo, indagação (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] e entre tanto fique suspensa a *espiculação* sobre o tal Sítio / em duvida até se decidir se hé ou não existente na posse, e /domínio da Caza administrada [...]” (f. 8r, L. 21-23).

Espigaõ (espigão) s. m. Parte superior do monte, do rochedo, terminada em ponta (VIEIRA, v.3, 1873). “[...] em rumo direito / ao Morro do Jualtar, e deste cortando pelo *espigaõ* / do Morro agudo desaguando pela Vareda çuja, [...]” (f. 12r, L. 6-8).

Estreito (estreito) s. m. Área com pouca extensão (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] o qual se extrema com o Sítio do Mosquito / em hum *estreito* de {matto} que esta junto ao Campo [...]” (f. 15r, L. 17-18).

Extrema, estrema (extrema) s. f. Rego ou outra divisão que separa as terras de dois donos diversos (SILVA, v.1, 1813 [1789]). “[...] afazer *extrema* com o Sítio da Barrinha atra- / vessando o Rio verde grande no mesmo Rumo [...]” (f. 17r, L. 15-17). “[...] cortando rumo direito / p(ar)a ap(ar)te do Norte athe olugar da *estrema* dos / Cocos, [...]” (f. 46r, L. 26-28).

Fava (fava) s. f. Legume maior que o feijão que nasce em vagens grossas (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...], donde dividem as agoas para os Mattos da *fa- / va*, e Paramirim, e na divizão das mesmas [...]” (f. 34v, L. 8-9).

Fazenda¹⁴, **fasenda** (fazenda) s. f. Bens, terras de lavoura ou de gado (SILVA, v.2, 1813 [1789]). Herdade, propriedade rural, bens, terras, riqueza (VIEIRA, v.3, 1873). “[...] veio d’agoa do Rio pardo abaixo extrema / com *afazenda* da Bem posta da Ex(cellentissi)ma Caza, [...]” (f. 39r, L. 9-10). “[...] A *fasenda* da Barrinha q(ue) faz / Estrema coma da Cana Brava [...]” (f. 51v, L. 1-2).

Feixo, Fexo (fecho) s. m. Ruptura das serras pelos rios, que aí correm apertadamente (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] té / a Malhadinha pelo Caminho adiante até *ofeixo* / do Morro cortando por cima pelos carrascos da Cabe- / ceira da Tapera [...]” (f. 40r, L. 16-19). “[...] o / mesmo faz extrema com a fazenda da Ilha no *fexo* / da Serra [...]” (f. 11v, L. 19-21).

Fraldiando (fraldeando) v. int. Caminhando pela fralda de um monte, serra, outeiro; costeando (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...] cortando direito para o Norte athe / oscampos aope do Morro, epelo alto *fraldiando* / buscando ao Poente [...]” (f. 46v, L. 14-16).

Freguezia¹⁵ (freguesia) s. f. Sede de uma igreja paroquial; distrito territorial de uma paróquia (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...], Sítio de que paga Renda Mano- / el Borges deCarvalho, na *freg(uezi)a* do Rio pardo [...]” (f. 45v, L. 18-19).

Fundo (fundo) s. m. Lugar muito distante e isolado (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021). “Rio verde grande abaixo até olugar chamado o / *fundo* do Caxingó, [...]” (f. 45r; L. 5-6).

¹³ Variação de forma gráfica: *especulação* (SILVA, v.1, 1813 [1789]).

¹⁴ Segundo Neves (2003a, p. 35), no sertão brasileiro no século XVIII, denominava-se “*fazenda* à grande propriedade fundiária e *sítio*, lugar, como ainda hoje se emprega em Portugal, identificando parcela de fazenda, ainda que de grandes dimensões, podendo estender-se por léguas.”

¹⁵ Conforme Quintela (2019), no Brasil, durante o tempo da colônia, assim como em Portugal, a divisão territorial urbana era baseada nas distribuições definidas por uma paróquia erigida por decisão diocesana, não havendo distinção entre freguesia e paróquia nem uma estrutura civil separada da estrutura eclesiástica. Nesses tempos, o termo *freguês* (aglutinação da expressão latina *filius ecclesiae*, filho da igreja) servia para designar os paroquianos, que eram, por assim dizer, *fregueses* do pároco (QUINTELA, 2019).

- Furado** (furado) s. m. Clareira aberta na mata virgem; pequenos trechos sem vegetação dentro das matas, cercados de mata original (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] e outra parte do mesmo com / todas as vertentes a elle até o *furado* dos Imbús, [...]” (f. 11v, L. 21-22).
- Gameleira** (gameleira) s. f. Árvore muito grande da família das Moráceas (*Ficus enormis* M.), uma das maiores figueiras do Brasil (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] té confrontar / em um pé de *Gameleira* que está mesmo á beira / do d(itt)io riacho de S(aõ) Pedro [...]” (f. 33r, L. 1-3).
- Geraes** (gerais) s. f. pl. Campos gerais; campo plano; lugares longínquos e ermos (SOARES, 1954 [1889]). “[...] da Tapera Riacho abaixo até a barra do Sacco gran- /de, ficando tudo o que hé de *geraes* para o dito Sitio, [...]” (f. 11r, L. 18-19).
- Hereos**¹⁶ (heréus) s. m. pl. Proprietários (VIEIRA, v.3, 1873). Arrendatários (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...] e quando obtenha essa licença de mudar o / nome, ou extremas sem prejuizo dos *Hereos* confinantes, / hade passar novo arrendamento no respectivo Livro, [...]” (f. 7v, L. 14-16).
- Herdeiros** (herdeiros) s. m. pl. Indivíduos que por direito de sucessão ou por decisão testamentária herdaram os bens e obrigações de outrem (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021). “[...] donde faz extrema com os *herdeiros* do faleci- / do Constantino Dias do Valle, [...]” (f. 39v, L. 15-16).
- Indireitura** (em direitura) SP. Em direção a; na direitura de (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001) “[...], subindo pelo veio d’agoa a- / cima até a *indireitura* dos altos onde extrema com / o ditto Cypriano, [...]” (f. 22r, L. 16-18).
- Istancia**¹⁷ (estância) s. f. Morada, residência (SILVA, v.2, 1813 [1789]). Estabelecimento rural onde se cultiva a terra (SOUZA, 2004 [1910]). “[...], esta demarcação hé o comprimento / que tem huma pequena *istancia*, [...]” (f. 41r, L. 7-8).
- Jatobá** (jatobá) s. m. Nome comum a algumas espécies da família das Leguminosas-Cesalpiniáceas (*Hymenaea Martiana* Hayne). Árvore de grande porte, com fruto comestível, encontrada do Piauí até Minas Gerais (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] faz extrema com o Sitio dos / Martires na Canabraba abaixo da sepultura em hum / Capamzinho de *Jatobá*, e cortando Rumo direito atra- / vessando o d(itt)io Rio [...]” (f. 15v, L. 19-22).
- Joazeiro, Juazeiro** (juazeiro) s. m. Árvore da família das Ramnáceas (*Zizyphus joazeiro* Mart.), com cerca de 10 metros de altura e folhagem perene, comum nas caatingas dos sertões do polígono das secas (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] Rumo direito pelo Caminho acima alto da Malha- / dinha até defronte de dous *Joazeiros* grandes [...]” (f. 28v, L. 18-19). “[...] da passage do limoeiro / em hum páo de *Juazeiro* Rumo direito pelo Caminho / acima [...]” (f. 29r, L. 18-20).
- Lagoa, lagôa**¹⁸ (lagoa) s. f. Lago de pequenas dimensões (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021). “[...] cortando desta Rumo direito em seguim(en)to / das mesmas agoas vertentes á queimada velha das / lages, e de lá aos altos da *lagoa* do moleque, [...]” (f. 40v; L. 14-26).

¹⁶ Variação de forma gráfica: *heréo* (VIEIRA, v.3, 1873).

¹⁷ Variação de forma gráfica: *estancia* (SILVA, v.1, 1813 [1789]).

¹⁸ Variações de forma gráfica: *alagoa, lagôa, alagôa* (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021).

“[...] no caminho da ladeira / até as Cabeceiras do Riacho que desagoa para a *la-* / *gôa* do d(itt)o Sitio, [...]” (f. 28v, L. 24-26).

Lagedo (lajedo) s. m. Reunião de lajes, pedras lisas e planas pela parte superior (VIEIRA, v.3, 1873). “[...], que se extrema com o Riacho da Canabraba em / hum *lagedo* q(ue) está mesmo no veio dagoa [...]” (f. 20v, L. 17-18).

Legoa¹⁹ (légua) s. f. Medida itinerária, substituída hoje por quilômetros (VIEIRA, v.3, 1873). “[...] donde principiou a extrema, que / tera de comprimento huma *legoa*, e de largura hum / quarto; [...]” (f. 11v, L. 9-11).

Lençoes (lençóis) s. m. pl. Dunas desprovidas de vegetação que se estendem em areais alvos como roupas estendidas (SOUZA, 2004 [1910]). “[...], eda- / hi direito á Cruz que está no páo de amargo se- / guindo a estrada dos *Lençoes* abaixo té defronte da / Gameleira [...]” (f. 29r, L. 2-5).

Licitantes (licitantes) s. 2g. pl. Quem faz o lance ou oferta de compra pelo preço indicado (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). “[...] sendo os *Licitan-* / *tes* mais aptos para estas compras os Arrendatarios q(ue) / nelles rezidem; [...]” (f. 7r, L. 14-16).

Livro do Tombo (livro do tombo) SN. Inventário autêntico dos bens e terras de alguém com suas confrontações, rendas e direitos, encargos, demarcações etc. (VIEIRA, v.3, 1874). “[...] e valor de cada hum dos / d(itt)os Predios do primeiro *Livro do Tombo* geral da mesma Caza / administrada, [...]” (f. 1r, L. 8-10).

Logradouros (logradouros) s. m. pl. Solo diante das casas para qualquer serventia; terras para roças, hortas, canaviais, pomares etc. (VIEIRA, v.3, 1873). “[...] e tudo o que / fica dentro desta demarcação com todos os seos *Logra-* / *douros*, e pertences mencionados no escripto de Venda [...]” (f. 22r, L. 2-4).

Malhadinha (malhadinha) s. f. dim. Pequena malha, uma porção de terra coberta de relva, de erva (VIEIRA, v.4, 1873). Curral velho onde o animal passa a noite (SOARES, 1954 [1889]). “[...] da passage do limoeiro / em hum páo de Juazeiro Rumo direito pelo Caminho / acima até a *Malhadinha* defronte de dous Juazeiros [...]” (f. 29r, L. 18-20).

Marco (marco) s. m. Baliza, sinal que serve para demarcar terrenos e estabelecer limites (VIEIRA, v.4, 1873). “[...], o qual se extrema do *Marco* que tem no ca- / minho do Tremedal no lugar aonde se chama o Riacho da Volta, [...]” (f. 43r, L. 12-14).

Matto (mato) s. m. Reunião de plantas agrestes que nascem espontaneamente, sem o cultivo do homem (SOARES, 1954 [1889]). “[...], edahi para cima até a Vargem da / Sussuarana entre huma Vargem e outra no meio / do *matto* em hum páo de Itapicurú [...]” (f. 29v, L. 13-15).

Moirão²⁰ (mourão) s. m. Poste, estaca mais grossa que as outras, ou pedra verticalmente posta, para fazer cercas ou marcações (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] veio d’agoa acima até confrontar com / um *moiraõ* de Arueira donde faz extrema / com Manoel Antonio de Avelar, [...]” (f. 23v, L. 14-16).

¹⁹ Variação de forma gráfica: *legua* (VIEIRA, v.3, 1873). Medida de origem celta, variável conforme a época, o país e a região. Como medida de superfície agrária, considera-se no Brasil a légua de 6.000m² ou 3.960 hectares; e a légua de sesmaria, um quadrado de 3.000 braças de lado ou 6.600m², correspondentes a 4.356 hectares (NEVES, 2003a).

²⁰ Variação de forma gráfica: *mourão* (VIEIRA, v.4, 1873).

- Morro** (morro) s. m. Monte pequeno e arredondado de terra, pedra miúda (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] na passage velha no páo-ferro cor- / tando Rumo direito ao morro que fica entre o Rio / da Capa, e Rio verde [...]” (f. 23v, L. 10-12).
- Morrinho** (morrinho) s. m. dim. Pequeno morro (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] o qual se extrema com a fazen- / da deS(anta)Ritta em hum *Morrinho* aonde teve Rossa o / Crioulo Ignacio na beira do Rio pardo [...]” (f. 11v, L. 17-19).
- Morrote** (morrote) s. m. Pequeno morro (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] o qual se extrema com o Sitio do / Boqueiraõ no *morrote* que tem nofim das Capoeiras / da lagoinha [...]” (f. 38r, L. 9-11).
- Munus** (múnus) s. m. Obrigação, dever, necessidade (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] com- / ferencia no Archivo da Administração parante [sic] o / Administrador e Procurador geral, o que se recomenda / como parte integrante do *munus*.” (f. 8r, L. 10-13).
- Olho d’agoa**²¹ (olho-d’água) SN. Pequena nascente que rebenta da terra (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] extremado no mesmo Rumo da d(itt)a Serra com / a fazenda das Aguilhadas entre o *Olho d’agoa* e Ria- / cho secco, [...]” (f. 18v, L. 18-20).
- Páo** (pau) s. m. madeira, lenho (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] cortando direito / áhuma Cruz que está em hum *páo* de aração es- / trada abaixo té donde seprincipiou a extrema, [...]” (f. 29r, L. 7-9).
- Páo d’arco** (pau-d’arco) SN. Nome dado à maioria dos ipês do gênero *Tecoma*, da família das Bignoniáceas. Árvore alta, também conhecida como ipê roxo (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] onde tem huma Cruz em hum *páo d’ arco*, e dahi cortando rumo direito pelo alto [...]” (f. 31v, L. 25-26).
- Páo d’oleo** (pau d’óleo) SN. Madeira da árvore da família das Leguminosae (*Copaifera langsdorffii* Desf.), designada em referência ao óleo extraído de seu caule, também conhecida como copaíba (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] que se extrema com oSitio do Piripiri no lu- / gar do *páo d’oleo* rumo direito á Larangeira velha [...]” (f. 40r, L. 12-13).
- Páo de amargozo**²² (pau-amargoso) SN. Madeira da árvore da família das Simarubáceas (*Picrasma palo-amargo* Speg.), de pequena altura, até 5 metros. Sua madeira extremamente amarga possui inúmeras virtudes medicinais (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] eda- / hi direito á Cruz que está no *páo de amargozo* se- / guindo a estrada dos Lenções abaixo [...]” (f. 29r, L. 2-4).
- Páo-ferro** (pau-ferro) SN. Árvore da família das Leguminosas-Cesalpiniáceas (*Caesalpinia ferrea* Mart.) que atinge grande altura (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] até confrontar com o moirão da Gameleira / em hum *páo-ferro*, [...]” (f. 24v, L. 7-8).
- Páo preto** (pau-preto) SN. Árvore da família das Ebenáceas (*Diospyros reticulata* Willd.) que possui madeira escura e resistente (CORRÊA, 1984 [1926]). “[...] o qual se extrema com oSitio deS(aõ) Pe- / dro em hum *páo preto* junto a hum Riachinho sec- / co, [...]” (f. 42v, L. 7-9).
- Passagem, passage, passaje** (passagem) s. f. Caminho de um lugar para outro; lugar por onde se passa (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] e cortará sempre passando na mesma *passagem* / das pedras do d(itt)o Bomsucesso, [...]” (f.30v, L.12-13). “[...] o qual se extrema com a

²¹ Variação de forma gráfica: *olho de agua* (VIEIRA, v.4, 1873).

²² Outras denominações encontradas: *pau-amargo*, *pau-amargoso* (CORRÊA, 1984 [1926]).

fazenda da Serra na / *passage* denominada o Medonha em rumo direito / ao Morro do Jualtar, [...]” (f. 12r, L. 5-7). “[...] cortando direito adita / primeira *passaje* onde prencipiou [sic] aex- / trema, [...]” (f. 46v, L. 23-25).

Pé²³ (pé) s. m. Exemplar individual de uma planta (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021). “[...] té confrontar / em hum *pé* de Gameleira que está mesmo á beira / do d(itt)o Riacho deS(aõ) Pedro [...]” (f. 33r, L. 1-3).

Pé (pé) s. m. Parte mais baixa de um monte, de uma serra (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] no morrote que tem nofim das Capoeiras / da lagoinha hindo para o Boqueiraõ até o *pé* da Ser- / ra, e com o Sitio do Espinho [...]” (f. 38r, L. 10-12)

Picada (picada) s. f. Caminho estreito aberto nas matas e nos campos cerrados (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] dahi rumo direito á boca da *picada* que entra para / o Jatobá cortando rumo direito ao alto do Imbirussú, [...]” (f. 40v, L. 8-9).

Porteira (porteira) s. f. Cancela dos cercados para pastos (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] que se extre- / ma pela parte do Sul com o falecido Constantino / Dias do Valle, pegando da *porteira* do mesmo cor- / tando direito ao Riacho do Boqueiraõ [...]” (f. 39r, L. 21-24).

Posse (posse) s. f. Haveres (VIEIRA, v.4, 1873). Poder em terras, vassalos, bens (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...] e entre tanto fique suspensa a especulação sobre o tal Sitio / em duvida até se decidir sehé ou não existente na *posse*, e dominio da Caza administrada.” (f. 8r, L. 21-23).

Pôss²⁴ (poço) s. m. Cova onde se ajunta água, que corre para aí de algum olho, cisterna (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] o qual se extre- / ma no Canto do *pôss* de Pay Paulo veio d’agoa / acima até confrontar com o moirão da Gameleira [...]” (f. 24v, L. 5-7).

Praya²⁵ (praia) s. f. Margem do mar, ou dos grandes rios, plana e descoberta (VIEIRA, v.4, 1873). “[...] e Rio acima em té / a *Praya* donde faz extrema com a fazenda daSer- / ra [...]” (f. 12r, L. 13-15).

Predios (prédios) s. m. pl. Herdade, fazenda, terra, propriedade (VIEIRA, v.4, 1873). Herdade no campo; tudo que serve para morada (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...] á Caza do Ill(ustrissi)mo e Ex(celentissi)mo S(e)n(ho)r / Conde da Ponte, consigno este Livro para escripturar o Tomba- / mento dos *Predios* arrendados, [...]” (f. 1r, L. 2-5).

Predios devolutos²⁶ (prédios devolutos) SN. Terras não cultivadas, em descanso, desocupadas (VIEIRA, v.4, 1873). Vazio, desocupado, sem dono (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...] fazendo extrahir / listas do L(ivro)o (primeir)o do Tombamento em q(ue) se achaõ escriptu- / rados os *Predios* arrendados, ou *devolutos* Situados em cada / hum dos Destrictos, [...]” (f. 7r, L. 21-23).

Reis²⁷ (réis) s. m. Moeda antiga portuguesa (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...] terá de comprimento quatro legoas, e duas de largo; / e assim confrontado o seo valor hé quinhentos mil / *reis*. 500\$000” (f. 12r, L.16-18).

²³ Variações de forma gráfica: *peé*, *pée*, *pè*, *pê*, *pe* (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021).

²⁴ Variação de forma gráfica: *poço* (VIEIRA, v.4, 1873).

²⁵ Variação de forma gráfica: *praia* (VIEIRA, v.4, 1873).

²⁶ Terras doadas pelo sistema de sesmarias que não atenderam às exigências legais, sendo abandonadas pelos donatários ou seus herdeiros (NEVES, 2003a).

²⁷ Variação de forma gráfica: *réis*, *reaes* (SILVA, v.2, 1813 [1789]). Parte do real, unidade monetária que vigorou em Portugal até 1911, quando o escudo lhe substituiu, e no Brasil até 1942 (NEVES, 2003a).

- Rendeiros** (rendeiros) s. m. pl. O que lavra ou usa herdade alheia mediante pagamento de certa quantia ou gêneros ao dono (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] edos Livros originaes em que são escripturados os / arrendamentos dos Cultivadores *Rendeiros*, todos em guarda no / Archivo desta Administração [...]” (f. 1r, L. 10-12).
- Rio** (rio) s. m. Água corrente por entre margens, em grande cópia (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] cortan- / do Rumo direito ao *Rio*, subindo pelo veio d’agoa a- / cima até a indireitura dos altos [...]” (f. 22r, L. 15-17).
- Riacho, reacho, riachinho** (riacho, riachinho) s. m. Pequeno rio (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] descendo pelo veio d’agoa do *Riacho* cha- / mado da Lagôa do barro té aboca do matto [...]” (f. 39v, L. 18-19). “[...] indo do dito Fliciano, *Rea / cho* abaicho cortando direito para o Norte athe / oscampos aope do Morro, [...]” (f.46v, L.13-15). “[...] confor- / me o seo titulo em hum páo preto – que está ao pé / de hum *Riachinho* secco [...]” (f. 32v, L. 24-26).
- Rossa**²⁸ (roça) s. f. Granja, terra de lavoura (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] no lugar das pedrinhas donde teve huma *rossa* / chamada *Rossa* velha, cortando Rumo direito [...]” (f. 27v, L. 1-2).
- Sacco**, s. m. Extensão de campo circulada de matas (SOUZA, 2004 [1910]). “[...] p(o)r elle abaixo té o lu- / gar da Tapera *Riacho* abaixo até a barra do *Sacco* gran- / de, ficando tudo o que hé de geraes para o dito Sitio, [...]” (f. 11r, L. 17-19).
- Salto** (salto) s. m. Catarata, cascata (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] donde principiaõ as agoas verten- / tes para o *Riacho* Bonito pela dita Serra a diante / em Rumo de Nascente té o *Salto* do Aulista *Riacho* / quente abaixo té donde vertem para o mencionado / *Riacho* Bonito, [...]” (f. 21r, L. 10-14).
- Sangrador** (sangrador) s. m. Lugar onde o rio se desvia (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...] e por este veio / d’agoa acima té donde faz barra o *Riachão*, epelo / mesmo acima ao primeiro *Sangrador* da Vargem compri- / da, [...]” (f. 27r, L. 11-14).
- Sargento Mor**²⁹ (sargento-mor) SN. Oficial superior ao capitão e inferior ao coronel (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] na freg(uezi)a do Rio pardo co- / mo tratou com o *S(argeto) M(or)* Joaquim Pereira de Cas- / tro, [...]” (f. 45v, L. 19-22).
- Sella**³⁰ (sela) s. f. Adereço em que se assenta o cavaleiro nas costas do cavalo (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] pelo espigaõ acima dividindo as agoas para / o Bom Sucesso, e *Riacho* abaixo até o meio da *Sella* / gineta / E\ntre huma ponta e outra, [...]” (f. 43v, L. 8-10).
- Serra** (serra) s. f. Monte com picos, quebradas ou boqueirões (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] no lugar da Porteira Rumo di- / reito á *Serra* gineta, e seguindo pela mesma q(ue) servirá / de diviza com o Sitio de Bom Sucesso [...]” (f. 20v, L. 6-8).
- Sítio** (sítio) s. m. Habitação com granja de frutas, hortaliças, legumes. Na Bahia também recebe o nome de ‘roça’ e no Rio de Janeiro de ‘chácara’ (VIEIRA, v.5, 1874). Para os Guedes de Brito, constituía-se como parte de uma fazenda, independente das dimensões, podendo, às vezes, estender-se por léguas (NEVES, 2003a). “[...] e entre tanto fique suspensa a

²⁸ Variação de forma gráfica: *roça* (VIEIRA, v.5, 1874).

²⁹ Forma abreviada no manuscrito, como se vê na abonação, S. M. = S(argeto)-M(or) (Cf. nota 5, nesta Seção).

³⁰ Sela Ginete, atualmente chamada de *Serra Ginete*, é a denominação de uma montanha localizada nas proximidades de Tremedal (Boa Vista do Tremedal, atual município de Monte Azul-MG), assim nominada por sua configuração semelhante a uma sela de ginete (ANTUNES JR., 2017).

espiculação sobre o tal *Sitio* / em duvida até se decidir se hé ou não existente na posse, e / dominio da Caza administrada.” (f. 8r, L. 21-23).

Sorte (sorte) s. f. Porção, quinhão que se dá na partilha (SILVA, v.2, 1813 [1789]). “[...] e dahi pela Serra / abaixo até confrontar com a extrema donde prin- / cipiou na Cruz, cuja *Sorte* de terra se denomina / Vargem [...]” (f. 23r, L. 9-12).

Tapera (tapera) s. f. Sítio ou fazenda abandonada (VIEIRA, v.5, 1874). Lugar onde foi a fazenda, da qual restam vestígios; povoação em ruínas e sem gente (SOARES, 1954 [1889]). “[...], o qual se extrema pela parte / do Poente com Antonio Nunes deSequeira no lugar / da *Tapera* onde morou seo Irmaõ Cypriano, [...]” (f. 22r, L. 13-15).

Termos³¹ (termos) s. m. pl. Comarca (VIEIRA, v.5, 1874). Extensão territorial pertencente a uma vila, incluindo a sede da vila (sua povoação principal) e suas cercanias (CHAVES, 2013). “Tombamento dos Predios si- / tuados no Certaõ de Rio pardo, Destricto de Minas / novas, e outros nas extremidades dos *termos* de Caitité / e Urubú, [...]” (f. 11r, L. 1-4).

Terras incultas (terras incultas) SN. Terras que pertencem a alguém, mas não estão cultivadas, desaproveitadas (VIEIRA, v.5, 1873). “[...], e / deste morro cortando á porteira velha da varedi- / nha, e desta cortando direito ao Nascente a fazer / extrema com as *terras incultas*, [...]” (f. 12r, L. 8-11).

Títulos (títulos) s. m. pl. Escrituras dos contratos em que se funda o direito das partes e que o atestam (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] o qual se extrema com Julião Ro- / drigues Mosso, e com Antonio deFreitas da Silva / conforme os seos *títulos* todas as agoas vertentes ao / Rio verde, [...]” (f. 25v, L. 5-8).

Tombamento (tombamento) s. m. Ação de lançar em tombo as terras e propriedades com suas confrontações, medidas e todas as clarezas necessárias para constar o número e qualidades de quaisquer propriedades e rendas de alguém (VIEIRA, v.5, 1874). “Que o Adm(inistrad)or e Proc(urad)or geral fazendo extrahir / listas do L(ivr)o (primeir)o do *Tombamento* em q(ue) se achaõ escriptu- / rados os Predios arrendados, [...]” (f. 7r, L. 20-22).

Tombo (tombo) s. m. Demarcação assentada no tombamento (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] extremando com a Agoa verde / aonde direito for a procurar o Caititú aonde se acha- / va o moiraõ do *Tombo* da Capella até a Serra geral [...]” (f. 38r, L. 17-19).

Tostoens³² (tostões) s. m. pl. de tostão. Moeda de prata que vale 100 reis na moeda portuguesa (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] Sitio de que paga Renda / Manoel Joaõ Corrêa, a quantia de des *tostoens* / p(o)r anno, [...]” (f. 24r, L. 13-15).

Vareda³³ (vereda) s. f. Região provida de maior abundância d’água na zona caatingal, entre as montanhas e os vales dos rios, nos quais a vegetação é uma mistura dos agrestes e da caatinga; várzea ao longo da margem de um rio (SOUZA, 2004 [1910]). “[...], se extrema

³¹ Segundo Chaves (2013), nas colônias de Portugal, a denominação *termo de vila* foi utilizada em detrimento da de município, visto que não se convinha empregar essa última em terras não emancipadas. No Brasil, no período imperial, ambas as denominações foram utilizadas indistintamente. A vila era a sede do termo e povoação principal e a designação vila era utilizada também como sinônimo de termo. O território de jurisdição da comarca era dividido em termos, que, por sua vez, era dividido em distritos – menor demarcação territorial. Na esfera da administração eclesiástica, os termos eram compostos por uma ou mais freguesias (paróquias) (CHAVES, 2013, p. 818-819).

³² Variação de forma gráfica: *tostões* (VIEIRA, v.5, 1874).

³³ Variação de forma gráfica: *vereda*, considerada mais em uso e mais correta (VIEIRA, v.5, 1874).

na beira do / Rio deS(aõ) João acima da passagem, e na *vareda* de / S(anta) Maria com as agoas vertentes á ella por parte do / Poente té suas Cabeceiras [...]" (f. 14r, L. 16-19).

Vargem³⁴ (vargem) s. f. Planície cultivada (VIEIRA, v.5, 1874). Terreno baixo e plano que margina os rios e ribeirões e se presta à lavoura (SOUZA, 2004 [1910]). “[...], edahi para cima até aVargem da / Sussuarana entre huma *Vargem* e outra no meio / do matto em hum páo de Itapicurú [...]" (f. 29v, L.13-15).

Veio d’agoa³⁵ (veio d’água) SN. Os rios que se juntam em um só, daí em diante se diz que correm em um veio, ou o formam (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] e por elle abaixo, a fazer barra no Rio deS(aõ) Jo- / aõ, epelo mesmo abaixo até a barra da Vareda dos / Bois servindo de diviza o *veio d’agoa* dos mesmos / Rios, [...]" (f. 13r, L. 20-23).

Vertentes (vertentes) s. m. pl. A encosta do monte por onde correm as águas das nascentes (águas vertentes) (VIEIRA, v.5, 1874). “[...] que faz extrema das cabe- / ceiras do Riacho chamado Inhumas com todas as suas / *vertentes* que vem doSítio do Carrapato para o d(itt)o Ria- / cho [...]" (f. 21v, L. 18-21).

Vinculados (vinculados) adj. m. pl. Anexados (vincular bens: anexar senhorio, ou usufruto dos bens a certa pessoa e seus descendentes, de um modo inalienável) (VIEIRA, v.5, 1874). “O Ill(ustrissi)mo e Ex(celentissi)mo S(e)n(ho)r Conde da Ponte / reintegrado plenam(ent)e na livre administração dos bens / *Vinculados*, e dos Allodiaes proprios de sua Caza [...]" (f. 7r, L. 2-4).

6.2 Considerações sobre a língua do texto

A compreensão das unidades lexicais destacadas no documento permitiu algumas considerações significativas sobre o seu uso como fonte de estudo do português oitocentista. Em um primeiro momento, percebeu-se a instabilidade gráfica da *scripta* que tanto aproximava a grafia da identidade sonora da palavra quanto de sua etimologia. Essa característica da escrita oitocentista pode ser observada nas formas variadas em que a lexia *distrito* foi grafada no texto, um forte indício da realização fônica alteada das vogais médias pretônicas (TELLES, 2019).

Districto: “[...] Situados no Certaõ / do Rio pardo, *Districto* de Minas novas Commarca da Villa / do Principe doSerro frio, Capitania de Minas geraes, [...]" (f. 1r, L. 5-7).

Destricto: “[...] se achaõ escriptu- / rados os Predios arrendados, ou devolutos situados em / cada hum dos *Destrictos*, [...]" (f. 7r, L. 21-23).

Em relação a esse exemplo, considera-se como Telles (2019, p. 240) que a oscilação no grafema usado para grafar a vogal pretônica pode representar uma interferência da fala na

³⁴ Variações de forma gráfica: *vargea*, *varzea* (VIEIRA, v.5, 1874).

³⁵ Variações de forma gráfica: *veyo*, *veya*, *veia* (SILVA, v.2, 1813 [1789]), *vêa* (VIEIRA, v.5, 1874).

escrita e um indício de como as vogais mediais átonas pretônicas eram pronunciadas, o que também pode ser observado na forma como o [e] pretônico foi grafado <i> em *istancia* (f.41r, L.8) e *espiculação* (f.8r, L.21). Por outro lado, assim como a duplicação dos grafemas <t> em *matto* (f. 29v, L.15) e <l> em *alodiaes* (f. 7r, L.4), o uso da consoante muda no grupo <ct> é um registro da tendência etimologizante de aproximar a escrita da origem latina da lexia: *districtus* (CUNHA, 2013 [1982], p. 224), evidenciada a partir do século XVI com os estudos humanísticos, quando o eruditismo e a preocupação em imitar os clássicos latinos e gregos fez surgir uma nova vertente para a prática ortográfica da língua portuguesa.

Essa instabilidade gráfica do *scriptor*, resultante da ausência de normalização da escrita da língua portuguesa até o século XX, foi observada quando se identificou formas variadas de grafia para uma palavra nos dicionários históricos pesquisados, como as que foram encontradas, por exemplo, para o conceito ‘ruptura das serras pelos rios’ – *feixo* e *fexo* – e as formas diferentes como o fonema [s] foi representado no documento: com o grafema <S> em *Sitio* (f. 8r, L. 21), com o grafema <C> em *Certaõ* (f.11r, L.2), com o grafema <ç> em *çuja* (f.21r, L.13), além da forma geminada <ss> em *rossa* (f.27v, L.1) e do grafema <ʃ> simples, longo, em *Bomsucesso* (f.30v, L.13).

Ciente da possível existência de erros óbvios (*lapsus calami*) decorrentes do desempenho do *scriptor*, destaca-se, nas lexias analisadas, a presença de variantes gráficas no uso de grafemas diferentes para a mesma lexia, como na representação do fonema [ʒ], em *passage* (f.19v, L.1) e *passaje* (f.46v, L.13); do fonema [z], em *fazenda* (f. 39r, L.10) e *fasenda* (f.51v, L.1), e do fonema [j], em *extrema* (f.17r, L.15) e *estrema* (f. 46r, L. 26). No caso do fonema [j], grafado <x> e <s> na mesma lexia, reconhece-se também a possibilidade de se estar diante de uma variante fonética, em que a grafia <s> equivale ao fonema [s] e a grafia <x> ao fonema [j] (TELLES, 2018).

Além das formas gráficas, as lexias registradas no glossário documentam a existência de fenômenos semânticos, como a polissemia, ou seja, o potencial que as palavras possuem de acumular vários significados, e a sinonímia, quando lexias diferentes compartilham significados semelhantes. Além da expressão ‘*ao pé de*’ (f.32v, L.25-26), com o sentido de ‘junto a’, a lexia *pé*, em “hum pé de Gameleira” (f.33r, L.2) e em “o pé da Serra” (f. 38r, L.11-12) apresentam sentidos diferentes, referindo-se, respectivamente, a um “exemplar individual de uma planta” e à “parte mais baixa de um monte”.

Entre os exemplos de compartilhamento de significados, reconheceu-se casos de variantes lexicais, ou seja, formas alternantes que expressam a mesma coisa no mesmo contexto, especialmente relativas ao ambiente físico e à geografia da região, como *areiaõ*

(f.18v, L.14) e *arial* (f.18v, L.2), utilizadas para identificar grandes extensões de terra coberta de areia; *corgo* (f.33v, L.6) e *riacho* (f.39v, L.18), em referência a pequenos cursos d'água, e *cabeça* (f.12r, L.23) e *cabeceira* (f.11v, L.4) referentes à origem desses cursos, além de *morrinho* (f.11v, L.18) e *morrote* (f.38r, L.10), que se referem a pequenas elevações em terrenos planos.

Reconheceu-se também, na relação de palavras que tiveram o sentido recuperado através do glossário, a presença de lexias que permanecem em uso, embora não mais com o sentido expresso no texto oitocentista. Identificaram-se, nessa perspectiva, unidades lexicais que sofreram um processo de mudança semântica entre os dois estados de língua analisados, como acontece com a lexia *predio* (f.1r, L.5), que somente em situações específicas conserva, na língua atualmente em uso, o sentido de “herdade, fazenda, terra, propriedade inamovível” (VIEIRA, 1873, v. 4, p. 898) verificado no documento, sendo mais comumente conhecida com o valor de edificação.

Por outro lado, encontraram-se outras que permanecem na língua, mas incorporaram novos significados, como *tostoens* (f.24r, L.15), que se refere a moeda vigente na época de produção do manuscrito e que atualmente também identifica uma soma geralmente pouca de dinheiro, de pouco ou nenhum valor (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). Outros exemplos que experimentaram uma atualização de sentido são as patentes militares *Alferes* (f.17r, L.25) e *Sargento Mor* (f.45v, L.21), das companhias de ordenanças do período colonial, não mais existentes na estrutura militar atual.

Em outros exemplos, a forma arcaica de algumas lexias experimentou um processo de variação fonética, conservando, na língua correntemente em uso, o sentido expresso no manuscrito. Como exemplo, destacam-se as alternâncias *moirão/mourão* e *vareda/vereda*.

Moirão, s. m. Poste, estaca mais grossa que as outras, ou pedra verticalmente posta, para fazer cercas ou marcações (VIEIRA, v. 4, 1873). “[...] veio d’agoa acima até confrontar com / um *moirão* de Arueira donde faz extrema / com Manoel Antonio de Avelar, [...]” (f. 23v, L.14-16).

Mourão, s. m. Cada uma das estacas mais grossas ou postes nas estacadas, à qual são fixadas horizontalmente varas mais finas, formando uma cerca (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

Vareda, s. f. Região provida de maior abundância d’água na zona catingal, entre as montanhas e os vales dos rios, nos quais a vegetação é uma mistura dos agrestes e da caatinga; várzea ao longo da margem de um rio (SOUZA, 2004 [1910]). “[...], que se extrema na beira do / Rio deS(aõ) João acima da passagem, e na *vareda* de / S(anta) Maria com as agoas vertentes á ella por parte do / Poente té suas Cabeceiras [...]” (f. 14r, L. 16-19).

Vereda, s. f. Região na zona das catingas, localizada entre montanhas e em vale de rios, que tem maior abundância de água e vegetação. Na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

Outro aspecto a ser considerado refere-se à conservação de lexias do manuscrito oitocentista na variante popular da língua portuguesa brasileira, o dialeto rural, ou dialeto caipira (AMARAL, 1920). São exemplos desse fato as lexias *riba* e *a riba*.

Riba, s. f. Outeirinho, colina ou terra levantada ou sobranceira a um rio, caminho, povoação etc. **A riba**, loc. adv. Acima (VIEIRA, v. 4, 1872). “[...] e desta Rumo direito ao Riacho do Cedro / e p(o)r elle *a riba* té confrontar com a Varginha [...]” (f. 26v, L. 26-27).

Arriba, adv. Acima, para cima, para adiante, adiante. Etim. composição da preposição *a* com o substantivo *riba* (< lat. *rīpa*, *ae* ‘margem, em geral de rio, costa, litoral’) (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

A conservação das lexias *riba* e *arriba* no dialeto rural pode ser explicada pelo fato de essa variedade da língua concentrar-se em regiões distantes da urbanização e sem muito acesso aos meios de comunicação. Desse modo, por estar afastado da zona urbana, onde impera a cultura escrita, o dialeto rural constitui rica fonte de estudo por conservar traços do português antigo. Para Amaral (1920), o vocabulário do dialeto caipira “é formado, em parte, de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaizaram na língua culta” (AMARAL, 1920, p. 55).

Nesse contexto, foi possível fazer uma comparação dos dados levantados no *Glossário do Livro de Tombo da Casa da Ponte* com as formas lexicais coletadas por Souza (2014) na zona rural da bacia do rio Pardo, região que corresponde ao espaço apresentado no documento. Alguns itens comuns encontrados (*adonde*, *riba*, *corgo* etc.) são indícios, tanto da característica conservadora da variedade rural da língua (AMARAL, 1920), como da existência de elementos que caracterizam a região como parte de uma área cultural comum aos Estados da Bahia e de Minas Gerais.

7 O LÉXICO ONOMÁSTICO DO SERTÃO DO RIO PARDO: OS NOMES NAS “TERRAS DOS GERAES”

“O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga.”

Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2001 [1956], p.506)

Na linguagem peculiar de Guimarães Rosa, “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2001, p. 89). Como uma metáfora da vida, o autor usa um cenário real: os “sertões dos Gerais”, território que compreende o sertão do centro-norte mineiro, o centro-sul da Bahia e o nordeste de Goiás, para expor as agruras da travessia “resvalosa”¹ que é viver no mundo. Ali todos os nomes são aceitos a depender de qual, dentre os elementos físicos que compõem o espaço, mais enche os olhos de quem nomina: os campos planos e ermos – o *Gerais* –, os planaltos e serras – o *Chapadão* – ou a vegetação característica do sertão – a *caatinga*. É em uma porção desse sertão, que mistura o norte de Minas com o sudoeste da Bahia, entre os planaltos e as serras, a aridez do solo e as restrições climáticas, a vegetação resistente e a presença abençoada da água dos rios, dos riachos e das veredas, que se situam os lugares nominados no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*.

7.1 O nome do lugar: um espaço com história

Espaço ou lugar? Na perspectiva da Geografia Cultural, a presença do homem é o fator essencial para que um espaço seja considerado um lugar. É ele que, ao acrescentar história ao ambiente físico, lhe dá significado e valor, “seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, seja para servir como palco para as suas atividades” (REIS-ALVES, 2006, p. 6). Nesse sentido, entende-se os lugares nominados no documento analisado como um espaço com memória, um “espaço vivido”, como considera o geógrafo Milton Santos, “de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro” (SANTOS, 2005, p.114).

Destacando assim a importância da dimensão temporal para que o espaço seja conhecido, definido e dotado de significados particulares e relações humanas, Reis-Alves (2006) complementa:

¹ Cf. nota 2 da Seção 1.

Um espaço possui seus elementos físicos e estes têm uma relação entre si, mesmo que aleatória. Pensemos em uma paisagem. Eis o cenário: ela está lá, com todos os seus elementos, o céu, a terra, o mar, a vegetação, as montanhas, flores, etc., ou seja, todos os seus elementos físicos relacionados espacialmente. O clima também está presente, o Sol forte, as nuvens, as chuvas, etc., enfim, todos os elementos e fatores climáticos globais e locais. Contudo, este espaço não pode ser definido como um lugar, pois ele não está ocupado, não está habitado pelo homem. O clima e os elementos daquele espaço estão interagindo, porém ele não é um lugar, mas sim apenas um espaço. No momento em que o homem nele é inserido, esta paisagem é transformada em um Lugar. A simples presença do homem, física e/ou simbolicamente, a modifica e qualifica (REIS-ALVES, 2006, p. 13).

Mais do que modificar e qualificar, a presença humana é também responsável pela nomeação do lugar, transformando o universo físico em um universo socializado (CLAVAL, 2014, p. 214). Com a intermediação linguística, distingue-se “o ‘lugar’ do ‘não-lugar’, ou seja, a porção do espaço em um sítio qualquer que recebe o investimento semântico da língua, tornando-se representável e identificável intra e extra corpora” (DICK, 2002-2003, p. 181). Nesse processo, o agente da nomeação busca inspiração tanto nos aspectos relacionados ao mundo real, presentes nos diversos elementos que compõem a paisagem, quanto em fatores de natureza psíquica e em manifestações de características étnicas locais que o motivaram em um determinado momento de sua história. Como corresponsáveis pela preservação dos fatos culturais em uma determinada área geográfica, os nomes do lugar podem se tornar assim uma indicação precisa dos seus aspectos físicos e antropoculturais, estabelecendo um forte vínculo entre o nome escolhido e o lugar nominado.

Tendo em vista, como afirma Dick (1990, p. 35-36) que “a toponímia é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não exclusivamente”, reitera-se a importância do suporte fornecido por algumas áreas do conhecimento, especialmente a Geografia e a História, para a compreensão dos nomes atribuídos aos lugares, herança preciosa de culturas passadas e marca incontestável da presença do homem no espaço geográfico. Características geomorfológicas e hidrográficas da região, a fauna, a flora e o regime climático, as condições econômicas, a estrutura fundiária e o processo de ocupação são elementos que podem ter influenciado os nominadores, e dessa forma, constituem-se instrumentos metodológicos importantes para o estudo onomástico.

7.2. De “Caitité e Urubú” à Comarca do Serro Frio: conhecendo o espaço nominado

Relativo à região administrativa do Sertão do Rio Pardo (cf. Seção 5, p. 237), o documento refere-se aos “Predios arrendados, ou devolutos Situados no Certaõ do Rio pardo, Districto de Minas novas Commarca da Villa do Principe do Serro frio, Capitania de Minas geraes” (f.1r, L. 5-7), envolvendo também as “extremidades dos termos de Caitité e Urubú” (f.11r, L.3-4), na Capitania da Bahia de Todos os Santos. Como especifica Neves (2003a), os registros do tombamento cobrem aproximadamente o vale do rio Pardo e os subvales do rio Verde Grande, em Minas Gerais, e do rio Verde Pequeno, na Bahia, por onde se estende a Serra Geral.

As “extremidades dos termos de Caitité e Urubú” (f.11r, L.3-4) ocupam, nos dias atuais, áreas correspondentes aos municípios inseridos na Serra Geral², principalmente aqueles situados na fronteira com o Estado de Minas Gerais: Sebastião Laranjeiras, Urandi, Jacaraci, Mortugaba, Condeúba, Cordeiros e Piripá (cf. Fig. 42). Em território mineiro, a região do “Certaõ do Rio pardo, Districto de Minas novas Commarca da Villa do Principe do Serro frio, Capitania de Minas geraes” (f.1r, L. 5-7) envolve municípios da mesorregião Norte de Minas³, em especial aqueles situados na microrregião Alto do Rio Pardo⁴: Águas Vermelhas, Berizal, Cural de Dentro, Divisa Alegre, Indaiabira, Montezuma, Ninheira, Rio Pardo de Minas, Santa

² Divisão econômica do Estado da Bahia. A divisão regional do Estado da Bahia em 15 Regiões Econômicas foi criada com base na Lei nº 6.349, de 17 de dezembro de 1991, que instituiu o Plano Plurianual 1992-1995 (SUPERINTENDÊNCIA..., 2019).

³ A mesorregião do Norte de Minas é uma das doze mesorregiões do estado brasileiro de Minas Gerais. É formada pela união de 89 municípios, agrupados em sete microrregiões: Microrregião de Bocaiuva (Bocaiuva, Engenheiro Navarro, Francisco Dumont, Guaraciama, Olhos d'Água); Microrregião de Grão Mogol (Botumirim, Cristália, Grão Mogol, Itacambira, Josenópolis, Padre Carvalho); Microrregião de Janaúba (Catuti, Espinosa, Gameleiras, Jaíba, Janaúba, Mamonas, Mato Verde, Monte Azul, Nova Porteirinha, Pai Pedro, Porteirinha, Riacho dos Machados, Serranópolis de Minas); Microrregião de Januária (Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Cônego Marinho, Icarai de Minas, Itacarambi, Januária, Juvenília, Manga, Matias Cardoso, Miravânia, Montalvânia, Pedras de Maria da Cruz, Pintópolis, São Francisco, São João das Missões, Urucuia); Microrregião de Montes Claros (Brasília de Minas, Campo Azul, Capitão Enéas, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Francisco Sá, Glaucilândia, Ibiracatu, Japonvar, Juramento, Lontra, Luislândia, Mirabela, Montes Claros, Patis, Ponto Chique, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João do Pacuí, Ubaí, Varzelândia, Verdelândia); Microrregião de Pirapora (Buritizeiro, Ibiaí, Jequitaiá, Lagoa dos Patos, Lassance, Pirapora, Riachinho, Santa Fé de Minas, São Romão, Várzea da Palma); Microrregião de Salinas (Águas Vermelhas, Berizal, Cural de Dentro, Divisa Alegre, Fruta de Leite, Indaiabira, Montezuma, Ninheira, Novorizonte, Rio Pardo de Minas, Rubelita, Salinas, Santa Cruz de Salinas, Santo Antônio do Retiro, São João do Paraíso, Taiobeiras, Vargem Grande do Rio Pardo) (INSTITUTO..., 2016).

⁴ Conforme Araújo (2013), no sistema de regionalização do Brasil, feito pelo IBGE, o Alto Rio Pardo corresponde à microrregião Salinas. No entanto, segundo a autora, existe uma mobilização para que o território seja identificado não apenas por um município, no caso Salinas, mas por um elemento que seja comum à maioria deles: o rio Pardo. A denominação Alto do Rio Pardo é inclusive utilizada em documentos e relatórios oficiais (ARAÚJO, 2013).

Cruz de Salinas, Santo Antônio do Retiro, São João do Paraíso, Taiobeiras, Vargem Grande do Rio Pardo, como ilustrado na Figura 43, tomada de Araújo (2013, p.14).

Figura 42 – Localização dos municípios da Serra Geral no Estado da Bahia



Fonte: CAETANO, 2018.

Figura 43 – Localização do Alto do Rio Pardo na mesorregião Norte de Minas



Fonte: ARAÚJO, 2013.

A tentativa de identificar esse espaço no período de produção do documento, a partir da cartografia histórica, depara-se com alguns obstáculos, como os destacados por Paraguassu (2007) na reconstituição físico-territorial dos sertões da Bahia para a contextualização das expedições e viagens do século XVIII. Segundo Paraguassu, alguns problemas cartográficos

tornam praticamente impossível a localização, em mapas atuais, de alguns pontos usados como referência na descrição dos roteiros, tais como locais de travessia, confluência dos rios, passagem por sítios e fazendas etc.

O principal problema neste sentido é que as alterações na morfologia do sítio físico, as modificações na toponímia, a ausência de precisão nas descrições e os mapas da época não favorecem a reconstituição exata dos roteiros de viagem do século XVIII sobre a cobertura cartográfica atual dos Estados da Bahia e de Minas Gerais, nas escalas de 1:1.000.000, de 1:250.000 e 1:100.000 (PARAGUASSU, 2007, p. 201).

Ciente desses entraves e considerando o trabalho cartográfico como uma representação do espaço analisado, tomou-se por base, para a compreensão da região administrativa do Sertão do Rio Pardo, no período de produção do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, a *Carta 11 – Capitânicas da Bahia, Minas Geraes e Piauhy* (cf. Fig. 44), do Atlas *Guia de Caminhantes*, de 1816-1817⁵, de autoria do cartógrafo baiano Anastácio de Santana, em sua versão digital disponível no *site* da Biblioteca Nacional⁶.

Figura 44 – Carta 11 do atlas *Guia de Caminhantes: Capitânicas da Bahia, Minas Geraes e Piauhy*



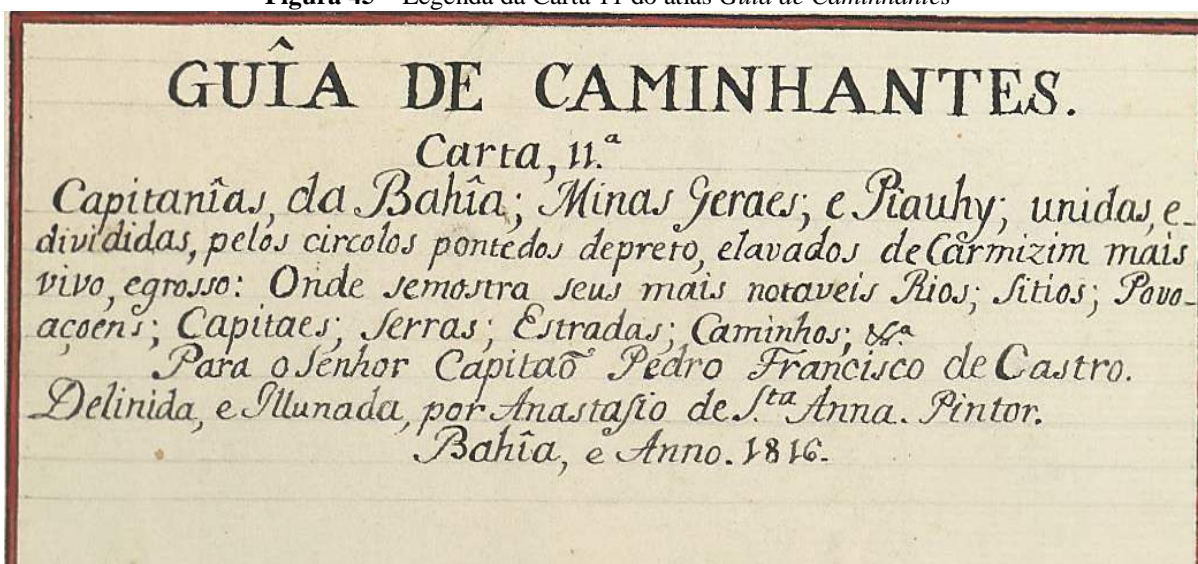
Fonte: SANTANA, 1816-1817.

⁵ A carta inicial traz a data de 1817 enquanto os mapas apresentam a data de 1816.

⁶ No acervo digital da Biblioteca Nacional (<http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>), o conjunto de mapas pode ser visualizado nos formatos htm e pdf. Utilizou-se neste trabalho a versão em htm.

No quadro explicativo, no ângulo inferior esquerdo (cf. Fig. 45), o autor apresenta detalhes técnicos do trabalho e informa que nele “se mostra seus mais notáveis Rios; Sítios; Povoações; Capitaes, Serras; Estradas; Caminhos”. Conclui as informações identificando a quem o trabalho foi dedicado, a autoria, o local e a data de sua elaboração: “Para o Senhor Capitão Pedro Francisco de Castro. Delinida, e illunada⁷ [sic] por Anastasio de Sta. Anna. Pintor. Bahia, e Anno. 1816” (SANTANA, 1816-1817).

Figura 45 – Legenda da Carta 11 do atlas *Guia de Caminhantes*



Fonte: SANTANA, 1816-1817.

Destaca-se a seguir, no recorte da Carta 11, uma delimitação aproximada da região nominada no *Livro de Tombo da Casa da Ponte* e os limites, à margem direita do rio São Francisco, estabelecidos no documento: 1: o rio das Velhas, ponto extremo da sesmaria recebida por Antônio Guedes de Brito em 1684; 2: Comarca do Serro Frio; 3: Comarca de Minas Novas; 4: o rio Verde Grande⁸; 5: o rio Verde Pequeno; 6: o rio Pardo; 7: a vila de Caetité; 8: a Serra Geral; e 9: a vila do Urubu (cf. Fig. 46).

⁷ Por conjectura, pode ler-se: “Delineada e iluminada”.

⁸ Importante afluente da margem direita do rio São Francisco, o rio Verde Grande é identificado como rio Verde na Carta 11.

Figura 46 – Recorte da Carta 11 do atlas *Guia de Caminhantes*: limites estabelecidos no documento para a região administrativa do Sertão do Rio Pardo e extremidades das regiões de Caeté e Urubú



Fonte: SANTANA, 1816-1817.

Sob a custódia da Biblioteca Nacional, Coleção Moreira da Fonseca, o atlas *Guia de Caminhantes*⁹ é composto de 14 cartas aquareladas, desenhadas a nanquim em preto e vermelho, 53 x 75, conforme informações presentes no *site*. Encomendado por Pedro Francisco de Castro, o procurador e administrador do Conde da Ponte e *scriptor* do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, o conjunto tinha o propósito de ajudar os viajantes em seus deslocamentos pelas capitanias da América portuguesa e inclui um mapa do planisfério, um de todo o Brasil, dividido em capitanias, e mais 11 cartas das capitanias, desenhadas em grupos de duas, três ou individualizadas¹⁰.

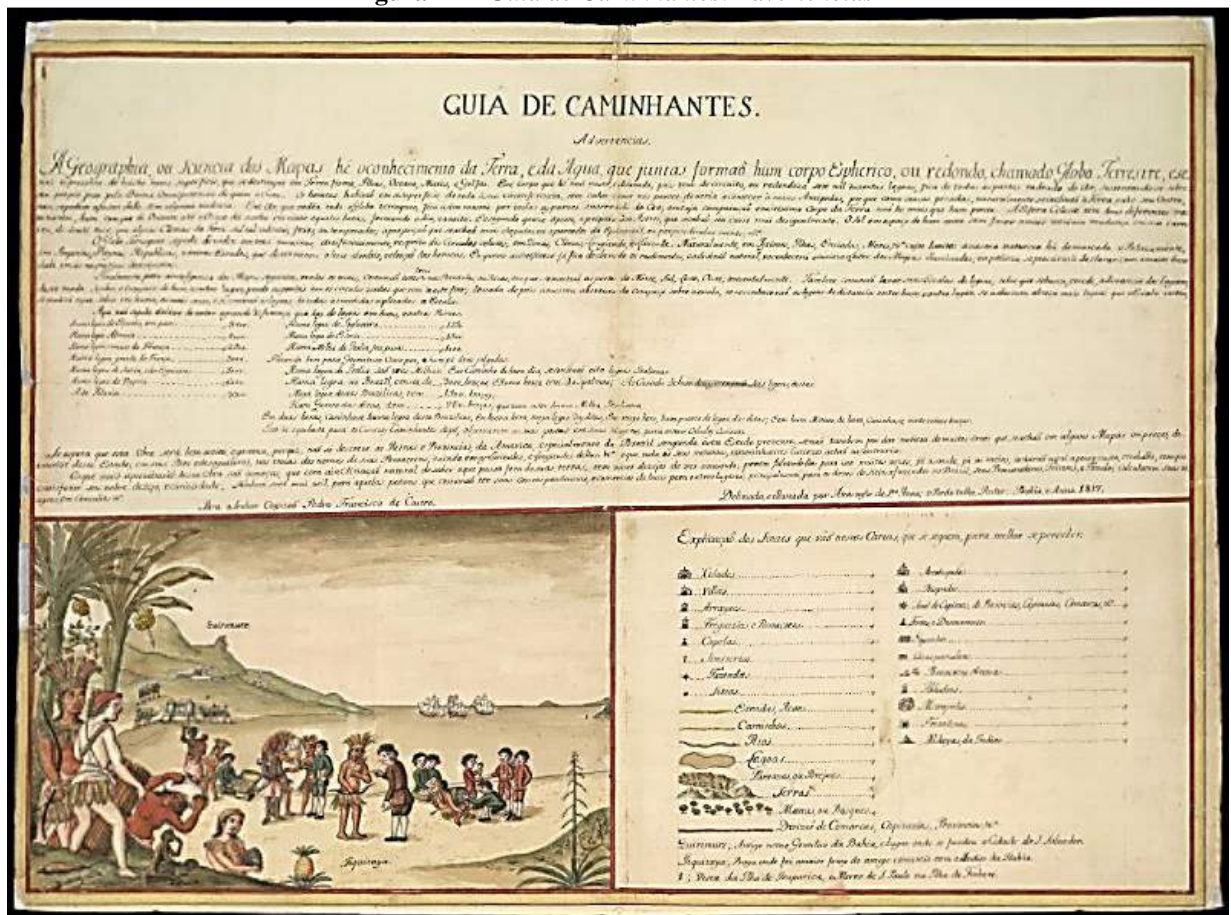
A primeira carta (cf. Fig. 47) contém uma vista panorâmica da cidade de Salvador e uma apresentação do *Guia*, identificada como “Advertências”, com informações detalhadas sobre os caminhos a serem percorridos, o tempo aproximado da viagem (as escalas são em léguas, subdivididas em palmos e polegadas, o que permite prever quantos dias um viajante levaria

⁹ Segundo Kantor (2011), as cartas que constituem o *Guia de Caminhantes* representam uma visão muito original do trabalho cartográfico, pois, para centralizar a América, Anastácio de Santana alterou o tamanho dos oceanos. E mais: na Carta 12, o Meridiano Zero está na Baía de Todos os Santos, na cidade de Salvador, o que indica uma visão baiana na sua construção (KANTOR, 2011).

¹⁰ Conteúdo de todas as cartas que compõem o atlas: “Carta 1 - Planisfério; Carta 2 - De todo o Brazil dividido em suas capitanias; Carta 3 - Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul; Carta 4 - Capitania de S. Paulo; Carta 5 - Capitania de Matto Grosso e Cuyabá; Carta 6 - Destrito do Rio Negro pertencente à Capitania do Pará; Carta 7 - Capitanias do Pará e Maranhão; Carta 8 - Capitanias de Pernambuco, Ciarã e Piauhý; Carta 9 - Capitania do Rio de Janeiro; Carta 10 - Capitania de Goyazes; Carta 11 - Capitanias da Bahia, Minas Gerais e Piauhý; Carta 12 - Enseada da Bahia de todos os Santos; Carta 13 - Enseada do Rio Grande de São Pedro do Sul” (SANTANA, 1816-1817).

para ir de um ponto a outro) e as medidas de segurança a serem observadas no percurso, além das convenções adotadas. Após esclarecer sobre o uso adequado dos mapas, o autor informa sobre a sua utilidade e propósito, o que justifica a encomenda feita pelo procurador da Casa da Ponte: “Também será mui util, para aquelas pessoas que costumão ter suas correspondencias [sic], e comercios de huns para outros lugares; principalmente, para os donos de Sítios, fazendas no Brazil, seus Procuradores, Feitores, e Famulos, calcularem suas viagens em caminhos” (SANTANA, 1816-1817)¹¹.

Figura 47 – Guia de Caminhantes: Advertências



Fonte: SANTANA, 1816-1817.

Na parte inferior à direita, o quadro com a “Explicação dos Sinaes que vão nestas Cartas, que se seguem, para melhor se perceber” esclarece sobre as convenções adotadas (cf. Fig. 48). Para facilitar o deslocamento dos viajantes, o autor identifica tanto os acidentes naturais, como

¹¹ Como já foi dito, a carta inicial com as advertências traz a data de 1817 enquanto todos os mapas apresentam a data de 1816 nos quadros explicativos, uma evidência clara de que as advertências foram colocadas após a confecção dos mapas.

serras, rios, lagoas, pântanos, bosques, quanto os antrópicos, como cidades, vilas, arraiais, freguesias, capelas, cemitérios, fazendas, sítios, estradas, aldeias, engenhos, fortalezas etc.

Figura 48 – Guia de Caminhantes: explicação dos sinais utilizados nos mapas



Fonte: SANTANA, 1816-1817.

Embora os acidentes físicos e antrópicos nem sempre sejam nominados nos mapas, os sinais indicadores, especialmente de sítios, fazendas, serras e rios, representam dados importantes para a compreensão do espaço correspondente à região especificada no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*. A título de exemplo, confronta-se um recorte da Carta 11 do *Guia de Caminhantes* com os dados referentes aos limites do sítio *Barrinha* (f.35r-35v) apresentados no documento (cf. Fig. 49). A indicação de sua localidade próxima à confluência dos rios Verde Grande e Verde Pequeno permite determinar sua localização no território que hoje corresponde ao município baiano de Sebastião Laranjeiras, o que é confirmado por Neves (2003a, p.191).

Figura 49 – Recorte da Carta 11 do atlas *Guia de Caminhantes*: limites do sítio *Barrinha*



Fonte: SANTANA, 1816-1817.

Barrinha [1]¹², Sítio [...] o qual se extrema pela parte do Norte / com a fazenda da Amburana na passage do *Rio / verde pequeno* [2] chamada do páo preto, e desta passa- / ge rumo direito faz ponto na extrema da *fazenda / dos Morrinhos* [3], que ocupa João de Araujo Moreira / e deste lugar extremando com o mesmo Morrinhos / em rumo direito a boca da Catinga na beira do *Rio / verde grande* [4] atravessando o mesmo Rio para a outra / parte neste mesmo Rumo [...] (f. 35r-35v).

Fonte: Edição semidiplomática do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*.

A localização do sítio *Barrinha* em região próxima ao encontro dos rios Verde Grande e Verde Pequeno também é representada no *Mapa da capitania de Minas Geraes: com a deviza de suas comarcas*¹³[1778], de José Joaquim da Rocha, o que pode ser conferido na Figura 50. Observa-se, na explicação no ângulo superior direito, a utilização de um triângulo para identificar as fazendas na representação cartográfica.

¹² Os colchetes indicam a numeração das localidades do manuscrito na Fig. 49.

¹³ O *Mapa da capitania de Minas Geraes: com a deviza de suas comarcas* se encontra no Arquivo Histórico do Exército (AHEx), no Rio de Janeiro.

Figura 50 – Recorte do Mapa da capitania de Minas Geraes: com a deviza de suas comarcas



Fonte: ROCHA, 1778.

Além dos sinais que mostram a localização de sítios e fazendas, as indicações de rios foram especialmente valiosas para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, considerando a importância desses acidentes físicos para a presença do homem no sertão e a sua influência no processo de povoamento da região. No contexto historiográfico do Brasil Colônia, os cursos d'água serviram de orientação e referência para as expedições, entradas e viagens nos dois primeiros séculos de colonização. Especialmente em áreas semiáridas, como a analisada, a presença da água aumentava as condições básicas para a sobrevivência do homem, além de facilitar o deslocamento, feito tanto pelos grandes rios como por pequenos riachos e córregos. Como afirma Neves (2007), a colonização portuguesa, em meados do século XVII, limitava-se “a uma estreita faixa ao longo do litoral, com avanços próximos de 10 léguas para o interior, nas margens dos rios. A secura do semiárido forçava aos que por ele se aventurassem, a marcharem pelas bordas dos cursos d'água” (NEVES, 2007, p. 17).

Nesse cenário, e em posição de destaque, situa-se o rio São Francisco, que delimita a área dos sítios analisados, situados à sua margem direita, e constitui-se no fator responsável pelos assentamentos humanos localizados em suas margens e nas de seus afluentes:

Irrigando as áreas ribeirinhas desde a capitania de Minas Gerais, passando pelas áreas de campos e caatinga da Bahia e Pernambuco, até chegar em sua foz atlântica, o rio São Francisco foi antes de tudo um eixo condutor de povoamento dos sertões da América portuguesa, fator de dilatação das fronteiras do Brasil Colonial e estruturador de uma complexa e dinâmica divisão social e territorial do trabalho, percebida em sua hierárquica rede urbana (ARRAES, 2013, p. 48).

Essa região, onde se insere a área tombada no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, é conhecida como *currais da Bahia*, em decorrência da expansão das fazendas de gado, tanto dos Garcia D'Ávila e dos Guedes de Brito quanto daquelas exploradas por seus rendeiros e foreiros. “A expansão das propriedades das duas famílias se consolidava pela fixação de fazendas de gado nas novas sesmarias conquistadas, o que levou a atividade pecuária até as margens do São Francisco e dele até a barra do rio das Velhas [...]” (INSTITUTO..., 2009, p. 56). A facilidade do deslocamento pelo rio fez com que as fazendas do São Francisco se tornassem grandes abastecedoras das *minas gerais*, desempenhando um papel significativo no desbravamento, conquista e povoamento do interior brasileiro.

De acordo com Ivo (2009), não somente o rio São Francisco e sua imensa rede de afluentes foram fundamentais para o desbravamento e a instalação de grandes fazendas na região dos “gerais”: “os rios menores dos sertões, não tão majestosos como o rio São Francisco, mas também importantes, foram as artérias (redes) que deram vida a um dos caminhos mais antigos que conectavam a Bahia a Minas Gerais”¹⁴ (IVO, 2009, p.161). Segundo ela, “o curso das águas era seguido como meio de garantir a sobrevivência e o registro das condições de descanso, [e] identificava os sítios próximos e a alimentação disponível” (IVO, 2009, p.138).

Nesse contexto, além do São Francisco, das vastidões dos tabuleiros e das chapadas e a vegetação dos cerrados apropriadas ao criatório de gado, outros cursos d'água tornaram-se fatores importantes para a colonização e povoamento da região, como os rios Verde Grande e Verde Pequeno, e, em especial, o rio Pardo. Ocupando uma área de passagem entre duas regiões mineradoras das Minas e da Bahia, fronteira entre as duas capitânicas, o rio Pardo constituiu, como afirma Araújo (2013), uma das portas de entrada de mercadorias para abastecimento da região das minas e é historicamente considerado como um dos principais cursos hídricos para a interiorização dos colonizadores na Capitania de Minas Gerais desde o século XVII.

Nascendo na serra das Almas, no município mineiro de Rio Pardo de Minas e desaguando no oceano Atlântico, no município baiano de Canavieiras, o rio Pardo, que no período colonial era também chamado de Santo Antônio, empresta o seu nome, em um processo de translação toponímica, para identificar a região administrativa do latifúndio da Casa da Ponte.

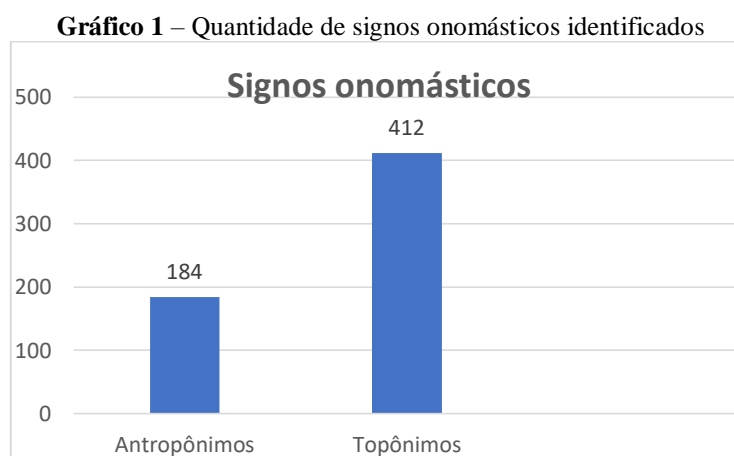
Ainda no contexto da nomenclatura do espaço, o fato de nomes de acidentes físicos que figuraram como divisas não terem se modificado com o passar do tempo – como os rios São

¹⁴ Na citação, Ivo se refere ao caminho de Itacambira, que dava acesso à localidade de igual topônimo, situada “num emaranhado de rios que entrelaçam os territórios da Bahia e de Minas Gerais: rios Jequitinhonha, Pardo, Verde Grande, Verde Pequeno, Gorutuba, Vacaria e Itacambiruçu” (IVO, 2009, p. 161).

7.3. Os signos onomásticos: recolhendo os nomes do documento editado

Em uma relação numerada e organizada alfabeticamente a partir do elemento específico dos topônimos, as folhas iniciais do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* trazem os signos onomásticos dos sítios pertencentes ao Conde da Ponte no distrito do Sertão do Rio Pardo, uma das seis regiões administrativas do imenso latifúndio herdado dos Guedes de Brito (cf. Seção 5), e seus respectivos arrendatários. Ao todo, 104¹⁵ sítios são relacionados entre as folhas 2r e 6r, com indicação dos topônimos¹⁶ e antropônimos, além do valor de cada um dos bens. Seguindo a ordem estabelecida pela data do arrendamento de cada sítio, nas folhas 11r a 46v, o documento apresenta o tombamento de cada uma das 105 propriedades, indicando os nomes dos rendeiros e compradores, o valor de arrendamento e venda, além dos limites e das confrontações dos sítios tombados.

Entende-se assim que, em vista de sua função e propósito, os signos onomásticos constituem as formas lexicais predominantes no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*, sendo identificadas 596 unidades¹⁷ (Cf. Gráfico1). Os Quadros 28 a 32, a seguir, apresentam, em ordem alfabética, os 184 antropônimos encontrados e os 412 topônimos¹⁸. Em ambos, optou-se por manter a forma gráfica do documento, com o desenvolvimento das abreviaturas utilizadas pelo *scriptor*, o que explica o uso de itálico nos signos onomásticos.



Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁵ Reitera-se a informação de que o sítio de número 105, *Barra do Mureci*, não consta da relação inicial.

¹⁶ Na relação, as propriedades com número de ordem 31 e 32 não apresentam indicação dos topônimos, sendo identificadas, respectivamente, como “Terras desmembradas do Jacoipe” e “Terras sobras do Jacoipe”.

¹⁷ Cf. no Apêndice 1 a localização dos signos onomásticos, topônimos e antropônimos, no *Livro de Tombo da Casa da Ponte*.

¹⁸ A ausência de uniformidade no uso de letras maiúsculas ao longo do documento e a transformação de signos comuns de língua em signos onomásticos interferiram no reconhecimento dos signos toponímicos, como já comentado na Seção 4. Uma análise em documentos cartográficos do período poderá auxiliar na identificação dos signos identificados como topônimos.

Quadro 28 – Antropônimos do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* (Parte 1)

<i>Agostinho Gonçalves</i>	<i>Feliciano Jozé Jorge</i>	<i>Jozé Francisco de Oliveira</i>
<i>Alexandre da Costa e Souza</i>	<i>Felis Vieira Barboza</i>	<i>Jozé Gonçalves Vieira</i>
<i>Alexandre Nicacio de Santa Anna</i>	<i>Florencio Fernandes Guimaraes</i>	<i>Jozé Ignacio de Almeida</i>
<i>Andre da Costa Villa Real</i>	<i>Francisca Afonso de Sequeira</i>	<i>Jozé Joaquim da Silva</i>
<i>Anna Maria de Brito</i>	<i>Francisco Alvares Martins</i>	<i>Jozé Ledo da Ponte</i>
<i>Anna Nazaria de Almeida</i>	<i>Francisco Caetano</i>	<i>Joze Nicolao de Tolentino</i>
<i>Anna Victoria da Conceição</i>	<i>Francisco de Souza Meira</i>	<i>Jozé Nunes</i>
<i>Antonio Pinto de Almeida</i>	<i>Francisco Fernandes Guimaraes</i>	<i>Jozé Pereira dos Santos</i>
<i>Antonio Alvares Martins</i>	<i>Francisco Jozé Magro</i>	<i>Jozé Pinheiro Pinto</i>
<i>Antonio Alvares Martins e Mello</i>	<i>Francisco Ribas da Rocha</i>	<i>Jozé Ribeiro da Cunha</i>
<i>Antonio de Mello</i>	<i>Francisco Ribeiro da Cunha</i>	<i>Jozé Soares da Silva</i>
<i>Antonio de Freitas da Silva</i>	<i>Francisco Ribeiro da Rocha</i>	<i>Jozé Vieira</i>
<i>Antonio de Freitas de Faria</i>	<i>Francisco Soares de Oliveira</i>	<i>Jozé Zacarias Quaresma</i>
<i>Antonio de Macedo Portugal</i>	<i>Francisco Xavier da Silva</i>	<i>Jozefa Maria da Conceição</i>
<i>Antonio Fernandes de Santa Anna</i>	<i>Ignacio</i>	<i>Juliaõ Gomes Pereira</i>
<i>Antonio Fernandes Guimaraes</i>	<i>Ignacio Jozé de Souza</i>	<i>Juliaõ Ribeiro Mosso</i>
<i>Antonio Fernandes Ribas</i>	<i>Izabel Correia do Amaral</i>	<i>Leandro de Souza de Medina</i>
<i>Antonio Fernandes Ribeiro</i>	<i>Izidoro Cardoso da Silva</i>	<i>Leandro Gonçalves</i>
<i>Antonio Ferreira de Souza</i>	<i>Jeronymo Pereira da Costa</i>	<i>Leandro Jozé de Queirós</i>
<i>Antonio Francisco Figueira</i>	<i>Joanna Pinto da Rocha</i>	<i>Leandro Simoens de Oliveira</i>
<i>Antonio Francisco Ribas</i>	<i>Joaõ Amaro</i>	<i>Lourenço Afonso de Sequeira</i>
<i>Antonio Gil Barboza</i>	<i>Joao de Araujo Moreira</i>	<i>Lourenço Barboza Castro</i>
<i>Antonio Gonçalves Barboza</i>	<i>Joaõ de Figueiredo Mascarenhas</i>	<i>Luiz Gonçalves Vianna</i>
<i>Antonio Joaquim de Mattos</i>	<i>Joaõ Felipe de Souza Tiago</i>	<i>Manoel Luis Ferreira de Mello</i>
<i>Antonio Jozé Paim</i>	<i>Joao Fernandes Ribeiro</i>	<i>Manoel Affonso de Serqueira</i>
<i>Antonio Moreira Parafita</i>	<i>Joao Fernandes Guimaraes</i>	<i>Manoel Antonio Corrêa de Brito</i>
<i>Antonio Nunes de Sequeira</i>	<i>João Rodrigues Salomão</i>	<i>Manoel Antonio de Avelar</i>
<i>Antonio Pinto de Almeida</i>	<i>Joao Soares Barbalho</i>	<i>Manoel Antonio de Avila</i>
<i>Antonio Rodrigues de Souza</i>	<i>Joaõ Soares da Silva</i>	<i>Manoel Borges de Carvalho</i>
<i>Bernardo Antonio de Figueiredo</i>	<i>Joao Teixeira Barboza</i>	<i>Manoel de Barros Ribeiro</i>
<i>Bernardo Gomes Negrão</i>	<i>Joaquim Alvares Martins</i>	<i>Manoel de Saldanha</i>
<i>Bernardo Jozé de Mattos</i>	<i>Joaquim Alvares Pereira</i>	<i>Manoel de Souza Marques</i>
<i>Carlos Afonso de Sequeira</i>	<i>Joaquim da Costa Valle</i>	<i>Manoel Dias Corrêa</i>
<i>Carlos Alvares das Neves</i>	<i>Joaquim de Souza Barboza</i>	<i>Manoel do Espirito Santo</i>
<i>Clemencia Dionizia Gomes</i>	<i>Joaquim Ferreira da Silva</i>	<i>Manoel dos Santos</i>
<i>Constantino Dias do Valle</i>	<i>Joaquim Gonçalves Quaresma</i>	<i>Manoel Fernandes Guimaraes</i>
<i>Custodio da Costa Meira</i>	<i>Joaquim Jozé de Santa Anna</i>	<i>Manoel Ferreira Lima</i>
<i>Custodio da Costa Moreira</i>	<i>Joaquim Pereira de Castro</i>	<i>Manoel Francisco Lopes</i>
<i>Cypriano Ferreira as Silva</i>	<i>José Francisco de Oliveira</i>	<i>Manoel Gil</i>
<i>Cypriano Nunes de Sequeira</i>	<i>Jose Nicolao de Tolentino</i>	<i>Manoel Gonçalves Chaves</i>
<i>Damazio Rodrigues Lima</i>	<i>Jozé Botelho de Andrade</i>	<i>Manoel Gonçalves de Abreo</i>
<i>Diogo Machado de Meireles</i>	<i>Jozé Ciryaco Vaz da Costa</i>	<i>Manoel Gonçalves de Azevedo</i>
<i>Domingos Afonso</i>	<i>Jozé da Costa Teixeira</i>	<i>Manoel Gonçalves Machado</i>
<i>Domingos Francisco Rodrigues</i>	<i>Jozé da Silva Moreira</i>	<i>Manoel Joaõ Corrêa</i>
<i>Estevão</i> ¹⁹	<i>Jozé dos Santos Cardozo de Almeida</i>	<i>Manoel Jozé Calado</i>
<i>Feliciano Alvares da Silva</i>	<i>Jozé Ferreira Peixoto</i>	<i>Manoel Jozé dos Santos</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁹ Condizente com a tipologia do documento, os antropônimos se apresentam em sua forma completa, ou seja, trazem o prenome e os nomes de família, com exceção de Estevão (f.40v, L.7) e Vitorino (f.24v, L.10), ambos identificados como Capitão, e Ignacio (f.11v, L.19), acompanhado do qualificativo ‘crioulo’, em que não foi possível reconhecer os sobrenomes utilizando o princípio da repetição dos nomes.

Quadro 29 – Antropônimos do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* (Parte 2)

<i>Manoel Luis Ferreira de Mello</i>	<i>Pedro de Souza Ferreira</i>	<i>Theodosio Alvares Aranha</i>
<i>Manoel Monteiro do Valle</i>	<i>Pedro Francisco de Castro</i>	<i>Theodoro Gonçalves de Serqueira</i>
<i>Manoel Nunes de Sequeira</i>	<i>Pedro Ribeiro Lopes</i>	<i>Thomás de Aquino de Carvalho</i>
<i>Manoel Ribeiro da Cunha</i>	<i>Placido Barboza</i>	<i>Thomas Jozé da Costa</i>
<i>Manoel Tavares dos Anjos</i>	<i>Raimundo Affonso de Serqueira</i>	<i>Thomás Soares Barbalho</i>
<i>Marcello Mendes Cavaleiro</i>	<i>Raymundo Carvalho Falcao</i>	<i>Thomáz da Silva Paranho</i>
<i>Maria Francisca de Sequeira</i>	<i>Raymundo de Carvalho</i>	<i>Thome de Souza</i>
<i>Maria Leda da Ponte</i>	<i>Ritta Jozefa Brandaõ</i>	<i>Valerio da Costa Ramos</i>
<i>Maria Ribeiro da Conceição</i>	<i>Ritta Nunes de Sequeira</i>	<i>Vasco Antunes de Serqueira</i>
<i>Maria Rozaria</i>	<i>Roberto Fernandes Jácome</i>	<i>Venancio dos Santos Pereira</i>
<i>Matheus Francisco da Silveira</i>	<i>Roza Maria da Conceição</i>	<i>Vicencia Nunes de Sequeira</i>
<i>Mathias Soares Barbalho</i>	<i>Roza Maria de Jesus</i>	<i>Vicente Ferreira dos Santos</i>
<i>Maximiano Ferreira da Silva</i>	<i>Salvador Ferreira dos Santos</i>	<i>Vitorino</i>
<i>Modesto Vaz da Costa</i>	<i>Simao Moreira</i>	<i>Wenceslão Alvares</i>
<i>Nicolao Franco</i>	<i>Tereza Maria de Jesus</i>	
<i>Paulo Ribeiro da Cunha</i>	<i>Tereza Nunes de Sequeira</i>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 30 – Topônimos do *Livro de Tombo da Casa da Ponte* (Parte 1)

<i>Agoa Verde</i>	<i>Barra do Riacho Seco</i>	<i>Caitité</i>
<i>Alto da Cachoeira</i>	<i>Barra do Ribeirão do Mosquito</i>	<i>Caititú</i>
<i>Alto da Caldeira Grande</i>	<i>Barra do Sangrador</i>	<i>Caldeirão da Lagôa</i>
<i>Alto da Imbaubeira</i>	<i>Barra do Santo Antonio</i>	<i>Caminho da Ladeira</i>
<i>Alto da Lagôa do Barro</i>	<i>Barra do Sumidouro</i>	<i>Caminho dos Lençoes</i>
<i>Alto da Malhadinha</i>	<i>Barreiro</i>	<i>Campinho</i>
<i>Alto da Sepultura</i>	<i>Barreiro da Barriguda</i>	<i>Canabraba</i>
<i>Alto da Serra</i>	<i>Barreiro da Fava</i>	<i>Canto da Rossa</i>
<i>Alto da Terra Vermelha</i>	<i>Barreiro de Santo Antonio</i>	<i>Canto da Vargem</i>
<i>Alto do Carrasco</i>	<i>Barreiro de São Pedro</i>	<i>Canto do Pôso de Pay Paulo</i>
<i>Alto do Imbirussú</i>	<i>Barreiro do Matto</i>	<i>Capitania de Minas Geraes</i>
<i>Alto do Lagedo</i>	<i>Barreiro do Páo Preto</i>	<i>Capoeiras da lagoinha</i>
<i>Alto do Lagedo da Lagoa</i>	<i>Barreiro Preto</i>	<i>Carrasco do Páo Alto</i>
<i>Alto do Tamanduá</i>	<i>Barrigudas de Baixo</i>	<i>Catinga do Jacari Grande</i>
<i>Altos da Lagoa do Moleque</i>	<i>Boca da Catinga</i>	<i>Catingas do Rio Verde</i>
<i>Altos das Geraes</i>	<i>Boca do Vaqueijador</i>	<i>Cerca da Ilha</i>
<i>Altos de Rio Verde</i>	<i>Bom Sucesso</i>	<i>Certaõ do Rio Pardo</i>
<i>Areião da Gameleira</i>	<i>Boqueiraõ</i>	<i>Chapada de São Joaquim</i>
<i>Bahia</i>	<i>Brejo do Páo Preto</i>	<i>Christaes</i>
<i>Baixa dos Imbuzeiros</i>	<i>Brejo dos Martires</i>	<i>Curral da Pedra</i>
<i>Barra da Taboquinha</i>	<i>Brejo Velho</i>	<i>Curral Falso</i>
<i>Barra da Vareda</i>	<i>Cabeça do Boi</i>	<i>Curral Velho das Queimadas</i>
<i>Barra do Bom Sucesso</i>	<i>Cabeça do Riacho da Vadiação</i>	<i>Curuja Velha</i>
<i>Barra do Bom Sucesso</i>	<i>Cabeceira da Caruara</i>	<i>Districto de Minas Novas</i>
<i>Barra do Breginho do Rossado</i>	<i>Cabeceira da Lagôa</i>	<i>Encruzilhada da Vargem</i>
<i>Barra do Curral Falso</i>	<i>Cabeceira da Taboquinha</i>	<i>Estreito Macacos</i>
<i>Barra do Riacho da Canabraba</i>	<i>Cabeceira da Tapera</i>	<i>Estrema dos Cocos</i>
<i>Barra do Riacho da Lagôa</i>	<i>Cabeceira da Vareda do Brejo</i>	<i>Fazenda da Barrinha</i>
<i>Barra do Riacho da Maravilha</i>	<i>Cabeceira da Vareda do Sigano</i>	<i>Fazenda da Cana Brava</i>
<i>Barra do Riacho da Mumbuca</i>	<i>Cabeceira do Gavião</i>	<i>Fazenda da Amburana</i>
<i>Barra do Riacho de São Pedro</i>	<i>Cabeceira do Riacho Curral Velho</i>	<i>Fazenda da Barriguda</i>
<i>Barra do Riacho do Felipe</i>	<i>Cabeceira do Riacho Maravilha</i>	<i>Fazenda da Bem Posta</i>
<i>Barra do Riacho do Jatahi</i>	<i>Cabeceira do Riacho Mocambo</i>	<i>Fazenda da Ilha</i>
<i>Barra do Riacho do Mocambo</i>	<i>Cabeceira do Rio Secco</i>	<i>Fazenda da Itabiraba</i>
<i>Barra do Riacho do Mureci</i>	<i>Cabeceiras do Riacho da Cobra</i>	<i>Fazenda da Lagôa do Coelho</i>
<i>Barra do Riacho do Ouro</i>	<i>Cabeceiras do Riachodas Larangeiras</i>	<i>Fazenda da Rapoza</i>
<i>Barra do Riacho Forquilha</i>	<i>Cachoeira do Rio Pardo</i>	<i>Fazenda da Serra</i>
<i>Barra do Riacho Secco / Volta</i>	<i>Cachoeira Grande do Riacho secco</i>	<i>Fazenda da Tabûa</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 31 – Topônimos do Livro de Tombo da Casa da Ponte (Parte 2)

<i>Fazenda das Aguilhadas</i>	<i>Passage do Taboleiro</i>	<i>Rio das Inhumas</i>
<i>Fazenda das Mamonas</i>	<i>Passage dos Cavallos</i>	<i>Rio de São João</i>
<i>Fazenda de Santa Ritta</i>	<i>Passage Velha</i>	<i>Rio do Bom Successo</i>
<i>Fazenda de São Domingos</i>	<i>Passage Velha do Brejo</i>	<i>Rio do Gurutuba</i>
<i>Fazenda de São João</i>	<i>Passagem das Pedras</i>	<i>Rio do Pacui</i>
<i>Fazenda do Bom Sucesso</i>	<i>Passagem velha</i>	<i>Rio do Sucesso</i>
<i>Fazenda do Campo Grande</i>	<i>Pé do Morro</i>	<i>Rio dos Lençoes</i>
<i>Fazenda do Condiuba</i>	<i>Pedrinhas</i>	<i>Rio Gurutuba</i>
<i>Fazenda do Guará</i>	<i>Ponta da Cachoeira</i>	<i>Rio Maravilha</i>
<i>Fazenda do Pacui</i>	<i>Ponta de Riba do Possaõ</i>	<i>Rio Pardo</i>
<i>Fazenda do Pajahú</i>	<i>Ponta do Morrinho</i>	<i>Rio Sucuruí</i>
<i>Fazenda dos Dourados</i>	<i>Porteira</i>	<i>Rio Verde</i>
<i>Fazenda dos Morrinhos</i>	<i>Porteira do Arial</i>	<i>Rio Verde Grande</i>
<i>Fazenda Santo Antonio do Carrapato</i>	<i>Pôssô do Felis</i>	<i>Rio Verde Pequeno</i>
<i>Feixo da Lagôa</i>	<i>Provincia da Bahia</i>	<i>Rossa de Baixo</i>
<i>Feixo do Morro</i>	<i>Queimada Velha das Lages</i>	<i>Rossa Velha</i>
<i>Feixo da Lagôa dos Patos</i>	<i>Redonda</i>	<i>Salto do Aulista</i>
<i>Feixo da Serra</i>	<i>Riachaõ</i>	<i>Sangrador</i>
<i>Freguesia do Rio pardo</i>	<i>Riachão do Bomsucesso</i>	<i>Sangrador da Cachoeira</i>
<i>Fundo do Caxingó</i>	<i>Riachinho d'Agoa Branca</i>	<i>Sangrador da Vargem Comprida</i>
<i>Furado do Irarapi</i>	<i>Riacho Bomsucesso</i>	<i>Sangrador de Carvalho</i>
<i>Furado do Sucuruí</i>	<i>Riacho Bonito</i>	<i>Santo Antonio</i>
<i>Furado dos Imbús</i>	<i>Riacho Capoeira</i>	<i>São João</i>
<i>Lagedo Grande</i>	<i>Riacho Curral Velho</i>	<i>São Joao do Paraizo</i>
<i>Lagôa da Tabúa</i>	<i>Riacho d'Agoa</i>	<i>Serra</i>
<i>Lagoa dos Patos</i>	<i>Riacho da Canabraba</i>	<i>Serra da Jahiva</i>
<i>Lagôa Secca</i>	<i>Riacho da Capoeira</i>	<i>Serra do Brejo</i>
<i>Lagoinha</i>	<i>Riacho da Lagôa</i>	<i>Serra do Encantado</i>
<i>Larangeira</i>	<i>Riacho da Laranjeira</i>	<i>Serra do Piripiri</i>
<i>Larangeira Velha</i>	<i>Riacho da Mumbuca</i>	<i>Serra Geral</i>
<i>Lençoes</i>	<i>Riacho da Pascoa</i>	<i>Serra Gineta</i>
<i>Moleque</i>	<i>Riacho da Porteira</i>	<i>Serra Nova</i>
<i>Morrinho da Ladeira</i>	<i>Riacho da Vadiação</i>	<i>Sitio Bairro-alto</i>
<i>Morrinho das Vargens</i>	<i>Riacho da Vargem de Dentro</i>	<i>Sitio Barra do Mureci</i>
<i>Morrinho do Campo Largo</i>	<i>Riacho da Volta</i>	<i>Sitio Barreiro</i>
<i>Morro agudo</i>	<i>Riacho das Inhumas</i>	<i>Sitio Barreiro Grande</i>
<i>Morro da Canabrava</i>	<i>Riacho das Mamonas</i>	<i>Sitio Boavista</i>
<i>Morro da Fava</i>	<i>Riacho de Capim Pubo</i>	<i>Sitio Boqueiraõ do Parreira</i>
<i>Morro do Condiuba</i>	<i>Riacho de Santo Antonio</i>	<i>Sitio Buraco</i>
<i>Morro do Jualtar</i>	<i>Riacho de São João</i>	<i>Sitio Campo Alegre</i>
<i>Morro do Mocó</i>	<i>Riacho de São Pedro</i>	<i>Sitio Caza Nova</i>
<i>Morro do Olho d'Agoa do Jatobá</i>	<i>Riacho do Bom Sucesso</i>	<i>Sitio Caza Velha</i>
<i>Morro Redondo</i>	<i>Riacho do Boqueiraõ</i>	<i>Sitio Curuja</i>
<i>Mulungú</i>	<i>Riacho do Cedro</i>	<i>Sitio da Barrinha</i>
<i>Paramirim</i>	<i>Riacho do Mureci</i>	<i>Sitio da Boa Sorte</i>
<i>Passage Bebedor dos Cavallos</i>	<i>Riacho do Pasto dos Cavallos</i>	<i>Sitio da Boavista</i>
<i>Passage da Barra</i>	<i>Riacho dos Lençoes</i>	<i>Sitio da Cachoeira</i>
<i>Passage da Pedra</i>	<i>Riacho Fundo</i>	<i>Sitio da Cachoeirinha</i>
<i>Passage da Raiz</i>	<i>Riacho Lagôa do Barro</i>	<i>Sitio da Canabraba</i>
<i>Passage das Contendas</i>	<i>Riacho Quente</i>	<i>Sitio da Capa</i>
<i>Passage das Pedras</i>	<i>Riacho Secco</i>	<i>Sitio da Capoeira</i>
<i>Passage de Mathias Peixoto</i>	<i>Riacho Secco Grande</i>	<i>Sitio da Conceição</i>
<i>Passage do Limoeiro</i>	<i>Riacho Tabocal</i>	<i>Sitio da Gameleira</i>
<i>Passage do Medonha</i>	<i>Rio Bom Successo</i>	<i>Sitio da Ilha</i>
<i>Passage do Meio</i>	<i>Rio Canabraba</i>	<i>Sitio da Ilha Grande</i>
<i>Passage do Mingú</i>	<i>Rio da Barra</i>	<i>Sitio da Ingazeira</i>
<i>Passage do Murici</i>	<i>Rio da Capa</i>	<i>Sitio da Jahiva</i>
<i>Passage do Páo Preto</i>	<i>Rio da Capoeira</i>	<i>Sitio da Lagôa</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 32 – Topônimos do Livro de Tombo da Casa da Ponte (Parte 3)

<i>Sítio da Lagôa do Coelho</i>	<i>Sítio do Juazeiro</i>	<i>Sítio Trombeteiro</i>
<i>Sítio da Malhada Grande</i>	<i>Sítio do Mocambo</i>	<i>Sítio Vaqueijador Novo</i>
<i>Sítio da Mandacaia</i>	<i>Sítio do Mosquito</i>	<i>Sítio Vareda do Barreiro</i>
<i>Sítio da Passagem do Meio</i>	<i>Sítio do Pajahú</i>	<i>Sítio Vareda do Trassadal</i>
<i>Sítio da Pedra</i>	<i>Sítio do Papaterra</i>	<i>Sítio Vargem da Faca</i>
<i>Sítio da Piedade</i>	<i>Sítio do Paqué</i>	<i>Sítio Vargem da Onça</i>
<i>Sítio da Porteira Velha</i>	<i>Sítio do Pé da Serra</i>	<i>Sítio Vargem Fermoza</i>
<i>Sítio da Santa Cruz e Espírito Santo</i>	<i>Sítio do Riacho Abaixo</i>	<i>Sítio Vargem Redonda</i>
<i>Sítio da Tabúa</i>	<i>Sítio do Rio de São João</i>	<i>Sítio Varginha Acima</i>
<i>Sítio da Tapera</i>	<i>Sítio do Sacco</i>	<i>Sítio Varginha de Cima</i>
<i>Sítio da Vareda</i>	<i>Sítio do Salto</i>	<i>Terra Vermelha</i>
<i>Sítio da Vareda dos Bois</i>	<i>Sítio do Santo Antonio</i>	<i>Urubú</i>
<i>Sítio da Vargem da Cachoeira</i>	<i>Sítio do Taboleiro</i>	<i>Vareda Çuja</i>
<i>Sítio da Vargem Redonda</i>	<i>Sítio do Tabuleiro Grande</i>	<i>Vareda de Nossa Senhora</i>
<i>Sítio da Varginha do Mandacarú</i>	<i>Sítio do Tremedal</i>	<i>Vareda de Santa Maria</i>
<i>Sítio das Contendas</i>	<i>Sítio dos Angicos</i>	<i>Vareda do Caximbo</i>
<i>Sítio das Duas Barras</i>	<i>Sítio dos Dourados</i>	<i>Vareda do Jatobá</i>
<i>Sítio das Mamonas</i>	<i>Sítio dos Lençoes</i>	<i>Vareda do Jundiáhi</i>
<i>Sítio das Pedras, ou São João</i>	<i>Sítio dos Martires</i>	<i>Vareda do Mandacaru</i>
<i>Sítio das Piranhas</i>	<i>Sítio dos Morrinhos</i>	<i>Vareda Funda</i>
<i>Sítio de Bom Sucesso</i>	<i>Sítio dos Páos Pretos</i>	<i>Vargem</i>
<i>Sítio de Encantado</i>	<i>Sítio Espírito Santo</i>	<i>Vargem Çuja</i>
<i>Sítio de Nossa Senhora do Livramento</i>	<i>Sítio Gurutuba</i>	<i>Vargem da Catita</i>
<i>Sítio de Santa Anna</i>	<i>Sítio Jacoipe</i>	<i>Vargem da Sussuarana</i>
<i>Sítio de Santa Cruz</i>	<i>Sítio Jatobá, ou Curuja</i>	<i>Vargem das Pedras</i>
<i>Sítio de Santo Antonio</i>	<i>Sítio Lagoa da Jaboticaba</i>	<i>Vargem do Curral</i>
<i>Sítio de São Domingos</i>	<i>Sítio Montes Altos</i>	<i>Vargem do Curral da Pedra</i>
<i>Sítio de São Gonçalo</i>	<i>Sítio Páo Alto</i>	<i>Vargem do Galheiro</i>
<i>Sítio de São Joaõ</i>	<i>Sítio Passagem da Raiz</i>	<i>Vargem do Mandacarú</i>
<i>Sítio de São Jozé</i>	<i>Sítio Passagem dos Cavalos</i>	<i>Vargem do Rio</i>
<i>Sítio de São Pedro</i>	<i>Sítio Piripiri</i>	<i>Vargem dos Lençoes</i>
<i>Sítio do Boqueirão</i>	<i>Sítio Porteira velha</i>	<i>Vargem Funda</i>
<i>Sítio do Bom Sucesso</i>	<i>Sítio Riacho Abaixo</i>	<i>Vargem Negra</i>
<i>Sítio do Carrapato</i>	<i>Sítio Riacho Secco</i>	<i>Vargem Redonda</i>
<i>Sítio do Cedro</i>	<i>Sítio Rio Verde</i>	<i>Vargem Secca</i>
<i>Sítio do Currealinho e Ingazeira</i>	<i>Sítio Santo Antonio do Carrapato</i>	<i>Varginha</i>
<i>Sítio do Encantado</i>	<i>Sítio Santo Antonio do Pé de Serra</i>	<i>Varginha da Extrema</i>
<i>Sítio do Espinho</i>	<i>Sítio São Bartholomeo</i>	<i>Varginha do Mandacarú</i>
<i>Sítio do Impossível</i>	<i>Sítio Tabocal</i>	<i>Veio do Sangrador</i>
<i>Sítio do Jacoipe</i>	<i>Sítio Tabuleiro</i>	<i>Villa do Principe do Serro Frio</i>
<i>Sítio do Jacoré</i>	<i>Sítio Tapera</i>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Reafirmando o propósito de seguir o caminho do Sertão do Rio Pardo para encontrar as vozes que deram nome ao lugar, delimitou-se como *corpus* desta pesquisa os 105 topônimos de acidentes humanos rurais correspondentes aos sítios tombados no documento oitocentista, conforme apresentado no item *a* das etapas definidas como necessárias à pesquisa toponímica desenvolvida: levantamento e delimitação do *corpus* de estudo (cf. Seção 2, p. 66). Respeitando a grafia do *scriptor*, os Quadros 33 a 35, a seguir, registram os 105 topônimos, indicando a localização no documento e seguindo a ordem de numeração aí apresentada.

Quadro 33 – Composição do *corpus* (Parte 1)

Ordem	Localização	Topônimo
1	f.11r	<i>Pedras, ou Saõ Joaõ</i>
2	f.11r-11v	<i>Sacco</i>
3	f.11v	<i>Gameleira</i>
4	f.12r	<i>Ilha</i>
5	f.12r-12v	<i>Pedras</i>
6	f.12v	<i>Vareda do Trassadal</i>
7	f.12v-13r	<i>Jatobá, ou Curuja</i>
8	f.13r	<i>Páos pretos</i>
9	f.13v	<i>Nossa Senhora do Livramento</i>
10	f.13v-14r	<i>Saõ Gonçalo</i>
11	f.14r	<i>Rio de Saõ Joaõ</i>
12	f.14v	<i>Boa sorte</i>
13	f.14v	<i>Vareda dos Bois</i>
14	f.15r	<i>Vareda</i>
15	f.15r-15v	<i>Angicos</i>
16	f.15v-16r ²⁰	<i>Juazeiro</i>
17	f.16r	<i>Martires</i>
18	f.16v	<i>Piranhas</i>
19	f.17r	<i>Morrinhos</i>
20	f.17v	<i>Salto</i>
21	f.17v-18r	<i>Conceição</i>
22	f.18r	<i>Curralinho e Ingazeira</i>
23	f.18r-18v	<i>Santo Antonio</i>
24	f.18v	<i>Canabraba</i>
25	f.19r	<i>Saõ Pedro</i>
26	f.19r-19v	<i>Capoeira</i>
27	f.19v-20r	<i>Passage do meio</i>
28	f.20r	<i>Ilha grande</i>
29	f.20v	<i>Buraco</i>
30	f.20v-21r	<i>Tabocal</i>
31	f.21r	<i>Terras desmembradas do Jacoipe</i>
32	f.21r-21v	<i>Terras sobras do Jacoipe</i>
33	f.21v-22r	<i>Santo Antonio do Carrapato</i>
34	f.22r	<i>Caza velha</i>
35	f.22v	<i>Vargem da Onça</i>
36	f.22v	<i>Barreiros</i>
37	f.23r	<i>Santa Anna</i>
38	f.23r-23v	<i>Vargem da Cachoeira</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

²⁰ As folhas 16r e 16v foram suprimidas do documento (cf. Seção 4). A definição de que a conclusão do tombamento do sítio 16 (Juazeiro) efetua-se na f.16r apoia-se na ausência de informações referentes à extensão e ao valor estipulado da propriedade na folha anterior. A identificação e localização do tombamento dos sítios 17 e 18, Martires e Piranhas, baseiam-se nas informações presentes nas folhas 4v (L.5) e 5r (L.5), respectivamente, da relação inicial.

Quadro 34 – Composição do *corpus* (Parte 2)

Ordem	Localização	Topônimo
39	f.23v	<i>Boavista</i>
40	f.23v-24r	<i>Caza nova</i>
41	f.24r	<i>Gameleira</i>
42	f.24v	<i>Santa Anna</i>
43	f.24v-25r	<i>Boavista</i>
44	f.25r	<i>Varginha acima</i>
45	f.25v	<i>Bairro-alto</i>
46	f.25v	<i>Porteira velha</i>
47	f.25v-26r	<i>Rio verde</i>
48	f.26r	<i>Cedro</i>
49	f.26r-26v	<i>Varginha de cima</i>
50	f.26v-27r	<i>Cedro</i>
51	f.27r	<i>Vargem da faca</i>
52	f.27r-27v	<i>Cachoeira</i>
53	f.27v	<i>Vaqueijadouro novo</i>
54	f.28r	<i>Trombeteiro</i>
55	f.28r-28v	<i>Tapera</i>
56	f.28v-29r	<i>Santa Anna</i>
57	f.29r-29v	<i>Santa Anna</i>
58	f.29v-30r	<i>Vargem redonda</i>
59	f.30r	<i>Taboleiro</i>
60	f.30r-30v	<i>Lençoes</i>
61	f.30v-31r	<i>Santa Anna</i>
62	f.31r	<i>Santa Anna</i>
63	f.31r-31v	<i>Santa Anna</i>
64	f.31v-32r	<i>Varginha do mandacaru</i>
65	f.32r	<i>Santa Anna</i>
66	f.32r-32v	<i>Santa Anna</i>
67	f.32v-33r	<i>São Domingos</i>
68	f.33r-33v	<i>Riacho secco</i>
69	f.33v-34r	<i>Ilha grande</i>
70	f.34r	<i>Jacoipe</i>
71	f.34r-34v	<i>Santa Anna</i>
72	f.34v-35r	<i>Santa Cruz</i>
73	f.35r	<i>São Pedro</i>
74	f.35r-35v	<i>Barrinha</i>
75	f.36r	<i>Riacho abaixo</i>
76	f.36r-36v	<i>Santo Antonio do pé de Serra</i>
77	f.36v	<i>Jacoré</i>
78	f.37r	<i>Pajahú</i>
79	f.37r-37v	<i>Passage dos Cavalos</i>
80	f.37v-38r	<i>São Jozé</i>
81	f.38r-38v	<i>Montes altos</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 35 – Composição do *corpus* (Parte 3)

Ordem	Localização	Topônimo
82	f.38v	<i>São Pedro</i>
83	f.38v-39r	<i>Curuja</i>
84	f.39r-39v	<i>Boqueiraõ</i>
85	f.39v-40r	<i>Boqueiraõ</i>
86	f.40r-40v	<i>Tapera e Guará</i>
87	f.40v-41r	<i>Vaqueijador novo</i>
88	f.41r	<i>Cedro</i>
89	f.41v	<i>Santa Anna</i>
90	f.41v	<i>Santa Anna</i>
91	f.42r	<i>Cachoeirinha</i>
92	f.42r-42v	<i>Ilha</i>
93	f.42v	<i>São Pedro</i>
94	f.42v-43r	<i>Passage da raiz</i>
95	f.43r	<i>Barreiro grande</i>
96	f.43r-43v	<i>Bom Successo</i>
97	f.43v-44r	<i>Barreiro</i>
98	f.44r	<i>Campo alegre</i>
99	f.44v	<i>Vargem fermoza</i>
100	f.44v-45r	<i>Jahiva</i>
101	f.45r-45v	<i>Espirito Santo</i>
102	f.45v	<i>Dourados</i>
103	f.45v-46r	<i>Páo alto</i>
104	f.46r-46v	<i>São Bartolomeo</i>
105	f.46v	<i>Barra do Mureci</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

O estudo envolvendo os nomes de lugares pode se desenvolver em diferentes perspectivas: sob o ponto de vista etimológico, analisa-se a origem linguística dos termos que compõem o sintagma toponímico, enquanto a análise morfológica procura identificar a estrutura dos elementos do sintagma. Em outro plano, investiga-se o componente motivacional dos designativos e procura-se conhecer os fatores, físicos ou antropoculturais, que teriam motivado o nominador no ato de nomeação.

Nesse contexto, buscou-se, na pesquisa, além de proceder ao levantamento dos signos toponímicos do documento oitocentista, identificar a origem linguística, a estrutura morfológica e a classificação taxionômica dos signos que constituem o *corpus* de estudo, analisando a motivação semântica dos topônimos em uma perspectiva diatópica e diacrônica, ou seja, considerando os motivos predominantes na denominação das propriedades rurais vinculadas ao patrimônio territorial da Casa da Ponte na região administrativa do Sertão do Rio Pardo, no período colonial brasileiro.

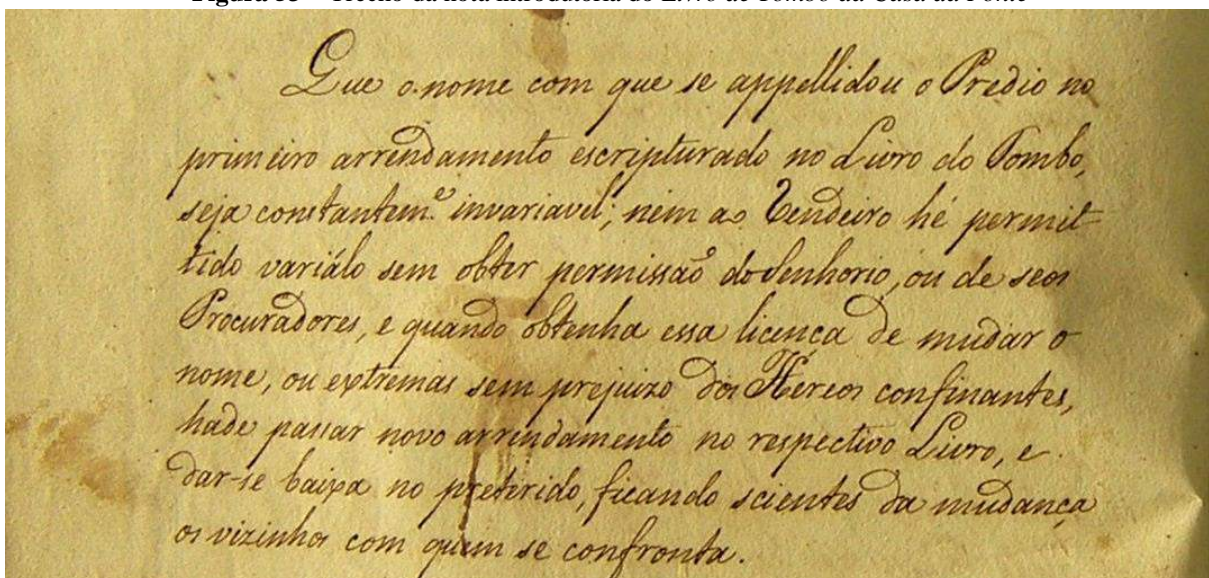
Tendo em vista a importância das fazendas no processo de ocupação das terras e no desenvolvimento econômico do Brasil Colônia, procurou-se entender em que proporção as características ambientais – a fauna, a flora, o solo, o clima, a presença ou ausência da água – e os aspectos sócio-histórico-culturais determinaram a formação dessa toponímia e até que ponto esta deixa transparecer o modo como o homem via e entendia o sertão no período colonial brasileiro.

Baseando-se nos estudos de Dauzat (1936 [1928]), Dick (1992) considera que as formas que influenciam na criação de um topônimo podem resultar em uma toponímia de caráter “espontâneo ou popular”, que tem origem no seio de uma comunidade e por isso não tem uma autoria identificável, ou de caráter “sistemático ou oficial”, atribuído aos dirigentes ou àqueles que detêm o poder, legitimamente constituído ou não (DICK, 1992, p. 49). Em relação à toponímia de acidentes humanos rurais – fazendas, chácaras, sítios, estâncias – os pesquisadores da área reconhecem uma toponímia de caráter espontâneo, resultantes de alguma influência do espaço físico ou de uma experiência antropocultural nascida na própria comunidade, diferente da toponímia urbana em que predominam as questões políticas e as relações de poder. Sobre esse aspecto dos estudos toponímicos, Oliveira e Isquerdo (2020) afirmam:

A nomeação de propriedades rurais, por estas estarem inseridas em um ambiente em que aspectos físicos como fauna, flora e hidrografia se destacam, é também muito influenciada pela presença de fatores descritivos que apontam para a visão do denominador a respeito do local nomeado. Assim, na nomeação de acidentes humanos, concorrem fatores emotivos diretamente ligados à percepção do ambiente pelo denominador (propriedade de família, crenças religiosas, concretização de projetos de vida na aquisição da propriedade...) que extrapolam fatores físicos, evidenciando características geográficas singulares de um lugar (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2020, p. 61).

Considerando também a característica conservadora dos signos toponímicos que permite que sejam transmitidos a gerações posteriores, às vezes, sem sofrer alterações morfológicas, buscou-se identificar a permanência desses designativos no espaço geográfico estudado, esperando que parte deles estivesse atualmente preservada, tendo em vista ainda as disposições e instruções do Senhorio apresentadas na nota introdutória do documento: “Que o nome com que se apelidou o Predio no / primeiro arrendamento escripturado no Livro do Tombo, / seja constantem(ente) e invariável, nem ao Rendeiro hé permit- / tido variálo sem obter permissão do Senhorio, ou de seos / Procuradores, [...]” (f. 7v, L. 10-14) (cf. Fig. 53).

Figura 53 – Trecho da nota introdutória do *Livro de Tombo da Casa da Ponte*



Fonte: SEABRA, 2008.

Com o propósito de verificar a permanência e preservação dos nomes dos sítios no espaço geográfico estudado, buscou-se entender os limites e confrontações especificados no documento e interpretar a sua localização na configuração atual dos territórios dos dois Estados. Para tanto, utilizou-se como referência os estudos desenvolvidos por Pires (1979) e Neves (2003a). Enquanto este apresenta os municípios baianos nos quais os sítios estão atualmente localizados²¹, aquele faz uma interpretação, com a colaboração do Engenheiro Artur Jardim de Castro Gomes (PIRES, 1979, p. 269), dos dados presentes no documento para estabelecer a localização de cada sítio, considerando, desse modo, o período de produção do documento. Destacam-se, no entanto, as possíveis interferências provenientes dos conflitos que envolveram a demarcação da região analisada durante o período colonial.

Segundo Silva (2009), a capitania de Minas Gerais, criada em 1720, constituiu-se, ao longo de todo o século XVIII, numa região indefinida quanto a seus limites geográficos, especialmente em torno das áreas dos rios Verde, Doce, Pardo e das Velhas. Os embates em torno da competência jurisdicional sobre essa região, que começaram com o anúncio de suas jazidas de ouro, evidenciam, segundo ele, os laços históricos entre as terras mais ao sul da capitania da Bahia e os terrenos que constituiriam o norte de Minas, vinculação traçada particularmente pelo estabelecimento de fazendas de gado que subiram o São Francisco no século XVII, alcançando o rio das Velhas.

²¹ Segundo Neves (2003a), 35 dos sítios tombados no documento situam-se atualmente no Estado da Bahia, enquanto 70 localizam-se na mesorregião Norte de Minas, no Estado de Minas Gerais. Em sua tese, Neves apresenta a localização atual apenas dos sítios situados em território baiano (NEVES, 2003a).

Nesse contexto, Moura (2003) identifica 4 fases da expansão territorial mineira, com destaque nas fases 1 e 2 para a região analisada: na fase 1 (cf. Fig. 54, que mostra a configuração territorial de Minas até as primeiras décadas do século XIX), a divisa com a Bahia não era bem definida, mas, a partir de 1760, Minas Gerais passa a dominar, para efeitos fiscais, a Região do Jequitinhonha. Na fase 2 (cf. Fig. 55), o município de Minas Novas, que pertencia à Bahia, foi, em 1857, incorporado definitivamente à comarca do Serro, na Província de Minas Gerais e com ele todo o Vale do Jequitinhonha.

Figura 54 – Configuração territorial de Minas Gerais - Fase 1

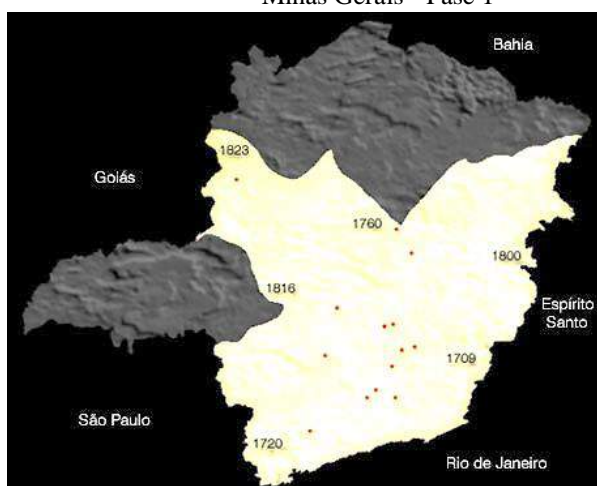
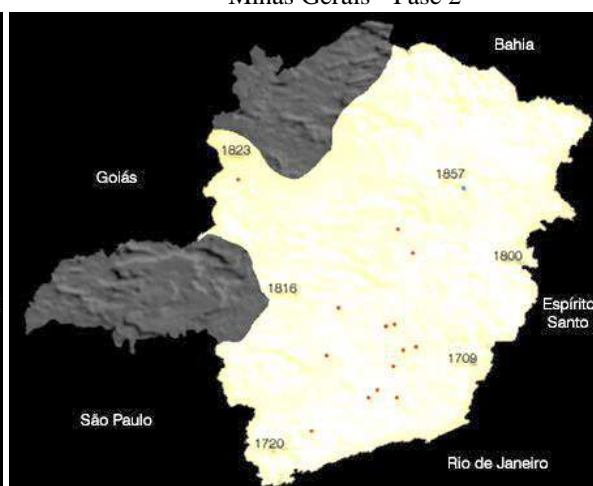


Figura 55 – Configuração territorial de Minas Gerais - Fase 2



Fonte: MOURA, 2003.

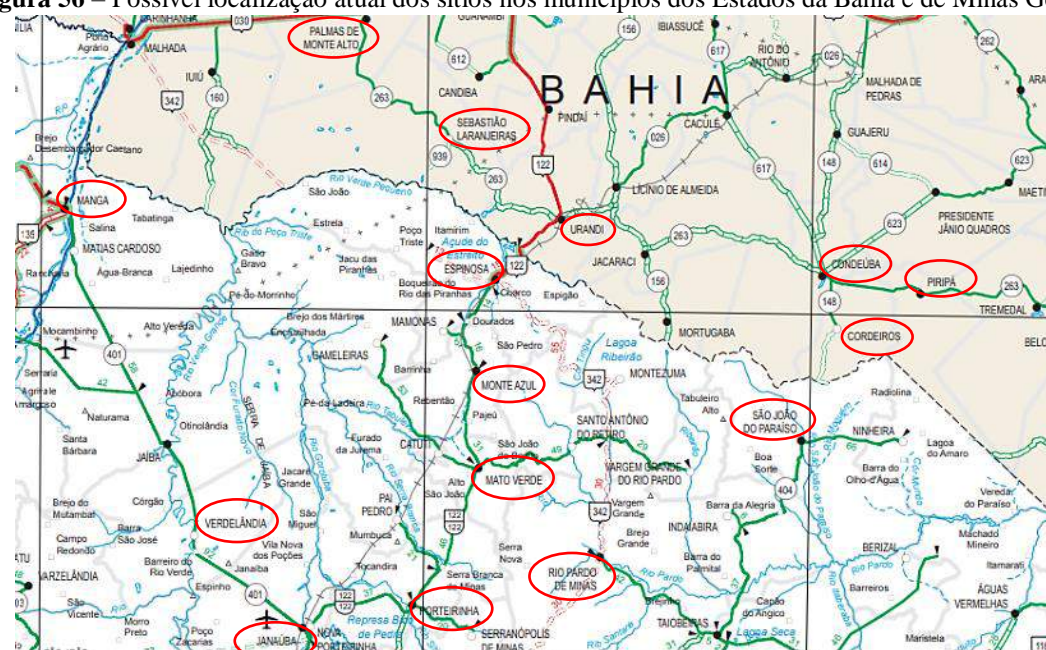
Silva (2009) informa, no entanto, que a contenda em relação à posse da região de fronteira com a Bahia se estendeu por mais alguns anos, pois, mesmo com a pertença de Minas Novas ao governo da capitania de Minas Gerais, comarca do Serro Frio, reafirmada por carta régia de 28 de agosto de 1760, “cinco anos mais tarde, os moradores de Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí reclamavam a sua vinculação à capitania de Minas, desejosos que a vila fosse novamente incorporada à capitania da Bahia, o que julgaram ser-lhes mais favorável” (SILVA, 2009, p. 36-37).

Desse modo, as questões envolvendo a expansão e a definição do território mineiro perduraram por todo o século XVIII e parte do território que viria a se constituir como o Estado de Minas Gerais só ocorreu de forma definitiva em tempo recente, durante o século XX (SILVA, 2009, p. 54). Além desses conflitos de fronteira, um outro fator que merece atenção, pois pode interferir na tentativa de identificação dos municípios aos quais os sítios se inserem atualmente, relaciona-se ao processo de emancipação que altera a configuração dos distritos e povoados. Desse modo, um distrito vinculado a determinada região municipal pode, no

processo de municipalização, deixar de ser um distrito ou ser incorporado a outro município, o que pode alterar a localização geográfica dos sítios estudados.

Assim, tomando por base a interpretação desenvolvida pelo engenheiro e pesquisador mineiro Simeão Ribeiro Pires (1979), os estudos desenvolvidos pelo historiador e pesquisador baiano Erivaldo Fagundes Neves (2003a, 2007) e a análise dos limites e confrontações estabelecidos por Pedro Francisco de Castro, apresenta-se, na Figura 56, os municípios baianos e mineiros atuais em que, possivelmente, os sítios tombados no *Livro de Tombo da Casa da Ponte* se localizaram.

Figura 56 – Possível localização atual dos sítios nos municípios dos Estados da Bahia e de Minas Gerais



Fonte: DEPARTAMENTO..., 2013.

7.4. As fichas lexicográfico-descritivas: sistematizando os dados

Os dados referentes ao *corpus*, coletados do documento e das diversas fontes pesquisadas, foram registrados, para fins de sistematização, em fichas lexicográfico-descritivas numeradas de 1 a 105, organizadas em ordem alfabética e respeitando a grafia do *scriptor* (Cf. no Apêndice 2 a relação dos topônimos em ordem alfabética com a localização na edição semidiplomática). Apresentando um conjunto estruturado de informações sobre cada topônimo, dispõem-se, inicialmente, os dados descritivos da entidade nominada, e, em seguida, os dados toponímicos, conforme a orientação de Dick (2004), com informações referentes aos aspectos etimológicos, morfológicos e motivacionais dos signos toponímicos.

Número da ficha		
Número de ordem do sítio	<i>Topônimo</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO		
EXTENSÃO		
VALOR	DE ARRENDAMENTO	
	DE VENDA	
	DE COMPRA	
ARRENDATÁRIO		
COMPRADOR		
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA		
ORIGEM		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS		
CONTEXTO		

DADOS DESCRITIVOS: neste campo, expõem-se os dados descritivos de cada um dos sítios tombados no documento, coletados a partir da *Edição Semidiplomática do Livro de Tombo da Casa da Ponte* (Seção 3). No campo de identificação do topônimo, indica-se, como em (44) *Varginha de cima ~ Varginha acima*, os casos em que o *scriptor* apresenta variantes na grafia do signo. Para a exposição dos dados utilizam-se as formas abreviadas *n/d* quando o dado é incerto ou não determinado; *n/i* quando o dado não for informado no documento; e *n/id* quando não for possível a identificação do dado por conta de insuficiência do suporte.

LOCALIZAÇÃO: posição geográfica do sítio, considerando os limites e as confrontações apresentadas no tombamento.

EXTENSÃO: dimensões aproximadas do sítio em léguas, conforme indicado no documento.

VALOR: valor, em réis, referente ao arrendamento anual; ao estimado de venda do sítio; e ao pago pelo comprador, quando especificado em anotação marginal no documento.

ARRENDATÁRIO: antropônimo referente ao rendeiro do sítio.

COMPRADOR: antropônimo referente ao novo proprietário do sítio, quando indicado nas anotações marginais.

DADOS TOPONÍMICOS: neste campo, são apresentados os dados referentes aos aspectos etimológicos, morfológicos e motivacionais dos signos toponímicos pesquisados, além de informações importantes acerca do topônimo e do lugar nominado. Nos sítios 1, 7, 22, 72 e 86 (Fichas 53, 39, 26, 72 e 89, respectivamente), em que o *scriptor* apresenta dois designativos, ou como nomes alternativos (1 e 7) ou como a união de dois sítios em um só registro (22, 72 e 86)²², considera-se a existência de dois elementos específicos e, conseqüentemente, apresentam-se as informações toponímicas dos dois signos, mantendo a forma de registro utilizada no documento, ou seja, indicando os dados como alternativos (*ou*) ou como aditivos (*e*).

TAXIONOMIA: registra-se a classificação toponímica, seguindo o modelo teórico-metodológico de Dick (1990, 1992), composto de 27 taxes, além dos acréscimos feitos por outros estudiosos, tendo como base, prioritariamente, a motivação semântica do elemento específico de cada topônimo, considerado no período de produção do texto e na região geográfica em que se insere. Identificam-se assim as taxes de natureza antropocultural, relacionadas a aspectos sociais, históricos e culturais, como, por exemplo, (102) *Dourados*, classificado como um **antropotônimo**, por se referir a um nome próprio individual, um nome de família; e as de natureza física, relacionadas ao ambiente físico, como (52) *Cachoeira*, um **hidrotônimo**, referente a acidentes hidrográficos em geral. Nos casos de indicação de um segundo topônimo, optou-se por apresentar a taxe de ambos os signos, como em (1) *Pedras*, um **litotônimo**, relativo aos recursos minerais e à constituição do solo, *ou São João*, um **hagiotônimo**, por referir-se a um nome de santo do hagiológico romano; (22) *Curralinho*, um **ergotônimo**, referente à cultura material, *e Ingazeiras*, um **fitotônimo**, por caracterizar um designativo de índole vegetal.

²² Identifica-se a união de duas propriedades em um registro com base na referência aos sítios (ou fazendas) 22, 72 e 86, de forma separada, em outras passagens do documento, como na f.18v, L.1 (*Ingazeira*), na f.26v, L.22-23 (*Santa Cruz*) e na f.44v, L.10 (*Guará*).

ORIGEM: indica-se a procedência dos topônimos, acompanhados dos étimos, em itálico, ou prováveis étimos, que os originaram, classificando-os como de origem **portuguesa**, considerada como a língua românica transportada pelos portugueses para as colônias a partir do século XIV; **indígena**, proveniente das línguas faladas pelos povos que habitavam o território colonizado; ou **híbrida**, quando resultantes de uma composição envolvendo dois ou mais estratos linguísticos. Utiliza-se *n/e* quando esse dado não for encontrado nos dicionários etimológicos pesquisados²³.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: indica-se a composição dos sintagmas toponímicos, considerando “Sítio” como o elemento genérico de todas as 105 unidades e classificando os elementos específicos em **simples**, quando se constitui de uma lexia simples, como (15) *Angicos*; **simples híbrido**²⁴, quando é formado por um só elemento, porém com mais de um estrato linguístico, como (16) *Juazeiro*; **composto**, quando apresenta lexias compostas ou complexas, todos de mesma etimologia, como (76) *Santo Antônio do pé de Serra*, mesmo nos casos grafados pelo *scriptor* como um único elemento, como (39) *Boavista*; e **composto híbrido**, quando é constituído de mais de um elemento de diferentes procedências, como (64) *Varginha do mandacará*. Com relação aos topônimos indígenas, optou-se por considerar como elementos específicos simples todos os que se constituem de uma lexia simples, ainda que, tendo em vista o caráter aglutinante da língua, sejam formados de mais de um radical, identificados na seção ORIGEM, como é o caso de (70) *Jacoipe*. Conforme as estruturas morfossintáticas apresentadas a seguir, indica-se também, neste campo, seguindo a orientação de Seabra (2004), a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos elementos específicos dos topônimos que compõem o *corpus*, considerando como Nome (N) as lexias simples e como Nome Composto (NC) as lexias compostas e complexas, ou fraseotopônimos, conforme Marques (2017), que formam os elementos específicos dos sintagmas toponímicos.

1. Elemento específico simples:

- a) N_f [S_{sing}] = Nome feminino [Substantivo singular] – *Ilha*
- b) N_f [S_{pl}] = Nome feminino [Substantivo plural] – *Pedras*
- c) N_m [S_{sing}] = Nome masculino [Substantivo singular] – *Buraco*

²³ A identificação da origem dos topônimos foi feita, preferencialmente, com base nos seguintes trabalhos lexicográficos: *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (4ª edição); *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar e Francisco Manoel de Mello Franco (1ª edição); *Dicionário de tupi antigo*, de Eduardo de Almeida Navarro (1ª edição); e *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, de Rosário Farâni Mansur Guérios (3ª edição).

²⁴ A classificação dos topônimos híbridos em simples e compostos representa uma complementação da equipe do ATEMS (DARGEL; RIBEIRO, 2014) ao modelo de classificação morfológica proposto por Dick (1992).

d) $N_m [S_{pl}] =$ Nome masculino [Substantivo plural] – *Morrinhos*

2. Elemento específico composto:

a) $NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] =$ Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular] – *Casa velha*

b) $NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}] =$ Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular] – *Boa sorte*

c) $NC_f [S_{sing} + ADV] =$ Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Advérbio}] – *Varginha acima*

d) $NC_f [S_{sing} + \{Prep + ADV\}] =$ Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Advérbio}] – *Varginha de cima*

e) $NC_f [S_{sing} + \{Prep + A_{sing} + S_{sing}\}] =$ Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}] – *Vargem da Cachoeira*

f) $NC_f [S_{sing} + \{Prep + A_{pl} + S_{pl}\}] =$ Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo plural + Substantivo plural}] – *Vareta dos Bois*

g) $NC_f [DET_{poss} + S_{sing} + \{Prep + A_{sing} + S_{sing}\}] =$ Nome Composto feminino [Determinante possessivo²⁵ + Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}] – *Nossa Senhora do Livramento*

h) $NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] =$ Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular] – *Rio verde*

i) $NC_m [S_{pl} + ADJ_{pl}] =$ Nome Composto masculino [Substantivo plural + Adjetivo plural] – *Páos pretos*

j) $NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] =$ Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular] – *São Pedro*

k) $NC_m [S_{sing} + ADV] =$ Nome Composto masculino [Substantivo singular + Advérbio] – *Riacho abaixo*

l) $NC_m [S_{sing} + \{Prep + ADJ_{sing} + S_{sing}\}] =$ Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Adjetivo singular + Substantivo singular}] – *Rio de São João*

²⁵ Considerando que, no signo toponímico *Nossa Senhora do Livramento*, o possessivo ‘Nossa’ não exprime necessariamente a ideia de posse, mas de respeito e deferência, optou-se por classificá-lo como Determinante possessivo, ampliando o sentido definido por Dubois (DUBOIS *et al*, 1995 [1973]).

- m) $NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} + \{Prep + A_{sing} + S_{sing}\}] =$ Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}] – *Santo Antônio do Carrapato*
- n) $NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} + \{Prep + A_{sing} + S_{sing}\} + \{Prep + S_{sing}\}] =$ Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular} + {Preposição + Substantivo singular}] – *Santo Antônio do pé de Serra*

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: além do sentido de algumas lexias que compõem os elementos específicos dos sintagmas toponímicos, levando em conta a região onde os sítios se inserem e o período em que o texto foi produzido, apresentam-se, quando necessário e encontrado, dados adicionais que possam ter influenciado o nominador no ato de escolha do nome, buscando ampliar a compreensão da dupla motivação do signo toponímico. Também são inseridas neste campo informações de fontes diversas que ajudaram a atestar a localização do sítio e a conservação do signo na contemporaneidade.

CONTEXTO: a título de abonação, apresentam-se, neste campo, referências aos topônimos, coletadas da edição semidiplomática do documento (cf. Seção 3).

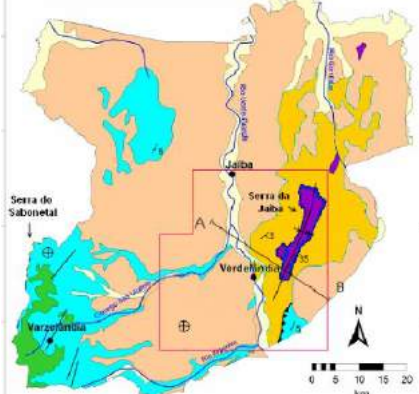
Feitas essas considerações, passa-se ao elenco das 105 fichas lexicográfico-descritivas, numeradas seguindo a ordem alfabética dos elementos específicos dos signos toponímicos e conservando a grafia do *scriptor* na transcrição dos signos onomásticos (topônimos e antropônimos) coletados da *Edição Semidiplomática do Livro de Tombo da Casa da Ponte* (Seção 3). Destaca-se que os dados toponímicos presentes nas fichas podem ser consultados, de forma sintetizada, no Apêndice 3.

Ficha 1		
Sítio 15	Angicos	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio do Mosquito, no riacho da Páscoa, e os rios do Gorutuba, do Pacuí e o Verde Grande.	
EXTENSÃO	Três léguas de comprimento; largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	10\$000
	DE VENDA	500\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	Marcelo Mendes Cavaleiro	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Indígena. Tup. <i>angyca</i> ‘espécie de acácia brasileira’ (TIBIRIÇA, 1985).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Angicos</i> em Porteirinha-MG. Com a designação de São Joaquim de Porteirinha, o povoado era parte do município de Grão Mogol até 1938, quando foi criado com 3 distritos: o da sede, o de Gorutuba e o de Riacho dos Machados. Atualmente compõe-se de 6 distritos: Porteirinha, Gorutuba, Mocambinho, Paciência, Mulungu de Minas, Serra Branca de Minas e Tocandira (INSTITUTO..., 2017, s.v.).	
	Rio Verde Grande: assim como o rio Pacuí, o rio Verde Grande é um afluente da margem direita do rio São Francisco. Nascendo no povoado de Alto Belo, no município mineiro de Bocaiuva, e com foz em Malhada, na Bahia, constitui, em parte de seu curso, o limite entre a Bahia e Minas Gerais. Sua bacia abrange oito municípios na Bahia (Iuiú, Jacaraci, Malhada, Mortugaba, Palmas do Monte Alto, Pindaí, Sebastião Laranjeiras, Urandi) e vinte e sete em Minas (Bocaiúva, Capitão Enéas, Catuti, Espinosa, Francisco Sá, Gameleiras, Glaucilândia, Guaraciama, Ibiracatu, Jaíba, Janaúba, Juramento, Mamonas, Matias Cardoso, Mato Verde, Mirabela, Monte Azul, Montes Claros, Nova Porteirinha, Pai Pedro, Patis, Porteirinha, Riacho dos Machados, São João da Ponte, Serranópolis de Minas, Varzelândia, Verdelândia) (AGÊNCIA..., 2013).	
	Rio Gorutuba: além do rio Verde Pequeno, o rio Gorutuba é um importante afluente do rio Verde Grande, nascendo em Francisco Sá e banhando, até a sua foz no rio Verde Grande, os municípios de Francisco Sá, Janaúba, Porteirinha, Nova Porteirinha, Gameleiras e Jaíba (SANTOS et al, 2017).	
	Note-se que o CEP 39520-000 se refere à Fazenda Angicos, localizada na zona rural do município de Porteirinha-MG ²⁶ .	
CONTEXTO	“15. <i>Angicos</i> + „Marcello Mendes Cavaleiro „ 500\$000.” (f.2r, L.2). “ <i>Angicos</i> , Sitio de que paga Renda Marcelo / Mendes Cavaleiro, a quantia de des mil reis, [...]” (f.15r, L.14-15).	

²⁶ As indicações de fazendas na atualidade não significam necessariamente que correspondam aos mesmos sítios relacionados no *Livro de Tombo da Casa da Ponte* e sim à presença do topônimo na região.

Ficha 2		
Sítio 45	<i>Bairro-alto</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio Verde (Pequeno).	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>José Vieira</i>	
COMPRADOR	<i>Theodoro Gonçalves de Serqueira</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Poliotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Bairro : Ár. vulg. <i>barri</i> ‘exterior’ (CUNHA, 2013, p. 76); alto : Lat. <i>altus</i> ‘elevado’ (CUNHA, 2013, p. 30).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>Bairro: ajuntamento de casas nos arrabaldes de uma cidade. Cada uma das partes em que se divide uma cidade ou vila; assim Lisboa está atualmente dividida em quatro bairros: o bairro de Alfama, o bairro do Rocio, o <i>bairro Alto</i>, e o bairro de Alcantara (VIEIRA, v.1, 1874, p. 706).</p> <p>Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Bairro-alto</i> na Bahia e em Espinosa-MG, distrito criado com a denominação de Lençóis (também conhecido como Lençóis do Rio Verde) em 1872, subordinado ao município de Boa Vista do Tremedal. Espinosa foi elevado à condição de vila em 1923 e de cidade em 1925. Banham o município os rios Galheiros, Pedra Branca, Cana Brava, Verde Pequeno e Santo Antônio (INSTITUTO..., 2017, s.v.). Neves (2003a), por sua vez, indica a sua atual localização no município de Urandi-BA. O povoado Duas Barras, assim nominado por se encontrar nas proximidades da confluência dos rios Raiz e Cachoeira, veio a se tornar, em 1918, o município de Urandi (INSTITUTO..., 2017, s.v.).</p> <p>Rio Verde Pequeno: um dos principais afluentes do rio Verde Grande, nasce no povoado Pau d'Arco, em Montezuma, Minas Gerais, e, até sua foz no rio Verde Grande, em Espinosa, separa esse município mineiro dos baianos Sebastião Laranjeiras e Urandi. Por esse motivo, assim como o rio Verde Grande, é considerado um rio de domínio federal (AGÊNCIA..., 2013).</p>	
CONTEXTO	<p>“45 <i>Bairro-alto</i> Jozé Vieira 20\$000” (f.2v, L.7).</p> <p>“<i>Bairro-alto</i>, Sitio de que paga Ren- / da Jozé Vieira, a quantia de quinhentos reis por / anno, [...]” (f.25v, L.2-4).</p>	

Ficha 3		
Sítio 105	Barra do Mureci	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho do Murici.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	4\$200
	DE VENDA	82\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Rodrigues de Souza</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Híbrida. Barra: base pré-romana <i>barrum</i> ‘argila, lodo’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 405); Murici: Tup. <i>mori’si</i> ‘planta malpigiúcea’ (CUNHA, 2013, p. 442).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto híbrido NC _f [S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Barra: foz de um rio ou riacho (SOUZA, 2004 [1910]). Local em que um rio deságua no mar ou em outro rio (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). Enquanto Neves (2003a) estabelece a atual localização do sítio <i>Barra do Mureci</i> no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2), Pires (1979) indica a sua localização em Monte Azul-MG. O distrito, criado em 1868 com a denominação de Boa Vista do Tremedal e subordinado ao município de Rio Pardo, foi elevado à categoria de vila em 1878, desmembrado de Rio Pardo, e em 1887 foi elevado à condição de cidade, sendo constituído de 8 distritos: Boa Vista do Tremedal, Lençóis do Rio Verde (elevado à condição de vila em 1923 com a denominação de Espinosa), Gameleiras (ex-Santo Antônio do Brejo do Mártires), Santa Rita, Santo Antônio de Mamonas (ex-Mamonas), Santo Antônio do Mato Verde, São João do Bonito e São João do Pernambuco. Em 1923, o município de Boa Vista do Tremedal passou a denominar-se simplesmente Tremedal e, em 1938, passou a denominar-se Monte Azul (INSTITUTO..., 2017, s.v.).	
CONTEXTO	“ <i>Barra do Mureci</i> Sitio deque / paga renda Antonio Ro(dr)i(gue)s deSouza, aquan- / tia dequatro mil e duzentos reis por anno, [...]” (f.46v, L.7-9).	

Ficha 4		
Sítio 97	Barreiro	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a ponta da serra da Jaíba e o rio Verde Grande.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	3\$000
	DE VENDA	120\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Venâncio dos Santos Pereira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Litotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Base pré-romana <i>barrum</i> ‘argila, lodo’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 405).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples Nm [S _{ing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>Barreiro: lugar em que há barro, nome vulgar da argila, argamassa (VIEIRA, v.1, 1871). Lugar onde há barro salgado, muito procurado pelo gado (SOUZA, 2004 [1910]).</p> <p>Nem Pires (1979) nem Neves (2003a) apresentam a localização do sítio <i>Barreiro</i>. No entanto, com base nas indicações do documento: “entre a ponta da serra da Jahiva e o rio Verde Grande”, é possível estabelecer sua localização no município de Verdelândia-MG, considerando o que mostra a Figura 57, tomada de Costa <i>et al</i> (2010) (cf. Ficha 1).</p>	
	<p>Figura 57 – Localização da Serra da Jaíba</p>  <p>Fonte: COSTA et al, 2010, p. 6.</p>	
	<p>A povoação que veio a constituir a sede do distrito de Verdelândia, criado em 1976, surgiu na margem esquerda do Rio Verde Grande, enquanto o povoado que se constituiu na sede do distrito de Barreiro do Rio Verde, criado em 1982, surgiu na margem direita do mesmo rio. O município de Verdelândia foi criado em 1995 com a junção das áreas dos dois distritos: Verdelândia, então pertencente ao município de Varzelândia, e Barreiro do Rio Verde, pertencente a Janaúba (INSTITUTO..., 2017, s.v.).</p>	
CONTEXTO	<p>“97 <i>Barreiro</i> Venancio dos Santos Pereira 120\$000” (f.2v, L.14).</p> <p>“<i>Barreiro</i>, Sitio de que paga Ren- / da Venancio dos Santos Pereira, a quantia de tres / mil reis por anno, [...]” (f.43v, L.22-24).</p>	

Ficha 5		
Sítio 95	<i>Barreiro grande</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Riacho da Volta.	
EXTENSÃO	Três quartos de légua aprox. de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$500
	DE VENDA	100\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Joaquim Álvares Martins</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Litotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Barreiro : base pré-romana <i>barrum</i> ‘argila, lodo’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 405); grande : Lat. <i>grandis</i> ‘vasto, comprido’ (CUNHA, 2013, p. 322).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <barreiro> na Ficha 4.	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Barreiro grande</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3). Note-se que o CEP 39500-000 se refere à localidade Barreiro Grande, na zona rural do município Monte Azul-MG.	
CONTEXTO	95 <i>Barreiro grande</i> Joaquim Al(vare)s M(art)i(n)s 100\$000” (f.2v, L.11). “ <i>Barreiro grande</i> , Sitio de que / paga Renda Joaq(ui)m Al(vare)s Martins, a quantia / de mil e quinhentos reis p(o)r anno, [...]” (f.43r, L. 8-10).	

Ficha 6		
Sítio 36	<i>Barreiros</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a Passagem da Barra, no rio Verde (Pequeno), e o sítio Boavista.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	48\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Julião Ribeiro Mosso</i>	
COMPRADOR	n/id	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Litotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Base pré-romana <i>barrum</i> ‘argila, lodo’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 405).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <barreiro> na Ficha 4.	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Barreiros</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2). Note-se que o CEP 46.350-000 se refere à Fazenda Barreiro, localizada na zona rural do município de Urandi-BA.	
CONTEXTO	“36 <i>Barreiros</i> Julião Ribeiro Mosso 48\$000” (f.2v, L.4). “ <i>Barreiros</i> , Sítio de que paga Renda / Julião Ribeiro Mosso, a quantia de des tostoens por / anno, [...]” (f.22v, L. 12-14).	

Ficha 7		
Sítio 74	Barrinha	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a fazenda da Amburana, na passagem do rio Verde Pequeno, e a fazenda dos Morrinhos, na beira do rio Verde Grande.	
EXTENSÃO	Três léguas de comprimento; largura n/id.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	20\$000
	DE VENDA	600\$000
	DE COMPRA	800\$000
ARRENDATÁRIO	<i>José Ferreira Peixoto</i>	
COMPRADOR	n/id	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Base pré-romana <i>barrum</i> 'argila, lodo' (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 405).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <barra> na Ficha 3.	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Barrinha</i> em Espinosa e Monte Azul-MG (cf. Fichas 1, 2 e 3), enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Sebastião Laranjeiras-BA (NEVES, 2003a). Do povoamento iniciado por portugueses por volta de 1742, foi criado, em 1884, subordinado ao município de Monte Alto, o distrito com a denominação de Boqueirão dos Parreira, reduzido para Parreira em 1938 e alterado para Camateí em 1943. Em 1962 foi elevado à categoria de município com a denominação de Sebastião Laranjeiras, em homenagem a Dom Sebastião Dias Laranjeiras, Bispo de Porto Alegre, nascido na região (INSTITUTO..., 2017, s.v.).	
CONTEXTO	<p>“74 <i>Barrinha</i> O Cap(ita)m Jozé Ferreira Peixoto 600\$000” (f.2v, L.8).</p> <p>“<i>Barrinha</i>, Sitio de que paga {Renda} / Renda Jozé Ferreira Peix{o}to, a quantia de Vinte mil / reis por anno, [...]” (f. 35r, L.23-35v, L.1-2).</p> <p>“[...] buscando o lugar chamado a Boca da Ca- / tinga afazer extrema com oSítio da <i>Barrinha</i> atra- / vessando o Rio verde grande [...]” (f.17r, L.14-16).</p> <p>“[...] que se extrema com oSi- / tio da <i>Barrinha</i> no lugar da Tabúa seguindo em / Rumo de Sul, [...]” (f.18v, L.11-13).</p> <p>“A fasenda da <i>Barrinha</i> q(ue) faz / Estrema coma da Cana Brava [...]” (f.51v, L.1-2).</p>	

Ficha 8		
Sítio 12	<i>Boa sorte</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho Maravilha e a Passagem Velha.	
EXTENSÃO	Três léguas de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$000
	DE VENDA	80\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Felis Vieira Barboza</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Animatopônimo eufórico	
ORIGEM	Portuguesa. Boa : Lat. <i>bōnus, bōna</i> ‘benévolo’ (CUNHA, 2013, p. 96); sorte : Lat. <i>sors, sōrtis</i> ‘fado, destino’ (CUNHA, 2013, p. 607).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Boa sorte</i> em Rio Pardo e São João do Paraíso-MG. Município mais antigo da região Norte de Minas e uma das paróquias mais antigas de Minas Gerais, Rio Pardo teve a freguesia criada em 1740, então subordinada ao bispado da Bahia. A vila de Rio Pardo foi criada em 1831 e elevada à categoria de cidade em 1872. Segundo a divisão administrativa de 1911, o município era constituído pelos seguintes distritos: Rio Pardo, São João do Paraíso, Serra Nova, Água Quente, Veredinha e Taiobeiras. Em 1943 o topônimo foi alterado para Rio Pardo de Minas com a seguinte composição distrital: Rio Pardo de Minas, Indaiabira, (ex-Coqueiro) e Montezuma (ex-Água Quente). Banham o município Rio Pardo de Minas os rios Pardo e Preto (INSTITUTO..., 2017, s.v.). O distrito São João do Paraíso, criado em 1891 e anexado ao município de Rio Pardo, foi elevado à categoria de município em 1943 (INSTITUTO..., 2017, s.v.).</p> <p>Em coleta realizada a partir de entrevistas orais, desenvolvidas em 2011 e 2012 em nove municípios da região Norte de Minas, inseridos na Bacia do Rio Pardo, Souza e Seabra (2013) identificam o povoado Boa Sorte.</p>	
CONTEXTO	<p>“12 <i>Boa sorte</i> Felis Vieira Barboza 80\$000” (f.2v, l.2).</p> <p>“<i>Boa sorte</i>, Sitio de que paga ren- / da Felis Vieira Barboza, a quantia de dous mil / reis, [...]” (f.14v, L.2-4).</p>	

Ficha 9		
Sítio 39	<i>Boavista</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o rio da Capa e o rio Verde (Pequeno).	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	30\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Alvares Martins</i>	
COMPRADOR	<i>Theodoro Gonçalves de Serqueira</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Animotopônimo eufórico	
ORIGEM	Portuguesa. Boa : Lat. <i>bōnus, bōna</i> ‘benévolo’ (CUNHA, 2013, p. 96); vista : Lat. <i>vidēre</i> , ‘contemplar’ (CUNHA, 2013, p. 672).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Boavista</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
	Em coleta realizada a partir de entrevistas orais, desenvolvidas em 2011 e 2012 em nove municípios da região Norte de Minas, inseridos na Bacia do Rio Pardo, Souza e Seabra (2013) identificam o povoado Boa Vista. Note-se que o CEP 46350-000 se refere à Fazenda Boa Vista, situada na zona rural do município de Urandi-BA.	
CONTEXTO	“39 <i>Boavista</i> Antonio Al(vare)s M(art)i(n)s 24\$000” (f.2v, L.5). “[...] a extremar com o Sítio <i>Boavista</i> de Antonio Al(vare)s / Martins, [...]” (f.22v, L.20-21). “ <i>Boavista</i> , Sítio de que paga Renda / Antonio Al(vare)s M(art)i(n)s, a quantia de quinhentos reis / por anno, [...]” (f.23v, L.6-8).	

Ficha 10		
Sítio 43	Boavista	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio Verde (Pequeno).	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Nunes de Sequeira</i>	
COMPRADOR	<i>Matheus Francisco da Silveira</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Animotopônimo eufórico	
ORIGEM	Portuguesa. Boa : Lat. <i>bōnus, bōna</i> ‘benévolo’ (CUNHA, 2013, p. 96); vista : Lat. <i>vidēre</i> , ‘contemplar’ (CUNHA, 2013, p. 672).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Boavista</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
	Em coleta realizada a partir de entrevistas orais, desenvolvidas em 2011 e 2012 em nove municípios da região Norte de Minas, inseridos na Bacia do Rio Pardo, Souza e Seabra (2013) identificam o povoado Boa Vista. Note-se que o CEP 46350-000 se refere à Fazenda Boa Vista, situada na zona rural do município de Urandi-BA.	
CONTEXTO	“43 <i>Boavista</i> Antonio Nunes deSeq(uei)ra 24\$000” (f.2v, L.6). “ <i>Boavista</i> , Sitio de que paga Ren- / da Antonio Nunes de Sequeira, a quantia de / quinhentos reis por anno, [...]” (f.24v, L.21-23).	

Ficha 11		
Sítio 96	<i>Bom Successo ~ Bomsuccesso</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Na Cachoeira Grande do Riacho Seco.	
EXTENSÃO	Uma légua e meia de comprimento e uma légua aprox. de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	3\$000
	DE VENDA	160\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Antonio Corrêa de Brito</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Mariotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Bom: Lat. <i>bōnus, bōna</i> ‘benévolo’ (CUNHA, 2013, p. 96); Successo: Lat. <i>successus, -ūs</i> ‘bom êxito’ (GUÉRIOS, 1981, p. 611).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Bom Successo ~ Bomsuccesso</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
	Conforme Carvalho e Seabra (2014), iniciou-se, no século XVI, em Portugal, uma irmandade sob a proteção de Nossa Senhora do Bom Sucesso dos agonizantes, invocada para proporcionar aos seus devotos uma “boa morte”, uma “hora feliz” seguida da salvação eterna. No Brasil, a devoção a essa invocação da Virgem Maria teve início do século XVII, por volta de 1637, aparecendo em Minas Gerais, no início do século XVII, na primeira fase bandeirante. Citando Dick (1990, p. 325), Carvalho e Seabra (2014) afirmam que algumas expressões toponímicas incluídas no quadro devocional de Nossa Senhora fixaram apenas os elementos determinantes. Como exemplos dessa tendência Dick cita Bom Sucesso (Nossa Senhora do Bom Sucesso), Bom Conselho (Nossa Senhora do Bom Conselho) e Boa Morte (Nossa Senhora da Boa Morte).	
CONTEXTO	“96 <i>Bomsuccesso</i> Manoel Ant(oni)o Corr(ê)a de Brito 160\$000” (f.2v, L.12). “[...], e seguindo pela mesma q(ue) servirá / de diviza com o Sitio de <i>Bom Successo</i> [...]” (f.20v. L.7-8). “ <i>Bom Successo</i> , Sitio de que paga / paga Renda Manoel Antonio Corr(ê)a de Brito, a / quantia de tres mil reis por anno, [...]” (f.43r, L.24-f.43v, L.1-2).	

Ficha 12		
Sítio 84	Boqueirão	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho do Boqueirão.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$150
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Gonçalves de Abreo</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>būccam</i> ‘cavidade na face’ (CUNHA, 2013, p. 93).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Boqueirão: abertura ou garganta nas serras, resultado da erosão das águas, por onde passam rios (SOUZA, 2004 [1910]). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Boqueirão</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2), enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Condeúba-BA. No início do século XVIII, à margem direita do Rio Gavião, foi construída uma capela denominada Santo Antônio da Barra do Sítio de Condeúba, em homenagem a Santo Antônio. A vila de Santo Antônio da Barra criada em 1860, teve seu topônimo alterado para Condeúba em 1889 (INSTITUTO..., 2017, s.v.).	
CONTEXTO	“84 <i>Boqueirão</i> Manoel G(onça)l(ve)s de Azevedo 20\$000” (f.12v, L.9). “ <i>Boqueirão</i> , Sitio de que paga Renda / Manoel Gonçalves de Abreo, a quantia de Cento e / cincoenta reis p(o)r anno, [...]” (f.39r, L.18-20).	

Ficha 13		
Sítio 85	Boqueirão	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a barra do riacho do Jataí e o alto de Lagoa do Barro.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e um quarto de légua de largura aprox.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$600
	DE VENDA	30\$000
	DE COMPRA	41\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Monteiro do Valle</i>	
COMPRADOR	<i>Manoel Monteiro do Valle</i> e sócios	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>būccam</i> ‘cavidade na face’ (CUNHA, 2013, p. 93).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples Nm [Ssing]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <boqueirão> na Ficha 12.	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Boqueirão</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2), enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Condeúba-BA (cf. Ficha 12).	
CONTEXTO	<p>“85 <i>Boqueirão</i> Manoel Monteiro do Valle 30\$000” (f.2v, L.10).</p> <p>“<i>Boqueirão</i>, Sitio de que paga Renda / Manoel Monteiro do Valle, e outros, a quantia de Seis / centos reis por anno, [...]” (f.39v, L.6-8).</p> <p>“[...], descendo pelo veio d’agoa do Riacho cha- / mado da Lagôa do barro té aboca do matto e em / seguimento das agoas vertentes a este Sitio do <i>Boquei- / aõ</i> [...]” (f.39v, L.18-21).</p>	

Ficha 14		
Sítio 29	Buraco	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio da Canabraba e o de Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Martinho de Carvalho</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Contr. prov. Lat. <i>forãre</i> ‘furar’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 530).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples Nm [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Buraco: Abertura, furo mais ou menos fundo em uma superfície (VIEIRA, v.1, 1871, p. 833). Cavidade ou depressão, natural ou artificial, de profundidade variável (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 529).	
	Em dissertação referente à toponímia da Chapada Diamantina, orientada pela Profa. Maria Vicentina do Amaral Dick, Oliveira (2008, p.179) considera a lexia <buraco>, no sintagma toponímico “cachoeira Buraco do Cão” com o valor semântico de “gruta”, classificando-o como um geomorfotopônimo. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Buraco</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
CONTEXTO	“29 <i>Buraco</i> Martinho de Carvalho 20\$000” (f.2v, L.3). “ <i>Buraco</i> , Sitio de q(ue) paga Renda Marti- / nho de Carvalho, a quantia de cinco tostoens, [...]” (f.20v, L.2-3).	

Ficha 15		
Sítio 52	Cachoeira	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No lugar das Pedrinhas, na Roça Velha.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$400
	DE VENDA	10\$000
	DE COMPRA	2\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Maria Francisca de Sequeira</i>	
COMPRADOR	<i>Francisco Ribeiro da Cunha</i> e outros	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>coctiō, -ōnis</i> ‘borbulhão, borbotão’ (CUNHA, 2013, p. 109).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Cachoeira</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2). Note-se que o CEP 46350-000 se refere à Fazenda Cachoeira, localizada na zona rural de Urandi-BA.	
CONTEXTO	“52 <i>Cachoeira</i> Maria Francisca deSequeira 10\$000” (f.3r, L.10). “ <i>Cachoeira</i> , Sitio de que paga Renda Maria / Francisca deSeq(uei)ra, a quantia de quatro centos reis p(o)r an- / no, [...]” (f.27r, L.20-22).	

Ficha 16		
Sítio 91	<i>Cachoeirinha</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio do Bom Sucesso, até a Barra do Sangrador.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	24\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Thomás de Aquino de Carvalho</i>	
COMPRADOR	<i>Thomás de Aquino de Carvalho</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>coctiō, -ōnis</i> ‘borbulhão, borbotão’ (CUNHA, 2013, p. 109).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio Cachoeirinha em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“91 <i>Cachoeirinha</i> Thomás de Aquino de Carvalho 20\$000” (f.3r, L.14). “ <i>Cachoeirinha</i> , Sítio de que paga Renda / Thomás de Aquino de Carvalho, a quantia de qui- / nhentos reis por anno, [...]” (f.42r, L.2-4).	

Ficha 17		
Sítio 98	<i>Campo alegre</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio de São José e o morro do Condeúba.	
EXTENSÃO	Meia légua aprox. de comprimento e de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$000
	DE VENDA	80\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Bernardo José de Matos</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Campo : Lat. <i>campus</i> , -ī ‘planície’ (CUNHA, 2013, p. 119); alegre : Lat. vulg. <i>alēcris</i> ‘animado, vivo’ (CUNHA, 2013, p. 23).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Campo: pedaço de terra baixa e plana. Terra fora da cidade (SILVA, 1813 [1789]). Extensão de terra baixa cultivada ou cultivável, sem árvores (VIEIRA, v.2, 1873). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Campo alegre</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3), enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Condeúba-BA (cf. Ficha 12).	
CONTEXTO	“98 <i>Campo alegre</i> Bernardo Jozé de Mattos 80\$000” (f.3r, L.15). “ <i>Campo alegre</i> , Sitio de que paga Renda / Bernardo Jozé de Mattos, a quantia de dous mil / reis por anno, [...]” (f.44r, L.8-10).	

Ficha 18		
Sítio 24	Canabraba	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre os sítios da Barrinha, das Piranhas, dos Morrinhos e das Mamonas, nas proximidades do riacho Seco.	
EXTENSÃO	Quatro léguas de comprimento e uma légua e meia de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	300\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Josefa Maria da Conceição</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Cana : Lat. <i>canna</i> , <i>-ae</i> ‘junco fino’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 591); braba : Lat. vulg. <i>brabus</i> < <i>barbārus</i> ‘grosseiro, não civilizado’, var. de <i>brava</i> (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 509).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>Cana-brava: erva de até 3 m nativa do Brasil (BA até RS, MG, MT), de folhas lineares, serreadas, ásperas e cortantes (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 591).</p> <p>Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Canabrava</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).</p> <p>Em coleta realizada a partir de entrevistas orais, desenvolvidas em 2011 e 2012 em nove municípios da região Norte de Minas, inseridos na Bacia do Rio Pardo, Souza e Seabra (2013) identificam a fazenda <i>Canabrava</i>.</p>	
CONTEXTO	<p>“24 <i>Canabraba</i> Jozefa Maria da Conceição 300\$000” (f.3r, L.4).</p> <p>“[...], e deste a / extremar com o Sítio da <i>Canabraba</i> no Areião q(ue) está / no meio do Carrasco, [...]” (f.17r, L.11-13).</p> <p>“<i>Canabraba</i>, Sítio de que paga Renda / Jozefa Maria da Conceição, eoutros a quantia de / Cinco mil reis, [...]” (f.18v, L.8-10).</p>	

Ficha 19		
Sítio 26	Capoeira	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho Seco Grande, o riacho Capoeira e o sítio das Duas Barras, até a Serra Geral e a fazenda da Lagoa do Coelho.	
EXTENSÃO	Uma légua e meia de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	7\$000
	DE VENDA	300\$000
	DE COMPRA	82\$500 (4ª parte) / 165\$000 (metade)
ARRENDATÁRIO	Feliciano Jozé Jorge	
COMPRADOR	<i>Joaquim Ferreira da Silva</i> (4ª parte) <i>Feliciano Jozé Jorge</i> (metade)	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Indígena. Tup. <i>ka'a'pûera</i> (<i>ka'a</i> ‘mata’; <i>pûera</i> ‘que já foi’) (NAVARRO, 2013, p. 207) ²⁷ .	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Capoeira: mata talhada, que se roça ou corta para lenhas, lavouras na terra etc. (VIEIRA, v.2, 1873). Mato ralo e baixo (SOARES, 1954 [1889]). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Capoeira</i> em Rio Pardo e Monte Azul-MG (cf. Fichas 8 e 3), enquanto Neves (2003a) estabelece a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“26 <i>Capoeira</i> Feliciano Jozé Jorge 300\$000” (f.3r, L.5). “ <i>Capoeira</i> , Sitio de que paga Renda Feli- / ciano Jozé Jorge, a quantia de Sete mil reis, [...]” (f.19r, L.21-22).	

²⁷ Navarro destaca o caráter histórico do seu *Dicionário do Tupi Antigo*, considerando-o como sendo de cunho eminentemente filológico, pois, para sua construção, as fontes utilizadas são documentos quinhentistas e seiscentistas e não o contato de falantes da língua (NAVARRO, 2013).

Ficha 20		
Sítio 40	<i>Caza nova</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio Verde (Pequeno).	
EXTENSÃO	Meio quarto de légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	30\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Antonio de Avelar</i>	
COMPRADOR	<i>Manoel Afonso de Serqueira</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Ecotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Casa: Lat. <i>casa</i> ‘morada, vivenda’ (CUNHA, 2013, p. 133); nova: Lat. <i>nōvus</i> , -a ‘de pouco uso’ (CUNHA, 2013, p. 453).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Caza nova</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“40 <i>Caza nova</i> Manoel Ant(oni)o de Avelar 24\$000” (f.35, L.7). “ <i>Caza nova</i> , Sitio de que paga Renda / Manoel Antonio de Avelar, a quantia de qui- / nhentos reis por anno, [...]” (f.23v, L.23-24r, L.1-2).	

Ficha 21		
Sítio 34	<i>Caza velha</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No lugar da Tapera.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$750
	DE VENDA	30\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Gonçalves Machado</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Ecotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Casa : Lat. <i>casa</i> ‘morada, vivenda’ (CUNHA, 2013, p. 133); velha : Lat. <i>vētūlus</i> , dim. de <i>vētus</i> , - <i>ēris</i> ‘remoto, antigo’ (CUNHA, 2013, p. 670).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Caza velha</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“34 <i>Caza velha</i> Manoel G(onça)l(ve)s Machado 30\$000” (f.3r, L.6). “ <i>Caza velha</i> , Sitio de que paga Renda Ma- / noel Gon(ça)l(ve)s Machado, a quantia de Sete centos e cinco- / enta reis [...]” (f.22r, L. 10-12).	

Ficha 22		
Sítio 48	<i>Cedro</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre os sítios do Cedro, da Varginha de Cima e da Tapera.	
EXTENSÃO	aprox. um quarto de légua de comprimento e outro de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Alexandre Nicacio de Santa Anna</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>cedrus</i> , -ī ‘árvore de grande porte’ (CUNHA, 2013, p. 130).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Cedro</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2). Note-se que o CEP 46350-000 se refere à Comunidade da Fazenda do Cedro, localizada na zona rural do município de Urandi-BA.	
CONTEXTO	“48 <i>Cedro</i> Alex(andr)e Nicacio de S(anta) Anna 20\$000” (f.3r, L.8). “ <i>Cedro</i> , Sitio de que paga Renda Alexandre Ni- / cacio deS(anta) Anna, a quantia de quinhentos reis por an- / no, [...]” (f.26r, L.15-17).	

Ficha 23		
Sítio 50	<i>Cedro</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre os sítios da Lagoa do Coelho, da Capa e da Santa Cruz, no riacho do Cedro.	
EXTENSÃO	Uma légua e meia de comprimento e uma légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$500
	DE VENDA	120\$000
	DE COMPRA	140\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Vicencia Nunes de Sequeira</i>	
COMPRADOR	<i>Joaquim Jozé de Santa Anna</i> e outros	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>cedrus</i> , -ī ‘árvore de grande porte’ (CUNHA, 2013, p. 130).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples Nm [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio Cedro em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“50 <i>Cedro</i> Vicencia Nunes deSequeira 120\$000” (f.3r, L.9). “ <i>Cedro</i> , Sitio de que paga Renda Vicencia Nunes / de Seq(uei)ra, a quantia de dous mil e quinhentos reis por an- / no, [...]” (f.26v, L.9-11).	

Ficha 24		
Sítio 88	<i>Cedro</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Na barra do riacho do Ouro.	
EXTENSÃO	Menos de meio quarto de légua de comprimento e de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Alexandre Nicacio de Santa Anna</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>cedrus</i> , -ī ‘árvore de grande porte’ (CUNHA, 2013, p. 130).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio Cedro em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“88 <i>Cedro</i> Alex(andr)e Nicacio deS(anta) Anna 20\$000” (f.3r, L.13). “ <i>Cedro</i> , Sitio de que paga Renda Alexandre / Nicacio deS(anta) Anna, a quantia de quinhentos reis / por anno, [...]” (f.41r, L.13-15).	

Ficha 25		
Sítio 21	Conceição	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio do Saco, na beira do rio Verde Grande, o sítio do Santo Antônio, o furado do Sucuruí e o barreiro do Pau Preto.	
EXTENSÃO	Uma légua e meia de comprimento; largura n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	200\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	Anna Nazaria de Almeida	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Mariotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Prenome de origem cristã ‘Nossa Senhora da Imaculada Conceição’ (GUÉRIOS, 1981, p.95).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Conceição</i> em Manga-MG. O distrito, criado em 1891 com a denominação São Caetano do Japoré e subordinado ao município de Januária, foi elevado à categoria de município em 1923 com a denominação de Manga, sendo constituído de 3 distritos: Manga (ex-São Caetano do Japoré), Japoré e Matias Cardoso (ex-Morrinhos). Em 1995, o município era constituído de 6 distritos: Manga, Juvenília, Miravânia, Monterrei, Nhandutiba e Porto Agrário, e em 2001, de 2 distritos: Manga e Nhandutiba (INSTITUTO..., 2017, s.v.).	
	Segundo Carvalho (2014), a imagem da Virgem da Conceição chegou ao Brasil em uma das naus de Pedro Álvares Cabral e os frades franciscanos foram os propagadores dessa devoção que se espalhou de norte a sul do país. Depois de ter sido protetora do Brasil no período colonial, a Senhora da Conceição foi proclamada por D. Pedro I, como Padroeira do Império Brasileiro (CARVALHO, 2014). Completando os exemplos citados por Dick (1990, p. 325), em que expressões toponímicas incluídas no quadro devocional de Nossa Senhora fixaram apenas os elementos determinantes, acrescenta-se Conceição (Nossa Senhora da Conceição).	
CONTEXTO	<p>“21 <i>Conceição</i> Anna Nazaria de Almeida 200\$000” (f.3r, L.2).</p> <p>“<i>Conceição</i>, Sítio de que paga Renda An- / na Nazaria de Almeida, a quantia de Cinco mil / reis, [...]” (f.17v, L.15-17).</p> <p>“[...], que se extrema com o Sítio da <i>Conceição</i> no / Brejo do Páo preto atravessando o Rio verde grande [...]” (f.18r, L.22-23).</p>	

Ficha 26		
Sítio 22	<i>Curralinho e Ingazeira</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio dos Morrinhos, na beira do rio Verde Grande, o sítio de Santo Antonio e o da Conceição.	
EXTENSÃO	Duas léguas de comprimento e uma légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	200\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Carlos Alvares das Neves</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Ergotopônimo e fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Curralinho : prov. Lat. <i>currare</i> , <i>-is</i> ‘lugar em que se guardam veículos’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 894). Híbrida. Ingazeira : Tup. <i>ingá</i> ‘ingá, fruto úmido’ (NAVARRO, 2013, p. 186) com suf. Port. <i>eiro</i> (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1617).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples e Elemento específico simples híbrido N _m [S _{sing}] e N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Curral: espaço cercado e descoberto para criação de gado (VIEIRA, v.2, 1873). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Curralinho e Ingazeira</i> em Manga-MG (cf. Fichas 1 e 25).	
CONTEXTO	“22 <i>Curral(inh)o e Ingaz(ei)ra</i> Carlos Al(vare)s das Neves 200\$000” (f.3r, L.3). “ <i>Curralinho, e Ingazeira</i> , Sitio de / que paga renda Carlos Al(vare)s das Neves, eoutros a / quantia de Cinco mil reis, [...]” (f.18r, L.6-8). “[...], extremando com o Sitio da <i>Ingazeira</i> na portei- / ra do Arial em baixo da parte do Poente [...]” (f.18v, L. 1-2).	

Ficha 27		
Sítio 83	<i>Curuja</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Na barra do rio Maravilha no rio Pardo.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e meia légua de largura aprox.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$500
	DE VENDA	50\$000
	DE COMPRA	62\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé Inacio de Almeida</i>	
COMPRADOR	<i>Antonio Manoel de Barros</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Zootopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Prov. lat. tar. <i>curusa</i> , -ae ‘ave que anda de noite’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 851).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Curuja</i> em Rio Pardo-MG (cf. Ficha 8) e Bahia.	
	Rio Pardo: de sua nascente, localizada na Serra Geral, em Montezuma, mesorregião Norte de Minas, até a foz em Canavieiras, Bahia, quando deságua no Oceano Atlântico, o Rio Pardo percorre os seguintes municípios mineiros: Águas Vermelhas, Berizal, Curral de Dentro, Divisa Alegre, Indaiabira, Montezuma, Ninheira, Rio Pardo de Minas, Santa Cruz de Salinas, Santo Antônio do Retiro, São João do Paraíso, Taiobeiras, Vargem Grande do Rio Pardo (SANTOS, 2017). Note-se que o CEP 39530-000 se refere à Fazenda Coruja, localizada na zona rural do município Rio Pardo de Minas-MG.	
CONTEXTO	“83 <i>Curuja</i> Jozé Ignacio de Almeida 50\$000” (f.3r, L.12). “ <i>Curuja</i> , Sitio de que paga Renda Jozé / Ignacio de Almeida, a quantia de dous mil e / quinhentos reis por anno, [...]” (f.38v, L. 18-20).	

Ficha 28		
Sítio 102	<i>Dourados</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a fazenda do Bom Sucesso, o sítio de São Pedro, o sítio dos Lençóis e a fazenda das Aguilhadas.	
EXTENSÃO	Três léguas de comprimento e duas léguas de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	n/i
	DE VENDA	300\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Francisco de Souza Meira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Antropotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>deaurātus</i> , -a, -um ‘que se dourou; cor de ouro’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1081).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Dourados</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
	Segundo Leite (2009), a família Dourado teria origem portuguesa, na região de Porto, mais especificamente nas margens do rio Douro, região onde os nascidos eram popularmente chamados de “dourado”. Nos últimos anos do século XVIII, o navegador, garimpeiro, fazendeiro e bandeirante português Mateus Nunes Dourado adentrou pelos sertões, via Salvador, e fixou-se nas proximidades da Vila de Santo Antônio de Jacobina, onde constituiu numerosa família de comerciantes e pecuaristas pelos sertões da Bahia. Em busca de áreas propícias para o garimpo os Dourado chegaram às terras da fazenda Lagoa Grande, que se estendia desde o Rio Verde, afluente do São Francisco, até o Riacho Romão Gramacho, em terras hoje pertencentes a América Dourada, se instalando principalmente na região denominada na época de “Novo Mundo” que mais tarde se tornou distrito de Morro do Chapéu, após o desmembramento de Jacobina, terras tombadas em 1819 sob determinação do Conde da Ponte (LEITE, 2009).	
CONTEXTO	“102 <i>Dourados</i> Os Herd(ei)ros do Cap(ita)m Francisco de / Souza Meira 300\$000” (f.3v, L.3-4). “[...] cortando Rumo direito ao alto extremando com / afazenda dos <i>Dourados</i> , e com o Sitio dos Lençoes, [...]” (f.31v, L.10-11). “ <i>Dourados</i> , Sitio de que estaõ de posse os her- / deiros do Cap(ita)m Fran(cis)co deSouza Meira, [...]” (f.45v, L.8-9).	

Ficha 29		
Sítio 101	<i>Espirito Santo</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho Seco e o riacho do Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	Meia légua aprox. de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	36\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Clemencia Dionisia Gomes</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hierotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Espírito: Lat. <i>spīritus</i> , <i>-ūs</i> ‘alma’ (CUNHA, 2013, p. 265); Santo: Lat. <i>sanctus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Espirito Santo</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
	No Cristianismo, o Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, juntamente com Deus Pai e Deus Filho. O culto ao Divino Espírito Santo, em suas diversas manifestações, é uma das mais antigas e difundidas práticas do catolicismo. Sua origem remonta às celebrações realizadas em Portugal a partir do século XIV, chegando provavelmente ao Brasil já nas primeiras décadas de colonização e sendo encontrada hoje em praticamente todas as regiões do país (MACHADO, 2014).	
CONTEXTO	“101 <i>Espirito Santo</i> Clemencia Dionizia Gomes 36\$000” (f.3v, L.6). “ <i>Espirito Santo</i> , Sitio de que paga / Renda Clemencia Dionizia Gomes, a quantia / de cinco tostoens por anno, [...]” (f.45r, L.15-17).	

Ficha 30		
Sítio 3	<i>Gameleira</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a fazenda de Santa Rita e a fazenda da Ilha, na beira do Rio Pardo.	
EXTENSÃO	Duas léguas de comprimento e duas léguas de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$500
	DE VENDA	200\$000
	DE COMPRA	110\$000 (a metade)
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Gonçalves Barboza</i>	
COMPRADOR	<i>Nicolau Franco Leandro de Souza</i> (a metade)	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>camella</i> , dim. de <i>caměra</i> ‘vaso para beber’ (CUNHA, 2013, p. 309).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Gameleira: designação comum a diversas árvores da família das moráceas, especialmente do gênero <i>Ficus</i> , com madeira geralmente usada para a confecção de gamelas e objetos domésticos (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1424). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Gameleira</i> em Rio Pardo-MG (cf. Fichas 8 e 27).	
CONTEXTO	“3 <i>Gameleira</i> Antonio Gil Barboza 200\$000” (f.3v, L.9). “ <i>Gameleira</i> , Sitio de que paga renda Anto- / nio Gonçalves Barboza, a quantia de dous mil e qui- / nhentos reis [...]” (f.11v, L.14-16). “[...] em rumo do Norte confor- / me os titulos do Sitio da <i>Gameleira</i> em extrema / do mesmo Sitio do Encantado [...]” (f.33v, L.23-25).	

Ficha 31		
Sítio 41	<i>Gameleira</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	n/d	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e menos de largura	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	36\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel João Corrêa</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>camella</i> , dim. de <i>caměra</i> ‘vaso para beber’ (CUNHA, 2013, p. 309).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <gameleira> na Ficha 30.	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Gameleira</i> em Espinosa, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“41 <i>Gameleira</i> Manoel João Corrêa 36\$000” (f.3v, L.11). “ <i>Gameleira</i> , Sitio de que paga Renda / Manoel João Corrêa, a quantia de des tostoens / p(o)r anno, [...]” (f.24r, L.13-15).	

Ficha 32		
Sítio 4	Ilha	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a fazenda da Serra, à beira do rio Pardo, e o fecho da lagoa dos Patos.	
EXTENSÃO	Quatro léguas de comprimento e duas léguas de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	10\$000
	DE VENDA	500\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Joana Pinto da Rocha</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>insûla</i> , -ae ‘terra cercada de água’ (CUNHA, 2013, p. 349).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Ilha</i> em Rio Pardo-MG (cf. Fichas 8 e 27). Note-se que o CEP 39530-000 se refere à Fazenda Ilha, localizada na zona rural do município Rio Pardo de Minas-MG.	
CONTEXTO	“4 <i>Ilha</i> Joanna Pinto da Rocha 500\$000” (f.4r, L.3). “[...] na beira do Rio pardo buscando o / mesmo faz extrema com a fazenda da <i>Ilha</i> no fexo / da Serra por huma, e outra parte [...]” (f.11v, L.20-22). “ <i>Ilha</i> , Sitio de que paga Renda Joanna / Pinto da Rocha, a quantia de des mil reis, [...]” (f.12r, L.2-3).	

Ficha 33		
Sítio 92	<i>Ilha</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio dos Lençóis na barra do rio do Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$400
	DE VENDA	16\$000
	DE COMPRA	18\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Valerio da Costa Ramos</i>	
COMPRADOR	<i>Valerio da Costa Ramos</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>insŭla</i> , -ae ‘terra cercada de água’ (CUNHA, 2013, p. 349).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Ilha</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“92 <i>Ilha</i> Valerio daCosta Ramos 16\$000” (f.4r, L.11). “ <i>Ilha</i> , Sitio de que paga Renda Valerio da / Costa Ramos, a quantia de quatro centos reis por / anno, [...]” (f.42r, L.18-20).	

Ficha 34		
Sítio 28	<i>Ilha grande</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho da Laranjeira, entre os sítios Jacuípe, da Malhada Grande e o do Encantado.	
EXTENSÃO	Uma légua e meia de comprimento e uma légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	6\$000
	DE VENDA	200\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Custodio da Costa Moreira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Ilha : Lat. <i>insŭla</i> , <i>-ae</i> ‘terra cercada de água’ (CUNHA, 2013, p. 349); grande : Lat. <i>grandis</i> ‘vasto, comprido’ (CUNHA, 2013, p. 322).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Ilha grande</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
	Note-se que o CEP: 39527-000 se refere à Fazenda Ilha Grande I, localizada no município de Mato Verde-MG. O distrito, criado com a denominação de Santo Antônio do Mato Verde em 1880 e subordinado ao município de Boa Vista do Tremedal (atual Monte Azul), foi elevado à categoria de município com a denominação de Mato Verde em 1953, desmembrado de Monte Azul (INSTITUTO..., 2017, s.v.).	
CONTEXTO	<p>“28 <i>Ilha grande</i> Custodio da Costa Meira 200\$000” (f.4r, L.6).</p> <p>“<i>Ilha grande</i>, Sítio de q(ue) paga Renda Custo- / dio da Costa Moreira, a quantia de Seis mil reis, [...]” (f.20r, L.10-11).</p> <p>“[...], o qual se extrema com o Sítio / da <i>Ilha grande</i> nas Cabeceiras do Riacho das la- / rangeiras, [...]” (f.33v, L.15-17).</p>	

Ficha 35		
Sítio 69	<i>Ilha grande</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Nas cabeceiras do riacho das Laranjeiras, até a Passagem das Contendas.	
EXTENSÃO	Três léguas de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	10\$000
	DE VENDA	300\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Joaõ Fernandes Ribeiro</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Ilha : Lat. <i>insŭla</i> , -ae ‘terra cercada de água’ (CUNHA, 2013, p. 349); grande : Lat. <i>grandis</i> ‘vasto, comprido’ (CUNHA, 2013, p. 322).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Ilha grande</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
CONTEXTO	<p>“69 <i>Ilha grande</i> Joaõ Fernande Ribeiro 300\$000” (f.4r, L.7).</p> <p>“<i>Ilha grande</i>, Sitio de que paga Renda / Joaõ Fernandes Ribeiro, a quantia de des mil reis / por anno, [...]” (f.33v, L,12-14).</p> <p>“[...] que faz extrema o Sitio da <i>Ilha grande</i> seguin- / do em Rumo do Poente, faz extrema com o Sitio / do Paqué conforme os títulos deste, [...]” (f.33v, L.20-22).</p>	

Ficha 36		
Sítio 70	<i>Jacoipe</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Na barra do riacho Quente no riacho da Canabraba.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e duas léguas de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	10\$000
	DE VENDA	240\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Joaõ Fernandes Guimaraes</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Zootopônimo	
ORIGEM	Indígena. Tup. <i>îaku 'y pe</i> ('no rio dos jacus') (NAVARRO, 2013, p. 578).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Para as formações aglutinadas de etimologia tupi que apresentam o lexema <i>y</i> (vernaculizado em <i>i</i> ou em <i>u</i>), em seu significado de água ou rio, optou-se por inserir na categoria de <i>hidrotopônimos</i> somente os topônimos que apresentam esse lexema em posição sintagmática inicial, concordando com as considerações de Dick (1990). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Jacoipe</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
CONTEXTO	“70 <i>Jacoipe</i> Joaõ F(e)r(nande)s Guim(arae)s 240\$000” (f.4r, L.8). “[...], o qual se extrema com oSítio <i>Jacoipe</i> di- / reito ao Morrinho das Vargens, [...]” (f.20r, L.13-14). “ <i>Jacoipe</i> , Sítio de que paga Renda Joaõ / Fernandes Guim(ara)es a quantia de des mil reis por / anno, [...]” (f.34r, L.3-5).	

Ficha 37		
Sítio 77	Jacoré	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	n/id	
EXTENSÃO	n/id	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	15\$000
	DE COMPRA	n/id
ARRENDATÁRIO	<i>Isidoro Cardozo da Silva</i>	
COMPRADOR	n/id	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Zootopônimo	
ORIGEM	Indígena. Tup. <i>îakaré</i> 'jacaré' (NAVARRO, 2013, p. 155).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Neves (2003a) e Pires (1979) reconhecem o topônimo como 'Jacaré'. Pires (1979) estabelece a sua localização em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	"77 <i>Jacoré</i> Izidoro Cardozo da S(ilv)a 15\$000" (f.4r, L.9). " <i>Jacoré</i> , Sítio de que paga renda Izidoro / {Cardozo da Silva} a quantia de quinhentos reis por an- / {no} [...]" (f.36v, L.15-17).	

Ficha 38		
Sítio 100	<i>Jahiva</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a ponta da serra da Jaíba e o rio Verde Grande.	
EXTENSÃO	Uma légua e comprimento e uma légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	3\$000
	DE VENDA	120\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Maximiano Ferreira da Silva</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Indígena. Tup. <i>y-aíba</i> ‘água ruim; água turva, água velha’ (NAVARRO, 2013, p. 579).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>Em análise do povoamento dos vales do Gorutuba e Verde Grande, Costa Filho (2008) informa que o termo Jahyba, de origem tupi, significando ‘águas más, águas ruins’, faz referência às febres malsãs nos leitos desses rios e complementa que essa designação denota o caráter insalubre da região, por conta da existência de focos de malária, o que a tornaram inadequada ao povoamento (COSTA FILHO, 2008, p. 47).</p> <p>Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Jahiva</i> em Monte Azul-MG, Manga-MG (cf. Fichas 3 e 25) e Janaúba-MG, distrito criado em 1943, subordinado ao município de Francisco Sá, e elevado à categoria de município em 1948 (INSTITUTO..., 2017, s.v.).</p> <p>Sobre a serra da Jaíba e o rio Verde Grande, cf. Fichas 1 e 4.</p>	
CONTEXTO	<p>“100 <i>Jahiva</i> Maximiano Ferreira daSilva 120\$000” (f.4r, L.12).</p> <p>“<i>Jahiva</i>, Sitio de que paga Renda Maxi- / miano Ferreira da S(ilv)a, a quantia de tres mil re- / is por anno, [...]” (f.44v, L.22-24).</p>	

Ficha 39		
Sítio 7	<i>Jatobá, ou Curuja</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio do Saco, na beira do rio Pardo, no lugar da Cachoeira, também chamada Coruja velha ou Tapera, e a Cabeceira do Gavião.	
EXTENSÃO	Uma légua e meia de comprimento e uma de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	300\$000
	DE COMPRA	330\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel de Barros Ribeiro</i>	
COMPRADOR	<i>Jozé Joaquim da Silva</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo ou Zootopônimo	
ORIGEM	Indígena. Jatobá : Tup. <i>îata'yba</i> ‘árvore leguminosa’ (NAVARRO, 2013, p. 164). Portuguesa. Coruja : prov. Lat. tar. <i>curusa</i> , -ae ‘ave que anda de noite’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 851).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}] ou N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Jatobá, ou Curuja</i> em Rio Pardo-MG (cf. Fichas 8 e 27). Note-se que o CEP 39530-000 se refere à Fazenda Coruja, localizada no município Rio Pardo de Minas-MG.	
CONTEXTO	“7 <i>Jatobá, ou Curuja</i> Manoel de Barros Ribeiro 300\$000” (f.4r, L.4). “ <i>Jatobá, ou Curuja</i> , Sítio de que pa- / ga Renda Manoel de Barros Ribeiro, a quan- / a quantia de Cinco mil reis, [...]” (f.12v, L.22-23-f.13r, L.1).	

Ficha 40		
Sítio 16	Juazeiro	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio dos Angicos e dos Mártires e os rios Gorutuba, Pacuí e Verde Grande.	
EXTENSÃO	n/i ²⁸	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	15\$000
	DE VENDA	n/i
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	Ritta Josefa Brandaõ	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Híbrida. Tup. <i>juá</i> 'juá, fruta do espinho' (NAVARRO, 2013, p. 195) com suf. Port. <i>eiro</i> (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1687).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples híbrido N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Juazeiro</i> em Porteirinha-MG e Janaúba-MG (cf. Fichas 1 e 38). Note-se que o CEP 39525-000 se refere à Comunidade Juazeiro, na zona rural do município de Nova Porteirinha-MG.	
CONTEXTO	"16 <i>Juazeiro</i> D(ona) Ritta Jozéfa Brandaõ 1.000\$000" (f.4r, L.5). " <i>Juazeiro</i> , Sítio arrendado á D(onna) Ritta Joze- / fa Brandaõ, por seo Procurador Marcelo Mendes Ca- / valeiro, pela quantia de quinze mil reis p(o)r anno, [...]" (f.15v, L.9-11).	

²⁸ Cf. nota 20 desta seção sobre ausência das folhas 16r e 16v, suprimidas do documento.

Ficha 41		
Sítio 60	<i>Lençoes</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o rio dos Lençóis e o riacho do Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$500
	DE VENDA	72\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Thomás Soares Barbalho</i>	
COMPRADOR	<i>Manoel Ribeiro da Cunha</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>linteolum</i> , -ī ‘pedaço de pano de linho’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1740).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Lençóis: vasta extensão de água que se encontra na superfície do solo ou sob a terra ou numa depressão (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1740).	
	Limites do sítio Lençóis: “da Vargem dos lençoes até a Sahida da Vargem cuja donde faz extrema com Lourenço Barboza, e dá mesma Vargem negra passando o <i>Rio chamado dos Lençoes</i> ” [...] “e pelo outro lado da mesma Vargem dos lençoes cortando rumo direito a passagem das pedras do d(itt)o <i>Rio chamado dos Lençoes</i> sempre cortando Rumo direito até o Riacho do Bomsucesso” (f.30v, L.1-12). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Lençoes</i> em Espinosa-MG. O distrito Lençóis, ou Lençóis do Rio Verde, deu origem ao município de Espinosa (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“60 <i>Lençoes</i> João Soares Barbalho 72\$000” (f.4v, L.3). “ <i>Lençoes</i> , Sitio de que paga Renda Tho- / más Soares Barbalho, a quantia de mil e quinhem- / tos reis por anno, (f.30r, L.20-22). “[...] extremando com o Sitio dos <i>Lençoes</i> de João Soares / Barbalho, da parte do Poente, [...]” (f.31v, L.4-5). “[...] cortando Rumo direito ao alto extremando com / afazenda dos Dourados, e com o Sitio dos <i>Lençoes</i> , [...]” (f.31v, L.10-11). “[...] Ru- / mo direito da passage das pedras do Sitio dos <i>Lençoes</i> / e pelo Rio dos Lençoes abaixo [...]” (f.42r, L.23-25). “[...], para o Nascente com oSitio deS(aõ) Pedro, e / entre o d(itt)o Nascente e o Norte extrema com oSitio dos / <i>Lençoes</i> , [...]” (f.45v, L.11-13).	

Ficha 42		
Sítio 17	<i>Martires</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	n/id	
EXTENSÃO	n/id	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	n/id
	DE VENDA	1.000\$000
	DE COMPRA	n/id
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Moreira Parafita</i>	
COMPRADOR	n/id	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hierotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>martyr</i> , <i>-is</i> ‘testemunha de Deus’ (CUNHA, 2013, p. 413).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Martires</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
	Costa Filho (2008) identifica o sítio Mártires como “Ramalhudo-Mártires”, parte integrante dos domínios da Casa da Ponte, e informa que este “limitava-se ao Norte com o Estado da Bahia, pelo rio Verde Pequeno e com a fazenda Aguilhadas, pelo córrego Cabaceiras; ao Sul, com as fazendas Passagens e Angicos, a fazenda da Barra, no município de Mato Verde, e fazendas Raposa e Pageú, no município de Monte Azul, a Oeste, com as terras devolutas da Jaíba, nos municípios de Manga e São João da Ponte, rio Verde Grande”, complementando que estas demarcação e medição foram efetuadas em abril de 1955 pelo agrimensor José Vieira d’Alquimin (COSTA FILHO, 2008, p. 110). Costa Filho também relata que as terras dessa fazenda sempre foram motivo de disputas, brigas e mortes. Para Antunes Jr., as disputas e os interesses particulares e políticos envolvendo o sítio Mártires foram responsáveis pela supressão das folhas 16r e 16v do documento, enquanto esteve emprestado ao Cel. Donato Gonçalves Dias, chefe político de Espinosa (ANTUNES JR., 2017, p. 172).	
CONTEXTO	O Diário de Justiça do Estado de Minas Gerais de 20/08/2019, pág. 89, identifica, no lugar denominado "Santa Cruz do Rio Verde", a Fazenda Ramalhudo Mártires, distrito de Gameleira (hoje município de Jaíba), Comarca de Manga (DIÁRIO..., 2019).	
	“17 <i>Martires</i> Antonio Moreira Parafita 1.000\$000” (f.4v, L.5).	
	“[...], e seguindo o d(itto) / Rio Gurutuba abaixo faz extrema com o Sitio dos / <i>Martires</i> [...]” (f.15v, L.18-20).	

Ficha 43		
Sítio 81	<i>Montes altos</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio do Boqueirão, o sítio do Espinho e o sítio da Tabua, até a Serra Geral.	
EXTENSÃO	Duas léguas de comprimento e uma légua e meia de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	20\$000
	DE VENDA	600\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Rosa Maria da Conceição, Manoel Francisco Lopes</i> e outros	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Montes: Lat. <i>mons, mōntis</i> ‘elevação de terreno acima do solo’ (CUNHA, 2013, p. 435); altos: Lat. <i>altus</i> ‘elevado’ (CUNHA, 2013, p. 30).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{pl} + ADJ _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Montes altos</i> na Bahia, enquanto Neves (2003a) especifica a sua atual localização no município Palmas de Monte Alto-BA. Como parte da sesmaria da Casa da Ponte, o território do município Palmas de Monte Alto foi adquirido no início do século XVIII pelo alferes Francisco Pereira Barros junto a Isabel Guedes de Brito no ano de 1730, dando início à povoação denominada Praia das Palmas de Monte Alto, elevada à categoria de vila com a denominação de Monte Alto, em 1840, e de cidade em 1918. Em 1943, o topônimo foi alterado para Palmas de Monte Alto, em virtude da existência da Serra de Monte Alto nas proximidades da cidade, porta de entrada para o Parque Estadual da Serra dos Montes Altos (INSTITUTO..., 2017, s.v.).	
CONTEXTO	“81 <i>Montes altos</i> Roza M(ari)a da Conc(eiça)m, e M(ano)el Fran(cis)co Lopes 600\$000” (f.4v, L.7). “ <i>Montes altos</i> , Sitio de que paga Ren- / da Roza Maria da Conceição, Manoel Fran(cis)co Lo- / pes, e outros, a quantia de Vinte mil reis por anno, [...]” (f.38r, L.5-7).	

Ficha 44		
Sítio 19	Morrinhos	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre os sítios dos Mártires, das Piranhas, da Canabraba e da Barrinha, seguindo o rio Verde Grande.	
EXTENSÃO	Seis léguas de comprimento e duas léguas de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	40\$000
	DE VENDA	1:000\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Joaõ de Araujo Moreira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Incerta (CUNHA, 2013, p. 437).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Morrinhos</i> em Manga-MG (cf. Fichas 1 e 25).	
CONTEXTO	<p>“19 <i>Morrinhos</i> Joaõ de Ar(auj)o Mo(rei)ra 1.000\$000” (f.4v, L.6).</p> <p>“<i>Morrinhos</i>, Sitio arrendado a Joaõ de / Araujo Moreira, p(o)r seo Procurador Joaõ de Figueiredo / Mascarenhas, pela quantia de quarenta mil reis por / anno [...]” (f.17r, L.2-5).</p> <p>“[...] extrema com o Sitio dos <i>Morrinhos</i> no lugar denomina- / do Cabeça do Boi na beira do Rio verde grande [...]” (f.17v, L.5-6).</p> <p>“[...] que se extremaõ [sic] / com o Sitio dos <i>Morrinhos</i> no Barreiro da Barriguda [...]” (f.18r, L.9-10).</p> <p>“[...] , afazer extrema com o Sitio das Pira- / nhas, e com o Sitio dos <i>Morrinhos</i> no Areiaõ que está / entre os Carrascos, [...]” (f.18v, L.13-15).</p> <p>“[...] , e desta passa- / ge rumo direito faz ponto na extrema da fazenda / dos <i>Morrinhos</i>, que occupa Joaõ de Araujo Moreira [...]” (f.35v, L.6-8).</p>	

Ficha 45		
Sítio 9	<i>Nossa Senhora do Livramento</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho da Mumbuca e o riacho do Pasto dos Cavalos.	
EXTENSÃO	Quase meia légua de comprimento; largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$250
	DE VENDA	40\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio de Freitas de Faria</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Mariotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Nossa: Lat. <i>nōster</i> , -a, -um ‘próprio de nós’ (CUNHA, 2013, p. 452); Senhora: Lat. <i>sen̄ior</i> , -ōris ‘dono, patrão’ (CUNHA, 2013, p. 589); Livramento: Lat. <i>liberat̄io</i> , -ōnis ‘salvação’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1773).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [DET _{poss} + S _{sing} + {P _{rep} + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Nossa Senhora do Livramento</i> em Rio Pardo-MG (cf. Ficha 8). Carvalho (2014) identifica a presença do topônimo <i>Nossa Senhora do Livramento</i> em Minas Gerais em mapas dos Séc. XVIII e XIX. Citando Lima Júnior (2008), Carvalho esclarece que a devoção a <i>Nossa Senhora do Livramento</i> tem sua origem em Portugal, no final do século XVI, quando Dom Sebastião perdeu a vida na batalha de Alcácer-Quibir e a intervenção da Virgem Maria foi solicitada para livrar o reino das tropas invasoras de Filipe II, de Castela, que se julgava o herdeiro legítimo da coroa portuguesa.	
CONTEXTO	“9 <i>N(ossa) S(enhora) do Livram(en)to</i> Antonio de Freitas de Faria 40\$000” (f.4v, L.2). “ <i>N(ossa) S(enho)ra do Livram(en)to</i> , Sítio de que pa- / ga Renda Antonio de Freitas de Faria, a quantia de / mil duzentos e cinquenta reis, [...]” (f.19v, L.2-4).	

Ficha 46		
Sítio 78	<i>Pajahú</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho Quente e o morro da Canabrava.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	120\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Ferreira de Souza</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hierotopônimo	
ORIGEM	Indígena. Tup. <i>paîé'y</i> ‘rio dos pajés’ (NAVARRO, 2013, p. 590).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>Cf. nota na Ficha 36 sobre as formações aglutinadas de etimologia tupi com o lexema <i>y</i>, em seu significado de água ou rio.</p> <p>O município Cachoeira do Pajeú localiza-se na região Norte de Minas. O desbravamento e a ocupação do território expulsaram as tribos indígenas que habitavam o lugar, possivelmente tupis, e, tomando posse do lugar sagrado do Pajé, levantaram um altar em louvor a Nossa Senhora da Conceição. Surgiu assim um pequeno arraial, constituído pela casa grande da Fazenda Pajahú, pela senzala e pelos agregados e vaqueiros (INSTITUTO..., 2017, s.v.).</p> <p>Neves (2003a) e Pires (1979) reconhecem o topônimo como ‘Pajeú’. Pires (1979) estabelece a sua localização em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).</p> <p>Note-se que o CEP 39500-000 se refere à Fazenda Pajeú, localizada na zona rural do município Monte Azul-MG.</p>	
CONTEXTO	<p>“78 <i>Pajahú</i> Antonio Ferreira deSouza 120\$000” (f.5r, L.10).</p> <p>“[...], q(ue) se extrema com o sitio do <i>Pajahú</i> na beira / do Riacho quente rumo direito ahum moiraõ de Arueira [...]” (f.21v, L.1-2).</p> <p>“<i>Pajahú</i>, (que não está compreendido na / Venda do Jacoipe) Sitio de que paga renda Antonio / Ferreira deSouza, a quantia de cinco mil reis por / anno, [...]” (f.37r, L.2-5).</p> <p>“[...] até o Morro do Condihuba [†] cortando ru- / mo direito ao morro do [†] onde extrema / com a fazenda do [†] <i>Pajahú</i> [...]” (f.37v, L.21-23).</p>	

Ficha 47		
Sítio 103	<i>Páo alto</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o rio de São João e o riacho de Santo Antônio.	
EXTENSÃO	n/i	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$500
	DE VENDA	100\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Borges de Carvalho</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Pau: Lat. <i>pālus</i> , -ī ‘qualquer pedaço de madeira’ (CUNHA, 2013, p. 482); alto: Lat. <i>altus</i> ‘elevado’ (CUNHA, 2013, p. 30).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	O Programa Re flora do Jardim Botânico do Rio de Janeiro reconhece, no site “Flora e Funga do Brasil”, o nome pau-alto para a árvore <i>Eucalyptus microcorys</i> F.Muell (REFLORA...) Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Páo alto</i> em São João do Paraíso-MG (cf. Ficha 8).	
CONTEXTO	“103 <i>Páo alto</i> Manoel Borges deCarvalho 100\$000” (f.5r, L.15). “ <i>Páo alto</i> , Sítio de que paga Renda Mano- / el Borges deCarvalho, na freg(uezi)a do Rio pardo co- / mo tratou com o S(argento) M(or) Joaquim Pereira de Cas- / tro, e consta no Livro f(olha)s3<2>/3\ em 29 de Abril de / 1808, a quantia de dous mil e quinhentos reis [...]” (f.45v, L.18-22).	

Ficha 48		
Sítio 8	<i>Páos pretos</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho Mocambo, o rio de São João e a Vareda dos Bois.	
EXTENSÃO	Três léguas comprimento; largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$000
	DE VENDA	100\$000
	DE COMPRA	150\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Diogo Machado de Meireles</i>	
COMPRADOR	<i>Diogo Machado de Meireles</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Paus: Lat. <i>pālus</i> , <i>-i</i> ‘mourão, poste’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2152); pretos: Lat. <i>prett-</i> , por <i>pressus</i> , ‘sombrio, obscuro’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2295).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{pl} + ADJ _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pau-preto: árvore leguminosa que possui madeira escura e resistente (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021).	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Páos pretos</i> em São João do Paraíso-MG (cf. Ficha 8). Note-se que o CEP 39540-000 se refere à Fazenda Paus Pretos, localizada no município São João do Paraíso-MG.	
CONTEXTO	“8 <i>Páos pretos</i> Diogo Machado de Meireles 100\$000” (f.5r, L.4). “ <i>Páos pretos</i> , Sítio de que paga Renda / Diogo Machado de Meireles, a quantia de dous / mil reis, [...]” (f.13r, L.15-17). “[...] té a / Barra do Riacho do Mocambo donde extrema com o / Sítio dos <i>Páos pretos</i> veio d’agoa acima té suas Cabe- / ceiras, [...]” (f.19r, L.7-10).	

Ficha 49		
Sítio 94	<i>Passage da raiz</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	n/d	
EXTENSÃO	Uma légua aprox. de comprimento; largura n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$000
	DE VENDA	150\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Jozé Calado</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hodotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Passagem : Lat. <i>pāssus</i> , <i>-us</i> ‘passo’ (CUNHA, 2013, p. 480); raiz : Lat. <i>radix</i> , <i>-īcis</i> ‘origem, princípio’ (CUNHA, 2013, p. 545).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Passagem: caminho de um lugar para outro; lugar por onde se passa (VIEIRA, v.4, 1873). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Passage da raiz</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3), enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“94 <i>Passage da raiz</i> Manoel Jozé Calado 150\$000” (f.5r, L.14). “ <i>Passage da raiz</i> , Sítio de que paga / Renda Manoel Jozé Calado, a quantia de dous / mil reis por anno, [...]” (f.42v, L.20-22).	

Ficha 50		
Sítio 27	<i>Passage do meio</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho de Capim Pubu e o riacho da Capoeira, no sítio das Duas Barras.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	50\$000
	DE COMPRA	n/id
ARRENDATÁRIO	<i>Feliciano Jozé Jorge</i>	
COMPRADOR	<i>Mathias Soares Barbalho</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hodotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Passagem : Lat. <i>pāssus, -us</i> ‘passo’ (CUNHA, 2013, p. 480); meio : Lat. <i>mēdīus</i> ‘entre dois pontos’ (CUNHA, 2013, p. 417).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <passagem> na Ficha 49.	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Passage do meio</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3) e Espinosa (cf. ficha 2), enquanto Neves (2003a) estabelece a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2). O site “HISTÓRIA REAL DE URANDI-BAHIA” exibe fotos de algumas das primeiras fazendas do município, dentre ela a fazenda <i>Passagem do Meio</i> (HISTÓRIA..., 2009).	
CONTEXTO	“27 <i>Passage do meio</i> Feliciano Jozé Jorge 50\$000” (f.5r, L.7). “ <i>Passage do meio</i> , Sítio de que paga / Renda Feliciano Jozé Jorge, a quantia de {dez} tos- / tens, [...]” (f.19v, L.21-23).	

Ficha 51		
Sítio 79	Passage dos Cavalos	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No Riacho do Boqueirão.	
EXTENSÃO	Menos de meia légua de comprimento e de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	n/id
	DE VENDA	60\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé Pereira dos Santos</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hodotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Passagem: Fr. <i>passage</i> (CUNHA, 2013, p. 480); Cavalos: Lat. <i>caballus</i> ‘animal mamífero’ (CUNHA, 2013, p. 138).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + Apl + Spl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <passagem> na Ficha 49. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Passage dos Cavalos</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“79 <i>Passage dos Cav(al)os</i> Jozé Pereira dos Santos 60\$000” (f.5r, L.11). “ <i>Passage dos Cavalos</i> , (Sítio des- / membrado do Boqueirão do Parreira) de que pa- / ga Renda Jozé Pereira dos Santos, a quantia de [†] / [†] reis por anno, [...]” (f.37r, L.19-22).	

Ficha 52		
Sítio 5	<i>Pedras</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho da Vadiação, entre o sítio da Ilha e o morro do Jualtar.	
EXTENSÃO	Uma légua e meia de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$000
	DE VENDA	120\$000
	DE COMPRA	140\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé Francisco de Oliveira</i>	
COMPRADOR	<i>Jozé Francisco de Oliveira</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Litotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>petra</i> , -ae ‘rocha, rochedo, pedra’ (CUNHA, 2013, p. 484).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Pedras</i> em Rio Pardo-MG (cf. Ficha 8).	
CONTEXTO	“5 <i>Pedras</i> Jozé Francisco deOliveira 120\$000” (f.5r, L.3). “ <i>Pedras</i> , Sitio de que paga Renda Jozé / Francisco de Oliveira, a quantia de dous mil reis [...]” (f.12r, L.20-21).	

Ficha 53		
Sítio 1	<i>Pedras, ou São João</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Norte do riacho da Vadição, entre a fazenda da Itabiraba e o riacho da Porteira.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$500
	DE VENDA	100\$000
	DE COMPRA	120\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Ignácio Jozé de Souza</i>	
COMPRADOR	<i>Joaquim Gonçalves Quaresma</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Litotopônimo, ou hagiopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Pedras : Lat. <i>petra</i> , <i>-ae</i> ‘rocha, rochedo, pedra’ (CUNHA, 2013, p. 484); ou São : Lat. <i>sanctus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); João : Hebr. <i>Iehohanan</i> , <i>Iohanan</i> ‘Javé é misericordioso’ (GUÉRIOS, 1981, p. 151).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples ou Elemento específico composto N _f [S _{pl}] ou NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Pedras, ou São João</i> em Rio Pardo-MG (cf. Ficha 8). No banco de dados do projeto ATEMIG, Carvalho (2014) registra 50 ocorrências do topônimo São João, em acidentes físicos e humanos, na mesorregião Norte de Minas e esclarece que vários santos são reconhecidos pela Igreja com o nome de João, dentre os quais destaca São João Batista, filho de Santa Isabel e São Zacarias, considerado o precursor de Jesus Cristo. Santo muito popular, sua devoção foi trazida para o Brasil pelos portugueses, que transmitiram ainda o costume de celebrar a festa de São João no dia 24 de junho (CARVALHO, 2014, p. 271).	
CONTEXTO	“1 <i>Pedras, ou S(aõ) João</i> Ignacio Jozé deSouza 100\$000” (f.5r, L2). “ <i>Pedras, chamado S(aõ) João</i> , Sítio de q(ue) / paga Renda Ignacio Jozé deSouza, como do arrenda- / mento no L(ivr)o af(olha)s12V(erso) em 9 de Junho de 1806, a quan- / tia de dous mil e quinhentos reis, [...]” (f.11r, L.10-13). “S(aõ) João do Paraizo” (f.11r, anotação marginal).	

Ficha 54		
Sítio 18	<i>Piranhas</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	n/id	
EXTENSÃO	n/id	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	n/id
	DE VENDA	600\$000
	DE COMPRA	n/id
ARRENDATÁRIO	<i>Joaõ de Araujo Moreira</i>	
COMPRADOR	n/id	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Zootopônimo	
ORIGEM	Indígena. Tup. <i>pi'raãa</i> (<i>pi'ra</i> 'peixe'; <i>ãã</i> 'dente') (CUNHA, 2013, p. 498).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{pl}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Piranhas</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3). Note-se que o CEP 39440-001 se refere à Fazenda <i>Piranhas</i> , na zona rural do município de Janaúba-MG.	
CONTEXTO	“18 <i>Piranhas</i> Joaõ de Ar(auj)o Mo(rei)ra p(o)r seo Proc(urad)or 600\$000” (f.5r, L.5). “[...] em rumo de Nascente que está entre a Vareda do / Jundiahi, e o Brejo denominado dos Martires, e da / mesma Catinga a vir fazer extrema no lugar chama- / do o Pé do Morro com oSítio das <i>Piranhas</i> , e deste a / extremar com o Sítio da Canabraba [...]” (f.17r, L. 8-12).	

Ficha 55		
Sítio 46	<i>Porteira velha</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o rio da Barra, o sítio da Vargem Redonda e o sítio da Tapera.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	36\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Francisco Alvares Martins</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Ergotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Porteira : Lat. <i>porta</i> , - <i>ae</i> ‘abertura em parede’ (CUNHA, 2013, p. 512); velha : Lat. <i>vētūlus</i> , dim. de <i>vētus</i> , - <i>ēris</i> ‘remoto, antigo’ (CUNHA, 2013, p. 670).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Porteira: portão que fecha a entrada de fazenda, sítio etc.; cancela (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2267). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Porteira velha</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“46 <i>Porteira velha</i> Francisco Al(vare)s M(art)i(n)s 36\$000” (f.5r, L.8). “ <i>Porteira velha</i> , Sitio de que paga Renda / Fran(cis)co Al(vare)s M(art)i(n)s, a quantia de des tostoens [...]” (f.25v, L.12-13). “[...], epela estra- / da acima até extremar com oSitio da <i>Porteira / velha</i> deFran(cis)co Al(vare)s M(art)i(n)s no lugar do Mulungú, [...]” (f.42r, L.8-10).	

Ficha 56		
Sítio 75	Riacho abaixo	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio do Tremedal, na Barra do Riacho Seco, e o sítio do Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e uma légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	120\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Ferreira de Souza</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Riacho : Lat. <i>rīvus</i> , -ī ‘curso de água natural’ (CUNHA, 2013, p. 565); abaixo : Lat. <i>bassus</i> ‘a parte inferior’ (CUNHA, 2013, p. 76).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADV]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Riacho abaixo</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
CONTEXTO	75 R<io>/i/[↑a]\(ch)[↑o] abaixo Antonio Ferreira de Souza 120\$000” (f.5v, L.5). “ <i>Riacho abaixo</i> , Sitio de que paga Ren- / da Antonio Ferreira de Souza, a quantia de cinco / mil reis por anno, [...]” (f.36r, L.2-4).	

Ficha 57		
Sítio 68	<i>Riacho secco</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a barra do riacho do Felipe e o riacho Seco.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento; largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	30\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio de Macedo Portugal</i>	
COMPRADOR	<i>Antonio de Macedo Portugal</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Riacho : Lat. <i>rīvus</i> , <i>-ī</i> ‘curso de água natural’ (CUNHA, 2013, p. 565); seco : Lat. <i>siccus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> ‘enxuto’ (CUNHA, 2013, p. 585).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Riacho secco</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
	Em documento de entregas de títulos de regularização fundiária da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, referente ao município Monte Azul, consta o Processo de Nº 1230.01.00037 27/2019 – 37, referente ao Sítio Riacho Seco (SECRETARIA..., 2019). Note-se que o CEP 39500-000 se refere à Fazenda Riacho Seco, localizada na zona rural do município Monte Azul-MG.	
CONTEXTO	“68 <i>Riacho secco</i> Antonio de Macedo Portugal 24\$000” (f.5v, L.4). “ <i>Riacho secco</i> , Sitio de que paga renda / Antonio de Macedo Portugal, a quantia de qui- / nhentos reis por anno, [...]” (f.33r, L.21-23)	

Ficha 58		
Sítio 11	Rio de São João	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o rio de São João, a vareda de Santa Maria e o sítio de São Pedro.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e uma légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$500
	DE VENDA	60\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio de Freitas de Faria</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Rio : Lat. <i>rīvus</i> , <i>-ī</i> ‘curso de água natural’ (CUNHA, 2013, p. 565); São : Lat. <i>sanctus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> ‘sagrado’(CUNHA, 2013, p. 580); João : Hebr. <i>Iehohanan</i> , <i>Iohanan</i> ‘Javé é misericordioso’ (GUÉRIOS,1981, p.151).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + {Prep + ADJ _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Rio de São João</i> em São João do Paraíso-MG (cf. Fichas 8 e 53).	
CONTEXTO	“11 <i>Rio de S(aõ) João</i> Antonio de Freitas de Faria 60\$000” (f.5v,L.2). “ <i>Rio de S(aõ) João</i> , Sitio de q(ue) paga / Renda Antonio de Freitas de Faria, a quantia de / mil e quinhentos reis, pelo Cap(ita)m Antonio Pinto de / Almeida, [...]” (f.12r, L.12-15).	

Ficha 59		
Sítio 47	<i>Rio verde</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Na beira do rio Verde (Pequeno), no Areião da Gameleira.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Juliaõ Gomes Pereira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Rio : Lat. <i>rīvus</i> , -ī ‘curso de água’ (CUNHA, 2013, p. 565); verde : Lat. <i>vīrīdis</i> ‘da cor das folhas e das ervas’ (CUNHA, 2013, p. 673);	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Rio verde</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“47 <i>Rio verde</i> Juliaõ Gomes Pereira 20\$000” (f.5v, L.3). “ <i>Rio verde</i> , Sítio que se para Renda Juliaõ / Juliaõ Gomes Pereira, a quantia de quinhentos reis, [...]” (f.25v, L.22-f.26r, L.1-2).	

Ficha 60		
Sítio 37	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	À beira do rio do Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	Menos de um quarto de légua de comprimento e uma légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$500
	DE VENDA	60\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Roza Maria de Jesus</i>	
COMPRADOR	<i>Antonio Fernandes de Santa Anna</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).</p> <p>Santana é a “santa de maior emprego na toponímia brasileira, não apenas pelo simbolismo de que se reveste (mãe da Virgem Maria), mas pela antiguidade da própria forma linguística (Ana)” (DICK, 2008, p. 220). No banco de dados do projeto ATEMIG, Carvalho (2014) registra 16 ocorrências do topônimo em acidentes físicos e humanos, na mesorregião Norte de Minas. Celebrada a 26 de julho, Santa Ana, esposa de São Joaquim, é a avó materna de Jesus Cristo. No Brasil, a devoção a Santa Ana era muito comum no período colonial e várias paróquias foram erguidas sob a sua proteção (CARVALHO, 2014, p. 353).</p> <p>Note-se que o CEP 39510000 se refere ao povoado de Santana, localizada no município de Espinosa-MG.</p>	
CONTEXTO	<p>“37 <i>S(anta) Anna</i> Roza Maria de Jesus 60\$000” (f.2r, L.5).</p> <p>“<i>S(anta) Anna</i>, Sitio de que paga Renda Ro- / za Maria de Jesus, a quantia de mil e quinhen- / tos reis, por anno, [...]” (f.23r, L.2-4).</p>	

Ficha 61		
Sítio 42	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o Canto do Poço de Pai Paulo e a fazenda da Lagoa do Coelho.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$500
	DE VENDA	96\$000
	DE COMPRA	100\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé Soares da Silva</i>	
COMPRADOR	<i>Joaõ Soares da Silva e Jozé Soares da Silva</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio Santana em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“42 <i>S(anta) Anna</i> Jozé Soares da Silva 96\$000” (f.2r, L.6). “ <i>S(anta)Anna</i> , Sitio de que paga Renda Jo- / zé Soares daSilva, a quantia de dous mil e qui- / nhentos reis por anno, [...]” (f.24v, L.2-4).	

Ficha 62		
Sítio 56	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o alto da Malhadinha e a barra do Curral Falso, seguindo a estrada dos Lençóis.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e uma légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$000
	DE VENDA	96\$000
	DE COMPRA	96\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Nunes de Sequeira</i>	
COMPRADOR	<i>Jozé Nicolau de Tolentino</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“56 <i>S(anta) Anna</i> Manoel Nunes deSequeira 96\$000” (f.2r, L.7). “ <i>S(anta) Anna</i> , Sitio de que paga Renda Manoel / Nunes deSequeira, a quantia de dous mil reis por / anno, [...]” (f.28v, L.13-15).	

Ficha 63		
Sítio 57	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a Passagem do Limoeiro e os altos do rio Verde (Pequeno).	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$250
	DE VENDA	60\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Carlos Afonso de Sequeira</i>	
COMPRADOR	<i>Carlos Afonso de Sequeira</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	<p>“57 <i>S(anta) Anna</i> Carlos Afonso de Sequeira 60\$000” (f.2r, L.8).</p> <p>“[...] no principio da d(itt)a Varginha, a qual cortan- / do Rumo direito, faz extrema com o Sitio de <i>S(anta) Anna</i> / deseio Tio Carlos Afonso [...]” (f.27v, L.20-22).</p> <p>“<i>S(anta) Anna</i>, Sitio de que paga renda Carlos / Afonso de Sequeira, aquantia de duzentos e cin- / coenta reis por anno, [...]” (f.29r, L.13-15).</p>	

Ficha 64		
Sítio 61	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a barra do riacho Secco, a Cachoeira Grande, o riacho das Mamonas e o riacho do Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Francisco Xavier da Silva</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“61 <i>S(anta) Anna</i> Francisco X(avi)er da Silva 24\$000” (f.2r, L.9). “ <i>S(anta) Anna</i> , Sitio de que paga renda Francisco / Xavier da Silva, a quantia de quinhentos reis por anno, [...]” (f.30v, L.19-20).	

Ficha 65		
Sítio 62	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio dos Lençóis, até a Vargem do Mandacaru.	
EXTENSÃO	Três quartos de légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$250
	DE VENDA	60\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Ferreira Lima</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“62 <i>S(anta) Anna</i> Manoel Ferreira Lima 60\$000” (f.2r, L.10). “ <i>S(anta) Anna</i> , Sitio de que paga Renda Mano- / el Ferreira Lima, a quantia de mil duzentos e cin- / coenta reis por anno, [...]” (f.31r, L.9-11).	

Ficha 66		
Sítio 63	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o rio dos Lençóis e o sítio dos Lençóis.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	n/id
	DE VENDA	30\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Paulo Ribeiro da Cunha</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“63 <i>S(anta) Anna</i> Paulo Ribeiro daCunha 30\$000” (f.2r, L.11). “ <i>S(anta) Anna</i> , Sitio de que paga Renda Paulo / Ribeiro da Cunha, a quantia de [†] [...]” (f.31r, L.22-23).	

Ficha 67		
Sítio 65	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio de São Domingos na barra do riacho da Lagoa e o sítio do Tabuleiro no riacho dos Lençóis.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$250
	DE VENDA	10\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Raymundo Carvalho Falcaõ</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“65 <i>S(anta) Anna</i> Raymundo Carv(alh)o Falcaõ 10\$000” (f.2r, L.12). “ <i>S(anta) Anna</i> , Sitio de que paga Renda Ray- / mundo Carvalho Falcaõ, a quantia de duzentos e cin- / coenta reis por anno, [...]” (f.32r, L.8-10).	

Ficha 68		
Sítio 66	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho da Lagoa e a Passagem do Tabuleiro no riacho dos Lençóis.	
EXTENSÃO	n/i	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$050
	DE VENDA	15\$000
	DE COMPRA	25\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé Ribeiro da Cunha</i>	
COMPRADOR	<i>Paulo Ribeiro da Cunha</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“66 <i>S(anta) Anna</i> Jozé Ribeiro da Cunha 15\$000” (f.2r, L.13). “ <i>Santa Anna</i> , Sitio de que paga renda / Jozé Ribeiro da Cunha, a quantia de duzentos, e cin / coenta reis por anno, [...]” (f.32r, L.23-f.32v, L.1-2)	

Ficha 69		
Sítio 71	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho Bom Sucesso, no Barreiro da Fava, até o sítio do Riacho Abaixo, no Morro do Mocó.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	n/id
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Dias Corrêa</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“71 <i>S(anta) Anna</i> Manoel Dias Corrêa 20\$000” (f.2r, L.14). “ <i>Santa Anna</i> , Sitio de que paga Renda / Manoel Dias Corrêa, a quantia [†] centos reis por anno, [...]” (f.34r, L.21-23).	

Ficha 70		
Sítio 89	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho Bom Sucesso, pelo caminho dos Lençóis.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Nunes de Sequeira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“89 <i>S(anta) Anna</i> Manoel Nunes deSequeira 24\$000” (f.2r, L.16). “ <i>S(anta) Anna</i> , Sitio de que paga Renda Manoel / Nunes deSequeira, a quantia de quinhentos reis por / ano, [...]” (f.41v, L.2-4).	

Ficha 71		
Sítio 90	<i>Santa Anna</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho Bom Sucesso, pelo caminho dos Lençóis.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	26\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Joaõ Teixeira Barboza</i>	
COMPRADOR	<i>Joaõ Teixeira Barboza</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Anna : Hebr. <i>Hanah, Hannah</i> ‘graça, clemência’ (GUÉRIOS, 1981, p.57).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Anna</i> em Espinosa-MG (cf. Fichas 2 e 60).	
CONTEXTO	“90 <i>S(anta) Anna</i> <i>Joaõ Teixeira Barboza</i> 24\$000” (f.2r, L.17). “ <i>S(anta) Anna</i> , Sitio de que paga Renda <i>Joaõ / Teixeira Barboza</i> por seo procurador Manoel Nu- / nes deSeq(uei)ra, a quantia de quinhentos reis por anno, [...]” (f.41v, L.14-16).	

Ficha 72		
Sítio 72	<i>Santa Cruz e Espirito Santo</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a barra do Riacho Seco e o sítio do Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento; largura n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	36\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Anna Victoria da Conceição</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hierotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santa : Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Cruz : Lat. <i>crux</i> , <i>crucis</i> ‘instrumento de suplício’ (CUNHA, 2013, p. 192). Espírito : Lat. <i>spīritus</i> , -ūs ‘alma’ (CUNHA, 2013, p. 265); Santo : Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}] e NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santa Cruz e Espirito Santo</i> em Monte Azul e Espinosa-MG (cf. Fichas 2, 3 e 29). A cruz de Cristo foi fincada em solo brasileiro em 1500 no ilhéu da Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia-BA, para a celebração da primeira missa nas terras brasileiras. D. Manuel, o rei de Portugal, era Grão-Mestre da Ordem de Cristo e a cruz, que acompanharia os portugueses em suas conquistas d’além mar, era o emblema das naus da esquadra de Pedro Álvares Cabral (RODRIGUES, 2019). Cf. Ficha 29 sobre o sentido do topônimo <i>Espirito Santo</i> .	
CONTEXTO	“72 <i>S(anta) Cruz</i> Anna Victoria da Conceição 36\$000” (f.3r, L.11). “ <i>S(anta) Cruz e Espirito Santo</i> , Sitio de / que paga Renda D(onna) Anna Victoria da Conceição / a quantia de des tostoens, [...]” (f.34v, L.15-17).	

Ficha 73		
Sítio 23	<i>Santo Antonio</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio da Conceição, o rio Verde Grande e o sítio da Ingazeira.	
EXTENSÃO	Uma légua e meia de comprimento; largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	200\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé dos Santos Cardozo de Almeida</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santo : Lat. <i>sanctus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Antonio : etim. contr., Lat. <i>Antonius</i> (GUÉRIOS, 1981, p.59).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santo Antonio</i> em Manga-MG (cf. Fichas 1 e 25).	
	No banco de dados do projeto ATEMIG, Carvalho (2014) registra 37 ocorrências do topônimo Santo Antônio na mesorregião Norte de Minas. O culto a esse santo teve início na cidade italiana de Pádua, onde, em 1231, deu-se o seu falecimento, sendo o santo católico que teve a canonização mais rápida da história da igreja, apenas 11 meses depois da data de sua morte, tornando-se um dos santos mais populares da Igreja Católica. Trazida pelos portugueses, a devoção a Santo Antônio chegou ao Brasil logo no início da colonização e se tornou o santo que mais emprestou seu nome à toponímia brasileira, batizando freguesias, vilas e cidades (CARVALHO, 2014).	
CONTEXTO	<p>“23 <i>S(anto) Antonio</i> Jozé dos Santos Cardozo de Alm(ei)da 200\$000” (f.2r, L.3).</p> <p>“[...] té o Barreiro do Páo prêto donde faz extrema / com o Sítio do <i>S(anto) Antonio</i>, [...]” (f.17v, L.23-24).</p> <p>“<i>S(anto) Antonio</i>, Sítio de que paga Renda Jozé / dos Santos [↑Card(oz)o] de Almeida, a quantia de Cinco mil reis [...]” (f.18r, L.19-21).</p>	

Ficha 74		
Sítio 33	<i>Santo Antonio do Carrapato</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho Inhumas, o riacho Seco, o riacho Bonito e a Serra do Piripiri.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	10\$000
	DE VENDA	300\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel de Souza Marques</i>	
COMPRADOR	<i>Luiz Gonçalves Vianna</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santo: Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Antonio: etim. contr., no Lat. <i>Antonius</i> (GUÉRIOS, 1981, p.59); Carrapato: contr., prov. base pré-romana <i>caparra</i> (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 633).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Tanto Pires (1979) quanto Neves (2003a) estabelecem a localização do sítio <i>Santo Antonio do Carrapato</i> no município de Condeúba-BA (cf. Fichas 12 e 73).	
CONTEXTO	<p>“33 <i>S(anto) Ant(oni)o do Carrap(at)o</i> O Cap(ita)m Manoel deSouza Marques 300\$000” (f.2r, L.4).</p> <p>“<i>S(anto) Antonio do Carrapato</i>, Sitio de que / paga Renda o Cap(ita)m Manoel deSouza Marques, a / quantia de des mil reis por anno, [...]” (f.21v, L.11-13).</p> <p>“[...], cuja / porçaõ de terra desmembrada da fazenda <i>S(anto) Ant(oni)o / do Carrapato</i> [...]” (f.21v, L.14-16).</p>	

Ficha 75		
Sítio 76	<i>Santo Antonio do pé de Serra</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho dos Lençóis pela parte do Norte.	
EXTENSÃO	n/id	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	48\$000
	DE COMPRA	n/id
ARRENDATÁRIO	<i>Florencio Fernandes Guimaraes</i>	
COMPRADOR	n/id	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Santo: Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Antonio: Lat. <i>Antonius</i> (GUÉRIOS, 1981, p.59); pé: lat. <i>pes</i> , <i>pēdis</i> ‘parte inferior da perna’ (CUNHA, 2013, p. 483); Serra: lat. <i>serra</i> , -ae ‘montanha’ (CUNHA, 2013, p. 592).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} } + {Prep + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Santo Antonio do pé de Serra</i> em Monte Azul-MG (cf. Fichas 3 e 73).	
CONTEXTO	<p>“76 <i>S(anto) Ant(oni)o do pé da Serra</i> Florencio F(e)r(nande)s Guimaraes 48\$000” (f.2r, L.15).</p> <p>“<i>S(anto) Antonio do pé da Serra</i>, Sitio / de que paga Renda Florencio {F(e)r(nande)s Guim(ara)es} / Guim(ara)es, a quantia de des tostoens por anno, [...]” (f.36r, L.24-25-f.36v, L.1).</p>	

Ficha 76		
Sítio 104	São Bartholomeo ~ São Bartolomeo	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Na beira do rio Pardo até a barra do ribeirão do Mosquito.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e meia légua aprox. de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	4\$000
	DE VENDA	80\$000
	DE COMPRA	n/id
ARRENDATÁRIO	<i>Leandro de Souza de Medina</i>	
COMPRADOR	<i>Damazio Rodrigues Lima</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. São : Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Bartolomeu : Aram. <i>Bar</i> ‘filho’ de <i>Tholmai</i> (GUÉRIOS, 1981, p.69).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>São Bartholomeo ~ São Bartolomeo</i> em Rio Pardo-MG (cf. Fichas 8 e 27).	
	No banco de dados do projeto ATEMIG, Carvalho (2014) registra 2 ocorrências do topônimo São Bartolomeu, em acidentes físicos e humanos, na mesorregião Norte de Minas. Celebrado a 24 de agosto, São Bartolomeu, também chamado Natanael, foi um dos doze primeiros apóstolos de Jesus (CARVALHO, 2014, p. 220). Note-se que o CEP 39535-000 se refere à Fazenda São Bartolomeu, localizada na zona rural do município Vargem Grande do Rio Pardo-MG.	
CONTEXTO	104 <i>S(aõ) Bartolomeo</i> Leandro deS(ou)za de Medina 80\$000” (f.2v, L.14). “ <i>S(aõ) Bartho<ho>/lom\eo</i> , Sitio de que / paga Renda Leandro deSouza deMedina / A quantia de quatro mil reis, por anno [...]” (f.46r, L.8-10).	

Ficha 77		
Sítio 67	São Domingos	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho dos Lençóis, na Passagem do Mingu, e o riacho de São Pedro.	
EXTENSÃO	Duas léguas de comprimento e légua e meia de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	3\$000
	DE VENDA	240\$000
	DE COMPRA	300\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Lourenço Barboza Castro</i>	
COMPRADOR	<i>Vasco Antunes de Serqueira</i> e irmãos	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. São : Lat. sanctus, -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Domingos : Lat. <i>Dominicus</i> ‘nascido no domingo, o dia do Senhor’ (GUÉRIOS, 1981, p. 104).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>São Domingos</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
	No banco de dados do projeto ATEMIG, Carvalho (2014) registra 19 ocorrências do topônimo São Domingos, em acidentes físicos e humanos, na mesorregião Norte de Minas. Celebrado a 8 de agosto, São Domingos nasceu em 1170, na Espanha, e pertencia a uma ilustre e nobre família, muito católica e rica, tendo, desde criança, trilhado o caminho de servir a Deus (CARVALHO, 2014, p. 246). Note-se que o CEP 39510-000 se refere ao bairro São Domingos, no município de Espinosa -MG.	
CONTEXTO	“67 <i>S(aõ) Domingos</i> Lourenço Barboza Crasto 240\$000” (f.3v, L.2). “[...], o qual se extrema / com oSítio de <i>S(aõ) Domingos</i> na Barra do Riacho da / lagôa, [...]” (f.32r, L.11-13). “ <i>S(aõ) Domingos</i> , Sítio de que paga / Renda Lourenço Barboza Castro, a quantia de tres / mil reis por anno, [...]” (f. 32v, L.15-17).	

Ficha 78		
Sítio 10	São Gonçalo	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a cabeceira do riacho Curral Velho, o riacho Forquilha e o Canto da Vargem.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	50\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Gonçalves Chaves</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. São : Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Gonçalo : Lat. <i>Gundisalvus</i> ‘salvo na guerra’ (GUÉRIOS, 1981, p.133).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>São Gonçalo</i> em Rio Pardo-MG (cf. Ficha 8).	
	No banco de dados do projeto ATEMIG, Carvalho (2014) identifica o topônimo São Gonçalo em mapas do território mineiro da primeira metade do Séc. XVIII e registra 7 ocorrências na mesorregião Norte de Minas. Santo português muito venerado no Brasil e em Portugal, São Gonçalo do Amarante nasceu em 1200 na aldeia de Talgide, próxima às famosas Caldas de Vizela, tendo seu culto como bem aventurado em Portugal aprovado pelo papa Júlio III em 1561 (CARVALHO, 2014, p. 260).	
CONTEXTO	<p>“10 <i>S(aõ) Gonçalo</i> Manoel G(onça)l(ve)s Chaves 50\$000” (f.3v, L.10).</p> <p>“<i>S(aõ) Gonçalo</i>, Sitio de que paga Renda / Manoel Gonçalves Chaves, a quantia de des tostoens [...]” (f.13v, L.15-15).</p> <p>“[...] cortando Rumo direi- / to de huma á outra parte aos geraes em cima, extre- / mando com oSitio deS(aõ) Pedro, e deS(aõ) <i>Gonçalo</i> [...]” (f.15r, L.5-7).</p>	

Ficha 79		
Sítio 80	Saõ Jozé	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Nas cabeceiras do riacho da Cobra até a barra do riacho de São João.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	36\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé da Costa Teixeira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. São : Lat. <i>sanctus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); José : Hebr. <i>Iosseph</i> , <i>Iehussef</i> ‘Deus aumente’ (GUÉRIOS, 1981, p.152).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Saõ Jozé</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3), enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Cordeiros-BA. Criado em 1898 com a denominação de Candéal, subordinado ao município de Condeúba, o distrito passou, em 1938, a denominar-se Cordeiros, devido à influência da família de Manoel Cordeiros, e foi elevado à categoria de município em 1961 (INSTITUTO..., 2017).</p> <p>No banco de dados do projeto ATEMIG, Carvalho (2014) registra 37 ocorrências do topônimo São José, em acidentes físicos e humanos, na mesorregião Norte de Minas. Celebrado a 19 de março, São José, pai adotivo de Jesus e esposo da Virgem Maria, é um dos santos mais cultuados no Brasil, tendo sido proclamado pelo papa Pio IX, em 1870, como patrono da Igreja universal (CARVALHO, 2014, p. 281).</p>	
CONTEXTO	<p>“80 <i>S(aõ) Jozé</i> Jozé da Costa Teix(ei)ra 36\$000” (f.4r, L.10).</p> <p>“<i>S(aõ) Jozé</i>, Sitio de que paga Renda Jozé da / Costa Teixeira, a quantia de des tostoens por anno, [...]” (f.37v, L.11-12).</p> <p>“[...], que se extrema pe- / la parte do Nascente com o Sitio de <i>S(aõ) Jozé</i> de Jozé da Costa Teixeira, [...]” (f.44r, L.11-13).</p>	

Ficha 80		
Sítio 25	São Pedro	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio Vareda do Barreiro, no riacho de São Pedro, a fazenda São João, no rio de São João, e o sítio dos Paus Pretos, no Riacho do Mocambo.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$500
	DE VENDA	60\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Pinto de Almeida</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. São : Lat. <i>sanctus</i> , <i>-a</i> , <i>-um</i> ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Pedro : Lat. <i>Petrus</i> , masc. de <i>petra</i> ‘pedra, rocha’ (GUÉRIOS, 1981, p.199).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) não apresenta a localização do sítio <i>São Pedro</i> . No entanto, considerando os limites estabelecidos, indica-se a sua provável localização em São João do Paraíso-MG (cf. Ficha 8).	
	No banco de dados do projeto ATEMIG, Carvalho (2014) registra 13 ocorrências do topônimo São Pedro na mesorregião Norte de Minas. Designado por Jesus como chefe dos apóstolos e de toda a Igreja, São Pedro foi o primeiro papa e é celebrado no dia 29 de junho. Pescador da Galileia, Simão – seu nome de batismo – foi discípulo de João Batista e testemunha de todos os atos importantes da vida de Cristo. Foi crucificado de cabeça para baixo em Roma, no ano 64, e sobre seu túmulo foi edificada a atual basílica de São Pedro no Vaticano (CARVALHO, 2014).	
CONTEXTO	“25 <i>S(aõ) Pedro</i> O Cap(ita)m Ant(oni)o Pinto de Almeida 60\$000” (f.5r, L.6). “ <i>São Pedro</i> , Sitio de que paga Renda / o Cap(ita)m Antonio Pinto de Almeida, a quantia de mil / e quinhentos reis, [...]” (f.19r, L.2-4).	

Ficha 81		
Sítio 73	São Pedro	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho de São Pedro.	
EXTENSÃO	n/id	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	36\$000
	DE COMPRA	60\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Fernandes Guimaraes</i>	
COMPRADOR	<i>Vasco Antunes de Serqueira e irmãos</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. São : Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Pedro : Lat. <i>Petrus</i> , masc. de <i>petra</i> ‘pedra, rocha’ (GUÉRIOS, 1981, p. 199).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>São Pedro</i> em Monte Azul-MG (cf. Fichas 3 e 80).	
CONTEXTO	“73 <i>S(aõ) Pedro</i> Antonio F(e)r(nande)s Guim(arae)s 36\$000” (f.5r, L.9). “ <i>S(aõ) Pedro</i> , Sitio de que paga renda An- / tonio Fernandes Guim(arae)s, a quantia de des tostoens [...]” (f.35r, L.6-7).	

Ficha 82		
Sítio 82	Saõ Pedro	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio de São João, na barra do riacho de São Pedro.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e meia légua aproximada de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	3\$000
	DE VENDA	120\$000
	DE COMPRA	130\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Jeronymo Pereira da Costa</i>	
COMPRADOR	<i>Jeronymo Pereira da Costa</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. São : Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Pedro : Lat. <i>Petrus</i> , masc. de <i>petra</i> ‘pedra, rocha’ (GUÉRIOS, 1981, p. 199).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Saõ Pedro</i> em São João do Paraíso-MG (cf. Fichas 8 e 80).	
CONTEXTO	“83 <i>S(aõ) Pedro</i> Jeronymo Pereira da Costa 120\$000” (f.5r, L.12). “ <i>Saõ Pedro</i> , Sitio de que paga Renda Jero- / nymo Pereira da Costa, a quantia de tres mil equi- / nhentos reis por anno, [...]” (f.38v, L.4-6).	

Ficha 83		
Sítio 93	Saõ Pedro	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho de São Pedro.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	32\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Florencio Fernandes Guimaraes</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hagiotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. São : Lat. <i>sanctus</i> , -a, -um ‘sagrado’ (CUNHA, 2013, p. 580); Pedro : Lat. <i>Petrus</i> , masc. de <i>petra</i> ‘pedra, rocha’ (GUÉRIOS, 1981, p. 199).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Saõ Pedro</i> em São João do Paraíso-MG (cf. Fichas 8 e 80).	
CONTEXTO	“93 S(aõ) Pedro Florencio F(e)r(nande)s Guim(ara)es 32\$000” (f.5r, L.13). “S(aõ) Pedro, Sitio de que paga Renda Florencio / F(e)r(nande)s Guim(ara)es, a quantia de quinhentos reis por anno, [...]” (f.42v, L.4-5).	

Ficha 84		
Sítio 2	Sacco	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a fazenda de Santa Rita na cabeceira do rio Seco e a barra no rio Pardo na cabeceira da Vareda do Cigano.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	3\$000
	DE VENDA	100\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Francisco Figueira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>saccus</i> , -i ‘saco de filtrar, coador’ (CUNHA, 2013, p. 574).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	No interior de Minas Gerais, <i>saco</i> identifica certa extensão de campo circulada de matas. “É uma ilha de campo no meio da floresta e por conseguinte o inverso de <i>capão</i> ” (SOUZA, 2004 [1910], p. 285). Pires (1979) estabelece a localização do sítio do <i>Sacco</i> em Rio Pardo-MG (cf. Fichas 8 e 27).	
CONTEXTO	“2 <i>Sacco</i> Antonio Francisco Fig(uei)ra 100\$000” (f.5v, L.7). “ <i>Sacco</i> , Sitio de que paga renda Antonio Fran- / Francisco Figueira, a quantia de tres mil reis [...]” (f.11r, L.23-f.11v, L.1). “[...], que se extrema / pela parte da Nascente com oSitio do <i>Sacco</i> na beira do Rio pardo no lugar da Cachoeira, [...]” (f.13r, L.2-4). “[...], e pela Catinga em rumo de Nascente a ex- / tremar com o d(itt)o Sitio do <i>Sacco</i> , [...]” (f.13r, L.10-11). “[...], que se extrema com o Sitio do <i>Sacco</i> / na encruzilhada da Rossa abaixo correndo em rumo / de Nordeste té o furado do Sucuriú [...]” (f.17v, L.18-20).	

Ficha 85		
Sítio 20	Salto	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Na beira do rio Verde Grande até o furado do Irarapi.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$000
	DE VENDA	60\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé da Silva Moreira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hidrotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>saltus</i> , <i>ūs</i> ‘salto, pulo’ (CUNHA, 2013, p. 578).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Salto: Nos rios, catarata, cascata, descida do curso horizontal a baixo (VIEIRA, v.5, 1874, p. 388); queda d’água na corrente de um rio (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Salto</i> em Manga-MG (cf. Fichas 1 e 25). Note-se que o CEP 39465-000 se refere à Fazenda Salto, situada na zona rural do município de Miravânia-MG.	
CONTEXTO	“20 <i>Salto</i> Jozé daS(ilv)a Moreira 60\$000” (f.5v, L.8). “ <i>Salto</i> , Sitio de q(ue) paga Renda Jozé daSilva / Moreira, a quantia de dous mil reis, [...]” (f.17v, L.2-3).	

Ficha 86		
Sítio 30	<i>Tabocal</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho da Canabraba e o riacho Tabocal.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	150\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Luis Ferreira de Mello</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Fitotopônimo	
ORIGEM	Híbrida. Tup. <i>îataboka</i> ‘bambu’ (NAVARRO, 2013, p. 164) com suf. Port. <i>al</i> (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2654).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples híbrido Nm [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Tabocal</i> em Monte Azul-MG (cf. Ficha 3).	
	No Diário do Executivo de 20 de Julho de 2017, o Secretário de Estado de Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais informa o processo de regularização fundiária rural da Fazenda Tabocal, situada no município de Monte Azul (DIÁRIO..., 2017).	
CONTEXTO	“30 <i>Tabocal</i> Manoel Luis Ferr(eir)a de Mello 150\$000” (f.5v, L.10). “ <i>Tabocal</i> , Sitio de que paga Renda Manoel / Luis Ferreira de Mello, a quantia de cinco mil reis, [...]” (f.20v, L.14-15).	

Ficha 87		
Sítio 59	<i>Taboleiro ~ Tabuleiro</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho da Lagoa, até a Passagem Bebedor dos Cavalos.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	48\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Francisco Ribas</i>	
COMPRADOR	<i>Cipriano Ferreira da Silva</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Lat. <i>tabulāris</i> , -e ‘mesa de jogo’ (CUNHA, 2013, p. 618).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	<p>“No sertão do São Francisco, os sertanejos chamam tabuleiro a um trecho de terra de poucas árvores e quase nenhum arbusto. [...] Em Minas Gerais, chamam tabuleiro ao planalto de montículos pouco elevados e separados entre si por meio de vales estreitos” (SOUZA, 2004 [1910], p. 305).</p> <p>Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Taboleiro ~ Tabuleiro</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).</p> <p>O Tribunal de Justiça de Minas Gerais apresenta deferimento do pedido de retificação de área da Fazenda Tabuleiro, localizada na zona rural do município de Espinosa-MG (TRIBUNAL..., 2014).</p>	
CONTEXTO	<p>“59 <i>Taboleiro</i> Antonio F(e)r(nande)s Ribas8 48\$000” (f.6r, L.2).</p> <p>“<i>Tabuleiro</i>, Sitio de que paga Renda Anto- / nio Francisco Ribas, a quantia de quinhentos reis / por anno, [...]” (f.30r, L.5-7).</p> <p>“[...], epelo mesmo Riacho acima vay fazer extre- / ma com oSitio do <i>Taboleiro</i> ocupado por Antonio / Fernandes Ribas, [...]” (f.32r, L.13-15).</p> <p>“[...] té extremar com oSitio do / <i>Taboleiro</i> occ<†>/u\pado por Antonio Fernandes Ribas, na / Cabeceira da lagôa, [...]” (f.33r, L.9-11).</p>	

Ficha 88		
Sítio 55	<i>Tapera</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio Verde (Pequeno), na barra do Riachão do Bom Sucesso.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$350
	DE VENDA	15\$000
	DE COMPRA	36\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Lourenço Afonso de Sequeira</i>	
COMPRADOR	<i>Manoel Tavares dos Anjos</i> e mais cinco sócios	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Ecotopônimo	
ORIGEM	Indígena. Tup. <i>ta'pũera</i> (<i>taua</i> 'taba'; <i>pũera</i> 'que já foi') (CUNHA, 2013, p. 622).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Tapera: habitação em ruínas; aldeia indígena abandonada (CUNHA, 2013, p. 622).	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Tapera</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	<p>“55 <i>Tapera</i> Lourenço Afonso deSeq(uei)ra 15\$000” (f.6r, L.1).</p> <p>“[...], e por este abaixo o Sitio / da <i>Tapera</i> té o lugar onde se acha na estrada hum / páo de Mulungú, [...]” f.25v, L.16-18).</p> <p>“<i>Tapera</i>, Sitio de que paga Renda Lourenço / Afonço deSequeira, a quantia de trezentos e cincoen- / ta reis por anno, [...]” (f.28r, L.16-18).</p> <p>“[...], o qual se extrema / com oSitio da<i>Tapera</i> de Lourenço Afonço, no lu- / gar do Sangrador [...]” (f.42r, L.5-7).</p>	

Ficha 89		
Sítio 86	<i>Tapera e Guará</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a vareda do Mandacaru, a vareda do Cachimbo e o morro do Olho d'Água do Jatobá.	
EXTENSÃO	Meia légua de comprimento e meia légua de largura aprox.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	60\$000
	DE COMPRA	80\$000
ARRENDATÁRIO	<i>André da Costa</i> e outros	
COMPRADOR	<i>Manoel Jozé dos Santos e Joaquim da Costa Valle</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Ecotopônimo e zootopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Tapera : Tup. <i>ta'pũera</i> (<i>taua</i> 'taba'; <i>pũera</i> 'que já foi') (CUNHA, 2013, p. 622) e Guará : Tup. <i>agwa'ra</i> 'mamífero carnívoro'; 'espécie de ave' (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1491).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples e elemento específico simples N _f [S _{sing}] e N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Tapera: habitação em ruínas; aldeia indígena abandonada (CUNHA, 2013, p. 622).	
	Pires (1979) não apresenta a localização do sítio <i>Tapera e Guará</i> , enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Piripá-BA. A existência do córrego Canabrava deu origem ao povoado Lagoa da Tábua, que foi transformado em distrito com a denominação de Piripá em 1926, subordinado ao município de Condeúba, e elevado à categoria de município em 1962 (PIRIPÁ...).	
CONTEXTO	86 <i>Tapera e Guará</i> André da Costa, e outros 60\$000" (f.6r, L.3). "Tapera, e Guará, Sítio desmembrado / do Piripirí, de que paga Renda André da Costa, e / outros, a quantia de des tostoens por anno, [...]" (f.40r, L.8-10)	

Ficha 90		
Sítio 31	<i>Terras desmembradas do Jacoipe</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a Serra Geral e o Riacho Bonito.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento; largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	100\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Roberto Fernandes Jácome</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Não se aplica	
ORIGEM	Não se aplica	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Não se aplica	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização das <i>Terras desmembradas do Jacoipe</i> em Monte Azul e Mato Verde-MG (cf. Fichas 3 e 34).	
CONTEXTO	<p>“31 <i>Terras desmembradas do Jacoipe</i> Roberto F(e)r(nande)s Jácome 100\$000 (f.5v, L.11-12)</p> <p>“<i>Terras desmembradas do Jacoi- / pe</i>, e que não foraõ comprehendidas na venda do d(itt)o / Sítio, de que paga Renda Roberto Fernandes Jácome / e outros a quantia de des tostoens, [...]” (f.21r, L.5-8).</p>	

Ficha 91		
Sítio 32	<i>Terras sobras do Jacoipe</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio do Pajeú, na beira do riacho Quente, e a Serra Geral, na nascente do riacho Bonito.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e meio quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	80\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Bernardo Gomes Negraõ</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Não se aplica	
ORIGEM	Não se aplica	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Não se aplica	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Pires (1979) estabelece a localização das <i>Terras sobras do Jacoipe</i> em Monte Azul e Mato Verde-MG (cf. Fichas 3 e 34).	
CONTEXTO	<p>“32 <i>Terras sobras do Jacoipe</i> Bernardo Gomes Negraõ 80\$000 (f.5v, L.13).</p> <p>“<i>Terras q(ue) ficaraõ fora da ven- / da do Jacoipe</i>, de que paga Renda Bernardo Go- / mes Negraõ a quantia de des tostoens, [...]” (f.21r, L.20-22).</p>	

Ficha 92		
Sítio 54	<i>Trombeteiro</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o rio do Bom Sucesso e o sítio Lençóis, na passagem das Pedras.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento; largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Francisca Ribeiro da Rocha</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Sociotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Prov. alt. de <i>trompa</i> , do Frânc. <i>trũmpa</i> , de origem onomatopaica ‘instrumento musical de sopro’ (CUNHA, 2013, p. 654).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _m [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Trombeteiro: aquele que sopra a trombeta, instrumento de sopro, em cuja feitura rudimentar se utiliza o chifre de um animal (CUNHA, 2013, p. 654). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Trombeteiro</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“54 <i>Trombeteiro</i> Francisco Rib(ei)ro da Rocha 20\$000” (f.5v, L.14). “ <i>Trombeteiro</i> , Sitio de que paga Renda Fran- / cisca Ribeiro daRocha, a quantia de quinhentos reis / por anno, [...]” (f.28r, L.2-4).	

Ficha 93		
Sítio 87	<i>Vaqueijador novo</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho Fundo.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$300
	DE VENDA	32\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé Cyriaco Vaz da Costa</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hodotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vaquejador : Lat. <i>vacca</i> , <i>-ae</i> ‘vaca, fêmea do touro’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2820); novo : Lat. <i>nōvus</i> , <i>-a</i> ‘de pouco uso’ (CUNHA, 2013, p. 453).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Vaquejador: trilha, picada, caminho aberto nos matos ou nas caatingas, por onde os vaqueiros conduzem o gado do pasto para o curral, ou de uma fazenda para outra (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2828). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vaqueijador Novo</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“87 <i>Vaqueijador novo</i> Jozé Cyriaco Vaz da Costa 32\$000” (f.6r, L.17). “ <i>Vaqueijador novo</i> , Sitio de que paga / Renda Jozé Cyriaco Vaz da Costa, a quantia de / de trezentos reis por anno, [...]” (f.40v, L.27-28-f.41r, L.1).	

Ficha 94		
Sítio 53	<i>Vaqueijadouro novo ~ Vaqueijadoro novo</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Nas margens do rio Verde (Pequeno), entre a Varginha e o sítio de Santa Anna.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$400
	DE VENDA	10\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Vicencia Nunes de Siqueira</i>	
COMPRADOR	<i>Vicencia Nunes de Siqueira</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Hodotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vaquejador : Lat. <i>vacca</i> , <i>-ae</i> ‘vaca, fêmea do touro’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2820); novo : Lat. <i>nōvus</i> , <i>-a</i> ‘de pouco uso’ (CUNHA, 2013, p. 453).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vaquejador> na Ficha 93. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vaqueijadouro novo ~ Vaqueijadoro novo</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“53 <i>Vaqueijadouro novo</i> Vicencia Nunes deSequeira 10\$000” (f.6r, L.13). “ <i>Vaqueijadoro novo</i> , Sitio de q(ue) paga ren- / da Vicencia Nunes deSequeira, a quantia de qua- / tro centos reis por anno, [...]” (f.27v, L.12-14).	

Ficha 95		
Sítio 14	Vareda	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No lugar chamado a Redonda, entre o sítio de São Pedro e o de São Gonçalo.	
EXTENSÃO	Uma légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$800
	DE VENDA	50\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Manoel Gonçalves Chaves</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vareda : Lat. <i>verēdus</i> , -i ‘via, caminho’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2847).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples N _f [S _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Vareda: região provida de maior abundância d’água na zona caatingal, entre as montanhas e os vales dos rios, nos quais a vegetação é uma mistura dos agrestes e da caatinga; várzea ao longo da margem de um rio (SOUZA, 2004 [1910]). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vareda</i> em Rio Pardo-MG (cf. Ficha 8).	
CONTEXTO	“14 <i>Vareda</i> Manoel G(onça)l(ve)s Chaves 50\$000” (f.6r, L.7). “ <i>Vareda</i> , Sitio de que paga Renda Manoel / Gonçalves Chaves, a quantia de oito centos reis [...]” (f.15r, L.2-3).	

Ficha 96		
Sítio 6	<i>Vareda do Trassadal</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o sítio da Pedra e o sítio de São João, até o lugar chamado Tapera.	
EXTENSÃO	Três léguas de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$500
	DE VENDA	80\$000
	DE COMPRA	200\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio Jozé Paim</i>	
COMPRADOR	<i>Joaquim Gonçalves Quaresma</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vareda : Lat. <i>verēdus</i> , -i ‘via, caminho’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2847). Trassadal : n/e.	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vareda> na Ficha 95.	
	Sobre a lexia <trassadal>, não encontrada nas fontes lexicográficas pesquisadas, Souza (2008) informa: “A lexia <i>traçadá</i> refere-se a uma espécie vegetal muito comum nas beiras dos córregos e rios da região [Planta de folhas compridas e entrelaçadas que cresce normalmente às margens do rio], embora não tenha sido encontrada a lexia referente ao vegetal em nenhum dos dicionários pesquisados. Entretanto, em uma carta de doação de terra do município datada de 1º de janeiro de 1844 encontramos um topônimo da região denominado Vereda do Traçadal, o que confirma ser comum o uso dessa lexia na região” (SOUZA, 2008, p. 194).	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vareda do Trassadal</i> em Rio Pardo-MG (cf. Ficha 8).	
	Em documento de entregas de títulos de regularização fundiária de 2007 a 2011, referente ao município Rio Pardo de Minas, consta o Processo de N° 87.410, referente à Fazenda Vereda do Traçadal (SECRETARIA..., 2007-2011, p. 68).	
CONTEXTO	“6 <i>Vareda do Trassadal</i> Antonio Jozé P{a}im 80\$000” (f.6r, L.5). “ <i>Vareda do Trassadal</i> , Sitio de que / paga renda Antonio Jozé Paim a quantia de mil / e quinhentos reis [...]” (f.12v, L.8-10).	

Ficha 97		
Sítio 13	Vareda dos Bois	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Da barra da Vareda dos Bois acima até a Barra da Taboquinha.	
EXTENSÃO	Três léguas de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	2\$500
	DE VENDA	100\$000
	DE COMPRA	130\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Diogo Machado de Meireles</i>	
COMPRADOR	<i>Diogo Machado de Meireles</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vareda : Lat. <i>verēdus</i> , -i ‘via, caminho’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2847); Bois : Lat. <i>bos</i> , <i>bōvis</i> ‘boi, vaca’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 477).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + A _{pl} + S _{pl} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vareda> na Ficha 95.	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vareda dos Bois</i> em São João do Paraíso-MG (cf. Ficha 8). Note-se que o CEP 39540-000 se refere à Fazenda Vereda dos Bois, localizada no município São João do Paraíso-MG.	
CONTEXTO	“13 <i>Vareda dos Bois</i> Diogo Machado de Meireles 100\$000” (f.6r, L.6). “ <i>Vareda dos Bois</i> , Sítio de que paga / Renda Diogo Machado de Meireles, a quantia de / dous mil e quinhentos reis [...]” (f.14v, L.12-14).	

Ficha 98		
Sítio 38	Vargem da Cachoeira	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre a Vargem do Curral e o rio Verde (Pequeno).	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$500
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	10\$000 (parte do sítio); outra parte n/id
ARRENDATÁRIO	<i>Domingos Francisco Rodrigues</i>	
COMPRADOR	<i>Theodoro Gonçalves de Serqueira</i> (parte do sítio); outra parte n/id	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vargem : contr. prov. da forma pré-romana <i>barga</i> ‘cabana’, var. de várzea (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2832); Cachoeira : Lat. <i>cocīō</i> , <i>-ōnis</i> ‘borbulhão, borbotão’ (CUNHA, 2013, p. 109).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NCf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Vargem: planície cultivada (VIEIRA, v.5, 1874). Terreno baixo e plano que margina os rios e ribeirões e se presta à lavoura; planície de inundação de um curso d’água (SOUZA, 2004 [1910]). Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vargem da Cachoeira</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“38 <i>Vargem da Cacho(e)ira</i> Domingos Fran(cis)co Ro(dr)i(gue)s 24\$000” (f.6r, L.9). “ <i>Vargem da Cachoeira</i> , Sitio de q(ue) pa- / ga Renda Domingos Francisco Ro(dr)i(gue)s, a quan- / tia de quinhentos reis p(o)r anno, [...]” (23r, L.18-20).	

Ficha 99		
Sítio 51	<i>Vargem da faca</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Nas margens do rio Verde (Pequeno), entre a barra do Riachão e o sangrador da Vargem Comprida.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e meia légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	1\$000
	DE VENDA	36\$000
	DE COMPRA	40\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Antonio de Freitas da Silva</i>	
COMPRADOR	<i>Raimundo Afonso de Serqueira</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vargem : contr. prov. da forma pré-romana <i>barga</i> ‘cabana’, var. de várzea (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2832); faca : contr. prov. Lat. <i>falcūla</i> , -ae, dim. de <i>falx</i> , <i>falcis</i> ‘foice, roçadeira’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1297).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vargem> na Ficha 98.	
	Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vargem da faca</i> em Espinosa-MG e na Bahia, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“51 <i>Vargem da faca</i> Antonio de Freitas daS(ilv)a 36\$000” (f.6r, L.12). “ <i>Vargem da faca</i> , Sitio de que paga Renda / Ant(oni)o deFreitas daSilva a quantia de des tostoens por / anno, [...]” f.27r, L.4-6).	

Ficha 100		
Sítio 35	<i>Vargem da Onça</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio Verde Grande, no lugar do Barreiro.	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$750
	DE VENDA	30\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Domingos Afonso</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vargem : contr. prov. da forma pré-romana <i>barga</i> ‘cabana’, var. de várzea (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2832); Onça : Lat. vulg. <i>lŷncea</i> ‘lince’ (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2063).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vargem> na Ficha 98. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vargem da Onça</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Fichas 1 e 2).	
CONTEXTO	“35 <i>Vargem da Onça</i> Domingos Afonso 30\$000” (f.6r, L.8). “ <i>Vargem da Onça</i> , Sítio de que paga / Renda Domingos Afonço, a quantia de Sete centos / e cinquenta reis p(o)r anno, [...]” (f.22v, L.2-4).	

Ficha 101		
Sítio 99	<i>Vargem fermoza</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre as fazendas do Campo Grande, de São Domingos, do Guará, do Condeúba e da Raposa.	
EXTENSÃO	Duas léguas de comprimento e uma légua e meia aprox. de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	5\$000
	DE VENDA	160\$000
	DE COMPRA	160\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Joaquim Alvares Pereira</i>	
COMPRADOR	<i>Thomás Jozé da Costa</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vargem : contr. prov. da forma pré-romana <i>barga</i> ‘cabana’, var. de várzea (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2832); formosa : Lat. <i>formosus</i> ‘de bela aparência’ (CUNHA, 2013, p. 299).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vargem> na Ficha 98. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vargem fermoza</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2), enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Condeúba-BA (cf. Ficha 12).	
CONTEXTO	“99 <i>Vargem fermoza</i> Joaquim Al(vare)s Per(eir)a 160\$000” (f.6r, L.18). “ <i>Vargem fermoza</i> , Sítio de que paga / Renda Joaquim Al(vare)s Pereira, a quantia de cin- / co mil reis por anno, [...]” (f.44v, L.2-4).	

Ficha 102		
Sítio 58	<i>Vargem redonda</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No rio do Bom Sucesso, na barra com o rio Verde (Pequeno).	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$400
	DE VENDA	20\$000
	DE COMPRA	24\$000
ARRENDATÁRIO	<i>Jozé Ledo da Ponte</i>	
COMPRADOR	<i>Maria Leda da Ponte</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vargem : contr. prov. da forma pré-romana <i>barga</i> ‘cabana’, var. de várzea (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2832); redonda : Lat. vulg. <i>rētūndus</i> ‘com forma circular’ (CUNHA, 2013, p. 552).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vargem> na Ficha 98. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Vargem redonda</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“58 <i>Vargem redonda</i> Jozé Ledo da Ponte 20\$000” (f.6r, L.14). “, o qual / se extrema pelo Rio da Barra, Sucesso a riba com terras / do Sítio da <i>Vargem redonda</i> , [...]” (f.25v, L.14-16). “ <i>Vargem redonda</i> , Sítio de que paga ren- / da Jozé Ledo da Ponte, a quantia de quatro / centos reis por anno, [...]” (f.29v, L.9-11).	

Ficha 103		
Sítio 44	<i>Varginha de cima ~ Varginha acima</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Entre o riacho do Cedro e a barra do riacho da Canabraba.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento e um quarto de légua de largura.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$750
	DE VENDA	30\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Pedro de Souza Ferreira</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vargem : contr. prov. da forma pré-romana <i>barga</i> ‘cabana’, var. de várzea (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2832); cima : Lat. <i>cŷma</i> ‘cume, cimo’; acima : ‘na parte mais elevada’ (CUNHA, 2013, p. 151).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + ADV}] ~ [S _{sing} + ADV]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vargem> na Ficha 98. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Varginha de cima ~ Varginha acima</i> na Bahia. Já Neves (2003a) especifica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“44 <i>Varginha de cima</i> Pedro deSouza Ferreira 30\$000” (f.6r, L.10). “ <i>Varginha acima</i> , Sitio de que paga / Renda Pedro deSouza Ferreira, a quantia deSe[→te] / centos e cinquenta reis por anno, [...]” (f.25r, L.11-13).	

Ficha 104		
Sítio 49	<i>Varginha de cima</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	Próximo ao sítio Varginha de Cima (44).	
EXTENSÃO	n/d	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	\$050
	DE VENDA	10\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Vicente Ferreira dos Santos</i>	
COMPRADOR	n/i	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Portuguesa. Vargem : contr. prov. da forma pré-romana <i>barga</i> ‘cabana’, var. de várzea (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2832); Cima : Lat. <i>cýma</i> ‘cume, cimo’ (CUNHA, 2013, p. 151).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto NC _f [S _{sing} + {Prep + ADV}]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vargem> na Ficha 98. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Varginha de cima</i> em Espinosa-MG, enquanto Neves (2003a) indica a sua atual localização no município de Urandi-BA (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“49 <i>Varginha de cima</i> Vicente Ferreira dos Santos 10\$000 (f.6r, L.11). “ <i>Varginha de cima</i> , Sitio de q(ue) paga Ren- / Renda Vicente Ferreira dos Santos, a quantia de duzentos / e cinquenta reis, [...]” (f.26r, L.25-f.26v, L.1-2).	

Ficha 105		
Sítio 64	<i>Varginha do mandacarú</i>	
DADOS DESCRITIVOS		
LOCALIZAÇÃO	No riacho Vargem de Dentro.	
EXTENSÃO	Um quarto de légua de comprimento; largura n/d.	
VALOR	DE ARRENDAMENTO	n/id
	DE VENDA	24\$000
	DE COMPRA	n/i
ARRENDATÁRIO	<i>Cypriano Ferreira da Silva</i>	
COMPRADOR	<i>Cypriano Ferreira da Silva</i>	
DADOS TOPONÍMICOS		
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	Geomorfotopônimo	
ORIGEM	Híbrida. Vargem : contr. prov. da forma pré-romana <i>barga</i> ‘cabana’, var. de várzea (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2832); mandacarú : Tup. <i>iamanaka’ru</i> ‘que é espinhento’ CUNHA, 2013, p. 405).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico composto híbrido NC _f [S _{sing} + {Prep + A _{sing} + S _{sing} }]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS	Cf. sentido da lexia <vargem> na Ficha 98. Pires (1979) estabelece a localização do sítio <i>Varginha do mandacarú</i> em Espinosa-MG (cf. Ficha 2).	
CONTEXTO	“64 <i>Varginha do man- / dacarú</i> Cypriano Ferr(eir)a da S(ilv)a 24\$000” (f.6r, L.15-16). “ <i>Varginha do mandacarú</i> , desmembra- / do do Sitio deS(anta) Anna, Sitio de que paga Renda / Cypriano Ferreira daSilva, a quantia de [†] / tos reis por anno, [...]” (f.31v, L.16-19). “[...], o qual se extrema com / Manoel Ferreira no meio da <i>Varginha do Manda- / curú</i> veio dagoa acima até confrontar com o [†] [...]” (f.31v, L.21-22).	

7.5. Analisando os dados coletados

Após o levantamento dos dados referentes aos signos toponímicos que constituem o *corpus* da pesquisa e a sistematização das informações em fichas lexicográfico-descritivas, dá-se sequência à análise quantitativa e à discussão acerca das informações coletadas. Como estabelecido nos objetivos, considerando as diferentes perspectivas dos estudos onomásticos, este trabalho orientou-se pela análise dos dados sob três pontos de vista: o etimológico, o morfológico e o motivacional.

Alguns outros aspectos, contudo, merecem atenção em relação ao *corpus* analisado, como é o caso do número considerável de topônimos repetidos, como disposto no Quadro 36. A coincidência na localização dos sítios desses topônimos, conforme Pires (1979) e Neves (2003a), conduz à suposição de que, nesses casos, em atendimento ao disposto na *Nota* inicial do documento (cf. Fig. 53), os arrendatários, ou compradores, podem ter mantido os topônimos, após as propriedades passarem por um processo de desmembramento em sítios menores.

A recorrência de um mesmo topônimo em um mesmo espaço geográfico, no entanto, contrapõe-se ao que afirma Stewart (1954) sobre a função primordial dos nomes de lugar: “All naming of places stems from one basic motive, that is, the desire to identify a place and thus distinguish it from others”²⁹ (STEWART, 1954, p. 1), e consequentemente, interfere no critério da unicidade, estabelecido por Ulmann (1964 [1962], p.151-152) para a definição de um nome próprio. Entende-se que a não observância a esse critério compromete a função onomástica de identificação, ou seja, não sendo único, o topônimo não pode servir como marca identificadora, singularizando o lugar entre as entidades semelhantes. Por conta disso, torna-se necessário o uso de outros dados individualizadores, como o nome do proprietário ou do arrendatário, como atestam os exemplos abaixo:

“[...] , faz extrema com o *Sítio de S(anta) Anna / deseio Tio Carlos Afonço* [...]” (f.27v, L.21-22), o que o identifica como o sítio 57.

“[...] a extremar com o *Sítio Boavista de Antonio Al(vare)s / Martins*, [...]” (f.22v, L.20-21), o que o identifica como o sítio 39.

“[...] , o qual se extrema / com o *Sítio da Tapera de Lourenço Afonço*, [...]” (f.42r, L.5-6), o que o identifica como o sítio 55.

²⁹ Tradução nossa: “Toda nomenclatura de lugares decorre de um motivo básico, ou seja, o desejo de identificar um lugar e assim distingui-lo dos outros.”

Quadro 36 – Topônimos repetidos

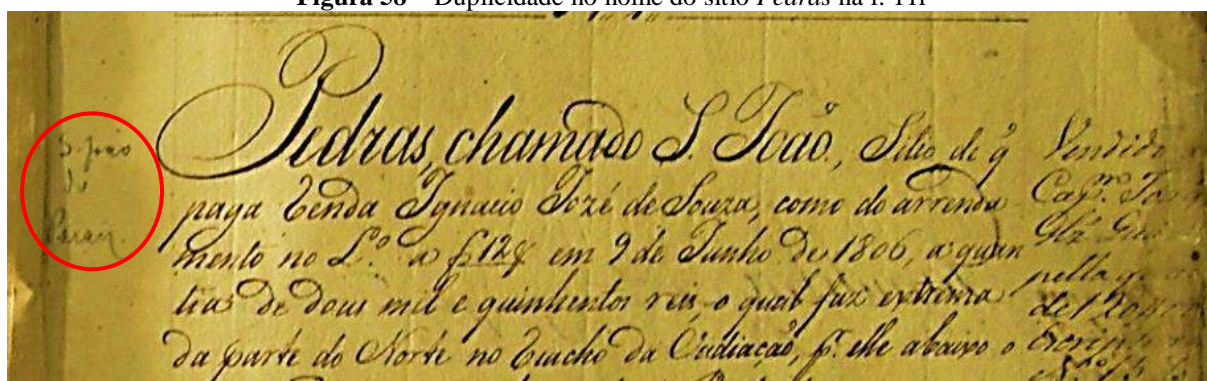
No.	Sítios	Localização do sítio	Arrendatário
39	<i>Boavista</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Antonio Alvares Martins</i>
43	<i>Boavista</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Antonio Nunes de Sequeira</i>
84	<i>Boqueiraõ</i>	Espinosa-MG / Condeúba-BA	<i>Manoel Gonçalves de Abreu</i>
85	<i>Boqueiraõ</i>	Espinosa-MG / Condeúba-BA	<i>Manoel Monteiro do Valle</i>
48	<i>Cedro</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Vicencia Nunes de Sequeira</i>
50	<i>Cedro</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Alexandre Nicacio de Santa Ana</i>
88	<i>Cedro</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Vicencia Nunes de Sequeira</i>
7	<i>Curuja</i>	Rio Pardo de Minas-MG	<i>Manoel de Barros Ribeiro</i>
83	<i>Curuja</i>	Rio Pardo de Minas-MG	<i>Jeronimo Pereira da Costa</i>
3	<i>Gameleira</i>	Rio Pardo de Minas-MG	<i>Antonio Gonçalves Barboza</i>
41	<i>Gameleira</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Manoel Joaõ Corrêa</i>
4	<i>Ilha</i>	Rio Pardo de Minas-MG	<i>Joana Pinto da Rocha</i>
92	<i>Ilha</i>	Espinosa-MG	<i>Valerio da Costa Ramos</i>
28	<i>Ilha grande</i>	Monte Azul-MG	<i>Custodio da Costa Moreira</i>
69	<i>Ilha grande</i>	Monte Azul-MG	<i>Joaõ Fernandes Ribeiro</i>
1	<i>Pedras</i>	São João do Paraíso-MG	<i>Ignacio Jozé de Souza</i>
5	<i>Pedras</i>	Rio Pardo de Minas-MG	<i>Jozé Francisco de Oliveira</i>
37	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Roza Maria de Jesus</i>
42	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Jozé Soares da Silva</i>
56	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Manoel Nunes de Sequeira</i>
57	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Carlos Afonso de Sequeira</i>
61	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Francisco Xavier da Silva</i>
62	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Manoel Ferreira Lima</i>
63	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Paulo Ribeiro da Cunha</i>
65	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Raymundo Carvalho Falcaõ</i>
66	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Jozé Ribeiro da Cunha</i>
71	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Manoel Dias Corrêa</i>
89	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Manoel Nunes de Sequeira</i>
90	<i>Santa Anna</i>	Espinosa-MG	<i>Joaõ Teixeira Barboza</i>
25	<i>Saõ Pedro</i>	São João do Paraíso-MG	<i>Antonio Pinto de Almeida</i>
73	<i>Saõ Pedro</i>	Monte Azul-MG	<i>Antonio Fernandes Guimaraes</i>
82	<i>Saõ Pedro</i>	São João do Paraíso-MG	<i>Jozé Ignacio de Almeida</i>
93	<i>Saõ Pedro</i>	São João do Paraíso-MG	<i>Florencio Fernandes Guimaraes</i>
55	<i>Tapera</i>	Espinosa-MG	<i>Lourenço Afonso de Sequeira</i>
86	<i>Tapera</i>	Piripá-BA	<i>André da Costa</i>
53	<i>Vaqueijador novo</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Vicencia Nunes de Siqueira</i>
87	<i>Vaqueijadoro novo</i>	Espinosa-MG / Urandi-BA	<i>Jozé Cyriaco Vaz da Costa</i>

Outro aspecto que também deve ser considerado diz respeito ao uso de dois topônimos para uma mesma propriedade, como pode ser observado no sítio 1: *Pedras, chamado S. Joaõ* (f. 11r, L.10), e no sítio 7: *Jatobá, ou Curuja* (f.12v, L.22). Essa duplicação de nomes para um mesmo sítio pode indicar a existência de uma toponímia paralela, ou seja, aquela que, juntamente com a registrada como oficial, é conhecida e utilizada para identificar uma determinada localidade.

Em análise da microtoponímia do município de Socorro, no estado de São Paulo, Vieira (2001) classifica os topônimos paralelos em *originais*, *oficiosos*, *ex-oficiais* e *correlatos*. *Originais* são aqueles criados espontaneamente pelos usuários na ausência de uma nomeação oficial e que permanecem mesmo depois do lugar ter sido oficialmente nominado, enquanto *oficiosos* seriam aqueles que aparecem em documentos oficiais sem, contudo, terem sido reconhecidos pela administração pública, responsável pela oficialização dos nomes. Topônimos paralelos *ex-oficiais* se tornam paralelos por conta da substituição de seus nomes, anteriormente oficializados, por um outro novo, ao passo que os *correlatos* já nascem paralelos aos oficiais, normalmente ligados a um fato social ou físico presente na localidade.

No exemplo da f. 11r, a composição do solo (*Pedras*) e a religiosidade (*São João*) se unem no processo de nomeação do sítio, que, com dupla designação, tem seu tombamento registrado no documento, unindo o nome do povoado São João do Paraíso à propriedade rural *Pedras* nele inserida (cf. anotação marginal na Fig. 58). Fato semelhante pode ser registrado na utilização do topônimo Bahia (f. 1r, L.14) identificando provavelmente a cidade de Salvador, uma duplicidade antiga que remonta ao período colonial. Considerada como sendo uma preferência popular, a designação “Cidade da Bahia” permanece no imaginário popular como referência à “Cidade do Salvador”, nome oficial dado por instruções do governo português.

Figura 58 – Duplicidade no nome do sítio *Pedras* na f. 11r



Fonte: SEABRA, 2008.

7.5.1 A origem linguística dos signos toponímicos

O Gráfico 2 e o Quadro 37 apresentam o resultado da pesquisa referente à origem dos signos toponímicos analisados, resultado este que confirma o esperado: a preponderância de topônimos de origem portuguesa (82%) em relação à toponímia de etimologia indígena (12%), além de um número reduzido de nomes de formação híbrida, equivalendo a 6% do total dos

topônimos pesquisados, todos envolvendo a composição tupi-português. Identifica-se um caso em que uma parte da lexia composta <Vareda do Trassadal> não foi encontrada nos dicionários históricos pesquisados. No entanto, concordando com Souza (2008) e relacionando “Trassadal” a uma “planta de folhas compridas e entrelaçadas que cresce normalmente às margens do rio” (SOUZA, 2008, p. 194), é pertinente considerá-la como um deverbal de “traçado” e estabelecer a sua origem ligada às lexias portuguesas <traçar> ou <entrelaçar>.

Como uma língua românica, o português apresenta um léxico complexo: às palavras latinas e que, segundo Teyssier (2004 [1980], p. 24), constituem o “patrimônio hereditário” da língua, juntaram-se outras de origens diversas em diferentes fases de sua formação. No Brasil, o léxico da língua portuguesa experimentou um intenso processo de enriquecimento, especialmente em campos semânticos próprios à realidade brasileira, ao clima, à flora, à fauna, às tradições locais, aos costumes, à cultura popular, como resultado do contato com as duas peças do mosaico étnico com as quais os portugueses se misturaram no solo brasileiro no tempo da colonização: as línguas dos indígenas (especialmente, o tupi³⁰, da família linguística tupi-guarani) e as línguas dos africanos traficados de várias partes do continente durante os quase três séculos do sistema de escravidão³¹. A relação entre esses três estratos durante o período colonial é assim resumida por Teyssier (2004 [1980]):

Os ‘colonos’ de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de forma imperfeita. Ao lado do português existe a *língua geral*, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum (TEYSSIER, 2004 [1980], p. 94, grifos no original).

Somente a partir da segunda metade do século XVIII a língua portuguesa conseguiu suplantar o tupi como meio de comunicação entre os habitantes do território brasileiro e se tornar o idioma oficial, *status* garantido através do decreto do Marquês de Pombal, datado de 17 de agosto de 1758, que não só declarou o português a língua oficial, mas também proibiu o

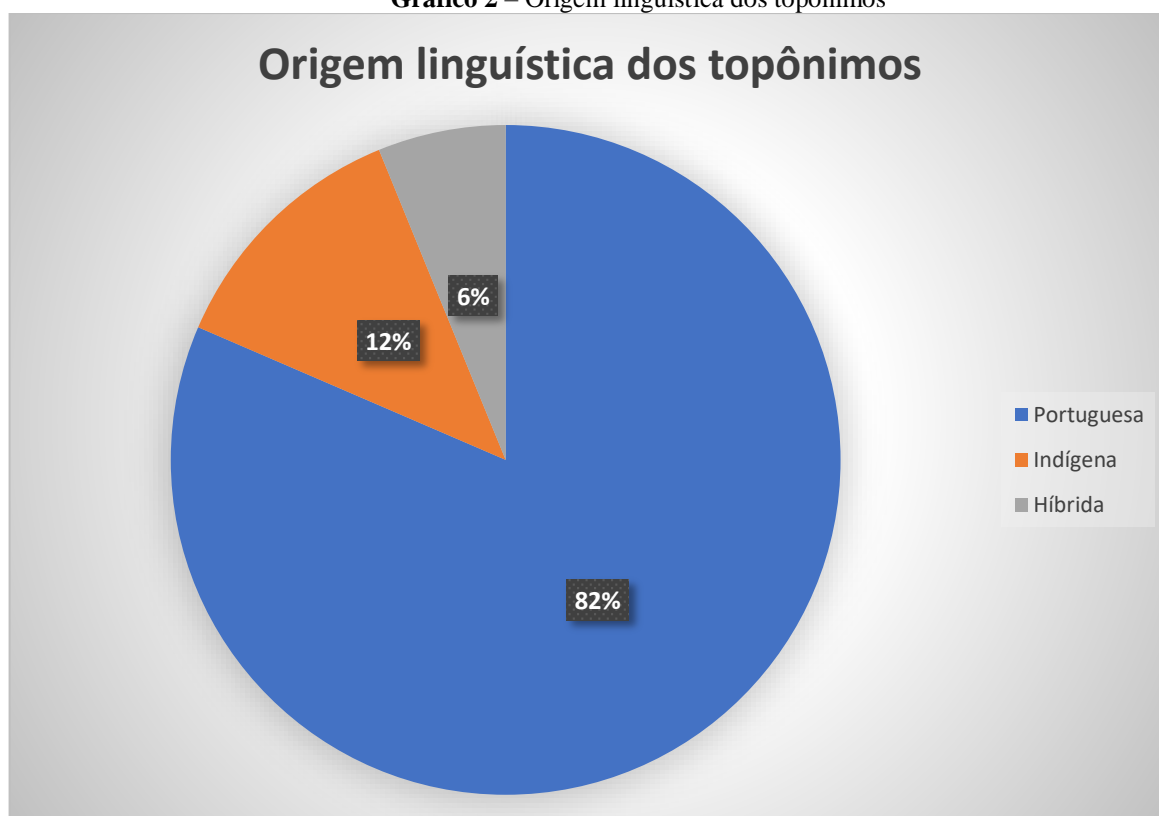
³⁰ Língua falada no litoral brasileiro quando da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, em 1500, descrita por Anchieta e levada pelas bandeiras para as regiões interioranas do território brasileiro, como Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais (NAVARRO, 2013).

³¹ De acordo com Castro (2001), durante os quase três séculos de tráfico, são identificados quatro ciclos, tendo por base a região da África de onde as “peças” eram capturadas: ciclo da Guiné (Séc. XVI), provenientes de toda a costa atlântica ocidental africana, que vai do Senegal até o Golfo de Benin, na Nigéria; ciclo do Congo-Angola (Séc. XVII), quase todos do grupo banto (congos, angolas, benguelas); ciclo da Costa da Mina (Séc. XVIII), principalmente povos sudaneses (iorubás, jejes, minas, hauças); ciclo da Baía de Benin, Angola e Contra-Costa (Séc. XIX), marcado pela persistência do tráfico ainda que ilegal.

uso da *língua geral* em todo o território. Entretanto, um grande legado indígena já havia sido deixado no léxico, especialmente nas designações da flora, da fauna, dos acidentes geográficos e das povoações, descrevendo um espaço que, no início da colonização, era inominável em língua portuguesa.

Com relação ao estrato africano, observa-se que, apesar do número considerável de indivíduos de variadas etnias que habitavam, como mão de obra escravizada, tanto as fazendas de gado quanto as áreas de mineração, o seu papel, segundo Dick (1992), é secundário em relação ao processo denominativo. Efeito da desvalorização da cultura e das línguas dessa população traficada da África para o Brasil, esse fato torna-se evidente na ausência de topônimos de etimologia africana no *corpus* analisado.

Gráfico 2 – Origem linguística dos topônimos



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 37 – Origem linguística dos topônimos

Portuguesa		Indígena	Híbrida
1. <i>Bairro-alto</i>	35. <i>Páos pretos</i>	1. <i>Angicos</i>	1. <i>Barra do Mureci</i>
2. <i>Barreiro</i>	36. <i>Pedras</i>	2. <i>Capoeira</i>	2. <i>Ingazeira</i>
3. <i>Barreiro grande</i>	37. <i>Porteira velha</i>	3. <i>Guará</i>	3. <i>Juazeiro</i>
4. <i>Barreiros</i>	38. <i>Riacho abaixo</i>	4. <i>Jacoré</i>	4. <i>Tabocal</i>
5. <i>Barrinha</i>	39. <i>Riacho secco</i>	5. <i>Jacoipe</i>	5. <i>Varginha do mandacarú</i>
6. <i>Boa sorte</i>	40. <i>Rio de São João</i>	6. <i>Jahiva</i>	
7. <i>Boavista</i>	41. <i>Rio verde</i>	7. <i>Jatobá</i>	
8. <i>Bom Successo</i>	42. <i>Sacco</i>	8. <i>Pajahú</i>	
9. <i>Boqueiraõ</i>	43. <i>Salto</i>	9. <i>Piranhas</i>	
10. <i>Buraco</i>	44. <i>Santa Anna</i>	10. <i>Tapera</i>	
11. <i>Cachoeira</i>	45. <i>Santa Cruz</i>		
12. <i>Cachoeirinha</i>	46. <i>Santo Antonio</i>		
13. <i>Campo alegre</i>	47. <i>Santo Antonio do Carrapato</i>		
14. <i>Canabraba</i>	48. <i>Santo Antonio do pé de Serra</i>		
15. <i>Caza nova</i>	49. <i>São Bartholomeo</i>		
16. <i>Caza velha</i>	50. <i>São Domingos</i>		
17. <i>Cedro</i>	51. <i>São Gonçalo</i>		
18. <i>Conceição</i>	52. <i>São João</i>		
19. <i>Curuja</i>	53. <i>São José</i>		
20. <i>Curralinho</i>	54. <i>São Pedro</i>		
21. <i>Dourados</i>	55. <i>Tabuleiro</i>		
22. <i>Espirito Santo</i>	56. <i>Trombeteiro</i>		
23. <i>Gameleira</i>	57. <i>Vaqueijador novo</i>		
24. <i>Ilha</i>	58. <i>Vareda</i>		
25. <i>Ilha grande</i>	59. <i>Vareda do Trassadal</i>		
26. <i>Lençoes</i>	60. <i>Vareda dos Bois</i>		
27. <i>Martires</i>	61. <i>Vargem da Cachoeira</i>		
28. <i>Montes altos</i>	62. <i>Vargem da faca</i>		
29. <i>Morrinhos</i>	63. <i>Vargem da Onça</i>		
30. <i>Nossa Senhora do Livramento</i>	64. <i>Vargem fermoza</i>		
31. <i>Passage da raiz</i>	65. <i>Vargem redonda</i>		
32. <i>Passage do meio</i>	66. <i>Varginha acima</i>		
33. <i>Passage dos Cavalos</i>	67. <i>Varginha de cima</i>		
34. <i>Páo alto</i>			

Fonte: Elaborado pela autora.

7.5.2 A estrutura morfológica e morfossintática dos topônimos

Em termos de estrutura, Dick (1992) considera o topônimo como o elemento específico do sintagma toponímico, podendo ser classificado como simples ou composto, levando em conta o número de formantes que o compõe, e híbrido, quando reúne itens lexicais de procedências diferentes. O Quadro 38 apresenta o resultado da pesquisa e identifica 33 topônimos formados por um elemento específico simples (Ex: *Barreiro*); 3, por elemento específico simples híbrido (*Ingazeira*, *Juazeiro* e *Tabocal*); 43, por elemento específico composto (Ex: *Barreiro grande*); e 2, por elemento específico composto híbrido (*Barra do Mureci* e *Varginha do mandacarú*). As formas híbridas, tanto simples como compostas,

resultam de um processo de formação bastante comum na toponímia brasileira que envolve a língua portuguesa e a língua tupi.

Quadro 38 – Estrutura morfológica dos topônimos

Elemento específico simples	Elemento específico simples híbrido	Elemento específico composto	Elemento específico composto híbrido
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Angicos</i> 2. <i>Barreiro</i> 3. <i>Barreiros</i> 4. <i>Barrinha</i> 5. <i>Boqueirão</i> 6. <i>Buraco</i> 7. <i>Cachoeira</i> 8. <i>Cachoeirinha</i> 9. <i>Capoeira</i> 10. <i>Cedro</i> 11. <i>Conceição</i> 12. <i>Curuja</i> 13. <i>Curralinho</i> 14. <i>Dourados</i> 15. <i>Gameleira</i> 16. <i>Guará</i> 17. <i>Ilha</i> 18. <i>Jacaré</i> 19. <i>Jacoipe</i> 20. <i>Jahiva</i> 21. <i>Jatobá</i> 22. <i>Lençoes</i> 23. <i>Martires</i> 24. <i>Morrinhos</i> 25. <i>Pajahú</i> 26. <i>Pedras</i> 27. <i>Piranhas</i> 28. <i>Sacco</i> 29. <i>Salto</i> 30. <i>Tabuleiro</i> 31. <i>Tapera</i> 32. <i>Trombeteiro</i> 33. <i>Vareda</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Ingazeira</i> 2. <i>Juazeiro</i> 3. <i>Tabocal</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Bairro-alto</i> 2. <i>Barreiro grande</i> 3. <i>Boa sorte</i> 4. <i>Boavista</i> 5. <i>Bom Sucesso</i> 6. <i>Campo alegre</i> 7. <i>Canabrava</i> 8. <i>Caza nova</i> 9. <i>Caza velha</i> 10. <i>Espirito Santo</i> 11. <i>Ilha grande</i> 12. <i>Montes altos</i> 13. <i>Nossa Senhora do Livramento</i> 14. <i>Passage da raiz</i> 15. <i>Passage do meio</i> 16. <i>Passage dos Cavalos</i> 17. <i>Páo alto</i> 18. <i>Páos pretos</i> 19. <i>Porteira velha</i> 20. <i>Riacho abaixo</i> 21. <i>Riacho secco</i> 22. <i>Rio de São João</i> 23. <i>Rio verde</i> 24. <i>Santa Anna</i> 25. <i>Santa Cruz</i> 26. <i>Santo Antonio</i> 27. <i>Santo Antonio do Carrapato</i> 28. <i>Santo Antonio do pé de Serra</i> 29. <i>São Bartholomeo</i> 30. <i>São Domingos</i> 31. <i>São Gonçalo</i> 32. <i>São João</i> 33. <i>São Jozé</i> 34. <i>São Pedro</i> 35. <i>Vaqueijador novo</i> 36. <i>Vareda do Trassadal</i> 37. <i>Vareda dos Bois</i> 38. <i>Vargem da Cachoeira</i> 39. <i>Vargem da faca</i> 40. <i>Vargem da Onça</i> 41. <i>Vargem fermoza</i> 42. <i>Vargem redonda</i> 43. <i>Varginha acima</i> 44. <i>Varginha de cima</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Barra do Mureci</i> 2. <i>Varginha domandaxaru</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando a estruturação morfológica das lexias que compõem o *corpus*, observa-se um número significativo de topônimos resultantes de um processo de derivação de substantivos

por sufixação, uma evidência da criatividade do nominador no ato de batizar o espaço geográfico: “num processo natural de criação, o usuário da língua cria novos vocábulos emendando, misturando, aumentando ou diminuindo partes dos nomes, que são, por vezes, incorporados à língua” (TAVARES; ISQUERDO, 2006, p. 285). No quadro a seguir, podem ser visualizadas as lexias derivadas que compõem os núcleos dos elementos específicos do *corpus*. Observa-se a predominância do sufixo *-eiro/-eira*, um dos mais produtivos da língua portuguesa, expressando noções semânticas bem diversas, desde a ideia de ocupação ou ofício (*Trombeteiro*), ou de causa produtora (*Barreiro*), até a identificação de elementos da flora (*Gameleira*, *Juazeiro*, *Ingazeira*). Na sequência, apresenta-se o sufixo diminutivo *-inho/-inha*, que tanto pode expressar uma dimensão reduzida quanto uma relação de afetividade com o acidente geográfico nominado³².

Quadro 39 – Formas derivadas por sufixação

Forma primitiva	Forma derivada
Barra	<i>Barrinha</i>
Barro	<i>Barreiro</i>
Boca	<i>Boqueiraõ</i>
Cachoeira	<i>Cachoeirinha</i>
Curral	<i>Curralinho</i>
Gamela	<i>Gameleira</i>
Ingá	<i>Ingazeira</i>
Juá	<i>Juazeiro</i>
Morro	<i>Morrinhos</i>
Porta	<i>Porteira</i>
Taboca	<i>Tabocal</i>
Tábua	<i>Tabuleiro</i>
Tromba	<i>Trombeteiro</i>
Vaca	<i>Vaqueijador</i>
Vargem	<i>Varginha</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

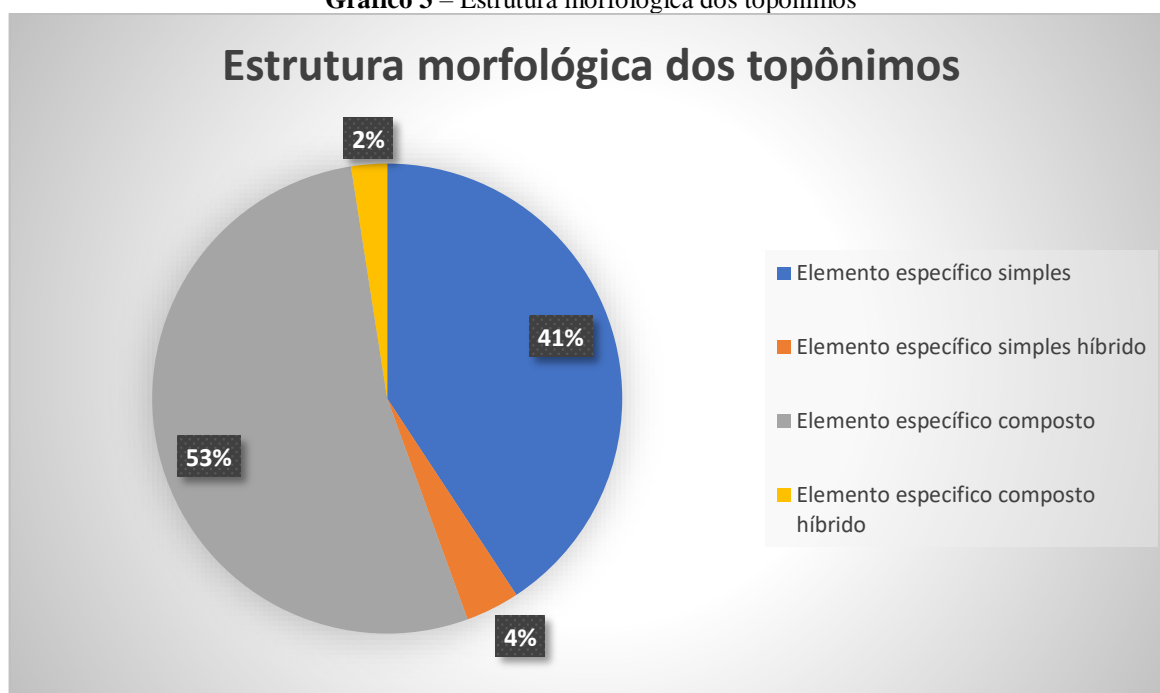
Em relação à variação de gênero, observa-se um relativo equilíbrio quanto à incidência de topônimos masculinos (44) e femininos (37). Quanto ao número, no entanto, nota-se que, embora em número reduzido, o que é perfeitamente compreensível, tendo em vista o caráter singularizante dos signos onomásticos, destaca-se, no *corpus*, a presença de nomes acompanhados da desinência de plural: *Angicos*, *Barreiros*, *Dourados*, *Lençoes*, *Martires*, *Montes altos*, *Morrinhos*, *Pedras*, *Páos pretos*, *Piranhas*. O fato de serem predominantemente

³² Fora da ideia de tamanho, Bechara (1999, p. 141) considera as formas de aumentativo e diminutivo afetivos, que podem traduzir carinho ou, em um sentido pejorativo, desprezo e crítica em relação à significação lexical do substantivo.

de natureza física pode ser interpretado como uma clara representação do ambiente plural da região que, em sua grandeza e extensão, é marcada pela existência de recursos físicos em grandes quantidades: muitos montes, muitas pedras, muitos paus.

O número considerável de elementos específicos compostos no *corpus* (53%) (cf. Gráfico 3) denota o uso recorrente de lexias compostas e complexas na identificação do espaço brasileiro. Esse uso, também observado em estudos desenvolvidos em outras regiões do país, é especialmente produtivo na toponímia do período colonial³³, quando uma das tendências consistia na junção de um nome português à toponímia indígena já existente, dando origem aos designativos híbridos, como *Barra do Mureci* e *Varginha do mandacarú*.

Gráfico 3 – Estrutura morfológica dos topônimos



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à natureza da estrutura morfossintática do elemento específico composto, identificam-se como formas mais produtivas aquelas que apresentam as seguintes estruturas: {Substantivo + Adjetivo} (17 ocorrências) e {Adjetivo + Substantivo} (12 ocorrências). O Quadro 40 apresenta outras ocorrências encontradas e, no Gráfico 4, encontra-se a quantidade de cada estrutura presente no *corpus*. Embora se constituam padrões comuns na estrutura

³³ Em atendimento à Lei Geográfica do Estado Novo, ou Decreto-lei nº 311 de 02 de março de 1938, que tinha por propósito a normalização, sistematização e padronização da toponímia brasileira, muitos municípios tiveram seus designativos reduzidos a uma ou duas lexias.

morfossintática da língua portuguesa, em que um adjetivo pode colocar-se antes ou depois do substantivo que qualifica, é importante destacar que, em relação ao signo toponímico, no momento em que o nominador faz a sua opção por um ou outro modelo, estabelece-se um sintagma imutável, enquanto função de identificação, ou seja,

Os elementos formadores, dispostos, sintaticamente, na sequência frasal, encadeiam-se como um verdadeiro bloco fechado, monolítico, a que não se pode acrescentar nenhum outro componente gramatical (gênero, número, artigos, p. ex.), sob pena de perda do *status* nominativo validado pela teoria onomástica (DICK, 1996, p. 2).

Desse modo, uma vez fixados, os designativos *Boa sorte* ou *Caza nova* não podem sofrer alteração na ordem dos seus elementos formadores, o que os fazem serem reconhecidos por Dick (1996) como “expressões fixas”³⁴ da língua ou “unidades fraseológicas”. Nessa perspectiva, considerando “fraseologismos” como “formações lexicais compostas por, no mínimo, duas unidades léxicas indissociáveis no plano formal, gerando, quase sempre, uma unidade de sentido”, Marques (2017, p. 25) propõe o termo *fraseotopônimo* para as formações toponímicas compostas, por entendê-las como “formas linguísticas que se combinaram e se fixaram em uma determinada ordem para cumprir a função de nomear uma localidade” (MARQUES, 2017, p. 25), ou seja, que correspondem a um único referente: o acidente físico ou humano que ele nomina.

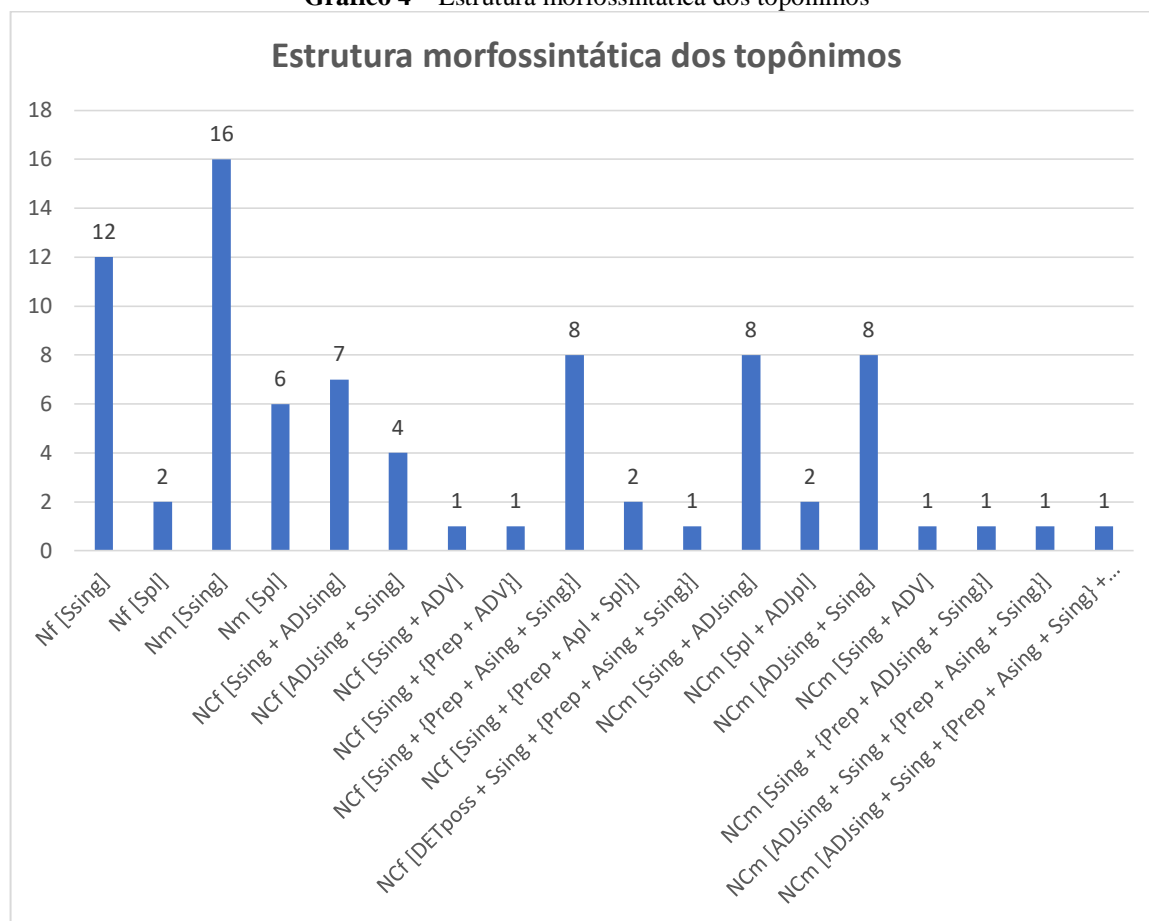
Para estabelecer a relação entre topônimos compostos e fraseologismos, Marques (2017) considera outras propriedades, além da “polilexicalidade ou multilexicalidade”: a frequência, isto é, a repetição dos elementos formativos do signo sempre na mesma ordem; a fixidez, ou cristalização, ou seja, a ligadura entre os elementos do designativo; e a idiomaticidade: o entendimento de que o sentido global do topônimo não corresponde à soma dos significados dos seus elementos formadores. Desse modo, a lexia complexa <Santo Antonio do pé de Serra> cristalizada como designativo de lugar, não se refere à imagem do popular santo da igreja católica encontrada na parte mais baixa de um monte ou de uma cadeia de montanhas. Reconhecido pela população local e relacionado a aspectos antropoculturais e à natureza física do lugar, identifica e singulariza o acidente humano nominado, não admitindo inversão da ordem dos seus componentes nem outras transformações comuns à língua portuguesa.

³⁴ Dick esclarece que o conceito de “expressões fixas” foi utilizado por Albert Zuluaga (1975) para caracterizar unidades que não são produzidas em cada ato de fala, mas sim “reproduzidas”, repetidas em bloco.

Quadro 40 – Estrutura morfofossintática dos topônimos

Elemento específico simples	Feminino	$N_f [S_{sing}]$	<i>Barrinha</i> <i>Cachoeira</i> <i>Cachoeirinha</i> <i>Capoeira</i> <i>Conceição</i> <i>Curuja</i>	<i>Gameleira</i> <i>Ilha</i> <i>Ingazeira</i> <i>Jahiva</i> <i>Tapera</i> <i>Varedeira</i>
			Masculino	$N_m [S_{sing}]$
Elemento específico composto	Feminino	$N_f [S_{pl}]$		
		$N_m [S_{pl}]$	<i>Angicos</i> <i>Barreiros</i> <i>Dourados</i>	<i>Lençoes</i> <i>Martires</i> <i>Morrinhos</i>
	Feminino	$NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}]$	<i>Canabrava</i> <i>Caza nova</i> <i>Caza velha</i> <i>Ilha grande</i>	<i>Porteira velha</i> <i>Vargem fermoza</i> <i>Vargem redonda</i>
		$NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}]$	<i>Boa sorte</i> <i>Boavista</i>	<i>Santa Anna</i> <i>Santa Cruz</i>
		$NC_f [S_{sing} + ADV]$	<i>Varginha acima</i>	
		$NC_f [S_{sing} + \{Prep + ADV\}]$	<i>Varginha de cima</i>	
		$NC_f [S_{sing} + \{Prep + A_{sing} + S_{sing}\}]$	<i>Barra do Mureci</i> <i>Passage da raiz</i> <i>Passage do meio</i> <i>Varedeira do Trassadal</i>	<i>Vargem da Cachoeira</i> <i>Vargem da faca</i> <i>Vargem da Onça</i> <i>Varginha domandacani</i>
		$NC_f [S_{sing} + \{Prep + A_{pl} + S_{pl}\}]$	<i>Passage dos Cavalos</i>	<i>Varedeira dos Bois</i>
		$NC_f [DET_{poss} + S_{sing} + \{Prep + A_{sing} + S_{sing}\}]$	<i>Nossa Senhora do Livramento</i>	
	Masculino	$NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}]$	<i>Bairro-alto</i> <i>Barreiro grande</i> <i>Campo alegre</i> <i>Espirito Santo</i>	<i>Páio alto</i> <i>Riacho secco</i> <i>Rio verde</i> <i>Vaqueijador novo</i>
		$NC_m [S_{pl} + ADJ_{pl}]$	<i>Montes altos</i>	<i>Páios pretos</i>
		$NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}]$	<i>Bom Successo</i> <i>Santo Antonio</i> <i>São Bartholomeo</i> <i>São Domingos</i>	<i>São Gonçalo</i> <i>São Joaão</i> <i>São Jozé</i> <i>São Pedro</i>
		$NC_m [S_{sing} + ADV]$	<i>Riacho abaixo</i>	
		$NC_m [S_{sing} + \{Prep + ADJ_{sing} + S_{sing}\}]$	<i>Rio de São Joaão</i>	
$NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} + \{Prep + A_{sing} + S_{sing}\}]$		<i>Santo Antônio do Carrapato</i>		
$NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} + \{Prep + A_{sing} + S_{sing}\} + \{Prep + S_{sing}\}]$		<i>Santo Antônio do pé de Serra</i>		

Fonte: Elaborado pela autora.

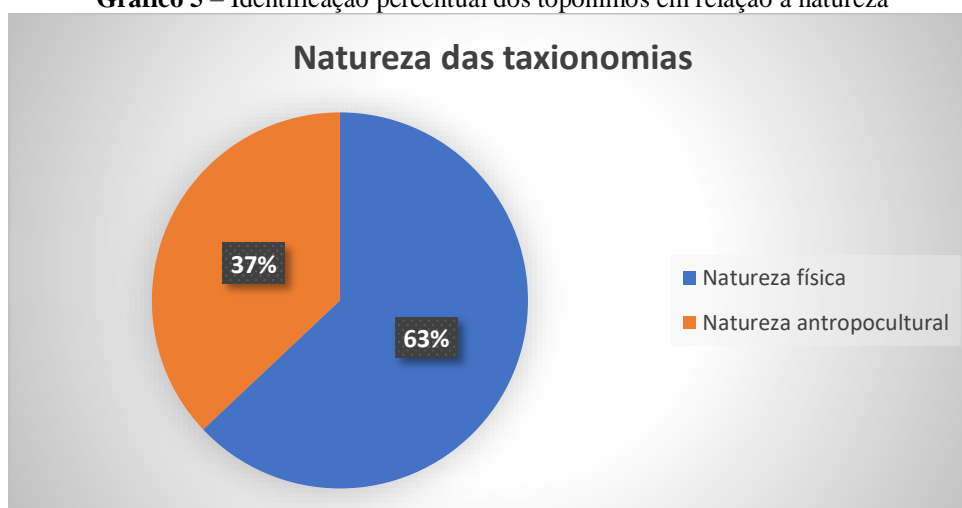
Gráfico 4 – Estrutura morfosintática dos topônimos

Fonte: Elaborado pela autora.

7.5.3 A classificação taxionômica: a motivação semântica e a causa nominativa

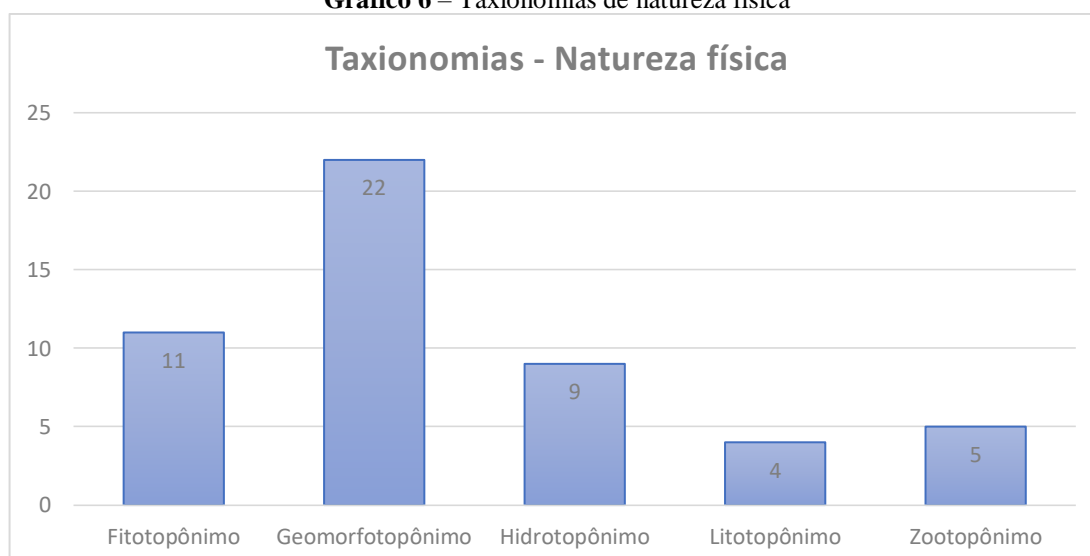
A predominância de topônimos de natureza física no documento confirma a hipótese inicial defendida na tese: ao influenciar e determinar a vida dos habitantes do sertão, os elementos naturais dessa região se fazem presentes na toponímia rural do manuscrito *Livro de Tombo da Casa da Ponte* e se mantêm na toponímia atual desse espaço geográfico. Dos 82³⁵ topônimos considerados, 51 (63%) referem-se ao ambiente físico e 31 (37%), a aspectos sócio-históricos e culturais (cf. Gráfico 5). Entende-se, com este resultado, que a visão da terra e os diversos elementos da natureza (a flora, a fauna, a geomorfologia, a hidrografia, os recursos minerais) foram motivações mais significativas do que aquelas relacionadas à cultura e às conquistas e realizações do homem no processo de nomeação dos sítios tombados no Sertão do Rio Pardo.

³⁵ Desconsideram-se, nesse total, as formas repetidas dos topônimos: *Boavista, Boqueirão, Cedro, Curuja, Gameleira, Ilha, Ilha grande, Pedras, Santa Anna, São Pedro, Tapera e Vaqueijador novo*.

Gráfico 5 – Identificação percentual dos topônimos em relação à natureza

Fonte: Elaborado pela autora.

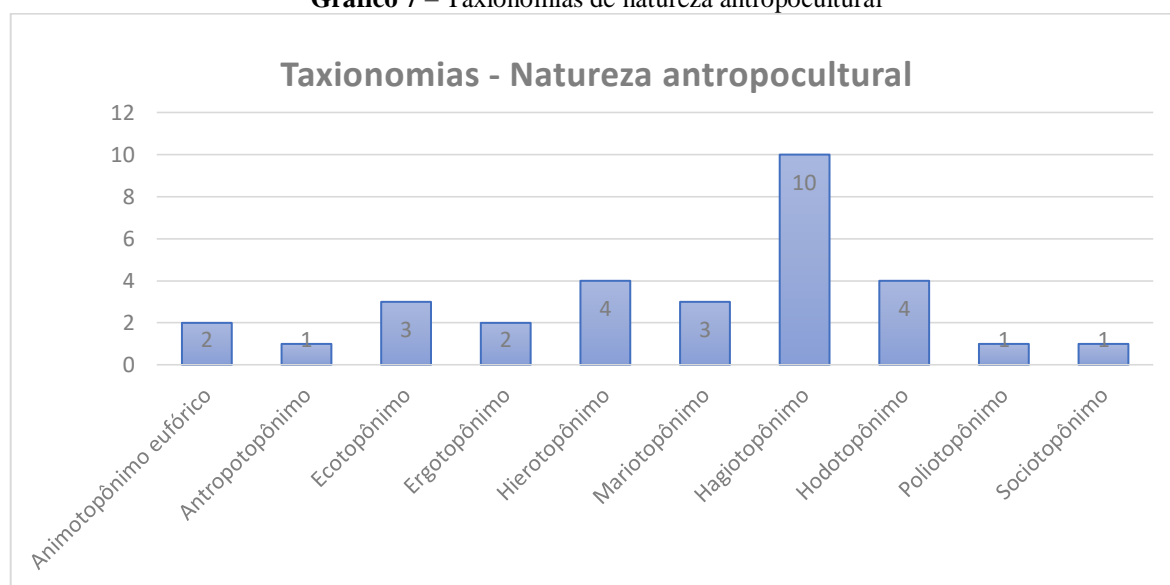
Os elementos físicos do ambiente analisado estão presentes nos geomorfotopônimos (22); fitotopônimos (11); hidrotopônimos (9); zootopônimos (5) e litotopônimos (4), registrados no *corpus*. A predominância dos geomorfotopônimos evidencia a relevância das diferentes formas de relevo da região na localização do homem e, conseqüentemente, na nomenclatura do espaço. Na sequência, registram-se os fitotopônimos, que expressam a riqueza da vegetação resistente da caatinga e do cerrado, especialmente os espécimes vegetais de grande porte, robustez e exuberância que puderam servir de marcação nos limites dos sítios, como *Cedro*, *Gameleira*, *Ingazeira*, *Jatobá* e *Juazeiro*, e os hidrotopônimos, evidência da importância dos cursos d'água na presença do homem no sertão e a sua influência no processo de povoamento da região (cf. no Gráfico 6 os números referentes aos topônimos de natureza física).

Gráfico 6 – Taxionomias de natureza física

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados coletados referentes à toponímia de natureza antropocultural confirmam os resultados apresentados em estudos toponímicos realizados em outras regiões do Brasil: a predominância das taxionomias ligadas à religiosidade e à força da colonização portuguesa. Dos 31 topônimos registrados, 4 são hierotopônimos, 3 são mariotopônimos e 10 são hagiotopônimos, o que representa um total de 17 topônimos relacionados à fé do nominador. Desses 17, 16 relacionam-se à *Santa Cruz* e à aura protetora dos santos e santas do catolicismo, a religião do colonizador, e apenas 1 aos cultos do gentio – *Pajahú* –, na figura de seu líder espiritual. O Gráfico 7 apresenta os números referentes às taxas de natureza antropocultural identificadas no *corpus*.

Gráfico 7 – Taxionomias de natureza antropocultural



Fonte: Elaborado pela autora.

Seguindo o modelo elaborado por Dick (1990, 1992), que pressupõe uma interpretação linguística dos elementos formadores dos topônimos, o Quadro 41, a seguir, apresenta uma sistematização da classificação taxionômica realizada no *corpus*, levando em conta, prioritariamente, a motivação semântica dos signos. Embora considere-se a dupla motivação dos designativos, entende-se, como Dick (1992, p. 26), que, ao considerar o valor semântico do nome, o pesquisador evita “um constante recuo ao passado”, nem sempre disponível e nem sempre confiável, para alcançar o significado do topônimo. Ela adverte:

Nem sempre na toponímia, se pode explicar, de modo objetivo, a existência de um determinado nome. Consegue-se, muitas vezes, vincular o fato onomasiológico a um motivo aparente, mas a verdadeira razão-de-ser do topônimo, a sua causalidade necessária e única pode estar ligada a fatores que transcendem ao procedimento de verificação momentânea (DICK, 1990, p. 351).

Quadro 41 – Classificação taxionômica dos topônimos

Natureza física		Natureza antropocultural	
Fitotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Angicos</i> • <i>Canabraba</i> • <i>Capoeira</i> • <i>Cedro</i> • <i>Gameleira</i> • <i>Ingazeira</i> • <i>Jatobá</i> • <i>Juazeiro</i> • <i>Páo alto</i> • <i>Páos pretos</i> • <i>Tabocal</i> 	Animotopônimo eufórico	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Boa sorte</i> • <i>Boavista</i>
		Antropotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Dourados</i>
		Ecotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Caza velha</i> • <i>Caza nova</i> • <i>Tapera</i>
		Ergotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Curralinho</i> • <i>Porteira velha</i>
Geomorfotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Barra do Mureci</i> • <i>Barrinha</i> • <i>Boqueiraõ</i> • <i>Buraco</i> • <i>Campo alegre</i> • <i>Ilha</i> • <i>Ilha Grande</i> • <i>Montes altos</i> • <i>Morrinhos</i> • <i>Sacco</i> • <i>Taboleiro</i> • <i>Vareda</i> • <i>Vareda dos Bois</i> • <i>Vareda do Trassadal</i> • <i>Vargem da Cachoeira</i> • <i>Vargem da faca</i> • <i>Vargem da Onça</i> • <i>Vargem fermoza</i> • <i>Vargem redonda</i> • <i>Varginha acima</i> • <i>Varginha de cima</i> • <i>Varginha do mandacari</i> 	Hierotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Espirito Santo</i> • <i>Martires</i> • <i>Pajahú</i> • <i>Santa Cruz</i>
		Mariotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Bom Sucesso</i> • <i>Conceição</i> • <i>Nossa Senhora do Livramento</i>
		Hagiotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Santa Anna</i> • <i>Santo Antonio</i> • <i>Santo Antonio do Carraxato</i> • <i>Santo Antonio do pé da Serra</i> • <i>São Bartholomeo</i> • <i>São Domingos</i> • <i>São Gonçalo</i> • <i>São Joaõ</i> • <i>São Jozé</i> • <i>São Pedro</i>
		Hodotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Passage da raiz</i> • <i>Passage do meio</i> • <i>Passage dos Cavalos</i> • <i>Vaqueijador novo</i>
Hidrotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cachoeira</i> • <i>Cachoeirinha</i> • <i>Lençoes</i> • <i>Jahiva</i> • <i>Riacho abaixo</i> • <i>Riacho secco</i> • <i>Rio de São Joaõ</i> • <i>Rio verde</i> • <i>Salto</i> 	Poliotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Bairro-alto</i>
		Sociotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Trombeteiro</i>
Litotopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Pedras</i> • <i>Barreiro</i> • <i>Barreiros</i> • <i>Barreiro grande</i> 		
Zootopônimo	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Curuja</i> • <i>Guará</i> • <i>Jacoré</i> • <i>Jacoipe</i> • <i>Piranhas</i> 		
TOTAL	51		31

Fonte: Elaborado pela autora.

A ênfase na natureza linguística do topônimo, no entanto, não desconsidera os aspectos sócio-históricos e culturais envolvidos no processo de nomeação. Mais que isso: em alguns casos, os dados coletados referentes a prováveis causas motivacionais dos nominadores auxiliaram na definição das taxes, como aconteceu com os mariotopônimos reduzidos (*Bom Sucesso* e *Conceição*), em que se considerou a importância do culto mariano como uma das manifestações da religiosidade popular mais difundidas em território mineiro (CARVALHO, 2014).

Dados históricos também auxiliaram na classificação do topônimo *Dourados*, levando em conta a possível relação com a família Dourado, de grande influência na região. A opção por considerá-lo um antropotopônimo e não um cromotopônimo, tendo em vista o valor semântico da lexia, é reforçada pela ocorrência da forma pluralizada do topônimo, sempre precedido de artigo definido no plural, entendido assim como uma referência aos membros da família, de forma coletiva: “[...] extremado com / fazenda dos Dourados, [...]” (f.31v, L.10-11).

Outro registro que merece destaque refere-se ao topônimo *Lençoes*: dentre as possibilidades sêmicas da lexia, a opção por considerá-lo um hidrotopônimo apoia-se na repetida referência ao rio Lençóis na determinação dos limites e confrontações do sítio, o que sugere um caso de translação toponímica, ou seja, o deslocamento do designativo de um acidente para outro. Embora esse processo possa ser circular, isto é, o nome seja deslocado do rio para o povoamento formado em suas margens ou deste para aquele, segundo Dick e Seabra (2002), em Toponímia, constitui-se um princípio o fato de que os nomes de cursos d’água, montanhas e serras sejam os mais primitivos ou as mais antigas denominações.

Registra-se também, no *corpus*, o aproveitamento de nomes de acidentes físicos, especialmente aqueles relacionados à hidrografia e à orografia, como elementos específicos dos sintagmas toponímicos, em um processo de toponimização do elemento genérico. Os termos geográficos transformados em topônimos são considerados por Dick (1992, p. 64) como “vocábulos toponímicos básicos”. São formas geográficas e de relevo, como campo, ilha, monte, morro, vargem, vereda; ou acidentes fluviais, como cachoeira, riacho, rio, os quais, refletindo a realidade conhecida e experimentada pelo homem, evidenciam o traço ambiental que mais o impressionou no ato de nomeação.

O recorte de um “morro”, os contornos de uma “serra”, o “monte” singular em sua morfologia, o volume das águas de um “rio”, o seu “curso acidentado”, entremeado de “corredeiras” e “pequenos saltos”, ou, ao contrário, a “suavidade” de seu declive, tudo pode ser a causa de motivações toponímicas (DICK, 1992, p. 64, grifos no original).

Em princípio elementos genéricos, ao serem toponimizados, esses termos, específicos e convencionais, passam a ter a função de elementos específicos, ou seja, de topônimos propriamente ditos. E assim, profundamente relacionadas ao ambiente físico do sertão do norte de Minas e sudoeste da Bahia, formas toponimizadas, como *Barrinha*, *Boqueirão*, *Cachoeirinha*, *Montes altos*, *Morrinhos*, *Riacho secco*, *Rio de São João*, *Rio verde*, *Sacco*, *Salto*, *Taboleiro*, *Vareda do Trassadal*, *Varginha do mandacará*, se cristalizaram, ou seja, persistem como signos geográficos, mesmo quando seus elementos motivadores desapareceram ou deixaram de ser reconhecidos pela população, e permanecem, ainda hoje, identificando e singularizando fazendas, povoados, bairros, distritos na região do Sertão do Rio Pardo.

8 CONCLUSÃO: FINALIZANDO A JORNADA

“A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: ‘Não há mais que ver’, sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra.”
José Saramago, *Viagem a Portugal* (SARAMAGO, 1997 [1981], p. 387)

Sem esquecer Guimarães Rosa, requisita-se agora a companhia de José Saramago, que também empreendeu uma longa viagem de quase um ano pelas terras portuguesas, entre outubro de 1979 e julho de 1980, antes de escrever *Viagem a Portugal*. Na jornada, o escritor português se identifica como um viajante e não um simples turista: “Há grande diferença. Viajar é descobrir, o resto é simples encontrar” (SARAMAGO, 1997 [1981], p. 287). E é com esse sentimento de viajante, em busca de descobertas ainda não totalmente satisfeitas, que este trabalho apresenta suas considerações finais. Em um momento em que a preocupação com a pandemia tolheu muitos desejos e voos, quantas revelações ficaram encobertas pelo caminho! Outras viagens seriam necessárias para “ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, [...] voltar aos passos que foram dados, [...] traçar caminhos novos” (SARAMAGO, 1997 [1981], p. 387).

O roteiro filológico escolhido para enfrentar o caminho “resvaloso” de utilizar um manuscrito oitocentista como fonte primária da pesquisa tornou possível a chegada ao destino desejado. O que interessava, afinal? Encontrar as vozes que nominaram o lugar onde se inserem os sítios herdados pela nobreza da Casa da Ponte no Sertão do Rio Pardo e verificar até que ponto os aspectos históricos, culturais e ambientais dessa região se refletem nos signos escolhidos para identificar e significar o espaço geográfico.

Com o propósito de alcançar os objetivos traçados na *Introdução*, a rota definida evidenciou o papel de áreas diversas dos estudos da língua no processo de leitura do texto. Para tornar o documento confiável à realização da pesquisa onomástica, o aporte fornecido por campos de estudo voltados para a materialidade dos textos e a leitura de escritas antigas foram essenciais para a recuperação e a restauração do texto em um novo suporte, reafirmando o compromisso da Filologia Textual com a preservação e integridade de documentos históricos, culturais e literários.

Considerando o léxico como um repertório da memória de uma comunidade linguística e a primeira via de acesso ao texto, a Lexicologia e a Lexicografia possibilitaram o resgate dos usos e acepções remotas de unidades lexicais do documento e a sua compreensão no contexto sócio-histórico e discursivo. Além da percepção do léxico como reflexo da interação do homem

com o meio ambiente, a construção do glossário representou, seguramente, uma condição essencial para determinar as escolhas dos agentes de nomenclatura no processo de entendimento dos signos onomásticos e da toponímia como produto histórico de um povo.

Ao ressaltar a importância dos estudos toponímicos como um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades linguísticas que ocuparam a região do Sertão do Rio Pardo nos séculos XVIII e XIX, procurou-se mostrar que os signos onomásticos não são resultantes de escolhas arbitrárias, mas, sim, que evidenciam o encontro de significante e significado na construção do valor semântico. Nessa perspectiva, tomando por base a teoria taxionômica proposta por Dick (1990) para a realidade toponímica brasileira, foi possível comprovar a influência do meio ambiente na configuração do sistema toponomástico analisado.

Conseguiu-se assim, a partir do exercício do trabalho lexicológico, em complementaridade com outras áreas de estudo, cumprir com os objetivos específicos estabelecidos: relacionar e classificar os topônimos referentes aos acidentes humanos presentes no documento e interpretar as respostas linguísticas motivadas pelos estímulos recebidos por seus nominadores, identificando, além da motivação semântica, a estrutura morfológica e a etimologia dos signos analisados. Os resultados encontrados permitiram que fossem feitas as seguintes afirmações:

- i. O documento atesta o uso da língua portuguesa do início do século XIX e a contribuição do espaço geofísico para o léxico, expressa em lexias que envolvem campos semânticos relativos à vegetação característica da região (*catanga, carrasco, capoeira, capão, mandacaru*), à composição do solo (*areião, barreiro, pedras*) à hidrografia (*corgo, cachoeira, salto, sangrador*) e ao relevo (*boqueirão, morrote, saco, tremedal, vargem, vareda*), mostrando que, na tentativa de adaptação às condições que o ambiente oferece, a vida humana é condicionada pelos elementos que o constituem – o clima, o solo, a presença ou ausência de água, a vegetação, o relevo.
- ii. Os signos toponímicos, como uma intersecção dos traços temporal e espacial, não são resultantes de escolhas aleatórias e constituem-se em elementos capazes de evidenciar a relação significativa do homem com o contexto ambiental em que se insere, o que pôde ser comprovado com a predominância de taxes que refletem a natureza física no processo de nomenclatura do espaço.
- iii. A preponderância de geomorfotopônimos, fitotopônimos e hidrotopônimos no *corpus* analisado comprova a importância dos planaltos e serras do chapadão das Gerais (*Montes altos, Morrinhos, Sacco, Taboleiro*), da vegetação resistente da caatinga (*Canabraba, Gameleira, Ingazeira, Juazeiro*) e da água dos rios, riachos e veredas (*Cachoeira, Riacho*

abaixo, Riacho secco, Rio de São João, Rio verde, Vareda do Trassadal) para aqueles que habitaram o Sertão do Rio Pardo, refletindo os traços ambientais que mais impressionaram o nominador.

- iv. Os signos de etimologia indígena, decorrentes do contato direto dos primeiros habitantes do território brasileiro com o meio ambiente, seguem a tendência arquetípica de priorizar a descrição de elementos da paisagem, o que se expressa nos topônimos referentes à flora (*Angicos, Ingazeira, Jatobá, Juazeiro, Tabocal*) e à fauna da região (*Guará, Jacoré, Jacoipe, Piranhas*).
- v. Os valores, conquistas e realizações do homem, que caracterizam os topônimos de natureza antropocultural, destacam-se, principalmente, no número considerável de nomes sagrados ou de origem religiosa (*Espirito Santo, Nossa Senhora do Livramento, Santa Anna, Santa Cruz, Santo Antonio, Santo Antonio do Carrapato, Santo Antonio do pé de Serra, São Bartholomeo, São Domingos, São Gonçalo, São João, São Jozé, São Pedro*), uma tendência que acompanha a índole geral das denominações coloniais e expressam a religiosidade popular transmitida pelos portugueses (DICK, 2008).
- vi. Termos geográficos, especialmente aqueles que se referem a formas de relevo e à hidrografia, foram transformados em topônimos e passaram, em um processo de toponimização, a constituir o elemento específico do sintagma toponímico, como *Barrinha, Boqueiraõ, Cachoeirinha, Montes altos, Morrinhos, Riacho secco, Rio de São João, Rio verde, Sacco, Salto, Taboleiro, Vareda do Trassadal, Varginha do mandacaru*.
- vii. A predominância de uso de substantivos, acompanhados de diferenciadores, como sufixos (*Barreiro, Cachoeirinha*) e morfema de plural (*Angicos, Pedras*), e como núcleo de sintagmas nominais em formas compostas e complexas (*Campo alegre, Passage dos Cavalos, Vargem da Onça, Santo Antonio do pé de Serra*), atesta, em relação à estrutura morfológica dos signos, o que afirma Dick (2008) de que esse “é o meio mais adequado para enfatizar a situação concreta do traço ambiental e a ocupação do próprio espaço” (DICK, 2008, p. 230).
- viii. A força da memória toponímica expressa-se na permanência, na atualidade, dos signos que remetem aos anos iniciais da colonização brasileira, identificando fazendas, povoados, distritos e bairros em municípios da Bahia e de Minas Gerais.
- ix. A presença de dados do *Glossário do Livro de Tombo da Casa da Ponte* na relação de formas lexicais coletadas por Souza (2014) na zona rural da bacia do rio Pardo reforça a identificação da região como parte de uma área cultural comum aos Estados da Bahia

e de Minas Gerais, justificada por suas características geofísicas e pelo fato de grande parte do Norte de Minas ter pertencido à Capitania da Bahia até meados do século XVIII (SOUZA, 2014).

Por fim, ciente de que “nenhuma viagem é definitiva” (SARAMAGO, 1997 [1981], p. 387), espera-se que outros pesquisadores possam dar continuidade a este trabalho: os dados linguísticos e históricos presentes no texto filologicamente recuperado poderão servir de base para novas pesquisas que se aventurem no estudo da língua ou da história através de fontes manuscritas do século XIX, agora sem as dificuldades impostas pela materialidade do documento e pelo entendimento do texto.

Os historiadores têm, assim, mais uma fonte de estudo que atesta a presença do Capitão Antônio Guedes de Brito no território mineiro, considerando que a carta de concessão da imensa sesmaria de 1684 não foi encontrada até o momento; os linguistas, um material confiável para o estudo da língua portuguesa do período colonial; e os estudiosos da história da escrita, uma comprovação da liberdade e arbitrariedade da *scripta* oitocentista. Novas pesquisas podem envolver, tanto os antropônimos e os topônimos dos demais acidentes nominados, em uma ampliação dos estudos onomásticos, quanto uma análise diatópica a partir das marcas dialetais que podem ser evidenciadas na dimensão lexical da língua.

Mas os caminhos não acabam aí. Tem-se a certeza de que ainda há muito a ser visto nas veredas que levam ao Sertão do Rio Pardo, principalmente “ver o que não foi visto”, ou melhor, o que não pôde ser visto¹. Pode-se inclusive fazer encontrar o *Livro de Tombo da Casa da Ponte com Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e, em uma interface língua e literatura, seguir, “de campinas a campos, por morros, areiões e varjas” (ROSA, 2001 [1956], p. 94), “p’ra cima do lugar Serra-Nova, distrito de Rio-Pardo, no ribeirão Traçadal” (ROSA, 2001 [1956], p. 35), “até a Serra Branca, brabas terras vazias do Rio Verde-Grande” (ROSA, 2001 [1956], p. 81), reconhecendo em um os lugares nominados no outro e traçando o caminho trilhado por Guimarães Rosa nas terras outrora pertencentes ao Mestre de Campo Antônio Guedes de Brito. Certo está José Saramago: “A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam” (SARAMAGO, 1997 [1981], p. 387).

¹ Como se desejou fazer *O Caminho do Sertão: de Sagarana ao Grande Sertão: Veredas!* A jornada propõe uma trilha sócio-eco-literária de 186 km, a ser percorrida a pé, em 7 dias, e oferece “uma imersão no universo de João Guimarães Rosa”, na literatura, na geografia, nos saberes e fazeres dos habitantes do noroeste e norte de Minas Gerais (O CAMINHO..., 201-).

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Vera Lucia Costa. *A escrita no Brasil colonial: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: EDUFPE; Fund. Joaquim Nabuco; Massangana, 1994.
- AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). *Plano de recursos hídricos da bacia hidrográfica do rio Verde Grande*. Brasília: ANA, 2013. Disponível em: <https://cdn.agenciapeixe vivo.org.br/media/2020/01/PRH-DA-BACIA-DO-RIO-VERDE-GRANDE.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxonomia de topônimos: problema sem solução? *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 2, n. 1, p. 125-137, 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4454/4460>. Acesso em 10 nov. 2021.
- ALINEI, Mário. Le due struttura del significato. In: ALINEI, M. *Lingua e dialetti: struttura, storia e geografia*. Bologna: Il Mulino, 1984. p. 13-21.
- ALVES, Marieta *et al.* *História das artes na cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1967.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1920. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2021.
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp, 1982 [1711]. (Reconquista do Brasil). Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/ANDRE_ANTONIL/CULTURA/CULTURA_TEXTO.HTML. Acesso em: 3 jan. 2021.
- ANTUNES JR., Daniel. *A colonização brasileira e o Livro do Tombo da Casa do Conde da Ponte: um pouco de história*. Belo Horizonte: Código Plus, 2017.
- ANTUNES, Carolina. *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha - Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARAÚJO, Fabiana Oliveira. *Campo-Cidade-Região: transformações prováveis a partir da implantação de empreendimentos mineradores no norte de Minas Gerais*. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Belo Horizonte: Escola de Arquitetura e Urbanismo-UFMG, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9N5L4R/1/x_disserta_ao_fabiana.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.
- ARRAES, Esdras. Rio dos currais: paisagem material e rede urbana do rio São Francisco nas capitâneas da Bahia e Pernambuco. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 47-77, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/80841>. Acesso em: 16 fev. 2022.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO, Danilo Brito de. Túmulo de Antônio Guedes de Brito e de sua filha, na Catedral Basílica de Salvador. *Álbum de fotos*, 1º nov. 2020. Disponível em: https://www.geni.com/photo/view/6000000024499869652?album_type=photos_of_me&photo_id=6000000160885701822. Acesso em: 3 jan. 2021.

BANDEIRA, Manuel. Grande Sertão: Veredas, 13/03/57. *Folha de São Paulo Ilustrada*. São Paulo, sábado, 01 de dezembro de 2001 [1957]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0112200118.htm>. Acesso em 10 jan. 2022.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001 [1996]. Cadernos de Terminologia n.1.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2; ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA. *Anais...* p.152-158. Brasília: IBICT, 1990.

BATTELLI, Giulio. *Lezioni di paleografia*. 3. ed. Vaticano: Scuola Vaticana di Paleografia e diplomatica, 1949 [1936].

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENTO, Berenice. “Eu preciso seguir cuidando do meu filho. Eu preciso ser a voz dele”. *Revista Cult São Paulo*, n. 274, outubro 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/eu-preciso-seguir-cuidando-do-meu-filho-eu-preciso-ser-voz-dele/>. Acesso em 10 nov. 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. *Palavra*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, 1999. p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59660>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A definição lexicográfica. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 10, 1993. p. 23-43.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. *Alfa*, n. 28, 1984. p.1-26.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (org.). *Dicionário histórico do português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*. Araraquara: FCL;UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. *In: BORGES, R. et al. Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

BRUNHES, Jean. *Geografia humana*. Tradução Ruth Magnanini. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962 [1925].

CABRAL MONCADA LEILÕES. Antiquidades e obras de Arte Moderna e Contemporânea. Lisboa, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cml.pt/leiloes/2020/209-leilao/1-sessao/38/retrato-de-joao-de-saldanha-da-gama-de-melo-e-torres-guedes-brito-%281773-1809%29--6-conde-da-ponte>. Acesso em: 3 jan. 2021.

CAETANO, Mateus Ribeiro. Mapa. *Localização dos municípios da Serra Geral* (org.). 2018. Disponível em: https://observatorio.centrouniversitariounifg.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/Loc_Serra_Geral.pdf. Acesso em 20 abr. 2022.

CALDEIRA, João Luis Picão. *O morgadio e a expansão no Brasil*. Lisboa: Tribuna da História, 2007.

CALVINO, Ítalo. Leveza. *In: CALVINO, I. Seis propostas para o próximo milênio*. Lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. 3a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 [1988]. p. 13-41.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Aplicações da teoria dos signos na Onomástica. *Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, 2011. p. 299-309.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Variantes lexicais na toponímia portuguesa: os elementos genéricos (entidades geográficas) denominados. Estudo de caso: diferenças terminológicas entre português do Brasil e português europeu. *Cadernos do CNLF: Léxico e Semântica*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 11, 2008. p. 177-194.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva). Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9PMR2U/1/hagiotopon_mia_em_minas_gerais___tese_final.pdf. Acesso em mar. 2022.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Léxico Toponímico de Origem Religiosa em Minas Gerais: A Distribuição do Topônimo Bom Sucesso nas Mesorregiões Mineiras. *XVII Congreso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina* (ALFAL 2014) João Pessoa - Paraíba, Brasil. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0786-1.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CARVALHO, Maria Aparecida de. *Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso – Mesorregião Sudeste Mato-Grossense*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística - FFLCH-USP. São Paulo, 2010.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

CHAVES, Edneila Rodrigues. Criação de vilas em Minas Gerais no início do regime monárquico: a região Norte. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n.51, set.-dez. 2013. p. 817-845. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/NLK7MdnZRmDPHGz47s4GjBg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2020

CLAVAL, Paul. *A Geografia cultural*. Tradução Luis Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 4. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014 [1995].

CORRÊA, Manuel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984 [1926].

COSERIU, Eugenio. Nuevos rumbos en la toponomástica. Prólogo. In: TRAPERO, M. *Diccionario de toponimia canaria: léxico de referencia oronímica*. Las Palmas de Gran Canaria: Gobierno de Canarias, Consejería de Educación, Cultura y Deportes; Universidad Nacional de Educación a Distancia; Centro Asociado de Las Palmas de Gran Canaria, 1999. p. 15-24. Disponível em: <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu335.pdf>. Acesso em 10 nov. 2021.

COSTA FILHO, Aderval. *Os Gurutubanos: territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo do centro norte-mineiro*. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia) Brasília: Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1509/1/2008_AdervalCostaFilho.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

COSTA FILHO, Miguel. As terras dos Guedes de Brito nas Minas Gerais. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 241, out.-dez. 1958. p. 112-148. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSsa3Y5cmxOR05BVGGM/view. Acesso em: 25 fev. 2021.

COSTA, Dora Atman *et al.* Hidroquímica e características dos sistemas aquíferos cárstico-fissural e granular no Norte de Minas Gerais. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas e XVII Encontro Nacional de Perfuradores de Poços*, 2010. Disponível em: <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/issue/view/1184>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CRISPIM, Maria de Lourdes. O léxico de Christine de Pisan. In: COLÓQUIO DE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA: actas. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1990.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013 [1982].

CUNHA, Celso Ferreira da. O ofício de filólogo. In: CUNHA, C. F. *Sob a pele das palavras: dispersos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 341-359. Organizado por Cilene da Cunha Pereira.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício; RIBEIRO, Ana Lúcia. Toponímia: Teoria Geral e Análise Quantitativa dos Litotopônimos do Estado de Mato Grosso do Sul catalogados no Atems. *Web Revista: Página de debates*. 22. ed. 1. sem. 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/41155909-Toponimia-teoria-geral-e-analise-quantitativa-dos->

litotoponimos-do-estado-de-mato-grosso-do-sul-catalogados-no-atems.html. Acesso em 18 jul. 2022.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux: origine et évolution*. Paris: Delagrave, 1936 [1928].

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES (DNIT). Ministério dos Transportes. *Mapa Multimodal Minas Gerais 2013*. Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/download/mapas-multimodais/mapas-multimodais/mg.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

DIÁRIO DE JUSTIÇA DO ESTADO DE MINAS GERAIS (DJMG). 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=ramalhudo+dos+m%C3%A1rtires>. Acesso em: 15 abr. 2022.

DIARIO DO EXECUTIVO do Estado de Minas Gerais - Caderno 1, quinta-feira, 20 de Julho de 2017, p. 5. Disponível em: http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/185860/caderno1_2017-07-20%205.pdf?sequence=1. Acesso em 15 abr. 2022.

DIAS, Elizangela Nivardo. A História, a Codicologia e os reclames. Histórica. *Revista on-line do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo*. São Paulo: n. 4, [3º.], ago. 2005. p. 1-9. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/assets/publicacao/anexo/historica04.pdf>. Acesso em 5 jan. 2020.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *Investigações: Lingüística e Teoria Literária*, Recife, v. 9. mar. de 1999. p. 120-143.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A toponímia como meio de investigação linguística e antropocultural. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português: Brasil - Portugal*. Campo Grande: Editora UFMS; 2008. p. 215-231.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos de etnolingüística – a toponímia carioca e paulistana: contrastes e confrontos. *Revista USP*, São Paulo, n.56, 2002-2003. p. 180-191. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/56/21-vicentina.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico: um estudo dialetológico. *Revista Philologus*, São Paulo: Plêiade, v. 10, ano 4, 1996. p. 27-44. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/10/06.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. *Acta Semiótica et Lingvistca*, São Paulo, v.7, 1998. p. 97-122.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER,

M. da G. (org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas; FFLCH; USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral; SEABRA, M^a Cândida Trindade Costa de. Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolinguística da toponímia brasileira. *Cadernos do Cnlf*, Rio de Janeiro, v. 5, 2002. p. 25-32. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6_07.htm>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DOCUMENTOS HISTÓRICOS 1662-1664. Registo de uma provisão por que o Conde de Óbidos Vice-Rei deste Estado dá de sesmaria aos capitães Antonio Guedes e Bernardo Vieira Ravasco as terras que principiam na nasença do Tapicuru até o Rio de São Francisco. Rio de Janeiro, v. 21, 1933. p. 185-187. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/094536/per094536_1932_00021.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

DUARTE, Luiz Fagundes. *Glossário de Crítica Textual*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Mestrado em Edição de Texto, 201-. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>. Acesso em 2 nov. 2021.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. Tradução Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Cultrix, 1995 [1973].

ESTEVES, Judite Maria Nunes. *Do morgadio à divisão igualitária dos bens: extinção do morgadio e estratégias de perpetuação do poder familiar (entre o fim do século XIX e o século XX)*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2008. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/66770/1/TESE%20-%201%20aa%20PARTE.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

FEDATTO, Carolina Padilha. *Um saber nas ruas: o discurso histórico sobre a cidade brasileira*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2011. Disponível em: <<http://pct.capes.gov.br/teses/2011/33003017030P2/TES.PDF>>. Acesso em 10 nov. 2021.

FERREIRA, Joaquim. *História da Literatura Portuguesa*. 2. ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, 194-.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008 [1979].

FONSECA, Gustavo Solís. Prefácio. In: AGUIAR, M. S. *et al.* (org.) *Onomástica e a identidade do homem em seu meio*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2018. p. 9-26.

FRAGOSO, João. Cartas que falam sobre a pintura do arquiteto do mundo (Introdução). *Documentos Históricas*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v.CXI, 1997. p.15-24.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981[1947].

HENRIQUES, Stefania Montes. *O caso mais grosseiro da semiologia. O que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?* Campinas-SP: Editora da ABRALIN, 2021.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. Tradução Marcos Marcionilo da 10. ed. corr. São Paulo: Parábola, 2003 [1997].

HISTÓRIA REAL DE URANDI-BAHIA. *Algumas das primeiras fazendas de Urandi: fazenda Passagem do Meio*. 25 Out. 2009. Disponível em: <http://historiadeurandi.blogspot.com/2009/10/ocupacao-do-municipio.html?view=magazine>. Acesso em 20 abr. 2022.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *IBGE Cidades*. Brasília: IBGE, 2017, s.v. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 abr. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Divisão Territorial Brasileira 2016*. Disponível em: https://www.mg.gov.br/sites/default/files/paginas/arquivos/2016/ligminas_10_2_04_listameso_micro.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Mapa Físico do Estado de Minas Gerais*. Brasília, Ecoteca Digital, 2012. Disponível em: <https://www.terrabrazilis.org.br/ecotecadigital/pdf/mapa-fisico-do-estado-de-minas-gerais.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Mapa Físico do Estado da Bahia*. Brasília, Ecoteca Digital, 2011. Disponível em: <https://www.terrabrazilis.org.br/ecotecadigital/pdf/mapa-fisico-do-estado-da-bahia.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras*. Sertões Brasileiros. v. 2. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. rev. 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=232425>. Acesso em: 20 jan. 2022.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA (IGHB). Tombamento dos Predios arrendados ou devolutos situados no Sertão do Rio Pardo pertencentes á Casa do Conde da Ponte. *Revista do Instituto Geographico e Histórico da Bahia*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, n. 55, 1929. p. 431-485.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Prefácio. In: AMARAL, E.T.R. et al. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A motivação na toponímia: algumas reflexões. In: SELLA, A. F. et al. (org.). *Pesquisas sobre o Léxico: Reflexões Teóricas e Aplicações* Campinas-SP: Pontes Editores, 2012. p. 81-95.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. v. 3. p. 193-208.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 1996.

IVO, Isnara Pereira. *Homens de Caminho: Trânsitos, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa - Século XVIII*. 2009. Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte: Departamento de História-FAFICH, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VGRO-82TM88>. Acesso em: 20 abr. 2022.

KANTOR, Íris. *Mapas valem ouro: a demarcação territorial do Brasil*. Casa de Oswaldo Cruz. Notícias. 29/11/2011. <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/330-mapas-valem-ouro-a-demarcacao-territorial-do-brasil.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

KRIEGER, Maria da Graça. *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio*, São Leopoldo-PR, v. 4, n. 3, set.-dez. 2006. p. 141-147. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6000>. Acesso em: 08 jul. 2019.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. C. (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 157-171.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (org.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS, v. 4, 2010. p. 161-175.

LAGO, Laurênio. Acréscimos e retificações ao Arquivo Nobiliárquico. In: *Anuário do Museu Imperial*. v. 15. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1954. p. 83-220. Disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/1954-Vol.-15.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

LANGENDONCK, Willy Van. *Theory and typology of proper Names*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges, rev. Néri de Barros Almeida. 5. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 525-541.

LEITE, Jeedan Gomes. *“Terra do frio”, coronéis de “sangue quente”?: política, poder e alianças em Morro do Chapéu (1919-1926)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana-BA: Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 2009. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/1209>. Acesso em 10 jun. 2022.

LIBERATO, Yara Goulart. *A estrutura do SN em português: uma abordagem cognitiva*. 1997. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 1997.

LIMA, Ivone Alves de. A motivação religiosa nos topônimos paranaenses. *In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO*, 45. Campinas, 1997. *Anais...* Campinas-SP, 1998. p. 422-428.

LISPECTOR, Clarice. Em busca do outro. *In: LISPECTOR, C. A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOBÃO, Manoel de Almeida e Sousa de. *Tratado prático de morgados*. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841 (1807). Disponível em: <https://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/1083.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

LOSE, Alícia Duhá. Paleografia e edição de documentos históricos: a edição dos documentos da construção da basílica de N. Sra. da Conceição da Praia, Salvador, Bahia. *In: LOSE, A. D.; SOUZA, A. S. (org.). Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte, 2018. p. 24-37.

LOSE, Alícia Duhá. Edições de documentos históricos: a quem interessam? a quem se destinam?. *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 2, 26 abr. 2017. p. 71-86.

LOSE, Alícia Duhá. A Crítica textual e as novas tecnologias. *In: TEIXEIRA, M. da C. R. et al. (org.). Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 63-78.

LOSE, Alícia Duhá; SANTOS, Libânia da Silva. “A letra em tudo se comparece”: análise paleográfica dos papéis sediciosos da Conspiração dos Alfaiates / Revolta dos Búzios. *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 30. Recife, ANPUH-Brasil, 2019. s.n.p. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564773571_ARQUIVO_ARTIGO_30_SNH_ANPUH_ALICIA_LIBANIA_Final.pdf. Acesso em 20 out. 2020.

LOSE, Alícia Duhá; TELLES, Célia Marques. Qual edição e o que editar. *Revista A Cor das Letras*, Feira de Santana-BA, v. 18, 2017. p. 271-293. Disponível em: <http://dx.doi.uefs.br/index.php/acordasletras/index>. Acesso em 10 nov. 2021.

MACHADO, Sândala Cristina da Soledade. A festa do Divino nos dois lados do Atlântico. *Revista Tempo Amazônico*, v. 1, n. 2, janeiro-junho de 2014. p. 34-49. Disponível em: http://rj.anpuh.org/resources/download/1415135900_ARQUIVO_FESTADODIVINO.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.

MARQUES, Elisabete Aparecida. Fraseotopônimos: estabelecendo diálogos entre a fraseologia e a toponímia. *Revista Guavira*, Três Lagoas, n. 25, jul./dez. 2017. p. 23-33. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/589/435>. Acesso em: 20 out. 2021.

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual. *In: ALVES, F. M. et al. (ed.). Filologia, Memória e Esquecimento*. Lisboa: Húmus, 2010. p. 355-367. ACT 20 (Alterities, Crossings, Transfers).

- MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. Tradução e adaptação de Jorge Morais Barbosa. 11. ed. port. Lisboa: Sá da Costa, 1991 [1964].
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001. Assistente Evair Dias. Revisão geral Diva Gomes.
- MATTOS, Waldemar. *Solares Baianos*: Paço do Saldanha. Salvador: Tip. Beneditina, 1971.
- MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Edusp, 2018 [1985].
- MONCADA, Luís Cabral de. *A Reserva Hereditária no Direito Peninsular e Português: subsídios para a história do direito nacional*. v. 1. Coimbra: França & Arménio, 1916.
- MOURA, Antônio de Paiva. *A metamorfose de Minas*. 2003. Disponível em <http://www.asminasgerais.com.br/?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=98&codConteudoAtual=177>. Acesso em: 29 abr. 2022.
- MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Modelos de verbetes em dicionários clássicos de língua portuguesa. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas. v. 3. 2007. p. 235- 245.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi Antigo*. A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)*. 2. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008 [1998].
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Introdução. In: NEVES, E. F.; MIGUEL, A. (org) *Caminhos do Sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbio coloniais dos sertões da Bahia*. Salvador: Arcádia, 2007. p. 9-24.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. *Posseiros, rendeiros e proprietários: estrutura fundiária e dinâmica agro-mercantil no Alto Sertão da Bahia (1750-1850)*. 2003. Tese (Doutorado em História). Recife: Centro de Filosofia e Ciências Humanas-UFPE, 2003a. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7313/1/arquivo7676_1.pdf. Acesso em 15 set. 2019.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como Recorte Espacial e como Imaginário Cultural. *Politeia: História e Sociedade*. Vitória da Conquista-Ba, v. 3, n. 1, 2003b. p. 153-162.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Sucessão dominial e escravidão na pecuária do Rio das Rãs. *Sitientibus*. Feira de Santana-BA, n. 21, jul.-dez.1999. p. 117-142. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/21/sucessao_dominial.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.
- O CAMINHO do Sertão: de Sagarana ao Grande Sertão: Veredas! 201-. Disponível em: <https://ocaminhosdosertao.com.br/o-caminho/>. Acesso em: 3 out. 2022.
- OGDEN, Charles Kay; RICHARDS, Ivor Armstrong. *The Meaning of Meaning*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1923. Disponível em:

<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.221615/page/n21/mode/2up>. Acesso em 10 nov. 2021.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. *Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina: estudo de caso*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-31032009-171949/publico/CARLOS_EDUARDO_DE_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 28 jul. 2022.

OLIVEIRA, Letícia Reis de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul: motivações toponímicas e estruturas sintagmáticas. *Revista GTLex, [S. l.]*, v. 3, n. 1, 2020. p. 58–77. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/49806/28578>. Acesso em: 8 fev. 2022.

PARAGUASSU, Marcos. Roteiros de viagem para os sertões da Bahia no século XVIII. In: NEVES, E. F.; MIGUEL, A. (org) *Caminhos do Sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbio coloniais dos sertões da Bahia*. Salvador: Arcádia, 2007. p.201-246.

PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Tradução Luciano Padilla Lopez. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003 [2002].

PIRES, Simeão Ribeiro. *Raízes de Minas*. Montes Claros-MG: Minas Gráfica, 1979.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978 [1974].

PRADO, Adélia. Ensinaamentos. In: PRADO, A. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2010 [1976].

QUINTELA, Ivete. *O que é Freguesia, Concelho, Distrito?* PASS-Portugal Assessoria Jurídica Migratória, 23 abr. 2019. Disponível em: <https://www.vpdicas.com/artigos/o-que-e-freguesia-concelho-distrito>. Acesso em 27 abr. 2021.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

REFLORA. *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://servicos.jbrj.gov.br/flora/search/Eucalyptus_microcorys>. Acesso em 27 maio 2022.

REIS, João José. “Dono da Terra chegou, cento e cinquenta acabou?”: notas sobre resistência e controle dos escravos na Bahia, que recebeu a família real em 1808. São Paulo, *Revista USP*, [s. l.], n. 79, 2008. p. 106-117. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i79p106-117. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13698>. Acesso em: 3 jan. 2021.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. In: REIS-ÁLVES, L. A. dos. *O pátio interno escolar como lugar simbólico*. Um estudo sobre a interrelação de variáveis subjetivas e objetivas do conforto ambiental. Tese (Doutorado em Arquitetura). Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2006. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/676883.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2022.

ROCHA, José Joaquim da. *Mapa da capitania de Minas Geraes: com a deviza de suas comarcas*. [Rio de Janeiro], Arquivo Histórico do Exército, 1778? Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/21198_. Acesso em: 15 jan. 2022.

RODRIGUES, José Damião. A CASA COMO MODELO ORGANIZACIONAL DAS NOBREZAS DE SÃO MIGUEL (AÇORES) NO SÉCULO XVIII. *História: Questões & Debates*, [S.l.], v. 36, n. 1, jun. 2002. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2687>. Acesso em: 13 fev. 2022.

RODRIGUES, José Esteves. Livro de Tombo da Casa da Ponte. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte. vol. 11, 1964. p. 95-100.

RODRIGUES, Pedro Ivo Moreira Gomes. *Porto Seguro como território identitário nacional: começos e recomeços da memória indígena*. 2019. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Vitória da Conquista-BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2019. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2020/03/DISSERTA%C3%87%C3%83O-DE-PEDRO-IVO-MOREIRA-GOMES-RODRIGUES.pdf>. Acesso em 20 jul. 2022.

ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa*. Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG/Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003 [1972].

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 [1956].

SABINO, Fernando Tavares. *O Encontro marcado*. 82. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006 [1956].

SÁEZ, Carlos; CASTILLO, Antonio. Paleografía e historia de la cultura escrita: del signo a lo escrito. In: RIESCO TERRERO, A. (ed.). *Introducción a la paleografía y la diplomática general*. Madrid: Editorial Síntesis, 2004. p. 21-31.

SANTANA, Anastácio de. *Guia de caminhantes* [Cartográfico]. Coleção Moreira da Fonseca. Biblioteca Nacional (Brasil), 1816-1817. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart325616/cart325616.htm. Acesso em: 20 jan. 2022.

SANTOS, Lucia Catherine Oliveira. *Influência dos usos consuntivos da água e do uso e cobertura da terra na vazão da bacia hidrográfica do rio Pardo*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais). Vitória da Conquista-Ba: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia 2017. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgciflor/wp-content/uploads/2020/08/LUCIA-CATHERINNE-OLIVEIRA-SANTOS.pdf>. Acesso em 20 abr. 2022.

SANTOS, Mamia Tereza Pereira *et al.* Estudo de caso da degradação ambiental do rio Gorutuba no município de Francisco Sá. *Revista Cerrados* (Unimontes), v. 15, n. 1, 2017. p. 235-284. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5769/576960997014/html/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. *Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750*. 2010. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09072010-133900/publico/2010_MarcioRobertoAlvesdosSantos.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005 [2000].

SANTOS, Rosa Borges dos. Filologia, genética e sociologia dos textos: um diálogo entre críticas. In: ROMANELLI, S. (org.). *Compendio de crítica genética: América Latina*. Vinhedo: Horizonte, 2015. p. 43-50.

SANTOS, Rosa Borges dos. A edição de textos modernos e os estudos linguísticos: por uma caracterização do filólogo-linguista. In: LOBO, T. *et al.* (org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Congresso Internacional de Linguística Histórica (em homenagem a Rosa Virgínia Matos e Silva), 1, 2013, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 1728-1740.

SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [1981].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). Livro de Tombo da Casa da Ponte. CD 4. *Acervo Documental – Coletânea – Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*: Belo Horizonte, 2008 – 5 CD-ROM.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e onomástica. In: SIMPÓSIO NACIONAL, 11 (XI SILEL); Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 1: *Múltiplas perspectivas em linguística*. *Anais...* Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-64KQ9A>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SECRETARIA DE AGRICULTURA. Governo de Minas Gerais. Entregas de Títulos de Regularização FUNDIÁRIA – 2019 – Monte Azul. Disponível em: <http://www.agricultura.mg.gov.br/images/documentos/Entrega%20de%20T%C3%ADTulos%20Monte%20Azul2.pdf>. Acesso em 20 mai. 2022.

SECRETARIA DE AGRICULTURA. Governo de Minas Gerais. Entregas de Títulos de Regularização Fundiária – 2007-2011 - Rio Pardo de Minas. Disponível em: <http://www.agricultura.mg.gov.br/images/documentos/ENTREGAS%20DE%20T%C3%8DTULOS%20DE%20REGULARIZA%C3%87%C3%83O%20FUNDI%C3%81RIA%202007%20A%202011%20-%20RIO%20PARDO%20DE%20MINAS%20-%20Vers%C3%A3o%20ASCOM.pdf>. Acesso em 20 abr. 2022.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813 [1789], 2v.

SILVA, Camila André do Nascimento da; ISQUERDO, Aparecida Negri. Fraseo(topônimos): um estudo de topônimos polilexicais na perspectiva da fraseologia. *Revista do GEL*, São Paulo, v.17, n.2, p. 286-308, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v17i2.2450>.

SILVA, Thiago Luiz Magalhães. *A fronteira fiscal norte da capitania de Minas Gerais, 1720-1765*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas -UFMG, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp099448.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO (SIPA). *Palacete dos Condes da Ponte*. Património Cultural da República Portuguesa. 27 jul. 2011. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4071. Acesso em: 3 jan. 2021.

SOARES, Antonio Joaquim de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954 [1889].

SOARES, Antonio Joaquim de Macedo. *Diccionario brasileiro da lingua portuguesa: elucidário etymologico-critico das palavras e phrases que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontram nos dictionarios da língua portugueza, ou nelles vêm com forma ou significação differente*. 1875-1888. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1889. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=76018>. Acesso em: 8 jul. 2019.

SOUSA, António Caetano. *Memorias historicas, e genealogicas dos grandes de Portugal, que contém a origem, e antiguidade de suas familias: os estados, e os nomes dos que actualmente vivem, suas arvores de costado, as alianças das casas, e os escudos de armas, quelles competem, até o anno de 1754*. 2. imp. Lisboa: Regia Officina Sylviana; Academia real, 1755 [1742]. Disponível em: <https://archive.org/details/memoriashistori01sousgoog/page/n87/mode/2up>. Acesso em: 3 jan. 2021.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004 [1910].

SOUZA, Vander Lúcio. *Nas cacimbas do rio Pardo: um estudo léxico-cultural*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9PEP75/1/tese_vander.unificado.vf20.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUZA, Vander Lúcio de; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Um estudo toponímico na Bacia do Rio Pardo, região Norte de Minas Gerais. *IV SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Goiânia, 2013. (Simpósio), p. 1075-1083. Disponível em: https://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/simposio_22.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DHP7P/1/vanderlucio_souza_diss.pdf. Acesso em 20 abr. 2022.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética; EDUSP, 1994.

STEWART, George Rippey. A Classification of Place Names. *Names: A Journal of Onomastics*. v. 2:1, 1954. p. 1-13. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1179/nam.1954.2.1.1?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). *Regiões econômicas: estado da Bahia*. Salvador: SEI, 2019. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2600:cartografi-a-tematica-regionalizacoes-regioes-economicas&catid=1553&Itemid=661 Acesso em: 10 jan. 2019.

TAVARES, Marineide Cassuci; ISQUERDO, Aparecida Negri. A questão da estrutura morfológica dos topônimos: um estudo na toponímia sul-mato-grossense. *SIGNUM: Estudos de Linguagem*, Londrina, n. 9/2, dez. 2006. p. 273-288.

TEIXEIRA, Cid. As grandes doações do 1º governador. Terras do Rio Vermelho ao Rio Joanes: Conde da Castanheira, Garcia D'Ávila e do Senado da Câmara. In: TEIXEIRA, C. (coord.). *A Grande Salvador. Posse e Uso da Terra*. Coleção Projetos Urbanísticos Integrados. Salvador: Secretaria de Saneamento e Desenvolvimento Urbano-BA, 1978. Capítulo III, p. 23-39.

TEIXEIRA, Paula. *Os Palácios da Junqueira: itinerário de Lisboa*. Agenda Cultural Lisboa, 05/09/2018. Disponível em: <https://www.agendalx.pt/2018/09/05/os-palacios-da-junqueira/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

TELLES, Célia Marques. Documentos escritos no Brasil Colônia: indícios de mudança. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA (on line), 19: P3 *História do Português Brasileiro desde a Europa até a América*. La Paz: ALFAL, 8-13 de agosto de 2021. Conferência, slide 11.

TELLES, Célia Marques. Representação das vogais pretônicas nos Livros do Tombo. In: HORA, D. da; BATTISTI, E.; MONARETTO, V. O. (coord.). *Mudança fônica do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto. v. 3, 2019. p. 226-257. História do Português Brasileiro, coord. geral de Ataliba T. de Castilho.

TELLES, Célia Marques. Paleografia e sociolinguística histórica: a análise grafemático-fonética. In: LOSE, A. D.; SOUZA, A. S. (org.) *Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte; 2018. p. 92-124.

TELLES, Célia Marques. Variantes lexicais ou lapsus calami? *In: ALMEIDA, A. et al. (org.). Saberes lexicais: mundos, mentes e usos.* Salvador: EDUFBA, 2015. p. 53-72.

TELLES, Célia Marques. Léxico e edição semidiplomática. *In: SELLA, A. F. et al. (org.). Pesquisas sobre o léxico: reflexões teóricas e aplicações* Campinas-SP: Pontes Editores, 2012. p. 137-158.

TELLES, Célia Marques. A Chamada lição conservadora na edição de textos. *Scripta Philologica*, Feira de Santana-BA, n. 5. 2009. p. 253-266.

TELLES, Célia Marques. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. *Calidoscópico* (UNISINOS), v. 6, n. 1, jan.-abr. 2008. p. 28-36. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5715/571561889004.pdf>. Acesso em 15 jan. 2021.

TELLES, Célia Marques. Mudanças linguísticas e crítica textual. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 25-26, jan.-dez. 2000. p. 92-119.

TELLES, Célia Marques; CARVALHO, Rosa Borges Santos. O Trabalho filológico: mudança linguística e crítica textual. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 31-32, 2005. p. 76-89.

TELLES, Célia Marques; SOUZA, Risonete Batista de. Marcas pontuacionais nos Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 1, 21 abr. 2017.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1980].

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Um caminho de retorno como base: proposta de normas de transcrição para textos manuscritos do passado. *Travessias Interativas*. São Cristóvão-SE, v. 10, n. 20, p. 192-208, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/13959>. Acesso em: 5 out. 2021.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. A datação e localização dos tipos de escrita: informações relevantes para a crítica textual? *In: LOSE, A.; SOUZA, A. S. de (org.) Paleografia e suas interfaces.* Salvador: Memória & Arte, 2018. p. 294-305.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS (TJMG). *Ação de retificação de área*. Espinosa, 04. Ago. 2014. Disponível em: <https://tj-mg.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/1102365707/77098220128130243-mg/inteiro-teor-1102365757>. Acesso em: 30 mai. 2022.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964 [1962].

VIANNA, Paulo Fernando; SALGADO, Graça. Organização Militar. *In: SALGADO, G. (coord.). Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 97-112.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza*. Porto: Ernesto Chradron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874, 5v.

VIEIRA, Zara Peixoto. O reflexo da memória social na toponímia: o espontâneo e o popular. CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 05, 2001, Rio de Janeiro. *Cadernos...* Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2001. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_13.htm. Acesso em: 15 jun. 2022.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

XIMENES, Expedito Eloísio. *Fraseologias jurídicas: estudo filológico e linguístico do período colonial*. Curitiba: Appris, 2013.

ZAVAGLIA, Claudia. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. *Ciências da Linguagem: o fazer científico*. São Paulo: Mercado da Letras. v.1, 2012. p. 231-264.

ZILBERMAN, Regina. "Minha teoria das edições humanas": *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a poética de Machado de Assis. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice; BORDINI, Maria da Glória; REMÉDIOS., Maria Luiza Ritzel. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004. p. 17-117.

ZILBERMAN, Regina *et al.* Fontes - Porque primárias. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice; BORDINI, Maria da Glória; REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004. p. 11-16.

ZULUAGA, Albert. *La fijación fraseológica*. Thesaurus. Bogotá, 1975. p. 225-248.

APÊNDICE 1 – LOCALIZAÇÃO DOS SIGNOS ONOMÁSTICOS NO MANUSCRITO

Folha	Topônimos	Antropônimos
1r	<p><i>Bahia</i> <i>Capitania de Minas Geraes</i> <i>Certaõ do Rio pardo</i> <i>Districto de Minas novas</i> <i>Provincia da Bahia</i> <i>Villa do Principe do Serro frio</i></p>	<p><i>Pedro Francisco de Castro</i></p>
2r	<p><i>Angicos</i> <i>Santa Anna</i> <i>Santo Antonio</i> <i>Santo Antonio do Carrapato</i> <i>Santo Antonio do pé da Serra</i></p>	<p><i>Carlos Afonço de Sequeira</i> <i>Florencio Fernandes Guimaraes</i> <i>Francisco Xavier da Silva</i> <i>João Teixeira Barboza</i> <i>Jozé dos Santos Cardozo de Almeida</i> <i>Jozé Ribeiro da Cunha</i> <i>Jozé Soares da Silva</i> <i>Manoel de Souza Marques</i> <i>Manoel Dias Corrêa</i> <i>Manoel Ferreira Lima</i> <i>Manoel Nunes de Sequeira</i> <i>Marcello Mendes Cavaleiro</i> <i>Paulo Ribeiro da Cunha</i> <i>Raymundo Carvalho Falcão</i> <i>Roza Maria de Jesus</i></p>
2v	<p><i>Bairro-alto</i> <i>Barreiro</i> <i>Barreiro grande</i> <i>Barreiros</i> <i>Barrinha</i> <i>Boa Sorte</i> <i>Boavista</i> <i>Bomsucesso</i> <i>Boqueiraõ</i> <i>Buraco</i> <i>São Bartolomeo</i></p>	<p><i>Antonio Alvares Martins</i> <i>Antonio Nunes de Sequeira</i> <i>Felis Vieira Barboza</i> <i>Joaquim Alvares Martins</i> <i>Jozé Ferreira Peixoto</i> <i>Jozé Vieira</i> <i>Juliaõ Ribeiro Mosso</i> <i>Leandro de Souza de Medina</i> <i>Manoel Antonio Corrêa de Brito</i> <i>Manoel Gonçalves de Azevedo</i> <i>Manoel Monteiro do Valle</i> <i>Martinho de Carvalho</i> <i>Venancio dos Santos Pereira</i></p>
3r	<p><i>Cachoeira</i> <i>Cachoeirinha</i> <i>Campo alegre</i> <i>Canabraba</i> <i>Capoeira</i> <i>Caza nova</i> <i>Caza velha</i> <i>Cedro</i> <i>Conceição</i> <i>Curralinho e Ingazeira</i> <i>Curuja</i> <i>Santa Cruz</i></p>	<p><i>Alexandre Nicacio de Santa Anna</i> <i>Anna Nazaria de Almeida</i> <i>Anna Victoria da Conceição</i> <i>Bernardo Jozé de Mattos</i> <i>Carlos Alvares das Neves</i> <i>Feliciano Jozé Jorge</i> <i>Jozé Ignacio de Almeida</i> <i>Jozefa Maria da Conceição</i> <i>Manoel Antonio de Avelar</i> <i>Manoel Gonçalves Machado</i> <i>Maria Francisca de Sequeira</i> <i>Thomás de Aquino de Carvalho</i> <i>Vicencia Nunes de Sequeira</i></p>
3v	<p><i>Dourados</i> <i>Espirito Santo</i> <i>Gameleira</i></p>	<p><i>Antonio Gil Barboza</i> <i>Clemencia Dionizia Gomes</i> <i>Francisco de Souza Meira</i></p>

Folha	Topônimos	Antropônimos
3v	<i>São Domingos</i> <i>São Gonçalo</i>	<i>Lourenço Barboza Crasto</i> <i>Manoel Gonçalves Chaves</i> <i>Manoel Joaõ Corrêa</i>
4r	<i>Ilha</i> <i>Ilha grande</i> <i>Jacoipe</i> <i>Jacoré</i> <i>Jahiva</i> <i>Jatobá, ou Curuja</i> <i>Juazeiro</i> <i>São Jozé</i>	<i>Custodio da Costa Meira</i> <i>Izidoro Cardozo da Silva</i> <i>Joanna Pinto da Rocha</i> <i>Joaõ Fernande Ribeiro</i> <i>Joaõ Fernandes Guimaraes</i> <i>Jozé da Costa Teixeira</i> <i>Manoel de Barros Ribeiro</i> <i>Maximiano Ferreira da Silva</i> <i>Ritta Jozéfa Brandaõ</i> <i>Valerio da Costa Ramos</i>
4v	<i>Lençoes</i> <i>Martires</i> <i>Montes altos</i> <i>Morrinhos</i> <i>Nossa Senhora do Livramento</i>	<i>Antonio de Freitas de Faria</i> <i>Antonio Moreira Parafita</i> <i>Joaõ de Araujo Moreira</i> <i>Joaõ Soares Barbalho</i> <i>Manoel Francisco Lopes</i> <i>Roza Maria da Conceiçam</i>
5r	<i>Pajahú</i> <i>Páo alto</i> <i>Páos pretos</i> <i>Passage da raiz</i> <i>Passage do meio</i> <i>Passage dos Cavalos</i> <i>Pedras</i> <i>Pedras, ou Saõ Joaõ</i> <i>Piranhas</i> <i>Porteira velha</i> <i>São Pedro</i>	<i>Ant(oni)o Pinto de Almeida</i> <i>Antonio Fernandes Guimaraes</i> <i>Antonio Ferreira de Souza</i> <i>Diogo Machado de Meireles</i> <i>Feliciano Jozé Jorge</i> <i>Florencio Fernandes Guimaraes</i> <i>Francisco Alvares Martins</i> <i>Ignacio Jozé de Souza</i> <i>Jeronymo Pereira da Costa</i> <i>Joaõ de Araujo Moreira</i> <i>José Francisco de Oliveira</i> <i>Jozé Pereira dos Santos</i> <i>Manoel Borges de Carvalho</i> <i>Manoel Jozé Calado</i>
5v	<i>(Terras desmembradas do) Jacoipe</i> <i>(Terras sobras do) Jacoipe</i> <i>Riacho abaixo</i> <i>Riacho secco</i> <i>Rio de São João</i> <i>Rio verde</i> <i>Sacco</i> <i>Salto</i> <i>Tabocal</i> <i>Trombeteiro</i>	<i>Antonio de Freitas de Faria</i> <i>Antonio de Macedo Portugal</i> <i>Antonio Ferreira de Souza</i> <i>Antonio Francisco Figueira</i> <i>Bernardo Gomes Negrão</i> <i>Francisco Ribeiro da Rocha</i> <i>Jozé da Silva Moreira</i> <i>Julião Gomes Pereira</i> <i>Manoel Luis Ferreira de Mello</i> <i>Roberto Fernandes Jácome</i>
6r	<i>Taboleiro</i> <i>Tapera</i> <i>Tapera e Guará</i> <i>Vaqueijador novo</i> <i>Vaqueijadouro novo</i> <i>Vareda</i> <i>Vareda do Trassadal</i> <i>Vareda dos Bois</i> <i>Vargem da Cachoeira</i> <i>Vargem da faca</i> <i>Vargem da Onça</i>	<i>André da Costa</i> <i>Antonio de Freitas da Silva</i> <i>Antonio Fernandes Ribas</i> <i>Antonio Jozé Paim</i> <i>Cypriano Ferreira da Silva</i> <i>Diogo Machado de Meireles</i> <i>Domingos Afonso</i> <i>Domingos Francisco Rodrigues</i> <i>Joaquim Alvares Pereira</i> <i>Jozé Cyriaco Vaz da Costa</i> <i>Jozé Ledo da Ponte</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
6r	<i>Vargem fermoza</i> <i>Vargem redonda</i> <i>Varginha de cima</i> <i>Varginha do mandacarú</i>	<i>Lourenço Afonso de Sequeira</i> <i>Manoel Gonçalves Chaves</i> <i>Pedro de Souza Ferreira</i> <i>Vicencia Nunes de Sequeira</i> <i>Vicente Ferreira dos Santos</i>
8r	<i>Bahia</i>	<i>Castro</i>
11r	<i>Caitité</i> <i>Certaõ do Rio pardo</i> <i>Districto de Minas novas</i> <i>Fazenda da Itabiraba</i> <i>Riacho da porteira</i> <i>Riacho da Vadiação</i> <i>Rio pardo</i> <i>Sacco grande</i> <i>São João do Paraizo</i> <i>Sítio das Pedras, ou Saõ Joaõ</i> <i>Sítio do Sacco</i> <i>Tapera</i> <i>Urubú</i>	<i>Antonio Francisco Figueira</i> <i>Ignacio Jozé de Souza</i> <i>Joaquim Gonçalves Quaresma</i>
11v	<i>Cabeceira da Vareda do Sigano</i> <i>Cabeceira do Rio secco</i> <i>Cachoeira do Rio pardo</i> <i>Fazenda da Ilha</i> <i>Fazenda de Santa Ritta</i> <i>Fexo da Serra</i> <i>Furado dos Imbús</i> <i>Riacho Secco</i> <i>Rio pardo</i> <i>São João</i> <i>Sítio da Gameleira</i>	<i>Antonio Francisco Figueira</i> <i>Antonio Gonçalves Barboza</i> <i>Crioulo Ignacio</i> <i>Leandro de Souza de [†]ina</i> <i>Nicolao [†] Franco</i>
12r	<i>Cabeça do Riacho da Vadiação</i> <i>Fazenda da Serra</i> <i>Fexo da Lagôa dos patos</i> <i>Morro agudo</i> <i>Morro do Jualtar</i> <i>Passage do Medonha</i> <i>Porteira</i> <i>Rio pardo</i> <i>São Joaõ</i> <i>Sítio da Ilha</i> <i>Vareda çuja</i>	<i>Joanna Pinto da Rocha</i> <i>Jozé Francisco de Oliveira</i>
12v	<i>Morro agudo</i> <i>Morro do Jualtar</i> <i>Porteira</i> <i>Riacho da Vadiação</i> <i>Rio pardo</i> <i>Sítio da Pedra</i> <i>Sítio de Saõ Joaõ</i> <i>Sítio Jatobá, ou Curuja</i> <i>Sítio Vareda do Trassadal</i> <i>Tapera</i>	<i>Antonio Jozé Paim</i> <i>Joaquim Gonçalves Quaresma</i> <i>Jozé Joaquim da Silva</i> <i>Manoel de Barros Ribeiro</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
13r	<p><i>Barra da Vareda dos Bois</i> <i>Cabeceira da Vareda do Sigano</i> <i>Cabeceira do Gaviaõ</i> <i>Cabeceira do Riacho Mocambo</i> <i>Cachoeira do Rio pardo</i> <i>Curuja velha</i> <i>Larangeiras</i> <i>Rio de Saõ Joaõ</i> <i>Rio Pardo</i> <i>Sítio do Sacco</i> <i>Sítio dos Pãos pretos</i> <i>Tapera</i></p>	<p><i>Diogo Machado de Meireles</i> <i>Jozé Joaquim da Silva</i></p>
13v	<p><i>Barra do Riacho da Mumbuca</i> <i>Barra do Riacho Forquilha</i> <i>Cabeceira do Riacho Curral Velho</i> <i>Canto da Vargem</i> <i>Riacho da Mumbuca</i> <i>Riacho do Pasto dos Cavallos</i> <i>Serra Nova</i> <i>Sítio de Nossa Senhora do Livramento</i> <i>Sítio de São Gonçalo</i></p>	<p><i>Antonio de Freitas de Faria</i> <i>Manoel Gonçalves Chaves</i></p>
14r	<p><i>Barra da Vareda</i> <i>Barra do Riacho de Saõ Pedro</i> <i>Lagõa Secca</i> <i>Riacho Curral Velho</i> <i>Rio de Saõ Joaõ</i> <i>Sítio de Saõ Pedro</i> <i>Sítio do Rio de Saõ Joã</i> <i>Vareda de Santa Maria</i></p>	<p><i>Antonio de Freitas de Faria</i> <i>Antonio Pinto de Almeida</i> <i>Felis Barboza</i></p>
14v	<p><i>Barra da Taboquinha</i> <i>Barra da Vareda dos Bois</i> <i>Cabeceira do Riacho Maravilha</i> <i>Passagem velha</i> <i>São Joao do Paraizo</i> <i>Sítio da Boa Sorte</i> <i>Sítio da Vareda dos Bois</i></p>	<p><i>Diogo Machado de Meireles</i> <i>Felis Vieira Barboza</i></p>
15r	<p><i>Redonda</i> <i>Riacho da Pascoa</i> <i>Rio do Gurutuba</i> <i>Rio do Pacui</i> <i>Rio Verde Grande</i> <i>São Joaõ</i> <i>Sítio da Vareda</i> <i>Sítio de Saõ Gonçalo</i> <i>Sítio de Saõ Pedro</i> <i>Sítio do Mosquito</i> <i>Sítio dos Angicos</i></p>	<p><i>Manoel Gonçalves Chaves</i> <i>Marcelo Mendes Cavaleiro</i></p>
15v	<p><i>Canabraba</i> <i>Catinga do Jacari Grande</i> <i>Catingas do Rio Verde</i> <i>Rio do Pacui</i> <i>Rio Gurutuba</i> <i>Rio Verde Grande</i> <i>Sítio do Juazeiro</i></p>	<p><i>Marcelo Mendes Cavaleiro</i> <i>Ritta Jozefa Brandaõ</i></p>

Folha	Topônimos	Antropônimos
15v	<i>Sítio dos Angicos</i> <i>Sítio dos Martires</i>	
16r	Página ausente	
16v	Página ausente	
17r	<i>Barrigudas de Baixo</i> <i>Boca da Catinga</i> <i>Brejo dos Martires</i> <i>Cabeça do Boi</i> <i>Pé do Morro</i> <i>Rio Verde Grande</i> <i>Sítio da Barrinha</i> <i>Sítio da Canabraba</i> <i>Sítio das Piranhas</i> <i>Sítio Gurutuba</i> <i>Sítio dos Martires</i> <i>Sítio dos Morrinhos</i> <i>Varedeira do Jundiáhi</i>	<i>Joaquim de Araujo Moreira</i> <i>Joaquim de Figueiredo Mascarenhas</i> <i>Joaquim Felipe de Souza Tiago</i> <i>Joaquim Pereira de Castro</i> <i>José Botelho de Andrade</i> <i>José da Silva Moreira</i> <i>Wencesláo Alvares</i>
17v	<i>Barreiro do Páo Preto</i> <i>Cabeça do Boi</i> <i>Cerca da Ilha</i> <i>Furado do Irarapí</i> <i>Furado do Sucuruiú</i> <i>Rio Sucuruiú</i> <i>Rio Verde Grande</i> <i>Rossa de Baixo</i> <i>Sítio da Conceição</i> <i>Sítio da Ilha</i> <i>Sítio do Sacco</i> <i>Sítio do Salto</i> <i>Sítio do Santo Antonio</i> <i>Sítio dos Morrinhos</i>	<i>Anna Nazaria de Almeida</i> <i>José da Silva Moreira</i>
18r	<i>Barreiro da Barriguda</i> <i>Barreiro do Páo Preto</i> <i>Brejo do Páo Preto</i> <i>Rio Verde Grande</i> <i>Sítio da Conceição</i> <i>Sítio da Ilha</i> <i>Sítio de Santo Antonio</i> <i>Sítio do Curralinho e Ingazeira</i> <i>Sítio dos Morrinhos</i>	<i>Carlos Alvares das Neves</i> <i>José dos Santos Cardozo de Almeida</i>
18v	<i>Barreiro de Santo Antonio</i> <i>Fazenda da Barriguda</i> <i>Fazenda das Aguilhadas</i> <i>Lagôa da Tabúa</i> <i>Porteira do Arial</i> <i>Riacho Secco</i> <i>Sítio da Barrinha</i> <i>Sítio da Canabraba</i> <i>Sítio da Ingazeira</i> <i>Sítio da Piedade</i> <i>Sítio das Mamonas</i> <i>Sítio das Piranhas</i> <i>Sítio dos Morrinhos</i>	<i>Jozefa Maria da Conceição</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
19r	<p><i>Barra do Riacho do Mocambo</i> <i>Cabeceira da Taboquinha</i> <i>Cabeceira da Vareda do Brejo</i> <i>Fazenda de São João</i> <i>Riacho Capoeira</i> <i>Riacho de São Pedro</i> <i>Riacho Secco Grande</i> <i>Rio de São João</i> <i>Sítio da Capoeira</i> <i>Sítio de São Pedro</i> <i>Sítio dos Páos Pretos</i> <i>Sítio Vareda do Barreiro</i></p>	<p><i>Antonio Pinto de Almeida</i> <i>Feliciano Jozé Jorge</i> <i>Joaquim Ferreira da Silva</i></p>
19v	<p><i>Barra do Riacho Secco</i> <i>Duas Barras</i> <i>Fazenda da Lagôa do Coelho</i> <i>Passage da Raiz</i> <i>Passage do Murici</i> <i>Riacho da Capoeira</i> <i>Riacho de Capim Pubo</i> <i>Riacho Secco Grande</i> <i>Rio da Capoeira</i> <i>Serra Geral</i> <i>Sítio da Passage do Meio</i> <i>Sítio das Duas Barras</i> <i>Sítio do Pé da Serra</i></p>	<p><i>Feliciano Jozé Jorge</i> <i>Manoel do Espirito Santo</i> <i>Mathias Soares Barbalho</i></p>
20r	<p><i>Fazenda do Pacui</i> <i>Morrinho das Vargens</i> <i>Morrinho do Campo Largo</i> <i>Passage das Contendas</i> <i>Passage do Meio</i> <i>Riacho da Laranjeira</i> <i>Riacho Secco</i> <i>Rio da Capoeira</i> <i>Sítio da Gameleira</i> <i>Sítio da Ilha Grande</i> <i>Sítio da Malhada Grande</i> <i>Sítio das Duas Barras</i> <i>Sítio de Encantado</i> <i>Sítio Jacoipe</i></p>	<p><i>Custodio da Costa Moreira</i></p>
20v	<p><i>Porteira</i> <i>Riacho da Canabraba</i> <i>Riacho Tabocal</i> <i>Serra Gineta</i> <i>Sítio da Canabraba</i> <i>Sítio de Bom Sucesso</i> <i>Sítio Buraco</i> <i>Sítio Tabocal</i></p>	<p><i>Ignacio [†]</i> <i>Manoel Gil</i> <i>Manoel Luis Ferreira de Mello</i> <i>Martinho de Carvalho</i></p>
21r	<p><i>Riacho Bonito</i> <i>Riacho Quente</i> <i>Rio Canabraba</i> <i>Salto do Aulista</i> <i>Serra Geral</i> <i>Sítio do Jacoipe</i></p>	<p><i>Bernardo Gomes Negrão</i> <i>Roberto Fernandes Jácome</i></p>

Folha	Topônimos	Antropônimos
21v	<i>Barra do Santo Antonio Barra do Sumidouro Fazenda Santo Antonio do Carrapato Riacho Bonito Riacho das Inhumas Riacho Quente Riacho Secco Serra Geral Sítio do Carrapato Sítio do Pajahú Sítio Santo Antonio do Carrapato</i>	<i>João Rodrigues Salomão Leandro Simoens de Oliveira Luiz Gonçalves Vianna Manoel de Souza Marques Pedro Ribeiro Lopes</i>
22r	<i>Altos das Geraes Rio das Inhumas Serra do Piripiri Sítio Caza Velha Tapera</i>	<i>Antonio Nunes de Sequeira Cypriano Nunes de Sequeira Manoel de Saldanha Manoel Gonçalves Machado Pedro Ribeiro Lopes</i>
22v	<i>Barreiro Passage da Barra Rio Verde Sítio Barreiro Sítio Boavista Sítio Vargem da Onça</i>	<i>Antonio Alvares Martins Antonio Nunes de Sequeira Domingos Afonso Juliaõ Ribeiro Mosso Manoel Antonio de Avila</i>
23r	<i>Passage da Pedra Rio do Bom Successo Rio Verde Serra Sítio da Vargem da Cachoeira Sítio de Santa Anna Vargem Vargem do Curral</i>	<i>Antonio de Mello Antonio Fernandes de Santa Anna Domingos Francisco Rodrigues Joaõ Soares Roza Maria de Jesus Tereza Nunes de Sequeira Theodoro Gonçalves de Serqueira</i>
23v	<i>Passage Velha Rio da Capa Rio Verde Sítio Boavista Sítio Caza Nova</i>	<i>Antonio Alvares Martins Domingos Francisco Rodrigues Manoel Affonso de Serqueira Manoel Antonio de Avelar Theodoro Gonçalves de Serqueira</i>
24r	<i>Barreiro Rio Verde Sítio da Gameleira</i>	<i>Antonio Alvares Martins e Mello Manoel Antonio de Avelar Manoel Joaõ Corrêa Ritta Nunes de Sequeira Tereza Maria de Jesus</i>
24v	<i>Canto do Pôssô de Pay Paulo Fazenda da Lagôa do Coelho Lagedo Grande Serra Geral Sítio Boavista Sítio de Santa Anna</i>	<i>Antonio Nunes de Sequeira Domingos Afonso Joaõ Soares da Silva Jozé Soares da Silva Manoel Gonçalves Vitorino</i>
25r	<i>Alto do Lagedo da Lagoa Barra do Riacho da Canabraba Canto da Rossa Pôssô do Felis Riacho do Cedro Rio Verde Sítio Varginha Acima</i>	<i>Antonio de Freitas da Silva Cypriano Nunes de Sequeira Domingos Afonso Matheus Francisco da Silveira Pedro de Souza Ferreira Tereza Maria de Jesus Vicencio Nunes de Sequeira Vicente Ferreira</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
25v	<i>Rio da Barra</i> <i>Rio Verde</i> <i>Sítio Bairro-alto</i> <i>Sítio da Tapera</i> <i>Sítio da Vargem Redonda</i> <i>Sítio Porteira velha</i> <i>Sítio Rio Verde</i>	<i>Antonio de Freitas da Silva</i> <i>Francisco Alvares Martins</i> <i>Jozé Vieira</i> <i>Juliaõ Gomes Pereira</i> <i>Juliaõ Rodrigues Mosso</i> <i>Theodoro Gonçalves de Sirqueira</i>
26r	<i>Areiaõ da Gameleira</i> <i>Rio Verde</i> <i>Sítio Varginha de Cima</i> <i>Sítio do Cedro</i> <i>Sítio do Impossível</i>	<i>Alexandre Nicacio de Santa Anna</i> <i>Cypriano Nunes de Sequeira</i> <i>Joaõ Soares</i> <i>Joaquim de Souza Barboza</i> <i>Jozé Zacarias Quaresma</i> <i>Juliaõ Gomes Pereira</i> <i>Pedro de Souza Ferreira</i> <i>Vicencia Nunes de Sequeira</i>
26v	<i>Caldeiraõ da Lagôa</i> <i>Lagedo Grande</i> <i>Riacho do Cedro</i> <i>Serra Geral</i> <i>Sítio da Boavista</i> <i>Sítio da Capa</i> <i>Sítio da Lagôa do Coelho</i> <i>Sítio de Santa Cruz</i> <i>Sítio do Cedro</i> <i>Vargem Funda</i> <i>Varginha da Extrema</i>	<i>Joaõ Amaro</i> <i>Joaõ Soares</i> <i>Joaquim Jozé de Santa Anna</i> <i>Jozé Zacarias</i> <i>Pedro de Souza Ferreira</i> <i>Placido Barboza</i> <i>Vicencia Nunes de Sequeira</i> <i>Vicente Ferreira dos Santos</i>
27r	<i>Alto da Caldeira Grande</i> <i>Riachaõ</i> <i>Rio Verde</i> <i>Sangrador da Vargem Comprida</i> <i>Sítio da Cachoeira</i> <i>Sítio Vargem da Faca</i> <i>Vargem do Rio</i>	<i>Antonio de Freitas da Silva</i> <i>Antonio Francisco Ribas</i> <i>Francisco Ribeiro da Cunha</i> <i>Jozé Gonçalves Vieira</i> <i>Leandro Jozé de Queirós</i> <i>Maria Francisca de Sequeira</i> <i>Raimundo Affonso de Serqueira</i>
27v	<i>Passage da Barra</i> <i>Pedrinhas</i> <i>Rio Verde</i> <i>Rossa Velha</i> <i>Sítio de Santa Anna</i> <i>Sítio Vaqueijadoro Novo</i> <i>Varginha</i>	<i>Carlos Afonço</i> <i>Carlos Afonço de Sequeira</i> <i>Jozé Ciryaco Vaz da Costa</i> <i>Juliaõ Ribeiro Mosso</i> <i>Lourenço Afonço de Sequeira</i> <i>Vicencia Nunes de Sequeira</i>
28r	<i>Curral Falso</i> <i>Lenções</i> <i>Moleque</i> <i>Passagem das Pedras</i> <i>Riachão do Bomsucesso</i> <i>Rio do Bom Sucesso</i> <i>Rio Verde</i> <i>Sangrador da Cachoeira</i> <i>Sítio Tapera</i> <i>Sítio Trombeteiro</i>	<i>Francisco Alvares</i> <i>Francisco Ribas da Rocha</i> <i>Joaõ Soares Barbalho</i> <i>Lourenço Afonço de Sequeira</i> <i>Manoel Tavares dos Anjos</i> <i>Salvador Ferreira dos Santos</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
28v	<i>Alto da Malhadinha Barra do Bomsucesso Feixo da Lagôa Morrinho da Ladeira Passage de Limoeiro Rio Verde Sítio de Santa Anna Varginha</i>	<i>Carlos Afonso de Sequeira Francisca Afonso de Sequeira Francisco Caetano José Nicoláo de Tolentino Lourenço Barboza Manoel Nunes de Sequeira Rio Verde Sítio de Santa Anna</i>
29r	<i>Barra do Curral Falso Caminho da Ladeira Lençoes Malhadinha Passage do Limoeiro Altos de Rio Verde Sítio da lagôa Sítio de Santa Anna Vargem Redonda</i>	<i>Carlos Afonso de Sequeira Francisco Ribeiro José Ledo da Ponte Manoel Nunes</i>
29v	<i>Alto do Lagedo Bom Sucesso Curral da Pedra Passage do Limoeiro Rio do Sucesso Rio Verde Serra Sítio Vargem Redonda Vargem da Sussuarana Vargem do Curral da Pedra</i>	<i>Carlos Afonso José Ledo da Ponte Lourenço Afonso Maria Leda da Ponte Roza Maria</i>
30r	<i>Passage Bebedor dos Cavallos Chapada de São Joaquim Passage do Tabuleiro Riacho da Lagôa Sítio dos Lençoes Sítio Tabuleiro</i>	<i>Antonio Francisco Ribas Manoel Ribeiro da Cunha Thomás Soares Barbalho</i>
30v	<i>Barra do Riacho Secco Cachoeira Grande Fazenda das Mamonas Fazenda dos Dourados Lagoa dos Patos Passagem das Pedras Riacho do Bomsucesso Rio dos Lençoes Serra do Brejo Sítio de Santa Anna Sítio do Tabuleiro Vargem Çuja Vargem do Galheiro Vargem dos Lençoes Vargem Negra</i>	<i>Francisco de Souza Meira Francisco Xavier da Silva Lourenço Barboza Manoel Ribeiro da Cunha</i>
31r	<i>Barra do Riacho Secco Riacho das Mamonas Riacho do Bomsucesso Riacho dos Lençoes Riacho Secco</i>	<i>Manoel Ferreira Lima Paulo Ribeiro da Cunha</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
31r	<i>Rio dos Lençoes</i> <i>Sítio de Santa Anna</i> <i>Vargem Çuja</i> <i>Vargem do Mandacarú</i>	
31v	<i>Alto da Cachoeira</i> <i>Barreiro de Saõ Pedro</i> <i>Estreito Macacos</i> <i>Fazenda dos Dourados</i> <i>Riacho da Vargem de Dentro</i> <i>Rio dos Lençoes</i> <i>Santo Antonio</i> <i>Sítio da Varginha do Mandacarú</i> <i>Sítio de Santa Anna</i> <i>Sítio dos Lencoes</i> <i>Vargem Secca</i> <i>Varginha do Mandacarú</i>	<i>Bernardo Antonio de Figueiredo</i> <i>Cypriano Ferreira as Silva</i> <i>Joao Soares Barbalho</i> <i>Lourenço Barboza</i> <i>Manoel Ferreira Lima</i>
32r	<i>Barra do Riacho da Lagôa</i> <i>Passage do Taboleiro</i> <i>Riacho dos Lençoes</i> <i>Sítio de Santa Anna</i> <i>Sítio de São Domingos</i> <i>Sítio do Taboleiro</i> <i>Varginha</i>	<i>Antonio Fernandes Ribas</i> <i>Manoel Ferreira</i> <i>Manoel Nunes</i> <i>Paulo Ribeiro da Cunha</i> <i>Raymundo Carvalho Falcao</i>
32v	<i>Barreiro de Saõ Pedro</i> <i>Fazenda dos Dourados</i> <i>Passage do Mingú</i> <i>Passage do Taboleiro</i> <i>Ponta da Cachoeira</i> <i>Ponta do Morrinho</i> <i>Riacho da Lagôa</i> <i>Riacho de Saõ Pedro</i> <i>Riacho dos Lençoes</i> <i>Sítio de São Domingos</i> <i>Sítio de Saõ Pedro</i> <i>Sítio do Taboleiro</i>	<i>Antonio Fernandes Ribas</i> <i>Jozé Ribeiro da Cunha</i> <i>Lourenço Barboza Castro</i> <i>Manoel Fernandes Guimaraes</i> <i>Paulo Ribeiro da Cunha</i> <i>Raymundo Carvalho Falcao</i> <i>Vasco Antunes de Serqueira</i>
33r	<i>Barra do Riacho do Felipe</i> <i>Cabeceira da Lagôa</i> <i>Passage do Mingú</i> <i>Riacho de Saõ Pedro</i> <i>Riacho dos Lençoes</i> <i>Riacho Secco</i> <i>Serra Geral</i> <i>Sítio da Tabûa</i> <i>Sítio Riacho Secco</i> <i>Sítio do Taboleiro</i>	<i>Antonio de Macedo Portugal</i> <i>Antonio Fernandes Ribas</i> <i>Maria Rozaria</i> <i>Raymundo de Carvalho</i>
33v	<i>Barreiro Preto</i> <i>Cabeceiras do Riacho das Larangeiras</i> <i>Passage das Contendas</i> <i>Riachinho d'Agoa Branca (corgo)</i> <i>Riacho Secco</i> <i>Barreiro Preto</i> <i>Cabeceiras do Riacho das Larangeiras</i> <i>Passage das Contendas</i> <i>Riachinho d'Agoa Branca (corgo)</i>	<i>Joaõ Fernandes Ribeiro</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
33v	<i>Riacho Secco</i> <i>Serra Geral</i> <i>Sítio da Gameleira</i> <i>Sítio da Ilha Grande</i> <i>Sítio da Malhada Grande</i> <i>Sítio do Encantado</i> <i>Sítio do Paqué</i>	
34r	<i>Morro da Canabraba</i> <i>Ponta de Riba do Possaõ</i> <i>Riacho da Canabraba</i> <i>Riacho Quente</i> <i>Sítio de Santa Anna</i> <i>Sítio do Jacoipe</i> <i>Sítio do Pajahú</i>	<i>Joao Fernandes Guimaraes</i> <i>Manoel Dias Corrêa</i> <i>Manoel Luis Ferreira</i>
34v	<i>Barreiro da Fava</i> <i>Cachoeira Grande</i> <i>Morro do Mocó</i> <i>Paramirim</i> <i>Riacho Bomsucesso</i> <i>Riacho Secco</i> <i>Sítio da Santa Cruz e Espirito Santo</i> <i>Sítio das Mamonas</i> <i>Sítio do Bom Sucesso</i> <i>Sítio do Riacho Abaixo</i> <i>Sítio do Taboleiro</i>	<i>Anna Maria de Brito</i> <i>Anna Victoria da Conceição</i> <i>Francisco de Souza Meira</i> <i>Francisco Xavier da Silva</i> <i>Manoel Dias Corrêa</i>
35r	<i>Barra do Riacho Seco</i> <i>Riacho de São Pedro</i> <i>Sítio da Barrinha</i> <i>Sítio de São Pedro</i> <i>Sítio do Tremedal</i>	<i>Antonio Fernandes Guimaraes</i> <i>Lourenço Barboza</i> <i>Maria Ribeiro</i> <i>Vasco Antunes de Serqueira</i>
35v	<i>Curral Velho das Queimadas</i> <i>Fazenda da Amburana</i> <i>Fazenda dos Morrinhos</i> <i>Passage do Páo Preto</i> <i>Rio Verde Grande</i> <i>Rio Verde Pequeno</i> <i>Sítio do Mocambo</i>	<i>Izabel Correia do Amaral</i> <i>Joao de Araujo Moreira</i> <i>Jozé Ferreira Peixoto</i> <i>Simao Moreira</i>
36r	<i>Barra do Riacho Secco / Volta</i> <i>Cachoeira Grande</i> <i>Morro da Fava</i> <i>Morro do Mocó</i> <i>Serra Gineta</i> <i>Sítio de Santa Cruz</i> <i>Sítio do Bom Sucesso</i> <i>Sítio Riacho Abaixo</i> <i>Sítio do Tremedal</i> <i>Sítio Santo Antonio do Pé de Serra</i>	<i>Antonio Ferreira de Souza</i> <i>Bernardo</i> <i>Florencio Fernandes Guimaraes</i> <i>Francisco Xavier da Silva</i> <i>Manoel Dias Corrêa</i>
36v	<i>Riacho dos Lençoes</i> <i>Riacho Secco</i> <i>Sítio do Jacoré</i>	<i>Antonio Fernandes Ribeiro</i> <i>Cypriano Ferreira da Silva</i> <i>Izidoro Cardoso da Silva</i> <i>Jose Nicolao de Tolentino</i> <i>Manoel Nunes de Sequeira</i> <i>Rita Nunes</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
37r	<p>Lagoinha Morro da Canabrava Riacho do Boqueirão Riacho Quente Serra Geral Sítio Boqueirao do Parreira Sítio do Jacoipe Sítio do Pajahú Sítio do Tremedal Sítio Passage dos Cavalos</p>	<p>Antonio Ferreira de Souza Bernardo Gomes Negrão Francisco Fernandes Guimaraes Joao Fernandes Ribeiro Jozé Pereira dos Santos</p>
37v	<p>Alto do Carrasco Barra do Breginho do Rossado Cabeceiras do Riacho da Cobra Fazenda das Aguolhadas Fazenda do Pajahú Morro do Condihuba Passage de Mathias Peixoto Passage dos Cavallos Riacho de Saõ Joaõ Sítio de São Jozé</p>	<p>Jozé da Costa Teixeira</p>
38r	<p>Agoa Verde Alto da Terra Vermelha Boca do Vaqueijador Caititú Capoeiras da lagoinha Serra Geral Sítio da Tabûa Sítio do Boqueirão Sítio do Espinho Sítio Montes Altos Vareda de Nossa Senhora Vareda do Jatobá Vargem das Pedras</p>	<p>Manoel Francisco Lopes Roza Maria da Conceição</p>
38v	<p>Laranjeiras Riacho de Saõ Pedro Rio de Saõ Joaõ Sítio Curuja Sítio de São Pedro</p>	<p>Jeronymo Pereira da Costa Jozé Ignacio de Almeida Manoel de Barros</p>
39r	<p>Barra do Riacho da Maravilha Cabeceira do Gavião Fazenda da Bem Posta Larangeira Riacho do Boqueiraõ Rio Maravilha Rio Pardo Sítio das Contendas Sítio do Boqueiraõ</p>	<p>Constantino Dias do Valle Manoel de Barros Manoel Gonçalves de Abreo</p>
39v	<p>Alto da Imbaubeira Alto do Tamanduá Alto da Lagôa do Barro Barra do Riacho do Jatahi Riacho Lagôa do Barro Sítio do Boqueiraõ Sítio do Papaterra</p>	<p>Anna Maria Constantino Dias do Valle Feliciano Alvares da Silva Manoel Monteiro do Valle</p>

Folha	Topônimos	Antropônimos
39v	<i>Sítio do Tabuleiro Grande</i> <i>Veio do Sangrador</i>	
40r	<i>Boqueirão</i> <i>Cabeceira da Tapera</i> <i>Christaes</i> <i>Feixo do Morro</i> <i>Larangeira Velha</i> <i>Malhadinha</i> <i>Morro Redondo</i> <i>Passage Velha do Brejo</i> <i>Sítio Piripiri</i> <i>Sítio Tapera e Guará</i> <i>Vareda do Mandacaru</i>	<i>Agostinho Gonçalves</i> <i>André da Costa</i> <i>Joaquim da Costa Valle</i> <i>Jozé Gonçalves</i> <i>Manoel de Souza Marques</i> <i>Manoel Jozé dos Santos</i>
40v	<i>Alto da Serra</i> <i>Alto do Imbirussú</i> <i>Altos da Lagoa do Moleque</i> <i>Baixa dos Imbuzeiros</i> <i>Cabeceira da Caruara</i> <i>Campinho</i> <i>Morro do Olho d'Agoa do Jatobá</i> <i>Queimada Velha das Lages</i> <i>Sítio Vaqueijador Novo</i> <i>Terra Vermelha</i> <i>Vareda do Caximbo</i>	<i>Capitão Estevão</i> <i>Capitão Modesto</i> <i>Constantino Dias</i> <i>Feliciano Alvares</i> <i>Jozé Cyriaco Vaz da Costa</i>
41r	<i>Barra do Riacho do Ouro</i> <i>Riacho Fundo</i> <i>Sítio da Capa</i> <i>Sítio do Cedro</i> <i>Vargem Funda</i>	<i>Alexandre Nicacio de Santa Anna</i> <i>Carlos Afonso de Sequeira</i> <i>Jozé Cyriaco Vaz da Costa</i> <i>Leandro Jozé de Queirós</i> <i>Vicencia Nunes de Sequeira</i>
41v	<i>Caminho dos Lençoes</i> <i>Encruzilhada da Vargem</i> <i>Rio do Sucesso</i> <i>Sítio de Santa Anna</i>	<i>Francisco Ribeiro da Rocha</i> <i>Joao Teixeira Barboza</i> <i>Joze Nicolao de Tolentino</i> <i>Manoel Nunes de Sequeira</i>
42r	<i>Barra do Bom Sucesso</i> <i>Barra do Sangrador</i> <i>Mulungú</i> <i>Passage das Pedras</i> <i>Rio Bom Sucesso</i> <i>Rio dos Lençoes</i> <i>Sangrador</i> <i>Sítio da Cachoeirinha</i> <i>Sítio da Ilha</i> <i>Sítio da Porteira Velha</i> <i>Sítio da Tapera</i> <i>Sítio dos Lençoes</i>	<i>Francisco Alvares Martins</i> <i>Jozé Soares</i> <i>Lourenço Afonso</i> <i>Thomás de Aquino de Carvalho</i> <i>Valerio da Costa Ramos</i>
42v	<i>Riacho de São Pedro</i> <i>Sítio de São Pedro</i> <i>Sítio Passage da Raiz</i>	<i>Florencio Fernandes Guimaraes</i> <i>Manoel Jozé Calado</i> <i>Maria Ribeiro da Conceição</i>
43r	<i>Riacho da Volta</i> <i>Serra Gineta</i> <i>Sítio Barreiro Grande</i> <i>Sítio do Bom Sucesso</i> <i>Sítio do Tremedal</i>	<i>Joaquim Alvares Martins</i>

Folha	Topônimos	Antropônimos
43v	<p><i>Barreiro do Matto</i> <i>Brejo Velho</i> <i>Cachoeira Grande do Riacho secco</i> <i>Riacho d'Agoa</i> <i>Rio Verde Grande</i> <i>Sangrador de Carvalho</i> <i>Serra da Jahiva</i> <i>Serra do Encantado</i> <i>Serra Gineta</i> <i>Sítio Barreiro</i> <i>Sítio da Cruz</i> <i>Sítio do Bom Sucesso</i> <i>Vargem da Catita</i></p>	<p><i>Anna Victoria</i> <i>Francisco Xavier da Silva</i> <i>Manoel Antonio Corrêa de Brito</i> <i>Venancio dos Santos Pereira</i></p>
44r	<p><i>Barreiro</i> <i>Morro do Condiuba</i> <i>Sítio Campo Alegre</i> <i>Sítio da Mandacaia</i> <i>Sítio de São Jozé</i></p>	<p><i>Alexandre da Costa e Souza</i> <i>Bernardo Jozé de Mattos</i> <i>Jozé da Costa Teixeira</i> <i>Leandro Gonçalves</i> <i>Manoel dos Santos</i></p>
44v	<p><i>Fazenda da Rapoza</i> <i>Fazenda de São Domingos</i> <i>Fazenda do Campo Grande</i> <i>Fazenda do Condiuba</i> <i>Fazenda do Guará</i> <i>Sítio da Jahiva</i> <i>Sítio Vargem Fermoza</i></p>	<p><i>Antonio Joaquim de Mattos</i> <i>Francisco Jozé Magro</i> <i>Joaquim Alvares Pereira</i> <i>Joaquim Jozé de Santa Anna</i> <i>Jozé Pinheiro Pinto</i> <i>Maximiano Ferreira da Silva</i> <i>Modesto Vaz da Costa</i> <i>Thomas Jozé da Costa</i></p>
45r	<p><i>Alto da Sepultura</i> <i>Fundo do Caxingó</i> <i>Riacho do Bom Sucesso</i> <i>Riacho Secco</i> <i>Rio Verde Grande</i> <i>Serra da Jahiva</i> <i>Sítio da Cruz</i> <i>Sítio do Riacho Abaixo</i> <i>Sítio do Taboleiro</i> <i>Sítio Espirito Santo</i></p>	<p><i>Anna Victoria</i> <i>Clemencia Dionizia Gomes</i> <i>Francisco Soares de Oliveira</i> <i>Jozé Nunes</i> <i>Venancio dos Santos Pereira</i></p>
45v	<p><i>Alto da Sepultura</i> <i>Fazenda das Aguilhadas</i> <i>Fazenda do Bom Sucesso</i> <i>Freguesia do Rio pardo</i> <i>Riacho do Bom Sucesso</i> <i>Sítio de São Pedro</i> <i>Sítio dos Lenções</i> <i>Sítio dos Dourados</i> <i>Sítio Páo Alto</i></p>	<p><i>Francisco de Souza Meira</i> <i>Joaquim Pereira de Castro</i> <i>Manoel Borges de Carvalho</i></p>
46r	<p><i>Barra do Ribeirão do Mosquito</i> <i>Carrasco do Páo Alto</i> <i>Estrema dos Cocos</i> <i>Fazenda da Tabûa</i> <i>Riacho de Santo Antonio</i> <i>Rio de São João</i> <i>Rio Pardo</i> <i>Sítio Lagoa da Jaboticaba</i> <i>Sítio São Bartholomeo</i> <i>Vareda Funda</i></p>	<p><i>Andre da Costa Villa Real</i> <i>Damazio Rodrigues Lima</i> <i>Jozé da Costa Teixeira</i> <i>Leandro de Souza de Medina</i></p>

Folha	Topônimos	Antropônimos
46v	<i>Barra do Riacho do Mureci</i> <i>Riacho do Mureci</i> <i>Sítio Barra do Mureci</i>	<i>Antonio Rodrigues de Souza</i> <i>Fliciano Joze Jorge</i> <i>Thome de Souza</i>
49v	<i>Bahia</i>	<i>Pedro Francisco de Castro</i>
51v	<i>Fasenda da Barrinha</i> <i>Fasenda da Cana Brava</i>	<i>Theodosio Alvares Aranha</i> <i>Thomáz da Silva Paranho</i>

APÊNDICE 2 – RELAÇÃO ALFABÉTICA DOS TOPÔNIMOS ANALISADOS

Ordem no ms.	Topônimo	Localização no manuscrito	Pág. da edição
015	1. <i>Angicos</i>	15r, L. 13 – 15v, L. 7	104
045	2. <i>Bairro-alto</i>	25v, L. 1-10	125
105	3. <i>Barra do Mureci</i>	46v, L. 6-28	167
097	4. <i>Barreiro</i>	43v, L. 20 – 44r, L. 6	161
095	5. <i>Barreiro grande</i>	43r, L. 7-22	160
036	6. <i>Barreiros</i>	22v, L. 11-23	119
074	7. <i>Barrinha</i>	35r, L. 22 – 35v, L. 27	144
012	8. <i>Boa sorte</i>	14v, L. 1-10	103
039	9. <i>Boavista</i>	23v, L. 5-21	121
043	10. <i>Boavista</i>	24v, L. 20 – 25r, L. 9	123
096	11. <i>Bom Successo</i>	43r, L. 23 – 43v, L. 20	160
084	12. <i>Boqueiraõ</i>	39r, L. 17 – 39v, L. 4	152
085	13. <i>Boqueiraõ</i>	39v, L. 5 – 40r, L. 6	153
029	14. <i>Buraco</i>	20v, L. 1-12	115
052	15. <i>Cachoeira</i>	27r, L. 19 – 27v, L. 10	128
091	16. <i>Cachoeirinha</i>	42r, L. 1-16	158
098	17. <i>Campo alegre</i>	44r, L. 7-25	162
024	18. <i>Canabraba</i>	18v, L. 7-26	111
026	19. <i>Capoeira</i>	19r, L. 20 – 19v, L. 19	112
040	20. <i>Caza nova</i>	23v, L. 22 – 24r, L. 11	121
034	21. <i>Caza velha</i>	22r, L. 9-25	118
048	22. <i>Cedro</i>	26r, L. 14-23	126
050	23. <i>Cedro</i>	26v, L. 8 – 27r, L. 2	127
088	24. <i>Cedro</i>	41r, L. 12-24	156
021	25. <i>Conceição</i>	17v, L. 14 – 18r, L. 4	109
022	26. <i>Curralinho e Ingazeira</i>	18r, L. 5-17	110
083	27. <i>Curuja</i>	38v, L. 17 – 39r, L. 16	151
102	28. <i>Dourados</i>	45v, L. 7-16	165
101	29. <i>Espirito Santo</i>	45r, L. 14 – 45v, L. 6	164
003	30. <i>Gameleira</i>	11v, L. 14-27	97
041	31. <i>Gameleira</i>	24r, L. 12-27	122
004	32. <i>Ilha</i>	12r, L. 1-18	98

Ordem no ms.	Topônimo	Localização no manuscrito	Pág. da edição
092	33. <i>Ilha</i>	42r, L. 17 – 42v, L. 2	158
028	34. <i>Ilha grande</i>	20r, L. 9-27	114
069	35. <i>Ilha grande</i>	33v, L. 11 – 34r, L. 1	141
070	36. <i>Jacoipe</i>	34r, L. 2-19	142
077	37. <i>Jacoré</i>	36v, L. 14-25	147
100	38. <i>Jahiva</i>	44v, L. 21 – 45r, L. 13	163
007	39. <i>Jatobá, ou Curuja</i>	12v, L. 21 – 13r, L. 12	99
016	40. <i>Juazeiro</i>	15v, L. 9 – [†]	105
060	41. <i>Lençoes</i>	30r, L. 19 – 30v, L. 17	134
017	42. <i>Martires</i>		
081	43. <i>Montes altos</i>	38r, L. 4 – 38v, L. 2	150
019	44. <i>Morrinhos</i>	17r, L. 1-28	108
009.	45. <i>N(ossa) S(enhora) do Livram(en)to</i>	13v, L. 1-13	101
078	46. <i>Pajahú</i>	37r, L. 1-17	148
103	47. <i>Páo alto</i>	45v, L. 17 – 46r, L. 6	165
008	48. <i>Páos pretos</i>	13r, L. 14-27	100
094	49. <i>Passage da raiz</i>	42v, L. 19 – 43r, L. 6	159
027	50. <i>Passage do meio</i>	19v, L. 20 – 20r, L. 8	113
079	51. <i>Passage dos Cavalos</i>	37r, L. 18 – 37v, L. 9	148
005	52. <i>Pedras</i>	12r, L. 20 – 12v, L. 7	98
001	53. <i>Pedras, chamado S(aõ) João</i>	11r, L. 9-21	96
018	54. <i>Piranhas</i>		
046	55. <i>Porteira velha</i>	25v, L. 11-20	125
075	56. <i>Riacho abaixo</i>	36r, L. 1-22	146
068	57. <i>Riacho secco</i>	33r, L. 20 – 33v, L. 10	140
011	58. <i>Rio de S(aõ) Joaõ</i>	14r, L. 11-26	102
047	59. <i>Rio verde</i>	25v, L. 21 – 26r, L. 13	125
037	60. <i>S(anta) Anna</i>	23r, L. 1-16	120
042	61. <i>S(anta) Anna</i>	24v, L. 1-19	123
056	62. <i>S(anta) Anna</i>	28v, L. 12 – 29r, L. 12	131
057	63. <i>S(anta) Anna</i>	29r, L. 13 – 29v, L. 7	132
061	64. <i>S(anta) Anna</i>	30v, L. 18 – 31r, L. 7	135
062	65. <i>S(anta) Anna</i>	31r, L. 8-20	136
063	66. <i>S(anta) Anna</i>	31r. L. 21 – 31v, L. 14	136

Ordem no ms.	Topônimo	Localização no manuscrito	Pág. da edição
065	67. <i>S(anta) Anna</i>	32r, L. 7-21	138
066	68. <i>S(anta) Anna</i>	32r, L. 22 – 32v, L. 13	138
071	69. <i>S(anta) Anna</i>	34r, L. 20 – 34v, L. 13	142
089	70. <i>S(anta) Anna</i>	41v, L. 1-12	157
090	71. <i>S(anta) Anna</i>	41v, L. 13-24	157
072	72. <i>S(anta) Cruz e Espirito Santo</i>	34v, L. 14 – 35r, L. 4	143
023	73. <i>S(anto) Antonio</i>	18r, L. 18 – 18v, L. 6	110
033	74. <i>S(anto) Antonio do Carrapato</i>	21v, L. 10 – 22r, L. 8	117
076	75. <i>S(anto) Antonio do pé de Serra</i>	36r, L. 23 – 36v, L. 13	146
104	76. <i>S(aõ) Bartholomeo</i>	46r, L. 7 – 46v, L. 5	166
067	77. <i>S(aõ) Domingos</i>	32v, L. 14 – 33r, L. 19	139
010	78. <i>S(aõ) Gonçalo</i>	13v, L. 14 – 14r, L. 10	101
080	79. <i>S(aõ) Jozé</i>	37v, L. 10 – 38r, L. 3	149
025	80. <i>S(aõ) Pedro</i>	19r, L. 1-19	112
073	81. <i>S(aõ) Pedro</i>	35r, L. 5-21	144
082	82. <i>S(aõ) Pedro</i>	38v, L. 3-16	151
093	83. <i>S(aõ) Pedro</i>	42v, L. 3-18	159
002	84. <i>Sacco</i>	11r, L. 24 – 12r, L. 12	96
020	85. <i>Salto</i>	17v, L. 10-13	109
030	86. <i>Tabocal</i>	20v, L.13 – 21r, L. 3	115
059	87. <i>Taboleiro</i>	30r, L. 4-18	134
055	88. <i>Tapera</i>	28r, L. 15 – 28v, L. 11	130
086	89. <i>Tapera, e Guará</i>	40r, L. 7 – 40v, L. 25	154
031	90. <i>Terras desmembradas do Jacoipe</i>	21r, L. 4-18	116
032	91. <i>Terras sobras do Jacoipe</i>	21r, L. 19 – 21v, L. 9	116
054	92. <i>Trombeteiro</i>	28r, L. 1-14	130
087	93. <i>Vaqueijador novo</i>	40v, L. 26 – 41r, L. 11	155
053	94. <i>Vaqueijadoro novo</i>	27v, L. 11-27	129
014	95. <i>Vareda</i>	15r, L. 1-12	104
006	96. <i>Vareda do Trassadal</i>	12v, L. 9-20	99
013	97. <i>Vareda dos Bois</i>	14v, L. 12-22	103
038	98. <i>Vargem da Cachoeira</i>	23r, L. 17 – 23v, L. 4	120
051	99. <i>Vargem da faca</i>	27r, L. 3-18	128
035	100. <i>Vargem da Onça</i>	22v, L. 1-10	119

Ordem no ms.	Topônimo	Localização no manuscrito	Pág. da edição
099	<i>101.Vargem fermoza</i>	44v , L. 1-20	163
058	<i>102.Vargem redonda</i>	29v , L. 8 – 30r , L. 3	133
044	<i>103.Varginha acima</i>	25r , L. 10-27	124
049	<i>104.Varginha de cima</i>	26r , L. 25 – 26v , L. 7	126
064	<i>105.Varginha do mandacarú</i>	31v , L. 15 – 32r , L. 6	137

APÊNDICE 3 – SÍNTESE DOS DADOS PESQUISADOS

No. de ordem	Sítios	Classificação taxionômica	Origem linguística	Estrutura morfológica	Localização do sítio
15	<i>Angicos</i>	Fitotopônimo	Indígena	Simples	Porteirinha-MG
45	<i>Bairro-alto</i>	Poliotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
105	<i>Barra do Mureci</i>	Geomorfotopônimo	Híbrida	Composto híbrido	Monte Azul-MG Urandi-BA
97	<i>Barreiro</i>	Litotopônimo	Portuguesa	Simples	Verdelândia-MG
95	<i>Barreiro grande</i>	Litotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG
36	<i>Barreiros</i>	Litotopônimo	Portuguesa	Simples	Espinosa-MG Urandi-BA
74	<i>Barrinha</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simples	Espinosa/Monte Azul-MG Sebastião Laranjeiras-BA
12	<i>Boa sorte</i>	Animotopônimo eufórico	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
39	<i>Boavista</i>	Animotopônimo eufórico	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
43	<i>Boavista</i>	Animotopônimo eufórico	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
96	<i>Bomsucesso</i>	Mariotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG
84	<i>Boqueiraõ</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simples	Espinosa-MG Condeúba-BA
85	<i>Boqueiraõ</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simples	Espinosa-MG Condeúba-BA
29	<i>Buraco</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simples	Monte Azul-MG
52	<i>Cachoeira</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Simples	Espinosa-MG Urandi-BA
91	<i>Cachoeirinha</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Simples	Espinosa-MG

No. de ordem	Sítios	Classificação taxionômica	Origem linguística	Estrutura morfológica	Localização do sítio
98	<i>Campo alegre</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG Condeúba-BA
24	<i>Canabraba</i>	Fitotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG
26	<i>Capoeira</i>	Fitotopônimo	Indígena	Simple	Rio Pardo de Minas/Monte Azul-MG Urandi-BA
40	<i>Caza nova</i>	Ecotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
34	<i>Caza velha</i>	Ecotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
48	<i>Cedro</i>	Fitotopônimo	Portuguesa	Simple	Espinosa-MG Urandi-BA
50	<i>Cedro</i>	Fitotopônimo	Portuguesa	Simple	Espinosa-MG Urandi-BA
88	<i>Cedro</i>	Fitotopônimo	Portuguesa	Simple	Espinosa-MG Urandi-BA
21	<i>Conceição</i>	Mariotopônimo	Portuguesa	Simple	Manga-MG
22	<i>Curralinho</i>	Ergotopônimo	Portuguesa	Simple	Manga-MG
7	<i>Curuja</i>	Zootopônimo	Portuguesa	Simple	Rio Pardo de Minas-MG
83	<i>Curuja</i>	Zootopônimo	Portuguesa	Simple	Rio Pardo de Minas-MG
102	<i>Dourados</i>	Antropotopônimo	Portuguesa	Simple	Espinosa-MG
101	<i>Espirito Santo</i>	Hierotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
3	<i>Gameleira</i>	Fitotopônimo	Portuguesa	Simple	Rio Pardo de Minas-MG
41	<i>Gameleira</i>	Fitotopônimo	Portuguesa	Simple	Espinosa-MG Urandi-BA
86	<i>Guará</i>	Zootopônimo	Indígena	Simple	Piripá-BA
4	<i>Ilha</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simple	Rio Pardo de Minas-MG
92	<i>Ilha</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simple	Espinosa-MG

No. de ordem	Sítios	Classificação taxionômica	Origem linguística	Estrutura morfológica	Localização do sítio
28	<i>Ilha grande</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG
69	<i>Ilha grande</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG
22	<i>Ingazeira</i>	Fitotopônimo	Híbrida	Simple híbrido	Manga-MG
70	<i>Jacoipe</i>	Zootopônimo	Indígena	Simple	Monte Azul-MG
77	<i>Jacoré</i>	Zootopônimo	Indígena	Simple	Espinosa-MG
100	<i>Jahiva</i>	Hidrotopônimo	Indígena	Simple	Manga/Monte Azul/ Janaúba-MG
7	<i>Jatobá</i>	Fitotopônimo	Indígena	Simple	Rio Pardo de Minas-MG
16	<i>Juazeiro</i>	Fitotopônimo	Híbrida	Simple híbrido	Porteirinha-MG
60	<i>Lençoes</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Simple	Espinosa-MG
17	<i>Martires</i>	Hierotopônimo	Portuguesa	Simple	Monte Azul-MG
81	<i>Montes altos</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Palmas de Monte Alto-BA
19	<i>Morrinhos</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simple	Manga-MG
9	<i>Nossa Senhora do Livramento</i>	Mariotopônimo	Portuguesa	Composto	Rio Pardo de Minas-MG
78	<i>Pajahú</i>	Hierotopônimo	Indígena	Simple	Monte Azul-MG
103	<i>Páo alto</i>	Fitotopônimo	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
8	<i>Páos pretos</i>	Fitotopônimo	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
94	<i>Passage da raiz</i>	Hodotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG Urundi-BA
27	<i>Passage do meio</i>	Hodotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG Urundi-BA
79	<i>Passage dos Cavallos</i>	Hodotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
1	<i>Pedras</i>	Litotopônimo	Portuguesa	Simple	São João do Paraíso-MG
5	<i>Pedras</i>	Litotopônimo	Portuguesa	Simple	Rio Pardo de Minas-MG
18	<i>Piranhas</i>	Zootopônimo	Indígena	Simple	Monte Azul-MG
46	<i>Porteira velha</i>	Ergotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urundi-BA
75	<i>Riacho abaixo</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG

No. de ordem	Sítios	Classificação taxionômica	Origem linguística	Estrutura morfológica	Localização do sítio
68	<i>Riacho secco</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG
11	<i>Rio de São João</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
47	<i>Rio verde</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
2	<i>Sacco</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simples	Rio Pardo de Minas-MG
20	<i>Salto</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Simples	Manga-MG
37	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
42	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
56	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
57	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
61	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
62	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
63	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
65	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
66	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
71	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
89	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
90	<i>Santa Anna</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
72	<i>Santa Cruz</i>	Hierotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul/Espinosa-MG
23	<i>Santo Antonio</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Manga-MG
33	<i>Santo Antonio do Carrapato</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Condeúba-BA
76	<i>Santo Antonio do pé da Serra</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG
104	<i>São Bartholomeo</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Rio Pardo de Minas-MG
67	<i>São Domingos</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
10	<i>São Gonçalo</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Rio Pardo de Minas-MG

No. de ordem	Sítios	Classificação taxionômica	Origem linguística	Estrutura morfológica	Localização do sítio
1	<i>São João</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
80	<i>São José</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG Cordeiros-BA
25	<i>São Pedro</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
73	<i>São Pedro</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	Monte Azul-MG
82	<i>São Pedro</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
93	<i>São Pedro</i>	Hagiotopônimo	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
30	<i>Tabocal</i>	Fitotopônimo	Híbrida	Simples híbrido	Monte Azul-MG
59	<i>Taboleiro</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Simples	Espinosa-MG
55	<i>Tapera</i>	Ecotopônimo	Indígena	Simples	Espinosa-MG
86	<i>Tapera</i>	Ecotopônimo	Indígena	Simples	Piripá-BA
31	<i>Terras des. do Jacoipe</i>	-	-	-	Monte Azul/Mato Verde-MG
32	<i>Terras sobras do Jacoipe</i>	-	-	-	Monte Azul/Mato Verde-MG
54	<i>Trombeteiro</i>	Sociotopônimo	Portuguesa	Simples	Espinosa-MG
87	<i>Vaqueijador novo</i>	Hodotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
53	<i>Vaqueijadouro novo</i>	Hodotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
14	<i>Vareda</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Simples	Rio Pardo de Minas-MG
6	<i>Vareda do Trassadal</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Composto	Rio Pardo de Minas-MG
13	<i>Vareda dos Bois</i>	Hidrotopônimo	Portuguesa	Composto	São João do Paraíso-MG
38	<i>Vargem da Cachoeira</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
51	<i>Vargem da faca</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
35	<i>Vargem da Onça</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
99	<i>Vargem fermoza</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Condeúba-BA

No. de ordem	Sítios	Classificação taxionômica	Origem linguística	Estrutura morfológica	Localização do sítio
58	<i>Vargem redonda</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG
44	<i>Varginha acima</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Urandi-Ba
49	<i>Varginha de cima</i>	Geomorfotopônimo	Portuguesa	Composto	Espinosa-MG Urandi-BA
64	<i>Varginha do mandacarú</i>	Geomorfotopônimo	Híbrida	Composto híbrido	Espinosa-MG